This "O-P Book" is an Authorized Reprint of the Original Edition, Produced by Microfilm-Xerography by University Microfilms, Ann Arbor, Michigan, 1967

6.º VOLUME NUMERO 1 1900

REVISTA LUSITANA

Archivo de estudos philologicos e ethnologicos relativos a Portugal

DIRIGIDO

POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS

SUMMARIO

Lais de Bretanha — por D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos.
Sui Celti della Lusitania — por Dr. Francesco P. Garófalo.
Nomes de pessoas e nomes de logares — por Pedro A. d'Azevedo.
Excavações ethnographicas—por Sousa Viterbo.
Gil Vicente — por D. João da Annunciada.
Dialecto indo-português de Goa — por Monsenhor Sebastião Rodolpho Dalgado.

Chronica:

Curso de philologia portuguesa em Paris; Congresso de historia das religiões.

Miscellanea:

Emaspreamento — por J. Cornu; *Croisade contre les Albigeois* e *Delius e a Philologia port.* — por J. L. de V.; *Tradições do Sul*—por G. Guimarães.

Bibliographia:

I Livros:
De D. Carolina Michaëlis e de F. de Ovidio.

II Periodicos:
A Tradição; O Instituto.

III Varia Quaedam:
Trabalhos de Rocha Peixoto, Mendes dos Remedios, Bellucci, etc.

LISBOA
ANTIGA CASA BERTRAND
75, Rua do Chiado, 75
1900

INDICE

Pag.

Artigos desenvolvidos:

Lais de Bretanha — por D. Carolina Michaelis de Vasconcellos . . . 1
Sui Celti della Lusitania — pelo Dr. Francesco P. Garófalo. . . . 43
Nomes de pessoas e nomes de logares — por Pedro A. d'Azevedo. . . 47
Excavações ethnographicas — por Souza Viterbo 52
Gil Vicente — por D. João d'Annunciada 59
Dialecto indo-portuguès de Gôa — por Monsenhor Sebastião Rodolfo Delgado 63
Tradições populares do Cadaval — por J. Maria Adrião 97
Tradições populares do Minho (cartas) — por D. Maria Peregrina de Souza. 129
Subsidio para o romanceiro do Algarve — por J. Joaquim Nunes . . 151
Portugiesische Volksliedchen — por Wilhelm Storck 193
Lexicologia (additamentos e correcções aos diccionarios portuguezes) por Gonçalves Vianna 200
Superstições portuguesas no seculo XVI — por Pedro A. d'Azevedo. . 211
Romance do Cego — por A. Thomás Pires. 226
Onomasticon Lusitanien — por J. Leite de Vasconcellos 230
Tradições e costumes populares — por A. Thomás Pires 233
Miscellanea ethnographica — por J. Leite de Vasconcellos 240
Cantigas devotas — por J. C. 255
A respeito da antiga orthographia portuguesa — por Pedro A. d'Azevedo 261
Cantigas geographicas — por J. C. . . . . 268 e 318
Tradições populares portuguesas do sec. XVIII — por J. L. de V. . . 273
O Guinèense — por M. Marques de Barros 300
Dois episodios da «demanda do Santo Graal» — pelo Dr. Otto Klob . 332

Miscellanea:

Emaspreamento — por J. Cornu 87
Croisade contre les Albigeois — por J. L. de V. 87
Delius e a philologia port. — por J. L. de V. 88
Tradições do Sul — por J. L. de V. 89
Portuguesismos no allemão do Brasil — por J. L. de V. 189
Port. *cadeira* — por J. Cornu 271

Chronica:

Curso de philologia portuguesa em Paris — por J. L. de V. 85
Congresso da historia das religiões — por J. L. de V. 86

Bibliographia:

I. Livros:

Uma obra inedita do condestavel D. Pedro — de D. Carolina Michaelis de Vasconcellos (J. L. de V.) 93
Recuerde el alma dormida — da mesma (J. L. de V.) 94
«*Talento*» *nei suoi vari valori lessicali* — de F. d'Ovidio (J. L. de V.) . 94

II. Periodicos:

A Tradição (J. L. de V.) . . . . 95 e 191
O Instituto (J. L. de V.) . . . . 95, 191 e 272
Revue Hispanique (J. L. de V.) 191
Revista do Minho (J. L. de V.) 192

III. Varia quaedam:

As Moiras encantadas — de Athaide de Oliveira 96
Vida intima portuguesa — de A. Thomás Pires 96
Portugalia . . . . 96 e 272
O Archivo Português 96
A Terra Portuguesa 96
Historia ethnographica da ilha de S. Thomé — de Almada Negreiro . 96
Memoria de Allard sobre Garrett 96
Fidalgo Aprendiz — ed. de Mendes de Remedios 96
Usi nuziali dell Umbria — de Bellucci 96
«*Procès verbaux*» — do Congresso de trad. pop. 272
Étude de la langue port. — de Monis de Béthencourt 272
Macias — ed. de Rennert 272

REVISTA LUSITANA

REVISTA LUSITANA

Archivo de estudos philologicos e ethnologicos
relativos a Portugal

PUBLICADO

com a collaboração dos especialistas portugueses
e a de alguns estrangeiros

POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS

Professor do Curso de bibliothecarios-archivistas e Conservador
da Bibliotheca Nacional de Lisboa

VOL. VI

LISBOA
ANTIGA CASA BERTRAND
75, Rua do Chiado, 75

1900-1901

PORTO

Typographia A. F. Vasconcellos, Successores

Rua de Sá Noronha, 51

LAIS DE BRETANHA

(CB 1-5 = CA 311-315) [1]

Por entre os multiplos e espinhosos problemas, suscitados pelas composições que occupam o logar primacial no Cancioneiro gallaïco-português e merecem o titulo geral de *Lais de Bretanha*, ha um a que pretendo dar solução: o das origens. Infelizmente, mesmo esta não é plenaria. A respeito de todas as mais questões — sobre quem seria o auctor, a época provavel e o paiz onde trabalhou, a linguagem da obra em prosa de que esses versos foram extrahidos pelo compilador, a razão porque os collocou á frente da collecção — apenas posso apresentar opiniões e conjecturas.

O que se reconhece logo ao primeiro relance de olhos é que essas poesias se destacam mais ou menos das que seguem. Em especial as duas invocações ao Amor personificado (I e IV); menos distinctamente as *balletas de refram*, cantadas por boccas femininas, em honra de valentes guerreiros (II e V); e com pouco brilho, a melancholica canção de amor (III) que completa o grupo, porque emprega phrases de convenção, repetindo as ideias da estrophe inicial nas que seguem, em harmonia com a practica vulgar dos trovadores nacionaes.

Um distinctivo de todas as cinco é que não brotam directamente de sensações subjectivas e transes pessoaes do poeta, sendo, pelo contrario, as unicas no cancioneiro que foram ideadas e architectadas como obra de personagens diversos, estrangeiros, ficticios [2]. As unicas que por isso precisavam de explicações em prosa [3], de que, de facto, vão acompanhadas. As unicas que, pelo mesmo motivo, não estão assignadas por trovadores peninsulares, trazendo indicação só do nome dos heroes e das heroínas a que as novellas do cyclo bretão as attribuiam. Ou então, as unicas *anonymas*, caso não queiramos acreditar que o Conde de Barcellos (ou quem fosse o colleccionador), sem distinguir entre historia e ficção, as aceitava e propagava, com ingenua seriedade, como invenções de *Elis, Duque de Sansonha* (I), — *Quattro donzellas de Irlanda* (II), — *Don Tristan, o Namorado* (III e IV), — *Damas addidas, na Ilha da Ledice, á casa commum de Lançarote do*

Lago, uma filha do rei Pelles e o casto Galaaz (v). As unicas ainda, que apparecem designadas com o titulo de *lais* (I e V). As unicas emfim que vêmos classificadas de TRADUCÇÃO (II).

Sendo conhecido o facto que varias novellas francesas sobre *matière de Bretagne*, e especialmente os romances de *Tristan*, encerram lais lyricos [4], a necessidade de ahi procurarmos não só os assumptos mas os proprios modelos dos lais portugueses impunha-se, desde o momento da publicação de Molteni (1880), — tanto mais que um dos cantares franceses, em que o adaptador se inspirou indubitavelmente, estava de ha muito patente, extrahido de uma *Historia Tristani fabulosa, gallice scripta*, conservada em Vienna de Austria [5], e prognosticava mais algum resultado a quem procurasse systematicamente nos manuscriptos e impressos.

Se ninguem o fez [6], é isso devido ás graves difficuldades que, apesar de luminosos e proficuos estudos, publicados nos ultimos decennios [7], as novellas do cyclo bretão, duzias de vezes remodeladas, — um dos capitulos mais vastos e complicados das litteraturas romanicas — offereciam, e continuam a offerecer. Desde que um dos discipulos de Gaston Paris nos deu em 1891 a analyse comparada dos romances de Tristan [8], a nossa empresa se tornou comtudo viavel. Por ora conduziu á descoberta de tres entre os cinco lais que serviram de fonte de inspiração ao adaptador peninsular, assim como ao achado das scenas todas a que as rubricas alludem.

O norueguês E. Löseth explorou, com paciencia e consciencia admiraveis, além de varias edições impressas [9] e uma versão italiana, vinte e tantos mss., na maioria incompletos, dos seculos XIII a XV, que a Bibliotheca Nacional de Paris possue, resumindo o seu conteudo a ponto de poder classificá-los. Segundo este investigador ha nelles vestigios de duas redacções distinctas. Da primitiva, relativamente curta e singela, baseada em parte sobre o poema perdido de Chrétien de Troies, que pela sua vez se liga á versão fragmentaria de Béroul, na qual havia reflexos dos lais narrativos bretonico-franceses [10], não subsiste exemplar algum inteiro. Só em algumas das versões secundarias da indigesta segunda redacção cyclica, alargadas desmesuradamente pela introducção de episodios de outras novellas sobre materia arturiana, como principalmente o Lancelot e a *Demanda do Santo Graal*, e formadas de fragmentos juxtapostos, ora muito ampliados, ora novamente reduzidos, é que se encontram parcellas e reminiscencias da segunda metade do typo primordial.

Quanto á chronologia, o sabio norueguês, de accordo com o mestre, colloca perto de 1220 a primeira redacção do texto em prosa, e a remodelação cerca de 1230 [11].

Com relação aos lais lyricos que encontrou espalhados por esses volumes, Löseth informa quaes os acontecimentos a que servem de illustração, qual o individuo a que se attribuiam, citando além d'isso o primeiro verso, geralmente com indicação dos mss. onde os viu. [12]

Assim facilitou o achado:

1.º) do lais que principia:

Amor de vostre acointement (resp. *accordement*), com attribuição a *Helys de Sassoigne;*

2.º) de um lais de Tristan, que diz:

Grant temps a que ie ne vi cele;

3.º) do *Lai de plor*, do mesmo auctor, que reza:

Damor vient mon chant et mon plor. O que de modo algum quer dizer não custasse bastante trabalho e tempo o achá-los — trabalho que, por infelicidade, não pude executar pessoalmente.

As primeiras noticias sobre a importancia que o livro alludido tinha para os meus fins, acompanhadas desde logo de preciosas indicações sobre os assumptos, veio-me de além do oceano, quando, occupadissima com outros problemas ligados á arte gallaïco-portuguesa, ainda não o conhecia de vista, mas apenas por breves artigos criticos, insertos em revistas philologicas, onde naturalmente não ha referencias aos *lais* [13]. A' sollicita amizade do editor das cantigas de D. Denis, ao zelo do director da *Revue Hispanique* que examinou detidamente nada menos de oito codices parisienses e copiou os textos em questão, e finalmente aos esforços combinados de Rudolf Beer [14] e de Elisa Richter, joven romanista austriaca de cuja diligencia os estudos teem muito de esperar, é que devo a vantagem de poder apresentar ao leitor português os originaes franceses. Da minha parte contribuo com a restituição e interpretação dos treslados, e com uma longa série de considerações a que o assumpto convida [15].

Os lais não se encontram em todos os codices. Alguns entre os parisienses estão completamente desprovidos de versos. Assim succede por exemplo com os que levam a marca 759 e 1:434. Outros andam falhos pelo menos dos que nos interessam particularmente; *scil.* os codd. 334, 335, 776 e 1:463. Ainda outros encerram apenas um dos cantares. No mss. 101 o snr. R. Foulché-Delbosc achou apenas o lais de Helys; no 104 os lamentos de Tristan (IV). Ambos surgem no cod. 772. Entre os volumes que apresentam todos os tres, o cod. 757 merece attenção particular, porque na sua 1.ª parte se conservam parcellas da redacção primitiva e tambem por ser entre os seis completos o que Löseth leu por inteiro e escolheu para base da sua analyse [16]. Mas não menos a merece o cod. 12:599, de lettra do fim do sec. XIII, que tambem inclue na 2.ª metade partes da versão primitiva [17].

Dos codices vindobonenses, examinados a meu pedido, o riquissimo que já forneceu a F. Wolf o lais: *Damor vient mon chant et mon plor*, juntamente com a notação musical, offerece ainda os restantes [18]. Nos outros dois (2:537 e 2:539-2:540) falta o *lai de plor*, que acabo de mencionar.

Das duas balletas, não ha vestigio nem nos textos parisienses, nem tão pouco nos de Vienna.

Resta averiguar se por ventura existem nalgum dos que se guardam em Londres (6), Edimburgo (1), Roma (1) e Genebra (1) [19].

I

Principio com o texto português:

Amor, des que m'a vos cheguei,
bem me pos[s]o de vos loar,
ca mui pouc', ant', a meu cuidar,
valia; mais, pois, emmendei

5 Tan muit' en mi que, com' ant' eu
era de pobre coraçon,
assi que nenhun ben enton
non cuidava que era meu,

E sol non me preçavan ren,
10 ante me tinhan tan en vil
que, se de mi falavan mil,
nunca dezian nenhun ben,....

E des que m'eu a vos cheguei,
Amor, e tod' al fui quitar
15 se non de vos servir punhar ....
logu' eu des i en prez entrei!

Que mi-ante de vos era greu,
e per vo'-l' ei, e per al non,
assi que u os bõos son
20 mais loo meu prez ca o seu.

Amor! [*e*] pois eu al non ei
nen averei nulha sazon
se non vos, e meu coraçon
non será se non da que sei

25 Mui fremosa e de gran prez,
e que polo meu gran mal vi,
e de que sempre atendi
mal (ca ben nunca m'ela fez):

E por én vus rogu' eu, Amor,
30 que me façades d'ela (a)ver
algun ben, pois vo'-lo poder
avedes. E mentr' eu ja for

Vivo, cuido vo'-lo servir.
E ar direi, se Deus quiser',
35 ben de vos, pois que me vẽer'
per vos, de que mi-á de vĩir.

E se non m'est(o) ides fazer
que sei que será vos(*s*)o ben,
cofonda-vus por én quen ten
40 [*o mund' e vos*] en seu poder!
Amen! Amen! Amen!
Amen! Amen! Amen!
Amen! Amen! Amen!

Este lais fez Elis o Baço que foi duc de Sansonha, quando pas[s]*ou* (1) *aa gran Bretanha, que ora chaman Inglaterra. E pas*[s]*ou lá no tempo de Rei Artur, pera* (2) *se combater con Tristan, porque lhe matara o padre en ũa batalha. E andando un dia en sa busca, foi pela Joyosa-Guarda u era a Rainha Iseu de Cornoalha. E viu-a tan fremosa que adur lhe poderia omen no mundo achar* (3) *par. Enamorou-se enton d'ela e fez* (4) *por ela este laix.*

Este lais posemos a[*a*] *cima* (5) *porque* (6) *era o melhor que foi fe*[*i*]*to* (7) [20].

Eis o teor litteral dos trechos que considero adulterados e tentei restaurar: (1) *pa/ou* — (2) *ta* — (3) *ath'* (com *t* por *c*) — (4) *efeh* — (5) *aᵃ͟ᵥ* — (6) *p̄ q̄* — (7) *feto* — Verso 2 *po/o deuos* — 3 *pou camota meu cuydar* — *Tam muy tam mī q̄ comam teu* — 9 *preçauā em rem* — 10 *tjnhā ram en uil* — 13 *Edef qm cu auos chegney* — 14 *Amor de todal f. q.* — 17 *daus* — 19 — 20 *Afy q̄ duus Loõs fon Mais lo omeu pez cao feu feu* — 21 *Amor pois* — 22 *saton* — 29 *nogeu* corrigido por Colocci para *rrogeu* — 32 *emērreu* — 35 *ucer* — 36 *deuir* — 37 *E fe mefto nõ faz des* — 40 *En feu poder* ..... como se as quattro syllabas que faltam, tivessem o seu logar no fim do verso.—

Dou o modelo francês na lição do ms. paris. 12:599, f. 466 v. (**A**), e acompanho-o das variantes dos mss. 757, f. 159 v. (**B**); 772, f. 211 (**C**); 101, f. 217 (**D**); e dos vindobonenses: 2542, f. 367 (**E**); 2537, f. 343 (**F**); 2540 f. 89 (**G**).—Na minha reproducção resolvi as abreviaturas, porque na imprensa não ha os signaes apropriados; introduzi as iniciaes das estrophes, que faltam em **A**; emendei no verso 2 *ving* por *vig;* no 8 *rrestoie* em *trestout;* e no 26 *voer* por *veer*. Accrescentei tambem pontos e virgulas. Em tudo o mais cingi-me rigorosamente ao treslado do meu cuidadoso informador.

[A]mor, de vostre acointement
me lou ie molt, se dex mament!
quant a vos vi[n]g premierement
petit valoie voirement.
5 [D]olenz, chaitiz, de poure afaire
estoie, ne poisse fere
chose que len deust retraire:
[t]resto[ut] honor mestoit contraire.
10 [N]uls ne maloit adonc prisant,
ainz maloit chascuns desprisant;

trestuit maloient mesdisant,
nuls hom ne maloit bien disant.
[D]espuis que a vos me sui pris,
e ien fui ardanz e espris
15 e iai a vos servir apris:
donc primes comenca mes pris.
De vos me vient tote bontez,
par vos sui en honor montez;
ie qui ere com ahontez
20 sui par vos entre bons contez.
[P]uis que vos vos entremeistes
de moi, a honor me meistes;
de vergoigne ou ia me veistes
ou siege donor me meistes.
25 [A]mor, ie me doi molt loer,
de vos rienz ne vos doi voer;
autre deu ne quier aorer:
donor mauez fet enflorer.

Todos os mss., menos **AB**, accrescentam:

Autre deu ie ne demant mie
seauf vos qui estes mamie:
30 se ie ne vos ai ie morrai
et ainsi definoit son lay.

As variantes são numerosas, mas pouco incisivas; na maioria sómente graphicas, ou linguisticas.

1: D *Amour*—BEG *amors*—C *Amours*—CE *acordement*—DFG *acc.*—2: B *loge*—C *loie*—D *lo ie*—E *lo iou*—FG *loe*--CEF *mout*—G *moult*—D *bien*—BEF *diex*—D *dieux*—3: Todos: *vous*—4: B *petit valoie ce di uoirement*—5: B *dolent*—DE *dolans*—F *dolens*—G *dolant*—BCG *chetif*—DE *chaitis*—F *chetifs*—BG *pouure afere*—6: Todos: *peusse* (FG *ne ne peusse*)—7: B *deust hom*—CD *ien*—E *on*—G *lon*—8: A *rrestoie*—B *toute honor si mestoit contraire*—C *toute honor m. a c.*—DF *toute honneur m. c.*—E *toute hounour m. a c.*—G *tretout·honeur m. c.*—9: BCE *Nus*—D *nuz*—G *nul.*—BCEFG *alors*—D *adont*—F *prisent*—10: B *ch. deprisant*—C *ch. mesprisant*—E *cascuns mesprisant*—F *cascun mesprisant*—11: B *tuit en aloient medisant*—C *t... uit maloient mesd.*—DF *tous en a. mesd.*—E *tout en a. mesd.*—G *touz en a. mesd.*—12: B *nulz hom*—C *nus hons*—D *nulz homs*—E *nus hom*—F *nulz homs nen a.*—G *nul hom* B: *Mess* —13*puis*—DF *Depuis*—BDEFG *vous*—B *me pris*—D *me fus pris*—E *me fui pris*—FG *me fuis pris*—14: B *ardenz sui deuenuz e espris*—C *je sui ardans e mout empris*—D *je fus ardans et moult empris*—E *je fui ardans et mout empris*—F *je fuy ardans et moult empris*—G *je fuis ardant et moult anpris*—15: B *puis qe vostre huice (=service?) enpris*—FG *si ay a vous*

servir apris—16: B *de lors commencai a auoir pris*—C *adonc recommença mon pris*—D *adont commenca m. p.*—E *adont recommencha mes p.*—F *adonc recommence mon p.*—G *adont recomence mes p.*—17: BCE *De vous me vint toute bonte*—D *De vous me vient toute bonte*—18: B *por vous sui a honor monte*—CDEFG *pour vous sui* (F *suy* G *sui*) *en honeur* (D *honneur* E *houneur*) *monte*—19: B *ge que sui tout ahonte*—CD *je qui ere adont ahonte*—E *jou qui iere adont a.*—F *je qui ere en leure a.*—G *je qui estoie a.*—20: B *sui por vous entre tous conte*—C *sui par vous entrez en bonte*—D *sui pour vous entres en b.*—E *sui par vous entres em b.*—FG *suis par vous entrez* (G *entre*) *en b.*—21-22: B *Puis que de moi vous entremeistez des lors a h.*—C *Puis que vous vos entremei*[s]*tes de moi a h.*—DEF *Puis que vous vous e. de moi a hounour* (22 falta em D)—G *Despuis que vous vous entremistes*—*de moy a honeur nous me mistes*—23: B *ou vous*—EF *vergoingne u ia* (F *ou*)—G *vergoigneina*—24: B *et siege*—CD *ou siege de pris*—E *u siege de p.*—F *ou siege de pris me asseistes*—G *ou s. d. p. me mistes*—25: B *Amor de ge me doe mlt loer*—C *Amors*—*mout*—D *amour ie vous doy bien loer*—E *Amors-moult*—F *Amourz-moult*—G *Amours*—*doy moult*—26: B *de vos qui ma fait aloser*—CDE *de vous que ne me doi voer*—(D *doy vouer*)—FG *de vous ne ne me doy voer*—27: B *autre dieu ne doi adorer*—C *a autre deu ne commander*—DEFG *a autre dieu ne commander*—28: B *mes a vous touz mes voz noer*—CDEFG *qu* (F *que*) *a vous qui manez fet* (DE *manes fait*) *loer*—29: D *autre dieu ie ne demande mie*—E *dieu*—*iou*—F *ie dement*—30: C *seauf non*—DE *se vous non*—G *se non vous*—F *estez*—31: D *ay*—*mourray*—E *iou*—*iou*—G *car se ne vous ay je mõray*—32: E *ensi*—DFG *deffinoit.*

Confrontando os assumptos, vêmos que as indicações da rubrica estão no essencial em harmonia com a narração do texto commum, incluindo os codd. 757 e 12:599 [21]; mas não nos pormenores.

Tristan e Iseu, fugidos da côrte do rei Marc (*Mars* ou *Mares* nos textos portuguese) do Cornoalha (Cornwallis) folgam no formoso e forte castello da Joyosa Guarda, posto á sua disposição [22] por Lancelot, até que o namorado heroe decide tomar parte na Demanda do Santo Graal, assistindo primeiro em Camalot, na côrte do rei Artur, ás solemnes festas da Pentecostes que lhe serviam de preludio. Sem tornar a vêr Iseu, principia a sua vida de aventureiro nunca vencido [23].

Ainda no primeiro anno da magna empresa, Tristan, usando de um simples escudo verde, de côr unida, á moda dos cavalleiros noveis da época e para não ser reconhecido, descansa um dia ao pé de uma fonte. Um cavalleiro que sobrevem, começa a lamentar-se das suas magoas de alma, sem perceber a presença do rival. Outros dois chegam, desejosos de matar a sêde aos corseis. Mas o queixoso lhes embarga o passo, depois de ter apurado estarem isentos de penas de amor,

porque a agua, as verduras, todas as cousas ledas foram, segundo elle, feitas unicamente para os que amam. Predios em ruinas, nevões, chuvas e tempestades, eis o que é bom para os barbaros sem amor. Como os dois insistem, trava-se combate, em que ficam vencidos, tendo de retirar. O cavalleiro continua em seguida com as suas queixas, entoando o *lais*. Só no fim, é que repara em Tristan. Este lhe prohibe de pensar na Rainha Gueniévre, ou em Iseu, a loura — sobranceria que naturalmente origina outra renhidissima batalha. Num momento de folga, Tristan cita o seu nome e o cavalleiro manifesta ser filho de Helyas, aquelle Duque de Sansonha que, invadindo a Cornoalha, fôra pouco antes vencido e morto por Tristan. Só mais tarde [24] é que na novella se indica ser homonymo do pae: (*Helys* I, var. *Helyes*).

Quanto á invasão dos Saxonios — *Saisnes* ou *Sesnes* — que vinham exigir um tributo dos de Cornoalha, bem se vê que o episodio não póde pertencer á redacção primitiva porque repete um dos successos anteriores e essenciaes da novella: a guerra contra o Irlandês Morhoult, á qual se refere o segundo lais [25]. Por isso mesmo não occorre em todas as versões. A morte do duque velho não se conta em nenhuma. Umas poucas explicam até como Tristan perdoou a vida ao adversario [26].

As particularidades que distinguem a rubrica portuguêsa são a alcunha *O Baço (Le Brun)*, apposta a Helys; e a substituição da Cornoalha, como paiz invadido, pela Gran-Bretanha. Com relação a esta ultima particularidade não esqueço que, segundo Gaston Paris, um dos traços caracteristicos da versão rimada inglesa ou anglo-normannica, é o representar a Marc como rei da Inglaterra inteira, e não exclusivamente da Cornoalha [27]; mas como a invasão saxonica não póde ter feito parte do poema de Thomas de Bretanha, a coincidencia é seguramente casual. A outra particularidade póde ser filha de confusão, da parte do poeta, ou do redactor da rubrica, entre o duque Helys e certo *Helain le brun* — uma vez que as fórmas *Helain Helyan Helyant* concorrem nos romances com *Helie(s) Helys Helyas* [28]. Mas como a estas primeiras divergencias accrescem outras nos lais subseqüentes, devemos avaliá-las mais tarde em globo.

A fórmula — aliás vulgarissima — a *Gran-Bretanha que ora chamam Inglaterra*, encontra-se tambem no livro de linhagens do Conde de Barcellos, em paragraphos extractados da *Historia Britonum* [29]. A palavra *duc*, posteriormente nacionalizada em *duque*, ahi se acha igualmente [30], assim como nos *lais* de Troia de que fallo no fim d'este artigo [31]. Nem falta no nobiliario o gallicismo *Saisnes* (na ed. acad. *Saisinis)* [32]; nem tão pouco *Sansonha*, fórma nasalizada de *Saxonia* (fr. *Sassonie Sassoigne Saissoigne Sessoigne)*. Esta passou tambem para alguns romances epico-lyricos de Castella, e para o *Amadis*, o que é significativo.

Nesse livro de cavallaria, em cuja primeira parte ha numerosos trechos que parecem derivar do cancioneiro gallaïco-português e cujas relações de parentesco com as novellas bretonicas não posso deixar de apon-

tar aqui, encontro um elogio do Amor, num monologo de Amadis, que muito se parece com as primeiras coplas do nosso lais. E diz: *Amor, amor, mucho tengo que vos gradecer por el bien que de vos me viene e por la grande alteza en que me habeis puesto, sobre todos los otros caballeros, llevando-me siempre de bien en mejor; que vos me fecistes amar a la muy hermosa reina*, etc. [33] Essa ideia do enobrecimento pelo amor, grata a Dante, era, de resto, um dos logares communs da poesia trovadoresca [34].

Comparando o original francês com a imitação vê-se que o primeiro é todo de louvores e bençãos ao Amor, embora saiam tingidos de certa melancholia, propria do estado de alma de um amador apaixonado, mas não aceite. O desabafo português, pelo contrario, tem caracter hybrido. Apenas na primeira metade (estr. 1-5) o traductor cinge-se com precisão ao modelo, tecendo tambem elogios e agradecimentos ao Amor por causa do enaltecimento moral que lhe deve. Na outra e opposta metade, depois de ter encarecido a propria constancia (6-7), implora soccorro e favores (8), e passando a invocar as iras divinas contra o Amor, caso elle não queira deferir o pedido (10), conclue com um *Amen* repetido, *de profundis*. Final que não tem absolutamente nada do francês [35].

Evidentemente custou ao peninsular conformar-se com a pouco orthodoxa divinização do Amor no original (estr. 7-8): *autre deu ne quier aorer—autre deu ie ne demant mie*. Preferiu seguir a senda commum dos trovadores patrios, promettendo servir ao Amor, não como a creatura venera o creador, mas como vassalo a senhor. Descreve banalmente a sem-par Iseu como

> *mui fremosa e de gran prez,*
> *e que polo meu gran mal vi;*

e solta lamentos convencionaes sobre a sua crueza

> *a de que sempre atendi*
> *mal, ca ben nunca m'ela fez,*

pouco naturaes em quem mal acabava de se namorar [36].

Formalmente, o adaptador não deixou de nacionalizar o texto, afim de tornar mais commoda a sua factura. A copla monorrima do original não lhe agradou. Nem tão pouco a irregularidade da quadra final. E muito menos a liberdade com que no original se acham misturadas rimas longas e breves.

II

O Marot aja mal-grado,
porque nos aqui cantando
andamos tan segurado,
a tan gran sabor andando!
5 Mal-grad' aja! que cantamos
e que tan en paz dançamos!

Mal grad' aja, pois cantando
nos aqui danças fazemos,
a tan gran sabor andando,
10 que pouco lh'o gradecemos!
Mal-grad' aja! que cantamos
e que tan en paz dançamos!

E venha-lhe maa gaança,
porque nos tan seguradas
15 andamos fazendo dança,
cantando nossas *bailadas!*
Mal-grad' aja! que cantamos
e que tan en paz dançamos!

Esta cantiga *fezeron quatro donzelas a Maròt* (1) *d'Irlanda en tempo de Rei Artur, porque Marot* (2) *filhara toda-las donzelas que achara en guarda dos cavaleiros, se as podia conquerer d'eles. E enviara-as pera Irlanda* (3) *pera seeren* (4) *sempre en servidon da terra. E esto fazia el porque fora morto* (5) *seu padre por razon de ũa donzela que levava en guarda.*

Palavras deturpadas: (1) *Amarõot* — (2) *Maaroõt* — (3) *Iflanda* — (4) *seẽren* (5) *mto* — 2: *Omaroot* — 5: *tancamos* — 6: *dandalmos*, corrigido por Colocci para *dancamos* — 7: *cantado* — 8: *dancas* — 11: *mal aia* — 13: *guañca* — 15: *danca* — 16: *nofas* — 18: *cnpas* — *dancamos.*

Est'outra poesia do grupo bretonico — que, segundo a chronologia da novella, devia occupar o primeiro logar — é quanto á factura uma *bailada* ou balleta, á moda luso-franceza, em tres coplas de refram, de arte menor nas consonancias *(abab CC)* [37], e com a usual repetição das mesmas ideias em todas as estrophes. Os ageis e esbeltos versos servem de acompanhamento ao dançar de quatro mocelinhas que durante as suas evoluções chasqueiam desempenadamente do Marot d'Irlanda. Nem o texto, nem a rubrica diz que fôra vencido. Tão pouco nomeiam o vencedor, que é o proprio Tristan, como logo mostrarei.

Nenhum dos mss. analyzados por Löseth e novamente examinados a meu pedido em Paris e Vienna, contém esta cantiga, conforme já disse. E nenhum conta os acontecimentos de que ella parece derivar, pelo modo indicado na rubrica, comquanto o Morhout figure em

todos de maneira bem saliente e pertença não só á versão primitiva e ás secundarias da novella, mas tambem aos poemas que as precederam.

Este facto, estranhavel em si, mais singular se torna em vista de uma informação do velho compilador português, o qual classifica exactamente esta cantiga — e só esta — como traduzida *verso a verso*. Assente por Colocci, (que provavelmente a achou, tão incompleta e deturpada como a transmitte. em um pergaminho deteriorado) e reproduzida a pag. 6 da edição Molteni, essa rubrica addicional diz—restaurada até onde póde ser—: *Esta cantiga é a primeira que achamos que foi feita e fezeron-na quatro donzelas en el tempo del Rei Artur a Maraot d'Irlanda por la... tornada em lenguagem palavra por palavra* [38] *e diz assi...* [39] Não me atrevo a encher hypotheticamente a lacuna porque as notas hauridas nas fontes francesas não o permittem.

Eis o que ellas contam ácerca do Marot. Irmão da rainha d'Irlanda, chamada Iseu como sua filha. o Morhout. um dos principes mais afamados e ufanos da época, vem visitar o rei de Gaula, Pharamond, em cuja côrte Tristan passava a meninice. Um bobo prenuncia a morte do Irlandês, por mão de Tristan de *Léonois* (Southwales) [40]. Mais tarde, quando este, feito cavaleiro [41], vive na côrte de Marc de Cornoalha, o Morhout passa o mar e vem exigir certas parcas, já pagas aos soberanos da Irlanda [42] durante dois seculos [43]. Informado de que o reino podia ser livrado do horrivel *treüage*, composto de 100 donzelas, 100 mancebos e outros tantos cavallos de preço, se alguem vencesse o Irlandês, Tristan vae reptá-lo. Na ilha de *Saint Samson* [44], onde os dois abordam sem acompanhamento, e no proprio dia consagrado ao santo, é que a lide — verdadeiro *holmgang* á maneira normannica [45]—se realiza. O Morhout succumbe, mortalmente ferido, sendo embarcado precipitadamente pelos companheiros, com um estilhaço da espada de Tristan no cerebro (§ 33). Tristan ferido igualmente, de uma setta envenenada, leva comsigo, além da arma com que ferira o Morhout, a harpa e rota *pour son déduit*. entregando a sua navezinha á mercê das ondas — *à l'aventure de Dieu* — a qual o conduz á patria de Iseu (§ 28-29), *la blonde*.

Nessa conjunctura, o triumphador foi victoriado pela nação que libertou [46].

As divergencias nos dizeres do Português são bem notaveis. Donzellas. conquistadas uma a uma e *mandadas em servidão* ao reino do vencedor, substituem as do tributo, comquanto essas tambem fossem *emmenées en serrage*. E a motivação do costume? O pae do Morhout? [47] A donzella a que este havia servido de guarda? [48] De nada d'isso ha o menor vestigio nos textos franceses.

Estamos pois obrigados a entrar com supposições.

Não posso imaginar logar seguro onde, em vida do minotauro celtico [49], ameaçadas de serem suas victimas, as *niñas em cabello* motejassem d'elle. Só se fosse no momento fatal da sua retirada, já

scientes da victoria de Tristan, mas ainda sem conhecerem a gravidade das feridas de ambos os luctadores. Ou então posteriormente, no anniversario da libertação da Cornoalha?

No romance ha allusões repetidas a festas celebradas na ilha de Saint-Samson, antes e depois da façanha de Tristan, nas calendas de Maio. Dedicadas a principio á madona Venus, celebravam-nas n'um templo situado na fronteira de *Cornouaille et Léonois* [50], preponderando naturalmente o bello sexo [51]. E embora não se diga expressamente que bailados de donzellas faziam parte das ceremonias commemorativas da victoria de Tristan sobre o minotauro, roubador de virgens, não repugna idear que em lições divergentes das que conhecemos se notificasse este pormenor, e que a festa de Saint-Sanson se celebrasse tambem em Maio.

Sendo assim, só a allusão ao Marot como a um vivo que podia resentir-se da alegria das bailadeiras, surprehende. Pelo menos, no primeiro instante.

O nome (bisyllabico) *Marot* ou *Maront*, com varias graphias [52], que todas mostram *a* na primeira syllaba, afasta-se das fórmas francesas que teem *o* no mesmo logar: *Morhout Morholt Morloth Morhol* (allemão *Morolt*, gen. *Moroldes;* ital. *Amoroldo)*. Tendo-se encontrado *Morhaus* num dos codices de Vienna [53], supponho haveria tambem *Morhaut*, e talvez *Marhaut*, de onde o português *Marote*.

Notarei que uma fórma com *a (Marlote*, de *Marolte*, por *Marholt?)* se emprega tambem no *Amadis*, [54] onde já encontramos *Sansonha* e os louvores tradicionaes ao poder sublimante do Amor.

III

Mui gran temp' á, par Deus, que eu non vi
quen de beldade vence toda ren!
E se xe m' ela queixasse por én,
gran dereit' é, ca eu o mereci.
5 E ben me pode chamar desleal
de querer eu, nen por ben nen por mal,
viver com' ora sen ela vivi.

E pois que me de viver atrevi,
sen a veer (en que fiz mui mal-sen)
10 dereito faz, se me mal-talan ten
por tal sandice qual eu cometi.
E con tal coit' e tan descomunal,
se me Deus ou sa mesura non val,
deffenson outra non tenh' eu por mi!

15 Ca d'aquel dia, en que m'eu parti
da mia senhor e meu lum(e) e meu ben,

porque o fiz, a morrer me conven,
pois vivi tanto, sen tornar ali
u ela é. Se por én sanha tal
20 filhou de min, e me sa mercee fal,
¡ai eu cativo! ¿e por quê naci?

Don Tristan o Namorado fez [e]*sta* (1) *cantiga.*

(1) *sta* — *mī* — 15: *cada q̄l*, abreviatura que poderiamos tambem resolver em *cada qual* — 21: *eror q̄ naçy*.

Eis o texto frances:

Grant temps a que ie ne vi cele
qui tote rienz vaint de biaute,
por quoi ie di bien que se ele
me reprendoit de crualte,
5 raison feroit et lealte.
de laissier ma dame la bele
un an ai fet desloialte.
ceste durte
ma mis lonc temps en obscurte.

Texto de **A** f. 484; Variantes de **B** f. 166 v.; **E** f. 376; **F** f. 350 v.—**G** f. 97 v.—1: EFG *Lonc*—B *tens* E *tans*—E *que il ne vit chele* variante errada que, segundo Löseth pag. 486, se encontra tambem em alguns dos mss. parisienses.—2: BE *riens*—F *toutes*—B *beaute*—G *beaulte*—3: E *Pour coi*—FG *pour quoy*—E *que io (sic) que scelle*—F *ie di que selle*—G *ie seay que se elle*—4: BEFG *reprenoit*—BF *cruaute*—E *cruiaute*—G *cruaulte*—5: E *seroit*—B *loialte*—E *loiaute*—F *loyaute*. O verso inteiro falta em *G*—6: E *Ele est madame et manchele*—F *En laissier madame et mancelle*—G *Elle est madame emancelle*—7: B *fait delealte*—E *fait desloiaute*—F *ay foit desloiaute*—G *ay fait desloyaulte*—8: E *Se diex maist c. d.*—F *Si maist dieu c. d.*—G *Se dieu maist c. d.*—9: G *long temps*—B *lonc tens*—E *lonc tans*—EF *oslcurte (sic)*.

D'esta vez trata-se realmente de um lais do namorado de Iseu. E' sabido que o bretão é representado em todas as creações do cyclo como harpista eximio, celebre pela sua arte, tal qual o Horant das gestas germanicas. O português não escolheu comtudo nenhum d'aquelles cantos poeticamente apaixonados, cujo eco se repercutiu com força extraordinaria nos seculos XII e XIII em todo o mundo civilizado. Nem o *beau lai* de Tristan, cujo apaixonado estribilho

Isot ma drue, Isot mamie,
en vous ma mort, en vous ma vie, [55]

quinta essencia do incomparavel drama de amor, foi conservado por Gottfried von Strassburg, que gaba

den edelen leich tristanden,
den man in allen landen
sô lieben und sô werden hat. [56]

Nem tão pouco o formoso *lay du chèvrefeuille* (aliás perdido) em que o amante, olhando para a aveleira, enlaçada de madresilva, exclamava:

bele amie, si est de nous:
ne vous sans moi, ne je sans vous. [57]

A poesia que imitou é das menos sugestivas. Demais a mais, estendeu-a, não contente com a unica estrophe, de que consta no original. Afim de transformá-la em *cantiga de mestria* regular, em decasyllabos, accrescentou duas estancias (de 7 versos) que são, como de costume, meras variações do thema tratado na primeira [58].

Quanto ao assumpto, basta dizer que é logo depois da batalha contra Helys, o de Sansonha, que Tristan atravessa uma floresta primaverilmente engalanada, onde o canto das aves evoca a saudosa memoria de Iseut, longe da qual vivera mais de um anno como cavalleiro errante [59].

IV

Don Amor, eu cant' e choro;
e todo me ven d'ali:
da por que eu cant' e choro
e (que) por meu mal-dia vi.

5 E pero, se a eu oro,
mui gran dereito faç' i,
ca ali u [a] eu oro,
sempre lhe peç' e pedi

Ela. E pois eu demoro
en seu amor, (por) Deus de mi
aja merece, ca s'eu demoro
en tal coita, perder-m'ei i.

1: *catechoro* — 7: *a aly hu eu dõ oro* — 11: *m'ccẽ caff eu demoro* [60].

Dou o texto, como os mais, na lição de **A** f. 501, onde se acha sem repartição regular dos versos, com variantes de **B** f. 257; **C** f. 396;

E f. 485 r.; e d'esta vez do cod. paris. 104 f. 336 (H) [61]. A musica, colhida em E, ha mais de meio-seculo, conforme já deixei dicto, encontra-se no fundamental estudo de F. Wolf sobre os lais medievaes.

Damor vient mon chant et mon plor
e diluec prendent naissement,
cele fait que orendroit plor
qui mera fait chanter sovent,
5 e quant ie voi apertement
quil me maine si a son cor (= tor)
que sui serf e ele est seignor
se laor ee mon sauuement
[lui serf tot enterinement]
10 qar ie nai autre salveor.
a lui enclin a lui aor,
dautre seignor nai ie poor.
A lui serf ie si veraiement
quil ni a point de faignement.

1: B *Amors revet*—CE *Damours vient—plour*—H *Damor uiēt mes chāt e mes plors*—2: B *et dileuc prennent nascemt*—C *dilecques prennent nessement*—H *e illuc prēt son naissemt*—E *Dilluequcs prennent naissement*—3: A *qui*—BC *cele fet* (C *plour*)—H *e ce fait ce quorendroit plour*—E *Chele fait q. o. plour*—4: B *et aetout ce dieu mamēt*—C *Et un acort se dieus mament*—H *e ai duel outraigeusemt*—E *Et mi a tort se dieus mament*—5: A *uoi*—6: B *quel mamame* (= *mamaine*) *si a sō dor* (= *tor*)—CE *quel me mainne si a son tour*—H *quānsint me moine de sō tour*—7: BC *que ie sui serf e ele s.* (C *ele seignour*)—H *ā serf li sui 9me soignor*—E *que ie sui sers ele signour*—8: B *et ie laor cō mō saluemt*—CE *Je laour con mon sauuement*—H *e an li ai mō sauuemt*—9: Falta em A—Tirei-o de B—CHE escrevem *tout*—10: BCHE *car*—CE *sauueour*—H *salueour*—11: B *e a lui aor*—CE *a lui aclin a lui aour*—H *en li entent e nuit e ior*—12: B *ge paor*—C *ne nai poour*—H *dautre soignor ne ai paour*—E *Dautre signeur ne nai paour*—13: B *a lui serf si uraiement*—CE *si veraiement*—H substitue os ultimos dois versos pelos quatro seguintes:

an li ser si tres loiaumt
que point ni ai de fausemt
biē sai ie morai por samor,
si ne sai lore ne le ior

14: B *faucemt*—CE *sauuement.*

Bem que o antigo compilador não assentasse observação alguma a este respeito, a cantiga mostra, tanto na phraseologia retorcida da

2.ª copla como no emprego de só duas consonancias (uma das quaes é leonina), o empenho de reproduzir com a possivel fidelidade os traços caracteristicos do lais estrangeiro, muito mais que na balleta do Marot, cuja agilidade e desenvoltura não accusa abertamente a imitação. Ainda assim o pendor popular pela symmetria fez com que dividisse os 14 (resp. os 16) versos do original (4 + 5 + 5) em tres quadras, regularizando a ordem das rimas (*abab* + *baabb* + *aaabb*) de modo a reduzi-las ao schema *abab* — *abab* — *abab*. A troca do Octonario pelo Septenario é outra divergencia, de menos importancia. Quanto ao sentido, apenas a primeira copla merece o nome de traducção, comquanto mesmo num fragmento tão diminuto não evitassem introduzir um modismo estereotypico — (*e que por meu mal dia vi*).

Com relação ao assumpto, lêmos na obra de Löseth [62] como no tempo da *Demanda* o rei Marc, soccorrido pelos *Sesnes*, invadiu o reino de Logres, apoderando-se, na *Joyosa Guarda*, emquanto Tristan jazia prostrado com graves feridas numa abbadia, da esposa que o fatal filtro de amor lhe alienara para sempre. Mal restabelecido, o amante, impellido pela saudade, segue sua via, caminho de Cornoalha. Albergado em casa de certo Brehus [63], ouve no silencio da noite uma donzella tocar e cantar o formoso *Lai du Boivre amoureux:*

La ou je fui dedans la mer, [64]

por elle poetado outr'ora, no meio do mar, quando os dous vogavam da Irlanda para a Inglaterra. No dia immediato ella entôa o lais

Li soleux luist et clers et biaus, [65]

composto por Iseu, quando, julgando morto o amado, resolvera, desesperada, morrer tambem. Instado, Tristan canta então o *Lai du Plour,* inventado, ignoro quando, na floresta de *Haute* (*Hunt,* ou *Hantone*).

O texto português não traz epigrapho alguma; mas no *Indice,* Colocci registou o nome *Don Tristan.*

V

Ledas sejamos ogemais!
E dancemos! Pois nos chegou
e o Deus con nosco juntou,
cantemos-lhe aqueste lais!
5 «Ca est(e) escud(o) é do melhor
omen que fez Nostro Senhor!»

Con [*e*]st(e) escudo gran prazer
ajamos! e cantemos ben!

E dancemos a nosso sen.
10 pois lo avemos en poder!
«Ca est(e) escud(o) é do melhor
omen que fez Nostro Senhor!»

Oy nus devemos [*a*]legrar,
e est(e) escudo, que Deus aqui
15 trouxe, façamo'-lo assi:
puinhemos muit(o) e'-no onrar!
«Ca est(e) escud(o) é do melhor
omen que fez Nostro Senhor!»

Este laix fezeron donzelas a don Ançaroth (1) *quando* (2) *estava na Insoa da Lidiça* (3) *quando* (4) *a rainha* (5) *Genevra* (6) [*o*] *achou con a filha de rei Peles e lhi defendeo que non parecces*[s]*e ant' ela* (7).

(1) *ancaroth* — (2) *quado* — (3) *dalidica* — (4) *qñado* — (5) *Rayñ* — (6) *geneñ* — (7) *pareçeʃe ancela* — 1: *Ledas seiamus oy mays* — 2: *dancemus* — 4: *lha aqste* — 9: *dantemꝯ anoʃo* — 14: *Veste eʃʃcudo q̄ dš aq' (q̄ dš a q')* — 15: *facamolo aʃy* — 16: *poynhemꝯ moyto enno honrrar* — 17: *escado*.

Os dizeres da rubrica foram mal reduzidos por Colocci á fórmula *De Tristan per Genevra*, a não ser que tivesse deante de si um original de teor diverso.

E' outra balleta mulheril, tratada de *lais*, tanto pelo poeta como pelo compilador, estrophicamente igual á do *Marot*, mas com divergencia no metro e na ordem das rimas. Tambem d'esta vez a redacção franceza falta nas novellas de *Tristan*, comquanto os nomes todos e os factos a que a rubrica allude, occorram em algumas das versões cyclicas. E occorrem ainda na novella do *Lancelot* [66] e na *Demanda do Santo Graal* [67], visto o heroe do canto ser o Cavalleiro do Lago. Em volta de seu escudo donzellas dançam e cantam, jubilosas por elle ter alcançado qualquer victoria.

Alguns entre os codices explorados por Löseth, dos que apresentam extensos episodios arturianos, incluindo os codd. 12:599 e 757, descrevem a vida do encoberto cavalleiro da rainha Gueniévre (Genevra) na côrte do rei Pelles [68]: *(Pellehan — le roi méhaignié — le roi pescheor)*, guardador do Santo Graal no famoso castello de Corbenic. Apesar da demencia em que o banido cahira, a sua valentia não degenera. Depois de ter derribado um temivel adversario que, vindo da Ilha dos Gigantes, importunava os de Corbenic, Lançarote recupera a razão, graças á virtude milagrosa do Graal. Senhor da ilha onde estabelece residencia, na companhia dos seus (isto é do menino e moço Galaad *le beneüré*, a filha do rei Pelles e uma côrte selecta de damas e donzellas), o heroe manda fazer um escudo com a sua imagem, de joelhos deante da Rainha Genevra. Pendurado num pinheiro este emblema serve-lhe de memento continuo, alludindo ao crime de amor por elle commettido.

Uma das donzellas, curiosa de experimentar as forças do heroe, que se appellidava, humilde, o *cavalleiro malfeitor (méfait)*, promove a vinda de um servidor d'ella, Albano de nome, que o desafia, ficando vencido. O jubilo feminil sobre a proeza do formoso triumphador toma então proporções taes que a ilha recebe o nome de *Ilha da lidiça (Isle de joie)* [69]. Em seguida, combatentes affluem de todas as partes para medirem forças com Lancelot.

E' depois da victoria sobre Albano que imagino dever collocar a balleta [70].

O successo romantico que motivou a desgraça e loucura de Lancelot, a que se allude na rubrica como se fôra simultaneo á bailada, é uma aventura nocturna, passada um decennio antes, na côrte do rei Artus, a que o heroe da Demanda e modelo de Amadis, o casto Galaaz, deveu o ser, e que por isso mesmo fórma o ponto de ligação entre o *Lancelot* e o *Graal*. Enganado pela *dueña* que o romance hespanhol trata de *Quintañona* [71], ou por um filtro, ministrado intencionalmente pelo rei Pelles, Lancelot, julgando-se em presença da Rainha Genevra, abraça a filha do rei Pelles [72] — deslealdade de que em seguida se penitencia, magoadissimo, meio louco e esquecido, vivendo longos annos (dez, e mais quattro dias) afastado *da rem do mundo que el mais queria* [73].

A fórma *Don Auçarot* deriva directa ou indirectamente de *Lancelot*.

VI

Resumindo: o que a *matière de Bretagne* e o teor das composições I e IV fazia suppôr e fez asseverar *a priori*, resultou certo. De tres lais está hoje provado serem versões.

Quanto ao caracter da versão, creio dever chamá-la muito livre, persuadida que as divergencias do fundo e de fórma que apontei entre os originaes e as adaptações portuguesas, são todas da lavra do traductor. Conferidas com essas divergencias, as variantes dos textos franceses entre si, são tão leves que mal se póde presumir haja ou houvesse redacção que, distanciando-se da commum, inserta nos oito mss. examinados, se aproximasse sensivelmente da portuguesa [74].

O movel e a directriz que guiaram o auctor no seu trabalho de apropriação, ou antes a tentação a que cedeu, foi, a meu vêr, o empenho de tornar o genero estranho o mais parecido possivel aos já vulgarizados na peninsula. Quanto ao conteudo, cingiu-se ao modêlo apenas até onde partilhava as ideias alheias, mas seguiu derrota nova, ou antes entrou no caminho trilhado, mal deparou com pormenores que se afastavam do usual [75]. Quanto á factura, tambem evitou tudo o que era singular, complicado, difficil. Afim de resolver em harmonia as discordancias intencionaes do original, transformou as coplas monorrimas do lais I (*aaaa*), terminadas com um talho diverso

(*aabb*), em quadras á moda popular, com duas consonancias (*abba*). O lais III, de uma só estrophe com duas rimas, ordenadas de modo a compôrem partes asymmetricas (*ababb* + *abbb*), transpô-lo em estancias artisticas com tres consonancias (*abbacca*). O lais IV, construido do mesmo modo (*abab* + *baabb* + *aaabb* ou *abab* + *baabba* + *aabbaa*) mudou-o em quadras parecidas ás do I (*abab*) [76].

Além d'isso estendeu a poesia III até attingir a medida commum, introduzindo repetições e formulas estereotypicas.

Por todas essas razões, comquanto eu não desconheça quão arriscado é tirar conclusões geraes de casos tão poucos, julgo dever apresentar essas versões como exemplos caracteristicos da liberdade soberana com que o trovador português se apossava de obras alheias, remodelando-as á feição do seu gosto, como que fossem materia prima informe — procedimento que as imitações vagas e parciaes de canções trovadorescas, francesas e provençaes, a que me tenho referido nos capitulos anteriores, attestam igualmente.

VII

Com relação ás duas cantigas, cujos originaes não se descobriram, só temos de ponderar se é mais provavel serem tambem traducções, ou se por ventura haverá motivos para as suppôrmos inventadas pelo adaptador português.

A favor da primeira opinião, que é a que adopto, falla a affirmação expressa do compilador. Embora ella só se entenda com o lais segundo, o quinto, cujo thema novellesco (jubilo expansivo do sexo que é representado como particularmente interessado nas façanhas e desventuras de *Lancelot du Lac* [77]) convidava a manifestações poeticas, emparelha formalmente com aquelle.

Facto é que entre os lais, por ora registados como subsistentes nas novellas, nem um só é cantiga mulheril, de refram [78]. Mas a contrabalançar esta falta, ha as passagens em que se mencionam expressamente *moteles* e *canconetas*, compostas por Tristan [79]. Um cantar d'elle, entitulado *le lai mortel*, ultimo que ideou e cantou antes de endoudecer, principia até:

J'ay fait chançonetes et lais [80].

Nem faltam allusões directas a poesias que não constam nos vinte e tantos mss. parisienses [81], uma das quaes parece ter sido de refram. Posso mesmo apontar um lais peculiar ao cod. vindob. 2542 [82]. Em vista d'isso e scientes como estamos das notaveis differenças dos codices [83], é licito suppôr que numa pesquisa completa ainda se encontrarão outros, como tambem que varios, outr'ora existentes, se perderam.

Em abono da segunda hypothese sei allegar apenas a relativa independencia e arbitrariedade com que o traductor português reto-

com os originaes, dando prova, apesar da deficiencia do seu trabalho, de talento mais que bastante para a composição de bailadas, que, dado o assumpto, não exigiam grande poder inventivo, e na factura são identicas ás duzias de cantigas de refram, creadas por poetas peninsulares na 1.ª e 2.ª metade do sec. XIII.

Reflectindo novamente sobre a interpretação que devemos dar á formula *tornada em linguagem palavra por palavra,* avento a hypothese de ella se referir á configuração estrophica e rhytmica.

VIII

Em todo o caso tanto a invenção como a imitação de poesias sobre assumptos bretonicos, por mais insignificantes que ellas fossem, tinha razão de ser, apenas num meio onde um publico, pequeno embora, lia e ouvia lêr com interesse as novellas de Tristan, Lançarote, Merlim e a Demanda do Graal. Sem que a *matière de Bretagne* tivesse penetrado nas côrtes peninsulares, quem se teria lembrado de compôr ou de traduzir essas novidades, levado por mero interesse litterario ou musical? A existencia dos cinco lais é, a meu vêr, indicio não só forte mas irrespondivel da existencia de romances de Tristan e Lancelot em prosa. Nem mesmo o numero exiguo dos cantares conservados a invalida. Póde ser que o traductor da prosa, resolvido a apropriar-se os intermezzos lyricos todos, desistisse a meio caminho, achando a empresa nimiamente ardua [84]. Ou tambem que os restantes se perdessem. Ou ainda que o collector do Cancioneiro escolhesse apenas as amostras que mais lhe agradavam, por motivos que é impossivel adivinhar. Antes de tratar do supposto Tristan em prosa, formulando as promettidas perguntas, duvidas e conjecturas, sobre a epoca, o logar, e a lingua em que os peninsulares começaram a lêr as ficções bretonicas, fitemos novamente as rubricas em prosa, saltando dos dizeres relativos aos assumptos, de que já me occupei, ás sentenças que dizem respeito ao trabalho do compilador, o que até agora deixei desattendidas.

Das duas phrases finaes das rubricas I e II, a primeira expõe vagamente a razão porque fôra dado o logar de honra ao lais de Helys [85], a despeito da chronologia do romance que exigia ordem diversa [81]. *Era o melhor que foi feito* póde em rigor significar apenas primasia sobre os quatro lais seguintes. Mas tambem póde indicar que na occasião dada, traduzindo alguem o *Livro de Tristan,* houve uma especie de concurso ou torneio de trovadores para as partes lyricas, e que agradou mais entre os lais apresentados o de Helys, tendo acolhida tanto no repertorio palaciano como no romance. Talvez por causa da doutrina de amor que expõe?

A outra classifica a cantiga do Marot como *a primeira que achamos que foi feita.* Tambem aqui ficamos em duvida se o compilador conferiu mentalmente todas as mais balletas portuguesas com a tra-

ducção, vindicando a prioridade chronologica a esta, por confundir a era longinqua arturiana em que os novellistas haviam collocado a historia de Tristan, com o tempo em que elaboraram o seu trabalho [87]; ou em terceiro logar se apenas quis estabelecer que a cantiga do Marot era — como é — a primeira que occorre nas novellas [88].

As poucas noticias do colleccionador, relativas a Helys, Morhout, Lancelot e á filha do rei Pelles, divergem algo, como mostrei, das narrações analyzadas por Löseth. O dilemma é este. O redactor das rubricas, quer fosse o proprio traductor dos lais, como penso, ou o compilador do cancioneiro, condensou mal os successos complicados, expostos nos longos capitulos respectivos do estensissimo romance, trocando nomes e inventando factos [89]. Ou então, o texto aproveitado afastava-se realmente em bastantes pormenores das relações que conhecemos:

1.º) O Morhout era chamado *Morhaut*, ou *Marhout*, *Marholt*, de onde de um lado *Maront* e *Marôt*, e do outro *Marlot*.

2.º) O Morhout roubava quantas donzelas podia aos cavalleiros que as guardavam, e enviava-as como servas á Irlanda.

3.º) Fallava-se do pae do Morhout, morto por causa de uma bella que guardava.

4.º) A victoria de Tristan sobre o Morhout era festejada por varios grupos de donzellas, libertadas quando as ia levando presas á Irlanda.

5.º) A cantiga de refram que entoavam era designada como a primeira que foi feita. (?)

6.º) *Lançarote* chamava-se *L'ancelot* ou *L'ançarot?*

7.º) E a *isle de joie* era *isle de liesse*.

8.º) Nessa ilha as damas da filha do rei Pelles celebravam, cantando e dançando, a victoria do Lancelot sobre o cavalleiro Albano, ou outro qualquer.

9.º) Tristan matava Helys I.

10.º) Helys II tinha erroneamente a alcunha *le Brun* [90].

Os factos concordantes a que as rubricas alludem, a lide com o Morhout, o combate com Helys, a aventura com a mão de Galaaz, são tão poucos que não levam a apurar resultados seguros sobre os originaes.

Avaliando-os juntamente com os proprios lais, ainda assim parece resultar que os textos lidos em Portugal se aproximavam das redacções contidas em ABE.

O motivo porque o compilador collocaria — supponho eu — os lais na primeira plana, como preambulo das trovas subjectivas de amor, e sem indicação do nome do interprete, já se acha detalhado nas paginas precedentes.

Na sua imaginativa, esses lais eram realmente producções de Tristan e de coevos de Tristan. Considerando-os como personagens historicos da côrte de Artur de Bretanha «onde ouvistes fallar que

era muy boo [91]», assignava-lhes por ventura o anno 1042 que vêmos lançado nos primeiros *Annaes Toletanos* [92], ou o de 580, registado no *Livro do Conde* [93] como data do desapparecimento do famigerado soberano! Antepondo a *matière de Bretagne* aos cantares mais archaicos de trovadores peninsulares que pôde colligir, compostos perto de 1200, como demonstrarei [94] e conforme elle de certo não ignorava, julgou estabelecer a boa ordem chronologica [95].

Da inanidade d'esta illusão, o leitor já deve estar convencido, antes mesmo de termos fixado a época provavel em que os lais entraram no dominio português, lembrando-se de que o *Tristan* em prosa foi creado entre 1210 e 1230 [96] em França, de onde passou aos paizes estrangeiros perto de 1250—isto é numa época em que a lyrica gallaïco-portuguesa já ia culminando, estando fixados e bem arraigados todos os generos que o sec. XIII cultivou. O proprio modo de imitar do traductor, que cedeu instinctivamente ás correntes de que desejava afastar-se, assim o indica.

IX

Não é possivel desligar a questão sobre o reino peninsular em que primeiramente os textos franceses foram vertidos para vernaculo antigo e em seguida imitados, da outra sobre a época em que essa nacionalização se effeitou.

A ambos os respeitos as opiniões estão divididas, e é de crêr que, a controversia perdure, se por qualquer acaso não se chegar a descobrir o nome e as circumstancias do auctor.

Entre os criticos indigenas é, de ha muito, dogma assente que o caracter lyrico e namorado do suave povo português, propenso a uma vaga saudade, era muito mais apto para a comprehensão das prosas sentimentaes do cyclo bretonico do que o grave genio heroicamente epico da nação castelhana. Mesmo no país vizinho os mais doutos e sagazes investigadores modernos das litteraturas hispanicas [97], longe de acharem ineptamente patrioteira a tradição que colloca em Portugal o berço de Amadis e de grande numero de antigos livros de cavallaria, opinam que, favorecidos talvez pela communidade de origens celticas, os lais de Bretanha, dissolvidos em prosa, acharam acolhimento e evolucionaram no Oeste ou Noroeste da peninsula, antes de chegar á Hespanha propriamente dita. E podiam ter accrescentado que o talento, a faculdade (ou seja balda) imitadora dos portugueses tambem os predispunha a esse mester. Mas philosophias d'esta ordem, por mais tentadoras e valiosas que sejam, não decidem pretensões litterarias, nem persuadiram até hoje os duvidosos; e muito menos a allegação dos estragos providenciaes, causados pelo terremoto e pela devastação de bibliothecas, durante os saques felipino e francês; nem tão pouco o argumento do desleixo dos nacionaes que, por terem em menos conta palavras que acções, deixaram perecer muitas riquezas

patrias. Por isso inventariemos o peculio effectivo com que Portugal entra no pleito bretão, com o fim de apurar se os factos que Castella tem a oppôr, no outro prato da balança, já enumerados por uma das auctoridades citadas [98], perfazem o quadruplo ou quintuplo do capital português, como seria justo exigir.

No Romanceiro popular do continente e das ilhas ha, nos casos de D. Ausenda, do Conde Nilo e outros, reminiscencias e motivos soltos, como a lenda das arvores que, sahindo dos tumulos de dois amantes, mortos de amor, entrelaçam amorosamente os seus ramos [99]. Merlim, o instaurador da Tavola Redonda, chegou a ser um typo popular [100], e assumpto tanto de livros eruditos como de folhetos da bibliotheca do povo. As suas prophecias lendarias persistiram na tradição, e geraram no sec. XVI a poesia politica dos sebastianistas, preludiada pelas trovas do sapateiro Bandarra [101]. No mesmo tempo, a materia de Bretanha inspirou o *Sagramor* e a *Segunda Tavola Redonda* de Jorge Ferreira de Vasconcellos, recheada de romances e poesias lyricas como o Tristan, o Amadis, o Romance de Troia. No sec. XV D. Duarte possuia entre outros textos escriptos em vulgar, um *Tristan* (No 29), um *Merlim* (No 39) e o *Livro de Galaaz* (No 36), além de varias reliquias da primeira dynastia. Não havendo nota que indique qual a linguagem, devemos suppôr fossem em português, porque no seu tempo a moda de escrever e lêr livros castelhanos ainda não vigorava em Portugal [102].

Anteriormente, na época de D. João I, os heroes de Aljubarrota, assim como o chronista Fernão Lopes, já conheciam familiarmente as aventuras de Tristan, Lançarote e Galaaz [103]. Tanto a ordem dos Namorados como a meio-mythica da Madresilva se liga á leitura assidua dos romances do cyclo bretão pelos paladinos do mestre de Avis [104]. O condestavel considerava este ultimo, antes de 1385, como heroe digno de imitação, conforme ensina a sua Chronica [105]. E muitos nobres davam a seus filhos aquelle e outros nomes romanticos, como augurio de felicidade [106]. Na lenda historica dos amores de Pedro e da misera e mesquinha Inês entraram pormenores — como as missivas levadas pelas aguas do ribeiro da quinta das lagrimas — que provém do romance de Tristan e Iseu. Ainda no sec. XIV Rodrigu' Eannes encheu o Poema do Affonso XI ou da batalha do Salado, composto originariamente em português, na opinião de alguns, de repetidas allusões a Merlim e á harpa de Tristan [107]. No Livro de linhagens ha, no titulo II em que se acham condensados materiaes tirados da *Historia Britonum* [108], varios contos bretonicos, como o do *Rei Lear* [109].

Finalmente, porque é preciso findar, nas cantigas dos trovadores, em que allusões litterarias são rarissimas, dado o seu caracter vago e subjectivo, as poucas que ha, dizem respeito ao cyclo bretão [110].

No reinado de D. Denis temos dois auctores, cujos dizeres revelam certa intimidade, da parte d'elles e do seu publico, com as lendas em questão.

Um soldado e jogral obscuro, Fernand' Esguio ou Esquio, escar-

neeo de um dos filhos do rei porque, tendo-lhe promettido um cavallo, não cumpriu a promessa [111]. Alludindo á tradicional *beste glatissant* [112] ou *merveilleuse*, relata:

> Disse un infante ante sa companha
> que me daria besta na fronteira;
> e non será já murzela, nen veira,
> nen branca, nen vermelha, nen castanha.
> Pois amarela nen parda non for,
> a pran, será a *besta ladrador* [113],
> que lh'adurran do reino de Bretanha? (CV. 1140).

O escrivão de puridade de D. Denis, Estevam da Guarda, é ainda mais explicito, memorando pormenores da morte de Merlim, e do grande *brado* que deu:

> Com' avẽo a Merlim de morrer
> por seu gran saber que el foi mostrar
> a tal molher que o soub' enganar,
> per essa guisa se foi cofonder
> Martin Vaasques — per quanto lh'eu oí —,
> que o ten mort' ũa molher assi
> a quen mostrou, por seu mal, seu saber.
>
> Sei que lh'é muito grave de tẽer
> por aquelo que lh'el foi a mostrar,
> con que sabe que o pod' ençarrar
> en tal logar u conven d'atender
> a tal morte de qual morreu Merlin,
> u dará vozes [114], fazendo sa fin;
> ca non pod'el tal mort' estraecer. (CV. 930).

Os nomes *Tristan* e *Iseu* occorrem apenas nos versos de amor do discipulo intelligente de Aimeric d'Ebrard de Cahors. Depois de haver allegado Flores e Brancafrol, como modelos de constancia [115], o volubilissimo esposo de S. Isabel e amante de Aldonça Rodrigues da Telha, D. Garcia (de Sacavem), Marinha Gomes, Maria Pires, Branca Lourenço, e não sei quantas nem quaes ainda, jura (ignoramos a qual d'essas damas)

> *...e o mui namorado*
> *Tristan sei ben que non amou Iseu*
> *quant' eu vos amo, esto certo sei eu.* (CV 115).

Decennios antes, seu avô, o Rei de Castella, já utilizara o mesmo simile — creio que perto de 1260 — cantando num como *deso* [116] para encarecer a sua paixão:

ca ja Paris
d'amor non foi tan coitado,
nen Tristan
nunca soffreu tal afan,
nen soffren quantos son nen seeran. (CB 468 [b.])

Tambem de alguns canticos milagreiros do mesmo Alfonso x resulta que os assumptos bretonicos não lhe eram inteiramente estranhos. Ha referencias, naturalmente rapidas, ora a Merlim:

que en tod' Escoça par
como disseron a mi
de saber non avia (CM 118);

ora ao bretão Artur (*Festas 9*)

o que nenlhur achar non o podedes (CM 412) [117]

Ainda de outra poesia se infere que em tempos del rei os jograes costumavam executar nas egrejas composições sacras, a que davam o titulo de *lais*, talvez por seguirem musicalmente o gosto bretão, embora não se acompanhassem sempre na rota celtica, nem na harpa de Tristan, mas antes na usual *viola* ou *violeta*.

Un iograr que seu nome
era Pedro de Sigrar [118]
que mui ben cantar salia
e mui melhor uiolar,
et en todalas eigreias
da Virgen que non á par
un seu lais sempre dizia,
. . . .
aquel lais que el cantaua
era da Madre de Deus. (CM. 8).

Além d'isso ha duas cantigas de trovadores que alludem, um, a lais lyricos provavelmente portuguesas, e outro, a cantares de Cornoalha.

Um poeta dionysio, que floresceu de 1277 e 1324 [119], aquelle Fernam Rodrigues Redondo, em cuja casa os monarcas se alojaram no anno 1324 em Santarem, apresenta-nos o cunhado de D. Denis, D. Pedro de Aragão, meio-irmão da rainha santa, que residiu em Portugal de 1297 até á sua morte (cerca de 1325), no acto de entoar alguns lais, da sua propria colheita:

mui ledo seend', u cantara seus lais,
a sa lidice pouco lhi durou (CV 1147).

Outro, e este alfonsino, portuguès de nascença, mas por eleição vassalo, primeiro do conquistador da Andaluzia e depois do Sabio, censura, em uma satyra muito curiosa, a certo mestre-trovador, por elle seguir em suas composições exclusivamente a *tempradura de Breton* ou seja *cantares de Cornoalha* [120]. Isso entre 1248 e 1280, talvez em 1259, como se verá na biographia de D. Gonçal' Eannes do Vinhal, senhor de Aguilar, com que rematarei este artigo.

Sem entrar a fundo na questão do *Amadis* devo relevar aqui e pôr no fóco da discussão a unica mas importantissima poesia do Cancioneiro que creio derivada dos lais lyricos do cyclo bretão — obra de um *Lobeira* português, de origem gallega, cuja vida se póde documentar de 1258 a 1285 [121]. Se as apparencias não mentem, a cantiga que graciosamente principia com o refram:

> Leonoreta,
> fin roseta,
> bela sobre toda fror,
> fin roseta,
> non me meta
> en tal coita voss'amor,

foi ideada como intermezzo lyrico da primeira e principal imitação peninsular das novellas de Tristan, Lancelot e Graal. Dirigindo-a ostensivamente á pequenina irman da amada — segundo o systema tantas vezes recommendado pelos trovadores — Amadis falla no texto *sub rosa* com Oriana [122], a sem-par, que amava *a furto*. Infelizmente, o CB [123] carece da rubrica explicativa que pouco mais ou menos diria o seguinte: *Este lais fez Amadis á Infante Leonoreta, filha do rei Lisuarte da Gran-Bretanha, quando por mandado de Oriana, ella lhe pediu que a servisse.*

No *Amadis* de Montalvo [124], onde surge em versão castelhana, o lais é cantado (como os nossos n.os II e V) por um côro de donzellas que dançam, coroadas de rosas, e capitaneadas pela Infantinha. O episodio é muito secundario. Mas por ventura teria maior desenvolvimento na redacção primitiva, cuja perda obriga a tantas conjecturas e discussões.

Curioso, sob todos os aspectos, esse lais-bailada de Lobeira cinge-se rhythmicamente a dois cantares de Alfonso X, ou então aos modelos da litteratura provençal com a *estrophe couée*, que o Rei seguia. E essa fórma foi transmittida (*aabaab*) aos trovadores gallaïco-castelhanos da 2.ª época lyrica, que a empregaram (vid. Cancioneiro de Baena, e congeneres) exactamente nos generos denominados *lais* e *descordos*, evocando assim a suspeita de o *Amadis* primitivo, tão a miude citado nesses mesmos *lais e deslais, côres e descôres*, ter contido mais intermezzos lyricos de igual especie [125].

Se essas ideias, por mim já enunciadas repetidas vezes, fossem verdadeiras, o *Amadis* de Lobeira pertenceria ao ultimo quartel do

sec. XIII (ao 1.° do seguinte só se a vida de Lobeira, que deve ter nascido em 1233, ou anteriormente, se prolongou muito, escrevendo elle o *Amadis* na sua verde velhice). E esse facto obrigaria a collocar o primeiro *Tristan* peninsular no reinado de Affonso III e Affonso X.

E como as redacções francesas datam, a primeira de 1210 a 20, e a segunda de 1230, não seria de modo algum impossivel que o Bolonhês e os que com elle assistiram em França — a mais tardar de 1238 a 1245 — ahi se afeiçoassem, não só ao genero das pastorelas e balletas, mas tambem ás ultimas novidades em prosa sobre *matière de Bretagne* — predilecção que, propagando-se, devia mais tarde ou mais cedo, creio que na mocidade de D. Denis, conduzir á nacionalização dos textos franceses.

Por quem? Na côrte do Sabio, pelo português D. Gonçal' Eannes do Vinhal, o dos cantares de Cornoalha? ou pelo clerigo Ayres Nunes de Santiago que poetava em lingua provençal e cujo nome apparece no Cancioneiro de S. Maria? Na côrte portuguesa onde a influencia francesa foi superior á da Provença, por D. Pedro, o cantador de lais, que viera de Aragão? Por D. João de Aboim, o introductor da pastorela artistica? Fernan Garcia de Sousa, o unico rico homem que ouvimos citar versos franceses? D. Affonso Lopes de Baião que mostra ter conhecido os cantares de gesta de *Roland*? Por Mem Garcia de Eixo que tambem se serviu da lingua provençal? Por João Lobeira, filho e sobrinho de privados do Bolonhês, e supposto auctor do primeiro *Amadis*? Ou por algum obscuro escrivão das chancelerias regias? Não o sei e ninguem o sabe.

Nem Tristan, nem Amadis algum português subsiste. Mesmo os volumes da bibliotheca de D. Duarte — os unicos de que temos noticia — estão perdidos. O que ha em novellas bretonicas é um *Livro de Vespasiano* (impresso), em linguagem do sec. XV, combinação de um *Joseph ab Arimatia* ou a *1.ª Parte do Graal* com o evangelho apocrypho de Nicomedes. Outro parecido, mas ms., copia quinhentista de um codice datado, de um modo bastante singular, de 1307 a 1313 [126], foi visto em Lisboa, em meado do sec., desapparecendo depois. E principalmente a *Demanda do Graal* [127], traducção de uma *Queste* [128] que eu, baseando-me em razões linguisticas, nas allusões do Cancioneiro e na familiaridade do condestavel com o assumpto, tendo a collocar na 1.ª metade do sec. XIV [129], em vida d'aquelle Estevam da Guarda e Fernand' Esguio ou *Esquio* que ouvimos alludir a Merlim e á *besta ladrador*. Além d'isso, ha noticia de um *Lancelot Leonel e Galvan* [130].

Essa pobreza extreme, a relativa riqueza da litteratura castelhana, mas principalmente a evolução geral das duas litteraturas, suscitaram ás theorias de Milá, Braga e Pelayo, apoiadas pela auctora d'estas paginas, um adversario temivel no perspicaz cathedratico de Freiburg, a quem a sciencia deve a ultima substanciosa, embora muito concisa, historia dos primeiros seculos da litteratura hespanhola.

Eis como Gottfried Baist encara a questão [131].

Deixando aos portuguezes apenas a sua incontestavel supremacia lyrica, reclama para Castella decididamente e em absoluto a primasia e prioridade das obras em prosa, não só das historicas e philosophicas, mas tambem das novellescas, sem exclusão do Amadis, do Tristan e do Graal [132]. O livro dilecto do condestavel Nun'Alvares Pereira, considerado digno de imitação pratica antes de 1385, por elle, pelos da ala dos Namorados de Aljubarrota, e pelos cavalleiros da Madresilva, data do sec. xv [133], na opinião do illustre professor. Este romance, e tudo quanto Portugal possue e possuiu em narrativas, quer versem sobre materia bretan, quer sobre outros cyclos, é mera traducção textual e tardia de redacções castelhanas. O Tristan castelhano, de que subsiste um fragmento, num ms. inedito do sec. xv [134], conservado na bibliotheca do Vaticano — escasso quinhão do immenso romance cyclico — deve ser collocado conjecturalmente no primeiro terço do sec. xiv [135]. Quando D. Juan Manuel (1348) colheu no *Livro de Tristan* o nome *Lucanor* (variante de *Lucan)*, e principalmente quando o Arcipreste de Fita escrevia (em 1343) os versos

ca nunca fue tan leal Blancaflor a Flores
nin es agora Tristan con todos sus amores [136],

a novella era novidade em Hespanha [137]. As referencias e allusões a Tristan, Iseu, Artur e Merlim, anteriores a 1330 (p. ex. nas obras de Alfonso x) são meros reflexos da poesia provençal [138]. As posteriores referem-se ao Tristan castelhano [139]. Da existencia dos lais portuguezes, não se póde inferir um conhecimento solido, e muito menos nacionalização das novellas do cyclo bretão em tempo dos trovadores [140]. Baist considera-os como obra do traductor castelhano, que se cingiu simplesmente á moda do seu tempo, ao escolher para os trechos lyricos o idioma gallaïco-portuguès [141]. O Amadis data da juventude de D. Pero Lopez de Ayala. O lais de Leonorera, pode ser interpolação tardia e espuria no texto de Montalvo [142], mas tambem é possivel que o primeiro auctor hespanhol o introduzisse em meado do sec. xiv na sua obra, fiel á moda introduzida pelo *Tristan*. Além da evolução geral das duas litteraturas temos a prioridade das citações no Cancioneiro de Baena a authenticar prioridade das novellas castelhanas. Quanto ao ms. de Tristan, attesta offerecer divergencias das redacções francesas. Quanto ao resumo posterior, impresso quatro vezes de 1501 a 1534 [143], o romance epico-lyrico *Ferido está Don Tristan* [144], *De una mala lanzada*, que devemos imaginar derivado da versão mais lida na peninsula, já havia fornecido a prova, de ha muito.

O valor logico e a singeleza seductora d'estas theses não escaparão a ninguem. Com respeito á idade dos lais, e da novella em prosa a que pertencem, eu adoptaria de boa mente a data *primeiros decennios do sec. XIV*, isto é o tempo em que o Arcipreste, o Infante D. João Manoel, Estevam da Guarda (vivo em 1337) e porventura o desconhecido jogral Fernand' Esquio conviveram. Bem desejaria consi-

derá-los como remato da época gallaïco-portuguêsa, transição para o periodo dos romances de cavallaria, epilogo e não preambulo dos cancioneiros trovadorescos. A cantiguinha do *Amadis* oppõe-se todavia a esta concepção, tornando quasi certa a hypothese que espiritos avançados, influenciados pelo contacto directo com auctores franceses, já quiseram preparar prematuramente, no fim dos reinados do Bolonhês e do Sabio, o advento da nova idade.

Com respeito á linguagem do primeiro *Tristan* peninsular, as minhas objecções cifram-se no seguinte. Falta a analyse do fragmento manuscripto e mesmo a informação se ahi, ou nos impressos, se encontram poesias. Nem tão pouco consta por ora se as aventuras a que os lais portugueses se referem, são contadas nestes ou naquelle do mesmo modo como nas rubricas [145]. Ficamos igualmente incertos sobre se Gottfried Baist descobriu na obra de Löseth a pista dos laís, encontrada por Lang e se a perseguiu nos codices parisienses [146]. Não duvido que o Arcipreste lêsse um livro castelhano recentissimo, porque exactamente no tempo de Affonso XI, o bem-castelhano, a litteratura hespanhola conseguiu libertar-se da supremacia lyrico romantica do Nordoeste. Mas continuo em duvida sobre se a existencia de um Tristan castelhano antes de 1343, e a de um Amadis no tempo de Pero Lopez de Ayala, implica necessariamente a não existencia de um Tristan e Amadis gallaïco-portuguès anterior.

Quanto á intercalação de poesias portuguesas em prosas castelhanas, faltam por ora exemplos que attestem esse costume. A escolha da poesia de *Lobeira* implicaria, de resto, a creação total da figura de Leonoreta. A respeito das citações, é sabido que ha um vacuo enorme na litteratura portuguesa de 1350 a 1445, carecendo-nos das obras dos epigonos num cancioneiro que irmanasse com o de Baena. E é exactamente nesta compilação que abundam as referencias aos romances bretonicos e ao *Amadis* [147]. A penuria da antiga litteratura portuguesa em obras de prosa é grande, e essa prosa é pouco artistica, ninguem o póde negar [148]. Entre as poucas que subsistem, ha traducções. Textos como a *Chronica Geral*, as *Sette Partidas*, o *Compendio de Leis*, vertidas por ordem do neto do auctor, são de origem castelhana. Mas a parte mais importante provém directamente de originaes em latim e francês. A par d'essas traducções ha originaes, como a *Conquista do Algarve;* e outros textos, vertidos ou adaptados unicamente por portugueses *(S. Tello — S. Vicente)*, ou em primeiro logar para português, como a *Chronica de Rasis*. Com relação a alguns que possuimos em ambos os idiomas em redacções coevas, como o *Barlaam e Josaphat*, *Crescencia*, *Sto Aleixo*, a *Visão de Tundalo*, a *Confissão do Amante*, fica por estabelecer, qual das duas nações teve a iniciativa. Entre estes é de importancia especial, porque nos reconduz aos intermezzos lyricos, a *Historia Troyana* [149]. Uma das varias redacções d'esse romance historico foi simultaneamente escripto pelo mesmo escrivão (Nicolas Gonzalez) e por ordem do mesmo monarca (Affonso XI), em gallego e castelhano, tarefa que, concluida a 31 de Dez. de 1350 [150], remataria de um modo muito

caracteristico a primeira época, linguisticamente hybrida da litteratura hespanhola [151]. Em outra redacção diversa, tambem do sec. XIV, ha varias poesias—*lais* e romances [152]—que, embora redigidos em castelhano, estão cheios de resaibos trovadorescos e gallaïcos [153].

Se entre os poetas lyricos da época gallaïco-portuguesa ha castelhanos, porque não ha de haver portugueses entre os prosadores? [154] Se foram os gallego-portugueses que exploraram e nacionalizaram as pastorelas, a balleta e os lais lyricos de Bretanha, porque não haviam de explorar e nacionalizar tambem os poemas diluidos em prosa? Não poderemos considerar novellas de amor como pertencentes á gaya sciencia [155]?

Se no reinado de Alfonso X, os *cantares de Cornoalha* estavam vulgarizados na peninsula a ponto de um trovador se poder apropriar o seu *son*, sendo imitado neste procedimento por outros, como o mestre cujos *seguires* D. Gonçal' Eannes do Vinhal agride na cantiga CV 1007., não ha motivo para se chamar arrojada a conjectura que no mesmo reinado, litterariamente tão fecundo, houvesse quem juntamente com os sons bretonicos tentasse senhorear-se da *matière de Bretagne*, traduzindo os lais e a novella em prosa — talvez em alguma redacção relativamente curta, intermedia entre a primitiva e a longa vulgata. Perto de 1280, após uso quasi secular, os velhos moldes lyricos, estavam sufficientemente gastos, e teriam sido postos de parte, creio eu, se o talento do rei trovador não lhes tivesse proporcionado uma segunda e tardia efflorescencia.

X

Junto as biographias dos dois trovadores a que me referi.

D. Gonçal' Eannes do Vinhal pertence ao importante grupo de portugueses de linhagem que se distinguiram na conquista de Sevilha, a ponto de ahi serem *herdados* [156]. Permanecendo em Castella, recebeu mais tarde, como vassalo e privado de Alfonso X, o senhorio da villa de Aguiar [157]. Neste caso, como em varios outros, a ida para a côrte vizinha fôra uma especie de retrogresso, visto o bisavô do poeta — Egas do Vinhal [158] — ter passado outr'ora de Toledo á Lusitania, com o Conde D. Henrique de Borgonha. Aparentado pelos ascendentes e por irmãos e sobrinhos que ficaram em Portugal [159], com os Briteiros, Redondos, Paivas e Limas e com os de Arganil e Zamora, Gonçalo Eannes relacionou-se na nova patria com familias de Aragão, pelo seu casamento com D. Berengueira de Cardona [160]. Pelejando valorosamente na Veiga de Granada, ao lado do Infante D. Sancho, morreu (1280) ainda em vida do Sabio, entre cujos privados havia tomado logar [161].

Eu colloco no anno 1259 as mais curiosas entre as suas poesias. Ambas se referem aos amores do turbulento e aventureiro infante

D. Henrique com sua gentilissima madrasta, isto é, ao *Don Arrigo* dos cancioneiros italianos [162], supposto auctor da canção

Allegremente e con grande baldanza

e a Jeanne de Ponthieu. *Grande de cuerpo, fermosa ademas, et guisada en todas buenas costumbres* [163], a francesa ainda conservaria, perto dos quarenta, após quinze annos de casada com S. Fernando (desde 1237 a 1252) e sette de viuva, se não a frescura da mocidade, pelo menos todas as excellentes qualidades que, segundo o Arcebispo, a haviam tornado *aceita deante de Deus e deante dos homens* [164]. Ainda assim, o trovador achou em 1259 ensejo para apontar publica e maliciosamente a rainha viuva como *entendedor e amiga* do audaz e ambicioso enteado, o qual suspeitado, rebelde e vencido havia de passar no mesmo anno á Africa [165], estabelecendo residencia primeiro em Tunis (até 1266), onde batalhou e cortejou, ganhando corações e haveres, e intimidando pela sua bravura os leões do deserto [166]. Não tenho de contar aqui a sua vida, a mudança, a convite de Carlos de Anjou, para Roma, onde aceitou o logar de senador; os combates a favor do Hohenstaufen Conradim, em que tomou parte activa, por ser da casa de Suabia por sua mãe D. Beatriz; nem a derrota de Ponte a Valle, nem sua prisão na Apulia. Apenas direi que quando finalmente regressou á patria, em fins do reinado de Sancho IV (1294), forte, altivo e com o mesmo genio que o tornara suspeito ao Sabio de Castella, Jeanne de Ponthieu não vivia mais. E se vivesse...

Os boatos que a respeito dos amores do irmão e da rainha-viuva corriam em 1259 [167], e mais ainda outros sobre os planos forjados por D. Arrigo, *em desserviço do reino* [168], provocaram as iras de Affonso X que resolveu prendê-lo. As hostes mandadas contra Lebrija, conquista e residencia do Infante, e capitaneadas por um tio dos dois, o bastardo luso-portuguès D. Rodrigo Affonso, e pelo joven D. Nuno Gonçalves de Lara, o Bom, encontraram-se *a par de Moron* com as forças do rebelde, conforme consta das chronicas e do nobiliario [169]. Vencido, teve de fugir, entrando no reino de Granada.

Em perfeita harmonia com estes factos, as rubricas relativas aos curiosos *cantares de amigo* de D. Gonçal' Eannes do Vinhal, que os dirigiu ao Infante em nome da rainha-viuva, relatam o seguinte: *Esta cantiga fez don Gonçal' Eannes do Vinhal a don Anrrique en nome da rainha dona Johana, sa madrastra, porque dizian que era seu entendedor, quando lidou em Moron con don Nuno et con D. Rodrigo Affonso que tragia o poder del rey* [170]. A segunda, que repete parte dos mesmos dizeres, accrescenta: [171] *e esto foy quando el rey don Affonso o pos fóra da terra.* [172].

*

* *

A existencia simultanea na côrte portuguesa, — de 1258 a 1286 [173] do cavalleiro fidalgo *João Lobeira (miles)* [174], auctor das poesias CB

244-249, entre as quaes se destaca a cantiga de Leonoreta, é um facto incontestavel. Nesse anno, ou pelo menos em 1261, tinha completos os 25 annos que constituiam maior idade [175].

As terras de Lobeira, de onde provavelmente tirou o apellido, acham-se na provincia gallega de Orense, onde as ruinas de um castello antiquissimo, de renome historico, perduraram durante seculos [176]. João, o primeiro Lobeira de que ha noticia, era todavia filho de português: bastardo de Pero Soares de Alvim [177], e sobrinho de D. Mem Soares de Mello [178], um dos validos do Bolonhês [179]. Talvez a mãe fosse da Galliza, parente por ventura do bispo de Lisboa D. Ayres Vaz, oriundo de Orense, o qual protegia o poeta, e lhe deixou algumas mandas no seu testamento [180]. Em 1272 (6 de Mayo), pouco antes de morrer, seu progenitor o fez legitimar, afim d'elle poder herdar em todos os seus bens [181]—acto cujos motivos nos escapam e que surprehende, visto o filho legitimo Martim Pires de Alvim, um dos trovadores dionysios [182], ter sobrevivido a Pero Soares [183]. Ambos os poetas estavam, de resto, addidos como vassalos á casa do segundo-genito do Bolonhês, D. Affonso, senhor de Portalegre e da Lourinhan, como se reconhece de varios documentos, aproveitados pelos auctores da *Monarchia Lusitana* [184].

Além da *Carta por que el rey D. Affonso* (III) *deu a seu filho D. Affonso a villa da Lourinhãa* (1278) [185], João Lobeira assignou varias outras escripturas. Segundo Brandão [186], seu nome, accompanhado do patronymico Pires, figura por baixo do documento, pelo qual o soberano dava a D. João de Aboim licença de reconstruir e povoar o castello de Portel (1261) [187]. O mesmo auctor conta que assistiu ao acto pelo qual *Gil Martins*, mordomo de Affonso III, outorgou foral aos moradores de Terena no Alemtejo (1262) [188]. No texto por elle publicado, e posteriormente por Herculano, acho comtudo o nome Martim Lobeira [189]. Em 1277 figurou como testemunha em uma das assembleias solemnes, em que o nuncio Frey Nicolau leu ao rei certas intimações dos pontifices [190]. Com os mesmos presenciou a reconciliação do monarca moribundo com a curia (1279) [191], ao lado de João Soares Coelho, Fernam Fernandes Cogominho, Martim Dade, Martim Annes do Vinhal e outros, designados como *milites*, e separados dos barões D. João de Aboim, conde D. Gonçalo Garcia, os de Bayão, os Briteiros e Valladares. No reinado de D. Denis assigna a composição do monarca com o concelho e povo de Lisboa (1285) [192].

Quanto á sua actividade poetica direi apenas que a unica cantiga de maldizer que d'elle resta [193], de feitio alegre e decente, é seguida das de D. Gonçal' Eannes do Vinhal, que deixei analyzadas.

CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELLOS.

NOTAS

[1] Este ensaio sobre os *Lais de Bretanha* representa um dos estudos que acompanham o Cancioneiro da Ajuda (Parte II, § XXXIX); com a differença que intercalei aqui os textos portuguezes (e as competentes notas), que lá compõe um dos *Appendices*.

CA é abreviatura de *Cancioneiro da Ajuda*, ed. Carolina M. de Vasconcellos.
CB é o *Cancioneiro Colocci-Brancuti*, ed. Molteni-Monaci.
CV é o *Cancioneiro do Vaticano*, ed. Monaci.
CD o *Cancioneiro de D. Denis*, ed. Lang.

[2] Com uma excepção, a que mais tarde me referirei, e abstrahindo dos *cantares de amigo*, em que o trovador trata do seu segundo *eu*, identificando-se com a amada.

[3] Em regra, são apenas as *cantigas de escarnho e de maldizer* que, recheadas de allusões, vão encimadas ou seguidas de notas elucidativas. Algumas chufas entram na mesma categoria, comquanto falem de amor, quer tenham feitio de cantares de amigo (como p. ex. CV 999 e 1008), quer não, como CB 142-144, 172, 454.—Cf. CV. 387, 523, 591, 642, 652, 666, 912.

[4] De 1835 em deante varios d'esses lais lyricos e algumas *lettres en semblanche de lais* foram reeditados in extenso ou em extracto sobre edições antigas; como por ex. por Fr. Michel no seu *Tristan* (II 212), e por Van der Hagen, nos *Minnesinger* (IV 581). F. Wolf tirou diversos de mss. ineditos, imprimindo-os em fac-simile com notação musical, no erudito tratado *Über die Lais, Sequenzen, und Leiche* (1841). Paul Heyse acolheu dois nos seus *Romanische Inedita* (1856 p. 169 e 171).

[5] Fac-sim. VIII da obra de Wolf. No *Grundriss* IIb. 198 n. 10, onde cito a obra, propositadamente não chamei a attenção para o modelo.

[6] Até hoje os informadores contentaram-se com uma affirmação categorica, haurida nas rubricas dos cinco lais, declarando, que elles provinham directamente do francês. E são: 1.º) Th. Braga, no artigo *Lays bretãos*, impresso nas *Questões*, e que analizo na *Resenha Bibliographica* de que consta o Cap. I do Cancioneiro da Ajuda, N.º 48; 2.º) Menendez y Pelayo na *Antologia* III, 89 a 42, e 121, paginas de que me occupo no mesmo logar; 3.º) C. M. de Vasconcellos no *Grundriss* IIb. 198 e 226 4 º) Gottfried Baist ib. IIb. 438 a 441 no substancioso summario da litteratura castelhana, ao qual terei de recorrer repetidas vezes neste artigo.

[7] Ao leitor português que deseje orientar-se recommendo, além da obra de Löseth e das investigações magistraes de G. Paris, como o *Merlin*, em collaboração com J. Ulrich, os artigos de Bédier, Lutoslawski, Sudre, Morf, Sœderhjelm, Muret, publicados nos voll. XV, XVI e XVII da *Romania*, (1886-88), assim como os *referatos* de E. Freymond no *Annuario Critico* de K. Vollmœller I 388-427 e III 152-189.

[8] *Le Roman de Tristan, le Roman de Palamède, et la compilation de Rusticien de Pise, Analyse critique d'après les manuscrits de Paris*—Paris 1891. Do mesmo assumpto, embora em proporções muitissimo mais restrictas, se haviam occupado Fr. Michel; F. Wolf; Paulin Paris, no notavel trabalho sobre *Les Manuscrits français de la Bibl. du Roi*, 1836 ss; e Brakelmann cujo estudo appareceu posthumo na *Zeitschrift für deutsche Philologie* XVIII. Nesses trabalhos bibliographicos, não ha, de resto, esclarecimentos a respeito dos lais, nem tampouco nos resumos do romance feitos por Tressan, Dunlop Liebrecht e na *Encyclopedia Brittanica*. Alguma cousa colhi em W. Golther: *Die Sage von Tristan und Isolde*, München 1887.

[9] Nas edições impressas o texto está reduzido a mais de tres quartos. Além de duas sem data, existem outras: de 1489 (em ling. do sec. XV sobre um ms. que subsiste: 103 da *Bibl. Nat.*) 1514, 1520, 1554, 1567, 1577 e 1586, todas ellas raras. Não sendo tantas como as do *Amadis*, correram mundo quasi até ao momento em que Cervantes fulminou o romance de cavallaria.

[10] Cf. G. Paris *La littérature française au moyen-âge;* Paris 1890. §§ 53 a 64; do mesmo, *Tristan & Iseut* Paris 1894, (pag. 24 e 25). Löseth §§ XXII e XXIII; *Romania* XV, 604.

[11] Löseth §§ xx: *antérieur au roman de Palamedes et postérieur au Lancelot, il doit avoir été composé entre 1215 et 1230.* G. Paris, *Tristan & Iseut* (pag. 26) diz: *vers 1220.* Do resumo citado na nota antecedente tiro as datas relativas á evolução da lenda de Tristan.

c. de 1150 Tristan de Béroul (verso).
c. de 1160 Lancelot anglo-normannico (verso).
c. de 1160 Tristan, de Chrétien de Troies.
c. de 1170 Tristan anglo-normannico, de Thomas.
c. de 1215 Joseph, Merlin, Perceval, de Robert de Boron.
c. de 1220 Quête du saint Gral (attribuida ao mesmo).
Lancelot, 1.ª redacção em prosa.
Tristan, 1.ª red. em prosa.
c. de 1225 Le Brait Merlin.
c. de 1230 Tristan, remodelação.

Todos os textos do sec. XII estão em verso; todos os do XIII em prosa.

[12] No abundante Indice de Löseth, o leitor póde verificar com facilidade quantos e quaes são esses lais e as cartas *en semblanche de lais.*

[13] *Romania* XXI, 141; *Kritischer Jahresbericht* I 426.

[14] Auctor de uma importante obra sobre manuscriptos hispanicos: *Handschriftenschätze Spaniens*, Wien 1894.

[15] Devo observar que restitui e imprimi os lais no CA antes de conhecer os originaes franceses. Estes abonam apenas as emendas que introduzi nos versos 3, 19 e 20 do Lais 1.º, sem ajudarem a melhorar mais coisa alguma.

[16] Este codice, incompleto, dá pouco da 1.ª parte e esse pouco segundo a versão cyclica; mas o fim cinge-se á versão antiga; no meio tem partes que lhe são peculiares. Cf. Löseth §§ IV, VI, XII e XVIII.

[17] Materialmente é de fins do sec. XIV.

[18] Veja-se a descripção do cod. 2542 no livro de Wolf, pag. 240 ss.

[19] O de Modena, não registado por Löseth, offerece um lais de Tristan. Vid. Paul Heyse, *Romanische Inedita* pag. 169.

[20] No Indice de Colocci, onde apparece em versão italiana, a rubrica carece da 4.ª proposição. Por descuido? Porque o erudito humanista não a percebeu? Ou porque o *Indice* pertence a um cancioneiro diverso? A primeira explicação parece-me ser a verdadeira; mas devo dizer que ha pequenas disparidades tambem entre outras rubricas que acompanham o texto e as que Colocci lançou no Indice.

[21] Cf. Löseth §§ 399 e 400, e as notas relativas aos §§ 390 a 400. Os mss., onde se acha o episodio, são, além dos já nomeados o n.º 97, 99, 101, 336, 349, 758, 772.

[22] Löseth §§ 343 e 344.

[23] Ib. § 347 Cf. §§ 13 e 27 da *Demanda* portuguesa, e pag. 61 e 62 do estudo de Golther, o qual explora a ed. impressa de Michel le Noir, 1514 (vol. II, f. 54 61.)

[24] No § 400.

[25] Löseth, §§ 270 a 279.

[26] Ib. § 278.

[27] *Tristan & Iseut*, pag. 25. cf. Gottfried von Strassburg, *Tristan* 421-434:

von Kurnewâle Marke
. . . .
der hœte dô ze siner hant
Kurnewal und Engelant.
Kurnewâl was aber sîn erbe dô,
umb Engelande stuont ez sô:
daz hæte er sît des mâles
daz die Sâhsén von Gâles
die Britûne dâ vertriben
und sî dâ hêrrén beliben,
von den ez ouch den namen verliez
daz lant, daz ê Britanje hiez
und wart ouch iesâ dô genant
nâch den von Gâles Engelant.

[28] Löseth, *Table analytique des noms propres* s. vv.—Um outro *Helayn* é matado por Tristan (§ 253.)

[29] *P. M. H. Script.* pag. 245.

[30] Ib. 244.

[31] *Rev. Hisp.* XVII 64 e 72.

[32] *Script.* 242.

[33] Livro II, Cap. 3.

[34] Lang apontou já (CD p. CVI nota 2) a semelhança entre o dicto *Amor... Bem me posso de vos loar* e outro de Peire Cardenal *Ar mi posc eu lauzar d'amor* (Bartsch, *Grundriss* 335, 7). Confira-se ainda Raimbaut d'Aurenge *D'amor me dey ieu ben lauzar* (Raynouard III, 15, estr. 4); O Monge de Montaudon *Bem laud d'amor* (ib. III, 449); Sordello XXIV, 1. *Be mi dey doncx d'amor lauzar;* e entre os Italianos Mazzeo Ricco *Ben mi deggio allegrare d'amor* (*Prim. Sec.* I, 191) Pucciandone Martelli di Pisa *Ben mi laudo d'Amor* ib. I, 461 — exemplos que na sua maioria me foram apontados pelo mesmo sagaz investigador. O trovador gallaïco-portuguêz Martim Moxa principia tambem uma sua cantiga, (CV 476) com a apostrophe: *Amor, ben me posso de vos loar.* No periodo seguinte ainda houve quem se serviu da antiga formula. O Marquês de Santilhana escreveu uns versos *Ben devo loar Amor;* outros, do Cancioneiro de Baena começam: *Amor para siempre te quiero loar* (n.º 146).

[35] Duas cantigas de Pero da Ponte, ou mais exactamente duas *endechas* terminam do mesmo modo. Vid. CV 574 e 575.

[36] E' verdade que na novella Helys tambem profere lamentos e queixumes: *un chevalier vient se plaindre... de ses peines d'amour.* Mas o lais não é identico ao soliloquio que o precede.

[37] Na 1.ª copla *abC* têem as mesmas vogaes; na 2.ª copla de novo encontramos *b;* e mesmo na 3.ª a vogal predominante é *a.*

[38] Creio dever interpretar o modismo *palavra por palavra* no sentido especial de *verso a verso* que os trovadores lhe ligavam, se entendo bem a archaica poetica que precede o CB. Veja-se Tit. III, c. 9: *Outra maneira i á de seguir, que chaman palavra por palavra; t.* IV, 1. *cobra de quatro palavras;* IV, 2 *meteron en sas cantigas... ũa palavra que non rimasse e chaman lhe palavra perduda.* IV, 3 *conven que a prestomeira palavra da cobra non acabe a razon por fin, mais ten a primeira palavra da outra cobra, que ven apos ela, de entendimento;* IV, 4 *esta fiinda poden fazer de ũa ou de duas ou de tres ou de quatro palavras.* Está claro que não faltam passagens em que *palavra* tem o sentido commum de *vocabulo.*

[39] No *Indice* lê-se apenas: *Quattro donzelle a Marout d'Irlanda al tempo del Re Artu,* o que póde ser extracto da rubrica portuguesa, ou traducção dos dizeres de um original diverso dos dois que subsistem.

[40] Löseth § 25.

[41] No cod. 758, Tristan conta 18 annos, sendo armado cavaleiro antes de combater o monstro.

[42] Ib. § 7, 13, 21, 28, 33, 170 e pag. VII. Cf. Golther pag. 47-50: *Morhoult d'Irlande à grand gent avec luy vint en Cornouaille quérir le treu que ceulx de Cornouaille devoient au roy d'Irlande.*

[43] Nos poemas o tributo data de época recente; fôra pago em metal; e é modificado em tempo do Morhout que reclama trinta mancebos nobres.

[44] Löseth § 13 e 28; cf. pag. XXV; Golther 49; *Romania* XV, 542-3. No poema perdido de Chrétien de Troies o sitio do combate foi o mesmo. No seu *Erec et Enide* o poeta lembra o acontecimento, dizendo:

> *La ou Tristanz le fier Morhout*
> *en l'isle Saint Samson veinqui.*

Essa ilha é uma das Sorlingas (segundo G. Paris).

[45] *Le tribut exigé de la Cornouaille par Gormond* (rei de Dublin e pae de Iseu, cunhado portanto do Morhout) *est un souvenir des exactions que ces terribles voisins* (os *vikings* de Dublin) *prélevaient sur les côtes accessibles à leurs incursions* (G. Paris, *Tristan & Iseut,* pag 9).

[46] Löseth diz apenas: *Marc envoie chercher Tristan qui est ramené ne triomphe*. Nos poemas francezes, talvez houvesse descripção das festas. No Tristan de Gottfried von Strassburg (7100) o regozijo publico é caracterizado nas palavras seguintes:

si slógetén mit handen,
si lobeten got mit munde,
si sungen an der stunde
ze himele michel sigeliet.

Mas não se attribue um papel preponderante ao mundo feminil.

[47] Não creio houvesse confusão entre o Morhout Morholt e o conde de Norhout Norholt (Löseth § 23). Dois vassalos d'esse personagem assassinaram Meliadus, pae de Tristan, sem razão, a não ser que hajamos de considerar como tal a predicção que os herdeiros de Norhout morreriam ás mãos de Tristan, ou de alguem da sua linhagem, predicção que, segundo o novellista, se realizou, embora os textos conhecidos não narrem o facto.

[48] No romance de Palamedes, o Morhout conquista uma vez uma donzella. V. Löseth, pag. 488. De seu pae nada consta. O rei de Irlanda que o envia a exigir o tributo, é seu cunhado. Na novella seu nome é *Hanguin Anguyn;* nos poemas *Gormond, Gurmun.* O mesmo nome occorre no livro de linhagens do Conde de Barcellos.

[49] Na lenda do tributo, a contaminação do assumpto celtico com o classico de Theseu é bem visivel. Originariamente, o Morhout era todavia uma especie de monstro marinho, antropomorphizado, visto o seu nome contêr o vocabulo celtico *mor=mar (Tristan & Iseut*, pag. 9).

[50] Löseth, pag. VII, §§ 13 e 170; pag. 483 e 581.

[51] Depois da morte de Tristan, a festa era celebrada na cathedral de Tintagel, (residencia do rei Marc) deante do tumulo do Namorado.

[52] *Omaroot Amarõot Maarõot Maraot.* As fórmas com til conduzem á fórma *Maront* por *Marolt.*

[53] Cod. 2512 f. 6 v. *Quant fu tristrans avoec son oncle kil ot bien le forche destre cevaliers. Et en celui termme vint li morhaus dirlande por querre treu de cornuaille. Lors commence li deus parmi cornuaille grans et merveilleus.*

[54] Livro I cap. X *Este fue Marlote de Irlanda, hermano de la reina de Irlanda, aquel que mató Tristan de Leonis sobre las parias que al rey Mares de Cornualla su tio demandaba.*

[55] V. 19413. Cf. 3361:

Tristan, Tristan li Parmenois
cun est beax! et cum curtois!

[56] Ib. 19204.=o nobre lais de Tristan tão estimado e encarecido em todos os paizes.

[57] Cf. mais abaixo, nota 104.

Ainda não ha edição dos lais lyricos, dictos de Tristan.

[58] Na isometria dos versos parece-se com a lição de EFG ou especialmente de F. que consta de apenas oito versos, repartidos em duas metades desiguaes: *abab abbb.*

[59] Löseth § 404.

[60] Os versos 4, 10 e 12 parecem têr uma syllaba a maior, que desappareceria se, tratando as linhas impares como primeiros hemistichios de uma L a n g z e i l e, fizessemos elisão da ultima vogal metatonica de *choro* e *demoro* — procedimento muito singular, porque destruiria a rima, mas de que, ainda assim, ha exemplos, nas *Cantigas de Maria* e em textos do sec. XVI, v. g. o *Crisfal.*

O sentido é pouco claro. No 7º verso o texto. *dõ oro* (i. é *don oro*=d a d i v a peço) seria aceitavel, se não fosse preciso estabelecermos identidade da formula rimante com a do primeiro verso da copla.

[61] Em DFG não foi encontrado.
[62] Löseth, § 509.
[63] §§ 80 e 469.
[64] § 537.
[65] § 538; cf. § 91.
[66] Cf. P. Paris, *Romans de la Table Ronde* vol. V, 305-309 e 324-333.
[67] *Demanda* § 1.
[68] Löseth § 287ª (pag. 211). Outros mss. intercalam o episodio em logar differente (§ 388), ou mesmo duas vezes (ib.)
[69] No Santo Graal portuguès as fórmas *lidiçı, lediça, ladiça* de *laetitia* são empregadas a miude, de par e passo com *ledice ladice*, de *laetities*.
[70] Involuntariamente, o jubilo das donzellas evoca a lembrança do romance castelhano

Nunca fuera caballero
de damas tan bien servido
como fuera Lanzarote
cuando de Bretaña vino,

se bem que pouco ou nada tem com as scenas a que o archaïco cantor se refere.
[71] Wolf, *Primavera y Flor* N.º 148 e 147.
[72] A filha do rei Pelles chama-se *Helyabel* no romance de Tristan (§ 300); *Elena* no Lancelot inglês (§ 484 n. 4); *Amida* no Graal portuguès, (cap. 1 onde uma das donzelas da Ilha de *Ledice* vem procurar Lancelot na côrte de Artus; c. 35, etc). Cf. Löseth pag. 476. Repetidas vezes ella é citada como a mais bella dama da época, depois de Genevra, Isolda e Helena sem par, a amada de Perceval.
[73] Löseth § 300, e 283ª e 318, 1; Lancelot ed. 1533, vol. II f. 85 e 86, apud Märtens em *Romanische Studien* 1880, pag. 570, 591, 631, 641, 699.
[74] E' escusado repetir que fallo aqui exclusivamente dos lais lyricos, e não da novella inteira.
[75] Em geral, os lais que constam de quadras monorrimas principiam e acabam com um talho de apenas tres versos *(aaa)*.
[76] Nisso, o *lai de plor* portuguès assemelha-se exteriormente ao principio do *Lai de Ivain*, conservado no romance de Meliadus (isto é na primeira parte do extenso romance de Palamedes).

En grant ioye ma amour mis
et de grant douleur ma oste;
maugre tous mes ennemis
je suis si haultement monte
que pour son ami ma compte
celle qui passe fleur de lis,
et quant pour son homme ma pris
bien ay le monde surmonte.

[77] O romance castelhano, que já citei, o apresenta *entre las damas holgando*. As novellas francesas alludem a *endechas* pronunciadas, ignoro se em prosa ou em verso, por mulheres, em varias occasiões de lucto. V. Märtens, em *Rom. Studien*, V, 663.
[78] Como em varios romances de aventuras do sec. XII e XIII (*Roman de la Violette, de la Poire, de la Panthère de amour*, do *Chatelain de Coucy*, de *Guillaume de Dôle)* e nas peças dramaticas de *Adam de la Halle* ha numerosos *refrains et motets*, bem póde ser que algum dos remodeladores do Tristan se lembrasse de accrescentar, onde as conjuncturas da novella a isso instigavam, algumas poesias nos generos indicados.
[79] Depois de casado na pequena Bretanha com *Iseut la brune*, Tristan ia dedicando á loura amante, a que a fatalidade o ligara para a vida e para a morte, grande numero de *cantigas*, cujo poetico *estribilho* já copiei, homenagem que a ingenua e virginal esposa *das mãos de neve* referia á sua propria pessoa. V. Löseth § 59.

[80] Ib. § 80. Cf. Fr. Michel, *Tristan* II 212 e Wolf, Fac-sim. VII.

[81] No § 63 de Löseth cita-se um lais em que os Bretões celebravam a victoria de Tristan sobre o gigante Nabon, pela qual o paiz da escravidão (*du servage*) foi libertado, chamando-se d'ahi em deante *La franchise de Tristan*. E' possivel que este lais, com o refram bellicoso *Or a la mesnie au jaiant*, fosse cantiga. No § 80 falla-se de dois lais de Tristan, hoje desconhecidos: outro *Lai de plor* composto quando, ferido pelo Morhout, ia embarcar, e o *Lai du Déduit d'amour*, relativo ao tempo delicioso, passado com Iseut na floresta do Morois. No § 469 ha referencias a um lais de Lancelot. No 570º e 602º a varios lamentos sobre a morte de Tristan, attribuidos a Lancelot, Brunehors, Palamedes.

[82] *Che lay fist kahedins: A vous amours aíns come lui Se plaint kahedins de celui;* f 113 v.

[83] No cod. vindob 2542 conto 17 lais intercalados; no cod paris. 757 ha pelo menos 24. O nosso 1.º lais acha-se em ABCD-EFG; o II em AB-EFG. O IV em ABCH-E.—ACH são do sec. XIII; B é do sec. XIV; DEFG do XV. E parece cópia de um original muito mais antigo.

[84] Além das deficiencias já notadas ha no lais I e IV *desigualdades* de rima que não se notam em mais nenhuma cantiga do Cancioneiro.

[85] Eu leio: *este lais posemos aa cima*. A paleographia não permitte lermos *aqui* em logar de *aa cima*.

[86] N.ºs II V I III, IV, ou, se a ultima bailada pertenceu a um *Roman de Lancelot:* V; II I III IV.

[87] Será bom lembrar que nos *Primeiros Annaes Toletanos*, acabados em 1217, o historiador peninsular collocou o rei Artur perto de 1050.—Cf. nota 91.

[88] No romance de Meliadus, o pae de Tristan é designado como o primeiro que cantou um lais, acompanhando-se á harpa. V d. Löseth, pag. 445, nota 1.

Qualquer nota similhante poderia têr acompanhado a *balleta do Morhout*.

[89] Não me parece provavel que o adaptador português tratasse a prosa com a mesma sem-ceremonia com que modificou os versos.

[90] Löseth prova (pag 441, nota 1) que em certos mss. franceses ha confusão entre dois homonymos: *Galehout* e *Galehout le Brun*.

[91] *P. M. H. Scriptores*, pag. 243.

[92] *Era* MLXXX *lidio el rey Citus* (err. por *Artus*) *con Mordret en Camleno* *Esp. Sagr.* XXII, 381.

[93] *Script.* 243. Depois de fallar da batalha no monte de Camblet entre rey Artur e seu sobrinho *Mordech* (ou *Modrech*) diz: *Aqui morreo Modrech e todollos boos cavalleiros de huma parte e da outra. Elrrey Artur teve o campo e foy mallferido de tres lançadas e de huma espadada que lhe deu Modrech, e fezesse levar a Isl-avalom por saar. Daqui adiamte nom fallemos del se he vivo se he morto, nem Merlin nom disse dell mais nem eu nom sey ende mais. Os bretões dizem que ainda he vivo. Esta batalha foy na era de quinhentos e oitenta annos.*

[94] Nas Biographias dos Trovadóres do CA.

[95] Este é o sentido que se deve dar á proposição seguinte, dubia no seu laconismo: *Dafs die Voranstellung chronologische Präcedenz bedeuten kann*, no *Grundrifs* IIb. 199.

[96] Cf. Nota 11.

[97] Citarei dois trechos caracteristicos, um de Milá y Fontanals e o outro de Menendez y Pelayo. O primeiro diz: *No fue temprana en Castilla la introduccion del ciclo breton ó sea del rey Artus y de la Tabla redonda. Enlazado con una nueva caballeria menos heroica y mas refinada que la del ciclo carolingio, no se avenia con el caracter grave de la castellana.* (*Poesia Heroico-Popular Castellana*, Cap. X. *Ciclo Breton*, pag. 380). O segundo assentava: «Asi como en Castilla, pueblo heroicamente enamorado de las grandezas de la accion y de las realidades de la vida prendió facilmente la semilla de las narraciones del ciclo carolingio, asi en el pueblo gallego inclinado de suyo... a la *soydade*, a la melancolia y al devanear inquieto y fantastico arraigaron antes que en otra parte alguna las historias y los lais del ciclo breton». (*Antologia* III, pag, XL). Cf. G. Paris, *Litt. Franc. au Moyen-Age* § 64: *L'Amadis portugais, puis espagnol, aux* XV *e* XVI *s. sont des imitations de ces grands romans en prose.*

[98] Milá e Fontanals, cap. x. Os romances de Tristan e Lançarote, allusões a Tristan no *Livro do Amor* do Arcipreste, a Merlim no *Poema do Salado*, na Carta do Mouro Benahatin ao rei D. Pedro de Castilla (1369) e no *Victorial* (c. 11); sette trechos no sec. xv no Canc. de Baena; exemplares das novellas principaes nas bibliothecas de Martim de Aragão, o Principe de Viana, Carlos de Navarra e Isabel, a Catholica; e de 1500 a 1600 a longa série de novellas impressas, eis o que allega.

[99] Braga, *Romanceiro Popular;* Id. *Romanceiro do Archipelago Açoriano;* Azevedo, *Romanceiro da Madeira.*

[100] Creio que tambem o dictado do *melrinho de b'co amarello* se refere ao Melrim ou Merlim.

[101] A crença sebastianista, com as suas aspirações indeterminadas num redemptor de miserias, ainda hoje conta adeptos, como se póde vêr nas notas que acompanham o *D. Sebastião* do poeta Dr. Luiz de Magalhães.

[102] A época hispano-portuguesa da litteratura patria começa antes de 1450, com a troca de versos entre o Infante D. Pedro e Juan de Mena, e de Cartas com o Marquês de Santillana, seguida de perto da jornada do Condestavel ao reino vizinho.

[103] *Chron. D. João I*, Parte II, c. 108. A proposição *de hoje mais não cumpre que se leiam as proezas de Tristan e de Lançarote* prova que nos dias de Fernão Lopes os romances bretões estavam bastante vulgarizados para poderem ser tratados de velharias.

[104] *Le lai du chévrefeuille* foi refeito por Marie de France, a grande vulgarizadora da *matière de Bretagne*. Cf. R. Warnke *Die Lais der Marie de France*, Halle 1885; G. Paris *Litt. Franç. au Moyen-Age* §§ 55 e 56.

[105] Nos *Filhos de D. João,* Oliveira Martins fez amplo e excellente uso d'essa *Imitação de Galaaz.*

[106] Perceval, Lisuarte, Galvão, Artur e mais tarde tambem Amadis. E' verdade que o primeiro Lançarote que encontro em Portugal, no anno 1359, era Genovês, da familia dos almirantes *Pezagno* (transformados aqui em *Pessanha*). De 1385 em deante ha muitos. No *Libro de la Caza*, composto antes de 1325, Don Juan Manuel menciona um falcão que *llamavan Lançarote* (42,10 da ed. Baist) e outro que diziam *Galvan*, e fôra de *Don Arrigo.*—Este irmão de Affonso x, (c. 1223-1303) apparecer-nos-ha mais abaixo em relações (de inimizade) com um poeta portuguê que allude a *cantares de Cornoalha.*

[107] *Poema de Alfonso* XI, estr. 242-245, 409, 1807-1842.

[108] *P. M. H. Script.* 242-245.

[109] Ib. p. 238.

[110] Além de Tristan e Iseu, Flor e Brancafrol só vejo citado *Paris* (sem *Helena*), num texto alfonsino de que logo terei de copiar o respectivo trecho.

Em outro estudo referi que, fóra Alfonso x, só um trovador seu coevo, allude aos amores de Frol e Brancafrol. (CV 358). Em uma trova do mesmo João de Guilhade (CV 26) occorrem os nomes *Ousenda* e *Berengela*, com relação a uma dama de feitio algo camaleonico, pois lhe quadravam alcunhas muito variadas. Teremos de pensar em *Isolda* e *Brangäne?*

[111] Fernand' Esquio occupa o ultimo logar na Segunda Parte do Cancioneiro, nas immediações de Estevam da Guarda.

[112] Este curioso monstro, *la fiere beste*, com pés de cervo, coxa e cauda de leão, corpo de leopardo, cabeça de serpente e o bradar de *uma matilha de cães*, surge tanto na *Demanda*, como no Tristan. Vid. Loeseth, §§ 71ª. 504, 556, 559, 615.

[113] Assim a chamam na *Demanda* portuguesa, por ex. no cap. 86 e 97.

[114] O *Merli,* guardado na bibliotheca de D. Duarte tanto póde ter sido um *Conto do Brado* (*Balatrum Merlini; Brait* ou *Bret de Merlin*) como um livro de Prophecias. Da redacção castelhana *El baladro del sabio Merlin*, ed. incunavel de 1498, existe um unico exemplar, mal estudado até hoje. Sobre o original francês consulte-se G. Paris, *Litt. franc.* § 63.

[115] A que mais amou foi apparentemente a mãe de D. Affonso Sanches.

[116] Esta ideia de H. R. Lang, expressa no seu estudo sobre os *Descordos* peninsulares, parece-me muito aceitavel. Vid. *The Descort in old portuguese and spanish poetry; Halle,* 1899. pag. 8, nota 3.

[117] *Bretanna a que pobrou Rei Brutus* e *Doura a que pobrou Rei Artur* são nomeadas na Cantiga 35.

[118] Não conheço localidade d'este nome. Apenas um *Sigras*, na Galliza, perto de Santiago.

[119] Cf. Biogr. XVI.

[120] CV 1007.—Pela referencia a Pedro Agudo presumo que ha allusão ao sentido derivado, figurativo, do termo *Cornoalha*, o que tambem provaria familiarização com os assumptos.

[121] Veja-se a sua biographia no fim d'este artigo.

[122] No CV 1109 ha referencia a uma Ouroana, nome usado entre as damas da aristocracia da primeira época portuguesa.

[123] CB 244 e 246. Cf. na *Zeitschrift* IV 347-351 o artigo citado no nosso cap. I, n.º 45.

[124] Livro II c. 11.—As mais scenas que se referem a Leonoreta—figura imitada de outra francesa, a senhorinha de Galvan,—encontram-se II, 12 e IV, 38 e 44.

[125] A este respeito consulte-se o tratado de Lang, sobre o *Descordo* (p. 9-14.)

[126] Varnhagen, *Cancioneirinho* p. 165.

[127] *A historia dos cavalleiros da mesa redonda e da demanda do santo Graal*, ed. R. von Reinhardstoettner, Berlin 1887 (incompleta).

[128] R. Heinzel, *Über die franz. Gralromane*, Wien 1891; *Romania* XXIV, 472; *Kritischer Jahresbericht* I, 425; Ed. Wecchsler: *Über die verschiedenen Redaktionen des Robert von Boron zugeschriebenen Graal-Lancelot cyklus*, Halle 1895.

[129] Se de um estudo detido resultasse ser do sec. XV, teriamos de examinar se o ms. é transcripção modernizada de outro mais antigo.

[130] *Grundriss* IIb 212-215 e 238-241. Das referencias ao *Conto do Brado*, a *grande storea de dom Tristan*, a um *Lançarote* e *Parceval*, não se póde concluir existissem em português, porque passaram certamente do original francês para a traducção.

[131] *Grundriss* IIb, p. 416, 438, 441 (§§ 45 e 46, em contradicta do que eu sustentara a p. 213).

[132] *Die Kastilier pflegen Erzählung und Prosa, die Portugiesen die Lyrik; sie übersetzen kastilische Prosa.*

[133] Ib. p. 439 com nota 3. (cf. 214 nota 5.) Creio de resto que os filhos de Pedro o Justiceiro e seus cortesãos liam tambem novellas *francesas*.

[134] Vid. E. Monaci: *Fac-simili di Antichi Manoscritti*. Roma 1881 (VI).

[135] *Im ersten Drittel des 14 Jhs wurde der Prosatristan in Kastilien übersetzt und in Portugal gelesen*. A data do *primeiro* romance original castelhano, o *Cavalleiro Cifar* é fixada pelo illustre professor entre 1300 e 1349.

[136] Juan Ruiz, estr. 1675.

[137] *Für den Archipreste de Hita war der Prosa-Tristan ein neues Buch und zweifellos ein neues kastilisches. Gleichzeitig entnimmt ihm Juan Manuel einen recht versteckten Namen.* Quanto a *Lucanor*, a derivação do nome do fabulista arabe *Loqman* parecerá preferivel a muitos.—Em rigor quem assim pensa, devia estabelecer que a traducção do *Tristan* ainda não estava concluida quando o Arcipreste o apresentava como vivo, persuadido que no seculo XIV os leitores peninsulares seguiriam o tragico destino do Namorado com o mesmo interesse vivaz que manifestavam mais tarde ao chorar a morte de Amadis.

[138] *Wenn Alfons X einmal Tristan, Iseu and Artus nennt, so ist das nur Reflex der. prov. Dichtungen.* No sec. XII os trovadores provençaes citaram frequentemente os poemas franceses (principalmente o perdido de Chrétien de Troyes). E pouco mais tarde elles eram conhecidos e traduzidos na Italia, Allemanha e Noruega.

[139] *Da der Tristan des Archipreste unzweifelhaft der kastilische ist, werden sich die gleichzeitigen Anspielungen in Portugal doch wohl auf diesen beziehen.* Não sei quaes são as allusões que o douto historiador tem em mente.

[140] *Eine besonders frühzeitige Bekanntschaft Portugals mit der matière de Bretagne darf aus den sogenannten lais des Canç. Vat. nicht gefolgert werden.*

[141] *Sie sind, wie ich schon gesagt, (§ 45) einfach Übersetzungen der lyrischen Einlagen des franz Tristan, vielleicht von dessen kastilischem Übersetzer gefertigt da ihr Inhalt die Sprache der Hoflyrik verlangt.*

[142] Ib. 441 com nota 4.

[143] Valladolid 1501, Sevilla 1528, 1533, 1534, todas ellas summamente raras. Cf. Pascual de Gayangos *Discurso sobre libros de caballerias* em *Bibl. Aut. Esp.*, vol. 40, pag. VII. XVI, XIII.

[144] *Primavera e Flor de Romances* N.° 146 e 147 Cf. Milá, 382; Gallardo n.° 3619.

[145] Segundo a opinião geral, o Tristan impresso segue, com alguma liberdade, a versão vulgar. Nas differentes edições ha todavia divergencias. No prologo da edição de 1534 o redactor falla de correcções e addições á cronica antiga que introduziu, talvez arbitrariamente.

[146] Da laconica asserção (p. 438): *Auch die im CB enthaltenen lyrischen Einlagen weisen der franz. Vorlage eine Sonderstellung an*, e da insistencia com que designa os lais como *meras traducções* (ib. e 441) parece resultar que as reconheceu, mas não chegou a resultados iguaes aos meus.

[147] Ed Leipzig vol. I, p. 44, 46, 95, 121, 137, 177, 187, 203, 204, 205, 224, 239, 318, 322; vol. II, p. 30, 107, 270. No *Canc. de Res.* as allusões não são menos numerosas que no *Canc. General*. A's que se notam nas obras dos quinhentistas e seiscentistas (Cervantes Tirso Moreto, etc.) correspondem outras tantas de Jorge Ferreira de Vasconcellos, Camões, Moraes, Soropita e outros.

[148] Será bem exacto que a minha exposição no *Grundriss* favorece Portugal, em detrimento de Castella (ib. 441)? Eu acho-a incompleta e deficiente, podendo ampliá-la bastante, citando por ex. varios contos antigos como o de Salomão e Morolf,—a Dama Pé-de-Cabra—o Coouro de Biscaia, e o do Rei Lear, de origem bretonica.

[149] A. de los Rios, *Hist. Lit. Cast.* IV 344; A Mussafia *Über die spanischen Versionen der Historia Troyana*, Wien 1871; *Grundriss* ub. 438.

[150] A. Paz y Mélia, o ultimo que se occupou do assumpto na *Revue Hispanique* XVII 62-80, indica o anno 1358, creio que por engano. Em desaccordo com as emendas de Mussafia, ahi se repetem os erros de A. de los Rios, relativos ao supposto *auctor* Beneito de Santa Maria, que não é senão o francês Benôit de Sainte More, auctor em 1160 de um immenso *Roman de Troie* em 30:000 versos, um seculo antes de o compilador latino Guido delle Colonne escrever a sua *Historia*.

[151] Desconheço a razão porque Baist chama o texto gallego posterior ao castelhano (eine *jüngere* wörtliche Übersetzung). Como a publicação de ambos está promettida, brevemente teremos occasião de entender o dicto do sabio escriptor.

[152] Os mss. de onde derivam são: Escurial L.-II-16; Bibl. Nac. Ii. 99; Osuna II M. 23.

[153] Chamo a attenção para os subst. fem. em *or* (*señor*, *entendedor*), as formulas *mi mesquina*, *por mal de mi*, *yaquanto*, *duc*, *reñichar*, *enxeco*, *mais*. E não deixarei de assentar que nos poemas publicados por Morel Fatio na *Romania* XVI e classificados como escriptos em Aragão, o estylo e a linguagem accusam ainda mais acentuadamente a proveniencia portuguesa.

[154] Baist reconhece de resto essa possibilidade, exigindo todavia, e com razão, a *prova* em todos os casos que se affastam da regra por elle formulada.

[155] O marquês de Santilhana affirma o emprego do idioma português sómente com relação á lyrica, o que seria objecção de peso, se no seu bosquejo tomasse em consideração ficções em prosa como o *Tristan* e o *Amadis*.

[156] *Mon. Lus.* XV c. 4; Salazar, *Dignidades*, pag. 80.

[157] Por isso mesmo é costume chamarem-no *de Aguiar*. Tambem o denominam *o Velho*, para o distinguirem do filho e do neto, que ambos são homonymos seus. (*P. M. H. Script* 370). Creio que o Aguilar cujo senhor foi, é o da Andaluzia (Cordova), dicto *de la Frontera*. E' ahi pelo menos que seus descendentes possuiam, em dias de Sancho IV, as villas de Montilla e o Ponton de D. Gonzalo (Salazar l. c.)

Em documentos castelhanos figura como Gonçalo Ibañez de Aguilar, (Argote, *Nobl. And.* II, c. XXI).

[158] O nome *do Vinhal* parece indicar proveniencia da Galliza, onde ha varias povoações assim chamadas.

[159] Um d'elles, Martim Annes do Vinhal, figura como cavalleiro na côrte portuguêsa, em tempo de Affonso III (1277; Vid. *Mon. Lus.* XV, c. 42, 47 e vol. V, *Escrit.* VIII e X) continuando vivo em dias de D. Denis. *Mon. Lus.* V., *Escr.* 8; *Leges* 723, 728, 729, 732, 736 (de 1271 em deante.)

[160] Filha de certo Ramon Folch de Cardona que passara de França á Hespanha.

[161] *Script.* pag. 272; *Chron. Alf.*, c. 75.

[162] D'elle me occupo em outra parte: *Randglosse* XIII.

[163] *Cron. del santo rey Fernando*, c. 28.

[164] *Hæc vero regina pulchritudine, praestantia et modestia sic floruit ut in conspectu viri virtutibus gratiosa, coram Deo et hominibus sit accepta.* Rod. Tol. IX, cap. 18.

[165] Braga, *Canc. Vat. Rest.* pag. LII-LIII; Lollis, *Stud. Fil. Rom.* IX 36 e Lang .CD p. XL, datam o acontecimento e as cantigas de 1289, isto é, de uma idade em que Jeanne de Ponthieu devia contar perto de 70 annos, porque pensam em outro *Moron*, em terra aragonesa, onde no anno indicado as mesnadas de D. Alfonso III, irmão da rainha santa, e as de Sancho IV de Castella se encontraram (*Cron. San.* c. 4). Mas a lide não chegou a ser ferida. Nem um só dos personagens nomeados nas rubricas tomou parte nos preparativos. E — *last not least* — o proprio poeta estava morto, de havia muito.

[166] *Cron. Alf.* c. 8 (cf. c. 4).

[167] *Cron. Alf.* c. 8.

[168] Creio ter descoberto na obra de Conde (IV c. 6) vaga allusão a estes boatos, onde diz: *este principe Anric tuvo desavenencia con su hermano, hay quien dice que por rivalidad de amores.*

[169] *Script.* 363: *E este dom Rodrigo Affonso* (scil. filho do Leonês e da portuguesa Aldonça Martins da Silva) *e dom Nuno o boo que era aimda muy mancebo lidarom ambos com o iffante dom Anrrique e eram ambos cabedees e vençerom no apar de Mouram e dom Nuno esteue com os diamteiros e dom Rodrigo Affomsso aparou a lide e esteue ante os seus mandandoos.* Cf. ib. pag. 370 e 272.

[170] CV. 999: Amigas eu oí dizer
que lidaron os de Mouron
con aquestes del rey e non
poss'end'a verdade saber:
se é viv'o meu amigo
que troux'a mia touca sigo.

A touca symbolica das viuvas.

[171] CV 1008: Sei eu donas que deitad' é aqui
do reino ja meu amigu' e non sey
como lhi vay, mais quer' ir a el rey;
Chorar-lh'ey muito e direy-lh' assi:
por Deus senhor que vus tan bon rey fez,
perdoad' a meu amigu' esta vez.

[172] Em outras cantigas de escarnho (1000-1007) Gonçal' Eannes refere-se a jornadas de Alfonso X em que tomou parte (1001 e 1002); a albergues e jantares de infanções; (ib.) a Gaston de Bearn (1000) que era um dos vassalos mais influentes de Alfonso e apparece em outra poesia do Cancioneiro; ao jogral alfonsino Pero d'Ambroa e sua verdadeira ou fingida ida para além-mar (1269.) Os versos de amigo (*Ind.* 307-813) nada revelam. E' pena que os de amor estejam perdidos (*Ind.* 280-294.)

[173] Cf. *Grundriss* IIb, pag. 189, onde disse ter florescido de 1258-1278, e pag. 221 e 222 onde deixei esboçada a sua biographia. Lang (CD pag. XXXV) acerta, collocando-o no tempo de Affonso III e ainda de D. Denis.

[174] Cavalleiro de lança e escudo, em opposição ao ricohomem de pendão e caldeira.

[175] Segundo *Mon. Lus.* XV, c. 46 (pag. 253), seu nome apparece nos livros dos registos d'este rey.

[176] *Mon. Lus.* XVII, c. 33.

[177] Nos Nobiliarios não se falla do bastardo (*Script.* 301, 302 e 356).

[178] Primeiramente este fidalgo, da linhagem dos de Riba de Vizella, e aparentado com os Coelhos, Redondos, Barrosos, Gatos e mais linhagens minhotas, usou tambem do apellido de *Alvim*.

[179] Em 1254 assignou a doação do Souto da Ribeira ao trovador João Soares Coelho, entitulando-se *Menendus Suerij de Merlo privatus Domini Regis*. Vid. *Mon. Lus.* XV, c. 9. Em 1262 ainda estava vivo. ib. XVIII e 32, c. 9.

[180] *Item Johanni Lupariae 16 marcas argenti per redditus ecclesiarum de Almadana. Item eidem Johani Lupariae 60 libras.* (*Mon. Lus.* XVIII c. 33 e XV c. 8. Ignoro se é exacta, ou não, a affirmação de Braga (*Canc. Vat. Rest.* LVI e LXXIV) que Lobeira assignou este testamento. O bispo fôra em 1245 defensor estrenuo de Sancho II no concilio de Leão de França. Fez testamento em 1258 e morreu no anno immediato.

[181] *Notum facio quod Petrus Suerii miles dictus de Alvim venit ante me et dixit quod volebat Ioanem Lupariam filium suum naturalem esse in omnibus bonos suos legitimum successorem, etc.* Livro del Rey D. Aff. III, f. 114.

[182] CV 643-649. Este Martim vivia ainda em 1326.

[183] *Mon. Lus.* (1700) XVIII c. 33.

[184] *Mon. Lus.* XVIII, c. 33, (vol. IV, pag. 137).

[185] Hist. Gen., *Provas* I 62.

[186] *Mon. Lus.* XV, c. 36.

[187] O facto póde e deve ser verificado na Torre do Tombo no livro dos bens do magnate.

[188] *Mon. Lus.* XVIII c. 32 (VI 136).

[189] *Escrit.* do vol. VI, pag. 561; P. M. H., *Leges* 700.

[190] *Mon. Lus.* XV. c. 41 (vol. IV, 245 d. Na lista de nomes exarada a pag. 246, não encontro seu nome.) Cf. ib. c. 46, pag. 253 c. onde se descreve o brasão dos Lobeiras.

[191] Ib. XV c. 57, pag. 255.

[192] Ib. XVI c. 43 (vol. V, f. 104c. e *Escrit* XVIII, f. 315) Braga, *Trovadores*, 209 confunde a era com o anno. No *Canc. Vat. Rest.* repete o mesmo erro, falseando a data (1321).

[193] CV 999.

SUI CELTI DELLA LUSITANIA

Nella Penisola Iberica é provata l'esistenza di elementi etnici *Celtici*, che vi trovarono già stabilite le genti Iberiche. Ció è dimostrato non tanto dalla tradizione degli antichi scrittori sull' invasione

e mescolanza dei Celti con gl'Iberi, quanto dall'esame delle cognizioni geografiche e dallo studio dei nomi topografici specialmente [1]. L'epoca dello stabilirsi definitivo dei Celti puó essere, con molta probabilitá. fissato nel quarto secolo av. Cr. [2]

Unica fu la stirpe e unico il nome degl'immigranti, venuti dallo altro versante dei Pirenei [3], cioé la schiatta denominata *Celti;* o meglio *Celti di Spagna* [4].

Altre due denominazioni equivalenti si hanno, cioé *Celtiberi* e *Celtici.* Veramente esse sono in particolare riferite a determinate popolazioni. I Celtiberi, conosciuti dagli autori classici almeno fin dal III secolo, ma direttamente e per «autopsia» solo dal II in poi [da Polibio], son messi nelle regioni interne; nei primi tempi in modo variabile—cioé secondo gli scrittori del tempo della repubblica romana o di chi attinse a tali fonti—, poscia, dopo la definitiva conquista e in seguito agli ordinamenti dell'amministrazione dell'Impero, in maniera sicura e precisa [5].

Anche i cosi detti Celtici, come ora vedremo, furono collocati in determinate sedi. Ma in sostanza sono ambedue nomi generici e indeterminati, e di essi, quello di Celtiberi deve credersi il piú antico e il vero e il piú generalmente usato [6]. L'altra forma. di Celtici, é piú recente e rara, rimasta piú tardi, anche nelle indicazioni ufficiali dell' etá Imperiale, e non é che una forma aggettivata di Celti [7], che venne «localizzata».

Questi *Celtici* [8] compariscono nelle regioni occidentali della grande penisola. Il primo probabilmente a menzionarli, attingendo a documenti dell'epoca repubblicana, é stato Strabone [9].

S'incontrano popolazioni cosi precisamente denominate nel Nord-Ovest della penisola, cioé quelle aventi il cognome di Neri, Tamarici etc. [10], oltre delle genti aventi altro nome, di fisonomia peró Celtica e di localitá presentanti tracce Celtiche non oscure [11]. Lo stesso puó, dirsi per le regioni della Callaecia e dell'Asturia [12] etc.

Meglio peró sono noti i *Celtici* delle regioni del Sud-Ovest. Strabone li pone vicini all'Anas, fra questo fiume e il Tagus, dov'erano anche Lusitani, e li mette limitrofi ai Vettones, Carpetani e Oretani [13] e vicini alla Turdetania (Turdetani e Turduli) [14]. Plinio, cioé la lista amministrativa dell'impero da cui egli prende, colloca Celtici tanto nella Baetica [15] (cioé nella «regio Bacturia» situata fra il Baetis e l'Anas, o meglio nella «Baetúria Celtica» ch'era prossima all'Anas e vicino alla Lusitania, cominciante oltre questo fiume) quanto nella Lusitania, dove una gente omonima si ha nel cognome del populus dei Mirobricenses o del loro oppidum Mirobrica [16]. Anche Tolomeo ci mostra Celtici nella Baetica [17] (cioé nell'interno, vicini ai Turdetani e ai Turduli) e nella Lusitania; e qui anche nell'interno, al di sopra dei Turdetani di Lusitania [che dimoravano di lá dall'Anas, presso il Pro-

montorium Sacrum, fino al prom. Barbarium] e confinanti coi Lusitani propriamente detti, abitanti dal prom. Barbarium in su [18].

Onde — seguendo a preferenza Tolomeo — vediamo che i Celtici abitavano nelle contrade interne del Sud-Ovest, limitrofi e chiusi dai Turdetani e dai Lusitani, vicino al Tagus, all'Anas e fino al Baetis [19]. Ed erano parte nella Baetica, e parte nella Lusitania.

Tacendo della Baetica [20], consideriamo la *Lusitania*. Ivi si vedono quattro località [21], di cui il nome ce l'ha conservato Tolomeo [22]. *Laccobriga* [23], *Arcobriga* [24], *Mirobriga*, *Meribriga*. Quanto alle due ultime, si noti che Plinio conosce *Mirobrica*, *Meribrica* o *Medubrica* [25], di cui la prima, situata al di sotto del Tagus e prima del Capo S. Vincenzo [26], corrisponde certamente alla prima di Tolom. [27], la seconda, portante il cognome dei Celtici [28], puó essere benissimo la seconda di Tolom. La terza, cioé *Medubricenses* cognom. *Plumbarii* di Plin. (= Meidubrigenses) [29], é difficile che corrisponda alla seconda di Tolom., piuttostoché la seconda di Plinio.

Inoltre anche nelle regioni diverse da quelle dei Celtici, ma vicine, si possono trovare indizi di sedi Celtiche, se non in tutti, in buona parte di tali paesi, e tracce se non di vera e propria dominazione, almeno di una certa influenza, non trascurabile. Ció si ricava dallo studio dei nomi di luogo dati da Tolom. e Plin. [30], principalmente [31].

Infatti nella Lusitania si conoscono: *Caetobrix* (dei Turdetani) [32] — *Arabriga* [33], *Talabriga* [34], *Conimbriga* [35], *Eburobrittium* [36], situate tutte fra il Durius e il promontor. Olisipponense [37], (e appartenenti ai Lusitani) — *Cottaeobriga*, *Caesarobriga* [38], *Augustobriga* [39], *Ocelum* [40], *Deobriga* [41] (dei Vettones) [42].

Dr. Francesco P. Garófalo.

(Prof. nell'Ateneo di Madrid).

NOTAS

---

[1] Rimando al mio lavoro «Sui Celti nella Penisola Iberica» (inserito anche nel Boletín d. la R. Acad. de la historia, Madrid, febbr. 1899, p. 97 sgg.), e in fine.

[2] Cf. anche l'altro mio studio, avente lo stesso titolo, tradotto nella Revista crítica de hist. y liter. Españolas, Madrid 1897, n. 8-9, p. 251 sgg.

[3] La razza si sparse per tutta la Penisola; ma persistette piú a lungo e solidamente nelle regioni piú interne, lontane dai Pirenei e dalle spiagge del Medi-

terraneo, e nelle Occidentali, verso l'Atlantico. Vedi lav. notato in n. 1 (note 163 sgg.).

[4] Cf. Diodor. xxv 10, 1. Strabon. III 4, 5.

[5] Cf. mio cit. lavoro, ricordato in n. 1.

[6] Certo prima della venuta dei Romani in Spagna, e già nel tempo di Annibale (V. detto lavoro id., n. 168 e 169). Sul significato generico di Celtiberi e Celtiberia cf. Strab. III 4, 5; App. Hisp. 1; Praef. § 3. Diod. v 35, 2.

[7] Non si deve ammettere fra Celtiberi e Celtici nessun rapporto di derivazione di questi da quelli, nessuna differenza qualitativa o quantitativa etc.

[8] Che si vede anche in Steph. Byz. (FHG. I, p. 316).

[9] III 2, 5. Dove egli cita da Polibio (reliq. xxxiv 9, 3); ma non é necessario credere, che Strab. trovasse in quest'autore la medesima indicazione della gente; perché puó aver preso da lui soltanto il rapporto coi Turdetani e sostituito al nome di Celti o Celtiberi quello piú recente di Celtici. Del resto Polibio é di etá recente.

[10] Cf. cit. mio lav., n. 53 sgg.

[11] Cf. ibid, n. 58 sgg.

[12] Me ne occupo particolarmente nel mio libro «Storia Antica delle Asturie», ch'é di prossima pubblicazione in Barcelona, tipogr. l'Avenç.

[13] III 1, 6; cf. 3, 5.

[14] III 2, 5. — Vedi nota 5.

[15] III 1 (3), 14; e anche III 22 (35), 116. Cf. anche Mela III 3, 9 etc.

[16] III 22 (35), 118.

[17] II, 4 (ed. C. Müller).

[18] II, 5, § 2 sgg.

[19] Un po' indeterminati sono i confini che Strabone (III 1, 6; cf. 3, 5) dá ai Celtici di Lusitania, perché li mette limitrofi anche ai Vettones, Carpetani e Oretani, dimoranti presso l'Anas e il Tagus.

[20] V. mio cit. lav., n. 11-21.

[21] Rimandiamo massimamente all'opera «Monumenta linguae Ibericae» (Berol. 1893) dell'Hübner, p. 222 sgg.

[22] Tolom. id. § 5, p. 134. — Non appartengono ai Celtici, benché vicine, Conistorgis e Pax Julia, loro attribuite da Strabone (III 2, 2 e 15).

[23] O Lacobriga o Langobriga. La radice é lac-, non lacu- [secondo Festo, il passo del quale io leggo cosi: «compositum a lacu et Hispanico vocabulo (o anche soltanto: et briga) quod oppidum significat, ut in Arcobriga Hispaniae oppido. — Vedi mio lav., n. 24, a.].

Sulla radice Lac-in altre parole, cf. Humboldt, Prüfung der Untersuch. über die Urbewohner Hispaniens vermittelst der Vask. Sprache (in trad. fr. di Marrast), p. 28.

[24] E' l'Arcobriga delle iscrizioni n. 765 e 2419 (nel CIL, II). Sul sito cf. Hübner, in Real-Encyclopädie del Pauly-Wissowa, III Halbb., 603.

[25] Id., 116, 118. Le forme-brica e-briga nelle iscrizioni si scambiano (Kiepert, Beitrag zur alten Ethnographie der iber. Halbinsel, in Monatsber. d. K. Akad. d. Wiss., Berlin 1864, p. 146). Sulle forme Meri-, Mero-, Medo-, Medu-, vedi Humboldt o. c., p. 74 sgg.

[26] Plin. 116.

[27] CIL. II, n. 857 sgg.; e p. 107 sgg. V. peró C. Müller a Tolom., p. 134.

[28] Plin. 118.

[29] C. II, n. 760, l. 13; e 458; e p. 95. V'era una Medobrega (?) in Lusitania (Caes. b. Alex. 48, 4; cf. Sallust., hist. II, 132[5] Jord.; Hübner, Monum. linguae Iber., p. 236).

[30] Questo criterio desunto dai nomi di luogo non é sempre sicuro (V. mio lav., note 31, 52, 176).

[31] Ma anche da altre tracce (C. II. n. 71, 462; p. 8 sgg. e 55).

[32] Tol. id., 2, p. 131 sgg. Marcian. II, 13. O *Caetobriga* [non *Castobrix*]. V. Revue Celtique, VI, 485

[33] Tol. 6, p. 136. C. II, n. 760, 967; e anche forse Plin. id., 22 (35), 118. Itin. Ant. 421, 4. — Vedi Kiepert in cit mem., p. 147; e Hübner in R.-Encycl. cit., 336.

[34] Tol. id., p. 137; Plin. 21 (35), 113. Appian. Hisp. 73. Itin. Ant. 421, 6.

[35] Plin. id., 113. It. Ant. 421, 4; vedi FHG. III, 609, 1. [Conimbrigesia?] — Era presso Coimbra, cioè l'antica Aeminium, il qual nome recente deriva da questo di Conimbriga. Tale derivazione si può spiegare — non volendo ammettere con C. Müller (p. 137) che il vero nome di Aeminium (celtico?) fosse Conimbriga Aeminia e che questa fosse la vera antica Conimbriga — col supporre qualche spostamento di sedi o altro fatto, che ci é ignoto. In questi luoghi dimoravano i Pintones (C. II 365, e p. 40), il nome dei quali pare celtico (H. d'Arbois, Les prem. habit. de l'Europe, II, 289).

[36] O Eburobritium (Plin. id., 113). Cf. con Eburodunum, Eburovices, Ebura etc.

[37] In queste contrade é il mons Herminius, che pare porti un nome celtico (cf. Coelho, in Revue Celt. VI, 482 sgg.); il fiume Durius, il nome del quale é di fisonomia incerta (Vedi anche Müllenhoff, Deutsche Altert. II, 249, n.; e 323, n.), etc.

[38] Tol. (id., 7, p. 140) conosce la prima forma (che se non é errata, puó credersi la forma piú antica). Plin. (id., 118) conosce solo la 2.ª (o Caesarobricenses); vedi C. II, p. 111 sgg.; e De Ruggiero, Dizionario epigrafico di antich. rom., II, p. 13. E' l'od. Talavera de la Reina.

[39] Tol. id., p. 141. Plin. id., (o Augustobricenses) e Itinerari (cf. Müller in ediz. di Tolom., ibid.).

[40] Tol. l. c. = Ocelenses di Plin. (id.) = Ocelum Duri (It. Ant. 434, 6; Rav. 319, 4) — Ocela (corr. da Opsicella — di Strab. III 4, 3). Cf. con *Ocelum* (Tolom. id., 22. p. 157). Sul nome cf. Zeuss, Grammatica Celtica, 2.ª idiz., p. 146.

[41] Tol. id., 142.

[42] Aggiung. *Mundobriga* e *Tongobriga* (cf. Kiepert, mem. cit., p. 147 sg.; Humboldt o. c., p. 47).

NOMES DE PESSOAS E NOMES DE LOGARES

Tem sido muito descurado o estudo do onomastico português, não obstante ser um dos capitulos mais interessantes das origens de Portugal, em razão de ser aqui nesta ordem de palavras que raças successivas deixaram vestigios mais duradouros da sua passagem. Este interesse augmenta consideravelmente sabendo-se que grande parte de nomes de logares deriva de nomes de pessoas. Quem entre nós estudou pela primeira vez scientificamente este assumpto foi o sr. Leite de Vasconcellos numa pequena monographia sobre Margaride *(De «Margariti» Villa*, etc.), datada de 1893 [1]. E' facto, porém, que nas lendas e etymologias populares se não tinha perdido o sentimento desta relação. No *Portugal Antigo e Moderno* ha numerosos confrontos entre as duas especies de nomes acima mencionados, mas na sua maioria não são aproveitaveis.

Pelo estudo dos nomes proprios contidos nos diplomas impressos

[1] Cfr. do mesmo A.: *Estudos de philologia mirandesa*, vol. I, pag. 78 e sgg.

nos *Portugaliae Monumenta Historica* (Diplomata et Chartae), e dos nomes de logar apontados na *Chorographia Portugueza* de Baptista (o sexto volume), póde chegar-se, ainda que esse estudo seja superficial, a alguns resultados de valor.

Portugal divide-se tanto no onomastico, como noutros aspectos em dois campos desiguaes, separados pelo rio Mondego, serras da Estrella e de Guardunha. O primeiro campo é o português, o segundo é territorio de colonização portuguesa, pouco mais ou menos. A parte meridional, mais consideravel em superficie, mas não em população, tendo estado sujeita mais tempo ao dominio musulmano, não apresenta tantos nomes de logar de origem germanica ou romana como a parte septentrional. Devem ser germanicos ao sul do Tejo Gallamares (Cintra) de *Galmarius*, Assumar (Alemtejo) de *Acemarius*, e Estoi (Algarve, cfr. Villestoi ou Villa Estoi, no concelho de Penafiel). Não sabemos, comtudo, quando estes nomes se implantaram; podem ter sido fixados depois da conquista christã. Em contraposição o norte apresenta alguns nomes arabes como Bordonhos (Ibn Ordonis), Brasfemes, Mafamude, Moçamedes (Abuzamates), Socima (Zolcima), etc. O systema onomastico no nosso norte é o usado tambem na Galliza, Asturias e norte de Leão e de Castella-Velha. A Catalunha, ainda que tendo um aspecto similhante, varía do occidente da peninsula nos nomes que são em grande parte francos, segundo me parece.

Darei aqui uma pequena lista d'estas identificações de nomes, declarando, porém, que não póde ser considerada definitiva. Para um estudo d'esta especie são necessarios longos e minuciosos estudos sobre cada palavra, afim de que á possibilidade phonetica se junte a possibilidade historica, o que só póde effectuar-se com respeito ao norte, por quanto no sul nos faltam os documentos do periodo arabe.

O caso normal em que nos apparecem os nomes de logar no norte é no genitivo. No emtanto grande parte denuncía o accusativo e mesmo o nominativo. O ablativo, talvez, exista.

Divido os nomes que apresento em diversas classes. E' difficil encontrar entre as diversas fórmas que nos dão os diplomas a melhor graphia dos nomes proprios. Quando os nomes são vulgares nos diplomas dos *Port. Mon. Hist.*, não indico a pagina, o que só faço quando elles são representados por poucos exemplares. Tambem não faço citação quando o nome se encontra em documentos extrangeiros.

I. Os nomes godos em *-a* representão na formação dos nomes de pessoas um dos ultimos estadios d'aquella lingua [1]. São numerosos entre nós e geralmente conservam-se nos nomes de logares em *a, ão* e *ães*. *Anaia:* Anaia, Naia. *Atan* (*Atanis*): Atão, Atães, Adães. *Arias* (*Arianis?*): Airão, Airães. *Aldia* (*Aldiani*), pgg. 29, 122, etc.: Aldão. *Ansila* (*Ansilanis, Ansilani*): Ancião, Anciães. *Andila* (*Andilani*), pgg. 272, 563: Andeão. *Iquila* (*Iquilani*): Anquião, Inquião. *Ardeica* (*Ar-*

[1] Devem exceptuar-se na lista *Atan*, cfr. o godo *Atta unsar* (pater noster), e *Froia*, cfr. o vandalo *Frôja* (dominus).

deicanis, Ardeicani): Ardegães, Ardegão. *Atila* (*Atilanis*), pgg. 13, 30, 89. etc.: Atheães. *Agela* (*Agelani*): Aião? *Blandila*: Brandião. *Cintila*, (*Cintilanis, Cintilani*): Centiães, Sintião. *Cepa* (*Cepanis*), pg. 101: Sepães, Cepões. *Scapa* (*Scapanis*), 235. 399: Escapães. *Fafila* (*Fafilani, Fafilanis*): Fafião. Fafiães. *Freda* (*Fredani*), pgg. 186, 226: Frião. *Froia* (*Froiani, Froianis*): Froia, Fraião, Forjães. *Gumila* (*Gumilanis*), pgg. 46, 138, etc.: Gominhães. *Gonta* (*Gontani, Gontanis*), pgg. 38, 87, 102. etc.: Gonta, Gontão. Gontães. *Ninna* (*Ninnanis*), pgg. 148. 152: Nina, Ninães. *Riquila* (*Riquilani, Requilanis*), pgg. 33, 57: Recião. Reguião, Requião, Requiães. *Sindila* (*Sindilani*), pg. 270: Sandião, Sandiães. *Vegila* (*Vegilani*), pgg. 36. 57, etc.: Vegião. *Vimara* (*Vimaranis*): Guimara, Guimarães. *Itila* (*Itilanis*): Idães. *Sunila* (*Sunilanis*): Soalhães.

II. Da mesma fórma que os nomes em *-a* tinham o genitivo em *anis*, tambem os em *-o* tinham em *onis* o genitivo, como era regra em latim. Parece, porém, que os nominativos, influenciados por aquelle caso augmentão com um *n* a sua terminação.

Carlon, pg. 67: Carlão. *Gaton* (*Gatonis*), pgg. 4, 5, 6, 17, etc.: Gatão, Gatões. *Midon* (*Midonis*): Midão, Midões. *Miron* (*Mironis*): Mirão. Mirões. *Tello* (*Tellonis*): Tellões.

III. A composição com *-ricus* é extremamente vulgar, e produz *-rigo* e *-riz*.

Adericus, pg. 407: Aderigo, Adourigo. *Ildericus* (*Ilderici*), pgg. 36, 71, etc.: Aldariz, Aldriz, Aldrigo. *Alaricus* (*Alarici*), pgg. 213, 229, etc.: Ariz. *Ansericus* (*Anserici*), pgg. 38, 96, 131, etc.: Ançariz, Anseriz. *Argericus* (*Argerici*), pgg. 9, 59, 71: Aljariz, Aljeriz, Argeriz. *Blandericus* (*Blanderici*): Brandariz. *Destericus* (*Desterici*) pgg. 8, 125, 154: Destriz, Estriz. *Eiricus* (*Eirici*): Eirigo, Eiriz. *Ascaricus* (*Ascarici*): Escarigo, Escariz. *Ermoricus* (*Ermorici*): Esmerigo, Esmeriz, Esmoriz. *Espanaricus* (*Espanarici*) pg. 477: Esprigo, Espariz. *Flomaricus* (*Flomarici*): Formarigo, Formariz. *Frearicus* (*Frearici*) pgg. 282, 294, 314: Frariz, Freiriz. *Gomaricus* (*Gomarici*) pgg. 17, 37, 129: Gomariz. *Guntericus* (*Gunterici*): Gondariz, Gondoriz, Gontariz. *Lovericus* (*Loverici*) pgg. 162, 175, etc.: Lobrigos. Lavariz, Lavoriz. *Leodoricus* (*Leoderici*): Lorigo, Louriz, Luriz. *Honoricus* (*Honorici*): Origo, Oriz, Ouriz, Ourique? *Reiricus* (*Reirici*) pgg. 25, 73: Reirigo, Reiriz, Reriz. *Romaricus* (*Romarici*): Romarigo, Romariz. *Savaricus* (*Savarici*): Sabrigo, Sobarigo, Savoriz. *Soniaricus*, pgg. 22, 228: Senhoriz, *Seserigus* pgg. 25, 323, Sezerigo. *Theodoricus* (*Theodorici*): Tourigo, Touriz, Turiz. *Viaricus* (*Viarici*): Beiriz, Veirigo, Verigo, Veriz, Viariz.

IV. Não menos numerosamente representado é o grupo em *-mirus* do que o antecedente. Deriva-se delle invariavelmente *-mil* [1].

[1] No onomastico apparece *Sousamil*. Evidentemente o primeiro elemento *Sousa* é um elemento germanico. Só tenho encontrado *Soiso* nos nomes de pessoas e com raridade.

Antemirus (i) pgg. 249, 367: Antumil. *Argemirus* (i), pgg. 98, 101, etc.: Argemil. *Agromirus* (i), pg. 9: Argomil. *Armirus* (i), pg. 85: Armil. *Crescemirus*, pgg. 7, 20, 28: Creixomil. *Gontemirus* (i): Gontomil. *Leomirus* (i), pg. 30: Leomil. *Franchimirus* (i), pg. 48: Francemil (Outeiro de-). *Recemirus* (i), pgg. 79, 197 etc.: Reçomil. *Songemirus* (i), pgg. 2, 9, 26, etc. Sangemil, Sanjumil. *Sendamirus* (i) pgg. 171, 194, etc.: Sandamil, Sandomil. *Theodemirus* (i), pgg. 205, 211, etc.: Theomil. *Tructemirus* (i), pgg. 10, 11, 49, etc.: Tertumil, Tortomil. *Viliamirus* (i): Guilhamil, Guilhemil, Guilhomil. *Baldemirus* (i), pgg. 308, 386, etc.: Valdemiro.

V. Assim como apparece ora *-sindus*, ora *-sendus* nos nomes de pessoas, tambem nos nomes de logar apparece umas vezes *-sinde* outra *-sende*. Creio que *sindus* corresponde ao godo *swinds* (fonte).

Ausendus (i), pgg. 17, 99, 101: Ousende, Ozende. *Ermesindus*, pgg. 7, 19, 31, etc.: Ermezinde. *Spanusindus* (i), pgg. 37, 40, 49, 564: Espozende. *Gondusindus* (i): Gondesende, Gozende. Gozendo. *Leovesendus* (i), pgg. 41, 89, etc.: Luzinde. *Provesendus* (i), pg. 158: Provezende. *Requesendus* (i), pgg. 131, 140: Requesende. *Todesindus* (i), pgg. 27, 60: Touzende. *Tructesindus:* Tortozendo.

VI. Os nomes em *-gildus* conservam-se em *ide, ido, gido, gil, gilde, il*.

Anagildus (i), pgg. 9, 99, 125: Agil, Agilde. *Atanagildus* (i): Atahide, Athaide, Thaide, Tagil, Tagilde, Tugilde. *Ermegildus* (i): Ermegil. Ermegilde, Remegilde. *Fagildus:* Fail, Failde, Fagido. Fagilde. *Gildus*, pg. 36: Gilde. *Lovegildus:* Novogilde. *Pederagildus*, pg. 84: Pedraido. *Sonigildus*, pg. 309: Singil.

VII. Os nomes em *-ulfus* transformam-se em *-ufe, -ulfe*.

Adaulfus (i): Adaufe, Adoufe, Adufe. *Arulfus* (i), pg. 211: Arufe. *Berulfus* (i), pgg. 124, 135: Brufe. *Astrulfus* (i): Estrufe. *Frojulfus* (i), pgg. 62, 103: Frejulfe, Fresulfe. *Gondulfus* (i): Gondufe. *Manulfus* (i), pgg. 26, 96: Manhufe. *Nandulfus* (i), pgg. 384, 328: Nandufe. *Viliulfus* (i): Guilhufe, Galhufe. *Randulfus* (i): Rendufe. *Regaulfus* (i), pgg. 80, 172, 494: Rugufe. *Sagulfus* (i), pgg. 74, 99, etc.: Saguffe. *Sesulfus* (i), pgg. 298, 300, etc.: Sezulfe. *Aiulfus* (i), pgg. 159, 307: Aiulfe.

VIII. Os em *-nandus* ficam umas vezes em *-ande, ando*, outros em *-andos*.

Bretenandus (i), pg. 51: Bertiandos, Britiande. *Ferdinandus* (i): Friande. *Sisnandus* (i): Sernande. *Invenandus* (i), pgg. 11, 31, 76: Enviande, Inviande. *Venandus*, pg. 248: Viando. *Tutenandus* (i), pgg. 44, 135: Toande.

IX. A terminação *-mar* ou *-marius* conserva-se habitualmente em *-mar*.

Avomar, pgg. 49, 76, etc.: Aver o Mar. *Gundemarius:* Gondomar. *Leodemar*, pgg. 14, 180: Lumar. *Baldemar*, pg. 303: Valdemar.

X. *Manualdus* dá Mangualde e Moalde. Outras povoações ha onde se encontra a fórma germanica como em: Insalde, Ramalde, Roalde, Sizalde. etc.

XI. A terminação *-atus* dá *-ado* e *-ade*, qualquer que seja a sua origem. *Gagiatus* (i), pgg. 366, 381: Gaiate. *Rapinadus*, pgg. 77, 219: Repiade, Revinhade. *Sagatus* (i), pgg. 26, 81, 123: Segade. *Sposatus* (i), pg. 16: Espozade. *Tardenadus* (i), pg. 55: Tardinhade. *Viliatus* (i), pag. 5, 6, 98: Guilhade, Guilhado.

XII. De — *arius* tira-se *-ar* e *-eiro*.

Alduarius, pagg. 2, 31, 97, etc.: Aldar, Aldoar. Aldoeiro. *Baltarius:* Baltar, Balteiro. *Odoarius:* Odeiro (Casal). *Gualtar*, pg. 258: Galtar. *Gulfar*, pg. 563: Golfar. Gulfar. *Gundiarius*, pagg. 6, 33, 99, etc: Gondar. *Rauparius*, pagg. 137, 168, 193: Roupar, Roupeiro. *Zamarius*, pagg. 32, 33, 37, etc.: Sameiro. *Sentarius*, pagg. 153, 162, 241: Santar.

XIII. Os nomes terminados em *-redus*, *-badus* e *-fredus*, mudam-se respectivamente em *-rei* ou *-reu*, *-vai* e *-frei*.

Balderedus, pagg. 55, 89, etc.: Valdreu. *Dagaredus (i)*, pagg. 2, 22, etc.: Darei. *Egaredus (i)*, pagg. 2, 35. etc.: Garei, Iguarei. *Recaredus:* Recarei. *Toderedus (i)*, pagg. 19, 94, etc.: Tarei. *Vimaredus (i)*, pagg. 28, 29, 70: Guimarei.

Argivadus (i), pagg. 39, 121, etc.: Argivae. *Gondivadus (i)*, pagg. 44, 98, etc.: Gondevae. *Vilibadus (i)*, pagg. 83, 96, 144: Guilhovae.

Segifredus (i), pagg. 244, 246: Jesufrei. *Vilifredus (i)*, pagg. 22, 46, 495: Guilhofrei.

XIV. Grande numero de nomes de povoações com a terminação *im* provém de nomes proprios quer romanos, quer de origem germanica.

Abolinus (i), pagg. 25, 40: Aboim: *Flamolinus (i)*, pagg. 136: Chamoim *Christinus (i)*, pag. 39: Crestim. *Flaginus (i)*, pagg. 219, 234: Fregim. *Gondelinus (i)*, pagg. 14, 15, etc.: Gondelim. *Joacinus (i)*, pagg. 41, 77, etc.: Jozim, Joazim. *Juvinus (i)*, pagg. 3: Jubim. *Mandinus (i)*, pagg. 135, 197, etc.: Mandim. *Palatinus (i)*, pagg. 39, 144, etc.: Padim. *Pepinus (i)*, pagg. 108, 156, etc.: Pepim. *Sarracinus (i)*, Sarrazim. *Seniorinus (i)*, pagg. 14, 39, 61: Senhorim (Cannas de).

XV. Para mais de dezoito povoações conservam ainda o nome germanico *-mundus*. Taes são: Bamonde, Estremonde Freamunde, Gemunde, Germunde, Gilmonde, Gimonde, Reçamonde, Recamonde, Reimonde, Remonde, Rosamonde, Salamonde. Terlamonde. Theamonde, Themonde. Tresmonde.

As seguintes povoações, segundo creio, tem, tambem, nomes proprios germanicos: Adagoi, Donai, Guissoi, Jaçoi, Rajoi, Sidoi, Villestoi (Villa Estoi).

XVI. Os seguintes nomes de povoações são, tambem, na sua maioria de origem germanica, segundo as condições que tenho exposto.

Affife ou Faife de *Falif*, Alvite e Alvito de *Alvitus*. Bamba deve ser *Wamba* ainda que ha difficuldade. Cide de *Citi* ou *Ziti*, parece arabe. Coterre de *Goterre*. Espaio vem de *Espadius*, pagg. 1, 402. 430. Espargo de *Sparacus*, nome tambem usado em França. Fafe de

Halaf, parece arabe. France de *Francus*. *Vilifonsus* dá Galifonxe, Guilhafonce, Guilhafonso. Marcco e Marecos de *Marecus*. Morgado de *Mauregatus*. Murça de *Muza*. Ordonho de *Ordonius*. Vermoil, Vermoim e Vermil parecem provir todos de *Vermudus* (*Vermundinus?*) Trute de *Tructus*.

XVII. Os seguintes nomes de origem romana são transparentes na sua etymologia: Argente, Bacias (Macias), Bente, Cezar, Chave (Flavii, em Arouca), Chrestovo, Christoval, Constance, Constantim, Esteve (Couto de), Gaioso (Gaudiosus), Jazente (Hyacinthus), Joanhe, Janne, Juste, Lazarim, Leandre. Lourentim, Margaride, Montareola *(Montem Aureoli?)*, Palmazões (Palmatianus), Palmaz (Palmacius), Pedre, Sanche.

Em *Orelhão* póde considerar-se como certa a etymologia que o faz derivar de *Aurelianus*. No norte de Hespanha temos *Orejo* derivado de *Aurelio* [1].

Resta ainda tratar, o que ficará para outro artigo, dos nomes de mulheres. No emtanto direi que a maior parte dos nomes de povoações terminados em *-ilhe* provém de nomes de mulheres terminados em *-hildi* ou *-ili*.

PEDRO A. D'AZEVEDO.

EXCAVAÇÕES ETHNOGRAPHICAS

1. Adivinhas populares

No numero 6 da *Era Nova*, periodico scientifico e litterario que via a luz em Lisboa em 1880, publicou o sr. Theophilo Braga um erudito artigo sobre as Adivinhas e Enigmas populares. N'esse artigo procurava o sr. Theophilo Braga o rasto que essa fórma da intelligencia popular deixara na litteratura, e citava o *Passatempo honesto de Enigmas e Adivinhações* de Francisco Lopes, cuja primeira edição é de 1603.

Outros vestigios e alguns d'elles importantes apparecem porém, e vem demonstrar que a adivinha — se tinha e tem caracter popular — teve tambem accentuado caracter erudito, sobretudo no seculo passado.

*

Anteriormente, e muito anteriormente, a Francisco Lopes, já em Gil Vicente encontramos este curioso elemento. No *Auto Pastoril Cas-*

[1] Conforme o indice dos documentos, já publicados em 1874, do Mosteiro de Sahagum.

telhano, um dos interlocutores, Braz, propõe que joguem *a adivinhar.* Os companheiros acceitam e Gil apresenta a seguinte adivinha:

Qual es aquelle animal
Que corre y corre, y no se vê?

Braz responde que é o peccado mortal, mas Matheus não concorda, dizendo:

Mas el viento, mal pecado,
Creo yo que será ese.

*

É todavia no seculo passado que se encontram as formulas mais curiosas e extravagantes do enigma. A madre Maria do Céo foi um dos espiritos mais alambicadamente cultos da sua época e era merecida a fama que gozava. As suas obras denunciam-nos a futilidade do meio social em que se desenvolveu a sua intelligencia subtil, toda impregnada dos artificios gongoricos. O seu estylo, que nós hoje consideramos ridiculamente pretencioso, era tido então na conta do mais apurado cultismo. N'um dos seus livros intitulado *Enganos de bosque, desenganos de rio* (1741), e que é uma especie de romance pastoril, vem no fim, sob o titulo de *Adagios*, uma collecção de enigmas em numero de 35. Cada um dos adagios é acompanhado da sua explicação ou *declaração* e da sua moralidade ou *aviso.* Os adagios são em verso, alguns d'elles rimados, outros apenas toantes; a declaração e o aviso são em prosa. Daremos exemplos de uns e outros:

Eu sou um odre de vinho,
pelo nome e pelo ser,
se me quereis entender
na mão tendes o adivinho.

DECLARAÇÃO

Uma luva é vinho pelo nome, que acaba em uva, odre pelo ser, porque é de couro, na mão está a adivinhação, porque se calça n'ella.

AVISO

A luva é a decencia da mão de uma dama; se esta fôr instrumento de boas obras, ficará a ser concha de perola fina.

Uma mulher que apanhou
a outra do imperio seu
tanta pancada lhe deu,
que emmendada a deixou,
sobre um espelho a espancou,
de nenhum foi defendida,
e a admiração nos convida
vêr que aqui por derradeiro
ficou o espelho inteiro,
ficando a mulher moida.

DECLARAÇÃO

Uma lavandeira assim trata a roupa sobre o espelho do rio.

AVISO

A roupa por lavar seja aqui significativo da alma impura, a quem a penitencia, que allude á lavandeira, purifica de toda a mancha sobre o christal do desengano, que é o rio: a este espelho se olha o arrependido, e ali, vendo o que é, não tornará o que foi, lavando suas manchas em suas lagrimas.

Na fresca Aurora sou dama presada,
na ardente sésta rica apetecida,
quando na mesma tarde sou roubada,
por mais que d'altos muros defendida,
logo na fria noute prolongada
fico feia e nos ossos denegrida,
o mundo todo inteiro me acha graça,
mas ai! que a todo o mundo fui desgraça!

DECLARAÇÃO

Decifra-se em uma arvore de fructa na aurora, que representa; a primavera é florida, que simbolisa a sésta no verão apetecida pelos fructos, na tarde, que é o outomno despojada de estes, na noute cifra do inverno feia e despida; a desgraça lá se achará no paraiso.

AVISO

A arvore satisfaz ao para que foi creada, dando as flôres na primavera, os fructos no outomno, e as esperanças no inverno adonde quem a vê despojada a espera restituida. Arvores com alma somos todos, que estas são simbolos dos racionaes. Deus os creou para si,

tomemos lição do vegetativo, dando-lhe as flôres de nossa mocidade, e os fructos do nosso outomno, para que as esperanças do inverno achem no céo a posse para que foram creadas.

E' uma negra boçal,
fazendo acintes continos,
mui perigosa no tracto,
mal segura e mal soffrida,
sempre arremedando as brancas;
porém não ficaes perdida,
se a compraes, que leal
defende a quem a captiva.

DECLARAÇÃO

Decifra-se em uma figa d'azeviche; uma figa arremeda a quem as dá; a do azeviche é perigosa, mas defende do quebranto e figas são acintes.

AVISO

Quando os escravos são leaes a seus senhores, devem estes tractal-os como irmãos e não como captivos, que a côr não faz o merecimento, senão as obras: negra se chama a Esposa e logo se diz formosa, porque a virtude a deixava resplandecente: uma noute clara tem mais estimação que um dia nublado: a um escravo leal se deve melhor logar, que a um branco infiel, pois está cheio de virtude e o outro de vicio.

*

Não se póde negar que este Aviso é impregnado da mais santa uncção evangelica e respira o mais delicioso perfume da igualdade humana.

Maria do Céo foi religiosa do convento da Esperança e duas vezes sua abbadessa. Os *Enganos do Bosque* formam o oitavo tomo das suas obras. Apesar da opinião de *religiosissima*, em que era tida geralmente, é de notar os embargos que o Santo Officio poz á publicação do seu inoffensivo livro. Resa assim a licença d'este tribunal:

Vistas as informações, póde-se imprimir o oitavo livro das obras da Madre Maria do Céo, menos o Serão religioso, ou mudada a figura do padre Oliveira em outra que não seja ecclesiastica conhecida, e tirados tambem os termos de Auto da Fé e Inquisição, etc.

Com pouco se assustava o Santo Officio. Sacratissimos escrupulos!

*

Fallemos agora de um seu contemporaneo, religioso tambem, homem de uma vastissima erudição, cujo *Vocabulario* é ainda hoje um riquissimo repositorio linguistico. Sabem já que nos referimos ao padre Raphael Bluteau.

No segundo volume das suas *Prosas portugesas*, ha uma intitulada *Prosa symbolica*, em que nos mimoseia com uma numerosa collecção de descripções enygmaticas. Figuram ahi a abelha, a aranha, a teia de aranha, a agulha, o alfinete, o arco do bésteiro, o arco celeste, o pavão, a neve, etc. Estas descripções são em prosa cortada, disposta em fórma de verso. Apresentaremos alguns exemplos.

Rompa a fileira:

A ARANHA

Com os pés sabe fazer
O que com mãos faz Minerva,
Lança fios sem lançadeiras,
Urde teias sem teares,
E com mathematica proporção
Do centro para a circumferencia
Deitando linhas, estende redes,
Com que pesca no ar
Em pensyles labyrinthos;
Arma transparentes ciladas,
E sem correr, como Diana,
Bosques, mattas e silvados,
De um canto da sua casa,
Deante de si vê a caça;
E é d'ella tão gulosa
Que para a colher a todo o preço,
Sem piedade se desentranha
E cruelmente obstinada
Roto um laço, tece outro.

O VIDRO

Deu-me o ser um tyrano
que tudo destróe,
Admitto a luz, rechaço ao vento,
De todo o licor sou o asylo,
Nos olhos ajudo a vista,
Pelas costas opaco represento tudo,
E se dobrar me podera o martello
Teria mais valor que o ouro.

Seria curioso ajuntar em volume não só as adivinhas e enigmas

populares, mas as que teem cunho litterario, como aquellas de que acabamos de revelar e de dar uma amostra [1].

SOUSA VITERBO.

2. Uma quadra popular glosada por D. Francisco Manuel de Mello

D. Francisco Manuel de Mello é um dos mais notaveis escriptores do seculo XVII pela facundia e variedade dos trabalhos com que enriqueceu as duas principaes litteraturas da peninsula, a castelhana e a portugueza, a ponto de ser considerado classico n'uma e n'outra. Terso, elegante, conceituoso e vernaculo, o eminente polygrapho não escapou todavia aos defeitos predominantes da sua época. O contagio era geral. Apesar de pertencer á fidalguia e de exercer importantes cargos officiaes, D. Francisco Manuel não desdenhou de estudar a linguagem do povo. A prova encontramol-a. sobretudo nos *Apologos Dialogaes* e na *Feira dos Anexins*, tecido de proverbios e idiotismos populares.

As suas innumeras poesias foram publicadas em 1645, em Leão de França, n'um grosso volume em 4.º, sob o titulo de *Las Tres Musas del Melodino*, dividido em livros, segundo o costume do tempo, e tendo cada um d'elles a sua designação especial, como *Harpa de Melpomene*, *Citara de Erato*, etc.

Na *Viola de Talia*, pag. 103, na collecção dos motes, vem o XVII glosando uma quadra popular. Diz o titulo explicativo: *Mandou quem podia, se glozasse ao Menino Jesus esta cantiga vulgar na festa do Natal.*

Seria acaso D. João IV ou pessoa que para o poeta teria tanto valor como el-rei?

Eis agora os versos:

MOTE

Os vossos olhos, Menino,
a vender andão na praça;
não ha dinheiro que merque
olhos de tão linda graça.

GLOSA

Quem diz que sois avisado,
meu Menino, pouco alcança,
basta que de namorado,
não sendo nunca criado,
sempre haveis de ser criança.

[1] Do *Commercio Português*, 3-XII-1882, n.º 277.

Vêdes como se arrependem
de vos vender de contino
os homẽs, que vos offendem?
que oje aos olhos vistos vendem
os vossos olhos, Menino!
Vendelos he grande dôr;
mas que me espanto ou que peço
lastimas ao vosso Amor?
porque sempre hade ter preço
quem sempre teve vallor.
Desde o Impirio até ao profundo
lhes destes vós tanta graça
e tal valor, que segundo
andarão aos lanços no mundo,
a vender, andão na praça.
Olhos tanto para vellos
e de hum vêr tão infinito,
quem deixará de querellos?
quando é já mayor delito
não comprallos que vendellos!
Se o desejo só bastar,
logo tal thesouro cerque,
mas couza tão singular,
sim ha quem queira comprar,
não ha dinheiro que merque.
Hum mao mercador vendeu
os vossos olhos serenos,
e tão baratos, que os deu
(se não a Mouro e a Judeu)
aos Judeus só, quando menos.
Pouco vossa vez entende,
olhos, que vos torna a graça,
se seu remedio pretende;
pobre de graça he quem vende
olhos de tão linda graça.

E' de advertir que a edição de Lyon, por ser composta de artifices estrangeiros, está afeiada de frequentes erros typographicos, a que de certo não escapou a poesia transcripta.

Sousa Viterbo.

GIL VICENTE [1]

Vida—Obras consultadas

[2] Gil Vicente na classe de escriptor e poeta he hum ser a parte. Portugal lhe deu nascimento, sem saber-se aonde, nem quando. Falta-lhe a longa série de progenitores e avoengos que aos mais enche folhas e volumes; falta-lhe o commercio dos contemporaneos; faltão-lhe outros adjuntos, que tanta fama e celebridade dão ás vidas. Existe todavia a distancia dos tempos para nelle se venerar o misterioso da antiquidade, o obscuro dos subterraneos, que ninguem avalia ao certo, e a todos parece muito maior do que hé.

Falta-lhe um cognome de pergaminhos, hum appellido de cavalleiro; nelle se reconhece a nobresa sem prosapias, os grandes talentos sem affectação, a sabedoria sem Escólas, nem Mestres, obras primas sem imitação, nem modellos. A primeira epocha marcada na sua vida hé o anno de 1502, em que nasceu o Snr. D. João III, festejado como foi por composiçoens poeticas suas, o que me faz presumir nasceria em 1476 pouco menos ou mais. E diz-se morrêra em Evora em 1557. O resto que se conta são conjecturas, atiradas a esmo por mero encarecimento, do que se pretende aver. Que Erasmo aprendera o Portuguez para lêr Gil Vicente.

Compôs: Autos — Comedias — Tragicomedias — Farças — Lamentos — Arrenegos — e outras obras impressas em 1580 por Andre Lobato.

Autos são representaçoens a festejar objectos sagrados ou profanos. O Auto dos Reis Magos hé a representação da festa dos Reis, segundo a crença christan. Auto da Fé explica nelle a Fé as figuras e preparos de um Pontifical. Comedia da Serra da Estrella consiste na vesita, que a mesma serra veio fazer, aos nossos Reis por occasião do nascimento de um Princepe.

Farças pouco differem das comedias. A do Viuvo, que tinha duas Filhas e ambas queriam casar com o mesmo sugeito. A de Pero Marques. Juiz da Beira, accusado de ser máo Juiz. Tragicomedias são representaçoens sobre cavallarias como Amadis de Gaula. No auto quinto, que hé a representação dos quatro tempos Veram, Inverno, Estio, Outono, hum Serafim cantando diz:

> A ti dino de adorar
> a ti nuestro Dios loamos
> a ti señor confessamos
> Sanctus, Sanctus sem cessar.

[1] Este trecho é extrahido da *Historia da Litteratura Poetica Portugueza* de D. João da Annunciada (fall. em 1847), ms. existente na Bibliotheca de Evora, onde o compulsei em 1898. Constitue o cap. II da 2.ª epocha, pag. 207 a 217. — Ao dr. Manoel Monte, empregado da referida Bibliotheca, agradeço o trabalho que teve de fazer a cópia do trecho que imprimo aqui. — *J. L. de V.*

[2] Por vaidosa similhança, por coincidencia com Homero lhe dão quatro patrias: Lisboa, Guimarães, Barcellos, Pederneira.

Immenso Dios eternal
Omnis terra honra a ti
Tibi omnes angeli
Sanctus, Sanctus sem cessar.

No Auto que representa a Feira, Mercurio prediz os successos sugeitos á influencia dos Planetas, e hum Serafim enviado por Deos diz a pedido do tempo:

Aa Feira aa Feira ygregas mosteyros
pastores das almas papas adormecidos
compray aqui pannos muday vestidos
buscay as çamarras dos outros primeiros
os antecessores.
Feiray o caram que trazeis dourado
oo presidentes do crucificado
lembraivos da vida dos santos pastores
do tempo passado.

Oo principes altos imperio facundo
guarday-vos da ira do Senhor dos Ceos
compray grande soma do temor de Deos
na feyra da Virgem Senhora do mundo
exemplo da paz.

O Diabo na Feira emprega todas as diligencias para inculcar as suas Fazendas; voltado para o tempo diz:

falando com salvos rabos
inda que me tẽs por vil
acharaas homẽs cem mil
honrados que são diabos.

Em outra parte diz o Diabo:

Toda a gloria de viver
das gentes hé ter dinheiro
e quem muito quiser ter
cumpre-lhe de ser primeiro
o mais ruim que puder.

Maria Parda nos seus Prantos lamenta vêr as ruas de Lisboa tão faltas de Louros e Tabernas e diz:

Eu soo quero prantear
este mal que a muitos toca
que estou já como mynhoca
que puseram a secar.
Triste desaventurada

que tão alta está a canada
para mi como as estrellas
Oo coitadas das guellas
oo guellas da coitada.

Testamento de Maria Parda:

A minha alma encommendo
ha Noe e ha outrem nam
meu corpo enterraram
onde estam sempre bebendo
Leixo por minha herdeira
e tambem testamenteira
lionor mendes da a ruda
que vendeo como sezuda
por beber ata a peneyra.

Arrenegos são pragas lançadas aos males que succedem na vida: diz o Barqueiro do Inferno.

Pois o Rio vae tão mal
e a barca tão vasia
começo de arrenegar
primeiro de minha tia
Arrenego da fantazia
de quem mais que a mim amou
arrenego eu do grou
Que voando foi ao ceo.
. . . .
Outros arrenegos disem:
Arrenego de ti mafoma
e de quantos creem em ti
arrenego de quem toma
o alheio para si
Arrenego de quantos vi
de quem foram esquecidos
arrenego dos perdidos
por causar não mui honestas.

Reflexão immediata

Quando a Europa, áquem dos Alpes, esquecida das graças da Poesia d'acção havia perdido quasi da Memoria os exemplares Gregos e Romanos, em que o antigo Lacio tanto se versava, para attender e estudar insulsos Romances, Historias de Cavallarias, cantadas sem verosimilhança, no tempo em que na nossa Lusitania erão igno-

rados os preceitos da arte, as regras dos Mestres, e a Lira ou tinha uma corda sómente, ou soáva como Pandeiro embocado pelos Trovadores; nesse mesmo tempo Gil Vicente levanta a voz e apparece hum Teatro nos Paços Reaes, em que residia o Padrinho do Cabo da Boa Esperança, o grande Rei D. Manoel. Xabregas, Lisboa, Almeirim, Evora o virão e applaudirão. Nenhum outro Poeta houve de que tanto se gostasse, cada representação sua era convite para outra, e fasião-se novas instancias para que fosse em grande festividade ou repetida, ou renovada.

Não só elle mesmo era actor nas suas Peças, mas até as Pessoas Reaes lhe fazião a honra de representar nellas pois que na comedia do Viuvo o Snr. D. João III, Principe ainda então, decidiu soberanamente no Teatro qual das duas Irmaas Paula, ou Melicia devia casar com Rosvel.

Tanta graça, tanto chiste acompanhava este engenho rarissimo!

Não se presuma, que as peças de Gil Vicente se representavão nas Igrejas, de mistura com os officios Divinos, como se tem dito expressamente pelos Estrangeiros e muitos Nacionaes, e se dá a entender, sem que disto se falla pela circunstancia do tempo, que de ordinario lhes designa a noute do Natal. Muitos annos houve que a corte passava a noute do Natal neste entertenimento por ser de Vigilias, e grande concorrencia nos Paços ás consoadas de passas, frutas, corcoroens, ou coscoreis e outras *Lambugens* da festa, que os senhores da Familia Real repartião com larguesa a seus creados e afilhados. Para occupar tanta gente dava-se-lhe espetaculo no intervallo das Matinas, acabadas estas seguia-se a Missa do Gallo, a que a corte vinha assistir, e depois a representação ou continuava, ou acabava. Nos dois reinados do Snr. D. Manoel e do Snr. D. João III, Gil Vicente era a alegria da corte em qualquer parte que andasse. Especial Acolhedor de vivas e applausos da Rainha a Snr.ª D. Maria Mai dos Principes, Princesas, e cortesaas, sem haver em tão longo tempo quem lhe recusasse a primasia, ou denunciasse a imitação ou o plagiato.

Juizo

Reduzem-se nossos criticos a chamar a Gil Vicente o Plauto Portuguez, e a hum pouco mais. Só na prioridade (creio eu) isto he em ser hum o mais antigo comico Romano, e outro o mais antigo comico Portuguez ha ponto de semilhança entre Plauto e Gil Vicente. Na presença dos Preceitos e turgidas regras, Gil Vicente hé hum serrano que de Manta ás costas, cajado na mão e çapatos ferrados vem á corte e canta em termos chulos as graçolas dos pastores, seus pasmares e admiraçoens; porém fechada a arte, e aberta a naturesa o coração, o Poeta Gil Vicente he hum sabio, hum prodigio de engenho, riquissimo na invenção, ordenado no methodo, engraçado na linguagem, parco em sentençar, humas vezes jovial e galhofeiro, outras satirico, mordaz, sempre original sem imitados nem imitadores.

Como Theologo conhece as Escripturas, e interpreta os Santos Padres, como Philosopho entende bem a malicia comum e a designa sem frivolidade: os cortesãos o honrão, o Povo lhe bate as palmas, a Inquisição o risca e queima. Gosta-se de ouvir nelle a lhanesa com a vivacidade, a chulice com o sério, o sagrado com o profano em logares separados, e fazendo cada um seu officio áparte. Os espectadores gritão por Gil Vicente no Theatro, os Inquisidores na Fogueira.

No Tribunal do sentimento do merito litterario o Poeta é a luz e guia do Theatro; no Tribunal das Feitiçarias he hum libidinoso que revela as manhas amorosas com expressoens resaibidas a sensualidade.

DIALECTO INDO-PORTUGUÊS DE GOA

Sem embargo de quatro seculos da dominação portuguesa e das comminações civis e ecclesiasticas, o konkani é a lingua vernacula e materna de Gôa, ou, como lá se chama, em contraposição ao português, «a nossa lingua, *āmchī bhās*» [1].

Aprende-se o português na eschola e por livros, em todas as gradações que produz a acquisição de um idioma estranho, desde as primeiras noções, em que aflora a lingua propria, até ao conhecimento perfeito. Raros são, salvo entre os descendentes, que constituem uma pequena parcella da população, os que o balbuciaram na infancia, e isso mesmo de envolta com o konkani, como é habito geral, até nos mais adeantados.

O português de Gôa não tem, portanto, a importancia glottologica dos outros dialectos ou crioulos indo-portugueses, abandonados á sua propria evolução, sem influencia directa da lingua-mãe. Apresenta, porém, muitos pontos de contacto na phonologia, em que se approxima tambem do português do Brazil, e em especial na lexicologia.

O assumpto seria tratado com mais competencia por um europeu, entendido nesses estudos, que tivesse residido na India em intimo convivio com os indigenas. Mas até hojo não houve nenhum que o fizesse.

Abalanço-me, pois, á tentativa de o versar succintamente nas suas peculiaridades mais salientes e communs.

[1] Vid. *Ensaio historico da lingua concani*, por Cunha Rivara.

A) Phonologia

VOGAES ORAES.

A inicial e medial é sempre aberto: *más*, adj. e adv., *àmámos*, pres. e perf., *sàpáto*.

A e *o* finaes não se ouvem distinctamente na bocca das mulheres e das creanças: *minh filh*, *quant dinheir*, *um vestid* [1].

Apherese de *a* em *bafada* ou *bafado* = abafado (estufado) e *caflar* = acafelar e seus derivados *caflador* e *cafladura* [2].

Syncope de *a* em *Jôquim*, *Jôquina* [3].

Apocope de *a* nos numeraes *trinta*, *quarenta* etc., (em proclise): *trint'e dois*, *cincoent'e quatro*, *sessent'e oito*.

Epenthese de *a* em *dezá-reis*, *quinzá-reis*. Diz-se tambem *dezáôito* [4].

Não ha *e* medial grave ou surdo. Tem o mesmo som o *e* do *bello* e *belleza*, de *mel* e *melar*, de *prégar* e *pregar* [5]. Degenera ás vezes em *i* na primeira syllaba: *milhor*, *piqueno*, *minimo*, *sinhor*, *cimiterio*, *pipino* [6]. Tambem *bática* = *batega*.

E não se desenvolve em *ei* antes de *x*: *exemplo* (não *eizemplo*), *eksceplo* (não *eiceto*).

Não tem o som de *i* o *e* atono antes de *a* ou *o*: *cêar*, *lêoa* (não *ciar*, *lioa*); nem o *e* inicial syllabico: *èdital* (não *idital*), *hèsitar* (não *isitar*).

E' fechado o *e* antes da terminação *ja* e *lha*: *igrêja*, *invêja*, *têlha*, *abêlha* [7]. E', pelo contrario, aberto em *péna*, *espésso*, *travésso*.

Dá-se iotização no *e* final surdo: *si*, *mi*, *fonti*, *tardi* [8].

Phenomenos avulsos: *dé* = de (prep.), *quê* = que (rel. e conj.), *qui* = que (interrog.), *persulana* = porcellana, *parèsquê* = parece que (tambem no Brazil), *cal'-se* = cale-se [9], *Dalgado* (appellido) = Delgado (infl. da liquida).

I postonico dos esdruxulos desapparece entre *j* e *o*: *collejo*, *relojo* [10], de que se fórma *relojeiro*. Tambem *laps* = lápis.

[1] No dial. do norte cáe, em regra, a vogal final atona. Vid. H. Schuchardt, *Kreolische Studien*, III *ueber das Indoport. von Diu*. Dá-se o mesmo phenomeno, posto que em menor escala, no dial. de Mangalor. «Que se não supprimam na pronunciação as lettras finaes *a*, *m*, *o*, *s* e no principio e no meio da palavra a consoante *v*, como em geral se costuma». Junta local de instrucção de Salsete.

[2] No dial. de Diu. *baffi* ou *bafid*. Schuch. nota: «Wie Herr Professor G. Bühler mir gütiget mittheilt, von gudsch. (guzerata) *bâph* Dampf.

[3] Em konk.: *Jäki*, *Jäkin*.

[4] Port. ant.

[5] As linguas indianas não teem vogaes surdas.

[6] Commum a todo o indo-português. Tambem no continente.

[7] Cf. J. L. de V., *Dialectos alemtejanos*.

[8] Tendencia commum a quasi todos os crioulos portugueses. Cf. «*Mi* dê essa fructa». «Qui diabo!» J. L. de V., *Dialecto brazileiro*.

[9] Cf. J. L. de V., *Dialectos trasmontanos*, I.

[10] Vulgar no continente.

O medial é geralmente fechado ou aberto, poucas vezes surdo: *sôciedade, desgòstar, pòlvòrinho.*

Cáe o *o* final depois de *i* tonico, ainda sem ser em ploclise: *tí* = tio, *rí* = rio, *feití* = feitio, *naví* = navio.

E' aberto o *o* de *cómo* (adv.) [1], *sóbre, cóche.*

Phenomenos avulsos: *persulana* = porcellana, *temp'rada* = temperado (subst.). *bafada* < *bafudo* < abafado (subst.: estufado), *devôto* (pl. *devótos*). «Um prato de *bafada*» [2].

U desenvolve-se em *o* em *bofete* = bufete.

Syncope de *u* em *Manel* (*Manelinho*) = Manuel. Vulgar na Beira.

Syncope de *e, o* e *u* postonicos entre labial e liquida: *vesp'ra* = vespera, *temp'ra* = témpera (por *tempêro.* «Por cada carga de *temperas*» [3]); *vib'ra* = vibora, *camph'ra* = camphora, *fosfr'o* = phosphoro, *abob'ra* = abobora (d'onde *abobreira*); *discip'lo* = discipulo, *escrup'lo* = escrupulo, *retab'lo* = retabulo. De *temp'ra* se faz *temp'rada.* Tambem *oclo* = oculos, e *caflar* e seus derivados [4].

E' nasalada a vogal que precede *m* e *n* (tambem em konk.): *cãma, lãma, cãno, pẽna, mĩnha, nẽnhum.* A nasal influe ás vezes na vogal final tonica que segue: *Thomem* = Thomé, *fernesim* = frenesí, *bambum* = bambú, *concanim* = concaní ou konkani, *perum* [5]. «Cada mil *bambuns. Bambuns* torneados. Defeito de *fernezim* [6]». Tambem *Minguel* = Miguel e *Vincente* = Vicente.

Vogaes nasaes.

A nasal *ã* final desenvolve-se em *ão* em *hortelão* = hortelã [7].

Em final atono (= *ẽ*) attenua-se em *ĩ* subtil: *homĩ, imagĩ, dizĩ, fazĩ.*

Em tonico não se desenvolve em *ẽi: têm, bém, mantém.*

Na proclise consonantica o ditongo *ão* reduz-se a *ã* (facto que se dá tambem no continente): *nã quero, nã pódi.*

Desnasalamento: *ná-wá* = não ha, *serazão* = semrazão [8].

Ditongos.

Au inicial simplifica-se em *a* em *Agusto, Agusta* [9].

O *e* de *ei* e *eu* é fechado, e a subjunctiva muito subtil: *fêĭto, lêĭto, êŭ, mêŭ, sêŭ* [10]. «Insultavam o padre por causa da *céia*». Mas com-

[1] Cf. J. L. de V., *Dialectos interamnenses,* III.

[2] Os exemplos entre aspas são extrahidos de livros e jornaes. Não os cito, para não melindrar susceptibilidades.

[3] F. N. Xavier. *Collecção de Bandos,* etc.

[4] No dial. de Ceylão *vesp'ra, temp'ra* mudam-se em *vésper, témper,* como *sóber, sómber* = sobre, sombra. Vespera < vesp'ra < vésper. *Caflar* é commum.

[5] *Perum* é vulgar no continente.

[6] *Coll. de Band.*

[7] Tambem no dial. de Ceylão e em konk.

[8] *Serezão* no dial. de Ceylão.

[9] Cf. J. L. de V., *Dial. alemtej.,* VIII.

[10] Cf. J. L. de V., *Dial. extramenhos,* I, e *alemtej.* II.

mummente *ei* condensa-se em *ê*, e *eu* desditonga-se antes de consoante final: *azêle*, *bêjo*, *dirêto*, *mantêga*, *mê-us*, *sê-us*. «Trouxe *amêjoas* do rio [1]».

O *i* de *ei* seguido de *a* torna-se semi-vogal e junta-se com elle: *cê-ia*, *mê-ia*.

Experimenta o mesmo destino o *i* antes de *o*: *mê-io*, *fê-io*. Mas ás vezes cáe o *o*: *vei* = veio ou veiu, *mêi-dia* = meio-dia.

Io postonico precedido de consoante, excepto *j*, tem um som muito parecido com o *u* francês ou *ü* allemão: *cartórü* = cartorio, *lábü* = labio, *sábü* = sabio. Conserva o mesmo som no plural: *cartorüs*, *sabüs*.

Iu tem o *u* apocopado em *Dí* = Diu.

Ou inicial e medial condensa-se em *ô* [2]: *ôtro*, *ôvir*; *pôco*, *rôpa*, *tôcinho*. «Foros de *orives*». Mas *Lórenço*.

Simplificação de ditongo: *adés* (a par de *adeus*) [3], *alfüete* = alfaiate [4].

Ditongos novos: *chaile* = chale, *dêi* = dê [5]. «O' Joaquim, *dei* braço áquella senhora». Tambem *autual* e *bautismo* [6], por dissolução de *c* e *p*.

Esdruxulos.

Reducção de esdruxulos: *relojo*, *collejo*; *quisilha*, *familha*; *vespra*, *abobra*, *disciplo*; *sabü*, *cambü*; *cambra*, *tam'ra*; *folêgo*, *trafégo*. «Demorado folêgo».

Consoantes.

E' geralmente aspirado o *c* inicial das palavras provenientes do konkani: *khandil* = candil, *khopra* = copra. Tambem *khamisa* = camisa, pela influencia de *khamís* em konkani.

C e *p* não são mudos antes de outra consoante: *acção* (pron. *akção*), *director* (pron. *direktor*), *accepção* (pron. *aksepção* e não *aceção*).

G muda-se em *c* em *batica* = batega (gamella) [7].

Ch sôa como em inglês ou como o *c* italiano antes de *e* e *i* [8]: *tchave* (não *xave*), *tchaga* (não *xaga*), *atchar* (não *axar*).

X antes de consoante tem o valor de *ks*: *eksepto*, *eksperiencia*.

J muda-se em *z* em *Zusé* = José, *Zusino* = Josinho e *alzibeira* = algibeira.

[1] *Ê* ou *é* por *ei* na maior parte dos crioulos portugueses.
[2] Commum a todos os ramos do indo português. Vulgar no continente.
[3] *Adés*: em Cabo Verde.
[4] *Alfiato*, dial. de Ceylão.
[5] *Dê-i*: no Alemtejo.
[6] *Bautismo*: port. ant. e pop.
[7] Commum.
[8] Em todos os crioulos. «O som de *ch* é egual ao castelhano. Este facto é normal no norte do paiz». J. L. de V., *Dial. minhotos*.

Despalatização de *nh* em *Zusino* = Josinho (dim. de *José*) e *caldina* = caldinha (dim. de *caldo*, especie de caril).

S final é sempre sibilante: *oç tempoç* (não *ox tempox*). *Z* tambem nunca tem o valor de *x* ou *j*.

Emquanto ao *s* medial, tem inteira applicação o que diz o sr. Leite de Vasconcellos, *Dial. extramenhos*, I: «Antes de consoante surda, afasta-se do *s* lisbonense, porque é egual ao *s* sub-cacuminal attenuado; tem o valor de *z* sub-cacuminal attenuado antes das sonoras». Pois diz-se *césta, rezma, mezmo*, e não *cexta, rejma, mejmo*.

L nunca é gutturalizado, conserva sempre o seu som dental.

R inicial é mais brando, como em francês: *rato* (não *rhato* ou *rrato*), *rosa* (não *rhosa*).

Rr dobrado é egualmente mais brando; vale por um em *bairro* (pron. *bairo*) e *bairciro* (por *bairrista*). Mas *párroco, parrochial*, como em algumas partes do continente.

Syncope de *r*, junto com a vogal antecedente, em *alviças* = alviçaras [1], e *surgião* = cirurgião [2].

Metathese de *r*: *perguiça* = preguiça (lat. *pigritia*), *perciso* = preciso, *pertender* = pretender, *fernesim* = frenesí.

Assimilação de *b* em *tamem* = tambem [3]. «Hoje *tamém* não deu».

Epenthese de *b* entre *m* e *r*: *cambrão* (< **cam'rão* < camarão), *cambra* (< **cam'ra* < cambra) [4].

Troca de *b* por *v* em *avano, avanar, adive* = adibe, *casaveca* = casebeque.

V equivale ao inglês *w* [5]. Não se distingue quasi, na pronuncia, *ovo* de *vôo*, *luva* de *lua*. «Arratel de *crao*» (cravo). *Coll. de Band.* [6]

Troca de *v* por *b* em *febrêro* = fevereiro (lat. *Februarius*) [7].

Nj degenera em *nh*: *estrãnheiro* = estranjeiro, *ẽnhenheiro* = engenheiro, *torõnha* = toronja; *arranjar* confunde-se com *arranhar*. Tambem *jẽnhum* = jejum, *jẽnhuar* = jejuar.

SYLLABAS.

Cáe *es* de estar em *tá-bom, dês-tar* = deixe estar.

Lia palatiza-se em *familha* (a par de *familia*) e *quisilha*, e *nia* em *escrevaninha*. «Informação sobre a escrevaninha». *Coll. de Band.*

Qua muda-se em *co* em *corenta* = quarenta, *coresma* = quaresma. Mas *catorze* = quatorze.

Supprime-se *re* e *dre* de *padre* em proclise: *pad-velho, pad-mestre*

---

[1] Tambem no Algarve e no Brazil.

[2] Port. pop. *Surjão* no Brazil.

[3] Commum, excepto o dialecto de Ceylão. Pop. no continente.

[4] Commum. Analogo phenomeno se dá tambem noutras linguas, como: *chambre* em francês, *membrum* em latim.

[5] Em todos os crioulos indianos.

[6] Cf. *brau* = bravo, no dial. de Ceylão. Nas linguas indianas *r* e *v* são semivogaes.

[7] *Febrêr* no Alemtejo.

(ás vezes *pad-mest*, como em konk.), *pa-tio* (tio padre); e *gu* em *al'ma-coisa* = alguma coisa.

Voga na India o costume de chamar por dois nomes, e, então, o primeiro nome perde uma parte final: *Franç-Xavier* = Francisco Xavier, *Anton-Caetano* = Antonio Caetano, *Ped-Paulo* = Pedro Paulo. *José* perde, neste caso, a primeira syllaba, quer seja anteposto, quer posposto: *Zé-Filippe*, *Zé-Antonio*, *Luis-Zé*, *Franz-Zé* = Francisco José [1].

Ha muitos nomes de casa com notaveis deformações: *Forsú* = Francisco, *Salú* = Salvador, *Gabrú* = Gabriel, *Fulú* = Florinda ou Florencio.

Muitos vocabulos adoptados do konkani conservam a sua phonoção peculiar. Por exemplo: é aspirado o *h* de *hĩ, hã, hõ;* é cacuminal o *d* de *xendo* (dobra-se de ordinario a lettra na notação: *xenddo*) e o *t* de *batcará;* pronunciam-se ambos os *bb* de *abbá*.

B) Morphologia

Nomes.

O *o* fechado tonico é sempre aberto no plural: *góstos, glóbos*.

Pomba é epiceno. *Pombo* desusado.

Diz-se *oclo* por *oculos*, e *calça* por *calças*.

Prefere-se o suffixo *-eiro* a *-ista* e outros: *bairreiro* = bairrista, *lojeiro* = lojista, *chalaceiro* = chalaceador, *quisilheiro* = quisilhento.

Usa-se muito o diminutivo de nomes proprios: *Aleixinho, Antoninho, Caetaninho, Josino, Luisinha, Manelinho, Vicentinho*. «*Santaninha* ria-se da gente». Tambem *babasinho, baísinha* dos konk. *babá* e *baí*.

Não se admitte o diminutivo formal de adjectivos; emprega-se *um pouco* em seu logar (como em konk. *mãtsó*): *um pouco* melhor = melhorzinho, *um pouco* mau = mausito, *um pouco* fraco = fraquinho.

Diz-se: *dezaseis, dezasete*, etc.; *vinti um, vinti dois*, etc.; *trintè um* ou *trint'i um, corentè dois* ou *corent'i dois, cincoentè tres*, etc.

Pronomes.

Persiste o *cujo* interrogativo archaico: «*Cuja* filha é ella?» «*Cuja* casa é esta?» «Em *cujo* poder fica aquelle negocio?» *Cujo qui vae?* é uma phrase muito commum, vertida do konk. *konãchem kitem vetá?* = quem perde n'isso?

Pronomina reverentiæ: babá, baí (do konk., vid. *Vocab.*); *tio*, se é da edade do pae de quem falla; *irmão*, se é um pouco mais velho que o interlocutor; *mana*, se é mais velha, ás vezes pospostos ao nome, como em konk. «Eu, *babá*, não sei o que dizer». «*Baí*, toque aquella nova walsa». «*Baí* Dulce não passaria». *Paulo-tio, Roque-ir-*

[1] Do mesmo modo são usados esses nomes em konk.

mão, Joaquina-mana. Diz-se tambem, por reverencia: *pad-tio* = padre tio (sem ser tio), *pad-mestre* = padre mestre. «Chamavam ao velho, *padre mestre* — embora não constasse em Breda que elle tivesse leccionado qualquer coisa».

VERBOS.

Diz-se *eu sube* = eu soube, *eu truxe* = eu trouxe [1].

Diz-se eu *ver*, tu *veres*, etc., fut. conj. de *ver*.

PARTICULAS.

Abbá, interj. de admiração; *aré*, de surpreza, de opposição; *xé*, de negação, de recusa; *xi, xi-babá*, de repulsão, de desprezo; *hã*, adv. de desejo, de affirmação; *hõ*, de interrogação, de pedido. São todas de konk., à excepção do *hõ*. *Hã* e *hõ* são pospositivas. «Que diz *hõ?*» «Venha *hõ*». «Amor *bai* aquillo *ham*». «Ham!... O que ham?» «*Abbá!* o que tem isto?»

FORMAÇÃO DE PALAVRAS.

Anzolar (*anzolador*) de anzol, *bostear* (*bosteador, bosteadeira*) de bosta, *casavel* de casar, *caseiro* (dono de casa, *caseira*) de casa, *clinicar* de clinica, *embatinar* de batina, *faqueiro* (trinchador) de faca, *fogueiro* (o que faz fogo de artificio) de fogo, *missar* de missa, *norteiro* de norte, *piladeira* de pilar, *semaneiro* de semana, *tabaqueiro* de tabaco. Vid. *Vocab*.

ETYMOLOGIA POPULAR.

Jenhum de tempra = jejum das temporas. Infl. de *tempra* = tempêro.

Sinhora de Sant'Anna = Senhora Sant'Anna. Por analog. com Senhora da Piedade, do Rosario. «Festa de N. S. de Sant'Anna».

C) Syntaxe

ARTIGO.

O artigo definido é menos usado, particularmente depois de preposições: «Pequenos como estão?» «Toda familia boa». «Quem sabe nome d'aquellas terras?» «*Bai*, veiu senhor mestre». «Por ser contra religião». «Salvo regresso para diocese». «Antes de meia noite». «4 horas de madrugada [2]».

Omitte-se, em regra, o artigo antes do nome dos parentes dos interlocutores, como se fosse nome proprio [3]: Como está (sua) mãe?

[1] Pop. no continente e us. em alguns crioulos.

[2] Não ha artigo definido, propriamente dito, nas linguas indianas. «A suppressão do art. é corrente nos dialectos crioulos, não só portugueses, mas estrangeiros». J. L. de V., *Dial. brasileiro*.

[3] Estes nomes são usados sem o possessivo.

(Meu) pae sahiu. «Tia não dá de certo». «Levava a bem tudo o que *pa-tio* (o seu tio padre) fizesse».

Omitte-se egualmente antes do nome commum que precede o proprio: Padre Antonio, advogado João, medico Pedro.

Os nomes dos mezes, pelo contrario, pedem o artigo definido: *O* janeiro, *no* fevereiro.

Regimens.

Substitue-se o caso *o, a* por *lhe*: «Não tenho a honra de *lhe* conhecer». «Para *lhe* fazer calar». «E *lhe* preveni». «Elle ha de encaminhar-*lhe*». «Sinto prazer vendo-*lhe*». «Fui visitar-*lhe*, mas não *lhe* encontrei [1]».

Emprega-se muitas vezes o pronome com preposição por accusativo ou dativo formal: «Oiça primeiro *a mim*» = oiça-me primeiro. «Escreveu *a nós* ha pouco» = escreveu-nos ha pouco. «Leve *á ella* para sala» = leve-a para a sala. «Apresentar a sua dextra dobrada *a ella*» = apresentar-lhe a sua dextra dobrada. «Em vez de dizer *a elle* é melhor calar-se» = em vez de lh'o dizer é melhor calar-se [2].

Pospõe-se ao verbo o pronome regimen, contra o uso legitimo: «Difficilmente pagão-se as contas atrazadas». «Que é-*me* natural». «Que são-*lhe* assacadas». «Elle não cançava-*se* em insultar [3]».

Põe-se ás vezes o pronome regimen depois do participio do passado: «Tendo a imprensa até queixado-*se* do seu procedimento irregular».

Ao contrario, antepõe-se frequentemente o regimen ao verbo, na linguagem rapida (infl. do konk.): *Livro* traga; *chave* tire. «*A mim* dê [4]».

Nada antecede de ordinario o verbo, para evitar duas negativas: *Nada* fiz; *nada* tenho. «Elle nada comprehende».

O regimen directo de pessoa vae sempre acompanhado da preposição *a*: «Chame *ao* meu creado». «Castigam *a* um innocente». «Estão roubando *ao* pobre contribuinte».

Pospõem-se ao sujeito os pronomes e as particulas interrogativas (infl. do konk.): «Isto *o que* tem?» «E outros *o que* sabem?» «Elle *que* tem para casar?» «Pedro *cujo* irmão é?» «Antonio *quantos* bambús cortou?» «Pequenos *como* estão?» «Elle *porque* grita?»

Tambem se pospõe *ambos* ao pronome pessoal: *nós ambos* = ambos nós. «*Elles ambos* guerreavam». Infl. do konk.

[1] Em konk. emprega-se o dativo por accusativo de pessoa. Cf. «Quando uma moça *lhe* enganava», no *Dial. brazileiro.*

[2] Cf. «Levar a elle». «Eu conheço elle». *Dial. braz.*

[3] «Esta inversão dos pronomes dá-se noutros casos. A individuos de Gôa apanhei em flagrante as seguintes phrases: «que seja-*lhe* mais facil», «foi essa a carta que tu escreveste-*me*», etc.: um d'esses individuos escreve-me uma carta em que me diz, fallando naturalmente: «na certeza de que era-me impossivel prescindir». J. L. de V., *Dial. braz.*

[4] Cf. «Mi puz a lavar *a elle; me* dê *ellas*». *Dial. braz.*

Não se faz a tmese dos pronomes [1]: *darei-lhe, fará-o.* «*Poderia-se* recrutar pessoal habil».

VERBOS.

Prefere-se o preterito indefinido ao definido: «*Tenho recebido* a sua carta». «A lei *tem sido* abolida». «Não *tenho lido* jornal algum». «O senhor não *tem lavado* as suas mãos».

Usa-se o plural de *haver* em vez do singular: «Hão homens». «Haviam 6 annos». Diz-se egualmente: *fazem* dois mezes, *fazem* alguns annos [2].

Os verbos de movimento pedem algumas vezes a preposição *em:* «Chegou *em* casa». «Venha *no* meu quarto [3]».

Ir e *vir* vão acompanhados da preposição *a* antes de outros verbos, como em alguns dos dialectos do continente: Vamos *a* ver; venho *a* fazer.

Bater e *pegar* são activos: Bater a porta; bati-o bem; pegue o meu livro [4].

Perguntar e *pedir* regem o circumstancial *com* e não o regimen indirecto (infl. do konk.): Perguntar *com* elle; pedir *comigo* [5].

Supprime-se ás vezes o verbo (infl. do konk.): «Porque cumprimentos?» «Toda familia boa». «Amor *bal* aquillo *ham*».

Occorre frequentemente na linguagem colloquial a palavra konkani *hĩ* (< *hũi* < *khũi*, do sansk. *kath*), posposta ao verbo, por *diz, dizem, diz-se que:* Elle morreu *hĩ* = elle morreu, dizem: dizem que elle morreu. Pedro não quer vir *hĩ.* Pedro diz que não quer vir.

PARTICULAS.

Emprega-se muito o adverbio *não* no fim das orações interrogativas: Está bom, *não?* V. vem, *não?* Não fez, *não?* «E' o Ramalho, *não?*»

E' frequente o emprego da preposição *para* por *a:* Vou *para* a egreja; foi *para* a villa.

Os adverbios *dentro* e *fóra* não admittem a preposição *para* antes de si com os verbos de movimento: «Vá fóra». «Venha dentro».

Prefere-se o circumstancial de logar (locativo *super* em konk.) a outros complementos: «Imputou *em* mim aquella calumnia» = imputou-me aquella calumnia. «Fallou na minha honra» = fallou *contra* a minha honra, disse mal da minha honra.

Omitte-se a preposição *a* e a conjuncção *ou* entre dois numeraes: Ha dois *(ou)* tres dias; são dez *(a)* quinze pessoas.

Construcções anomalas:

Dez charatos de rupia, isto é, do valor total de uma rupia, e não

[1] Pop. no continente.

[2] Pelo instincto de regularidade. Tambem no Brazil.

[3] Cf. «Vae depressa *na* botica; fui *no* rio lavar roupa; levei *no* meu quarto». *Dial. braz.*

[4] Cf. *Dial. braz.*

[5] Tambem no crioulo de Ceylão.

de uma rupia cada um. *Amanhã pela tarde ás 6 horas* = amanhã ás 6 horas da tarde. *A você o que fica?* = que lhe importa? o que tem você com isto? *3 horas menos um quarto, menos vinte minutos* = 2 horas e tres quartos, e vinte minutos. *Merecia-me este trabalho* = merecia eu este trabalho. Infl. do konk.

«Os amigos e parentes são pedidos para assistirem» = pede-se aos amigos e parentes, etc. Traducção do inglês: *the friends and relations ara requested to attend.*

D) Textos

1) Linguagem de mulheres

Cunegundes!... Cuny!... gritou o dr. Cosme.

—Ham!... O que hom! responde alguem de dentro.

—Como está, sr. doutor? diz Cunegundes entrando; Rufina! como está?

—Bôa, você como está?

—Tire chapeu, hom, diz a mulher de Cosme.

—Deixe estar, replicou Rufina.

—Tire hom.

—Deixe estar.

—Porque cumprimentos? tire você.

—Pequenos como estão?

—Bons. Aleixinho está com sarampo, e Filú coitada está com dôr de dentes...

—Não deu limbão? [1]

—Já dei. Não fez effeito...

—Tem recebido noticias do seu filho que está em Portugal?

—Está bom... Escreveu a nós ha pouco. Diz que tem muitas saudades de mim... Coitado!... Elle coitado sempre foi affectuoso... agora foi passar o feriado n'uma terra de Lisboa... Como se chama aquella terra, hom, Zeferino?

—Santarém, respondeu o marido.

Sim... sim... tinha mesmo na bocca... Satodém...

—Santarém, emendou o marido.

—Santarém... quem sabe nome d'aquellas terras!

—O que estuda seu pequeno, minha senhora, inquiriu o dr. Cosme.

—Elle aprende... o que aprende, hom? perguntou Rufina ao marido, um pouco atrapalhado.

—Introducção á historia natural.

—Deus é grande, e quanto precisa mandar?

[1] *Limão*, mais usado. *Limbó* em konk.

—Ha pouco Zeferino mandou trezentos pardaos [1]... Agora vae mandar mais.... E ainda não vendemos o coco.

—Que barato que está, hom, allegou Cunegundes.

—Nosso foi pedido por 17 rupias.

—Sim? Quem?

—Pundlica Naique.

—Que Pulica?

—Aquelle..., visinho do padre Sertorio.

*

—Xi... que desaforada! exclamou indignada a bôa da Carlota.

—Elles são sempre assim... a mãe tambem dizem que foi mesma coisa .. Que gente!

—Coitado! o Ramiro ficou na *ufa*.

—Mas assim mesmo porque fallar de gente?

—Ham!... A sujeita parece que *leva para gosto!*

—Aquillo não é amizade de casamento...

—Então que amizade?

—Amizade assim mesmo [2].

—Amôr *bai* aquillo ham?... aquillo é amor.

—Deixe reparar... Eu não comi nada de gente [3]. Aquillo é inveja.

—Aqui está... Seu tambem é amor *bai*, ham?

*

Activou o seu trato com uma familia descendente da visinhança. As meninas não direi que tiveram uma esmerada instrucção litteraria, mas eram polyglotas, isto é, fallavam o portuguez e o concanim simultaneamente, com uma intonação tão cantada, que só se podia exprimir por meio de uma rabeca.

—Então, sr.ª D. Dulxe, só hoje lembrô vir minh ca...a...asa? dizia a velha D. Riquita Castello. Minh filh foram hoje para bazar, de machil [4], para comprar um vestid.— Que ca...a...aro que estão hom, os vestidos, Santo Antonio nos valha. Seu marido porque não vem, bai, aqui.. i...i? Já sei, porque hoje está grande ho...o... omem? Advoga...a...ado?

—Não, elle foi para audiencia.

—Onde é audiencia, D. Du ..u...ulxe?

—Na cadêa,... perto de cadêa!

[1] *Pardao* e *rupia* são moedas de Gôa.

[2] Vid. *assim mesmo* no *Vocab.*

[3] Traduc. litt. do konk. *hāmvẽm lokāchem kãe khāvunk nám*: não me apropriei injustamente de nenhuma coisa alheia.

[4] Liteira, cadeirinha.

—Então Periquito .. alferes Periquito... meu sobrinho ha de encontrar com elle, quando vae á noute para ro...o...onda?!

—Sim, fez Dulce.

Quando regressaram as pequenas, Antoninha e Ziquinha, do bazar, D. Riquita correu para a porta a recebel-as. Altercou um bocadito com os boiás [1] sobre o seu salario, e por fim ameaçou-os com o pau, allegando a sua qualidade de filha de um coronel do regimento de Pondá.—*Aum bamon nim, ham! aum filh coroneìachem fondenchem... Roto podtolem*, se fôr muito esperto [2].

Os boiás retiraram-se resmungando, respeitando o pau da velha, que dignamente representava os galões do pae.

As meninas estavam offegantes e falladoras.

—Sabe, mamã, ás *fulas* do Agostinho, que recebeu hontem..., ia dizendo Ziquinha.

—Não é hontem... Hontem tinha entrado um *chicharo* [3] no nariz do filh de Agostinho.

—Não, minha rica senhora, hontem Agostinho tirava *chuname* [4] para su butica.

—Que lindas *fulas*... mas quant dinheiro, Jesus me Deus!

2) Linguagem de creanças

Margarida, vulgó Mathy, uma criança de seis annos, filha de Cunegundes, veiu a correr e estacou na porta.

— Mamã, quem vei [5], gritou a pequena.

— Quem, baî?

— Aquelle não trouxe dôce aquelle? aquelle [6].

— Quem?

— Aquelle que utrudi [7] vei... trouxe dôce, aquelle.

— Venha aqui, disse imperiosamente a mãe.

—Xi... xi... xi... ella hade sujar, Rufina .. com estas crianças não se póde aturar... sujam dois vestidos por dia, allegou Cunegundes.

— Não, coitada, deixa estar, disse Rufina.

—Hoje aia não deu vestido; hontem *tamém* não deu, hoje *tamém* não deu.

— Porque não lavou a cara? perguntou Cunegundes.

—Onde?

[1] Conductores de *machilla*. «E outras (molheres) são bois que trazem as molheres del-rey as costas». *Chronica dos reis de Bisnaga.*

[2] Eu não sou bramane. Sou filha de coronel de Pondá. Hade apanhar bengalladas. *Nota do auctor.*

[3] Caroço de tamarindo, vulgarmente *bagulho.*

[4] Vid. *Vocab.*

[5] Traduc. do konk. *kon āylá. Kon* está por *aliquis, quis,* e ás vezes por *qui.*

[6] Traduc. litt. do konk.

[7] Outro dia.

— Na bacia, replicou Rufina.
— Em nós caz [1] não ha bacia... ha *tambió* [2].
— Não ha bacia? perguntou irada a mãe.
— Onde está?... Papá, mamã lava cara no corredor, no *tambió*.
— A mim mano Francisco matou [3], disse subitamente a pequena.
— Matou não... *deu caçada*, emendou a mãe.
— Bateu, emendou por sua vez o pae.
— A menina deve ter dito alguma coisa ao irmão, affirmou o dr. Zeferino.
— Elle porque disse besta primeiro?
— Eu nada disse. Elle queria levar meu chinella.
— Minha, emendou a mãe.

*

— Não, mamã, mano Jacob está na quintal, sobre... sobre *durig* (muro).
— Muro! emendou o mestre.
— Muro, repetiu a pequena; está matando pedras sobre gentios.
— Porque foi elle ahi?
— Eu sei?... elle sempre vae ahi... atraz de gallinha.
— Senhor mestre dá a elle sempre bem caçada, porque rasga livros e não aprende.
— Cale-se ahi! rugiu Especiosa.
— Delle livros [4] estão *na* balcão.
— No balcão, corrigiu o mestre.
— Cale-se... Já disse... Onde fallam maiores não veem crianças, advertiu a mãe.
— Eu assim mesmo vei então?... Mamã chamou por isso vei.
— Bem... bem, vá chamar ao mano Jacob, ordenou o mestre.
— Aquillo o que é bom, mamã? inqueriu a pequena ameigando a voz e olhando para o prato de pepiças [5].
— Mamã! a mim tambem dei pepiça, bom!... mamã! a mim dei *guê* [6], pepiça.
— Já dei duas, quantas quer?
— A mim?... quando?... a mano Jacob só dá... e a senhor mestre.
— Já lhe dei, insistiu a mãe falsamente.
— Mamã está *mentirando* [7].

[1] Construcção konk *ämchyá gharánt.*
[2] Jarro de cobre.
[3] Traduc. litt. do konk.
[4] Construc. konk. *tüché livr.*
[5] Vid. *Vocab.° s. v.*
[6] *Guê*, *agê* são part. vocativas do konk.
[7] De *mentira*. Comm. entre as creanças.

—Mentindo, burra! atalhou o mestre.

—Mentindo, burra! repetiu Florinda. Dei, hom... *aguê* dei *guê*... pepiça.

*

Ao pé de um sofá, dois pequenos insultavam-se reciprocamente, fazendo carêtas um ao outro.

—E' seu pae, dizia Jacú; seu pae é ladrão.

—E seu pae é besta, retorquia Xicú.

—Sua mãe é mil vezes ladrão, accrescentava Jacú.

—Sua mãe é mil milhão de vezes ladroa.

—Vá-simbora [1].

—Eu não é vá-simbora... você é vae-simbora... Cottó [2].

—Pongó [3].

E ambos estes garotos eram irmãos.

3) Linguagem de berço

Uma vez surprecndi-a com saias e casaco do marido, com uma criança immunda, sarnenta e semi-nua no regaço, a quem embalava e distraía:

—Babá meu! babá meu!... Bunit babá... Não chore rê [4] ham; meu bichão! meu morgado! Vem... vem... vem: rê babá, meu curação! Que bonit babá. Veim... venha ham! Tome coćó [5].

(Excerptos de um romance de costumes).

E) Vocabulario

Achar, *s. m.*, conserva de fructos em vinagre ou em agua e sal. «E fazem delle (anacardo), quando he verde, conserva com sal pera comer (a que chamão qua *achar*)». Garcia da Orta. Commum a todos os ramos do indo-português.—Do persa por hindustani.

Adem, pato. Comm. Vid. *pato*.

Adufa, adufo, caixilho de janella, feito ordinariamente de conchas do marisco *bhing*.—Por extensão.

Aguador, jarro de agua.

Aldeano, *s.* e *adj.*, aldeão. «Com ajuntamento dos Aldeanos da Camara». «Communidades Aldeanas». *Coll. de Band.* Comm.

Anchão, compoteira, boião. Tambem no dial. de Macau.—Do chi-

[1] Tambem em konk. se diz *simbora*, com a implicação de desagrado pela presença.

[2] *Khoto?* Konk. *malvado.*

[3] Konk. *marreca.*

[4] Konk. Partic. voc. posposit.

[5] Konk. = arroz. Loc. infant.

nês? Ha uma conserva da China conhecida na India por *chao-chao*, que fig. signif. *mixordia*.

Anzolar *(anzolador)*, *v. tr.* e *intr.*, pescar com anzol. «Para anzolar o peixe». Comm. Cfr. *missar*, *clinicar*, *embatinar*.

Apa, bolo circular e chato de diversas especies (*bhākrí* em k.). Comm. — Dravidico (tamul, malayálam, telegu, singalês, etc.).

Arequeira, (bot.) Areca catechu (*mādí*, *phophal* em k.).—Do malayalam.

Armar, *v. intr.*, fazer bem á saude, ao estomago.

Assim mesmo, sem motivo, sem proposito. «Assim mesmo não é bom fazer mau juizo». «Mas assim mesmo porque fallar de gente?» Traduc. do k. *asench*.

Avel, **avela**, (*phau* em k.). «Chamam avella aos grãos do arroz nam cozidos, mas maal torrados ao fogo». Lucerna. Comm. — Do malayalam.

Azeite do reino, azeite de azeitona.

Bá-bá, voz de chamar as gallinhas. *Bil-bil*, voz de chamar os gatos. *Bis-bis*, voz de chamar os cães. *Yê-yê*, voz de chamar os porcos, etc. — Do konk.

Babá, *s. m.*, menino. Loc. honorif. e carinhosa. — Termo neo-arico, importado do k. **Babasinho**, dim. de *babá*. Us. nos dial. do Mangalor. Diu e Macau.

Babaré, *s. m.*, grito emittidó batendo na bocca com a palma da mão; rebate (*bob* em k.). — Do k. *bābá rê*, voc. de *bābá*.

Bafada, *s. f.*, **bafado**, *s. m.*, abafado (por *estufado*). «Um prato de bafada». Us. no dial. de Diu. Vid. *temprada*.

Bago, gommo ou lobulo de jaca. **Bagulho**, caroço de tamarindo. **Castanha**, semente de jaca. **Caroço**, castanha de cajú. — Por antonomasia.

Baí, menina, *mademoiselle;* dona de casa. Mais us. que *babá*. Us. nos dial. de Diu e Mang. — Do konk.

Baiá, trabalhadora, jornaleira. — Do k. *báīl*, mulher em geral.

Bambú (bot.), Bambusa (*mán*, *velú* em k.). Us. em maratha. — Do canari ou malaio. Vid. *Hobson — Jobson*.

Banhos salinos, banhos de mar.

Baniana, camisola de homens. Comm. Us. no dial. de Mac. e em indo-inglês. — Vem do justilho dos baneanes, uma das castas da India. Cfr. *judia*.

Barbata, palavra suja, deshonesta. — Port. arch. no sentido de bravata. Vid. *Dicc. Comtemp.* e *Elucidario* de Viterbo, *s. v.*

Basta que, oxalá, praza a Deus que. — Infl. do konk. *puró*.

Batata de Surrate, batata commum. *Batata*, simplesmente, designa a batata doce, muito commum em Gôa.

Bate, **batte**, *s. m.*, arroz com casca. — Do k. *bhát*.

Batuque, *s. m.*, instrumento musico (*ghumat* em k.). **Batucar**, tocar *batuque*. **Batucada**, toque de *batuque*. «Ao som do batuque, e tambores dos brincos. — Term. afric.

Bazar, *mercado*, feira. «Chama *pedra de bazar;* que quer dizer pedra da praça ou da feira». Garc. Comm. — Do pers. **Bazareiro,** o que vende no *bazar*. «Bazareiros do bazar de Sanquelim». *Coll. de Bandos.*

Begarim, trabalhador, jornaleiro. — Do hind. Perdeu a signif. especial, que foi o motivo da sua adopção, a de trabalho compulsorio com salario ou sem elle. «Prohibo aos ditos Commandantes, para que mais as (ordens) não passem, excepto o unico caso de begarins para transportes, para serviço e segurança publica». *Coll. de Band.* Vid. Shakespear, *Dict. Hind. and Engl.*

Bibica, bolo de duas especies. Us. nos dial. de Diu e Cochim. — Etym. desconh.

Bofete (por *bufete*), mesa redonda. Us. em k.

Bordoada, sova, tunda. **Bordoar,** espancar em geral. — Do *bordão*, por ext.

Borracha, elastico.

Bostear (*bosteador, bosteadeira*), embostar.

Botica, butica, loja de venda a retalho. «Proprietarios de lojas ou boticas». **Botiqueiro,** que vende na *botica*. Comm. — Port. arch.

Cabaia, tunica de homens. «Cabaia de damasco rico e dino». Lusid. Comm. — Do pers.

Cabello maduro, cabello branco. — Traduc. do k. *pikó*.

Cacada, gargalhada. Comm. — Do k., sansk *kakh*, *v.*

Caçada (dar, levar —), pancada, sova. Tambem em Macau.

Caçar, matar (gallinha, vacca, etc.). Ambos os verbos correspondem em k. a *mārunk*.

Cadeira a Voltaire, cadeira Voltaire (ás vezes só *Voltaire*, fem.). cadeira de descanço.

Caflar (*caflador, cafladura*). acafelar. Comm. Us. em k.

Cairo, filamentos de côco (*kāblo* em k., *coir* em ingl.). «A primeira das cascas he muito lanuginosa e desta se faz cairo, que assi he chamado dos Malabares e de nós». Garcia. — Dravid. (malayal., tam.). Us. em arabe. *Dicc. Contemp.* diz que vem do «Cairo, no Egypto».

Calaim, *s. m.*, estanho. «Tambem é moeda corrente estanho, a que chamam calaim». *Ethiopia Oriental.* — Do arab.

Calão, bilha de agua (de cobre ou barro). «Quebra o calaão, que he hũa panella». *Chronica dos reis de Bisnaga.* «Venderem o vinho a calões». *Coll. de Band.* — Do k. *kalsó*, sansk. *kalaxa*.

Calda, caldo de arroz.

Caldeirinha, chaleira.

Cambar, *Cambiar*. — Port. ant.

Canja, arroz cozido em agua e sal até fazer caldo grosso (*péz* em k.). Em sansk. e nos prákritos signif. arroz muito diluido e azedado, como é usado pelos lavadeiros. «This word (*kāñjī*) is improperly used by Ladies and Ayas for gruel». Candy, *Dict. Engl. and Maráth.*

Canudo, cigarro do feitio de canudo, commummente usado.— Por analogia.

Carepo, concha do marisco *bhing* (*bhingâtî* em k.).— Do k. *karap*, concha, esp. de ostra. Vid. *adufa.*

Cariá, *s. m.,* formiga branca. Comm. — De *carie?*

Caril, molho para arroz. «Fazem comeres das aves e carnes (a que chamam caril)». Garc. — Do indig. *kadhî* (k., mar.) ou *kari* (tam. malayal). *Curry* em ingl.

Carregado, forte: chá, café carregado.

Carregar, encher: carregar copos, garrafas.

Carreta, carruagem, trem. **Carreteiro,** cocheiro.

Carruagem, liteira, «machila».

Casaveca, casebeque.

Casavel, casadoiro. «Quaes eram os rapazes *casaveis*».

Caseiro (*caseira*), dono de casa. — Por analog. com o k. *gharkâr.*

Castismo, systema de castas indianas; apêgo á casta. **Castista,** amigo, defensor da casta propria.

Chareta, chireta (mais us.), involucro do miolo de côco (*kartî* em k.). — Etym. desc.

Chela, regatas. — Do sansk.

Chiado, astuto, ladino. «Não é porque eu seja mais *chiado*, mais astuto do que os outros». Do k. sansk. *chhadmin.*

Chingado (*estar* —), embriagado, bebado. — Do k. *chend?*

Chumaço, travesseiro. «Como a inclinação do chumaço á fronha». Comm. — Port. arch.

Chuname, *s. m.,* cal. «*Chuna*, que he cal». Garc. Comm. Us. em indo-ingl. — Do prak., sansk. *chúrna*. *Tirar chuname,* caiar, estucar.

Chusma, estribilho cantado por muitos. «O canto sumiu-se por falta de incentivo e de chusma».

Cincada, cinca; ausencia, falta.

Clinicar, exercer clinica. «Para poder clinicar em Goa».

Cóche, liteira, palanquim.

Colherão, concha de sopa. **Colherinha,** colhér de chá.

Comer paga, receber ordenado grosso. Tambem em Macau.— Do konk.

Copra (*khobrem* em k.). «Desque elles (*coquos* = côcos) despedem a casca, ficam secos em pedaços, e chamãolhes *copra*». Garc. Comm. — Indig. (neo-aric. e dravid.), talvez do sansk. *kharpara.*

Corado, de côr: lenço, panno *corado.*

Corja, vintena. — Do konk. e mar. *kod.* Vid. Dicc. Moraes.

Costurar, coser. — Do *costura*. Para se evitar a confusão com *cozer.*

Cotão, tunica; casaco de mulheres.—Aug. de *cota*. Vid. Moraes.

Criolo (*criola*), adoptivo. «Quaes são as obrigações dos paes adoptivos, e dos seus criolos». *Coll. de Band.* Ao presente signif. famulo creado em casa desde a infancia. — De *criar.*

Curioso, (tambem) habil, experto.

Cuspidor, cuspideira, escarrador. Comm. Us. em k. — Port. ant.

Daia, parteira (*vaijín* em k.). — Do pers.

Datas, *s. f. pl.,* paraphernaes (*denem* em k.), «As datas creio que foram, na sua origem, as offertas que os paes da noiva faziam-lhe, quando ia á casa do marido».

Deixar o pé, pôr o pé. — Infl. do k. *davrunk.*

Elephante, panno branco em algodão. «Uma peça de elephante». Us. em k. — Etym. desc.

Embatinar, vestir de batina. «Descobriu no sobrinho vocação para a vida clerical e embatinou-o sem protesto do rapaz».

Espelho, vidro (esp. de janellas). Em k. uma e outra coisa se designa por *ãrsó.*

Espinho, (tambem) espinha de peixe. — Infl. do k. *kãntó.*

Exploração (subentendido: da vontade dos contrahentes), esponsaes contrahidos perante o parocho.

Fallar mal, dizer mal. «Fallar mal de gente é peccado». Tambem em Macau.

Fama, dia precedente ao primeiro da novena do orago, no qual se arvora no adro da egreja uma arequeira encimada da effigie do santo.

Faqueiro, trinchador. — Aug. de *faca.*

Faraz (*farazôa,* fem.), nome da infima casta de Gôa (*mahár* em k). «Farazes que curão os cavallos». *Chron. de Bisn.* «A palavra *faraz* parece ser de origem arabe, e applicava-se aos creados inferiores; muitas vezes, entre os nossos portuguezes, aos creados de cavallariça». Conde de Ficalho.

Fazer chave, fechar á chave. — Infl. do k.

Fenasco, araca, uraca. — Depreciat. do k. *phení,* aguardente.

Ficar na ufa, ficar logrado, desapontado. «O Ramiro ficou na *ufa*». Moraes: «*A' ufa* (*loc. adv.* fam.) á farta e talvez á custa alheia».

Figo, banana. «Tambem ha estes figos em Guiné, chamam-lhe *bananas*». Garc. *Ramo de figos,* cacho de bananas. *Penca de figos,* esgalho ou escadea de bananas. **Figueira,** bananeira; folha de bananeira. **Figada,** dôce de bananas. Comm. — Por analog. Cfr. *pera, rosa.* Vid. *côco* em Moraes. Cfr. *Paradiesfeige,* figo do paraiso, em allemão.

Fogão (tambem) fogagem. Us. em k.

Fogo (tambem) lume. «Fez-se fogo ferindo o fosforo». «Por fazerem foguo pera fazerem de comer». *Chron. de Bisn.* Cf. *Dial. algarv.* III-E.

Fogueiro, o que faz fogo de artificio. Us. em k.

Folhinha, caixa de folha, lata. Us. em k.

Folha (tambem) papel: vender folhas. «Com folhas selladas na mão». Us. em k.

Fóra fóra, por fóra, sem entrar. — Infl. do k. *bhãylyá bháyr.*

Fugueo, uma especie de bolo frito (*vodó* em k.). — Etym. inc., talvez do k. *phugó,* fórma abolada, convexa.

Fula, flor. «Agua de *fules,* chamada *mogory*». Garc. «Orta pa-

reco empregar a palavra *fula* ou *fule* no sentido geral de flor». Conde de Ficalho — Do prak., sansk. *phull*, *v.*

Funconias (*fazer* —), amuos. — Do k. *phugaunyô*.

Garopeiro, pelotiqueiro, encantador de cobras. — Do k. *gārodi*.

Gola (tambem) cabeção.

Granada, bomba, estalo. «Foi saudado com tiros de granadas». Us. em k., mar., hind. Cfr. munição.

Gudão, armazem, adega. «Será recolhido nos Gudões da Alfandega». *Coll. de Band.* Comm. Tambem em indo-ingl. (*godown*, d'onde *Dicc. Contemp.* tira a origem; vid. Webster, *s. v.*, e Ch. Brown, *Dict. of mixed Telegu*, *s. v. giddingi*). — Do malaio *gadong*. Us. na fórma aportuguesada em k., mar., hind., singalês.

Guinde, *s. m.* bacia de levar a cara. — Indig.: k. (p. us.), mar., canari, tulu.

Icle, *s. m.* talo de foliolo de coqueiro (*hir* ou *vhir* em k.) — Do malayal.

Imprestavel, não prestavel. «As duas bombas do estado, já completamente imprestaveis».

Ir trazer, ir buscar. — Infl. do k.

Izarra, ceroilas. — Do pers. por k.

Jagra (*god.* em k.): «E a este (assucar de palmeira) se chama na India iagra». *Ethiop. Orient.* Comm. Us. em indo-ingl. — Do konk. *sākar*, sansk. *xarkarā*. **Jagrada,** dôce preparado com *jagra*. **Jagreiro,** o que faz ou vende *jagra*.

Jarda, vara (medida). — Do ingl. *yard*.

Judia, casaco curto de homens. Us. em k. — Provavelmente do traje da mulher judia.

Lamina, quadro emmoldurado em geral.

Langota, *langotim*, lenço que se traz preso ao cinto (*urmál* ou *rumál* em k). — Do pers.

Lanha, côco tenro. «Este coquo quando he verde, chamão os Malabares *elevi*, e aqui em Gôa *lanha*». Garc. — Etym. desc.

Laque, *s. m.* cem mil. «Cada leque tem cem mil». *Chron. de Bisn.* Us. em indo-ingl. — Prak., sansk. *laksha*.

Liga (tambem) presilha de calças.

Lingua, linguado (peixe).

Linha, de —, de algodão. «Pano vermelho de linha».

Luzeiro, candieiro de loiça ou de vidro. «Os melhores luzeiros de aluguel».

Maçã jujuba. **Maceira,** jujubeira. Cfr. *figo, pera, rosa.*

Mãe-tia, irmã da mãe, tia materna.

Maior, mais velho. **Menor,** mais novo. «Elle é seu irmão maior». — Port. ant.

Mamã-grande, avó. «Dulce é o nome de mamã-grande». Loc. infantil.

Mangueira (bot.), Mangifera Indica (*āmbó* em *k.*) — Do malayal.

Massaca, gemmada. Us. em k.

Mate, *s. m.* terra, barro. Comm. Us. no dial. de Mac. — Prak. *mātī*, sansk. *mrittikā*.

Maynato (*maynata*, fem.): «*Maynato*, que he lavador de roupa». Garc. «E maynatos que são homēes que lavão roupa». *Chron. de Bisn* — Do tamul.

Meias (tambem) pingas (desus.).

Mesma coisa, é o mesmo. Tambem em Macau.

Missar, dizer missa.

Mocadão, arrais (menos us. nesta accep.); mordomo; feitor. «Ao piloto d'estas embarcações chamam Molemo, e ao mestre Mocadão». Ethiop. *Orient.* «Por intermedio do velho mocadão da casa». Us. em k. (*mukdam*). — Do arab.

Morcuto, mosquito.

Mordigação, dôr de barriga. — Infl. do k. *chābunk*, morder.

Mordexim, cholerina; volvolo. Comm. Us. no dial. de Mac. — Do k. *modxí*.

Muda, andaina de fato.

Munição, chumbo miudo. Us. em k. (masc.) e sing.

Não tem nada, não faz mal. Tambem em Macau.

Norteiro, christão do norte (isto é, Bombaim, Chaul, Baçaim, etc.), que falla portuguès. Em k. tambem se diz *sul-kār*, habitante do sul de Gôa.

Ola, ramo de palmeira. «Dos ramos (a que chamamos *olla* em Malabar).» Garc. — Do dravid. Moraes tira «do Hebr. *hholeh*, folha».

Pae-tio, irmão do pae, tio paterno.

Palmadas, dar —, dar, bater palmas.

Palmeira, coqueiro (p. us.).

Panno-bajú, especie de traje de mulheres. «E trazem ás vezes bajuris do mesmo theor, que são como camisas e a fralda». *Chron. de Bisn.* — Do arab.

Panno-paló, outra especie de traje, considerada inferior á precedente. «Estes nuncios de *pāno-paló* regressaram com grão na aza, como é de lei». *Paló* é corrup. do k. *pālanv*.

Papá-grande, avô. Loc. infant.

Par, (tambem) casal: *par* de perús.

Parentesco, proposta de casamento. «Já são com este doze parentescos que vieram a Jacob». — Infl. do k. *soyrík*.

Pateca, melancia (desus.). «Melam da India, a que chamamos pateca». Garc. *Melões da India* ou *patecas*, os quaes devem ser o que hoje chamâmos melancias». Conde de Ficalho. Comm. — Do arab., *pastèque* em franc. *Patecal*, melancial. Vid. Scheler, *Dict. d'étym. française*.

Pato, ganço.

Pauta, (tambem) regua.

Pavio, (tambem) torcida (desus.).

Péncaro, talo da folha de tabaco. — De *penca?*

Pepiça, bolo semicircular, cozido a vapor.

Pera, goiaba. *Pereira*, goiabeira. Comm. Us. em muitas ling. indig. — Por analog.

Persulana, tigela de loiça (*phuslân* em k.). «Por cada persulana». *Coll. de Band.* — De *porcellana*, por restric. «Porçalanas, toda a tijela». Bluteau, *apud Dial. interamnenses*, VIII.

Piladeira, mulher que pila arroz.

Pimenta longa, malagueta, pimento. **Pimenta redonda,** pimenta.

Pôr perguntas, fazer, dirigir perguntas. — Infl. do k.

Presidente, mordomo de festa da freguezia. Us. em alguns outros dial.

Presunto, fiambre.

Queixo, dente queixal.

Quisilha, quisilia; remoque; mexerico. **Quisilheiro,** quisilento, mexeriqueiro.

Rabana, especie de atabales. **Rabanada,** toque de *rabanas*. «Serão obstados toques estrondosos, taes como rabanadas». — Do malaio.

Ramada (ás vezes *remada*), barraca temporaria, coberta ordinariamente de folhas de coqueiro.

Rebôlo, (*rebôlos*, pl.), calhau. Us. no dial. trasmont. (Vid. *Rev. Lus.*, vol. I, p. 216).

Recamara, morteiro, obuz.

Recente, fresco. «Este peixe não é recente». Estes ovos não são recentes».

Recolhimento, retiro espiritual.

Refega, aguaceiro.

Refeitorio, casa de jantar em geral.

Rosa (*roseira*). cravo de defunctos ou de Tunis. Us. em k.

Rota, rotim (Calamus rotang); bengala em geral. «Cordas grossas de *rotas* (que são feitas de humas varas que se muyto brandam»). Garc. Comm. Us. no dial. de Mac. e em k. (*rattan* em ingl.). **Rotear,** cobrir de rotim; espancar com *rota*. **Roteiro,** o que trabalha em rotim. — Do malaio.

Roupeiro, fanqueiro. «O roupeiro rompeu o panno».

Saguate, *s. m.* presente (esp. o que se dá por occasiões festivas). «Elle conferiu as verbas dos saguates mandados, com os recebidos». — Do k., sansk. *svâgata*. **Saguatear,** presentear.

Saleiro, salineiro.

Samatra, borrasca, procella. De *Sumatra*. Vid. *Hob-Job*.

Sapatos, calçado em geral. «Paulo pondo esporas a sapatos montou a cavallo».

Semaneiro, sineiro que serve por semanas (*sumân-kâr* em k.).

Sobregola, (tambem) romeira.

Sombreiro, guarda-sol, guarda-chuva. «Digo que *cetri* quer dizer sombreiro». Garc. Comm. — Port. arch., ainda hojo us. em hesp.

Sopeira, prato de sopa.

Sorte, bilhete de loteria, de rifa. Comm. Us. nas ling. indig.

Subscripção, assignatura. **Subscriptor**, assignante.

Tabaqueiro, vendedor de tabaco (*pān-kār* em k.).

Tape, tapes, *s. m.* barrete (excepto o ecclesiastico, que conserva o proprio nome). — Do k.

Teca (bot.), Tectonia grandis (*sāylό* em k.). — Do malayal.

Temprada, guisado de hortaliça com muitos temperos. Dial. de Cochim *temprado*. Us. em k.

Tigela, tacho grande de barro. Us. em k.

Tiffin, *s. m. lunch*. Comm. Us. no dial. de Mac. — Do indo-inglês.

Tique, picante, acre. Do k., sansk. *tikshna*.

Tirar defeitos, notar, pôr defeitos. **Tirar faltas**, marcar faltas. **Tirar os dias**, passar os dias, arrastar a vida. — Infl. do k. *kādhunk*.

Ti-ti (*masc.*), tio mais novo que o pae. **Ti-tia** (*fem.*), tia mais nova que a mãe. Tratamento familiar. *Titia* = tia, no dial. de Cabo Verde.

Toca-bocca, toca-boc, *s. m.* acepipe que se come com o arroz para despertar o appetite. Comm. — Traduc. do k. *tondák lāvunchem*.

Um pouco, faça favor: oiça *um pouco* (= faça favor de ouvir); diga *um pouco*, venha cá *um pouco*. — Infl. do k. *mātsό*.

Vargeiro, dono ou cultivador de vargea ou varzea. Comm.

Varzio, caminho na varzea.

Verdura, hortaliça (desus.). Comm.

Vigario, parocho.

Vidrinho, frasquinho.

Vidro, copo de agua. Comm. Us. em k.

Omitto muitos vocabulos konkanis, empregados com a consciencia de o serem, e alguns outros de somenos importancia, bem assim os nomes de moedas, pesos e medidas, e a terminologia das communidades agricolas, como: *batcará, manducar, boiá, machila, cato, cudolim, gonc, ramponi; rupia, tanga, pardao; candil, medida, mão; gancaria, jonoeiro*.

Lisboa, 9 de junho de 1900.

MONSENHOR SEBASTIÃO RODOLPHO DALGADO.

CHRONICA

I

CURSO DE PHILOLOGIA PORTUGUESA EM PARIS

No 2.º semestre lectivo de 1899 estive em Paris frequentando cursos de philologia romanica e celtica, e de archeologia romana, em varios estabelecimentos scientificos. No Collegio de França segui os cursos dos srs. G. Paris (lingoa francesa da idade-média), D'Arbois de Jubainville (phonologia celtica geral, e traducção de textos irlandeses antigos), R. Caguat (epigraphia e archeologia romanas), e assisti a algumas experiencias no laboratorio phonetico do rev. Rousselot; na Eschola dos Estudos Superiores segui os cursos dos srs. G. Paris (philologia romanica), H. Gaidoz (irlandês antigo), Héron de Villefosse (epigraphia romana), A. Thomas (latim vulgar), e assisti a algumas lições do sr. Gilliéron sobre dialectologia gallo-romanica; na Eschola Diplomatica segui o curso do sr. P. Meyer (philologia provençal e francesa); na Universidade segui o curso do sr. A. Thomas (philologia provençal). Nas aulas em que os alumnos costumam ser chamados á lição, fui-o tambem, como os mais, com excepção da Eschola Diplomatica, onde eu era apenas ouvinte.

Por occasião d'esta minha estada em Paris, o sr. A. Morel-Fatio, professor de philologia romanica na Eschola dos Estudos Superiores, teve a lembrança e a amabilidade de me convidar para eu fazer aos seus alumnos algumas prelecções sobre philologia portuguesa, o que fiz da melhor vontade, embora conscio de que o ter de fallar de memoria, porque todas as minhas notas, apontamentos e livros estavam em Lisboa, e o ter de me exprimir numa lingoa estranha, não deixavam desempenhar-me cabalmente do meu encargo. Em todo o caso a bondade do sr. Morel-Fatio e a dos seus alumnos desculparam tudo.

Os assuntos que tratei foram os seguintes:

Parte I. Historia externa do português.

1. Epochas da lingoa portuguesa. Fontes linguisticas. Textos. Lingoa archaica e moderna; popular e litteraria.

3. Dialectologia portuguesa. Dialectos continentaes, insulanos e ultramarinos. Geographia da lingoa portuguesa. Co-dialectos: gallego; mirandês e outros idiomas raianos.

...... Vous voyez, Messieurs, que la langue portugaise, quoique parlée par un petit peuple, qui aujourd'hui joue un rôle peu important

dans l'histoire du monde, soulève plusieurs questions dignes de remarque. Je serais heureux si grâce à ces entretiens j'avais pu éveiller en vous l'amour de cette langue, et le désir de l'étudier.

3. Bibliographia. Trabalhos nacionaes e estrangeiros, antigos e modernos, sobre philologia portuguesa.

Parte II. Grammatica portuguesa.

1. Phonetica. Sons portugueses (vogaes, ditongos, consoantes). Orthographia. Syllabas e accentos. Phonologia historica: sons latinos e portugueses (vogaes; semi-vogaes; consoantes simples, dobradas e agrupadas); phenomenos geraes (dissimilação, etc.). Excepções apparentes ás leis phoneticas.

2. Morphologia. Factos summarios da declinação e conjugação latino-portuguesas.

Parte III. Leitura e traducção de um texto português.

Foi este o magnifico soneto de Anthero de Quental, *Mors-amor*, cuja traducção fiz prosaicamente assim:

Ce noir coursier dont j'entends les pas en rêve, quand l'ombre nocturne descend, et qui passant devant moi au galop m'apparait sur les routes fantastiques de la nuit,

d'où vient-il? Quelles régions mystérieuses et terribles a-t-il traversées, qu'il semble si ténébreux et si sublime, et que sa crinière toute agitée frissonne d'horreur?

Un chevalier, à l'aspect hautain, effroyable, mais d'allure paisible, revêtu d'une armure étincelante,

monte sans peur l'étrange bête. Le noir coursier dit: — Je suis la Mort. Le chevalier répond: — Je suis l'Amour.

J. L. de V.

II

CONGRESSO DE HISTORIA DAS RELIGIÕES

Entre os congressos que vão realizar-se por occasião da proxima exposição universal em Paris ha um de historia das religiões. Nelle se tratarão estes assuntos: religiões dos povos selvagens, dos povos da America pre-colombina, dos povos do Extremo Oriente, do Egypto; religiões chamadas semiticas (Assyria, Chaldeia, Asia Anterior, Judaismo, Islamismo); religiões da India e do Iran; da Grecia e Roma; dos Germanos, Celtas e Eslavos; archeologia prehistorica da Europa; historia do christianismo. No programma ha mesmo um assunto que nos interessa directamente: diffusão dos cultos pagãos

do Oriente nas provincias occidentaes e septentrionaes do imperio romano, nas quaes está pois comprehendida a Lusitania.

A importancia das adhesões é de 10 francos. Estas devem ser dirigidas ao sr. J. Réville ou L. Marillier, professores na École des Hautes Études, à la Sorbonne, Paris. A importancia deve ser enviada ao sr. Ph. Berger, quai Voltaire, 3, Paris. Os adherentes tem direito á posse do relatorio do congresso.

J. L. de V.

MISCELLANEA

I

EMASPREAMENTO

Emsapreamento lit-on dans la *Relação do Naufragio da Nao S. Bento,* p. 58 du premier volume da *Historia tragico-maritima.* De cette faute d'impression — ce n'est rien autre — Moraes Silva a fait *ensapreamento* et l'article que voici: «*O acto de fazer presa em alguma cousa, levando-a debaixo, e como vencida*». Roquete sur cette autorité traduit *ensapreamento* par «action de saisir quelque chose», mais lui donne un astérisque pour indiquer qu'il est vieilli. Il suffit de recourir au passage de la Relação d'où Moràes Silva a tiré son *ensapreamento* [1] pour s' apercevoir qu'il faut lire *emaspreamento* = *easpreamento* qui est dérivé d'un verbe *emasprear* dont l'etymologie est parfaitement claire, mais qui manque aux dictionnaires.

J. Cornu.

II

La chanson de la croisade contre les Albigeois, publicada por P. Meyer, Paris 1875-1879 (edit. e traduzida por a Soc. de l'Hist. de Fr.), 2 vols.

A canção data do principio do sec. XIII, compõe-se de dois grandes fragmentos, o 1.º escrito por Guilherme de Tudela, o 2.º por um poeta anonymo.

Na *leixa* ou estrophe XXXVII, que pertence á parte escrita por G. de Tudela ha a seguinte allusão a Portugal:

O A. faz o elogio de Guilherme de l'Encontre (vv. 849-851).

[1] *E os que della (da arte de nadar) naõ sabiaõ, e ainda ficavaõ na Nao, vendo que o mastro com a grossura, e emsapreamento dos mares os soçobrava tanto que os fazia mergulhar muitas vezes, determinaraõ cortallo.*

. . . . car no i avet prodom
Que melhs saubes gardar ni castel ni domnon,
Ni una rica ciutat, ni plus en aviron...

e diz em continuação d'este elogio (vv. 852-856)

Certas, si Portegals nil regnes de Leon
Fossan en sa comanda ni en sa subjection.
Sin sereit capdelez, si Jhesu Crist bem don.
Melhs que non es en cels que son fol e brincon,
Que son reis del païs, e nol[s] pretz 1. boton.

O rei português de que se trata era D. Sancho I. O seu companheiro no elogio era Affonso IX. Cf. P. Meyer, vol. II, p. 46, nota.

J. L. DE V.

III

NOTAS DE DELIUS SOBRE PHILOLOGIA PORTUGUESA

O prof. allemão N. Delins escreveu um importante artigo ácerca da *Gr. das l. rom.* de Diez no *Jahrbuch f. rom. u. engl. Philolog.*, vol. I (1859) e IX (1868). D'elle extraio algumas observações importantes sobre a philologia portuguesa.

1. «Im Portugiesischen.... woim Präesens *sinto* das *i* der Endung (sentio) sich spüren lässt, lantet ... die dritte Person des Präteritums *sentío* in Uebereinstimmung mit der ersten *sentí*, während im Spanischen der Zwiespalt zwischen *sintió* und *sentí* sich eher aus der Tonverschiebung, als ans euphonischen Grüunden deuten lassen wird». I. 355.

2. *Mim* e *mãe* «Portugiesisches Pronomen: *mim* für *mi* erklärt sich wohl am Natürlichsten aus dem anlautenden, zur Mouillirung und Nasalirung geneigten *m*, und durch die Vermittlung der alten Form *mhi*. Es ist dieselbe Einwirkung, welche auch das possessive *minha* für *mia*, alt ebenfalls *mha*, hat entstehen lassen; *mim* verhält sich zu *ti*, *si*, wie *mãi* (mater) sich su dem nicht nasalirten *pai* (pater) verhält». IX, 100.

*

Estas notas foram tomadas por mim na Bibliotheca Real de Berlim em 1899. Antes de conhecer a explicação, de *mim* e *mãe*, dada por Delius no § 2.º, tinha-a eu tambem proposto, em 1882, num artigo publicado na *Revista Scientifica* do Porto, p. 199. A todos os que escrevem, acontece coincidencia semelhante.

J. L. DE V.

IV

Tradições populares do sul

1. Padre nosso piquenino

Padre nosso piquenino,
Tem nas chaves o Menino:
Quem nas d*eu* [1] quem nas daría,
Sam Pedro, Santa Maria?
Já os gallos cantam,
Já os anjos s'alevantam;
Já o Senhor subi*n* [2] á cruz.
Para sempre amém *(ă-mém)* Jasus.

2. Sonho de Santa Helena

Faz-se o sonho de Santa Helena, para que a santa nos mostre em sonhos aquillo que está para nos acontecer, v. g. se ha-de ou não sahir premiada uma cautela da loteria; se uma pessoa doente ha-de escapar ou não; etc.

Nem todas as pessoas são capazes para fazerem o sonho de Santa Helena; convém que a pessoa escolhida para isso seja o mais candida e innocente possivel; prefere-se por isso ordinariamente uma criança com a edade apenas sufficiente para se lhe poder explicar o que se pretende.

A pessoa escolhida deita-se cêdo e recita já na cama a seguinte

ORAÇÃO

Be*ma*venturada [3] Santa Hilena,
Filha de rê e rêna,
Moira fostes, chrestã vos tornastes,
P'ra Belem vos encamenhastes,
Co'as onze mil Virgens vos encontrastes,
Sals' i selada com ellas ceastes;
O somno vos convenceu,
Sobre uma pedra vos reclenastes,
Co'a cruz de Christo sonhastes,
Que 'stava perdida e vós a achastes,
Tres cravos que nella haviam
Todos em vós empregastes:

[1] Este *eu* pronuncia-se quasi como no francês *peu,* e não é fechado.
[2] Este *n* é quasi mudo.
[3] Lê-se *bêmaventurada.*

Um déstes a vosso irmão Constantino [1], com que venceu as batalhas;
Outro com elle o mar consagrastes;
Outro em vós empregastes.
Por estes tres cravos vos peço, bemaventurada Santa, que m'amostreies em sonhos aquillo qu'*eu* vos vô pedir:......................
Se assim fôr, amostrae-me, Santa, em casas claras, aguas claras, músĕcas alegres, campos floridos *(flôr-i-dos)*; se assim não fôr, amostrae-me, Santa, em casas scuras, aguas turvas, músĕcas funebres i campos tristes.
P. N. e A. M. á Santa.

3. Cantiga

Na *Revista Lusitana*, I, 349, vem uma cantiga recolhida em Elvas pelo sr. Thomaz Pires; começa assim: «Quando Judas se formou, — Em palacio de grande altura, — Muita gente lá penou. — etc. Ouvi ha muitos annos a um ebrio em Tavira uma versão d'esta cantiga, mas bastante differente da de Elvas. Ei-la:

Em Lisbôa se frimou
Um palaiço di grand'altura;
Munta gente lá pinou,
Ôtros fôrem á sipultura.
Casa rica t*em* fartura,
Qu*em* doba t*em* s*eu* sarilho;
Corr' a gallinha p'r'ô milho,
Enche o papo cõm' ás mais;
O burro t*em* atafais,
Tam*em* t*em* nos s*eus* istribos;
Na venda si vendem figos,
P'ra contentá los rapazes;
Oh! lá no mar haem alcatrazes,
E tam*em* suas gaivotas;
Isto d'qu*em* t*em* pernas tortas
Todos lo cham*om* canejo;
V*am*-s' as sezões com deseje,
Nas f'ridas põe-s' ingüento;
Moe o moinho com vento
Qu*em* fá la têa é á 'ranha:

Esta cantiga é tamanha,
Qu' *nam tem* prencipo *nem fim*;
Um raminho d'alecrim
Si dá aos namorados;
As armas s*am* p'r'ôs soldados,
E tam*em* p'r'ôs caçadores;
Isto di qu*em* t*em* amores
B*em* legêro ha d'andári;
Fez-s' a gaita p'ra tocári,
O pente para a cabeça;
Menina não endoideça,
Pode-se dar por feliz;
Mais oh! que grande nariz,
Criad' com tod' ô rigôri,
Oh! já me o tẽem gabado
Para beque di um bapôri!
Mais oh! que grande nariz,
Que le cheg' inté ô seio,
Oh! que já mi tẽem dito
Que t*em* mais di palm' i meio!

[1] Algumas pessoas dizem *Custentino*, e creio ser esta a dicção mais genuinamente popular.

4. Ampiguri

Ibid., p. 347, vem um *ampliguri (ampligyro?)* recolhido pelo mesmo A. No Algarve ha um outro, que começa do mesmo modo e que se diz numa roda de crianças, para estarem caladas:

Esa na era....
Andava lavrando,
Tive noticias
Que ô pae qu'era morto
E a mãe por nascer.
Pegui do arado
Deti-me *(dê)* a correr.
Lá no meio do caminho
Encontrei tres maçanêras
Carregadas de maçans
Meias pôdres meias sans;
Bradi *(brá)* por *meus* irmãos,
Acudírom m' tres ladrões;
Detárom-me *(dê)* ô fundo d'um pôço
Com tres pédras ô pescôço:
Tres meninas a chorarem,
Tres velhinhas *(vé)* a cantarem,
Nam chorás *(choreis)* m'nhas meninas,
Que ámenhã sará demingo,
Cantará o pintechilgo,
Pintechilgo derrabado;
Nam tem sella nem cavallo,
Tem 'ma burrica amarella,
Corre toda a Cacella,
De Cacella a Marzagão (Mazagão);
Quem fallar premêro
Mamará um ca....˜.
(E continua):
Fóra *eu*, que sô juiz,
Cõmo carne de perdiz.
(E outra creança accrescenta):
Fóra *eu*, que sô rendêro,
Cõmo carne de carnêro.
(E outra):
Fóra *eu* que sô jurado,
Como carne de cavallo.

E' qual se ha-de antecipar a dizer primeiro estes *versos;* porque de todas as outras creanças a que primeiro fallar mamará logo um ca....˜.; e as outras fazem-lhe uma troça terrivel: *Mamou, mamou!*

5. Cantiga alemtejana

Quem quizer ôvir-mo sente
Mêa duzia de mentiras:
Lá no mar s'apanham rosas,
Na terra sardinhas vivas;
Encontrei um burro ôs coices
A-cavallo em tres abelhas,
Com brincos d'oiro nas patas,
Ferraduras nas orêlhas;
O lavrador stá na cama,
E a mulher anda a lavrar;
A cadella choca ôs pintos,
E a gallinha anda a ladrar.

(Elvas).

Ouvi esta cantiga ao meu amigo A. Simões de Carvalho Barbas, natural de Elvas e actualmente professor de musica na Universidade de Coimbra.

6. Rimas populares

A'menhã é domingo,
Pede cuminho,
Gallinha assada,
Garrafa de vinho,
Gallo francês
Pica na rês;
A rês é miúda,
Pica na tumba;
A tumba é de barro,
Pica no adro;
O adro é fino,
Pica no sino;
O sino é de cana,
Pica [1] na Joanna;
A Joanna é d'oiro,
Pica no toiro;
O toiro é valente,
Mata tod'á gente
Na cova do dente.

7. Fórmula para contar as semanas da quaresma

Ana 1
Bagana 2
Rebéca 3
Sezana 4
Lazaro 5
Ramos 6
Na Paschoa s'tamos . . 7

N. B. A contagem vae-se fazendo ao mesmo tempo pelos dedos.

8. Rimas infantis

Bechinha gata,
Comestes hoje?
Sepinhas (= sopinhas) de mel.
Nam me gordastes (pr. *gôr*)?
Sim te gordei.
Com que tapastes?
Com ' rabo do gato.
Sapo, sapo, sapo, sapo,
Vae p'r'ô matto.
Mã' morta, mã' morta,
Vae bater á tua porta.

N. B. Isto diz-se ás creanças muito pequeninas para as entreter, a primeira pegando-lhes na mãosinha e passando-lh'a levemente pela propria cara; depois a outra pegando-lhe no pulso e agitando a mão da creança, que, descuidada do que lhe vae acontecer, deixa bater com a sua mão na propria cara.

9. Jogo do belerisco (pr. belér-isco)

Belerisco celerisco
Qu*em* te d*eu* tamanho bico!

[1] Já se vê que este *pica* é um verbo, e o subjeito é o *gallo francês* (honni soit qui mal y pense).

Noss' Senhor Jaso-Christo.
Tu te vás, tu te vens,
Dá-me novas de Matheus.
Matheus 'tá em Faro
C'mendo sepinhas de cavallo.
Qu' é da gata borralhêra?
Lá 'stá morta na cozinha.
Barre barre bassoirinha,
Barre-me esta casinha,
Que 'stá chêa de palhinha.

Põe 1, põe 2, põe 3, põe 4, põe 5, põe 6, põe 7, põe 8;
Arrecolhe o *teu* bescoito.

Dialogo: — Senhora comadre, já seu pam foi p'r'ô forno?
— Ind*a agora eu* 'stô a penerar (pr. *pené*—), ou 'stô *a a*massá-lo, ou 'stô a tendê-lo, etc., ou emfim:
— Já si-senhôra.
— E já o fornêro o cozeu?
— Já si-senhôra, ou não... (Nisto o dialogo póde variar muito, até que emfim a comadre declare que o pão veio do forno).
— Dêxe-me lá vêr se 'stá quentinho.
(Se está): — Ai! que quentinho!
Arrecade, comadre.
(Se não está): — Ai! comadre, que fino que elle 'stá (e dá-lhe uma palmatoada com a mão).

GONÇALVES GUIMARÃES.

BIBLIOGRAPHIA

I

LIVROS

Uma obra inedita do condestavel D. Pedro de Portugal, — por D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, Madrid 1899, — 96 pag. in-8.º gr.

Este escripto constitue uma separata dos *Estudios de erudición española* publicados em honra do prof. hespanhol Menéndez y Pelayo; em elle a Sr.ª D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos prestou relevantes serviços á litteratura portugueza e hespanhola, pois traz a publico uma obra, que estava inedita, do 4.º condestavel de Portugal, D. Pedro, filho do infante morto em Alfarrobeira. A obra, se pela lingua pertence á litteratura do vizinho reino, pelo auctor e pelo espirito pertence á nossa. E' a *Tragedia de la insigne reyna doña Isabel*, cujo manuscripto original existe na livraria que foi do fallecido escriptor portuguès Fernando Palha. O texto occupa na separata as pag. 53-96. As pag. 1-52 destinou-as a Sr.ª D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos a uma erudita introducção em que, além das

noticias propriamente bibliographicas necessarias para o melhor entendimento do poeta, apresenta valiosas considerações historicas àcêrca do condestavel e de seu desditoso pae, refutando de caminho algumas asserções emittidas por Oliveira Martins na chronica romantica dos *Filhos de D. João I*. Como nota ao que a illustre historiadora diz da divisa do condestavel, *paine pour ioie*, notarei que a encontrei tambem em alguns restos artisticos que ao presente se conservam no Museu Municipal de Barcelona, e que pertenceram a obras mandadas executar pelo condestavel.

O condestavel D. Pedro, por ter sido colleccionador monetario, o que consta do seu testamento, figura igualmente na nossa historia numismatica: vid. o *Archeologo Português*, IV, 70.

Recuerde el alma dormida, pela mesma. Paris 1899, — 19 pag. in-8º gr. (extr. dos *Revue Hispanique*, t. VI). — A Sr.ª D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos reune no presente trabalho, com a sua inexhaurivel erudição, muitas noticias que servem de commentario ás coplas de Jorge Manrique *Recuerde el alma dormida*. Estas noticias são todas tiradas de obras portuguêsas.

«Talento» nei suoi vari valori lessicali, por Francesco d'Ovidio, Napoles 1897, 29 pag.:

Note etimologiche (talento etc.) pelo mesmo, Napoles 1899, 81 pag.

Nestas revistas o douto romanista e professor italiano estabelece que os dois sentidos que tem nas linguas romanicas as palavras correspondentes ao ital. *talento* provém de duas origens: do grego τάλαντον, «balanço», passado para o latim; e do latim *talentum*, propagado por uma fabula evangelica nos fins do Renascimento. Assim o português *talante* relaciona-se com a primeira série, e o português *talento* com a segunda. *Talante*, com a sua variante *talan*, tem origem francesa ou provençal. A pag. 11 reproduz algumas notas que lhe enviou o Sr. Epiphanio Dias a respeito de *talento*.

Pela minha parte acrescentarei tambem outras, que não serão desagradaveis ao Sr. Ovidio, a respeito do primeiro significado «vontade».

Viterbo, *Elucidario*, s. v. está um documento do tempo de D. Dinis (sec. XIII-XIV), em que se lê «era meu *talam* de fazer uma pobra». No *Cancioneiro* do mesmo rei (ed. de *Lang*) lê-se, v. 2613,

e tam muito é de *mal talam*.

Cf. *Note etimologiche* p. 15, n., sobre *mal talento, mal talent*, (it. e fr.), *ill talent* (ingl.). O antonymo de *mal talan* lê-se tambem n'um art. documento referido por Viterbo: «bom *talhante* (sic)»; o mesmo auctor menciona ainda *livre talante*. No *Leal Conselheiro* de D. Duarte (sec. XV) lê-se «triste e sem *tallente*», fórma um pouco mais proxima, orthographicamente da francesa. O editor do *Leal Conselheiro*, J. T. Roquete, junta a proposito d'aquelle passo (p. 267, ed. de Paris, 1854), outros exs., ora sob a fórma *tallente* ou *talente*, ora sob a fórma *tallante* ou *talante*, dos seculos XIV e XV, e nota, sem citar a fonte, que a palavra, no mesmo significado de «vontade», «gôsto», «desejo», tinha entrada na côrte de D. Manoel. Hoje a palavra, como é sabido, só se usa na phrase «a seu talante», e não tem independencia como substantivo.

Observações avulsas, de outra natureza. O vocabulo port. *canastra*, que o Snr Ovidio («*Talento» nei suoi valori*, p. 10). Meyer e Lübcke relacionam com o gr. κάναστρον, offerece difficuldade por causa do *n*: por isso, ou tem de se admittir que elle veio do hesp., onde a manutenção do *n* intervocalico é de regra, ou, com o Sr. Cornu, *Die portug. Sprache*, § 13, que houve influencia da palavra connexa **canna**. — O port. *presunto* (*Note etimologiche*, p. 61) **presunctus** relaciona-se mais propriamente com **persunctus**, do que com **persuctus**: cf. o que escrevi, em *Revue Hispanique*, IV, 209-210.

Os dois opusculos do Sr. F. d'Ovidio, cheios, como estão, de boa doutrina, lêem-se com o mesmo agrado e proveito.

J. L. DE V.

II

PERIODICOS

A tradição, revista mensal de ethnographia portugueza, illustrada, directores Ladislau Piçarra e M. Dias Nunes. Serpa 1899. N.os 1 a 12.

Conforme o que se disse na *Rev. Lusit.* V, 240, publicou-se effectivamente *A Tradição*, que contém muitos artigos interessantes, uns com relação ao Alemtejo, (e estes são, como era natural, em maior numero) outros com relação ao resto do país. Não podendo aqui analysar, nem mesmo citar, todos os artigos contidos neste volume, limito-me a mencionar alguns mais importantes, pela ordem de publicação: *O Doutor da mula ruça; Natal, anno bom e reis; Jogos populares; Contos populares alentejanos; Danças do Baixo-Alentejo; Habitação, mobiliario e utensilios domesticos; A Morte e o Inverno; Na quaresma; Therapeutica mystica, Botanica popular; Lendas e romances; O elemento arabe na linguagem dos pastores alentejanos; O S. João em Serpa; Contos algarvios, Estatinga, Estantinga?* As illustrações consistem em musicas e uma galeria de typos populares. Entre os collaboradores contam-se, além dos dois directores, a Sr.ª D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos e os Srs. Adolpho Coelho, Conde de Ficalho, Theophilo Braga, Sousa Viterbo, Pedro d'Azevedo, A. Thomaz Pires, Athaide d'Oliveira, etc.

O Instituto, revista scientifica e litteraria, Coimbra 1899. Está a publicar neste volume um trabalho intitulado «Subsidios para o diccionario completo (historico-etymologico) da lingua portuguesa» por A. A. Cortesão. O auctor toma infelizmente por base, para o completar, o *Novo dicc. da ling. port.* do Sr. Candido de Figueiredo, obra feita, como é sabido, sem o rigor scientifico exigido pela sciencia moderna. Mas o fallar do *Dicc.* do Sr. C. de F. fica para outra vez. Agora desejo só referir-me ao do Sr. Cortesão. Sem duvida o auctor junta alguns documentos apreciaveis; como porém não attinge bem a differença que existe entre latim vulgar e baixo-latim, nem domina as leis geraes da lingua portuguesa, acontece que emitte certas inexactidões.

a: diz que esta lettra substitue *e* e *o* em *anguia* e *fame;* o contrario é que é exacto, pois *anguia,* do lat. * *anguila-*, e *fame,* do lat. *fame-*, são as fórmas primitivas;

aas: diz que vem do lat. *ansa,* o que é impossivel, pois *ansa* deu *aa; aas* é o pl. de *aa,* que tem com o etymo o lat. *ala-*, cujo *-l-* se syncopou normalmente, como em *má maa* mala- etc.

abelha: diz que vem do baixo-lat. *abelia.* Ora *abelha* vem de *apĭc'la-*, com o abrandamento normal de *-p-* em *-b-*, e reducção tambem normal de *ĭc'la* a *elha.* A fórma *abelia* é mera latinização barbara de *abelha,* como *Portugalia* o é de *Portugal.* E' pois *abelia* que assenta em *abelha,* e não o inverso.

absida: não se deve accentuar *ábside,* mas *absíde,* porque em lat. o ɪ é longo: *absis, -īdis.*

andar: diz que vem do baixo-lat * *andare.* E d'onde veio este baixo-latim? A etymologia de *andar* é uma das que mais tem dado que fazer aos romanistas, e ainda não foi elucidado com assentimento geral.

ango: diz ser arch. por *anjo,* e deduz essa pela via de *anjoo anjeo.* Impossivel. *Ango* tem apenas *g* por *j.* Archaico é só *angeo angelu-*, que se transformou modernamente em *anjo.*

arza: o *z* deve representar o som *ç,* pois aquella palavra está pelo lat. *ardea* (t) = *árdia;* cf. *vêrça* * *virdia viridia.* A moderna fórma *arda,* que lhe corresponde, é devida á analogia com *arder.*

Na interpretação dos nossos documentos antigos torna-se necessario ter sempre presentes os habitos orthographicos das respectivas epochas, a fim de não se commetter lapsos, que sem isso são inevitaveis.

J. L. de V.

III

VARIA QUAEDAM

As Moiras encantadas e os encantamentos no Algarve por F. X. d'Athaide Oliveira, Tavira 1898, xxvi-305 pag.

Materiaes para a historia da vida intima portuguesa (sc. xvi a xviii), por A. Thomaz Pires. No *Boletim de Soc. de Geogr. de Lisboa*, 16.ª série, n.º 12 (1897).

Portugalia, revista publicada por Ricardo Severo, Ferreira Cardoso e Rocha Peixoto. Porto, n.º 1 (1899).

O Archeologo Português. lat. *Rev. Lusit.* V. 240. — Está publicado o vol IV e os n.ºs 1 e 2 do vol. v.

A Terra Portuguesa, de Rocha Peixoto, Porto 1897, 302 pag. Collecção de folhetins, de caracter meramente litterario; alguns referem-se a costumes populares, como o S. João, as Maias, a tatuagem, etc.

Historia ethnographica da ilha de S. Thomé, por Almada Negreiro, Lisboa 1895, 375 pag. Cfr. *Rev. Lusit.* V, 246.

Numa das sessões do Congresso das Sociedades d'erudição franceza celebradas em 1899 em Tolosa o Sr. Luis de Sarran d'Allard leu uma memoria «Sur le centenaire du vicomte J.-B. d'Almeida Garrett, poète et homme politique du Portugal. Il examine la place que cet écrivain occupe dans l'histoire littéraire de son pays, où il introduisit le romantisme. L'auteur termine en disant que, si Garrett est grand comme poète, il ne fut pas inférieur dans sa vie politique & privée». — *Revue des Pyrénées,* 1899, p. 253.

Auto do Fidalgo aprendiz de D. Francisco Manoel de Mello. Ed. revista por Mendes dos Remedios. Coimbra 1898, xvi-65 pag. O editor acompanha de introdução e notas o seu trabalho, com que prestou serviços á nossa litteratura. Juntarei aqui umas breves observações. Ainda hoje na Beira etc. se usa a expressão *um homem, um home,* pouco mais ou menos no sentido de pronome indefinido, como *Fidalgo,* p. 9 (cp. p. 61), «que tem *homem* outros mil». A expressão *amouco* (p. 10, cp. p. 61) é usadissima, por ex. na *Peregrinação* de F. M. Pinto. A' cêrca de *chapim* (p. 11, cp. p. 61) lembrarei que Almeida Garrett escreveu uma xácara intitulado *O chapim d'el-rei:* vid. *Romanceiro,* I, p. 139 sgh. — A fórma *estróge* (p. 15, cf. p. 62) está para *estrugir,* como *foge* para *fugir.* O povo tambem hoje diz, *asseste,* de *assistir* (pron. pop. *assestir*) como *veste,* de *vestir.* O adverbio *adullo* (p. 64) não se fórma de *ad* + *u* + *lo,* pois que o *d* do *ad,* no lat. vulg., tinha desapparecido na provincia; *adullo* fórma-se de *a* + *d'ullo,* como *adonde,* de *a* + *d'onde.* O *d'* representa a proposição *de.* A' cêrca de *crencha,* que não vem do ital. *trencia* (p. 64), vid. *Rev. Lusit.*, II, 268-269.

Usi nuziali dell'Umbria pelo Dott. G. Bellucci, Perugia 1895, 14 pag. com gravuras. — O Sr. Dr. Belluci descreve neste opusculo o costume de os noivos italianos darem ás suas noivas rocas e *fuseruole,* umas e outras providas de figuras symbolicas e inscripções. Nas rocas (a palavra *roca* em ital. litterario diz-se *conocchia,* mas em ital. pop. diz-se, quasi como entre nós, *rócca*) vê-se, por exemplo, um par de corações; na *fuseruole* ha expressões como esta: BELLAAVOIMARCHOMANNO = *bella, a voi mi raccomando,* — além de nomes proprios. — Costumes analogos se encontram em Portugal, onde os noivos dão tambem ás noivas rocas enfeitadas symbolicamente. No Museu Ethnologico Português tenho algumas. A's *fuseruoles* italianas correspondem entre nós os *cossôiros;* só porém ouvi este nome no Sul. *Cossôiro* vem do lat. *cursorius;* effectivamente o cossoiro gyra com o fuso e serve-lhe de volante. Ha cossoiros muito bem ornamentados. Tanto no Museu Ethnologico, como no de Beja, pódem vêr-se bastantes.

J. L. de V.

TRADIÇÕES POPULARES

COLHIDAS NO CONCELHO DO CADAVAL

Incitado pelo meu presadissimo amigo o sr. dr. José Leite de Vasconcellos, incansavel e erudito fautor dos estudos ethnologicos entre nós, resolvi dar a lume a pequena collecção de superstições, adivinhas, etc., que vae lêr-se, e que eu colligira para estudo particular, longe de suppôr que d'ahi me adviria a honra de figurar entre os collaboradores d'esta importante Revista scientifica.

Reconheço que os assumptos tratados no meu modesto artigo não vão methodicamente coordenados; no entanto supponho que mesmo assim, a granel, algum material aproveitavel poderá fornecer áquelles que se dedicão de alma e coração ao estudo da ethnologia portuguesa.

Embora grande parte dos assumptos aqui tratados não sejão absolutamente novos para a maioria dos leitores, resolvi publicá-los por conterem variantes desconhecidas, e por entender que para o estudo definitivo das tradições populares convém conhecer todas as versões.

Termino agradecendo ao meu presadissimo amigo sr. dr. José Leite de Vasconcellos o ensejo que me proporcionou de collaborar nesta sua Revista, ensejo que, espero, será para mim um estimulo para futuras pesquizas e trabalhos d'esta natureza.

Superstições

1.— A rapariga solteira que aspira a ser formosa, deve deixar ao relento durante qualquer das noites de Santo Antonio, S. João, ou S. Pedro, uma bacia ou um alguidar com agua, e lavar-se com esta na manhã seguinte. Segundo a crença popular, esta operação faz do mais completo camafeu uma beldade incomparavel aos olhos do seu *conversado,* ou, pelo menos, instilla-lhe no coração sentimentos ultra-amorosos que o fazem vêr na donzella um anjo de formosura, confirmando-se assim o dictado: *quem feio ama, bonito lhe parece.* (1).

2. — Quando uma rapariga solteira tem mais de uma inclinação amorosa, e quer saber qual dos namorados será o possuidor da sua mão, faz o seguinte em qualquer das referidas noites: córta tres pedaços de papel, em cada um dos quaes escreve, ou faz escrever, o nome de um dos namorados, escolhendo para tal effeito os nomes dos tres mais affeiçoados, ou dos tres com quem tenha mais probabilidades de casar, se os pretendentes ou os pretendidos excederem aquelle numero.

Em seguida enrola as *sortes*, baralha-as muito bem, e colloca-as ao acaso: uma debaixo do travesseiro, e outra atrás da porta do quarto, lançando á rua a ultima.

Na manhã seguinte abre a *sorte* que está debaixo do travesseiro e encontra o nome do futuro marido.

Colhi tambem uma variante:

Fazem-se tres *sortes*, observando-se os preceitos já indicados, e deitão-se em um copo com agua. Na manhã immediata encontra-se aberta uma d'ellas, e o nome que contiver será o do futuro possuidor da donzella enamorada.

3. — A solteirinha desejosa de desvendar o seu futuro, deve occultar-se e pedir a outrem que ponha em quatro pratos, separadamente, uma mão cheia de terra, uma chave, um cravo e um rosario, e tapa os pratos de fórma que se não veja o seu conteúdo. Em seguida a *pretendente* vem e descobre um dos pratos: se destapa o cravo, não fica por casar; se lhe sáe a chave, casa rica; se tira o rosario, fica para freira; mas se descobre a terra, ai d'ella, ai da infeliz, que vae fatalmente para a cova naquelle anno, de palmito e capella! (2).

4. — Na noite de S. João, á meia noite, dirigem-se as solteiras á fonte da localidade, levando uma vasilha que contém agua recolhida da mesma fonte em igual noite do anno anterior, e dizem tres vezes:

Esta agua venho trazer,
P'ra outra nova levar,
A fortuna me acompanhar,
E a desgraça cá ficar.

Em seguida despejão a agua contida na vasilha, enchem esta novamente com agua d'aquella fonte, e retirão-se sem olharem para trás. Ao chegarem a casa borrifão todos os compartimentos com a nova agua, e dizem ao mesmo tempo em cada compartimento:

Em louvor de S. João,
P'ra que nesta casa não falte
Dinheiro, nem agua, nem pão.

O resto da agua é guardado para se despejar no anno immediato, com as mesmas formalidades.

A esta agua chama-se *agua de S. João.*

5. — Na quinta-feira da Ascenção, á uma hora da tarde, colhe-se uma espiga de trigo, um raminho de oliveira, um malmequer amarello e outro branco, e guarda-se tudo cuidadosamente até igual dia do anno seguinte, em que se faz nova colheita.

A espiga de trigo significa abundancia de pão durante todo o anno; e ramo de oliveira affirma a paz; os malmequeres promettem, respectivamente, fartura de oiro e de prata.

6. — Do meio dia para a uma hora de quinta-feira da Ascensão, córta-se uma fatia de pão macio, que se conserva intacto até igual dia do outro anno. Nesse dia e á mesma hora come-se a fatia, e córta-se outra que se guarda até ao anno seguinte. O povo crê que aquelle pão não abolorece, e que da sua conservação resulta abundancia de pão para todo o anno. (3).

7. — Na noite de 2 para 3 de maio, é da devoção de muitas pessoas, geralmente das mulheres, ornamentarem com flôres as cruzes de madeira e de pedra que se encontrão pelos caminhos, em commemoração do passamento de alguem.

Para se ganharem indulgencias deve proceder-se á ornamentação de noite e a occultas, de modo que as cruzes appareção enfeitadas na manhã de 3, que é o dia da Bella-Cruz.

O merecimento e a virtude do acto consistem em se conservar incognita a pessoa que o praticou.

8. — Na quinta feira de Endoenças e na sexta-feira da Paixão é peccado fazer obras de malha (crochet, meia, etc.), porque foi nesses dias que os judeus tecêrão as cordas com que açoitárão a Christo.

9. — No dia de N. S. das Candeias — a 2 de fevereiro — deve fritar-se qualquer coisa em azeite, pelo menos um ovo, para que o azeite não falte durante todo o anno.

10. — E' geral a crença popular de que, quando temos uma orelha vermelha e quente, alguem está fallando de vós, ou em bem, ou em mal. O povo costuma fazer tres cruzes na orelha ruborejada, com um dedo molhado em saliva, e dizer ao traçar cada uma d'essas cruzes:

> Se fôr em bem, Deus te ajude;
> Se fôr em mal, trinques a lingua.

Outros dizem:

> Assim como rezas, assim medres.

11. — Quando se tem um pé dormente faz-se nelle uma cruz com o dedo molhado em saliva, e diz-se:

> Desadormece-te pé,
> Que ahi vem o lobo-mé,
> Elle te quererá comer,
> E tu não poderás correr.

12. — São diversas as fórmas que colhi, admittidas pela crença popular como tratamento curativo das verrugas.

Ei-las:

a) Lanção-se no lume tantas pedras de sal quantas as verrugas, e foge-se, tapando os ouvidos para se não ouvir o estalar do sal.

b) Deita-se á rua um embrulho que contenha pedras de sal em numero igual ao das verrugas, e, segundo a crença, estas transmittem-se infallivelmente para a pessoa que apanhar o embrulho.

c) Atirão-se tantas pedras de sal quantas as verrugas para o interior da casa onde reside a pessoa para quem se quer que passem aquellas excrescencias.

d) Faz-se sangue em uma ou mais das verrugas, suja-se com elle a mão da pessoa a quem se pretende transmitti-las — sem que essa pessoa o perceba — e diz-se:

> Verrugas, verrugas,
> Este anno são minhas,
> P'ro anno serão tuas.

13. — A pessoa a quem as mãos costumam suar, póde evitar esse incommodo collocando-as com as palmas bem assentes na parede, atrás da porta de uma egreja onde entra pela primeira vez.

14. — Para fazer cessar a epistaxis deve outrem formar, com dois pedaços de madeira, uma cruz nas costas da pessoa affectada d'aquella hemorrhagia.

15. — O defluxo asthmatico cura-se mastigando um pedaço de pão, e collocando-o depois na toca de um sardão; este come o pão e fica com o mal.

16. — Os *sapinhos* das creanças expulsão-se levando estas á igreja e esfregando-lhes aquellas vesiculas com a chave do sacrario. Obtem-se o mesmo resultado mettendo aquella chave na bocca da creança durante alguns minutos.

17. — Para curar sezões: deitão-se em um copo de aguardente cinco bagos de uva ferral, e deixa-se ficar tudo ao relento durante uma noite. No dia immediato, comem-se as uvas, bebe-se a aguardente e as sezões desapparecem!...

18. — Dando-se pontos no fato que uma mulher gravida traz vestido, o parto será difficultoso se antes d'elle não forem desmanchados os mesmos pontos.

19. — Facilita-se um parto trabalhoso indo uma creança chamada Maria tocar nove badaladas seguidas no sino de uma igreja da localidade. (4).

20. — E' bom possuir animaes, porque muitas vezes vão para estes as doenças que devião atacar qualquer pessoa da familia da casa.

21. — São felizes os noivos que se cásão em dia chuvoso. Esta crença acha-se expressa no adagio: *Boda molhada, boda abençoada.*

22. — Quando duas ou mais pessoas lavão as mãos ou o rosto na mesma agua, podem contar que nesse dia terão desavença entre si.

23. — Presagião ralhos em casa:

a) tesoura aberta;

b) restos de cebola crua;

c) cruz de duas facas.

24. — Quem rir muito á sexta-feira póde contar que tem dissabor proximo a soffrer. D'ahi o adagio: *Quem ri á sexta-feira, chora ao domingo.*

25. — Borboleta branca é boa nova; a preta annuncia má noticia e deve matar-se.

26. — Quando se varre a casa á noite, não deve deitar-se o lixo para a rua, porque com elle se expulsa a fortuna.

27. — A quem mata um gato desanda-lhe a fortuna durante sete annos; succede o mesmo a quem mata uma mosca varejeira.

28. — Vestir do avesso qualquer peça do fato, é signal de prenda a receber breve.

29. — E' de mau agoiro ouvir cantar uma pessoa que está em jejum.

30. — Quando alguem anda para trás, está Nossa Senhora a chorar e o diabo a rir-se.

31. — Pombos, ou tê-los sempre ou nunca os possuir, porque aquelle que os adquirir e deixar depois de os ter por completo, soffrerá grandes perdas na sua fortuna — a não ser que o ultimo seja posto em lanço, e o seu producto offerecido ao Divino Espirito Santo.

32. — Quem deseja sonhar deve, ao deitar-se, metter as meias ou as peugas debaixo do travesseiro.

33. — Para se não sonhar com certo e determinado defuncto, lanção-se umas mão-cheias de terra sobre o seu caixão, no momento em que este baixa á sepultura.

34. — E' peccado beijar gato ou cão, porque estes representão a figura do diabo, o qual, geralmente, toma a fórma de qualquer d'aquelles animaes quando quer operar os seus maleficios.

35. — O uivo do cão é de mau agoiro; para que cesse, volta-se um sapato com a sola para cima — mas note-se que o praticar-se este acto constitue peccado mortal. (5).

36. — Não faltará dinheiro durante todo o anno á pessoa que em dia de Reis comer uma roman, conservando na mão uma moeda de oiro, de prata ou de cobre. (6).

37. — Evita-se que o piolho ataque os favaes, cortando duas faveiras e pendurando-as na chaminé.

38. — Basculhando-se as teias de aranha de um curral, os animaes que alli se recolhem não médrão mais.

39. — Segundo a crença popular, se a primeira pessoa que vêmos de manhã é um coxo, não devemos emprehender nesse dia coisa alguma, porque tudo nos correrá mal.

40. — E' peccado cuspir no lume ou rogar-lhe pragas. (7).

41.—Quem tem mais de um namoro e quer certificar-se de com qual d'elles casará, ou quem, não tendo nenhum, deseja saber pouco mais ou menos o lado para onde está o futuro consorte, aperta um caroço de azeitona entre os dedos pollegar e indicador da mão direita e diz:

Carocinho, carocinho,
P'ra que lado está o meu amorzinho?

Em seguida faz saltar o coração de entre os dedos, e a direcção que elle tomar indicará o que se pretende saber. (8).

42.—O apparecimento de uma aranha em casa, significa que em breve se receberá dinheiro, ou, como se diz na linguagem popular, *que está para se receber dinheiro fresco.*

43.—Quando se diz *ai!* deve immediatamente accrescentar-se a palavra *Jesus*, porque *Ai* é um dos nomes do diabo, e assim, dizendo-se sómente *ai!* é o demonio e não Jesus quem accorre ao nosso chamado.

44.—Se a falla tarda a uma creança, deve qualquer pessoa—mas de preferencia a mãe—pegar-lhe ao collo e gritar-lhe ao ouvido:

S. Luiz, S. Luiz
Dae falla ao meu menino
P'ra eu saber o que elle diz. (9).

45.—Nas occasiões de grande temporal *anda o diabo dentro do vento;* para o esconjurar, reza-se a oração de S. Custodio (10), ou diz-se repetidas vezes aos cantos da casa:

S. Bento, S. Bento,
Abrandai este vento!

46.—Ao dispôr-se uma planta, é bom dizer-se, para que ella medre:

Em louvor de S. Joaquim,
Ou cresças, ou fiques assim.

47.—A pessoa que tem um signal natural em parte do corpo que não anda a descoberto, está livre dos maleficios das bruxas.

48.—Ao mudar-se de residencia é bom, na occasião em que se entra na nova casa—com o pé direito e em dia que não seja terça nem sexta-feira—levar na mão uma moeda de ouro ou de prata, isto para que o dinheiro nunca falte na nova morada.

49.—Se chover ao domingo antes da missa do dia, é signal de que choverá durante toda a semana.

50.—Quem tiver de beber em agua corrente, deve dizer primeiro:

Agua correntia,
Não faças mal á minha barriga,
Nem de noite nem de dia,
Padre-nosso, Ave Maria.

Em seguida reza-se um Padre-nosso e uma Ave Maria, e póde então beber-se da agua afoitamente. Da inobservancia d'este preceito resultam formidaveis dôres de barriga, que podem produzir a morte. (11).

51. — Ao acabar de amassar-se o pão, é conveniente fazer-se com o dedo uma cruz na massa e dizer-se:

Deus te accrescente,
Que é para muita gente. (12).

52. — Quando o pão não leveda, colloca-se sobre o bragal um par de calças de homem, e deixa-se ficar com as pernas cruzadas até se operar a levedação. (13).

53. — Para fazer que o pão cresça no forno:

a) Atirar para dentro do forno uma porção de farinha, e dizer:

Tanto cresças para o ar,
Como de mentiras vão por esse logar.

b) Emborcar os taboleiros em que se trouxe o pão amassado, fechar a boca do forno, voltar as costas para este e dizer:

Cresça o pão no forno, e as almas no céo.

54. — Superstições relativas ao casamento:

a) A rapariga casadeira que pretende contrahir com brevidade o santo matrimonio, deve pregar um alfinete no vestido de uma noiva quando esta vae para a igreja, tirar-lh'o quando ella regressa, e guardá-lo como talisman;

b) Nunca se casa a rapariga solteira que fizer o vestido do casamento para uma noiva;

c) Tambem se não casa aquella que fôr madrinha de um casamento;

d) Nem a que pozer na cabeça um chapéo de homem;

e) Nem tãopouco a que, a uma mesa, offerecer palitos a outra pessoa, principalmente se fôr a homem;

f) Nem o rapaz ou rapariga a quem outrem varra os pés;

g) Se dois namorados forem juntos a um cemiterio, podem ficar certos de que jámais se unirão pelos laços matrimoniaes;

h) Casa breve a pessoa solteira que ás refeições cortar para si o canto do pão.

Note-se, porém, que já ouvi contradizer esta crença vulgarissima.

Dizem alguns que a virtude casamenteira está na fatia do meio — a *juncção* — e que o canto do pão faz ficar ao *canto*.

55. — Preces á lua:

a) Por occasião da lua nova, olhando-a fixamente:

Mimosa de Deus, tres dons te peço eu: paz, saude e amor de Deus.

b) Pega-se em uma moeda de prata, *mostra-se* á lua, e diz se tres vezes:

Lua, tu bem me vês,
Dá-me d'este para hoje
E para todo o mês.

56. — A imagem de S. Lazaro pregada atrás de uma porta, dá fortuna.

57. — Suspeitando-se que uma mulher é bruxa, e querendo adquirir-se a certeza d'isso, faz-se que ella entre em uma casa, e alli, sem que a mulher possa perceber, colloca-se um banco com as pernas para o ar, ou uma vassoira com o cabo para o chão.

Se effectivamente a mulher fôr bruxa, fará todos os esforços para se retirar, despedir-se-á umas poucas de vezes, mas não poderá sair emquanto aquelles objectos não forem collocados na sua posição natural.

58. — Quando as bruxas querem enfeitiçar alguem que está dormindo, é claro que procuram evitar que essa pessoa desperte; para isso fazem com o corpo um movimento em cruz, e dizem:

Eu te benzo
C'o meu segundeiro.
P'ra que não accordes
Ao somno primeiro.

Depois operão á vontade os seus maleficios, sem que o enfeitiçado as possa interromper.

59. — Quando as bruxas querem receber instrucções do demonio, dirigem-se á meia noite a uma encruzilhada, tração na terra um signo-saimão, collocão-se dentro d'elle, e assim fallão com o diabo sem perigo de serem por elle arrebatadas.

60. — Para preservar as creanças de quebranto:

a) Conservar-lhes debaixo da cama um pedaço de chavelho, um ramo d'aroeira e um ramo de alecrim;

b) Evitar que a lua *veja* a agua em que foi lavada a creança recem-nascida; só a mãe d'esta deve deitar fóra a mesma agua;

c) Não é tambem conveniente que a lua *veja* o trem (enxoval) da creança recem-nascida;

d) Quando se louva uma creança pela sua belleza, deve dizer-se seguidamente, por causa do quebranto:

Benza-te Deus,
Bons olhos te vejão,
E os maus cegos sejão.

E' mais vulgar esta fórma:

Que linda creança, benza-a Deus. (14).

Esta ultima applica-se tambem aos animaes e a objectos inanimados.

61. — Desejando saber-se se uma pessoa tem quebranto, deitão-se em umas brazas cinco pedaços de chavelho, cinco raminhos de julgado (erva), cinco bagos de trigo e cinco pedras de sal. Em seguida defumão-se as casas e a pessoa que se considerar atacada de quebranto; se o sal não crepita no lume, é signal de que o mau olhado não existia.

62. — Contra os maleficios das bruxas, pragas e *outras coisas más:*

a) Rezar uma vez cada noite o credo em cruz;

b) Ao deitar e ao levantar, defumar as casas com alecrim e raspas de chavelho, e rezar o credo;

c) Ao deitar dizer tres vezes, benzendo a casa:

A' roda d'esta casa
Anda uma grande conquista,
S. Pedro, S. Paulo e S. João Baptista;
Creio que isto é verdade,
Valão-me as tres pessoas
Da Santissima Trindade.

63. — Quando qualquer pessoa é atacada por um cão damnado, livra-se dizendo:

Tem mão cão,
Entre mim e ti
Está S. Romão.

Se o animal hydrophobo é uma cadella, emprega-se esta variante:

Tem mão cadella,
Entre mim e ti
Está Santa Quiteria.

Na impossibilidade de se reconhecer o sexo do animal — que é a hypothese mais provavel — proferem-se os dois tercetos pela ordem que fica indicada.

Em qualquer dos casos recita-se no fim a seguinte oração:

Encommendo-me á Luz,
A' Senhora da Bella Cruz,
Ao Rei da Virgindade,
E á Santissima Trindade,
E a S. Romão que está em Roma,
E fóra de Roma,
Que nos livre de cães damnados,
E por damnar,
De homem morto,
Mau encontro,
De homem vivo
E do mau perigo.
S. Romão e Santa Quiteria
Sempre sejão comigo.

Como preservativo é conveniente resar-se esta oração todos os dias. (15).

64.—Para afugentar as bruxas:

Tosca mosca,
Mosca tosca,
Ferradura no teu pé,
Mordaça na tua bocca,
Não venhas á minha casa
Nem a esta comarca toda.

Isto diz-se tres vezes, fazendo cruzes com a mão, quando a bruxa volta costas.

65.—Para se conseguir a amizade de pessoa que se mostra rebelde em nada conceder, fúrão-se com uma agulha os olhos de uma cobra, e passa-se a mesma agulha pelo fato da pessoa a que desejamos captar.

66.—Quem quizer saber o tempo que lhe falta para se casar, deve perguntar quando ouve o canto do cuco:

O' cuco
D'além do mar,
Quantos annos me dás
Para eu me casar?

Os annos que faltarem serão tantos quantas as vezes que o cuco repetir o canto.

Ensalmos

1.—Quando as creanças estão *tomadas da lua*, benzem-se com um crucifixo e diz-se nove vezes:

Menino (ou menina)
A lua por aqui passou,
A tua côr levou
E a sua deixou;
Ella tornará a passar,
E a tua tornará a deixar,
E a sua tornará a levar.
Em louvor de Nossa Senhora da Conceição
Pois ella a tem na sua mão.

Lanção-se depois em um defumador cinco raminhos de alecrim e cinco folhas de arocira, passa-se a creança cinco vezes em cruz pelo fumo, e diz-se tambem cinco vezes:

Assim como Nossa Senhora defumou seu amado filho para bem cheirar, assim te defumo eu a ti para se ir esse mal.

2. — Contra a erysipella:

Indo Pedro nas estradas,
Jesus Christo encontrou,
E elle lhe perguntou:
— D'onde vens, Pedro?
— De Roma, Senhor!
— Que viste por lá?
— Erysipella, Senhor!
— Volta atrás Pedro,
Erysipella se irá e nunca mais tornará,
Erysipella se irá e nunca mais tornará,
Erysipella se irá e nunca mais tornará.

Ao proferirem-se os tres ultimos versos faz-se uma cruz na região affectada do mal, com um raminho de oliveira ou de alecrim molhado em azeite.

Amuletos

1. — Como preservativo da erysipella: trazer ao pescoço um saquinho contendo a mão de uma toupeira.

2. — Contra os malefícios das bruxas: trazer uma cabeça de vibora, tambem ao pescoço, e dentro de um pequeno sacco.

3. — Quem usar ao pescoço ou na algibeira uma cabeça de vibora, conseguirá tudo o que quizer; mas, para gosar de tal privilegio, é necessario que a cabeça de vibora tenha sido préviamente collocada, a occultas, sobre um altar, e alli se haja conservado durante a celebração de uma missa.

Note-se, porém, que o praticar-se semelhante acto constitue peccado mortal.

Quando uma pessoa é feliz nas suas pretenções, costuma dizer-se: *Parece que tem cabeça de vibora.*

Ha quem pague as cabeças de vibora por bom dinheiro.

Orações

1.—Oração da Bella Cruz contra as tentações do demonio

Lá nos campos de *Judafaz* [1],
O demonio encontrarás;
Vade retro, Satanaz,
Na minh'alma não possas entrar,
Que eu no dia da Bella Cruz
Cem vezes m'ajoelhei,
Cem vezes me levantei,
Cem Ave Marias rezei.

Esta oração deve dizer-se perante a imagem do Christo allumiada com cera; reza-se cem vezes, e termina-se de cada vez com uma Ave Maria. O penitente joelha quando diz *cem vezes m'ajoelhei,* e levanta-se ao proferir as palavras *cem vezes me levantei.* E' claro que tem que fazer isto em cada uma das vezes que recita a oração, e, portanto, cem vezes.

Deve proferir-se esta oração no dia da Bella Cruz (a 3 de maio), pelo menos uma vez na vida, para que Satanaz nos não arrebate a alma quando, logo após a nossa morte, a encontrar no Valle de Josaphat.

Aquelle que houver recitado com todos os seus requisitos a *oração da Bella Cruz,* salvará a sua alma, porque esta, ao ser tentada pelo demonio, repetirá as palavras:

No dia da Bella Cruz
Cem vezes disse Jesus,

e o demonio sumir-se-á immediatamente.

Outra fórma:

Alma minha, alma minha,
Tem-te firme na fé,
Que Jesus Christo comtigo é;
Morrerás e não tornarás,
Ao Valle de *Judafaz* passarás,

[1] Josaphat.

O inimigo da Cruz encontrarás,
Com que palavras lhe dirás:
— Arreda-te lá Satanaz,
Que tu commigo nada tens,
Que em dia de Reis jejuei,
Cem Ave Marias rezei
E cem vezes me persignei.

Esta variante tem a mesma virtude da fórma antecedente, havendo-se jejuado em dia de Reis; recita-se cem vezes, como aquella, terminando-se de cada vez com uma Ave Maria e com o signal da cruz.

Agora a origem que a lenda attribue á virtude da oração:

Um homem tinha tres filhas, a mais nova das quaes era perseguida pelo demonio, a quem ella não conhecia, mas a quem via muitas vezes disfarçado sob diversas fórmas.

Um dia a mãe das meninas mandou a mais nova a certo sitio distante. Ella partiu, sósinha, e atravessou a pé enxuto um regato que se encontrava no caminho, e que então estava sêcco; porém, durante o trajecto para além do regato, choveu tanto e este tornou-se de tal modo caudaloso, que a pobre menina, ao querer regressar á casa, não pôde fazê-lo por causa da grande cheia.

Então sentou-se a chorar.

Sob a fórma de homem appareceu-lhe Satanaz, que indagou da causa dos seus desgostos e se offereceu para a transportar para o outro lado do regato, o que ella acceitou satisfeita e reconhecida, e o demonio pegou na menina e levou-a para o Inferno.

Passados dias reunírão se os diabos em *assembléa geral*, e disseram entre si, que muitas pessoas deixavão perder a sua alma por não jejuarem em dia de Reis, nem rezarem a *oração da Bella Cruz.*

A menina, que estava escondida e ouviu estas palavras, pediu que a deixassem ir vêr seus paes, e prometteu que voltaria. Sendo-lhe concedida a licença, foi a menina prevenir seus paes de que devião jejuar em dia de Reis e rezar a *oração da Bella Cruz* no dia 3 de maio, e assim lhes salvou as almas.

Depois, como não podesse deixar de cumprir a sua promessa, voltou ao Inferno, jejuou no primeiro dia de Reis, rezou no dia competente a *oração da Bella Cruz,* e assim salvou tambem a sua alma, que já considerava perdida.

Aquella menina era Santa Thereza, de quem diz a poesia popular:

Santa Thereza foi santa,
Foi ao Inferno em vida,
Veio de lá admirada
De vêr tant'alma perdida.

2. — Salve Rainha!
Rosa divina,
Cravo de amor,
Mãe do Senhor!
Dae-me juizo
E entendimento,
Para receber
O Santissimo Sacramento.

3. — Oração do natal

Esta noite do Natal,
Noite de grande alegria,
Caminhava S. José
Mais a Virgem Maria,
Tanto caminhou de noite
Como caminhou de dia.
Quando ia chegando a Belem,
Toda a gente dormia.
— Abre a porta, porteiro.
Que é S. José mais Maria.
— A minha porta não se abre
Sem que se declare o dia;
Não abro a porta a passageiros
Sem que a falla lhe *conhecia.*

Emquanto S. José foi buscar lume
Já a Virgem tinha o Menino.
Chegou S. Francisco
Rezando Ave Marias;
Ave Maria rezada,
Subiu ao céo,
Jesus Christo lhe perguntou:
— Como ficou lá a Virgem?
— Ficou coberta de ouro
Mais o seu bemdito Filho.
— Inda isso não é nada
Para o que ella merecia.
Um lenço com que se cingia,
Mais fino que a hollanda,
E' d'oiro, não de latão.

Subiu Nossa Senhora ao céo,
Quinta-feira da Ascenção,
Visitar os Santos Padres
Quo estavão na *sanguição* (?).

Quem esta oração souber,
E a disser,
De má morte não morrerá,
A's penas do Inferno não irá,
Que Nosso Senhor lhe apparecerá
A' hora da sua morte,
E aquella alma se não perderá.

Adivinhas (16)

1.—Qual é a coisa que quanto maior é, menos pesa?
— *O buraco.*

2.—Igreja pequena,
Gente miudinha,
Frade de pau,
E todos a tocarem berimbau?
— *Panella, feijões e colhér.*

3.—Qual é a pessoa que não faz senão comer?
— *O cozinheiro.*

4.—Todas as damas me querem,
Dão-me á cabeça valor,
Firo mesmo sem ter dentes,
Sem ter picos sou picador.
— *O alfinete* [1].

5.—Tem corôa e não diz missa, tem dentes e não come, tem pernas e não anda?
— *A trempe.*

6.—Tem pescoço e não tem cabeça, tem braços e não tem mãos, tem corpo e não tem pernas?
— *Camisa de homem.*

7.—Que fazes ahi, freira,
Tão prazenteira,
Nessa grade
Beijando esse frade?
— Se beijo este frade
Malicia não tem,
Que a mão d'este frade
Teve-a minha mãe.
— *A freira era mãe do frade.*

8.—Tem duas torres mui altas, dois mirantes, quatro andantes e um enxota-moscas?
— *O boi.*

9.—No matto está,
No matto se cria,
Quando chega a casa
Dá mais tristeza
Que alegria?
— *O caixão.* (17).

10.—Estando a Senhora D. Branca
Muito bem repimpada,
Vem o Senhor Barbaças
Dá-lhe uma bofetada?
— *Uma pincellada.*

11.—Branca como arroz,
Preta como pez,
Garganta de cabaça,
E nariz de torquez?
— *A formiga.*

12.—Qual é a ave sem penna,
Sem penna nem coração,
Que dá aos mortos allivio
E aos vivos consolação.
— *A Ave Maria.*

[1] V. a adivinha n.º 17.

13.— Altos palacios,
Lindas janellas.
Abrem-se e fecham-se.
Ninguem mora nellas?
— *Os olhos.*

14.— Uma casa tem quatro cantos, a cada canto está um gato, cada gato vê tres gatos, quantos gatos tem a casa?
— *Tem quatro.*

15.— Encanardo por fóra,
Branco por dentro,
E verde no pé?
— *O rabanete.*

16.— No meio do mar estou,
Não sou de Deus nem do mundo,
Nem do Inferno profundo;
Adivinha lá quem sou?
— *A lettra A.*

Outra:

Eu abro do amor as portas,
Da vida as portas encerro,
Permaneço em coisas tortas,
Mas não em monte ou desterro.

17.— Muitas vezes as creadas
Me encôntrão, sendo perdido;
Sou mil vezes emprestado,
Mas nunca restituido?
— *O alfinete.*

Outra:

Venho de reino estrangeiro,
Em Portugal sou vendido,
O meu officio é prender.
Se me solto, estou perdido [1].

18.— Dentro d'uma lapinha
Está uma cachopinha,
Chove não chove,
Está sempre molhadinha?
— *A lingua.*

Outra:

Uma senhorinha
Muito assenhorada,
Quando sáe de casa,
Está sempre molhada. (19).

19.— *Ave* sou e não vôo,
Tenho *lan*, não sou carneiro,
Nestas duas palavras,
Disse o meu nome inteiro.
— *Avelan.* (20).

20.— Sou principio de virtude,
Eu peccado venho a ser,
Sem as lettras do alphabeto
Meu nome posso escrever?
— *A virgula.*

21.— Sem mim não póde haver Deus,
Bispo sim, cardeal não,
As virgens podem ser virgens,
Mas donzellas sem mim não?
— *A lettra D.*

22.— Uma dama mui formosa
Dá passos muito iguaes,
Um mancebo a acompanha
Carregado de signaes?
— *A agulha e dedal.*

23.— Uma dama mui formosa,
A cada dentada que dá
Deixa ficar uma rosa?
— *A pulga.*

Mais duas:

[1] V. a adivinha n.º 4.

a) — Semente miudinha,
Em terra mimosa,
Assim que se semeia
Nasce uma rosa? (21).

b) — Qual é a coisa, qual é ella,
Que todos tem,
Ninguem gosta de ter,
E quando a acha
Não gosta de a perder?

24.— Bate em mim,
Bate em vós,
Bate na saia,
Bate no cós?
— *A peneira.*

25.— Andão dois navios no *mar*,
A cabra faz *mè*,
Um dos pontos da musica *lá*,
E o pobre, c'o seu cajado, *dá*?
— *Marmellada.* (22).

26.— Femea foi meu nascimento,
Macho me fizerão ser.
Fizerão-me afogar á força,
Para femea tornar a ser?
— *O sal.*

27.— Terra branca,
Semente preta,
Cinco balharotas
E uma balhareta?
— *Papel, tinta, dedos e caneta.*

28.— Sou gigante e gigantão,
Tenho doze filhos no meu coração,
De cada filho trinta netos,
Metade brancos e metade pretos?
— *O anno, doze mezes, trinta dias.*

29.— Sem ser capacete
Nem coisa de enfeitar,
Todos põem na cabeça
Onde é o seu logar?
— *O dedal.*

30.— Alli vêm nossos paes,
Maridos de nossas mães,
Paes de nossos filhos,
Nossos maridos tambem?
— *Palavras de duas raparigas casadas com o pae uma da outra.*

31.— Verde por fóra,
Encarnado por dentro
E com mulatinhas no centro?
— *A melancia.*

32.— Branca como agua,
Preta como pez,
Falla sem ter bocca
E anda sem ter pés?
— *Uma carta.*

33.— E' tão grande como uma pulga, e tem as orelhas maiores que as de uma burra?
— *A couve.*

34.— Sou mãe de muitos filhos
E todos comigo tenho;
Para os vêr fartos e cheios,
Dou uma volta, vou e venho,
Mas como no tempo presente
Tudo custa a sustentar,
Quando os vejo fartos e cheios
Ponho-me então a cantar?
— *A nora.*

Outra:

Uma mãe para cem filhos
Não é coisa de admirar,
A mãe para dar gemidos,
E os filhos para chorar.

35.— Duas mães e duas filhas,
Foram á missa com 3 mantilhas?
— *Avó, filha e neta.*

36.— Sendo nós muito irmans,
Quatro familias formâmos,
Temos entrada no Paço,
Com toda a gente nos dâmos.

Se uma de nós faltar,
Temos que nos conformar,
Porque com pessoa alguma
Não nos podemos dar.
— *Cartas de jogar.*

37.— Para andar me pozérão uma capa, para andar me tirárão a capa, sem a capa não posso andar?
— *O pião.*

38.— O que é que vae e vem sem nunca sair do seu logar?
— *Uma porta.*

39.— Sou sempre funesta,
Mas muitos me adorão:
Se me gánhão, morro,
Se me perdem, chórão?
— *A demanda.*

40.— Qual é a coisa que tem o logar no meio da casa?
— *O botão.*

41.— Qual é a coisa qual é ella, que Deus começou e não acabou?
— *A cabaça.*

42.— Eu nasci dentro de um berço
Onde ninguem tocar ousava,
Quem punha a mão, não tornava;
Entre cidades e côrtes,
Me desejão vêr crescida,
E as mulheres preguiçosas
Comigo gánhão a vida?
— *A castanha.*

43.— O que é, o que é, quanto mais alto está melhor se lhe chega?
— *A agua, num poço.*

44.— O que é, o que é, que tem dentes e não come e tira o que *come á gente?*
— *O pente.*

45.— Qual é a coisa, qual é ella que quanto maior é menos se vê?
— *A escuridão.*

46.— Qual é a coisa, qual é ella, que varre o céo todos os dias?
— *A lingua.*

47.— Sou coxo e encolhido,
Ao pé das damas estou bem,
Dou-lhe o que ellas querem,
Tiro-lhe o que ellas tem?
— *O leque.*

48.— E' branca, não é papel,
E' verde, não é limão,
Encarnada, não é sangue,
E' preta, não é carvão?
— *A amora.* (23).

49.— Quaes são as casas em que as damas nunca faltão?
— *As do taboleiro do jogo das damas.*

Ditos populares

1.— Tanto se me dá como se me deu.

2.— Tanto se me dá que a agua corra para baixo como que corra para cima.

3.— Tanto se me dá seis como meia duzia.

4. — Em menos d'um phosphoro [1].
5. — Cada um governa-se.
6. — Lá se foi tudo c'os diabos; ou:
Lá levou o diabo tudo.
7. — Tem-te Maria não caias, ou:
Tem-te não caias.
8. — Não é por ahi que o gato vae ás filhós.
9. — Pois sim, canta que logo bebes.
10. — Puxe cadeira e sente-se no chão.
11. — Rua, que chove em casa.
12. — Nosso Senhor lh'o *apague*, quando estiver aceso [2].
13. — P'ra quem é, bacalhau basta.
14. — O arroz é p'ra musica, e o bacalhau p'ra o prègador.
15. — Bem te conheço, pau de laranjeira.
16. — Vêr Braga por um canudo.
17. — Vêr as estrellas ao meio dia.
18. — Fallar pelos cotovellos.
19. — Horas, dá-as o relogio [3].
20. — Adeus Annica, que eu vou p'ra os toiros.
21. — Conversar farrapos.
22. — Muito temos conversado e não temos dito nada.
23. — E' meia noite, e não chove [4].
24. — Estar entre as dez e as onze.
Variante:
Estar entre as dez e as onze, com o meio dia á cabeça.
25. — Contas na mão e borracha á cinta.
26. — Adeus amor, que eu vou p'ra o Porto.
27. — Fazer o diabo a quatro. (25).
28. — Vá bugiar. (26).
29. — Vá á fava, emquanto a ervilha enche.
30. — Vá pentear macacos.
31. — Pancada de crear bicho. (27).
32. — Vêr-se entre a cruz e a caldeirinha. (28).
33. — Metter-se em camisa de onze varas. (29).

[1] O povo usa d'esta formula para dar a ideia de rapidez, como neste exemplo: *isto passou-se em menos de um phosphoro.*

[2] *Apague* é aqui empregado no sentido de *pague*. Usa-se d'esta fórmula para agradecer a uma pessoa com quem se tem grande familiaridade, um favor insignificante.

Na *Rev. do Minho*, vol. v, n.º 2, vem esta variante colhida pelo sr. A. Thomás Pires:

— Nosso Senhor lh'o pague.
— Se não fôr com azeite,
Seja com vinagre.

[3] Costuma responder-se a quem diz: *ora!*

[4] Geralmente a segunda parte emprega-se como complemento da primeira, quando esta é dita por outra pessoa.

34. — Fugir com armas e bagagens.
35. — Andar com uma pessoa, «Santo Antoninho onde te porei eu».
36. — Tem cara de Santo Antoninho de taberna.
37. — Então como vae essa bizarria?
38. — Tem culpas no cartorio.
39. — Dar no vinte.
40. — Sem dizer agua vae.
41. — São todos muito boas pessoas, mas o capote falta-me.
42. — Cuidou que se benzia e quebrou o nariz.
43. — Está no ar, ha-de cair.
44. — Não vivo de cantigas.
45. — Ficar a vêr navios no Alto de Santa Catharina.
46. — Ficar a vinte e nove de cima.
47. — Temos o caldo entornado.
48. — Adeus, temos conversado.
49. — Adeus, minhas encommendas.
50. — Isso chó rola!
51. — Para trás boneco, não faças palhaças.
52. — Agora não vae nada.
53. — Não vae nada sem assucar.
54. — Ora, pois nana!
55. — Valha-me Deus, que bem póde.
56. — Deixar-se levar p'lo cabresto.
57. — Vêr as toirinhas de palanque.
58. — E' de tres assobios.
59. — E' de X. P. T. O. [1].
60. — Agora é que são ellas.
61. — Agora, ou ellas ou as arreatas.
62. — Ora sebo de grillo, que é manteigueiro.
63. — Não ha tempo a perder.
64. — Suar as estopinhas.
65. — Não ponho mais na carta.
66. — Não cabe na pelle de contente.
67. — Fazer bichinha gata a alguem.
68. — Ter fome do rabo.
69. — Levar coiro e cabello.
70. — Pois sim, Thereza!
71. — Um homem não é de barro.
72. — Caspite laranjeira.
73. — Para cá vens tu do carrinho.
74. — Vem p'ra cá, que vens bem.
75. — Ir num pé e vir noutro.
76. — Não vivo de caretas.
77. — Isso fia mais fino.
78. — Isso tem dente de coelho.

[1] O povo analphabeto diz: *de chupeta e ó*.

79.— Isso tem que se lhe diga.
80.— Isso tem seus quindins.
81.— Isso tem seus quês.
82.— Não me confesso senão uma vez cada anno.
83.— Cá estou eu mais o meu moço.
84.— A' hora do comer sempre o diabo traz mais um.
85.— Adeus mundo, cada vez peor.
86.— Saudades são seccuras, ó Maria dá cá a borracha.
87.— Tenho muita pena, mas não posso chorar.
88.— Veremos, veremos, assim dizia o cego.
89.— Tão bom é o Padre, como o Filho, como o Espirito Santo.
90.— Já não dá rêgo.
91.— Deu-lhe a agua pela barba.
92.— Vamos á vida, que a morte está certa.
93.— Esta vida não chega a netos, nem a filhos que barbas tenhão.
94.— Calha bem.
95.— Abobora, que arroz é agua.
96.— Safa!
97.— E' da freguezia de Nossa Senhora não te rales.
98.— Tambem já a comadre bebe?
99.— Valha-te um burro aos coices.
100.— Espera ahi, que já bebes.
101.— Fazer d'uns moiros e d'outros christãos.
102.— Não quero saber de desgraças.
103.— Por artes do diabo.
104.— Por artes de berliques e berloques.
105.— Estar á mão de semear.
106.— Isso é dos livros.
107.— Sabe muito, mas anda a pé.
108.— Metter foice em seara alheia.
109.— Quem lhe encommendou o sermão, que lh'o pague.
110.— Mau, mau, que o tempo embrulha-se.
111.— Mau, Maria.
112.— O dito dito lá no Terreiro do Paço.
113.— Gastar cêra com ruins defuntos.
114.— Vejão como o demo as arma.
115.— Falla com o diabo á meia noite.
116.— Ainda bem não era morto, já estava esfolado.
117.— Ferver em pulgas.
118.— Tem bicho carpinteiro.
119.— Ha-de ganhar muito com isso.
120.— Ter entradas de leão e saidas de sendeiro.

Comparações populares

1. — Teso como um carapau.
2. — Experto como um rato.
3. — Experto como um azougue.
4. — Experto como um defunto. (E' expressão depreciativa).
5. — Tem duas caras, como o feijão frade.
6. — Andar para trás, como o caranguejo.
7. — Falso como Judas.
8. — E' mais velho que azeite e vinagre nas tendas.

    Variantes:

    a) E' mais velho que a Saragoça.

    b) E' mais velho que a Sé de Braga, ou: é mais velho que a Sé.
9. — E' como o Facada de Carcavellos, vendeu o burro sete vezes e sempre lhe chamava seu.
10. — Sabe tanto d'isso como eu de lagares de azeite.
11. — E' namoro da azeitona [1].
12. — Atirou-se a elle como S. Thiago aos moiros.
13. — Atirou-se como o gato a bofe.
14. — Dura tanto como sebo (ou manteiga) em nariz de cão.
15. — Come como são, e falla como doente.
16. — Mente com quantos dentes tem na bocca.
17. — Sabe que nem gaitas. (30).
18. — Caro como fogo.
19. — Escuro como breu.
20. — Nadar como um prégo.
21. — Teimoso como um burro.
22. — Escamado como uma barata.
23. — Tem força como um gallego.
24. — Calado como um rato.

    Variante:

    a) Calado como um seixo.

    b) Calado como toicinho em sacco.
25. — E' como o dinheiro de soldado: chega para tudo.
26. — E' um ovo por um real.
27. — Trabalhar como um moiro.
28. — E' o diabo em figura de gente.
29. — E' como o caracol: para onde vae leva a casa.
30. — Mette-se como piolho por costura.
31. — E' como a pescada: antes de o ser já o era.
32. — Fresco como uma alface.
33. — Vermelho como um tomate.

[1] Allude aos namoros faceis e pouco duradouros, e como são geralmente os das raparigas e dos rapazes empregados na apanha da azeitona, os quaes, sendo de localidades diversas e distantes umas das outras, mantêm namoro sómente durante os poucos dias em que se empregão juntos naquelle serviço agricola, separando-se depois para, ás vezes, nunca mais se tornarem a vêr.

34. — Gasta-se como cannela.
35. — Morreu a rir, como a Maria Rita.
36. — Berrar como uma cabra.
37. — Feio como um bode.
38. — Feio como um diabo.
39. — Leve como uma penna.
40. — Leve como um sargento.
41. — Pesa como chumbo.
42. — Faz uma vista que nem um cavallo de cem moedas.
43. — E' como o arroz, que vae a todos os baptisados.
44. — E' como a Maria d'Atalaya,
Tem a fralda maior do que a saia.
45. — E' como as mulheres d'Otta,
Usa um sapato e uma bota.
46. — E' como o ferreiro da maldição,
Quando tem ferro não tem carvão.
47. — E' como o Pedro Cem
Que teve e agora não tem.
48. — São aos pares, como os frades.
49. — E' como S. Benedito:
Não come, nem bebe,
E anda gordito.
50. — E' como o passarinho d'Angola:
Não come, nem bebe,
Nem suja a gaiola.

Rimas populares

1. — Em vista d'isso e dos autos,
Quem não quer comer escusa de pratos.
2. — Bem te conheço,
E's de Braga e chamas-te Lourenço.
3. — E mais não disse,
Tirou o chapéo e riu-se.
4. — A final de contas,
Tres cigarros e duas pontas.
5. — Antão era pastor,
Guardava ovelhas
E tinha um cão sem orelhas.
Variante:
Antão era pastor,
Guardava ovelhas
E quando as não tinha suas
Guardava as alheias [1].

[1] O povo costuma dizer isto como resposta a quem hesitantemente pergunta — *então?* — a proposito de uma coisa facil de resolver.

6. — Fazer de um Deus
E de outros judeus.
7. — Com papas e bolos
Se enganam os tolos.
8. — Graças a Deus para sempre,
Já os burros fallam á gente.
9. — Tomára já morrer
P'ra me estender.
10. — Coitadinho de quem morre,
Quem cá fica sempre come [1].
11. — Muitos parabens
De a cadellinha ter cães.
12. — Pouca bulha
Que está aqui um cego
P'ra enfiar uma agulha.
13. — Valha-me Nossa Senhora d'Agrella,
Que não ha outra como ella.
14. — Cá vamos indo aos tombos
Com a cabeça entre os hombros [2].
15. — Vae-se vivendo
Com alguma coisa
Que se vae comendo.
16. — Está bonita a chita,
Quanto mais se lava
Mais bonita fica.
17. — Faça, faça,
Que o seu fazer tem graça.
18. — Acabou-se
O que era dôce.
19. — E' como calha,
Uns á faca,
Outros á navalha.
20. — Rala-te bem,
Que a macaca logo vem.
21. — Vamos á deita
Que está o somno á espreita.
22. — Vamos deitar
Que está o somno a espreitar.
23. — Eu cá sou da Pampulha;
Obra feita, dinheiro na unha.

[1] Coitadinho de quem morre,
Que ao Paraiso não vae,
Quem cá fica sempre come,
Logo o desgosto lhe sáe.

(CANTIGA POPULAR).

[2] Usa-se respondendo a alguem que, indagando do nosso estado de saude, nos pergunta: *então como vae isso?*

24.—Não é da sua conta
Seu nariz sem ponta.
25.—São coisas do mundo:
Quem não sabe nadar
Vae p'ra o fundo.
26.—Estimo que tenha uma noite feliz,
Caia da cama abaixo e parta o nariz.
27.—Que pena,
Morrer o pao
A' pequena!
28.—Muito bem se canta na Sé,
Uns assentados, outros em pé.
Variante:
Muito bem se canta na Sé,
Mas é quem é.
29.—Foge cão! que te fazem barão!
Para onde, se me fazem viscondo?
30.—Está triste,
Porque o amor
Não lhe assiste.
31.—Que desembaraço,
Que nem no Terreiro do Paço!
32.—Que horas são?
Falta dez réis p'ra meio tostão,
Uma sardinha p'ra um quarteirão,
Um soldado p'ra um batalhão.
33.—Deus que te marcou,
Alguma coisa te achou.
34.—Covo, covellas
Enforca panellas;
No tempo das uvas
Enforca viuvas;
No tempo dos nabos
Enforca diabos [1].

Rimas infantis

1.—*Dominus vobiscum*,
Teu pae é barisco,
Tua mãe é vacca,
E está presa a uma estaca
A comer ervilhaca.

2.—Pae Paulino tem olho,
O Camões é Zarolho,
A policia não dorme
E os roubos apparecem.

[1] Diz-se quando se vê um coxo.

3.—Creio em Deus Padre
Todo Poderoso,
A mulher do padre
Teve um raposo,
Inda não era nado
Já era guloso.

4.—Truz, truz!
—Quem é?
—E' o preto que vem de Angola,
C'o seu charuto na bocca
E o seu chapéo á hespanhola.

5.—Padre Nosso,
Comer não posso;
Ave Maria
Tigella vazia,
Se mais tivesse
Mais comia.

6.—Pelo signal,
Fonte canal,
Comi toicinho
Não me fez mal,
Se mais tivesse
Mais comia.
Adeus senhor padre,
Até outro dia.

Outra:

Pelo signal
Da mão do gallo,
Comi toicinho
Não me fez mal,
Se mais tivesse
Mais comia.
Adeus senhor padre
Até outro dia. (24).

7.—Papagaio real,
Quem passa?
—E' o rei que vae p'ra caça.

8.—O que foi o seu almoço?
—Cascas de tremoço;

—O que foi o seu jantar?
—Bordas d'alguidar;

—O que foi a sua merenda?
—Pão da tenda;

—O que foi a sua ceia?
—Morrões de candeia.

9.—Mão morta, mão morta,
Filhinhos á porta,
Não tem que lhe dar
Dá-lhe co'a tranca da porta.

10.—Gosto muito
De arroz com presunto,
Mas gosto mais
De arroz com pardaes.

11.—Tero lero lero
Tenho quanto quero,
Tenho tres ovelhas,
Uma não é minha
Duas são alheias.

12.—Chó pr'a fóra,
Chó p'ra dentro,
Chó gallinha
P'ra o convento.

Chó p'ra fóra,
Chó p'ra rua,
Chó gallinha
P'ra a commua.

13.—Careca o pae,
Careca a mãe,
Careca os filhos
Que elles tem.

14.—Arre burro,
Para Azeitão,
Que os outros
Já lá vão.

Sermão

Assubi ao meu altar
Com tenção de prégar,
Veiu um gato gadelhudo
E comeu o meu jantar.
Chamei por meus irmãos,
Meus irmãos não me ouviram,
Vieram tres ladrões
Com facas e facões,
Atiraram comigo ao poço,
Com um chocalho ao pescoço.
As meninas a chorarem,
Calem-se meninas, calem-se
Que amanhan é domingo,
Pintasilgo derrabado,
Não tem sebe nem cavallo;
Tem uma mulinha cega,
Que vae d'aqui a Castella
Buscar um moio de pão,
Para mim e para o meu cão;
O meu cão não está cá,
Está á borda do rio,
Dá-lhe o vento, dá-lhe o frio,
Faz bailar em corrupio,
Dá-lhe o vento, dá-lhe o sol,
Faz bailar um rouxinol.

NOTAS

1.—Segundo a crença popular, a *agua de S. João* é uma agua miraculosa, rejuvenesce e aformosea, cura doenças, e opéra mil outros prodigios.

Em quasi todas as fontes do nosso país se toma o *banho de S. João,* que em Aveiro, Figueira da Foz e outras localidades se chama *banho santo.* E' tambem vulgarissimo o habito de ir á fonte lavar o rosto, na alegre e poetica noite de S. João.

Em diversas localidades do concelho do Cadaval e de alguns dos concelhos limitrophes, é costume as pessoas atacadas de rheumatismo irem tomar tres banhos das thermas das Caldas da Rainha, um em cada um dos dias 23, 24 e 25 de junho, porque, segundo a crença, aquelles tres banhos produzem o mesmo resultado de muitos outros que se tomarem em qualquer outra epocha do anno.

No Porto, lá vão na noite de S. João as *ranchadas* de rapazes e raparigas, em numerosos pares, precedidas de tocadores de viola, a visitarem as diversas *cascatas* que por toda a parte se encontrão sob o docel frondoso das carvalheiras, dirigindo-se depois para a fonte da alameda das Fontainhas, onde todos lavão o rosto!

Em Castello Branco visitão-se as fontes á meia noite e lavão-se os olhos em sete nascentes.

Mas não é sómente util á humanidade a agua de S. João; tambem serve de preservativo para os animaes. Assim, no Minho e no Douro, algumas pessoas que possuem gado lanigero levão-no na noite de

S. João a uma presa, onde o fazem andar na agua por algum tempo, isto para livrar o gado da tinha.

A virtude da agua de S. João acha-se poeticamente commemorada no seguinte *romance* que vem publicado a pag. 14 do *Romanceiro Português* do sr. dr. José Leite de Vasconcellos.

Eis o *romance:*

Mananhinha do S. João

Manhaninha de S. João,
Pela manhan de alvorada,
Jesus-Christo se passeia
Ao redor da fonte clara;
Por sua bocca dizia,
Por sua bocca fallava:
—Esta agua fica benta,
E a fonte fica sagrada.
Ouviu a filha de el-rei,
D'altas torres d'onde estava;
Vestiu suas meias de seda,
Calçou sapatos de prata,
Pegou em cantaro de ouro,
A' fonte foi buscar agua;
Lá no meio do caminho
Com a virgem se incontrava;
Atreveu-se e perguntou-lhe
Se havia de ser casada:
—Casadinha haveis de ser,
Muito bem afortunada;
Tres filhos haveis de ter
Todos de capa e espada:
Um será bispo em Roma,
E outro cardeal em Braga,
O mais novo d'elles todos
Servo da Virgem sagrada.

Ditosa da donzellinha
Que á fonte foi buscar agua!

2.—Esta superstição é variante d'outra mais conhecida e que consiste em metter debaixo do travesseiro uma chave, um rosario e uma pouca de terra, e procurar ao acaso a *sorte*, ao despertar na manhan seguinte: se se toca primeiro na chave é signal de que o casamento se effectuará naquelle anno; se acontece tocar-se no rosario, adeus bodas! se se põe a mão na terra, a morte não se fará esperar.

3.—Na quinta-feira da Ascensão o leite não coalha, diz o povo.

Na Beira, o queijo fabricado naquelle dia serve de medicamento contra as sezões.

4.—No Porto, quando uma mulher tem difficuldade no parto, vae um parente dar certo numero de badaladas no sino da igreja.

Nos arredores de Lisboa é o marido quem vae tocar o sino com os dentes.

Na sentença que condemnou como herejo o Padre Gabriel Malagrida, e que tem a data de 27 de setembro de 1761, ha um trecho referente a esta crença. Diz assim:

«Disse mais (o reu) que Deus Senhor nosso lhe mandára que mostrasse na meza do santo officio que não era hypocrita como dizião os inimigos da sua religião, das quaes alguns havião fallecido poucos dias antes, o que elle sabia por divina revelação. E por isso referia que ouvindo uns estrondos pelo meio da noite, perguntára ao alcaide dos carceres o que havia de novo, e que estrondo tinha sido aquelle

que se ouvira; e respondeu-lhe o mesmo alcaide *que poderião ser umas badaladas que no convento do Carmo se costumavão dar na occasião em que algumas mulheres estão para parir*, continuára ouvir os mesmos estrondos, e que então lhe fôra dito que era pela morte de el-rei nosso senhor».

5.—Não constitue novidade este prejuizo quanto ao uivo do cão ser mau presagio, principalmente de noite, pois é sabido que a nossa crença popular o considera como prognostico fatidico, como por exemplo no Minho, onde o uivo nocturno do cão é signal de que está para fugir algum filho da casa paterna.

O que me parece novo e que a pratica do prejuizo constitue *peccado mortal*. Por isso reproduzo a superstição.

Talvez não venha fóra de proposito recordar que em Pitangui (Brazil) se usa de um processo semelhante para o mesmo fim, e que vem explicado a pag. 74 do *Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para 1866*, nestes termos:

«O uivo do cão é de mau agouro. Ha ainda o processo para fazê-lo calar, a que chamão *sympathia*, e que é ainda mais engraçado do que o prejuizo: toma-se o sapato do pé esquerdo, dão-se com elle tres pancadas fortes no chão, e vira-se o rosto para baixo: se o cão não obedece logo, faz-se o mesmo com o outro, e elle se calará promptamente».

6.—A roman symbolisa a prosperidade e a abundancia, e emprega-se tambem para representar a liberalidade.

Na ilha da Madeira, em dia de Reis, deitão-se tres bagos de roman no lume para o ter acceso todo o anno, tres bagos na caixa do pão e tres na bolsa do dinheiro, para ter dinheiro e pão.

7.—Segundo Guichot, *Supersticiones andaluzas*, tambem em Hespanha é peccado cuspir no lume.

No Poitou e na Bretanha, o cuspir no fogo produz achaques do peito.

(Paul Sébillot, *L'Homme, 1884, n.º 19, pag. 584*).

8.º—Não é novo este prejuizo para a maioria dos leitores; o que supponho é não ter sido ainda publicada a fórmula recitativa.

9.—Esta fórmula é variante de muitas outras conhecidas, que se usão em diversos pontos de Portugal, e entre as quaes me occorrem as seguintes:

> Dae esmolinha ao do folle,
> Que quer fallar e não póde.
>
> S. Luiz rei de França,
> Dae falla a esta creança
> Que ella quer fallar e cança.

10.—Colhi uma *oração de S. Custodio*, que não publico por ser muito extensa e em pouco divergir da que se encontra em—*A Tradição* anno I, n.º 7, pag. 107.

Veja-se tambem a oração publicada a pag. 285 do *Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para 1869.*

11.—Em Villa Alva (Alemtejo) morre de dôres de barriga a pessoa que beber agua em corrente, sem primeiro rezar um Padre Nosso e uma Ave Maria.

(Vid. *Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para 1866, pag. 311).*

12.—Em muitas partes das provincias do Douro e Minho recita-se esta oração:

S. Mamede te alevede,
S. Vicente te accrescente,
S. Jorge te faça bom pão,
E a Virgem Nossa Senhora
Te bote a sua benção.

(Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro, para 1868, pag. 214).

13.—*Bragal* é o panno com que se cobre a farinha depois de amassada.

14.—«Para preservar do quebranto he vulgar costume antigo quando se louva algum minino, acudir logo a dizer que Deos o guarde, e outras cousas com que cuidão que o defendem; sendo que as palavras, só por razão de palavras, nenhuma virtude tem para fascinar; nem para preservar da fascinação, como diz Sennerto.»

(Francisco da Fonseca Henriques, *Medicina Lusitana,* 3.ª impressão. Porto, 1750, fol. liv. II, cap. I pag. 123-127. Vem transcrito este trecho na *Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes,* vol. III, pag. 182.)

15.—Esta foi colhida no concelho do Cadaval mas da bocca de uma mulher de Ferreira do Zezere.

Em S. P. de Roriz usa-se uma fórmula muito semelhante á da oração, que extraio do *Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro* para 1872, pag. 298.

Ei-la:

«Senhora da Luz,
Senhora da Bella Cruz,
Senhora da *Reginandade,*
Senhora da SS. Trindade,
que me livre de cães damnados,
e por damnar;
de bichos achados,
e por achar;
d'homem morto,
que é mau encontro;
d'homem vivo,
que é mau perigo;
S. Romão seja comigo.»

16 — A titulo de curiosidade ahi vão umas *adivinhas*, que de taes só tem a fórma, mas que são populares, e costumam empregar-se a proposito de uma pergunta tão simples que torna desnecessaria a resposta:

a) O que é, o que é,
Dize-me já,
Faz-se no bule,
Chama-se chá?

b) Preto por fóra, amarello por dentro, adivinha que é tacho?

c) Branco é, gallinha o põe?

d) Se adivinhares quantos pães levo neste sacco, dou-te todos quatro?

e) O que é, o que é,
Que olha para o céo,
Anda na cabeça
E chama-se chapéo?

Os francezes e os hespanhoes uzão fórmulas muito semelhantes:

Je preserve de l'eau,
On me met sur la tête;
Je m'appelle chapeau,
Devine, grosse bête.

Soy un util arnamento
En la cabeza del hombre;
Es el sombrero mi nombre,
Adivinalo, jumento.

17 — Variante:

No monte se cria
E vem para casa
E dá mais tristeza
Do que alegria.

(Theophilo Braga, *Era Nova* I, pag. 438.)

18 — Variantes:

E' negra como o pez
E agarra como a torquez?

Tem pescoço de cabra
Bico de torquez
Branca como a neve
E preta como o pez?

(Theophilo Braga, loc. cit. pag. 435 e 438).

19 — Variante:

Uma senhora muito senhorada
Nunca sáe de casa
Que não esteja molhada?

(*Idem, ib.*, pag. 437).

20 — Variante:

Sou *ave*, pennas não tenho,
Capa de ovelhas me cobre,
Sou creada numa arvore,
Coitadinha, sou tão pobre?

Idem, ib., pag. 435).

21 — Variante:

Semente preta,
Terra mimosa,
Salta a semente
Fica uma rosa?

(*Idem, ib.*, pag. 435).

22 — Variante:

O marinheiro no mar diz: *mar*,
A cabra no monte diz: *mé;*
O meirinho á porta diz: *lá*,
O pobresinho á porta diz: *dá*.

(Idem, idem, pag. 436).

23 — O sr. Theophilo Braga insere a pag. 434 da obra cit. uma adivinha muito semelhante a respeito da *melancia*. Diz:

Branco, não é papel,
Verde não é mar (limão)
Vermelho não é sangue,
Preto e não é carvão?

24 — Variante, na Beira Alta:

Pelo signal,
Bico real;
Comi toucinho,
Fez-me mal;
Se mais tivesse,
Mais comia:
Adeus, compadre,
Até outro dia.

(Rev. Lusitana, vol. IV, pag. 377).

25 — Creio que a origem d'esta expressão é effectivamente a que encontrei a pag. 4 do n.º 13, 1.º anno do semanario *O Bocage*, onde se diz:

«Punhão-se antigamente em scena peças sacras, em que ordinariamente fazião apparecer *diabos* entre os personagens que as representavão. Estas representações intitulavão-se: «*Pequena diabrura*» — «*Grande diabrura*». Na *pequena diabrura* não havia mais de tres das taes embrechadas; mas na *grande diabrura*, por ser de mais apparato, era de rigor apparecerem sempre quatro. D'aqui vem a origem do proverbio que usamos, e que é commum em outras nações, de: *Fazer o diabo a quatro — Ir o diabo a quatro*».

Esta versão é confirmada por L. Martel, no seu *Petit Recueil des Proverbes Français*, pag. 35.

26 — Tambem me não parece dezarrazoada a seguinte explicação que a respeito d'este dicto popularissimo se encontra no semanario citado na nota antecedente, no numero e paginas alli referidas:

«E' hoje um insulto, uma phrase chula de má companhia, uma expressão que só anda na bocca do vulgo; nada d'isso foi porém na sua origem.

Ao construir-se em Lisboa, no tempo de Felippe II, o forte do Terreiro do Paço, foi preciso, em razão de ser mui lodoso o terreno, assentar-lhe os fundamentos em uma estacaria, que se tornava firme com um engenho a que chamavão *bugio;* era penoso trabalhar com elle, e por isso se agarravão todos os vadios e pessoas de obscura condição que se encontravão pelas ruas e praças, d'onde proveiu o mandar *bugiar* aquelles a quem se trata com pouca ou nenhuma consideração, ou com quem ha intimas relações que auctorizão essa liberdade.»

27 — Vi algures, não me recordo onde, que este dicto popular se

funda em que *muita vez uma pancada póde produzir o desenvolvimento de um cancro, a que o povo chama bicho, por julgar que o é.*

Será assim?

28 — Parece-me não restar dúvida de que esta expressão allude ao facto de, entre nós, irem antigamente os condemnados até á forca entre a cruz alçada e a caldeirinha da agua benta.

29 — Diz-se que as alvas dos enforcados levavam onze varas de panno; talvez o dictado se ligue com este facto.

30 — E' extremamente curiosa a explicação que dá Bluteau da origem d'este dicto. Diz elle que *é porque as lampreias são excellentes, e como tem uns braços assemelhando as gaitas, d'ahi o dictado!*

Cadaval, Abril de 1900.

José Maria Adrião.

TRADIÇÕES POPULARES DO MINHO

(CARTAS)

A fallecida escriptora D. Maria Peregrina de Sousa, que viveu no Porto a maior parte da sua vida, e lá morreu ha annos, inseriu em varios numeros da *Revista Universal Lisbonense*, vol. IV (1844-1845), uma série de doze curiosas cartas dirigidas a Antonio Feliciano de Castilho, sobre tradições populares minhotas [1].

Estas cartas, embora escritas ao correr da penna, singelamente, sem pretensões scientificas, foram dos primeiros trabalhos que entre nós se publicaram sobre o assunto, depois que Almeida Garrett mostrou o valor ethnologico das tradições populares. Por isso aqui as coordeno e reproduzo, sem alterações, nem modificações, apenas numerando-as, pondo-lhes summarios no principio de cada uma, para maior commodidade do leitor, e harmonizando a orthographia. Como o vol. IV da citada *Revista* não anda nas mãos de todos, não me levarão a mal os estudiosos esta transcripção, antes m'a agradecerão, porque lhes apresento assim em conjunto uma série de cartas ethnographicas que estavam dispersas, e que mesmo seriam desconhecidas de muitos.

A'cêrca de D. Maria Peregrina de Sousa, considerada como collectora de tradições populares, vid. os meus *Ensaios ethnographicos*, vol. I, Esposende 1891, pag. 228-240.

J. L. de V.

[1] Assignadas com o pseudonymo de *Uma obscura Portuense*. Eu conheci D. Maria Peregrina, que mantinha amizade com pessoas da minha familia; sei, pois, positivamente que a *Obscura Portuense* era ella.

CARTA 1.ª

Simplicidade aldeã. — Corpo de afogado. — Santas mulheres

Tenho ha muito noticia d'um exemplo de longevidade, de que lhe não quis fallar antes de haver cabal conhecimento. Existe na aldeia de Pampelido freguesia de Lavra, distante um tiro de bala da praia, em que desembarcou o exercito libertador, um homem de 102 annos: chama-se Manuel Domingues dos Santos; é vigoroso, ouve e vê bem, e come dos grosseiros alimentos de que alli se usa, toucinho, fanécas, borôa de milho e centeio, batatas e feijões. Diz elle que nunca esteve doente, e que a unica vez que comeu gallinha, e foi sangrado. foi quando uns ladrões o espancaram.

Vive com sua neta, a quem ha muito doou quanto possuia. e apesar de ter reservado para si uma boa pensão, não a exige, e trabalha ainda a terra que o sustenta, em vez de se dar ao descanso, para acabar quieto depois da vida pesada e longa que teve.

D'este laborioso homem não será dito que comeu ocioso o seu pão; nem tão pouco que não abriu a sua mão ao necessitado, que elle é bom esmoler.

Os habitantes d'aquelles arredores são simplices, bons, sobrios e rusticos como Manuel Domingues. Alguns ha que ignoram as coisas mais sabidas; como, se é rei ou rainha que rege o reino, se o Sr. D. Pedro, que viram desembarcar, os que não fugiram, é vivo se morto.

O maior tractamento que conhecem é o de *senhoria*, que a ninguem jámais dão. Uma mulher, que foi levar agua para o Sr. D. Pedro se lavar, depois que elle saltou em terra no dia 8 de Julho, tratou-o por *vossemecê*, julgando-o algum governo (official do exercito), senão lhe daria *você*; e, se soubera quem elle era, provavelmente o trataria por *senhoria*.

São aquelles povos superstíciosos, como é de esperar de gentes singelas e ignorantes. Entre outras coisas acho extravagante uma superstição, que era facil perderem, se quisessem: aquelle que encontra o corpo d'um afogado não arreda pé sem dizer-lhe —*por Deus te peço, deixa-me ir, que vou procurar quem te leve a enterrar em sagrado*—; sem isto, crêem que o defuncto não deixaria mover-se o vivo, para que este o guardasse dos animaes.

Peor que isto é, porém, a mania de consultarem em todas as afflicções e doenças as *santas mulheres:* estas infames, além de os indisporem com algum vizinho, por suas palavras enigmaticas, e de empecerem suas curas com seus remedios, lhes roubam o fruto de sua muita economia e fadiga. Para honra d'aquelle povo, cumpre dizer, que as bruxas que os chupam, não são d'alli; e aquellas pobres gen-

tes andam ás vezes muito caminho para irem á espelunca da maga de mais nomeada.

Porto, 10 de Agosto de 1844.

(*Rev. Univ. Lisbon.*, IV, pag. 71-72).

CARTA 2.ª

Superstições varias. — Dadas. — Signo-Saimão. — Figas

Apesar de ser muito o que se diz da crendice e superstição dos povos das aldeias, tudo é pouco, ao menos a respeito das aldeias do meu conhecimento. Não ha doença ou desastre, que se não attribua a causa sobrenatural; e ainda quando buscam os remedios a seus males onde devem, não deixam de recorrer ás *mulheres entendidas*, que ficam com as honras da cura, quando o mal passa, mas não com desar da derrota, se o mal prevalece. Neste ultimo caso, foi muito grande o malefício. ou tarde foram á fonte limpa.

Vendo eu uma creança lésa d'uma perna tomar banhos, perguntei á mãe se lhe faziam bem, e me respondeu que ainda não.

Outra mulher me disse baixo — «Ella não quer dizer a verdade, com medo de que quem causou o mal empeça a cura; mas a vmc. póde-se dizer que a creança vae a milhor». — Uma rapariga que estivera muito mal me dizia ha poucos dias: — «A recaída foi peor que a malina. Não me ficaram senão os ossos, e nem esses me ficariam, se meu pae não andasse tanto a tempo». Por onde? lhe perguntei eu. — «Por onde devia andar: em cata do remedio que me curasse». — «Mas, disse outra, que inimigos tens tu para que tanto mal te fizessem?» — Foram amigos, disse ella, piscando os olhos, amigos que me queriam como eu quero ao peccado». — O *peccado* nesta phrase queria dizer o diabo.

Tem o custume estas pobres gentes do campo de não declararem precisamente o que pensam em fallando de maleficios e coisas ruins. Custa a perceber o que elles teem na mente, e o mais das vezes não é possivel comprehende-los, e nem sei se elles se comprehendem a si mesmos. Só de *olhaduras, dadas* e *almas do outro mundo* os oiço fallar com mais desembaraço. Um velho me dizia uma occasião — «Eu vinha da feira, tinha comprado uns bois lindos, de repente dá-me uma dôr que me custou a arrastar-me a casa, e os bois em entrando no curral, pegaram a bufar, sem quererem comer. Mandei-os logo defumar e defumei-me tambem, que bem sabia d'onde me vinha o mal. Uma creatura que me havia acompanhado á feira invejava a compra que eu fizera, e me lançou e mais aos bois uma olhadura que me tolheu».

Dadas não crêem elles serem vistas de malevolos; mas de pessoas que teem, sem o quererem, o fatal dom de prejudicar aquelles

que não trazem figas, ou signos saimões, principalmente estando em jejum os que ficam com as dadas, e não tendo ainda visto ninguem aquelles que as dão.

Finalmente tal é o labirinto de coisas que o povo crê, que haveria de que compôr um livro. E por mais que alguem se esforce de lhes tirar seus erros, nada consegue, e elles ficam dizendo com os seus botões — esta gente da cidade é toda pedreira-livre. — Se alguns aldeãos ha que não teem todas as crendices, não ha um só que não tenha algumas. Um dizia ha pouco tempo: — «Não, eu não creio em almas do outro-mundo, nem em coisas ruins, em bruxas sim, que muitas vezes as tenho visto».

Mas deixem-se essas gentes simplices com as suas idéas, que me parece impossivel o remedio á sua loucura, e trabalhe (quem souber e pudér) por extinguir os restos do mesmo mal que ainda se agacham pelas cidades, e entre pessoas que nada teem de estupidas. Entre as senhoras deveria eu dizer; que não sei que haja homens crendeiros: se os ha, calam-se com a sua vergonha. Falei certa occasião com uma senhora, que, sendo muito amavel, espirituosa, e bem educada, é comtudo muito supersticiosa, apesar do todo o trabalho que o marido toma para a desempoeirar: ella me disse que não queria pombas em casa, porque eram penas; que na casa do seu pae depois que se mataram pombas houvera muito que sentir. Passados tempos, conversando eu com outra senhora instruida e muito judiciosa, e que altamente condemnava comigo as superstições, eu lhe contei o que me havia succedido com a primeira, e ella me disse, mudando de tom: — «a esse respeito tambem eu sou supersticiosa: em casa minha não deixo matar pombas». — Póde v. fazer idéa do meu espanto! Mas não parou aqui. Tempos depois contei tudo isto a uma senhora que vi tinha pombas em casa, sem o que tal não faria, apesar de a suppôr muito rasoavel, e ella, depois de se rir muito, me disse: — «Essa superstição não tenho eu; mas sabe uma coisa em que não posso vencer-me? Se vejo uma borboleta, ou boa-nova branca, fico alegre todo o dia; se escura, fico triste. E tenho notado que é presagio que nunca me erra: hontem vi logo de manhã uma mariposa preta: e depois de jantar recebeu meu marido uma carta de enterro». — Depois d'isto nunca mais me arrisquei a falar em superstições a senhoras.

O desenfado me levou a escrever esta eterna carta a V., que provavelmente não estará desenfadado para poder aturar-me; se assim fôr, póde aqui rasgar a carta, que já lhe asseguro nada tenho hoje do meu retiro que noticiar-lhe.

Porto, 10 de Outubro de 1844.

(Pag. 178-179).

CARTA 3.ª

Bruxas. — Horas abertas. — Sêres sobrenaturaes: Bruxas, Cousa ruim, Diabo, Almas penadas, Corredor, Moiras, etc. — Superstições varias: figa, ave negra, bafo do boi, mar sagrado. — Benzedeiras. — Ponte da Alliviada

Tornarei á materia que encetei na minha carta incerta por v. na pag. 71, e continuei na que saiu na pag. 178.

O que eu sei de superstições é só do povo das aldeias, pois do povo da cidade minha natalicia nada posso dizer. Nas cidades, as classes estão separadas. Uma pessoa do meu sexo vê apenas o povo nas ruas: não é assim no campo, onde tem com todos relações, e onde vê todos eguaes, pobres e abastados. A unica differença que ha do lavrador ao jornaleiro, é que o primeiro vive com mais afan e cuidados, o outro com mais penuria quando lhe escassêa o trabalho, e á mercê do lavrador, se adoece, pois raras vezes se decide a ir para os hospitaes, pelo reputar um desprezo.

Lá, nessas horas mortas, ainda ha poucos annos, não havia quem nas aldeias saisse de casa, que não visse bruxas, sobretudo junto aos ribeiros. Eram ellas muito affectas á agua, na qual em figura de patos, se banhavam, ou, na sua propria, lavavam roupa.

Que de vezes uma pobre não lava de noite a camisa que de dia traz?

Muitos diziam serem desencaminhados por ellas e acharem-se de madrugada mui distantes do sitio que demandavam.

Com quantas culpas do vinho não carregavam as pobres bruxas.

Hoje vão passando de moda; poucos são já os felizes que as vêem; ainda comtudo os ha, e os que as não vêem contam que seus paes as viram.

A's Trindades, que é *hora aberta*, é quasi de fé que nas encruzilhadas se vê *coisa ruim*, na fórma de uma porca com bacoros, ou gallinha, com pitos, ou uma d'estas mães com os pequenos da outra.

Coisa ruim o que venha a ser, não sei: parece porém ser coisa mandada pelo diabo, ou o diabo mesmo, (o diabo é chamado *porco-sujo, brazabu, bicho feio* e *peccado).*

Se o camponês avista ao longe alguma luz, fica assustado; porque dizem uns serem almas perdidas, outros almas boas; e ha paragens em que sempre as esperam vêr, pois diz a fama que se mostram em diversos sitios.

Não morre pessoa de algum vulto, que não venha visitar os vivos, ou passeando por sua conta e risco, na figura que teve em vida, ou mettendo-se no corpo de algum parente, quasi sempre em mulheres.

Não julgo que todas estas sejam impostoras voluntarias; creio que muitas são o ludibrio de uma imaginação exaltada, e das idéas que ellas teem, e todos aquelles que as cercam.

O *corredor*, ou pessoa «que corre fado», continúa a ter voga.

Qualquer animal que de noite é visto, principalmente se corre, carrega com a fama de *corredor*, sobretudo o cão. Os homens mais animosos, assim que o julgam vêr, correm sobre elle, procurando fazer-lhe sangue para lhe quebrar o fado; e não se desenganam da sua loucura ao verem que nunca desencantaram ninguem. Sabem em troco alguma historia velha, que os confirma na sua crença.

Ha um sitio solitario, pouco distante de Leça da Palmeira, que é temido por ter uma alma encantada: e mostram os praticos um cantinho de um pinhal em que ella se accomoda, e dizem — «vede, não cria mato nem pinheiros».

Noutros sitios havia d'antes *moiras encantadas*, mas já pouco se falla d'isso; estão ainda mais desacreditadas as moiras que as bruxas. Assim fosse das outras extravagantes idéas que infestam os intendimentos dos aldeãos.

Temem elles *aragens, assombramentos, o diabo difamador, as almas do outro mundo, maleficios, más olhaduras, dadas* (estas ás vezes lhes cáem das nuvens, ainda ha pouco o soube) e outras muitas coisas, que penso, nem elles sabem o que sejam, nem que mal façam: mas quanto mais vago é o que temem, tanto mais nisso crêem; que o maravilhoso lhes apraz.

Não tem a dona da casa gallo velho; porque dizem que aos tres annos nasce um basilisco de um pequeno ovo que elle põe.

Se o povo do campo tem muitos vãos terrores, tambem não está sem os seus vãos talismans.

A pessoa, que traz uma figa, se alguma má aragem lhe toca, ou dada lhe chega, é quite por ter a figa estalada.

Quem tem gallinha ou gallo preto está descançado: as coisas ruins ou maleficios acanharão a ave negra, vindo-lhe a casa, não a pessoa alguma.

O homem que de noite vae diante do seu carro tambem nada receia, que, onde chega o bafo do boi, não ha perigo de males sobrenaturaes. Crêm que Nossa Senhora abençoára no presepio o boi, e amaldiçoára o burro.

Tambem os povos da beira-mar teem seu refugio particular. Abaixo do sitio a que chegou a maré, estão livres de tudo o que de noite temem: as coisas ruins não podem descer aquella barreira; porque, dizem elles, a agua do mar é sagrada. A necessidade que teem uns de andarem com os carros de noite, os outros de tirarem do mar com que adubem as terras, talvez, devam elles a idéa d'estes preservativos dos males.

Se hoje ha, como primeiro disse, menos fé nas bruxas que passeiam ao luar, infelizmente ha tanta ou mais nas bruxas que desinfeitiçam, tiram almas, sombras, demonios de muitas qualidades, e sabem tudo, menos o castigo que Deus lhes dará pelas imposturas de sua vida. Ha umas menos acreditadas, que com pouco se contentam. Com 40 réis póde o pobre saber quem lhe invejou a sua miseria, e lhe tirou a saude.

Outras de mais nomeada, que quasi sempre fallaram no ventre das mães, são mais bem pagas, mas frequentemente deixam a recompensa ao arbitrio do paciente, pois é por bem da humanidade que trabalham, não para receberem paga.

Tambem ás vezes dizem a alguns: — «Os seus males não são da minha competencia; falle com cirurgião»; — e com isto ganham novo credito.

Uma que desbanca todas as suas collegas, é uma tal mulher de Espinho, que podia deixar o infame trafico, de que usa, a outras miseraveis, que a fome induz á fraude, pois é rica. E' visitada todos os dias por pessoas de sete e oito leguas de distancia. Não sei se na sua terra gosa do mesmo credito; talvez não, que o rifão velho não falha: — ninguem é propheta na sua terra.

Esta curandeira dizem que ha trinta annos usa do seu commodo e lucrativo modo de vida. Falla ás vezes muito certo, outras varía, o que ella attribue, para se desculpar, ao trafego que tem da familia e da casa, que lhe rouba parte dos sentidos; mas ás quartas e sextas affiança que falla mais certo. Foi já accusada (não sei se castigada), mas não afrouxa no amor ao proximo, e continúa a alliviar-lhe as bolsas e a carregar-lhe os miolos de teias de aranha.

Não só o povo é crendeiro e se deixa allucinar pelas benzedeiras: geralmente vejo nas aldeias e cidades, que ou ha de haver falta de religião e boas crenças, ou estas hão de ir involtas com outras más. Não condemno os mais, lamento-os; que se eu sou isenta d'estes erros, devo-o a ter tido paes illustrados sobre pontos de religião, não a ter mais juizo que muitas pessoas, que conheço, supersticiosas ou incredulas. E' pois muito necessario recommendar ás mães de familias, que vejam o que ensinam a seus filhos, e que pensem bem, que estudem e aprendam antes de ensinarem.

Da ponte da Alliviada, sobre o Tamega, podia algum amarantense dizer bellas coisas a V., pois que ao longe o vulgo ainda conta algumas: como, que a ponte fôra feita pelos diabos, que estão agora debaixo d'ella fazendo grande motim, e comendo as migalhas que cáem das mesas d'aquelles que não dão graças a Deus.

A minha longa carta já começa a infastiar-me, etc.

(Pag. 267-268).

CARTA 4.ª

Costumes do Natal. — Corrida do gallo. — Loas e entremeses nas festas. — Dança moirisca

Estamos no Natal, e, por boas-festas, quereria eu contar a V. alguma velha usança d'este tempo, mas nada sei.

No Porto a não ser o insupportavel ruido que os rapazes costumam fazer cantando as janeiras, nada mais ha de velho: até as visi-

tas de boas-festas se vão tornando mais raras. Só ainda se usa na maior parte das familias unirem-se nas vesperas de Natal para consoarem, apesar de quasi ninguem jejuar, como d'antes era: tambem é força confessar que as naturezas não são o que foram.

Nas aldeias, ao redor do Porto, vão os parentes consoar com os parentes, e no dia de Natal jantar com outros que não puderam reunir-se na vespera; e o que vae tem a consoada, e ás vezes traz outra quando volta para sua casa.

Muitos domingos antes, correm cachópos e cachópas (os pequenos não teem alli outra denominação), moços e moças aos pinheiraes a colher pinhas que assaram na noite de 24, e os mais previstos tiram algumas do lume na manhã seguinte, no intervallo das missas primeiras. Estas pinhas, ou o mesmo lume que as queimou, tem a virtude, no pensar d'elles, de afastar a trovoada, tornando a accender-se quando troveja.

Nos dias santos que se seguem costuma o povo affluir para vêr representar a adoração do Messias, o que é para elle muito edificante, não para quem tem bom senso. Um dos representantes vem com batina, sobrepeliz e barrete de clerigo, e é elle que traz o Menino Jesus. Vêr um clerigo de nossos dias no meio de Herodes, e os reis Magos é pouco engraçado; mas menos quando um rapaz vem vestido de Virgem Maria!... Não disse bem, engraçado seria, se não se tratasse de materias tão sérias. O povo vê todos os anachronismos e indecencias dos seus reis com bocca aberta, e diz: *São coisas de Deus, só os judeus e pedreiros-livres é que não gostam d'isto.* Para que V. faça ideia do bom verso em que se exprimem os taes representantes da adoração do Messias, repetir-lhe-hei uns, que, uma occasião, ouvi a um que annunciava ao povo as figuras, que saíam para o terreiro:

> Assosseguem-se senhores,
> Não haja mais reboliço,
> Que ahi vem o rei Hérodes
> Inchado como um chouriço.

Estas são as festas dos camponeses no inverno, porque as romagens se acabaram com os dias serenos. Nestas costuma haver de tarde, quando a festa de igreja é só de manhã — os seguintes divertimentos: *Alvo, gallo ás cegas*, e *gallo na corda*. A estes ultimos só por antigos se póde perdoar, que são muito crueis.

O primeiro dos dois é um gallo que enterram vivo só com a cabeça de fóra, um homem vendado dá tres cutilladas á tôa com uma espada ferrugenta, e se acerta de cortar a cabeça do gallo ganha este, e se em vez d'isso acutillou outro objecto é grande motivo de riso, e outro o substitue.

O gallo na corda é coisa ainda mais piedosa de vêr.

O gallo dependurado pelas pernas se debate nos ares emquanto os homens com a espada ferrugenta procuram cortar-lhe a cabeça,

dando saltos por chegar-lhe, e assim martyrisam a innocente creatura no meio das risadas da gente!

Divertimento mais humano é o das comedias que representam em um pequeno e alto tablado. Se alguem de gosto mais civilizado faz representar um bom entremês, não recebe agradecimentos. O povo rustico quer aquillo a que está acostumado.

Primeiro deve vir um militar *botar a lôa*, quasi sempre em honra do santo: depois uma sorte de bôbo dizer a contra-lôa que consta de chocarrices; seguem-se as comedias — chamam-lhes assim, porém nada são. — Representam em uma tarde cinco ou seis comedias, com quatro ou cinco pessoas; fallam nas suas terras, nos seus costumes, em pessoas conhecidas ás vezes, em bruxas, e acabam sempre á pancada. As lôas são em verso, as comedias em prosa.

Tambem em algumas freguesias ha a dança moirisca, que de moirisca só tem hoje o nome.

Os dançadores vem vestidos como lhes parece, com tanto que não seja com trajes usuaes; cada um traz os mais extravagantes e bonitos que póde, e espadas que certamente substituiram os alfanges. Um que parece o commandante diz uma lôa em que se elogia por grande guerreiro: depois ao som de rebecas e violas dançam uma sorte de contradança inglesa com as espingardas no ar: parece que d'antes era uma marcha guerreira.

Porto, 23 de Dezembro de 1844.

(Pag. 300-301).

CARTA 5.ª

Conversados. — Bodas. — Morte. — Saudações. — Bailes. — Desafios poeticos. — Festa da «vista» em Landim

Nas terras proximas ao Porto ha um costume que julgo não haver em outra alguma parte. Todos os rapazes e raparigas *conversam*. Ora não sei como hei-de explicar o que elles chamam *conversa*, que o não é, nem namoro, nem galanteio, mas que participa de tudo isto.

E' a conversa entre um só rapaz e uma rapariga: e ninguem passa entre elles, ainda que longe estejam um do outro, nem os interrompe, a não haver extrema necessidade de tal, e menos ainda se atreve a metter-se na conversa dos dois, que todavia fallam alto, principalmente se se fiam no seu saber, que é quando mais loucuras dizem.

Se um d'elles *conversa por papel*, diz um longo discurso, que bem pouco ou nada significa, em palavras rimadas quasi sempre, e o outro está mudo e quedo, até que lhe chegue a sua vez, e então, se tambem tem o seu papel que recitar, encaixa-o como póde, ainda que nada diga para o que escutou; mas, se é um que fica atarantado com o diluvio de palavras que soaram a seus ouvidos e não sabe o que ha-de replicar, gaba-se o outro depois da *embaçadella* que deu. Aquel-

les que dizem o que pensam e fallam corrente e lisamente, e não teem uma collecção de palavras (vazias de sentido para elles) que nas occasiões apertadas lhes servem para responder a tudo, não sabem conversar. A rapariga que só conversa com um rapaz é muito criticada, porque já é conhecido que ha affeição entre ella e o seu conversado: a que é mais cuidadosa da sua boa fama conversa com todos que a procuram nas festas, até que o seu casamento esteja justo.

Dizem os pobres que teem o dote contado, e por isso nestas conversas tratam do seu casamento a que os paes raras vezes negam a sua approvação; mas os filhos dos lavradores deixam quasi sempre este cuidado a seus paes. A primeira conferencia d'estes para o ajuste é em uma devesa desviada das habitações: depois de bem discutidos todos os arranjos e dote que se ha-de dar ou receber, declara se o casamento e vae o noivo e sua familia visitar a noiva e jantam todos; dão de comer aos pobres e fazem ás vezes festejos, dão tiros ou lançam foguetes os vizinhos, e isto repetem no dia do casamento.

Aquella primeira visita do noivo se chama o apparecimento: e d'antes suppunha-se ser a primeira vez que a noiva lhe apparecia. Se ha jantar de bodas no dia do casamento, faz-se este ao domingo. que, se casam em dia de trabalho, cada um vae da igreja para sua casa, e trabalha como se nada fosse. A noiva, rica ou pobre, não vae para casa de seu marido senão dias depois do casamento. Se algum d'elles vem a ser pouco contente da sua sorte, francamente o diz, que a delicadeza não entra na partilha das boas qualidades d'essa gente simplez e grosseira, nem tão pouco a sensibilidade.

Quando alguem morre, chora se muito, mas depressa se enxugam as lagrimas. O trabalho a que se dão, logo que o defunto é subterrado distrae os aldeãos de suas penas moraes; e a religião acaba de os consolar.

Em tudo e por tudo mettem elles a Deus em seus discursos. Em logar das saudações das cidades, dizem os camponeses: — Louvado seja Nosso Senhor Jesus Christo. — Para sempre Deus louvado, — fique com Deus etc. — Se uns estão comendo e chega outro, diz: — Que lhes faça muito bom proveito, — ao que lhes respondem, — o mesmo lhe fará se fôr servido. — Nos caminhos se saudam quantos se topam, menos sendo de noite, que nada se diz, e até seria arriscado fallar a algum valentão, que responderia com duas pauladas.

Costume mais barbaro é ainda aquelle de não ser alguem senhor de dar um sarau em sua casa a pessoas de sua escolha. Uma vez que se toque e dance, ha-de abrir a porta a quantos vierem, senão grande desordem haveria, e os admittidos seriam as victimas dos excluidos.

Outro uso pouco *cavalheiro* é o de não serem senhoras as raparigas que dançam em uma festa de saírem da dança, ainda que aos primeiros dançadores succedam outros com que ellas *embirrem*. O desafio que a cantadeira tem com o cantador, se algumas vezes é em estylo amoroso, outras é uma verdadeira declaração de guerra; e das palavras picantes passam a descompostura, e neste caso ella está por

todos os motivos de peor partido, e muito mais por se não poder retirar. Se ella tem parente ou conversado do brio, e que alli não esteja para a despicar, este depois ajunta os amigos e vae ao arraial em que espera achar o offensor: elle, que o avista, reune os apaniguados e se espancam uns aos outros. Se as auctoridades preveniram a desordem, elles se encontrarão outra occasião, e terrivel será o conflicto, se os vapores do vinho accrescentarem forças á ira: que uma meia embriaguez nos dias de festa é uma arrogancia bruta, são usuaes defeitos desses aldeãos, assim como o amor á justiça e pontos de honra e veneração para o valor e coragem, virtudes que os caracterizam.

Demais me tenho detido com essa gente que amo, apesar de sua muita bruteza e ignorancia. Acabarei a minha carta (que vae sendo, como o costume, muito secante) com a discripção d'uma velha usança de Landim (aldeia mais proxima a Braga que ao Porto, e por isso menos conhecida).

Em Landim, aldeia do concelho de Villa Nova do Famalicão, na ultima malhada de trigo (alli ainda é o braço do homem que debulha todo o grão) o lavrador primoroso faz saír a *vista* que vae correr a freguezia. Adiante vão dois varredores fingindo grutescamente que varrem o caminho, depois a *vista*, que é uma rapariga asseada ou mulher, que sáe com um cesto na cabeça adornado de fitas e flôres, e a seu lado um mancebo que nunca a desampara com um ramo todo cheio de fitas no alto de um grande pão. Vão de guarda á *vista* dois homens com espadas desembainhadas e seguem-na muitos homens vestidos de mulheres, ou com quantas exhibições lhes lembram: depois segue a musica de rebecas e violas, e remata o cortejo uma porção dos malhadores com os mangoaes ao hombro, e a gente da aldeia que vae acudindo ao motim. A *vista* procura fugir por quantas sendas topa, e, se consegue o seu intento, os guardas são apupados, e correm tras ella e a reconduzem para o gremio da mascarada: em tudo isto conservam a *vista*, o moço do ramo e os guardas um sério e gravidade imperturbavel, menos na desenvoltura da corrida. Não será isto algum desfigurado vestigio de antigas festas pagãs?

Porto, 7 de Janeiro de 1845.

(Pag. 337-338).

CARTA 6.ª

Procissão das fogaças. — Outras procissões. — O ouro no povo do Minho. — Sermões

Tive noticia de outra antigualha: — Faz-se na villa da Feira em dia de S. Sebastião, uma procissão a que chamam *das fogaças*. Vão nella nove raparigas das mais bonitas, levando cada uma á cabeça uma grande fogaça de trigo amassado com vinho e ovos. Vae tambem um taboleiro, ou coisa que o parece, com um castello em cima. Disseram-me que este castello era em memoria d'aquelle em que os condes da Feira fizeram a promessa a S. Sebastião de festeja-lo no seu

dia: mas bem póde ser outra a chave do enigma. O pão das fogaças é muito ambicionado, porque lhe crêem a virtude de livrar de mordeduras de cães damnados D'antes era repartido ao povo depois da procissão recolhida: hoje (talvez por estarmos em tempos mais democraticos) divide-se em pedaços pelas familias principaes da villa, que deviam saber que só tem a virtude de tirar a fome a quem a tiver; e os pobres chucham no dedo.

Póde ser que no que deixo dito haja alguma inexacção, porque ao longe as coisas tomám ás vezes suas côres duvidosas: mas cuido que não poderá ser grande.

Limitando-me á minha provincia, narrarei o que pessoa de minha amizade me tem dito de algumas procissões, já que no tempo das procissões entrámos. A procissão dos Martyres de Marrocos, que em todas as igrejas de cruzios se fazia, na freguesia do Salvador de Moreira, pouco distante do Porto, nunca teve quebra. Cinco pequenos, vestidos de franciscanos, agrilhoados e com um cutello ao pescoço, vão atrás do andor de S. Sebastião, tão grande, que ao passar pela porta da igreja, aliás muito alta, é mistér levarem-n'o de rastos.

Os andores por aquellas aldeias são cheios de espelhinhos, fitas, flôres, tiras de sêda com lentejoulas, etc., e fazem a vista de uma pyramide, rematada por uma estrella de plumas em que vae o Santo.

Mas tornando á mencionada procissão, o Miramolim segue os martyres a quem ameaça com uma espada de pau. Que são as grandezas mundanas? .. O potente Miramolim é hoje alli um mendigo a quem envergam um grosso vestido á moirisca. E' tão desprezado o rei de Marrocos naquellas partes como o pregoeiro de Cesar, e por isso o mesmo individuo que ha pouco passeou como rei, irá como *fagote* na procissão dos Passos: tira elle comtudo mais vaidade do primeiro papel, e diz quando mendiga — «dêem uma esmola ao rei moiro».

Nestas duas procissões e em mais algumas de outras freguesias ha um barbaro uso. Muitas mães, que teem seus filhinhos doentes, promettem de os levar na procissão nuzinhos, e só embrulhados em uma toalha da cinta para baixo.

Contam-me que, se não fosse penoso vê-los chorar e tremer, seria bonito vêr aquellas creanças, que vão enfeitadas com flôres, fitas e cordões de ouro, e que mui lindas assim parecem. Creio, pois, que a vaidade d'aquellas mães é que as torna crueis.

Como de cordões de ouro fallei, não posso deixar, de notar uma feição particular das freguesias ricas ao norte do Porto. Tem mania por cordões de ouro, sem os quaes não ha asseio. A pobre para ir á festa pede cordões, ainda que todos sabem que os não tem; a lavradeira deve levar uma meada d'elles; os santos nos andores são carregados com cordões da cabeça aos pés, e os anjos nas procissões chegam a chorar com o pêso d'elles, e levam alguem que lh'os sustenha quando a procissão pára; e muitos guardas os acompanham depois a suas casas, onde ás vezes ficam até ao outro dia em que vão entregar o que pediram.

O risco em que se mettem os parentes dos anjos é-lhes compensado pela vangloria que tiram das riquezas que ajuntaram. De tudo neste mundo nos vangloriamos!...

O rapaz que sete vezes serve de anjo está livre de morrer enforcado: pensam os camponeses.

Das procissões passemos a sermões.

Consta-me que por essas aldeias se ouvem prégar alguns sacerdotes que parece estudaram com Frei Gerundio. No pulpito só se deviam dizer as verdades christãs, e ensinar o povo, não entretê-lo com frioleiras, e menos com sandices. Bem sei que a maior parte do povo rustico não entende os sermões, e que o mesmo quasi seria prégar-lhes em latim que em português; mas se os prégadores procurassem fazer-se entender prégando singelamente e sem divagações, seria por ventura elle menos ignorante. Mas quando eu ralho dos discipulos de Frei Gerundio, não sei o que faço: além de ser isto metter a foice em seara alheia, não sou eu tambem ás vezes um Frei Gerundio feminino? Hei medo d'isso, tão difusas e enredadas se tornam as minhas cartas. Ellas são como a famosa Campazas, aonde não escaceava espaço para formar uma sumptuosa cidade, mas que só poucas e miseraveis cabanas alardeava.

(Pag. 374-375).

CARTA 7.ª

Corpo aberto. — Degredo das almas

Na freguesia de Guilhabreu, concelho da Maia, ha uma mulher que dizem ter *o corpo aberto;* ora dir-lhe-hei o que isto quer dizer, que porventura (como eu até hoje) ignorará V. o que seja corpo aberto.

E' uma especie de hospedaria, em que se acoitam as almas dos finados (uma por cada vez), para d'alli darem as suas ordens aos vivos.

A mulher de Guilhabreu tem recebido uma por uma todas as almas d'aquelles que tem morrido nos arredores ha trinta annos para cá, e, ajudada por seu marido, ataranta todos os seus vizinhos, e d'isso vive, já se sabe, ainda que, pelo que ella diz, nada lucra com a poisada que dá ás almas.

Estes dois impostores servem-se da isca da religião para enganar o povo, mandando dizer missas e dar esmolas; e, se os parentes do defunto não cumprem o que lhes é ordenado *em nome* d'elle, a alma é degradada com uma *rasa de painço.*

Não sei se é conhecida esta superstição, que d'antes era muito vulgar. Vão a uma devesa longe das habitações, muram um pequeno pedaço e alli mettem a *alma* e uma *rasa de painço.* A alma cada anno tira um grão e, emquanto não acaba de gastar o painço todo, não sáe d'alli; neste terreno onde está a alma degradada não se deve cortar coisa que Deus crie. Não sei se ha outro algum modo.

Mas, tornando ao par de impostores de Guilhabreu, o administrador o mandou chamar, querendo vêr se antes de usar de rigor, poderia convencer aquelles miseraveis a deixar o seu infame tracto. Depois de lhe prégar uma missão, que bem pouco fruto fez, lhes disse impacientando-se — «Pois bem, não gastarei mais palavras: saibam porém que eu não dou licença no meu concelho para virem cá as almas do outro mundo, e que a primeira vez que vocês derem gasalhado a alguma, hão-de ir para a cadeia explicar o que ella quer; e a justiça correccional lhes dará boa paga da sua caridade». — Ao que a mulher respondeu: — «Pois então se vier alguma ter comigo, cá lh'a mandarei a V. pedir licença de fallar».

Ainda mais temos para vêr: o administrador a passar carta de residencia ás almas do outro mundo!

A respeito da ignorancia do povo, de que se servem os arteiros impostores, direi a V. aqui muito baixinho uma verdade que todos sabem. Se os parochos fossem todos bem escolhidos, e se se deixasse de olhar só para a côr politica d'elles, os aldeãos seriam menos ignorantes. Não só aos parochos imputo alguma culpa na cegucira do povo rustico do campo, tambem á maior (não digo bem), a uma grande parte, dos sacerdotes, porque se todos elles fossem probos e illustrados como muitos que eu conheço, e tivessem a caridade que devem, ensinando os ignorantes, muitos erros se veriam degradados com alqueires de painço.

Porto, 23 de Fevereiro de 1845.

(Pag 402).

CARTA 8.ª

Superstições várias: talhar, ensalmos. — Culto da lua-nova. — Pedras de raio. — A cobra

Dou a V. satisfação de não ter aproveitado as lembranças que me fez a honra de me dirigir sobre as antiguidades que desejára saber, para que se não persuada de que tive em pouca consideração o que teve a bondade de escrever-me. Na falta de coisas mais interessantes tenho atordido a cabeça a V. com insignificantes costumes e superstições dos povos que me cercam, e d'isto fallo com facilidade, porque sou eu que vejo e oiço, e não temo ser induzida em erro. Se cansado das minhas semsaborias, quiser pôr ponto a ellas, tenha a caridade de me fazer meio aceno, que eu farei alto: pelo emtanto continúo.

Ha crendices aldeãs muito comicas, e que parecem, a quem as não viu, coisas inventadas para fazer rir. A pessoa que tem um terçol (a que vulgarmente se chama *treçogo*) faz um pequeno circulo no lar, que appelida a *casa do treçogo*, accende lume, e, saltando tres vezes por cima, grita:

aqui d'elrei fogo
em casa do treçogo.

Vae gritando com a mesma azafama, e sáe por outra porta, sem ser aquella por que entrára: ou salta pela janella. A isto se chama *talhar o treçogo.*

Quem tem verrugas, vae a uma casa, bate á porta e grita:

verrugas trago,
verrugas vendo,
aqui as deixo.
e vou correndo.

E' de fé que o primeiro que abrir a porta ficará com as verrugas.

Talham-se as empigens, pondo-se-lhes saliva em jejum e dizendo:

empija rabija,
assim como eu comi e bebi,
assim tu medres aqui.

E' sempre por tres vezes que estas coisas se dizem: é um numero afortunado.

Alguns aldeãos dizem ás vezes que tem sol na cabeça, e tiram-n'o do seguinte modo. Pegam em um copo cheio d'agua, e, pondo um guardanapo na boca do copo, o voltam e pousam sobre a cabeça do molesto (que estará ao sol e á hora do meio dia...), o qual diz:

sol, dá-me a tua frescura,
que eu te dou a tua quentura.

E asseveram que a agua ferve.

Aquelle que tem mão ou pé aberto cose-o d'esta maneira: faz ferver uma panella de agua e a despeja em uma vasilha, aonde pousa a panella com o fundo para o ar, sobre que assenta o pé, e sobre elle um novello em que cose outra pessoa que pergunta: *eu que coso?* responde o molesto: *pé aberto — fio estorço! — isso mesmo — é que eu coso.* A panella, ao passo que vae arrefecendo, vae correndo a agua toda, signal certo para elles que o pé está cosido.

Dá uma coisa nos olhos a que chamam *unheiros,* e que talham assim. Com uma cruz fazem-lhe circulos dizendo: *unheiro verde em parede sêcca, quem te talhará? Só se fôr Nossa Senhora, que ella só poder terá. Pelo poder de Deus e da Virgem Maria e do Apostolo S. Tiago e de todos os Santos e do milagroso S. Silvestre que tudo o que eu faço preste. Só Nosso Senhor é o verdadeiro mestre.*

Talha-se a crisipela com um ramo de oliveira, fazendo cruzes e dizendo: *Pedro Paulo foi a Roma, Jesus Christo o encontrou, elle lhe preguntou: — Que vae por lá Pedro Paulo? — Morre por lá muita gente. — De que? — De irzipela irzepelão. — Torna atrás Pedro Paulo, que*

todos sararão. Cura-os com agoa da fonte, espargo do monte, e com o meu nome: amen.

Talha-se o bicho dizendo: *Eu que talho? Bicho, bichão, sapo, sapão, bicho de toda a nação*, etc.

O que chamam bicho, é alguma ferida de que se não conhece a origem e que sempre é attribuida á passagem de algum bicho pela roupa que se vestiu, ou coisa em que se tocou. Tudo o que se talha é arrematado com um Padre Nosso e Ave Maria.

E' para vêr como essa gente mistura em antigas superstições que mostram serem gentilicas, palavras e orações da nossa religião: e o peor é que muitos confundem de tal modo estas visiveis crendices, com as praticas das boas crenças, que muitas vezes, quando mal guiados, escarnecem das crenças mais santas, e sujeitam-se a *talhar* qualquer mal que padecem; pois, louvado Deus, tudo se talha (até as dôres de dentes!) e tudo com palavras e cerimonias diversas. Não sei se *talhar* vem de *atalhar*.

Quando a primeira vez se vê a lua nova diz-se:

> *Lua nova, benza-a Deus:*
> *minha madrinha, mãe de Deus!*
> *de tres coisas me has-de livrar:*
> *de agua corrente,*
> *de fogo ardente,*
> *de linguas de má gente.*

E' geralmente recebido entre os camponeses que o raio se apaga quando chega a terra e deixa uma pedra branca, que apparece passados sete annos, e que tem grandes virtudes: ha quem tenha (antes quem julga ter) das taes pedras, que guarda como reliquias.

Outra quejanda historia contam por certa, na qual tambem andam pedras brancas. A cobra, quando vae beber, deixa o veneno sobre uma: se alguem por peça lhe rouba a pedra, fica a cobra em uma continua efferveseencia e desespero, e d'aqui vem o rifão de que usam quando alguem anda inquieto — *Anda como a cobra que perdeu a peçonha.*

Porto, 10 de Março de 1845.

(Pag. 420).

CARTA 9.ª

Conversados (appendice á carta 5.ª). — Domingo «do bradar». — Crendices. Usos do cozer do pão. — Sementeiras. — Culto do mar

Mais algumas superstições e usos dos aldeãos das cercanias do Porto deviam ter figurado nas minhas cartas anteriores; mas, como ao

escrevê-las me esqueceram, e agora me lembram, aqui as porei, e V. as deixará ficar no escuro. se lhe parecer.

No artigo das conversas aldeãs de que fallei, ha mais o seguinte: o rapaz que conversa uma rapariga deve estar da parte esquerda, e o que é novato e se engana, leva grande critica. Este costume não é porque seja o logar da direita de mais honra, porque as mulheres alli são tidas em muito menos conta que os homens, e a galantaria e delicadesa não são o apanagio d'estes. Até manda a politica que a rapariga que está sentada se levante, se um rapaz a vem conversar, e que se não torne a assentar, se elle quer ficar em pé. O unico motivo que deu nascimento ao uso acima mencionado é que nos serões, antes da dança, as raparigas trabalham, e os rapazes que se collocam a seu lado incommodariam e seriam incommodados, se se pusessem da parte direita. Usam elles por isso do adagio seguinte:

Aquelle que se põe da banda do fuso
Ou é tolo, ou tem pouco uso.

Outro uso me havia esquecido, O domingo seguinte ao enterro de um lavrador se chama o *domingo do bradar*, porque reunem na igreja os parentes do defuncto, e fazem dizer responsos por alma do finado.

Passemos ás crendices. O bicho que se talha, se é macho, ha-de ser talhado por homem; se femeo, por mulher; creio que é, se o bicho que passou pelo sitio molesto era macho ou femeo. De sorte que se as feridas, a que chamam *bicho*, continuam depois de talhado o mal, é porque não fez a cerimonia grutesca quem devia.

Quem tem um terçol o póde lançar a quem lhe parecer, apontando e dizendo: — *treçogo, sae d'este olho e vai para aquelle* — creio que por tres vezes.

Ainda que todas as superstições sejam más, peores são umas que outras, e as seguintes verá V. a que rol pertencem.

Crêem geralmente os camponeses que, pedindo a Deus, entre a elevação da hostia e do calix, qualquer mal para alguem, Deus os ouve e satisfaz seu damnado pedido. Tambem teem por certo que as pragas rogadas entre as badaladas do meio dia empecem por força. Quando ha ideias de uma pessoa estar embruxada, e desejam saber quem foi a bruxa que fez o mal, abrem á meia noite portas e janellas da casa, e fazem uma grande fogueira dentro, lançando-lhe a roupa usada da creatura embruxada, e esperam que a bruxa virá correndo tirar os objectos enfeitiçados do lume, ou apagar a fogueira. Já uma occasião, uma pessoa que acudiu, julgando que havia fogo na casa, esteve para pagar com a vida a sua caridade. Vae porém cahindo em desuso esta experiencia: as curandeiras se encarregam de adivinhar com um baralho de cartas quem fez o maleficio, porque isso é mais rendoso.

Se ha estas superstições dignas de anathema, outras ha que merecem mais desculpa.

A mulher que acaba de amassar o pão faz uma cruz na massa, dizendo:

S. Vicente
te accrescente.
S. Mamede
te levede.

Quando tapam o forno faz á porta d'este uma cruz tambem, e algumas accrescentam uma enfiada de palavras mais ou menos longa, conforme a crendice da pessoa.

O lavrador que vae confiar a semente á terra persigna-se, e alguns chegam a semente ao bafo dos bois, que elles teem por abençoado.

Um costume que muito tocante achei, e é praticado pelas gentes da beira-mar, é o seguinte. Quando aquelles homens rudes vão a metter-se em um barco, ainda que só seja para irem muito perto apanhar o lixo do mar, tiram o chapéo, curvam-se sobre o mar, molham a mão e se benzem com a agua. Este momento de reconhecimento respeitoso, no meio da algazarra grosseira e alegre que antes e depois fazem, commove a quem o presencear.

Visinhanças do Porto, 15 d'Abril de 1845.

(Pags. 518-519).

CARTA 10.ª

Festa de S. Gonçalo em Amarante.—Corpus Christi em Penafiel

De duas procissões minhotas me fizeram a descripção que vou resumir para não ser enfadonha.

Em Amarante, na igreja do extincto convento de dominicos (sumptuoso templo de tres naves) se venera S. Gonçalo, que é tido em grande devoção pelos povos não só da villa, mas de aldeias muito distantes. No Pentecoste é que elles lhe fazem suas romarias. No sabbado já concorrem muitos bandos de romeiros dos concelhos circumvizinhos, a visitar o tumulo que na capella-mór da dita igreja encerra os restos do Santo. Uns entram na villa dançando, tangendo e cantando trovas profanas, e assim vão até á porta do templo: outros rezando a ladainha dos santos. No domingo do Pentecostes vem a Amarante uma procissão dos povos do concelho de Santa Cruz, a que chamam — o clamar [1] das vinte e cinco cruzes — por tantas serem as cruzes que trazem, e as freguesias do concelho.

Na frente vão homens tocando tambores e zabumbas, depois seguem as cruzes, e cada qual acompanhada da gente d'aquella freguesia a que pertence: e homens, mulheres e crianças caminham todos

[1] [No texto lê-se *clamar*, mas supponho que deve ser *clamor*.—J. L. de V.]

juntos, resando a ladainha dos santos. Muitas romeiras levam na mão um lenço em que vão amarrados, com simetria, dezoito e mais pedacinhos de rôlo accêsos. Vae atrás um sacerdote, que é o abbade da freguesia de Real d'aquelle concelho, debaixo do pallio com uma reliquia, e depois uma musica de differentes instrumentos, e arremata a procissão a camara do concelho de Santa Cruz e o juiz ordinario com a vara do juiz de direito, a quem a manda pedir: conservado este uso do tempo dos juizes de fóra; tendo os povos para si que neste dia, quem exerce a jurisdicção contenciosa na villa de Amarante é o juiz ordinario de Santa Cruz. Segue a procissão um grande concurso de povo.

Assim caminham até que se engolfam no magnifico templo, e alli (menos o sacerdote que se dirige logo á sacristia) dão tres voltas em redor da igreja cantando, e tocando ao mesmo tempo tambores e musica, tudo mui rija e descompassadamente. O motim que fazem só se póde comparar com o que deviam fazer outr'ora os barbaros na entrada de uma cidade de gente civilizada. Pedir a Deus por intervenção do Santo para que as colheitas venham a ser boas, é o que dá logar á procissão.

Aquelle Santo tambem é rogado para ser casamenteiro; e muitas raparigas, quando de antes lhe faziam a sua romaria, ao passar por um giestal perto da villa, atavam duas giestas sem se deterem muito, e sem olharem: e se o nó ficava bem dado, casariam dentro de um anno. Ainda ha poucos annos existia esta superstição; hoje não sei se o giestal foi derrotado, mas sei que ainda agora dura em muitas aldeias de longe o rifão: — aquelle não deu nó na giesta: — fallando de alguem que não casa. Atirar uma pedra ao rio Neiva tem o mesmo prestimo que dar nó na giesta: esta ultima superstição é menos conhecida; talvez só pelos vizinhos do Neiva o seja.

Em Penafiel, as vesperas do Corpo de Deus são um tempo de folgares e festins: é como o carnaval e a pascoa nas outras terras. Aquelle que no dia de Corpo de Deus não come carneiro ou anho é tido pelos penafidelenses pelo mais miseravel e desgraçado possivel — Coitado, dizem elles, é tão pobre, que não comeu anho neste dia!

Nos dias antes vão os bailes, que teem de figurar na procissão, dançar ás portas das auctoridades.

Ha nestes dias mascaradas e outras folias; torna-se Penafiel de monotoma e sossegada, ruidosa e folgasã. A procissão de Corpus Christi principia pelas danças das floristas e regateiras, e seguem-se todos os officios levando cada um d'elles a sua dança; e a dos ferreiros não se contenta com ir dançando pelas ruas, entra pela igreja dentro a dançar; as outras não entram. Leva mais a dita procissão o boi bento e o carro das hervas aromaticas tirado a bois; no mais é uma procissão como a do Porto.

Porto, 1 de Maio de 1845.

(Pag. 530).

CARTA 11.ª

Meios de talhar várias doenças: sezões, dada, ar ruim, tesorelho, ingoa. — Crendices várias

Tenho lido na *Revista Universal Lisbonense* diversas receitas para curar sezões, mas nenhuma como esta, que ha pouco me ensinaram, e de que usa por aqui a gente do campo.

O achacado vae a um sitio remoto, e ahi põe uma fatia de pão, um pucaro de vinho, um pedaço de panno, e alguma palha, e profere por tres vezes estas palavras: — *Maleitas! aqui vos fica pão para comêres; panno para vos limpares; vinho para beberes e palha para vos deitares:* e foge deixando assim arranjadas as sezões; mas se ellas não estão para ficarem ao sereno, e tornam com a pessoa para casa; fica averiguado que provieram de maleficio, e já se sabe que é necessario recorrer a fonte limpa, — a alguma impostora que comerá das sezões á regalada. No estenderête, que se deixou no sitio remoto, ninguem (que for amestrado em coisas taes) se atreverá a tocar; porque as sezões que alli ficaram degradadas infallivelmente saltarão para o corpo da pessoa ou animal que lhe bolir. — Cuidará V. que, visto ser este o tractamento das sezões, nenhumas jámais se curarão; não é tanto assim: porque afóra este remedio em que os aldeãos teem bastante fé, sempre, pelo sim pelo não, vão recorrendo tambem aos do facultativo: é andar a dois carrinhos: chamam-lhe elles *procurar o seu remedio por uma parte e por outra.*

Aprendi tambem a talhar as dadas: (dentro em pouco não me ganhará a melhor curandeira, tenho modo de vida para a velhice) — Fazendo circulos sobre a parte, que padece, diz a benzedeira, até chegar ao bemaventurado numero tres: «Por aquella serra acima, — vão dois machos com dois ôdres, — caíram os machos, arrebentaram os ôdres, — assim arrebentem os olhos dos máus olhadores».

Uma pontada ou outro qualquer incommodo repentino é que se denomina *dada*, ou *má olhadura;* uns confundem os dois males; outros mais peritos os distinguem.

A mulher grávida, nas aldêas, não traz chave á cinta (como usa quando sae se está livre) sob pena de lhe nascer o filho aleijado; nem no dito estado vae servir de madrinha a uma criança, pois crê que lhe morreria ou o filho ou o afilhado: — e esta superstição não é seguida só por gente rustica, mas por algumas pessoas que tinham obrigação de não serem tão parvas. Geralmente no Porto e circumvizinhanças se acredita mais que, em uma mulher gravida cheirando uma flôr, ha-de o filho trazer nodoas no corpo ou rosto.

De tudo isto me ria eu com vontade, que era inteiramente rebelde a dar credito a tudo aquillo que a razão me dizia ser incrivel; o magnetismo veio converter-me. Emquanto elle brincava lá por paises estranhos parecia-me assim quasi um conto da carochinha!.. mas

hoje que nos vem somnambulizar a nossa casa, não ha remedio senão acreditar possiveis as maiores impossibilidades. O magnetizador pelo que oiço é a pedra iman ou o sapo, e o magnetizado o ferro ou a doninha. Ah! que se uma dessas chamadas mulheres bentas podesse aprender a magnetizar, levaria apoz si o mundo em pêso nas aldêas.

O feiticeiro que foi preso em Monte-mór-o-novo e que se dizia do concelho de Bouças, será acaso discipulo de duas desembruxadeiras, que, segundo se me conta, fazem em Bouças coisas do arco da velha? Entre outras indignas manobras *dizem missa na cabeça de um homem;* para esta indecente e criminosa charlatanice apertam uma saia pelo pescoço e pousam um missal. ou livro que o pareça, sobre a cabeça d'um homem que se põe de joelhos, e começam gesticulando e berrando em uma algaravia que chamam latim. A estupidez e brutalidade conduzem a tantos erros como a mesma impiedade. Já uma d'estas benzedeiras teve uma aula da sua arte a que iam homens e mulheres; e foi por isso presa; mas é muito forte a tentação da mandriice; depois que se viu livre, continuou a exercer o seu officio; mas creio já o não ensina, ou com medo, ou para não perder os freguezes.

A molestia que hoje dizima os gados em muita parte não tem que fazer nas aldêas do nosso Minho, que alli não adoece animal que não seja em virtude de alguma aragem ou coisa ruim, e por esses males teem os camponeses o remedio de os defumarem com differentes hervas, benzendo-os ao mesmo tempo com umas calças, e mandando o mal que lhes empece, para *o mar coalhado.* Se trastes de gente teem valia para curar animaes, em paga, objectos d'estes a tem para curar gente. Vai o doente de bertoeja a uma côrte de porcos, e esfregando-se com a palha em que elles se deitaram, diz: «assim como porcos e porcas comem aqui,—assim tu bertoeja sáias d'aqui».

Mais comico que isto é ainda o talhar a molestia a que chamam *tesorelho* ou *tesorelha!* Sobre o pescoço de quem a padece, se poem um jugo ou canga e diz alguem tres vezes sem tomar o folego: «assim como boi e vacca canga aqui,—assim tu tezorelho sae d'aqui».

Estas ridiculas receitas não podiam deixar de ser inventadas por algum maganão, que se quis divertir com a credulidade da gente rustica.

Quem se acha incommodado com uma ingoa fita os olhos numa estrella sem pestanejar, e repete tres vezes: «estrella, a minha ingoa diz, que seques tu, eu digo que seque ella e que medres tu».

Estes modos de talhar os males não são os unicos infalliveis: ha muita diversidade sobre isto, porém quanto maiores são os disparates, parece que mais fé inspiram.

As abusões d'estas partes creio que em todas as nossas terras são conhecidas. Na vespera de S. João, á meia noite, vão os individuos, que padecem de sarna, rolar-se nús sobre um campo de linho, e ás vezes saem da cama para irem tomar aquelle banho de orvalho: é uma especie de hydropathia [1]. A' mesma hora, na mesma noite, os ren-

[1] [A auctora queria dizer: *hydrotherapia.*—J. L. de V.]

didos passam pelo carvalho cerquinho. Racha-se para este effeito um que seja tenro, e o padrinho do menino rendido passa este pela abertura. e a madrinha o recebe nos braços: depois ligam o carvalho e, se elle solda, está curada a rotura.

A madrinha da criança, que não falla, leva o afilhado dentro num folle e vai a tres casas que tenham a porta para o lado do mar, aonde diz: — esmola para o menino do folle que quer fallar e não póde — Aquellas tres esmolas (que em nenhuma das tres casas lhe negam um bocado de pão) se fazem comer ao pequeno, que depois fallará forçosamente (se não é mudo, bem entendido).

Porto, 7 de Maio de 1845.

(Pag. 552).

CARTA 12.ª (E ULTIMA)

Costumes a respeito dos ninhos. — Crenças várias: voz do cuco, som do sino

Está a dar resto o anno em que tanto tenho... (queria dizer anojado a V. S.ª; mas a sua attenciosa delicadeza não o consente), em que tanto lhe tenho pois escripto, e ao mesmo tempo acaba a provisão de crendices e abusões, que havia feito nos armazens do entendimento humano nas aldêas, aonde em vez de bons generos se recolhem cascaveis e garatujas. E' mui pouco o que hoje assoalharei d'esses armazens, mas esse pouco será de sobejo pelo seu nenhum valor.

Este tempo da primavera é um tempo de festa para os pequenos nos aldeãos, que correm as arvores, descem os despenhadeiros em cata dos ninhos. E como elles se retiram triumphantes em descubrindo algum! Se em o ninho achado ha ovos, dão parte aos seus amigos, de que elle tem *pedrinhas;* se acontece ter já tenras avezinhas, annunciam que tem *sapinhos*. Com esta troca de nomes pretendem elles desorientar as formigas, pois, se dissessem que o ninho tinha ovos ou passarinhos, dariam ellas nelles, e lá se ia a criação. Não ha comtudo peores formigas que os rapazes para a destruição d'aquellas innocentes familias.

Ha entre aquelles pequenos tiranos uma sorte de direito, que elles manteem com todas as suas forças. O primeiro que descobre um ninho, chama-se dono d'elle, e aquelle que lh'o tira é um usurpador, um ladrão. Não ha poucas rixas ás vezes para só esclarecer quem foi o primeiro descobridor, que se julga nada menos que um Americo Vespucio ou um Magalhães.

Quando no meio das suas empresas ouve um d'aquelles heroes cantar um cuco, grita-lhe: — «Cuco de maio, cuco de Aveiro, diz quantos annos hei-de estar solteiro.» — As vezes que o cuco canta depois é a conta dos annos.

Mais triste é o presagio, que os paes dos moços empreendedores (tão crianças como seus filhos) tiram do som dos sinos, quando tocam a finados; se lhes parece mais piedoso e melancolico, dizem:—«O sino annuncia mais mortes!... oiçam como elle toca terno!... está chamando por algum de nós.» Isto do toque dos sinos é só de poucas aldeias, não é geral.

Moreira, 4 de Junho de 1845.

(Pag. 583).

MARIA PEREGRINA DE SOUSA.

SUBSIDIOS PARA O ROMANCEIRO PORTUGUÊS

(TRADIÇÃO POPULAR DO ALGARVE)

I. O Conde de Lamanha ou a Condessa

(1.ª VERSÃO)

1. —Oh meu pae, já era tempo
de vós me dar um marido;
por vergonha não no peço,
de bôa vontade lhe digo.
5. —Filha, na côrte não acho
quem vos sirva de marido,
só o conde de Lamanha...
elle tem mulher e filhos.
—Com esse mesmo é qu'eu quero,
10. com esse mesmo é qu'eu qu'ria;
mande-o o meu pae chamar,
para jantar cá um dia;
falle-lhe o meu pae d'amores,
senão eu lhe fallaria.
15. Criados, oh meus criados,
os que estão ao meu mandado,
chamem no conde d'Lamanha,
que a palacio é chamado.
—A's ordens de real senhor,

20. ás ordens de real senhoria,
el-rei vos manda chamar
e rainha dona Maria.
—Inda agora vim da côrte,
el-rei não me quis fallar,
25. agora que estou em casa
é que me manda chamar:
ou me quer fazer mercês,
ou p'ra me mandar matar.

Monta-se no seu cavallo,
30. claro como o proprio dia,
chega á porta do palacio:
—Que me quer vossa senhoria?

Ao arrojar das cadeiras,
o rei logo lhe dizia:
35. —Quero que mates a condessa
p'ra casar com minha filha.
—Isso não faço eu, senhor,
que ella a morte não mer'cia;
mandarei-a para a serra,
40. que as feras a tragarião.
—Cala-te, oh conde Cravo,
não te ponhas á porfia,
que has de matar a condessa,
p'ra casar com minha filha.
45. —Isso não faço eu, senhor,
que ella a morte não mer'cia;
mandarei-a para um convento,
qu'ella nem sol nem lua v'ria.
—Cala-te, oh conde Cravo,
50. não te ponhas á porfia,
que has de matar a condessa
p'ra casar com minha filha.
—Isso não faço eu, senhor,
que a morte não na mer'cia;
55. deitarei-a duma janella a baixo,
que ella arrebentaria.
—Cala-te, oh conde Cravo,
não te ponhas á porfia,
que has de matar a condessa
60. antes duma *ave Maria;*
se chegue pela manhã
não ha de chegar ao meio-dia;
quero que me tragas a cabeça
nesta doirada bacia.

65. Indo o conde p'ra sua casa,
muito cheio de agonia,
mandou fechar seus portaes,
coisa que elle nunca fazia;
mandou vestir seus criados
70. de preto á *moirania*.
—Conta-me lá, meu bom conde,
minha doce companhia;
conta-me a tua tristeza,
como contas d'alegria.
75. — Não vos conto, oh condessa,
que vos causo muita agonia.
— Conta-me lá, meu bom conde,
minha doce companhia;
conta-me a tua tristeza,
80. como contas d'alegria.

Mandou pôr a sua mêsa,
que logo lhe contaria.
A mêsa já era posta,
nem um nem outro comia.
85. que as lagrimas erão tantas
que pela mêsa corrião.
—Conta-me lá, meu bom conde,
minha doce companhia;
conta-me a tua tristeza,
90. como contas d'alegria.
Mandou fazer sua cama,
que logo lhe contaria;
a cama já era feita,
nem um nem outro dormia,
95. que as lagrimas erão tantas
que pela cama corrião.
—Conta-me lá, meu bom conde,
minha doce companhia,
conta-me a tua tristeza,
100. como contas d'alegria.
—Pois é el-rei de Marrocos
e rainha dona Maria,
que quer que te mate a ti
p'ra casar com sua filha.
105. —Cala-te, meu bom conde,
que tudo remedio t'ria:
mandarás-me para a serra
que as feras me tragarião.
—Como póde isso assim ser;
110. se eu já isso lhe dizia?

—Cala-te, meu bom conde,
minha doce companhia,
mandarás-me p'ra um convento
qu'eu nem sol nem lua v'ria.
115. —Como póde isso assim ser,
se eu já isso lhe dizia?
—Cala-te, meu bom conde,
minha doce companhia;
deitarás-me duma janella a baixo
120. que eu logo arrebentaria.
—Como póde isso assim ser,
se eu já isso lhe dizia!
quer que, se chegues p'la manhã
que não chegues ao meio-dia,
125. quer que lhe mande a cabeça
nesta maldita bacia.
—Pois eu um favor te peço,
só um favor te pedia:
não me mates c'um punhal,
130. que é uso de tyrannia,
mata-me c'uma toalha
que é uso da fidalguia.
Dá-me aquelle tinteiro,
dá-me aquella escrevaninha,
135. quero escrever a *mi-madre*
a desgraça da sua filha;
dá-me aquelle menino,
quero-lhe dar de mamar.
—Mama, filho, mama, filho,
140. este leite agoniado,
qu'inda hoje tu tens mãe
e ámanhã estará no adro.
Mama, filho, mama, filho,
este leite de agonia,
145. que ámanhã já tens madrasta
de mais alta senhoria.

As razões que erão ditas,
criados que á porta batião,
se a condessa não era morta,
150. elles mesmos a matarião.
—A condessa não é morta,
mas já 'stá nesses alcances.
—Eu vos peço a Deus, Senhor,
mais á sagrada Maria
155. que el-rei não viva um hora,
nem a sua filha um dia.

As razões que erão ditas,
os sinos se dobrarião.
—Quem morreu, quem não morreu,
160. quem morreu, quem morreria?
—Morreu el-rei de Marrocos
e princeza sua filha;
querião desmanchar casaes,
coisa que Deus não queria.

*

Esta versão, bem como os dos romances que se seguem, colhi-as em Lagos de gente do povo; a todos ouvi dar-lhe o titulo de *Conde de Lamanha*, que julgo ser modificação *d'Allemanha*, a ajuizar pelo nome de *prata de Lamanha* que dão ao *christofle;* tambem o intitulavão a *Condessa*. Este mesmo romance com pequenas variantes vem noutras collecções sob a epigraphe de *D. Silvana*. Vid. o que sobre este assumpto escreveu nesta *Revista*, vol. II, pag. 234, a distincta romanista D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos.

Verso 2.º Aqui o povo empregou o infinito impessoal em vez do pessoal.

Verso 3.º E' sabido que o artigo, após uma nasal, por assimilação, toma a fórma *no*, que está pela archaica *lo*.

Verso 8.º Outra versão diz *esse*, talvez preferivel.

Verso 16. Outra versão diz *mandar*.

Verso 17. Vid. a nota ao v. 3.

Verso 20. Se se ler *seoria*, como pronuncia o povo, fica o verso regular.

Verso 23. Outra versão diz *cheguei;* a meu ver, deve-se dar preferencia á que adoptei, porque de contrario teriamos uma syllaba a mais.

Verso 27. Em vez de *ou me quer fazer mercês*, diz outra versão: *é que me quer fazer mercês;* como, porém, o verso é agudo, intendo que se deve dar preferencia á primeira.

Verso 32. Vide o que dissemos a respeito do verso 20.

Verso 33. Tenho nos meus apontamentos *o arrojar das cadeiras;* sem duvida, por menos attenção, escrevi *o* em vez de *ao*, ou melhor ô, como pronuncia em geral o povo algarvio, de commum com o d'outras provincias, maxime o de Alemtejo.

Verso 34. Outra versão: *o rei que lhe dizia*.

Verso 35. O cotejo com outras versões mostra que o artigo está a mais.

Verso 36. Temos aqui o mesmo emprego que já notamos do infinito impessoal em vez do pessoal.

Verso 41. Parece-nos que o verso deve ser antes: *cala-te lá, ó conde Cravo*, pois a particula *lá* é muito da predilecção popular nestes modos de dizer; demais temos abaixo: *conta-me lá, meu bom conde*.

Verso 47. Diz outra versão: *mandarei-a pôr num convento.*

Verso 55. Todas as versões que colhi dizem: *deitarei-a duma janella a baixo*, porém o excesso de syllabas mostra-nos que está errado.

Verso 62 ou melhor, como diz o povo: n'ha (quasi sem som nasal) de chegar ô mê-dia.

Verso 63. Vide o que dissémos a proposito do verso 55. Talvez o *quero* esteja a mais; vide a versão seguinte.

Verso 68. Deve-se preferir a versão *coisa que nunca fazia.*

Verso 70. Não alcanço do que seja corrupção a palavra *moirania;* noutras collecções vem: *de lucto, á maravilha.* [Ligar-se-ha *moirania* com *morena*, **morenia*, sob a influencia da palavra *moiro?* — J. L. de V.].

Verso 76. Ha neste verso uma syllaba a mais.

Verso 105. Vide o que dissémos a proposito do verso 41.

Verso 106. A não ler-se o verso como indico, deve preferir-se a versão que vejo noutras collecções: *que isso remedio teria.*

Verso 114. Aqui, como no verso 48, a não ler-se v'ria, deve omittir-se o pronome *ella* e *eu.*

Verso 123. Ha aqui uma syllaba a mais, talvez *quer.*

Verso 149. Deve ler-se assim este verso: *se a condessa n'era morta.*

Verso 150. Leia-se este verso consoante a pronuncia popular: *elles mêm'a matariõ.*

Verso 155. Tenho, por vezes, mórmente no verso, ouvido ao povo *um hora.* Ao contrario dão aqui (Lagos) ao substantivo *dó* o genero femenino, dizendo *uma dó.* [A expressão *um hora* está por *ũ(a) hora:* vid. *Estudos de philologia mirandêsa*, I, 348. — J. L. de V.].

Verso 164. Outra versão diz: *uma coisa que Deus não qu'ria*, mas nesta vê-se bem que *uma* está a mais para a medida do verso.

II. O Conde de Lamanha

(2.ª versão)

Filha del-rei de Marrocos
todo o dia está *llorando*,
seu pae lh'está perguntando:
— Que *lloras* tu, filha minha?
5. — Se eu *llorára*, ó meu pae,
tinha motivos p'ra isso.
vejo outras dos meus annos
já terem casa e vida,
só eu tenho estes annos,
10. não tenho casa nem vida.
— Qu'hei d'eu fazer, minha filha,
se não acho quem te sirva?
só o conde de *Lamanha*,

esse tem mulher e filhos.
15. — Esse mesmo, ó meu pae,
esse mesmo é qu'eu queria;
mandamos hoje chama-lo
pela nossa fidalguia.
— 'Stá em casa o senhor conde,
20. 'stá em casa, ó fidalguia?
el-rei o manda chamar
mais a princêsa sua filha.
— El-rei me manda chamar,
é p'ra me mandar matar
25. ou p'ra me mandar deitar
nas ondas do claro mar.
— Vinde com Deus, meu bom conde,
vinde com Deus, fidalguia:
vai matar tua mulher,
30. casarás com minha filha.
— A minha mulher é môça,
a morte não a mer'cia:
eu metto-a num convento,
nem sol, nem lua veria.
35. — Faze, conde, o que te mando,
não ôlhes p'ra mais porfia,
que me tragas a cabeça
nesta doirada bacia.

Vindo o conde para casa,
40. agoniado de agonia:
— Que tindes, ó meu bom conde,
que tindes, ó alma minha?
conta lá das vossas queixas,
qu'eu vos contarei d'al'gria.
45. — Manda-me já pôr a mesa,
só assim t'eu contaria.
A mesa já era posta,
nem um, nem outro comia;
as lagrimas erão tantas
50. que pela mesa corrião.
— Que tindes, ó meu bom conde,
que tindes, ó alma minha?
conta lá das vossas queixas,
que eu vos contarei d'al'gria.
55. — Manda-me fazer a cama,
só assim t'eu contaria.
A cama já era feita,
nem um nem outro dormia;
as lagrimas erão tantas

60. que pela cama corrião.
—Que tindes, ó meu bom conde,
que tindes, ó alma minha?
conta lá das vossas queixas
que eu vos contarei d'al'gria.
65. —El-rei te manda matar,
p'ra casar com sua filha.
—Cala-te lá, meu bom conde,
que isso remedio teria.
eu metto-me num convento,
70. nem sol, nem lua veria.
Dá cá aquelle tinteiro,
mais aquella escrevaninhá,
quero escrever a meu pae
a desgraça desta filha.
75. Dá cá aquelle menino,
quero-lhe dar de mamar.
Mama, mama, ó meu filho,
não deixes pinga de leite,
'té agora tiveste mãe.
80. mãe que tanto te queria,
agora terás madrasta
de mais alta fidalguia.

Ella se pondo á janella
os sinos da sé que ouvia.
85. —Quem morreu, quem morreria?
—Morreu el-rei de Marrocos
mais a princeza sua filha;
querião desmanchar casaes
coisa que Deus não queria.

Verso 7. De quem colhi estes versos, dizia: *tenho visto outras dos meus annos*, que eu corriji para o que vae acima.

Verso 17. Está aqui *mandamos* por *mandémos*, o que aliás é vulgar entre o povo.

Verso 25. Os meus apontamentos têm: *ou p'ra me mandar entregar a cabeça*, que eu alterei para: *ou p'ra me mandar deitar*.

Verso 33. Dizia a pessoa que me recitou este romance: *ou mette-a num convento*. Parece-me haver aqui engano, pois não podia dar tal ordem quem exigia lhe levassem a cabeça da condemnada; affigura-se-me ser alvitre do marido que pretendia assim de dois males o menos, por isso fiz a correcção apontada.

Verso 45. Os meus apontamentos dizem: manda-me pôr a mêsa.

Verso 69. Dizia a narradora: *ou manda-te metter num convento* o que, além de estar em contradicção com o que o rei ordenara, pecca contra a medida.

III. A condessa

(3.ª VERSÃO)

Inda agora vim da côrte,
el-rei manda-me chamar;
é p'ra me fazer mercês
ou p'ra me mandar matar.
5. Aqui 'stou ás vossas ordens
tambem ao vosso mandar:
é p'ra me fazer mercês
ou p'ra me mandar matar?
— Não é p'ra te fazer mercês,
10. nem p'ra te mandar matar;
é p'ra matar a condessa
p'ra casar com minha filha.
— Eu não mato a condessa,
qu'ella a morte não mer'cia;
15. mandarei-a pôr numa torre,
que nem lua, nem sol veria.
— Vae matar a condessa
p'ra casar com minha filha.
— Eu não mato a condessa,
20. qu'ella a morte não mer'cia.
mandarei-a p'ra á dos seus paes,
qu'elles logo a acceitarião.
— Vae matar a condessa,
p'ra casar com minha filha,
25. e traz-me aqui a cabeça
nesta doirada bacia.

D'alli saiu com grande agonia;
as lagrimas erão tantas
que pela rua corrião;
30. os suspiros erão tantos
que o castello adormecião.
— Conta, bom conde, á condessa
todas as tuas agonias,
como contavas d'al'gria.
35. — Mandai vós pôr a mesa
qu'eu vos logo contaria.
— O' criados e criadas,
os que estão ao meu mandar,
vam, vam já pôr a mesa
40. p'ra o bom conde ir jantar.
Todos dois foram p'ra mesa,

nem um nem outro comia,
os suspiros erão tantos
que o castello adormecião,
45. as lagrimas erão tantas
que pela mesa corrião.
— Conta, bom conde, á condessa,
todas as tuas agonias,
como contavas d'al'gria.
50. — Mandai vós fazer a cama
qu'eu vos logo contaria.
— O' criados e criadas,
os que estão ao meu mandar,
vam, vam já fazer a cama
55. p'ra o bom conde se ir deitar.
Todos dois foram p'ra cama,
nem um nem outro dormia;
as lagrimas erão tantas
que pela cama corrião;
60. os suspiros erão tantos
que o castello adormecião.
— El-rei manda-te matar,
p'ra casar com sua filha.
— Manda-me pôr n'uma torre
65. que nem sol nem lua veria.
— Tudo isso lhe eu disse,
a nada d'isso obedecia.
— Manda-me p'ra á dos meus paes
qu'elles logo m'acceitarião.
70. — Tudo isso lhe eu disse
nada d'isso obedecia,
que levasse-lhe a cabeça
nesta maldita bacia.
— Dá-me cá aquelle menino,
75. aquelle mais pequenino.
Mame, mame, meu menino,
não deixe nem uma pinga
que inda hoje tindes mãe
e ámanhã terás madrasta
80. de mais alta senhoria.
Dá cá além aquell' tinteiro
e aquella escrevaninha,
quero escrever a *mi madre*
a desgraça d'esta filha.
85. O' permitta o Deus *dar celo*
mais a sagrada Maria
que el rei não viva um hora
nem princeza D. Maria.

Já os sinos dobravão,
90. toda a gente se admirava.
— O que é isto? o que não é?
— Morreu el-rei de Marrocos,
e princesa sua filha
que quer d'sapartar casaes
95. Coisa que Deus não queria.

Versos 7 e 8. Nos meus apontamentos estão estes versos, como segue: *ou é p'ra vós me fazer merces, ou é p'ra vós me fazer mercês.*

Verso 9. Parece-me que este verso deve lêr-se assim em pronúncia popular: *N'é p'ra te, etc.*

Verso 21. Quem me subministrou este romance dizia assim este verso: *mandarei-a p'ra casa de seus paes.*

Verso 25. Talvez seja preferivel a outra versão que diz: *que me tragas a cabeça.*

Verso 38. Disse-me a narradora: *estejão todos ao meu mandar,* mas eu preferi a lição d'outra versão.

Verso 39. O segundo *vam* foi introducção minha, como tambem o do verso 54.

Verso 62. Os meus apontamentos teem: *é el-rei que manda matar,* que eu corrigi no que vai acima.

Verso 68. Vide o que dissemos atrás, verso 21.

Verso 85. Teem os meus apontamentos: *permitta Deus d'Arcelli,* que eu corrigi no que vai no texto. *Dar celo* é sem duvida o espanhol *del cielo.* [Propriamente: *dar* deve ser o andaluz *der=del.*—J. L. DE V.].

IV. D. Carlos de Montealvar

Estando dona Ablançua
no seu jardim a ser'nar,
quem logo alli passaria?
dom Carlos de Montealvar.
5. O' mas que linda menina
para comigo brincar.
— Eu, sim, brincava, dom Carlos,
mas não te havias gabar.
— Juro ao corte d'esta espada
10. de tal me não gabar.
— Arriba, arriba, dom Carlos,
Toda a noite a brincar!
Já era quasi manhã,
dom Carlos d'alli saiu
15. e foi á praça passear.
— Deus vos salve, meus senhores,
já vos trago que contar:

eu brinquei c'uma menina
no mundo não ha igual.
20. Estavão dois conselheiros
chegados á casa real.
— Quem seria, quem não seria?
Filha d'el-rei Cardeal.
— Alviç'ras, ó meu el-rei,
25. que eu novas vos quero dar:
sua filha Ablançua
com dom Carlos a brincar.
— Tivesse eu lenha acolhida
já a mandava queimar.
30. como não a tenho acolhida,
já a mandarei buscar.
Criados e meus criados,
os que estão ao meu mandar,
vão buscar lenha ao mato
35. p'ra princeza se ir queimar.
— Não se me dá que me matem
nem que me queirão matar,
que eu tenho em meu ventre
parte de sangue real.
40. Quem tivesse um criado meu
que o pão quisesse ganhar,
que uma carta me levasse
a dom Carlos de Montealvar.
Veiu um anjo do céo mandado:
45. — Escreve a carta, Ablançua,
que o criado te vai levar.
— Se elle estiver jantando,
deixai-o vós acabar;
se elle estiver dormindo,
50. deixai-o vós acordar;
se elle andar passeando,
podes logo entregar.

Foi o anjo em tão boa hora
que elle andava a passear;
55. mal que elle pegou na carta,
logo se pôs a chorar.
— Criados e meus criados,
os que estão ao meu mandar,
vão sellar os meus cavallos,
60. não se queirão demorar.
que viagem de quinze dias
numa noite se ha-de andar.
Vestiu-se em trago de frade,

logo tratou de abalar;
65. quando chegou ao caminho,
a justiça que encontrava.
— Arreda, justiça, arreda,
se não vos faço arredar,
que a menina que ahi vem
70. ainda vem por confessar.
— Se vós és um confessor,
bem me podeis confessar.
No meio da confissão
um beijo lh'elle quis dar.
75. — Alto lá, ó senhor frade,
não se queira adiantar,
quem em dom Carlos pôs boca,
outro não se ha-de gabar.
— Eu dom Carlos sou, princeza,
80. que vos venho aqui livrar.
Arreda, justiça, arreda,
senão vos faço arredar:
vão dizer ao cão do pae
que o venha agora buscar,
85. que eu monto-a no meu cavallo
e vou á praça passear.

Verso 1. Na versão seguinte é Galançua.

Verso 9. Nos meus apontamentos tenho *minha espada;* parece-me preferivel a correcção, já pelo sentido, já pela medida.

Verso 14. Os meus apontamentos teem: *quando dom Carlos d'alli saiu.*

Verso 15. A copolativa é introducção minha.

Verso 18. Dizem os meus apontamentos: *que eu brinquei, etc.*

Verso 28. Ouvi á narradora: *se eu tivesse lenha acolhida.*

Versos 41 e 42. Alterei estes dois versos que ouvi assim: *que meu pão quisesse ganhar, que me fosse levar uma carta.*

Verso 44. Afigura-se-me este verso obra do narrador.

Verso 48 e 50. O pronome *vós* é introducção minha.

Verso 52. E' frequente entre o povo a falta de concordancia.

Verso 55. Os meus apontamentos teem: *elle pegou na carta.*

Verso 68. Dizem os meus apontamentos: *senão faço vos arredar.*

Verso 71. *Um* é introducção minha. Vide o que disse sobre o verso 52.

Verso 75. A interjeição é minha.

Verso 82. Vide observação ao verso 68.

V. Dom Carlos de Montealvar

(2.ª versão)

Estando dona Galançua,
filha del-rei maioral,
uma noite a serenar,
viu passar alli dom Carlos,
5. dom Carlos de Montealvar.
— O' mas que bella menina
para um homem brincar!
— Uma noite, duas noites,
pouco é de aventurar,
10. pois sois moço e menino,
á praça te ireis cabar.
— Co' esta me tirem a vida
ou co' outras de mais cortar,
donzella com que eu dormisse,
15. quando me eu fosse gabar.
No outro dia pela manhã
á praça se foi gabar.
— Eu dormi co' uma donzella,
clara como um papel,
20. vermelha como um coral.

Cavalleiros cuidadosos,
quem seria, quem será?
— Salvo ella, é Galançua,
filha del-rei maioral.
25. Fidalgos que isto ouviram
a el-rei forão contar,
que sua filha Galançua
com dom Carlos foi brincar.
— Se eu tivesse lenha feita,
30. já a mandava queimar.
— Não se me dá que me queimem,
sempre que me queirão queimar,
dá-se-me só do meu ventre
que leva sangue real.
35. O' criados, ó vassallos,
os que estão ao meu mandar,
levem esta minha carta
ao conde de Montealvar:
se elle estiver jantando,
40. deixai-o vós acabar;

se elle estiver passeando,
podeis logo entregar.

Foi em tão boa occasião
que elle andava a passear.
45. — Deus te salve, meu bom conde,
Deus te queira a ti salvar;
que vós tendes uma rosa
que vo-la querem matar.
— Não tenho rosa nenhuma
50. que me hajão de matar;
salvo ella, é Galançua,
filha del-rei maioral.
Se tu me dizes mangando,
para dentro vou jantar;
55. se tu me dizes devéras,
cavallos mando sellar.
— E' verdade, meu bom conde,
isto que vim entoar.
— O' criados, ó vassallos,
60. os que estão ao meu mandar,
ferrem-me aquelles cavallos
com ferraduras de bronze,
que viagem de quinze dias
esta noite vão andar.

65. Em chegando á côrte
vestiu-se em trajo de frade
e foi logo a palacio
para lá a confessar.
— Em caso de penitencia
70. um beijo m'haveis de dar.
— Tenho feito juramento,
protesto de não faltar,
d'onde o conde pós a boca
de mais nenhum me tocar.
75. — Este sou, minha menina,
este sou, meu coração,
que te venho aqui buscar
por mulher que amiga não.

Esta versão, no essencial, pouco ou quasi nada differe da antecedente, e é bastante diversa da que nesta mesma *Revista* (4.º vol., pag. 189) publicou o seu director, o sr. Leite de Vasconcellos. Colhi-as ambas aqui; a primeira, porém, ouvi-a a uma pessoa natural de Lagos, a outra a uma de S. Braz d'Alportel.

Verso 1. A pessoa a quem ouvi este romance disse-me que era

Galançua ou Galançuca, a qual corresponde á fórma Galanzuca, modificação moderna do Galancina. Consulte-se o que sobre este romance escreveu a distincta escriptora e eximia romanista, a ex.^{ma} sr.ª D. Carolina Michaëlis nesta *Revista*, vol. II, 199.

Verso 4. Na versão original faltava o adverbio *além*.

Verso 6. Como no verso 4, fui buscar o *mas* á versão antecedente.

Verso 25. Troquei aqui *aquillo* dos meus apontamentos por *isto*, que me pareceu preferivel.

Verso 32. Neste verso troquei o *deixem de queimar* da narradora pelo *queirão queimar* da versão antecedente, que achei preferivel.

Verso 37. Nos meus apontamentos tenho: *levem-me esta carta*.

Verso 40. Disse-me a narradora: *deixai-o acabar de jantar*, mas eu preferi a lição de versão antecedente.

Verso 47. E' expressão popular a fórma *tindes*. Compare-se o proverbio: — muito tindes, muito vales, nada tindes, nada vales.

Verso 63: *Que jornada de quinze dias*, dizia a narradora; eu, porém, troquei *jornada por viagem*, da antecedente versão; se se tirar o *que* fica admissivel o verso, a meu vêr.

Verso 65. Afigura-se-me este verso accrescentamento do narrador.

Verso 68. O adverbio *lá* é introducção minha.

Verso 69. Não será antes: *em cargo de penitencia?*

VI. A nau Cathrineta

Lá vem a nau Cathrineta,
que tem muito que contar!
sete annos e um dia
andou nas aguas do mar.
5. Já não tinhão que comer,
nem tampouco que manjar;
deitaram sola de môlho
para vêr se a podião tragar,
mas a sola era tão dura
10. que não a podião levar.
Deitão sortes á ventura
qual se havia de matar;
a sorte cahiu em branco
no capitão general.
15. Olharam uns para os outros:
— Quem nos ha de governar?
— Sobe acima, bom gageiro,
áquelle mastro real;
vê se vês terras de Hespanha,
20. ou areias de Portugal.

—Alviç'ras, meu capitão,
meu capitão general!
Já vejo terras de Hespanha,
areias de Portugal;
25. tambem vejo tres meninas
debaixo de um laranjal.
—Todas tres são minhas filhas,
todas tres te hei de dar,
uma para te vestir,
30. outra para te calçar,
a mais bonita de todas
para comtigo casar.
—Não quero as vossas filhas
que vos custou a crear,
35. quero a nau Cathrineta,
para no mar velejar.
—Cathrineta não te dou,
dar-te-hei o meu cavallo
com duzentas campainhas,
40. á roda do peitoral.
—Não quero o vosso cavallo
que vos custou a ensinar,
quero a nau Cathrineta
para no mar velejar.
45. —Cathrineta não te dou
nem te a posso dar.

E, chegando ao Cruzeiro,
logo o mandou matar.

Differe esta versão da que inseriu Almeida Garrett no seu *Romanceiro,* pois que nesta é o diabo que pretende a alma do capitão, e naquella é este que manda matar o gageiro.

Verso 1. Quem me recitou o presente romance dizia: *já lá* etc.

Verso 4. Nos meus apontamentos tenho: *andou sobre as aguas* etc.

Verso 5. Preferi a lição de Almeida Garrett á que me recitaram e dizia: *Um dia não tinhão* etc.

Verso 9. A conjuncção *mas* não vem nos meus apontamentos.

Verso 11. Em vez de *deitão,* quem me forneceu esta versão dizia: *deitaram.*

Verso 12. Os meus apontamentos teem: *qual se devia de matar.*

Verso 14. Aqui troquei *tenente* da minha versão por *capitão* da de Garrett.

Verso 16. Quem me recitou este romance, dizia: *meu Deus, quem etc.*

Verso 17. Tenho nos meus apontamentos: *meu bom gageiro.*

Verso 19. Corrigi o: *a vêr se etc.,* pelo: *vê se* etc., de Garrett.

Verso 20. Nos meus apontamentos tenho repetidos os versos desde o n.° 11 até 20: ou foi engano de quem me referiu este romance, ou entre os versos repetidos faltão alguns.

Verso 21. Preferi neste verso e no seguinte o *capitão* da versão de Garrett ao *commandante* que ouvi.

Verso 23. O adverbio *já* é introducção minha, segundo Garrett.

Verso 38. Diz a minha versão: *eu te darei etc.*

Verso 41 e 42. Os meus apontamentos teem: *não quero o seu cavallo, que lhe custou o seu dinheiro.*

Verso 46. Afigura-se-nos incompleto este verso, devendo subentender-se alguma palavra para o completar.

VII. Rei de Lamanha

(1.ª VERSÃO)

Já lá vem o claro sol,
já lá vem o claro dia,
e o conde de Lamanha
com a rainha dormia.
5. Ninguem no palacio o sabe,
ninguem alli o sabia.
sabia-o só a vossa filha,
infanta dona Maria.
—O' filha, se vós sabeis,
10. bem me pódes encobrir,
que o conde é muito rico,
d'oiro vos ha de vestir.
—Eu não lhe quero o seu oiro,
nem tampouco o seu damasco,
15. que inda tenho meu pae vivo,
já me querem dar padrasto.
As mangas do meu vestido
não nas chegue eu a romper,
que em meu pae vindo da côrte,
20. tudo lhe hei de dizer;
as mangas do meu roupão
não nas chegue eu a rasgar,
que, em meu pae vindo da côrte,
tudo lhe hei de contar.

25. Nestas razões que estavão,
seu pae que alli chegava:
—O que é isto, senhores?
—E' uma mão c'uma filha.
—E' o conde, ó meu pae,

30. que commigo quer zombar.
—Deixa-te lá, minha filha,
que o conde é zombador,
comtigo gosta de zombar.
—Não gósto do seu zombar,
35. nem da sua zombaria,
se eu fosse p'lo seu zombar,
não era eu dona Maria.
—Filha, se isso assim é,
dá cá um copo d'agua,
40. que antes do sol raiar,
vai o conde a degolar.
—Maldição te deito eu, filha,
pelo leite que mamaste,
que uma morte tão tyranna
45. tu mesma a *casuaste*.
—Cale-se lá, minha mãe,
não vos oiça aqui ninguem,
que a morte que o conde teve
não na tinhais vós tambem.

Verso 6. A versão que obtive dizia: *ninguem no palacio o sabia*, o que dá uma syllaba a mais, e é menos natural.

Verso 13. Em vez de *lhe* que adoptei, dizia a narradora *vos*.

Verso 26. Tenho nos meus apontamentos: *o seu pae que chegara*.

Verso 33. Neste verso ha uma syllaba a mais.

Verso 35. Preferi esta redacção á da narradora, que dizia: *nem tampouco de zombaria*.

Verso 37. Está assim nas minhas notas este verso: *não era infanta dona Maria*.

Verso 40. O *que* é introducção minha.

Verso 45. *Casuaste* é a pronuncia popular de *causaste*.

VIII. Rei de Lamanha

(2.ª versão)

Já lá vem o sol nascendo,
já lá vem o claro dia
e o conde de Lamanha
com a rainha dormia.
5. Ninguem na côrte o sabia
senão a princesa sua filha
—O' filha, se tu o sabes,
tu me queiras encobrir,
que o conde é muito rico

10. d'oiro vos ha de vestir.
—Eu não lhe quero o seu oiro,
que cá tenha o meu damasco;
inda tenho meu pae vivo,
já me querem dar padrasto.
15. As mangas do meu vestido,
as mangas do meu gibão,
não nas chegue eu a 'stragar,
qu'em vindo meu pae da missa,
20. tudo lhe hei de contar.
—Que razões são essas lá
entre a mãe e a filha?
—E' que o conde de Lamanha
comigo zombar queria.
25. —O' filha, deixa o conde,
que elle é muito zombador.
—Mal haja o seu zombar,
mais a sua zombaria;
pegou-me pela mão,
30. p'ra cama levar-me qu'ria.
—O' filha, se isso é assim,
eu o mandarei matar.

Vindo a volta da tarde,
o conde que vai a enforcar.
35. —Eu te amaldiçôo, filha,
pelo leite que mamaste;
a um conde tão bonito,
a morte lhe *causaste*.
—Cale-se, ó minha mãe,
40. queira-se vós callar,
que a morte que o conde teve
não na queira vós levar.

Como se vê, esta versão pouco differe da anterior.

Verso 11. Tenho nas minhas notas: *não quero o seu oiro.*

Verso 15. Ao *pelas mangas da camisa* preferi a lição da antecedente versão.

Verso 17. Tenho nos meus apontamentos: *pelas mangas do meu gibão.*

Verso 20. Ao verso da narradora: *logo lhe vou contar* preferi o da versão antecedente.

Verso 21. O adverbio *lá* é introducção minha.

Verso 23. Aqui tambem metti o *que,* que se me afigura faltar.

Verso 42. Ouvi á narradora: *não na queira vós levar,* o que a meu vêr se póde admittir, attendendo á falta de concordancia que denuncia muitas vezes a linguagem popular; cfr. o v. 40.

IX. D. Silvana

Estando dona Silvana
no seu quarto bordando,
seu pae que lhe apparecia,
d'amores a accommettia.
5. —O' tomár, ó Silvana,
ó tomára, ó minha filha,
dormir comtigo uma noite,
brincar comtigo um dia.
—E as penas do inferno
10. meu pae, quem nas passaria?
—Passa tu, ó minha filha,
que eu passarei todos dias.
—Passe, o meu pae, se as quiser,
que eu as passar não queria.

15. Nestas razões que estavão
sua mãe que lh'apparecia.
—O que é isto, o que não é?
—Dona Silvana que quer
dormir comigo uma noite,
20. brincar comigo um dia.

A mãe, que aquillo ouvira,
mandou pô-la numa torre,
nem sol, nem lua veria.
Subindo a uma *ventana*
25. a mais alta que *tenia*,
vira estar as suas manas
bordando o que ellas sabião.
—Deus vos salve, ó minhas manas,
para que sejais bem criadas,
30. mandai-me dar de beber,
pela hostia que é sagrada,
que ou de fome ou de sêde
está-se-me apartando a alma.
—Não vos posso dar de beber,
35. que se a nossa mãe soubera,
logo vos mandara matar.
Subindo a outra *ventana*,
a mais alta que *tenia*,
40. vira estar os seus manos
jogando o que elles sabião.
—Deus vos salve, ó meus manos,

para que sejaes bem creados,
mandai-me dar de beber
45. pela hostia que é sagrada,
que ou de fome ou de sêde
está-se-me apartando a alma.
—Não os posso dar de beber,
nem tampouco sustentar,
50. que, se a nossa mãe soubera,
logo os mandára matar.
Subindo a outra *ventana*,
a mais alta que *tenia*,
vira estar a sua mãe
55. bordando o que ella sabia.
—Deus vos salve, ó minha mãe,
p'ra que sejais bem casada,
mandai-me dar de beber,
pela hostia que é sagrada,
60. que ou de fome ou de sêde
está-se-me apartando a alma.
—Vai-te d'aqui, ó maldita,
vai-te d'aqui, maldiçoada,
por amor de ti, maldita
65. passo eu tão mal casada.
—Subindo a outra *ventana*,
a mais alta que *tenia*,
vira estar o seu pae
entre meio da fidalguia.
70. —Deus vos salve, ó meu pae,
p'ra que sejais bem casado,
mandae-me dar de beber,
pela hostia que é sagrada,
que ou de fome ou de sède
75. está-se apartando a alma,
que d'aqui para diante
serei vossa namorada.
—Subão, subão, meus criados,
os que estão ao meu mandar,
80. vão dar agua a Silvana,
comer p'ra se sustentar.

Quando as tolhas vieram,
os anjos a amortalhavão,
Nossa Senhora ajudava
85. e para o céo a levava.
Vindo uma nuvem branca,
a menina encaminhava;
vindo uma nuvem preta

pelo pae e mão pegava.
90. — O' perdôa-me, ó Silvana,
ó perdôa-me, ó minha filha,
que a tua alma já vai salva
e a minha cond'nada está.

Verso 24. Temos aqui o termo hespanhol *ventana*, janella.

Verso 25. Nos meus apontamentos encontro: *de mais alta que venia* que eu interpretei como acima transcrevo.

Verso 34. A pronuncia popular do pronome *vos*, quando elle vem depois de vogal, como no caso presente, parece ser por vezes *os*.

Verso 83. Neste verso e no seguinte teem os meus apontamentos a mais um *já*: *já os anjos etc.*; *já Nossa Senhora etc.*

X. D. Silvana

(1.ª VERSÃO)

Estando dona Silvana
no seu jardim a passear,
c'um pente d'oiro na mão
seu cabello a pentear,
5. jogou os olhos ao mar,
viu vir uma grande armada,
capitão que nella vinha
veiu ao jardim fazer agua.
— Diz-me lá, meu capitão,
10. diz-me lá, pela tua alma,
se amores que Deus me deu
veem nessa tua armada.
— Diga-me, ó minha senhora,
os signaes que elle levava.
15. — Levava um cavallo branco
com uma sella amarella,
na ponta da sua lança
uma bandeira de guerra.
— P'los signaes que vós me daes
20. lá ficou morto na guerra,
com vinte e cinco feridas
vinte e quatro navalhadas,
a mais pequena de todas
foi a cabeça cortada.
25. — Ai de mim, triste viuva,
de mim, triste desgraçada,
com tres filhas que eu tenho
sem nenhuma ser casada.

—Que me daveis vós, senhora,
30. se eu o trouxera aqui?
—Tres moinhos que eu tenho,
todos tres te dava a ti.
—Não quero os vossos moinhos,
que não me servem p'ra mim,
35. que eu sou capitão d'armada,
não me demoro aqui.
Que me daveis vós, senhora,
se eu o trouxera aqui?
—Tres laranjeiras que eu tenho,
40. todas tres te dava a ti,
que dão laranjas mui ricas
e el-rei as come d'aqui.
—Não quero as vossas larangeiras,
que não me servem p'ra mim,
45. que eu sou capitão d'armada,
não me demoro aqui.
Que me daveis vós, senhora,
se eu o trouxera aqui?
—As telhas, do meu telhado,
50. que são d'oiro e marfim.
—Não quero as vossas telhas,
que não me servem p'ra mim,
que eu sou capitão d'armada,
não me demoro aqui.
55. Que me daveis vós, senhora,
se eu o trouxera aqui?
—As tres filhas que eu tenho,
todas tres te dava aqui,
uma para te vestir,
60. outra para te calçar,
a mais velha d'ellas todas
para comtigo casar:
uma borda oiro e prata,
outra oiro e marfim,
65. outra bordava as camisas
que vestia dom Frazim.
—Não quero as vossas filhas,
que não me servem p'ra mim,
que eu sou capitão d'armada,
70. não me demoro aqui.
E o annel de sete pedras
que eu comvosco reparti?
dê-me cá a sua ametade
que á minha já vê-la aqui.
75. —Olá, olá, meus criados,

olá, olá, já aqui.
A rabo do meu cavallo,
á roda do meu jardim.
Se vós ereis meu marido,
80. porque é que me não dizias?
— Porque eu queria vêr, senhora,
se vós ainda me conhecieis.

No seu *Romanceiro português* publicou o director d'esta *Revista* e meu amigo, o sr. Leite de Vasconcellos, uma versão d'este romance, sob o titulo de *D. Anna*, a qual pouco differe da que aqui apresento; tambem o chamão de *Claralinda*. Vide *Dialectos interamnenses*, do mesmo auctor, pag. 23.

Verso 9. Nos verbos acabados em *zer*, como *dizer*, *fazer*, *trazer*, é esta a pronuncia popular do imperativo.

Verso 11. Nesto verso emendei *o marido* das minhas notas para *amores* da versão do sr. Leite de Vasconcellos.

Verso 23. Nos meus apontamentos encontro: *a mais pequena d'ellas todas*.

Verso 27. O pronome *eu* falta nas minhas notas.

Verso 39. Vide a nota ao verso 27.

Verso 64. Nas minhas notas falta neste verso o verbo *borda*, o que é engano manifesto.

XI. D. Silvana

(2.ª versão)

Estando eu um dia á tarde
sentada no meu jardim,
penteando os meus cabellos,
c'o meu pente de marfim,
5. vi vir uma grande armada,
uma armada que alli vinha.
— Vinde á terra, capitão,
vinde á terra, general,
dar-me novas d'um amor
10. que m'ahi foi, que me ahi vai.
— P'los signaes que vós me daes
lá ficou morto na guerra;
ao pé d'uns junquilhos verdes
mil adagadas lhe deram.
15. — Vóu-me por aqui abaixo,
desgarrada, sem ventura,
quem m'a mim ouvir chorar:
E' uma triste viuva.
Ai de mim, triste viuva,

20. ai de mim, triste coitada,
com tres filhas que eu tenho
sem nenhuma ser casada.
— Que me daveis vós, senhora,
se eu vo-lo trouxera aqui?
25. — Tres laranjeiras que eu tenho,
eu vos dava a mais gentil;
uma tem o pé de prata,
outra tem pé de marfim,
outra dá ricas laranjas
30. d'onde comia dom Clarim.
— Não quero as vossas laranjeiras,
que eu tambem as tenho assim;
que me daveis vós, senhora,
se eu vo-lo trouxera aqui?
35. Tres moinhos que eu tenho
eu vos dava o mais gentil:
um móe rica canella,
outro rico gergelim,
outra uma rica farinha
40. d'onde comia dom Clarim.
— Não quero os seus moinhos,
que eu tambem os tenho assim:
que me daveis vós, senhora,
se eu vo-lo trouxera aqui?
45. Tres cavallos que eu tenho
eu vos dava o mais gentil,
que el-rei, quando sáe fóra,
elle m'os manda pedir.
— Não quero os seus cavallos,
50. que eu tambem os tenho assim:
que me daveis vós, senhora,
se eu vo-lo trouxera aqui?
— De tres filhas que eu tenho,
eu vos dava todas tres,
55. uma para vos despir,
outra para vos calçar,
a mais bella d'ellas todas
para comvosco casar.
— Não quero as suas filhas,
60. ellas filhas são de mim:
que me daveis vós, senhora,
se eu vo-lo trouxera aqui?
— Que queres vós, capitão,
que queres vós de mim?
65. — O vosso corpo, senhora,
que foi feito para mim.

— Capitão que tal diria.
a guerra lhe venha aqui,
a nau ondo elle vem
70. eu a veja afundir.
— Não me diga isso vós, senhora,
não me diga vós isso a mim,
não se lembra, vós, senhora,
quando eu d'aqui parti?
75. na sexta-feira á tarde,
a quinze do mês d'abril.
O annel de sete pedras,
que eu comvosco reparti?
Vá búscar a sua ametada.
80. que a minha já vê-la aqui.

Verso 5. Nas minhas notas falta o adjectivo, o que a versão antecedente mostra ser erro manifesto.

Verso 6. Neste verso corrigi o *nelle* dos meus apontamentos em *alli*, o que, a meu vêr, condiz com o sentido.

Verso 9. As minhas notas teem *noticias*, mas *novas* que adoptei satisfaz ao accento, o que não acontece áquelle termo.

Verso 37. Neste verso introduzi o verbo *moe*, que falta nas minhas notas.

Verso 78. Teem os meus apontamentos apenas *comvosco reparti*.

XII. Quem me déra agora ir

— Quem me déra agora ir
até á horta do Alvado,
trouxera por companhia
a senhora minha madre.
5. — Vai, dona Clemencia, vai
vai-te já pôr a cavallo.
— Quando dom Bruno vier.
quem no ha de accommodar?
— Mandarei-lhe pôr a ceia,
10. para logo elle ciar;
mandarei fazer-lhe a cama,
para elle se deitar.
Dona Clemencia que abalava,
dom Bruno que alli chegava.
15. — Que é da minha Clemencia,
que é da minha saudade?
— A tua Clemencia foi
até á horta do Alvade.
Ella aqui o fallou,

20. pela boca ella o pague
que eu que era má mulher,
tu eras filho dum frade,
um irmão que Deus te deu
era filho dum abbade.
25. — Alto, alto, meus criados
vão lá sellar o cavallo,
que eu quero agora ir
até á horta de Alvade.

Elle que abalava,
30. o criado que encontrava.
— Deus vos salve, senhor dom Bruno,
alviç'ras vos quero dar,
que tindes um filho infante
que Deus vos deixe criar.
35. — Nem o infante se crie,
nem Deus o deixe criar
nem a mãe que o pario
se chegue a levantar.

Elle indo mais p'ra diante,
40. a sogra que vira estar.
— Deus vos salve, genro meu,
alviç'ras vos quero dar,
que tindes um filho infante
que Deus o deixe criar.
45. — Nem o infante se crie,
nem Deus o deixe criar,
nem a mãe que o pario
se chegue a levantar.
— Vá-se ella alevantando,
50. que eu já a quero levar.
— Ha duas horas que é parida,
já vós a queres levar?
— Antes que ella fôra ha uma,
não me havia cá ficar.

55. Elle que abalava,
o sangue era já tanto
que o cavallo abanhava.
— Andai, dom Bruno, andai,
dê esporas ao cavallo.
60. que além áquella ermida
vos haveis de confessar.
— Andai, dona Clemencia, andai,
dê esporas ao cavallo,

que além áquelle valle
65. vos haveis de confessar.

A confissão que lhe deu,
acabou-a de matar.
—Toma lá este menino.
dá-me o tu a criar,
70. não me dês á tua mãe,
que ella o ha de matar,
dá-me o á minha mãe,
que ella o ha de criar;
com o fumo da bôca
75. ella o ha de defumar;
com as lagrimas dos olhos
ella o ha de lavar;
com a touca da cabeça
ella o ha de limpar.

80. Depois das duas mortes feitas
fez confissão geral.
Desgraçados são os homens
que nas mães se fião!
Uma madama tão linda
85. enterrada em terra fria!

Verso 3. *Trouxera por companha* foi assim que ouvi á narradora. *Companha* é o termo empregado pelo povo em vez de *companhia*.

Verso 6. O adverbio *já* foi introduzido por mim, para completar o verso, assim como *o logo*, do verso 10 e o *alli* do 14.

Verso 56. O adverbio *já* foi introduzido por mim para completar o verso.

Verso 57. Em vez de *nadar* usa o povo o verbo *abanhar*.

Verso 69. O pronome *tu* é introducção minha.

Os ultimos quatro versos são evidentemente de accrescentamento posterior.

XIII. Abre la porta, morena

(1.ª versão)

—Abre la porta, morena,
abre la porta, minha alma.
—Como t'hei d'abrir a porta,
meu frei João da minha alma,

5. se tenho meus filhos ao peito,
e meu marido á ilharga?

Estas razões que erão ditas,
o marido que acordava.
— A quem daes vós, mulher minha,
10. a quem daes as vossas fallas?
— Dou á filha da forneira,
que vinha ver se amassava:
se amassasse pão de leite,
pinga d'agua não deitara;
15. se amassasse pão do outro,
uma pinga lhe bastara.
Levanta-te, meu marido,
vae fazer uma caçada,
que não ha melhor coelho,
20. que é o da madrugada.
Marido que abalava,
ella que se preparava:
bôa meia de seda
na perna lhe estalava;
25. bom sapatinho de seda
que no chão tocava;
bom manto de seda
que o vento o levava.
Ella chegára ao convento,
30. frei João que perguntava.
Frei João que isto ouviu,
em vez de pular, saltava;
apegando pela mão,
p'ra o seu quarto a levava,
35. bôa talhada de queijo,
bôa talhada de marm'lada.
— Vae-te embora, morena,
vae-te embora, mal casada,
pode vir o teu marido
40. e achar a porta fechada.

Ella que abalava,
o marido que encontrava.
— Donde vindes, mulher minha,
que assim vindes esbraseada?
45. — Venho d'ouvir missa nova,
que assim venho consolada.
— Anda mais p'ra diante,
que a tua morte está chegada.
— Não se me dá de morrer,

50. nem tampouco de viver;
dá-se-me só dos meus filhos,
que outra mãe não hão-de ter.
—Esta adagada te dou
dentro do teu coração,
55. p'ra não ires lá outra vez
andares em braços de frei João.

Verso 8. O artigo é introducção minha.
Verso 32. Neste verso substitui o *logar* das minhas notas por *vez*.

XIV. Abre la porta, morena.

(2.ª versão)

—Quem bate á minha porta,
quem bate á minha janella?
—Sou eu, minha morena,
morena da minha alma.
5. —Como t'hei d'abrir a porta,
meu frei João da minha alma?
Tenho meu menino ao peito,
meu marido á ilharga.

Nestas razões que estavão,
10. marido que acordava.
—A quem dás as tuas fallas,
ó morena da minha alma?
—Dou á filha da padeira,
que me vem perguntar
15. se amassasse pão de leite,
que não lhe deitasse agua,
se amassasse pão de ló,
que uma pinga lhe bastára.
—Levanta-te, mulher minha,
20. vai governar a tua casa,
que duas filhas que ahi tens,
uma á lenha, outra á agua,
para mais descanso teu,
eu te varrerei a casa.
25. —Levanta-te, homem meu,
pega nos cães, vai á caça,
que não ha melhor caçada,
que é a da madrugada.

Tão depressa deu as costas,
30. ella logo se preparava:
com seu vestido de seda
na cintura lhe estalava;
com seu sapato de seda
que no pé lh'arrebentava,
35. com o seu manto de seda
que o vento a levava,
c'o seu lencinho na mão
pelo frei João acenava.

Chegando á portaria
40. o frei João que em casa estava.
—Vai-te embora, ó morena,
vai-te embora, ó minh'alma,
se ha-de vir o teu marido
que ache a porta fechada.

45. Assim que elle disse aquillo
ella logo caminhava,
no meio do caminho,
o marido que encontrava
—Donde é que vens, mulher minha,
50. que assim vindes tão escalfada?
—Fui ouvir a missa nova,
que assim fiquei regalada.
—Anda lá, mulher minha,
que a morte te está chegada.
55. —Não se me dá de morrer,
que sempre hei-de morrer,
mas tenho dó dos meus filhos,
que outra mãe não hão de ter.
—Toma lá este punhal
60. dentro do teu coração,
p'ra te não veres em braços
em braços do frei João.

Verso 5. Aqui preferi o verso respectivo da versão antecedente ao que me fornecião as minhas notas e que era: *como te posso abrir a porta.*

Verso 29. Nas minhas notas ha a mais um elle (elle deu etc.)

Vesro 57. *Filhinhos* disse-me a pessoa a quem ouvi este romance.

Verso 60. Estes tres ultimos versos tenho-os assim nos meus apontamentos:

pelo teu coração,
porque te não vejas em braços
em braços com frei João.

XV. General, ó general

—General, ó general,
meu conselheiro tão qu'rido,
bem podias, general,
dormir uma noite comigo.
5. —Eu criado sou d'el-rei,
a princeza zomba comigo.
—Já te disse, general,
já te disse na verdade.
—Diga-me, ó minha princeza,
10. a hora que eu hei de vir.
—Vens das onze para a meia,
quando el-rei 'stiver dormindo.

Inda as dez não erão dadas
elle ao quarto da princeza,
15. fazendo grande rugido.
—Qual será o cavalleiro,
qual será o atrevido,
a meu quarto fóra d'horas
me faz tão grande rugido?
20. —General eu sou, princeza
que venho ao vosso serviço.

Da cama se levantou,
descalça pelo ladrilho;
elle lhe pegou p'la mão;
25. como mulher com marido
toda a noite conversaram.

P'la manhã estão dormindo,
e o rei que acordou
do seu somno presentido.
30. —General, ó general,
dá-me cá o meu vestido;
ou o general é morto
ou traição já tem havido.

O rei que se levantou,
35. calçou sapatos de lona,
p'ra que não fosse sentido;
andando de quarto em quarto
ambos os achou dormindo.
—Alto, alto, ó meus conselhos:
40. aconselhai-me aqui:
eu se mato a princeza
tenho meu reino perdido;
eu se mato o General,
criei-o de pequenino...
45. Alto, alto. ó meus conselhos,
aconselhai-me aqui:
metto meu punhal a peitos,
entre os dois está mettido;
o cabo para a princeza
50. e a ponta para o amigo.

General que acordou
do seu somno presentido.
—Acordai, minha princeza,
que o seu pae já é sabido.
55. —Calla-te. ó General,
não sejas tão 'smorecido,
que o meu pae é dos bons homens,
ha de me casar comtigo;
vai-lhe já dar a saber
60. do que ha acontecido.

Elle ao rei se foi chegando,
como fôra em pequenino.
—Onde estavas, General,
que não me eras parecido?
65. —Limpando os vossos cavallos,
'scovando os vossos vestidos.
—General. ó General.
meu conselheiro atrevido,
que inda ontem eras pagem,
70. já hoje és genro querido.
—Genro qu'rido sou del-rei,
mas sou de sangue real,
sou filho del-rei de França,
neto do rei de Cascaes,
75. sobrinho do Padre Santo,
qual de nós seremos mais?
—Desculpa-me, ó general,
esta minha cortesia,

se eras de sangue real,
80. eu é que não o sabia.

Pertence este romance ao cyclo carolingio, do qual fazem parte tantos outros, como o Conde de Montealvar atrás transcripto; *General* é uma corrupção popular de *Gerineldo*, tambem transformado em *Generaldo* e *Generaldo*. Vide o erudito artigo publicado nesta *Revista* (tom. II, pag. 193) pela distincta romanista, a sur.ª D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos.

Verso 1. A interjeição *ó* foi introduzida por mim.

Verso 9. *Diga-me, ó minha*, etc., foi o que ouvi á narradora.

Verso 14. Tenho nos meus apontamentos: *general ao quarto, etc.*

Verso 15. Nas minhas notas está *rugido*, mas conjecturo ser o mesmo que *ruido*.

Verso 19. Vide o que disse a proposito do verso 15.

Verso 20. O pronome é introducção minha.

Verso 22. Dizem as minhas notas: *Ella se levantou da cama.*

Verso 28. Aqui metti a conjuncção *e*, como a proposição *do* do verso seguinte.

Verso 32. O artigo *o* foi aqui introduzido por mim.

Verso 34. *Se levanta* encontro nos meus apontamentos.

Verso 40. *Aconselhai-me agora aqui* dizem as minhas notas.

Verso 46. Vide a observação antecedente.

Verso 52. Vide observação ao verso 29.

Verso 61, 62. Estes dois versos encontro-os assim nos meus apontamentos:

General foi chegando ao rei
como fosse pequenino.

Verso 63. Nas minhas notas ha a mais a interjeição *ó* (*onde estavas, ó general*).

Verso 67. Vide observação ao verso 1.

XVI. Vae-te, meu dom Bruno

—Vai-te, meu dom Bruno,
vai e vinde logo
á da tua mãe,
que venha aqui logo.
5. —Deus te salve, ó mãe,
em braço dourado.
—Apeia-te, ó meu filho,
que has de vir cansado.
—Eu venho cansado
10. por quem me regala,

que a Flor do Dia
me ficou de parto.
— Pára a Flor do Dia
um filho varão,
15. com elle rebente
Sobre o coração.
— Minha qu'rida aurora,
minha *lustrangeira*
madre, minha mãe,
20. não vinde agora.
— Vae-te, meu dom Bruno,
vai e vinde logo
á da tua mana,
que venha aqui logo.
25. — Deus te salve, ó mana,
em braço dourado.
— Apeia-te, ó meu mano,
que has de vir cansado.
— Eu venho cansado
30. por quem me regala,
que a Flor do Dia
me ficou de parto.
— Pára a Flor do dia
um filho bastardo,
35. com elle rebente
sobre o costado.
— Minha qu'rida aurora,
minha *lustrangeira*
madre, minha mãe,
40. não vinde agora.
— Vae-te, meu dom Bruno,
vai e vinde logo
á da minha mãe,
que venha aqui logo.
45. — Deus te salve, ó sogra,
em braço dourado.
— Apeia-te, ó meu genro,
que has de vir cansado:
um copo de vinho,
50. ração ao cavallo.
— Eu venho cansado,
por quem me regala,
que a Flor do Dia
me ficou de parto.

55. A mãe que isto ouviu
tratou de abalar;

no meio do caminho
sinos a dobrar.

Chegou mais adiante
60. um pastor encontrava.
— Diz-me, meu pastor,
já pela tua alma,
que dobres são aquelles
que são tão soados?
65. — E' a Flor do Dia
que já é faltada...
— Minha qu'rida aurora,
minha lustrangeira,
que tão só se viu,
numa terra alheia,
com falta de mãe
que não de parteira.

Verso 6. Afigura-se-me que a palavra *braço* é aqui corrupção doutra qualquer: será *berço* que o povo pronuncia *breço?*

Verso 13. Neste verso e nos que adiante se repetem introduzi a palavra *pára* que o sentido e a medida me parecem exigir.

Verso 18. Por mais que excogitasse, não me foi possivel descortinar a significação do termo «lustrangeira» que ouvi á narradora; sem duvida é corrupção d'outro.

Verso 58. Neste verso dizem os meus apontamentos: *os sinos que dobravão.*

Sob o titulo de *D. Bozo* publicou o snr. Leite de Vasconcellos no seu *Romanceiro português* outra versão deste romance, que no essencial não differe da que aqui colhi.

XVII. Alberto

— Dá-me noticias. senhora,
dá-me noticias, minha alma,
dá-me noticias de Alberto
que quero desapartar me.
5. — O Alberto não está em casa,
elle se foi a caçar;
se elle é muito preciso,
eu lo mandarei chamar.

Ainda as razões não erão ditas
10. o Alberto que chegava.
— Quem vos trouxe aqui, senhora,
quem vos trouxe, minha alma?

—Soidades tuas que eu lá
não podia aparar.
15. —Como posso eu, senhora,
se eu já estou casado,
se tenho mulher e filhos,
meninos a sustentar?
—Dá-me uma palavra, Alberto,
20. d'esse teu lindo fallar.

Pegou-lhe pela mão
ao jardim a levou;
os beijos e abraços
não se podião contar.
25. Casamento que Deus quis
não se poude apartar.

Verso 4. Aqui dizem os meus apontamentos: que m'eu quero desapartar.

Verso 14. Aqui preferi ao *parar* das minhas notas o *aparar* que é genuinamente popular, pelo menos no Algarve.

Verso 15. Afigura-se-me haver aqui omissão dum verso que complete a ideia de *posso*, como este ou outro identico:

ser o vosso namorado.

Verso 16. A condicional *se* foi aqui introduzida por mim.

Verso 20. Dizem as minhas notas: *d'esse teu lindo rosario*, o que me parece incomprehensivel, por isso corrigi em *fallar* o termo *rosario*.

Versos 23 e 24. Estes versos encontro-os assim nos meus apontamentos:

e beijos e abraços
não se poderam valer,

o que, a meu vêr, não faz sentido, razão porque os corrigi em:

os beijos e abraços
não se podião contar.

José Joaquim Nunes.

Lagos, Março de 1900.

CHRONICA

CONGRESSO DAS TRADIÇÕES POPULARES

Em 1889, por occasião da Exposição Universal, realizou-se em Paris um Congresso internacional das tradições populares, de que se publicou um Relatorio (*Compte-rendu*, Paris 1891) de 168 pag.

Este anno, tambem por occasião da Exposição, realizar-se-ha outro, nos dias 10, 11 e 12 de Setembro. A entrada é de 12 francos. Os adherentes receberão gratuitamente as actas impressas e mais publicações que se fizerem.

Os assumptos propostos para serem tratados são:

I) *Litteratura oral, e arte popular;*
II) *Ethnographia tradicional.*

Estes Congressos são devidos, segundo creio, principalmente ao esforço e actividade do sr. Paulo Sébillot, que foi secretario do primeiro, e o é tambem d'este. O sr. Sébillot é um dos mais fecundos cultores dos estudos das tradições populares em França: além de numerosas obras que tem dado a lume, publica a *Revue des traditions populaires*, que já conta muitos volumes.

J. L. DE V.

MISCELLANEA

PORTUGUESISMOS INTRODUZIDOS NO ALLEMÃO FALLADO NO BRASIL

No *Magazin für die Literatur des In- u. Auslandes*, vol. C (1881), p. 496-499 [1], vem um art. de A. W. Sellin, com fórma litteraria, sobre os brasileirismos ou portuguesismos que se encontram no allemão fallado pelos colonos idos da Allemanha para o Brasil. Aqui cito alguns dos exs. dados no referido art., que se intitula «Deutschbrasilianisches»:

[1] Consultei esta obra em 1899 na Bibliotheca Real de Berlim.

Rosse, «roça»
Bobbern, «abobras»
Fakong, «facão»
Feuss, «foice»
Mondubi, «amendoim»
Alfaffe, «alfafa»
Mule, «mula»
Kanzelle, «cancella»
Relje, «relho»
Tocken, «tocar»
Kanecke, «caneca»
Farinje, «farinha»
Bombe, «bomba»
Schergon, «enxergão»
Rabisch, «rabicho»
Schwador, «suador»
Kangalje, «cangalha»
Kanaster, «canastra»
Ransch, «rancho»
Kaschurr, «cachorro»
Riemen, «remo»
Peongs, «peões»
Merkade, «mercado»
Bajett, «baeta»
Palje, «palha»
Fakka, «faca»
Trope, «tropa»
Schita, «chita»
Fasendenlosch, «loja de fazendas»
Passascher, «passageiro»

E' curioso que alguns dos nomes portuguesês que entram na lingua allemã são já de origem germanica.

Os principaes factos phoneticos que se notam aqui são:

Port.	All.	Exs.
ão (arch. *om*)	*ong*	*fakong, powassong* (=povoação)
lh	*lj*	*relje*
-*o*	-e (ou cae)	*relje, rabisch*
-e	cae	*feuss* = foice
-a	-e	*rosse, mule, kanecke*, mas *rua*
j	*sch*	*ransche* = laranja, *passascher*
ch	*sch*	*schalere* = chaleira, *rabisch, ransch*
uy=*ui*	*uj*	*Kuje* = cuya (cuia) (Flaschenkürbiss) cfr. *bajett* = baeta (baieta)
ç	*z*	*kanzelle*
nh	nj	*banjade* = banhada («charco»)

Alguns phenomenos de *e* por *ei* devem ser já dos dialectos portugueses, exemplo *kascheer* = caxeiro (caixeiro), *schalere* = chaleira, *kadé* = cadeia, pois que em algumas localidades de cá se diz: *caxêro, chalêra, cadêa*.

Os pluraes umas vezes são á portuguesa, exemplo *peongs*, outros á allemã, exemplo *ranschen, fasenden, bobbern* (aboboras), *tamanken* (-ancos), *sperenzen*.

Verbo com fórma allemã: *tocken* «tocar».

Vê-se que os sons portugueses foram substituidos pelos sons allemães mais parecidos, o que era natural. A grammatica fica porém allemã, como se patenteia nos pluraes (com excepção do *peongs*) e no verbo *tocken*.

J. L. de V.

BIBLIOGRAPHIA

O Instituto, revista scientifica e litteraria, vol. XLVI e XLVII (Janeiro a Junho). Publíca esta revista alguns artigos cujos assuntos entram no quadro da *Revista Lusitana;* por isso aqui se indicam: — *Cranios Portuguezes,* por Antonio Aurelio da Costa Ferreira. — *Catalogo do Museu Ethnographico da Universidade,* por F. Moller. — *Subsidio por um Dicc. completo (hist.-etymol.) da ling port.*, por A. A. Cortesão (cf. *Rev. Lus.* VI, 95). — *A lenda de Santo Eloy,* por Affonso Hincker (estudo e publicação de um ms. do sec. XV da Bibl. Nac. de Lisboa). — *Hist. da litterat. port.* de D. Carolina Michaëlis, trad. de Affonso Hincker. — *Contributi alla storia delle provincie occid. dell'impero romano,* por F. P. Garófalo. — *O angulo biorbitario dos cranios portug.*, por Cunha Lucas.

Revue Hispanique, vol. VI (1899). — Cf. *Rev. Lusit.* V, 238. — Os artigos que podem interessar o leitor português, contidos neste volume, são os seguintes: — *Correspondance philologique* entre o principe L.-L. Bonaparte e Gonçalves Vianna, pag. 5.—*Recuerde el alma dormida* por D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos pag. 148 (cf. *Rev. Lusit.*. VI, 94). *Spanish etimologies,* por Fitz-Gerald, pag. 249 (comquanto o assunto seja propriamente hespanhol, relaciona-se com a nossa philologia porque nesse artigo se trata tambem de palavras portuguesas; eis as etymologias propostas pelo auctor: **assomar,** «irritar», de *as-sagmare, ao passo que **assomar,** «apparecer», de as-summare, — mas a primeira parece-me pouco provavel; hesp. **caño** [a que corresponde o port. **cano**], ou de *cannum, fórma deduzida de canna, ou deduzida directamente de *caña,* — a primeira explicação tem a seu favor a fórma portuguesa; hesp **cosimento,** palavra referida a *causimentum,* que vem em *Du Cange,* — ao que poderei juntar a nossa palavra archaica **cousimento** «vontade», etc. (Viterbo); **comedir,** hesp. e port., de * commetire <> commotiri; hesp. ant. **conducho,** de conductus, — a que corresponde o pop. port. *condoito,* que eu em 1885 tinha explicado do mesmo modo nos *Dialectos interamnenses,* III, 22; hesp. ant. **conloyar** < *cumlandiare,—com a qual não sei se poderá relacionar-se o port. **conluiar, conluio;** hesp. **huerto** < hortus, com a fórma parallela *huerta,* — ao que corresponde o mir. **orto** e **orta** [em port. a palavra *horto* é litteraria, só *horta* é pop.; todavia já temos na litterat. ant. um livro intitulado *Orto do esposo*]; — hesp. ant. **quiçab** < qui sapit, — a que corresponde o port. mod. **quiça,** ant. **quiçais,** cujo *ç* é preciso porém explicar).—*Philologia mirandesa,* =hist. do L=por J. L. de V., pag. 409, — capitulo dos meus *Estudos de philolog. mir.*, vol. I.

A Tradição, II, n.° 1 a 6 (Janeiro a Junho de 1900). Continúa a sahir com toda a regularidade este periodico, de cujo 1.° vol. se deu noticia na *Rev. Lusit.*, VI, 95. Um dos seus meritos está na inserção de illustrações ethnographicas (trajos, ollaria, etc.) e de musicas populares. O art. *Notas hist. ácerca de Serpa,* comquanto importante, está um pouco deslocado nesta revista, que não se occupa propriamente de historia, mas de tradições populares: comprehende-se, porém, que os redactores o publicassem por tratar de Serpa, onde *A Tradição* vê a luz. Além d'este artigo, lembrarei mais os seguintes á attenção dos leitores: *A caça no concelho de Serpa,* por Mello Breyner (entre outros motivos, interessante pelo vocabulario alemtejano); *As boas-festas,* por Pedro d'Azevedo; *O Tamborileiro,* por Mello

Breyner; *O senhor sete*, por Trindade Coelho (a que porém o A. dá fórma demasiadamente litteraria. A proposito do setestrello, notarei que na cantiga publicada a pag. 71

Setestrello vai em pino,
E o *cajado* vai virando,
As ovelhinhas de Deus
A volta que vão levando,

o *cajado* «não está bem de vêr que é a lua», como se diz em nota, mas é uma constellação; uma variante d'esta fórma é *cajato*, que já citei nas minhas *Trad. pop. de Portugal*, § 47. Póde Trindade Coelho addicionar á sua collecção de cantigas mais esta (de Foz-Coa):

Os setestrellos cahiram
No adro de Penedono:
Eu acho que é loucura
Amar a quem já tem pono.

Pela minha parte addicionarei ás que inseri na *Trad. pop. de Portugal*, § 45, as que elle publica).

Revista do Minho, vol. XIV (1899). O sr. José da Silva Vieira, director d'esta revista, que se publica em Esposende, é incansavel na propaganda do *folk-lore*. Merece realmente muitos louvores quem, num pais como o nosso, chegou a publicar já 14 volumes de um periodico que evidentemente lhe não dá nenhum interesse pecuniario, como acontece aos outros d'este genero. O vol. que tenho presente, embora encerre artigos de valor secundario, encerra porém outros apreciaveis, pelos materiaes ethnographicos que nelles se colligem: poesias populares, etc.

J. L. DE V.

PORTUGIESISCHE VOLKSLIEDCHEN, AUSGEWÄHLT UND VERDEUTSCHT

von **WILHELM STORCK** [1]

Veilchen, dunkelblaues Veilchen,
Deine Farbe gieb mir, gieb!
Möchte gern damit ein Briefchen
Schreiben an mein fernes Lieb. (4)

Siehst du vor der Kirchenthüre
Einst mich liegen starr und bleich,
Nicht einmal mit deinem Fusse
Streife mich; sonst leb'ich gleich. (7)

Kauf'ich mir 'nen schwarzen Schleier,
Zu bedecken mein Gesicht,
Dass an meinen Augen nimmer
Sich vergaff' ein müss'ger Wicht. (8)

Ohne dass es sah die Mutter,
Gabst du 'n Kuss mir gestern spät;
Komm und nimm zurück ihn heute,
Weil's ihr sonst das Volk verräth. (15)

Will mich setzen auf des Mondes
Bogen, der am Himmel steht;
Sehen möcht' ich, wie mein Liebchen
Abends durch die Strasse geht. (16)

Was da traurig ist hienieden,
Käm' es all doch über mich!
Möchte seh'n, ob's allzusammen
Wäre trauriger als ich. (46)

[1] Vgl. Pedro Fernandes Thomaz, *Canções Populares da Beira.* Figueira, 1896.

Meinst du, dass ich nach dir weine?
Blumen hat der Garten mehr;
Nein! ich weine, weil du Keine
Findest, die dich liebt so sehr. (49)

Hatt' ein Mädchen lieb und hatt' es
Zu verlassen gleich geplant;
Aber sie verliess zuerst mich;
Wahrlich! das war fein geahnt! (62)

In den Strahl der grausen Lampe
Flog der Falter keck und froh;
Plötzlich sank er todt danieder...
Wer da liebt, macht's ebenso. (63)

Wär ich todt zur Welt gekommen,
Kännt ich nicht Beschwer und Noth.
Spräche nichts und nichts vernähm'ich,
Und mich schreckte nicht der Tod. (66)

Steht die Kerz' auch tief am Boden,
Brennt sie doch und leuchtet dort;
Sind getrennt auch die sich lieben,
Ihr Gedenken dauert fort.

Dein Geschenk, mein Fingerringlein,
Regt und wegt sich immerzu;
Liebtest du mich recht von Herzen,
Säss' es fest und hielte Ruh'. (70)

Hatt' ein Liebchen, hatte zweie,
Aber keins verlang' ich mehr;
Denn mein Herz ist matt und müde
Von Geseufz. und von Beschwer. (72)

Oh der allerersten Liebe,
Die in's Menschenherz sich senkt!
Wer beschreibt die süssen Triebe,
Deren stets man gern gedenkt? (75)

Bräunchen hast du mich geheissen;
Ja, mich traf der Sonne Glut;
Früchte, die im Schatten wachsen,
Schmecken doch nicht halb so gut. (76)

An dem Knecht in seinem Hause
Will der Herr vier Dinge seh'n:
Zeitig aufsteh'n, spät sich legen,
Wenig essen, rüstig geh'n. (80)

Wurden kund mir viele Länder,
Länder viel mir wurden kund;
Mich umbellten viele Hunde,
Doch mich biss kein einz'ger Hund. (81)

Hat zum Reigen sich ein Mädchen
Seidenes Gewand besorgt,
Möcht' ich gar zu gern sie fragen,
Ob's bezahlt sei, ob geborgt. (81)

Frei'ich, giebt mir meine Mutter
Schafe drei als Wirtschaftskram:
Ohrlos eins, das and're räudig,
Und das dritte blind und lahm. (82)

Eben trat ich auf die Strasse —
Weiss genau Bescheid am Platz —:
War ein Nelkenstock vom Fenster
Wegstibitzt bei meinem Schatz. (89)

Wirf mit Steinchen nicht; ich spüle
Trinkgeschirr; das klirrt und bricht;
Wirf mir Küsschen zu; der Vater
Hört dann nichts und schilt mich nicht. (91)

Gerne liebt'ich dich, du Kleine,
Eins nur liegt mir schwer im Sinn:
Bist ja wie'n Weihwasser-Töpfchen;
Jeder netzt die Finger drin. (92)

Steigt herab, ihr Himmelssterne,
Kommt herbei und schwört den Eid,
Kommt und sagt, ob ihr mit Jemand
Mich vertändeln saht dse Zeit. (92)

Hätte dir mein Herz gegeben,
Wenn du nur mich drum gefragt;
Kommst zu spät; ich hab'es neulich
Einem And'ren zugesagt. (92)

Wenn du lesen kannst, o Mädchen,
Nimm und lies mein ganzes Herz;
Drin erfährst du, wie ich liebe,
Ob's mir Ernst ist oder Scherz. (94)

Alles sagt, die Liebe tödte,
Ach! da stürb'ich gern und wie!
Besser ist, an Liebe sterben,
Als zu leben ohne sie! (98)

Sieh! nun geh' ich dir zur Seite,
Täubchen ohne Galle du;
Dazumal, als du mich liebtest,
Warst du grausam immerzu. (98)

Liebste, sieh mich an und lache
Und verscheuche Gram und Schmerz;
Sieh mich an; du findest nirgend
Auf der Welt ein treuer Herz. (98)

Wenn den Saal ich will betreten,
Nehm' ich stets ein Licht zur Hand;
Denn mir bangt, dass dort mit Küssen
Mich erstick' ein loser Fant. (103)

Auf dem Leintuch, das du sticktest,
Steh'n zwei Herzen, liebentflammt;
Dieses Leintuch—denkst du, Liebchen,
Noch daran, woher es stammt? (109)

Lösche, lösche doch die Lampe!
Denn das Oel ist heuer rar,
Und viel heller, als die Lampe,
Leuchtet mir dein Augenpaar. (110)

Ach, mein Täubchen, weisses Täubchen!
Sag'es mir: wann kommt der Tag,
Dass mit leichtem Schwung nach aussen
Du entfliegst dem Taubenschlag? (113)

Keine Tint' ist mehr in Klöstern
Und in Läden kein Papier,
Dass ich, Schatz, dir könnte schreiben,
Wie ich dein gedenke hier. (115)

Nie verliebe dich in Einen,
Mädchen! der die Geige streicht;
Denn er stammt aus fremdem Lande,
Streiche macht er und entweicht. (119)

Du erführest sterbensgerne,
Wo ich schlafe, mein Gemach;
Fern am Flusse steht mein Bette,
Grün Gezweige dient als Dach. (119)

Lebe wohl, du Weg zum Brünnlein,
Nie betret' ich dich hinfort;
Den ich tief im Herzen trage,
Such' ich jetzt vergebens dort. (121)

All der Weg nach deinem Dorfe
Ist der schönst' im ganzen Land;
Rosen stehen dort und Näglein
Rings gepflanzt von deiner Hand. (122)

Gieb mir nichts; abweisen würd' ich,
Was du gäbest,—ganz bestimmt!
Denn es sagen stets die Leute:
Wiedergeben muss wer nimmt. (138)

Lesen kann ich nicht, noch schreiben,
Fiedeln auch versteh' ich nicht;
Möchte dies wie das erlernen,
Kind, durch deinen Unterricht. (140)

Ging vorbei an deiner Thüre,
Sah dich wohl, doch grüsst' ich nicht;
Ich verstellte mich; die Deinen
Sahen stier auf mein Gesicht. (143)

Meine Brust ist so beklommen;
Denn ein Leides traf mich scharf;
's ist ein so geheimes Wehe,
Dass ich's Keinem sagen darf. (146)

Schön und reich—das war ich früher,
Heute hässlich, nackt und bloss;
Einst im Glück und jetzt im Unglück;
Ach, mir fiel ein trübes Loos. (147)

Heisse Sehnsucht, heisse Sehnsucht,
Heisse Sehnsucht quält die Brust;
Wer gedächt' auch ohne Sehnsucht
Früh'rer Lieb' und ihrer Lust? (147)

Morgen, wenn es Gottes Will' ist,
Sonntag, wenn's nicht stürmt und giesst,
Werd' ich geh'n und seh'n den Liebsten,
Wenn der Bach nicht überfliesst. (150)

Einen Eid hab'ich geschworen,
Und den halt' ich — gang bestimmt:
Ohne Mann verbleib' ich immer,
Immer, bis mich Einer nimmt. (162)

Hier in uns'rem Bach das Wasser,
Wer es trinkt, kehrt nimmermehr;
Ach, mein Schatz hat draus getrunken,
Und so kommt er nimmer her. (163)

Heute Nacht, da wird es regnen
Auf die Strassen, Guss auf Guss,
Und da geb'ich meinem Schatze
Herz am Herzen Kuss auf Kuss. (163)

Blumen ihr auf meinem Beete,
Trocknet aus doch und verstiebt!
Sagt, was soll der thun mit Blumen,
Der verlor ach! was er liebt. (163)

Meine Mutter hiess mich Röschen;
Alles ist mir drum missglückt;
Denn entknospt sich wo ein Röschen,
Wird es auch sofort zerpflückt. (170)

Schlimm erging's an deiner Hand mir,
Schlimm, o Schmied; ich bin verdutzt;
Sauber war ich, und du hast mich
Ganz mit Kohlenstaub beschmutzt. (170)

Mädchen, trägst du Leid im Herzen,
Einer Freundin klag' es nie;
Denn die Freundin hat 'ne Freundin,
Und 'ne Freundin hat auch die. (171)

Fragend blickst du nach dem Kleide
Und dem Schmuck; was zweifelst du?
Ich erwarb's mit meinem Schweisse;
Keiner gab mir was dazu! (174)

Aus dem Fenster meines Vaters
Schau' ich nach des Schwähers Haus;
Um den Sohn, nicht um den Shwäher,
Schau' ich mir die Augen aus. (183)

Bist du hübsch, so sei, o Mädchen,
Nicht um weit'res noch bemüht;
Von den Rosen ist die schönste
Vor den and'ren stets verblüht. (183)

Wer ein Weib sich nimmt, die lässig
Nichts im Haus zu schaffen weiss,
Haben muss er weite Schober
Stroh und grosse Kisten Mais. (186)

Gabst mir Lattich erst zu essen,
Bald darauf noch grünes Kraut;
Und da sagte gleich das Herz mir:
Diese Lieb' ist rasch verdaut. (187)

Gebet Geld mir oder Wein mir,
Wenn ihr gerne hört ein Lied;
Denn es machte mir die Gurgel
Wahrlich doch kein Hammerschmied. (188)

Krank danieder liegt mein Liebchen,
Liegt auf einem Blumengrund;
Wenn ihm Gott doch all die Schmerzen
Nähm' und macht' es bald gesund! (194)

Kind, bis Mittwoch oder Freitag!
Lebe wohl und lass mich geh'n!
Nimmermehr 'ne ganze Woche
Hielt' ich's aus, dich nicht zu seh'n. (194)

Kaum zu leben hat der Schuster,
Helft ihm, helft ihm, immerzu!
Schleift den Wirbler, schleift ihn, Mädchen!
Bis das Leder platzt am Schuh. (207)

LEXICOLOGIA

Aditamentos e correcções aos dicionários portugueses

Abrimos neste número da *Revista Lusitana* uma secção destinada ao exame crítico dos nossos dicionários, bem como a dar cabimento a contribuições lexicológicas, relativas á nossa lingua e aos seus vários dialectos.

Em cada fascículo serão essas contribuições e êsses estudos ordenados alfabéticamente, e no fim do ano organizar-se-há um indículo, de igual maneira alfabético, dos vocábulos que tiverem sido incluídos nesta secção, compendiando-se nos volumes seguintes os índices anteriores, que semelhantemente abrangerão todos os vocábulos coligidos e estudados nos volumes desta Revista até agora publicados.

Começaremos por examinar já algumas palavras de uso corrente, convidando assim pelo exemplo outros curiosos a contribuírem para esta secção com o seu quinhão de leituras e observações pessoaes, pois todas as notícias e subsidios que desta espécie recebermos serão para nós bemvindos, se forem discretamente pensados e redigidos.

Cabide

Em alguns dicionários portugueses é dado como étimo dêste vocábulo o latim CAPITULUM, deminutivo de CAPUT, de que proveio a palavra *cabido*, antigamente *cabídoo*, da qual *cabide* viria a ser forma divergente, ao que se opõe não só o significado de CAPITULUM, mas até a forma do vocábulo *cabide*.

Santa Rosa de Viterbo, no seu «Elucidario das palavras, termos, e frases que em Portugal antigamente se usárão (Lisboa M.DCC.XCVIII) *sub voc.* CAVIDADO, a que dá como definição «Evitado, acautelado, resguardado», indica a palavra *cabide*, como provindo daquela, e define-a: — o lugar, onde os vestidos, e outras cousas se põe a seguro do pó, e do mais que as póde inficionar, e destruir —.

E' evidente que *cavidado* é particípio passivo de *cavidar*, que pressupõe o latim *CAVITARE, freqüentativo de CAVERE, cujo particípio CAVTUS é contracção de CAVITUS, como é sabido. Ideológicamente o étimo satisfaria; morfológicamente, porém, é inadmissível. Não se conhece em português essa formação, que consistiria em derivar-se um substantivo concreto de um particípio passivo, com perda da terminação característica dêste, *-ado*, e a sufixação de *e*. Todavia, a forma antiga do vocábulo é *cavide*, e não *cabide*, como hoje se usa, e ainda Bluteau (Vocabulario Portuguez e latino) é a única que cita.

Da definição de *cavide*, dada por êste douto lexicógrafo e escritor de há dois séculos, se verá quam infundada é a explicação do vocábulo, proposta por Santa Rosa de Viterbo, e que acima transcrevi:— He nas estribarias huma taboa pregada em a parede, em uns buracos da taboa metidos huns paos, para nelles pendurarem os freios. (Voc. port. e lat. tom. II).

Esta definição é exactíssima, e a aplicação do vocábulo, ou, melhor dito, da armação que êle designava, a outros usos é posterior.

Desviados por inaceitáveis os dois étimos apontados, CAPITULUM, que tem sido o mais admitido, o *cavidado* que ninguém aceitou a Viterbo, teremos de ir buscar a outro idioma. dos que ministraram palavras ao léxico português, um étimo plausível, senão perfeitamente justificado.

Ninguém ignora que existem na nossa língua uns mil vocábulos de procedência arábica, demonstrada principalmente por Engelmann e Dozy (Glossaire des mots espagnols et portugais dérivés de l'arabe, Leida, 1869), de grande parte dos quais já havia sido averiguada por João de Sousa e José de Santo António Moura (Vestigios da lingua arabica em Portugal). Deve haver, há com certeza, número maior deles, abstrahindo mesmo dos nomes próprios de lugares, incluídos em grande cópia no léxico dos arabistas portugueses, mas excluídos do Glossário que citámos, e que até hoje é o trabalho mais completo e mais bem feito que existe nesta espécie.

Nas minhas peregrinações pelos nossos vocabulários, que enceto agora aqui, talvez tenha ensejo de avolumar a parte arábica do nosso léxico.

Existe em árabe um radical, Q-B-Ḍ, o qual tem como significado principal «agarrar, pegar em qualquer cousa», e que, com a 2.ª letra duplicada, Q-B-Ḍ, quere dizer «apanhar e pôr de parte», conforme o Dicionário arábico-francês de Belot (Beirute 1893, p. 613, I col.). Nessa mesma coluna vemos um substantivo derivado, MaQBiḌ, com o significado de «*manche, poignée*, «cabo, punho, pega». São os *paus* da definição de Bluteau. Outro derivado do mesmo radical QaBḌa, com igual significação, encontra-se no Dicionário francês-arábico de Cherbonneau (Paris. 1884) p. 322, col. II), que não explicaria o nosso *cabide;* mas no dicionário arábico-francês do mesmo autor (Paris, 1876). no 2.º vol. p. 911, 1.ª col., o primeiro vocábulo é MiQBiḍ, plural MaQABiḌ «manche, poignée; anse».

Creio ser esta a origem do nosso *cabide*. Nos países barbarescos o prefixo *ma*, é muitas vezes reduzido na pronúncia ao *m,[u]mqabiḍ'*,[1] e poderia ter sido considerado como o artigo português indefinido

[1] V. Caussin de Perceval, «Grammaire arabe vulgaire», Paris 1880, p. 17; e Lerchundi, «Rudimentos del árabe vulgar», Tángere, 1889, p. 13, nota.

um, separando-se do resto do vocábulo, que ficou palavra independente. O *b*, segunda letra do radical, modificou-se para *v* (cf. *alcavala*, *alvaiade*, etc.), e resultou pois o vocábulo *cavide*, dos nossos antigos escritores, e que Bluteau admitiu, sendo a forma *cabide* devida por ventura á influência de *cabido*, influência talvez erudita. Há uma quinta ao pé da Chamusca, cujo nome, pelo menos o popular, é *Cabide*, talvez *Do Cabido*, e neste nome parece ter influído a palavra de que temos tratado até aqui. Na Beira-Alta *cabide* toma a forma popular *cabido*, provávelmente pela mesma influência.

Catana

O último dicionário português publicado, «Nôvo Diccionário da língua portuguêsa,» do snr. Cândido de Figueiredo, define da seguinte maneira o vocábulo Catana: — alfange asiático; pequena espada curva; espada com bainha de madeira, em uso entre os timôres —, e dá-lhe, em dúvida, origem japonesa. No «Supplemento» ao mesmo dicionário (2.º vol., p. 775, col. II) atribui-se-lhe origem italiana presumível, *cattana*, feminino de *cattano*, contraído de *capitano*, contracção que designaria «espada de capitão». Efectivamente, Petròcchi (Nôvo Dizionàrio universale della lingua italiana, Milão 1887, t. I) aduz como desusado o vocábulo *cattano*; todavia, apresenta-nos tambem *catana*, que define — sorta di scimitara o di pugnale giapponese —.

Bluteau, no «Vocabulario portuguez e latino», diz-nos: — CATANA, catâna. He palavra do Japão. *Vid.* Alfange. Terçado. (Todo o primor vay em alimpar a *Catana* com o rosto sereno & alegre: Lucena, Vida de S. Franc. Xav. fol. 473, col. 2) —.

Cumpre notar que em Lucena, lugar citado (Liv. VII, Cap. 2.º), se accentua *catanà*; como porém, duas linhas mais abaixo vem um êrro tipográfico, «tatisfeitos» por «satisfeitos», e em toda a interessantíssima obra mais algumas incoerências de accentuação, seria mester compulsar pacientemente essa edição (Lisboa, 1600), para se averiguar se o dito vocábulo é mais vezes citado, com esta ou outra accentuação. Não o faço agora porque me falta ocasião e tempo, e por ser provável que o próprio Bluteau, escrupulosíssimo como se nos revela em todo o seu famoso vocabulário, não assentasse na accentuação que indica, sem para isso ter motivos ponderosos.

A accentuação *catâna* é corroborada pela segunda citação abonatória, tirada do poema Malaca Conquistada, de Francisco de Sá e Meneses, que transcreverei, com os dois versos que a antecedem no poema:

> (Com pouca ocasião que procurárão
> Descobrírão seu fim sanguinolento)
> E nos derão do mal já tardo aviso
> Mil crizes, mil catanas d'improviso.
>
> CANTO III, EST. 49

Há ainda terceira citação, de Francisco Rodríguez Lobo, «Côrte na Aldeia». Como, porém, é em prosa, fôra inútil para o caso reproduzi-la aqui.

Moraes (Diccionario da lingua portugueza, 3.ª edição, Lisboa, 1823) transcreve essa última citação.

O «Grande Diccionario Portuguez», chamado de Domingos Vieira, reproduz, com cento e sessenta anos de intervalo, as citações de Bluteau, modificando, todavia, a definição do vocábulo: ahi Catana é alfange asiático. O mesmo fizeram outros dicionaristas anteriores e posteriores aos editores do «Grande Diccionario», omitindo as citações, e transcrevendo essa definição mais lata do «alfange asiático», que provávelmente foi sugerida pelas duas últimas citações, as quaes se não referem ao Japão.

Seria de interêsse compulsar toda a literatura portuguesa do tempo de Lucena, e imediatamente anterior ou posterior, em cata dêste curioso termo, que de tam longe nos veio. Ficará isso para melhor ensejo; por agora contentar-me hei com esta, que aproveitei sem maior trabalho.

No vocábulo Alfange, para onde Bluteau nos remete, nada se acrescenta á definição que a elucide, antes ficou prejudicada, levando talvez essa remissão os lexicografos posteriores a darem os dois vocabulos como sinónimos, pois nos dizem que ambos designam espadas curvas asiáticas. Roquette, quer no «Nouveau Dictionnaire portugais-français» (Paris, 1855), onde se limita a traduzir *catana* por *coutelas*, quer no «Diccionario [illegible]tuguez» (Paris, 1867), em que a define como *terçado*, suprimiu a especificação de *japonês*, dada e autenticada por Bluteau, o que outros também fizeram; e no «Diccionario de synonymos» omitiu *catana*, quando dá a sinonímia de *espada*, discriminando, com maior ou menor artificio, os termos *espada*, *gladio*, *terçado*, *durindana*, *alfange*, *cimitarra*.

O snr. F. Ad. Coelho, no seu «Diccionario etymologico da lingua portugueza» (Lisboa, sem data) aceitou, sem reparos, a etimologia apontada por Bluteau, definindo também o vocabulo como significando «alfange asiatico».

Não tenho ao meu alcance agora todas as muitas edições de todos os dicionários portugueses, para averiguar se outros semelhantemente nos dizem ser a *catana* «um alfange asiático», sem limitação de povo ou povos da Ásia que o usassem, mesmo concordando, ou não, em que o vocábulo seja japonês.

Diez (Etymologisches Wörterbuch der Romanischen Sprachen, Bonn, 1869-1870, 3.ª edição) não dá o vocábulo, nem em italiano, nem em português. Körting (Lateinisch-Romanisches Wörterbuch, Paderborn, 1871), em o n.º 1628 dá-nos o italiano *catana*, como presumivelmente modificado de um étimo hipotético, *captana*, com a significação de — casacca dei cacciatori —, ao que o «Nôvo Dic.» em certo modo alude, quando diz no «Supplemento»: «designando veste do capitão, e, entre nós a espada do capitão».

O «Nôvo Dic.» ás definições anteriormente dadas, a que nos referimos, acrescenta que o termo é também aplicável ás espadas dos timores. E' possivel que assim seja; é licito, porém, hesitar em admitir essa atribuição do nome, não só porque não está abonada, mas também porque «espada» na lingua dos timores se diz *súric*, conforme o «Diccionario de portuguez-tétum» de Sebastião Maria Appariclo da Silva (Macau, 1889); e principalmente por ignorarmos o fundamento com que Sá e Meneses deu este nome ás espadas malaias.

Que o vocábulo é japonês, como afirmara Bluteau, e aceitaram Moraes, Ad. Coelho e Cand. de Figueiredo, não há dúvida, pois nessa lingua *katana* significa na realidade não sómente *espada*, mas igualmente *faca*, pôsto que êste último objecto seja mais especialmente designado por um substantivo composto de *ko* «criança» e *katana*, isto é, *ko-gatana*, com o abrandamento da inicial do segundo componente, que é de regra, e por uma catacrese ingénua, como a que em malaio se emprega para designar a chave com o epiteto de «filho da fechadura» *(ának kúnchi)*. Que o vocábulo *katana* denomina na actualidade não sómente a espada levemente curva japonesa, mas até a espada usual de munição europeia, vemo-lo no vocabulário apenso á gramática japonesa de Seidel (Hartleben's Verlag, Viena, Peste, Lípsia), muito recente (pag. 184, conjuntamente com *ken*, *turigi*, *wakisassi*, *(sic)*.

O que ocorre preguntar é se o vocábulo *catana* veio para português directamente do japonês, ou por intermédio do italiano. Tenho como certo que a primeira solução é a única aceitavel, não só pela definição de Bluteau, e primeira citação com que a abonou, mas também atentando ás estreitas relações que os portugueses tiveram com o Japão nos séculos XVI e XVII.

E' igualmente ponderosa em favor dessa solução a circunstáncia seguinte: A tradução italiana, quási contemporánea, da obra de Lucena, feita pelo P. Luís Mansoni, como Lucena, da Companhia de Jesus (Roma MDCXIII), traduz no indicado passo *catana* por *scimitarra*, o que testemunha não ter sido ainda admitido em italiano o referido vocábulo japonês, que naturalmente passaria de Portugal ao depois para lá, por meio da literatura.

Devemos, sem embargo, confessar que Fernão Méndez Pinto (Peregrinação, III, *passim*) chama sempre treçado (*sic*) á espada dos japões, e já vimos que Bluteau lhe dá igualmente essa sinonímia.

Seja como for, o vocábulo por tal modo se naturalizou cá, e disso já se queixava Francisco Rodriguez Lobo no passo que constitue a terceira citação de Bluteau, que deu o substantivo derivado *catanada*, como «golpe dessa, ou de outra espada», e em sentido figurado, hoje o único vulgar, como equivalendo a censura áspera ; porque o vocábulo *catana*, no sentido natural só se emprega como termo burlesco. Produziu também pelos modos, o que menos sabido é e não está por emquanto mencionado em dicionários portugueses, o verbo *catanar*, que no Riba-Tejo quere dizer «ceifar herva» com a gadanha, segundo o que me informa a minha criada Maria do Rosário, natural da Cha-

musca, e seu irmão Joaquim, de idade de 33 anos, consultado independentemente, e que foi trabalhador rural nos campos vizinhos daquela vila.

Chá, chaleira, chávena, pires, bule

O primeiro dêstes vocábulos designa a planta e sua infusão, as outras várias peças do aparelho em que costuma ser servido, e todos êles são na Europa peculiares do português, com excepção do primeiro, que, com forma muito semelhante, é também usado pelos povos eslavónicos, menos os polacos, que lhe chamam *herbata*.

Sôbre o *chá*, a planta adorada e tam preconizada por Whitney [1], diz-nos a literatura estrangeira que êste nome é chinês, sôbre a qual afirmação creio não restar dúvida.

Diz-nos, porém, igualmente essa literatura que o vocábulo TE *(té, thé, tea,* etc.), pelo qual a planta e sua infusão em quási todos os outros países europeus é conhecida, chinês é também, afirmação que já tem sido feita semelhantemente por escritores portugueses modernos.

Eu, até demonstração plena do contrário, vou supondo que esta última forma proveio do nome latino THEA, dado á planta pelos botânicos, e que me parece ser apenas a latinização, melhor ou peor, da palavra chinesa *cha*, que nós e os eslavões usamos, e que é o seu nome vulgar, não só em quási toda a Ásia, mas até nos países barbarescos da África.

Chaleira, que inquestionávelmente vem de *chá*, tem um *l* entre o radical e o sufixo, e cuja origem não é facil de explicar. Confrontem-se, no emtanto, *baku* e *bakuleiro*, mas não *chapeu* e *chapeleiro*, por isso que neste último o *l* justifica-se pela forma *chapel*, de que o francês *chapeau* é modificação, provávelmente deduzida do plural *chapeaus*.

Chávena. Não é preciso ser etimólogo nem lexicógrafo para encontrar entre os dois vocábulos *chá* e *chávena* a relação que existe entre os objectos que designam: que *chávena* deve provir de *chá* ocorrerá a qualquer pessoa, mesmo que nem ler saiba. Desta simples aproximação, que poderia ser ilusória como tantas outras, á análise da forma *chávena* vai distância incommensurável.

Não há em português o sufixo *-vena*, ou palavra independente, com esta ou análoga forma, que pela sua junção ao termo *chá* dessem um nome derivado ou composto.

Não há em português, mas existe em japonês, e é *tiya-wan*, «chí-

[1] Who can sit over that cup, of all cups the most cheering and the most harmless withal, and not feel within him a warm glow of something like affectionate good will toward a country, which has given, and which alone continues to supply such a gift to men and womankind? ORIENTAL AND LINGUISTIC STUDIES. *China and Chinese.*

cara para chá», pronunciado *chávan*, e dêste nome é provável que viesse o que usamos, juntamente com o objecto que designa; o que não é de admirar, pois as nossas relações comerciais com o Japão foram muito íntimas e muito seguidas no século XVI, e ainda no XVII, até as grandes perseguições aos católicos, ateadas pelos bonzos (outro vocábulo japonês, *bônzu*, que para a Europa veio por intermédio dos escritores portugueses dessa época), e acendida talvez pelo zêlo indiscreto dos missionários.

Pires. E' êste outro termo, que anda inseparávelmente associado a *chávena*, e que como êste é na Europa peculiar de Portugal. Em indostano denomina-se *pirix*, em malaio *pirim*, representando a pronúncia portuguesa o primeiro com bastante fidelidade.

Poderíamos supôr que fôssemos nós os introdutores dêste nome na Índia e no Arquipélago Malaio, porque deixámos lá muito mais de um cento de palavras. Mas se considerarmos que a hipótese contrária tem a seu favor muito maiores probabilidades, visto que essa peça de louça da Ásia nos veio com a *chávena* a que serve de peanha, não podemos deixar de reputar como asiático êste termo, se bem que não possamos por emquanto, nem por conjectura, sugerir a que lingua, ou mesmo família de linguas da Ásia, êle pertença.

Bule. Tem se identificado êste termo com o inglês *bowl*, identificação pouco provável, porque êsse vocábulo inglês jámais se pronunciou *bul*, e nunca também designou a vasilha em que a infusão do chá é feita e servida á mesa, mas sim a tejela em que se despejavam os restos da chávena de cada um, para se lhe servir nova chavena da infusão.

E' pois êste mais um termo relacionado com o serviço de chá, mais uma peça do competente aparelho, com um nome só em português usado, em toda a Europa. E' sabido que os franceses lhe chamam *théière*, e os espanhoes *tetera*, palavras ambas derivadas de *thé*, *té*, «chá», e que em inglês se denomina *tea-pot*, vocábulo êste último composto com *tea*.

Qual seja, pois, a origem do nosso termo *bule* é o que resta averiguar. Guardarei para outra ocasião investigar-lhe a etimologia, quando puder acompanhá-la com a do vocábulo *pires*, a que atrás me referi.

Eça, essa

O dr. Júlio Cornu, no «Grundriss der Romanischen Philologie» (I, p. 702 n.° 148) e não sei se já antes dele a ilustre romanista, snr.ª D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, indicou a etimologia dêste vocábulo, que corre modernamente mal escrito como tantos outros: é o latim ERSA, femenino do particípio * ERSUM, de ERIGERE, e significa portanto «erguida». Com efeito, são numerosos os vocábulos em que

a ns latinos correspondem em português *ss*, como em *travessa*, *pessoa*, *pêssego*, também erradamente escrito *pêcego*, etc.

Fernão Méndez Pinto (Peregrinação Cap. CLXVII) escreve êste vocábulo com dois *ee*, *eessa* = *éssa* — «um cadafalso.... & no meio delle hũa tribuna de doze degraos com hũa eessa quasi ao nosso modo, guarnecida...» — e a razão desta escrita está em que era necessario diferençá-lo do femenino do pronome *essa*, que no seu tempo, como ainda hoje no norte, era pronunciado *êssa*, sem a metafonia do *ê* em *è* que se manifestou ao depois no sul, donde o pitoresco escritor era natural (vila de Almada).

O apelido Eça, porém, tem de certo outra origem, e na Peregrinação (Cap. CCIII) encontra-se escrito com *ç*, diferençado portanto daquele outro.

Leque, abano

Leque. Neste vocábulo fundiram-se duas palavras diversas que ficaram sendo formas convergentes (V. Rev. Lus. II, p. 316), conquanto os nossos dicionários dêem a ambas uma só inscrição.

O primeiro dêsses vocábulos, hoje em dia mais usado com a forma *laque*, é palavra da Índia, e significa 100:000, [1] e por extensão designou uma moeda nominal de Ormuz e Pérsia, a que se referiram muitos dos cronistas das nossas conquistas na Ásia. Bluteau incluiu-a no seu Vocabulário, supôsto lhe não diga o valor. No arquipelago Malaio denota não 100:000, mas 10:000. Sôbre esta palavra vem um bem elaborado artigo, na magnífica obra de Yule e Burnell «A Glossary of Anglo-Indian words and phrases», para a qual remeto o leitor curioso, e com tanto maior empenho, quanto ali vem compendiada a principal literatura portuguesa, como acontece em muitos outros do mesmo Glossário, verdadeiro monumento de erudição, de sagacidade e de bom critério.

A segunda forma, *leque*, tem dado que pensar aos dicionaristas, nenhum dos quais, com excepção do último que já vamos nomear, lhe apontou etimologia certa ou plausível; e com razão, pois seria trabalho baldado procurar nas outras línguas românicas palavra que, de perto ou de longe, se parecesse com esta, na designação do objecto tam trivial hoje em dia, como o é a ventarola de abrir e fechar, a que os ingleses chamam *folding-fan*. Os franceses denominam êste objecto *éventail*, os italianos *ventáglio*, os catalães *ventall*, palavra sem dúvida de origem latina, mas de identificação igualmente difícil. Os castelhanos chamam-lhe *abanico*, e nós dantes dávamos-lhe o nome de *abano*, vocábulo que hoje designa o que os espanhoes chamam *aventador*, isto é, uma espécie de ventarola com que se areja e es-

[1] V. *in* REVISTA LUS. vol. VI, n.º 1, Monsr. S. R. Dalgado «Dialecto Indo-português de Goa», p. 81.

perta o lume, e que em nada se parece com o «leque», própriamente dito, ou «de varetas».

Como se sabe, os instrumentos para agitar o ar e produzir fresco não são de certo invenção sómente chinesa ou japonesa. Raros serão os povos que os não conhecessem. No Dicionário «Nouveau Larousse Illustré», em via de publicação, fasc. 184, p. 376, vem representada uma collecção de várias formas de leques, entre as quais vemos o de varetas, a ventarola, e o de rotação (*à girouette*), muito usado na Índia, em Goa por exemplo, onde o denominam *âî(a)no*, o que consiste num cabo em tôrno do qual gira uma espécie de bandeira, mediante um pequeno movimento de rotação, á feição do cata-vento.

Voltando ao nosso *leque*, diremos que coube ao director desta Revista a boa fortuna de correr o véu que encobria a etimologia desta palavra. Na sua «Philologia Mirandesa», p. XVI e XVII dá-lhe como origem o nome por que dos navegadores portugueses foi conhecido o grupo de ilhas que ficam a sul do Japão, e a que os ingleses chamaram ao depois Lew-Kew (*linquiú*) e modernamente Lew-Chew (*linchú*), os franceses Liou-Kiou, Liou-chou, Liou-Tchou (*liuquiú, liu-xú, liuchú*), formas que,melhor ou peor, como as dos nossos autores, arremedam os nomes que elas teem em japonês, léquio e chinês. O snr. Leite de Vasconcellos estriba-se para dar o étimo de *leque* num passo de Fernão Méndez Pinto (Peregrinação, cap. 225), que vou reproduzir completando-o. E' assim: — [lhe (a El Rey) pedi a reposta da carta que lhe trouxera do Visorrey, a qual me elle logo deu, porque a tinha já feita, & por retorno [do presente] lhe mandou [hũas armas ricas, e dous treçados douro, &] cem avanos lequios. O snr. Cándido de Figueiredo, no seu «Nôvo Diccionário da lingua portuguêsa», atribuiu a esta palavra origem chinesa, sem dizer qual; no «Supplemento», porém, inclina-se tambem a propôr o étimo *léquio*, encontrando-se portanto com o snr. Leite de Vasconcellos, sem que um soubesse da conjectura do outro.

Parece, na verdade, certo que o *léquio* de Fernão Méndez Pinto é simplesmente um adjectivo, por mudança de categoria gramatical, do substantivo étnico, que pelo próprio nome de uma região, fazendo-se êste declinavel, designa os seus habitantes, formação freqüentissima nos nossos escritores, como se vê de *Siames* por povos do Sião (ou Siam, como eles escreviam), *Japões* por povos do Japão, *Bramás*, *Pegus*, por povos de Bramá (Birmánia), Pegu, etc.; um pouco arcaica, mas não de todo desusada, felizmente, pois são perfeitamente correntes as expressões *angolas*, *chinas*, por angolenses, chineses ou chins, etc.

Empregado *léquio* como adjectivo concordando com o substantivo *abano*, ou *avano*, como diziam, fácil foi o substantivar-se, suprimindo-se o vocábulo *avano*, supressão que vemos em outras expressões análogas, como *basquinha* em vez de *roupa basquinha, varsoviana*, por dansa de Varsóvia, *bretanha, irlanda*, por fazendas de Bretanha, de Irlanda, *americano* por *carro americano*.

Não é isto uma conjectura, com relação á palavra *leque*, pois em Lucena (Vida de S. Francisco Xavier, liv. VII, cap. IX) lemos as seguintes expressões, que se referem aos japoneses: — «com um leque, ou abano d'ouro» — (Lisboa, 1600).

Vemos igualmente por êste passo que o vocábulo já tinha adquirido a sua forma actual, mas que não era tam usual, que para o leitor não fosse necessária explicação. *Leque* foi também uma das formas usadas para designar os grupos das ilhas de Léquio, ou Léquios, sendo estas três escritas correntes nos nossos cronistas da Ásia.

Com respeito á palavra *abano*, dantes *avano*, como vimos, encontramo-la no catalão *vano*, com o mesmo significado, e provém sem dúvida do verbo *abanar*, *avanar*, por um processo de derivação estudado já por Egger, recentemente tratado pelo snr. Mohl [1], e a que êste investigador chama «substantivos postverbais», isto é, formados dos radicais dos verbos, sem afixos, e rizotónicos, ou acentuados no radical, como o são as pessoas do singular do presente; tais são em português *rôdo* > *rodar*, *enrêdo* > *enredar*, *poda*, *lavra* > *podar*, *lavrar*, etc.; e, conforme a opinião autorizadissima do snr. Gastão Paris, foram êles feitos á imitação dos latinos CANTUS, NOTA, á par de CANTARE, NOTARE, o que parece explicar satisfatóriamente esta formação peculiar das línguas románicas, e cuja vitalidade perdura ainda.

Assim, pois, *leque*, parece ter significado primeiramente só o «de varetas», e o termo *abano* continuaria a indicar outra qualquer espécie de ventarola, das muitas que os nossos viajantes foram encontrar em todo o Oriente. Na própria India, além do *ainô*, a que já me referi e cuja forma e nome nunca lograram chegar cá ao uso comum, havia e há leques de outras muitas e variadíssimas formas e substáncias, a começar no descomunal *pancá* (indostano *pãkᶜā*, escrito pelos ingleses *punkah* e *punkaw*) até o da simples fôlha do coqueiro, á qual tam minuciosamente se refere o snr. Floriano Barreto («Phalenas», Bastorá, 1898), esquecendo-lhe todavia mais esta entre as noventa e nove serventias dessa bemdita árvore, providéncia do índio, e que, como êle diz (p. 22):

> «Limpa, illumina, embriaga, veste,
> aquece, cura, alimenta, abriga.»

A enumeração curiosa que faz das muitas aplicações que tem o coqueiro lembra as que Yule [2] menciona na sua edição e tradução das Viagens de Marco Paulo, a respeito da cana-da-India e as que

[1] V. «Romania», t. XXIX, p. 440-445, julho, 1900. V. também na mesma Revista o que eu disse acêrca dêsses substantivos em português, t. XII, p. 84 e 85, 1883, e o snr. Leite Vasconcelos no livro já citado «Philologia Mirandesa», vol. I, p. 463.

[2] Coronel Henry Yule «The book of Ser Marco Polo the Venetian», etc., 2.ª edição, t. I, p. 299, n. 2.

satiricamente memora o snr. Guerra Junqueiro na «Velhice do Padre Eterno», relativamente ao pau da Vera-Cruz, do qual diz se vende em boquilhas, etc., e até

«Em ripas, em pranchões e em traves colossaes,
Para marcenaria e construções navaes».

Poeira

Que eu saiba, é o «Nôvo Diccionário», do snr. Cândido de Figueiredo, o único em que está apontada a significação de *areeiro* a êste vocábulo, pôsto que Moraes já houvesse incluído o significado de «areia para secar a tinta», sôbre o qual tenho minhas dúvidas. O «Nôvo Diccionário» não comprova com citação a acepção nova que lhe dá; entendo pois conveniente abonar-lhe a exactidão, que é indubitável. Na «Peregrinação» de Fernão Méndez Pinto (cap. CIII) vem êste passo referente á mobilia de um tribunal chinês, o qual confirma aquele significado: — um escritoriozinho redondo que tinha o tinteiro e a poeyra.

Era, portanto *poeira*, na verdade, um vaso, que fazia parte da secretária ou escrevaninha, e que continha um pó qualquer para enxugar a tinta no papel. Em castelhano ainda hoje o areeiro se denomina *salvadera*, de *salvado*, sêmeas, que em tempo naturalmente se utilizaram lá para o mesmo fim.

Porão

Todos os dicionários portugueses incluem e definem êste vocábulo, e quási todos assim o escrevem, sem alteração, desde o de Bluteau até o do snr. Cândido de Figueiredo. Nenhum deles lhe aponta a etimologia.

Em Fernão Méndez Pinto (Peregrinação, cap. LXI, pag. 243 do tomo I, da 2.ª edição, Lisboa, 1829) lemos: — se entendeo logo com toda a presteza em alijar a fazēda ao mar, & saltando em baixo no prão obra de cem homēs. — Esta forma do vocábulo está já apontada por Moraes, Lacerda e em outros dicionários portugueses, como equivalendo a *porão;* foi, porém, omitida no do snr. F. A. Coelho, no «Contemporaneo», e no «Nôvo Diccionário» do snr. Cândido de Figueiredo. O «Grande Diccionario Portuguez», atribuído a Frei Domingos Vieira, o português-francês de Roquette, e outros dão o vocábulo *prão* como igual a *plano*, e a locução adverbial *de pram* ocorre por exemplo cinco vezes no Cancioneiro de Dom Denis [1]; na edição completa,

[1] Henry R. Lang, *Das Liederbuch des Königs Denis von Portugal*, Halle, 1894.

feita pelo douto romanista suíço o snr. Henrique Lang, é essa locução explicada em alemão por *leichtlich* («fácilmente»), e *gern* («de boa mente»). E' pois êste vocábulo mais um alótropo, usado em português. do latim *planus*, para juntar aos já compendiados: *chão*, *llano* (castelhano), *plano* [1], e o italiano *piano*, com sentidos comuns ou especiaes. *Porão* é conseguintemente um desenvolvimento fonético de *prão*, empregado como substantivo, em sentido análogo a *chão*, ou ao italiano *piano*, na acepção de «sobrado», ou, como hoje dizemos, «andar».

A. R. GONÇALVES VIANNA.

SUPERSTIÇÕES PORTUGUESAS NO SEC. XVI

(Continuação da pag. 27, vol. v)

LVII. — Dom Joam, etc. saude. Faço saber que Breatiz Afonso, molher viuua, morador na vyla da Tore de Mẽcoruo, mẽviou dizer por sua pitiçã, que ela fora acusada pola Justiça por se dizer que era alcouvytejra e feytiçejra, e sajra cõdenada per sẽtemça da Rolação a hũ ano de degredo pera Crasto Marjm cõ pregam na audiencia segũdo ver poderja per hũ estormemto que apresemtaua e por ela ser molher velha e mal desposta não se atreuja jr serujr e comprjr o djto degredo... Dada ẽ a cidade de Lixboa a xxiiij° dias do mes de julho... de j b^c Rbiij.° (Liv. 1 de perdões e legit. de D. João III, fl. 118).

LVIII. — Dom Joham, etc. saude. Faço saber que Catarina Gonçalvez e Illena, molheres solteiras, moradoras na vyla de Pena Macor me ẽujaram dizer per sua pitiçam que elas fforam presos este ano de j b^c Rbiij° por se dizer que erão alcouuiteiras e feitiçeiras e por não terem parte a Justiça as acusara pelo dito caso... Dada ẽ a minha çidade de Lixboa aos vimte e quatro dias do mes de setembro e ffeita aos xxbij dias delle... de j b^c Rbiij.° (Liv. 7 de perdões e legit. de D. João III, fl. 125).

LIX. — Dom Joam, etc. saude. ffaço saber que Felipa Cardosa, molher veuva, morador na Torre de Memcoruo, me emuyou dizer por

[1] Derivados do mesmo radical *planus* são *praino*, ou plaino, e *chairo* («Rev. Lusitana», I, p. 208 : chairo > chãairo > PLANARIUS; PLANARIUS : PLANUS : : PLENARIUS : PLENUS. V. Theil, «Dict. lat. fr.» *sub voc*. PLANARIUS.

sua pitiçã, que ella fora presa na dita villa, e acusada polla Justiça por se dizer que era alleouvyteira e feitiçeira, por as quoaes cullpas, por sentença da Rollaçã, sayra comdenada c̃ huũ anno de degredo pera Crasto Marym cõ baraço e preguão pubricamente; e porque ella sopricamte era molher de bõos paremtes com quatro filhas casadas e homradas que Receberjão gramde Imjuria... Dada na villa dAlmeirym aos noue dias do mes de feuereiro e feita na mesma villa aos omze dias do dito mes... de mil e quinhẽtos e coremta noue. (Liv. 4 de perdões e legit. de D. João III, fl. 121 v.)

LX.—Dom Johão, etc. saude. Faço saber que Violante Alvez, morador em Castello Nouo, Me enuiou dizer per sua pitição, que sendo ella presa na cadea da dita villa sem nhũa *(sic)* culpa, porque lhe não hauia, nem se procedera contra ella, e que estando asy presa o Juiz que hera da dita villa, hũ Francisco Vieira, mandara fazer hũ auto contra ella, dizendo que mandando os presos da dita villa pera a villa de Castello Branco ella soplicante dissera palauras injuriosas contra o dito Juiz, que hera hũ ladrão Roubador e que lhe daua trinta figuas, e que sua molher hera hũa alcouiteira que Rompia mantelhinhas por este officio... Pedindome que avendo Respeito a ella soplicante estar presa ao tempo que se dizia ella dizer as ditas palauras, e ser preso sem causa, e ser molher que tinha tres filhos que criaua, e ser viuua que se sostontaua no seu natural antre suas vizinhas e parentes, e não podia sostentar-se por outras partes por ser muito pobre... Dada na cidade de Lixboa aos xxiij dias do mes de Janeiro e feita na dita cidade aos xiiij dias do mes de feuereiro... de mil b^c l^ta annos. (Liv. 16 de perdões e legit. de D. João III, fl. 22 v.)

LXI.—Dom João, etc. saude. Faça nos saber que Marguarida Alvez, morador na villa de Trancoso, Me envjou dizer por sua pitição, que ella foy presa na dita villa de Trancoso, e acusada pella Justiça por se dizer contra ella que hera feiticeira e alcouiteira, e que estando presa na cadea da dita villa fogira da cadea... Dada c̃ a minha cidade de Lixboa aos xiiij° dias do mes de Junho do ano de mill b^c L.^ta anos... (Liv. 16 de perdões e legit. de D. João III, fl. 285 v.)

LXII.—Dom Johão, etc. saude. faço nos saber que Briatiz Pirez, morador na villa dAlvayazere, Me envjou dizer por sua pitição, que ella soplicante fora presa na cadea da villa de Tomar por ser Infamada de feitiçeira, averia vinte e dous ãnos, pouquo mais ou menos, pello que saira em Rolação condenada em tres anos de degredo pera alẽ com hũ preguão na audiencia, e por me fazer çerto como hera velha de Idade de setenta ãnos e muito prove Me aprouvera fazer lhe merçe de lhe comutar o degredo pera o couto do Maruão e que alem dos ditos tres anos comprisse mais dous meses... Dada em a minha cidade de Lixboa a xxb dias do mes de Junho e feita a xxj

dias de Julho... de mil b° lta anos. (Liv. 16 de perdões e legit. de D. João III, fl. 125).

LXIII. — Dom Joam, etc. saude. Faço vos saber que Violamte Diaz, morador na cidade dAmgra me emviou dizer per sua pitiçāo que o allcayde da dita çidade querelara della dizemdo que era feitiçeira e allcouviteira pela qual querela fora presa na cadea da dita cidade... Dada ẽ a minha cidade de Lixboa aos trimta dias do mes dabrill e feita aos novo dias do mes de mayo... de mill e b° Lta anos... (Liv. 17 de perdões e legit. de D. João III, fl. 63).

LXIV. — Dom Joam, etc. saude. Faço uos saber que Margayda Guomçalvez, morador ẽ a villa de Tramquoso me ẽvyou dizer per sua pitiçāo que ela fora presa na dita villa de Tramquoso e acusada pela Justiça por se dizer comtra ella que era feiticeira e alcouviteira e que estando presa na dita villa fogira da cadeya della... Dada na minha cidade de Lixboa a xiiij° dias do mes de julho e feito a xbiij° dias de Julho... de mill b° L.ta anos. (Id. fl. 80).

LXV. — Dom Joam, etc. saude. Faço uos saber que Ana Diaz, morador ẽ a vyla de Momte Moor o Velho me ẽviou dizer por sua pitiçam que dela denũciarão por parte de mynha Justiça que era feyticeira, e tamto se processara no caso que deram semtença que cõ baraço e pregam fose degradada pera o couto de Maruão por dous anos e que por a soplicante ser molher de boa casta e lympa geraçã e ha cajse de huũ ano que esta presa e que auemdo se de fazer a dita ẽxecuçã no baraço e pregam ficaua Infame e toda sua geraçam... Dada ẽ Comdeyxa aos symquo de nouembro e feyta na cidade de Coymbra aos sete dias do mesmo mes de j b° Lta... (Liv. 15 de perdões e legit. de D. João III, fl. 184).

LXVI. — Dom Joam, etc.... saude. ffaço uos saber que Pero Affonso Macano, morador em Mamteyguas, me emviou dizer per sua petyçāo, que Pero ffrancisco Homem, morador em dita villa, delle querelara, como fezera de muytos outros, por dizer que era huũ ladrão, Jliçador, barregueiro, ffallsayro, aRenegador de deus e de seus samtos, feytiçeiro e doutros tajs e majores crimes, calando que era seu Imjguo delle supricante, fora preso na cadea da dita villa da qual elle ffogira sem quebrar porta nem parede... Dada na cidade de Cojnbra aos xbiij° dias do mes de novembro e ffeita no mesmo dia e na dita cidade... j b° L.ta anos... (Liv. 18 de perdões e legit. de D. João III, fl. 191 v.)

LXVII. — Dom Joã, etc. saude. Faço uos saber que Ana Diaz, molher veuua, morador em Momte mor o Velho, me ẽujou dizer per sua petiçāo, que ella fora presa e acusada pela Justiça por se dizer que tynha fama de feytyçeira que fazia feytiços, e por sentença da

Rolação fora comdenada cõ baraço e preguão pela vylla fose degredada pera o couto de Maruão por dous anos... e por que ella era molher muito pobre e doemte e tynha hũa ffilha solteira, que auya de Remedear omde fiquase, e nã ter despesa cõ que podese Jr viuer a terras alheas e amdaua pidimdo esmolas pera Jr... Dada em ha mjnha villa dAllmeirjm aos xxb dias do mes dabrill... do j bᵉ lj anos... (Liv. 18 de perdões e legit. de D. João III, fl. 273 v. = Outro documento á mesma no Liv. 21, fl. 273 v.)

LXVIII. — Dom João etc. saude. Faço uos saber que Joana Fernandez, molher viuua, morador ẽ Verjde, termo da ujla de Momte Mor o Velho, me ẽviou dizer por sua pitiçam, que na dita vila e seu termo se tirou devasa per minha prouysam de feyticeiras, alcouviteiras e baregejras casadas, na quall devassa algũas pessoas a culparão, que lhe mall queriãm, que ela sopricamte de muitos tẽpos atras ela estava por mameeba de hũu Diogo Caldeira, theuda e mãtheuda a olhos e face, sendo o dito Diogo Caldeira casado cõ Joana Carreira, sua molher, e temdo filhos, e por asy ter a tall confercasan *(sic)* e lhe dar o necessario, daua por yso muito ma vida a sua molher sobre dita, o qual Diogo Caldeira he morador na dita vyla de Momte mor o Velho e caualeiro, pela qual culpa de devasa ela sopricamte foy presa... Dadà ẽ a villa dAlmejrym aos xxb dias do mes de Janeiro e feyta a xxbj dias do dito mes... de j bᵒ lij anos... (Liv. 21 de perdões e leg. de D. João III, fl. 17 v.)

LXIX. — Dom Johão, etc. saude. Faço vos saber que Francisco Rabello, tabalião ẽ a villa de Cedauym, Me envjou dizer per sua pitição, que o leçençeado Jorge da Cunha, Corregedor da comarqua de Lameguo, Indo per correição ha dita villa este anno presente de çinquoenta e dous, tirou deuassa sobre os barregueiros casados e formigueiros e feiticeiros per hũa prouisão minha, e que proçedese contra os culpados dando appellação e agrauo ẽ os casos que ẽ sua alçada não coubesse, e a dita deuassa culparão a elle sopricante, dizendo que sendo casado com hũa Felipa Gomez, sua molher, tinha por mançeba e barregãa das portas a fora a hũa Caterina Cordeira, moça solteira, filha de hũ Simão Pirez Cordeiro, do dito luguar, e jsto de hũ ano e mais e seis meses, e atee o tempo que a dita deuassa se tirou, e que elle sopricamte lhe daua todo o necessaryo entrando em sua casa e saindo e estando publicamente, e que por este Respeito daua muito maa vida a sua molher... Dada ẽ a cidade de Lixboa aos xiiij dias do mes de março e feita ẽ ella aos xbij do dito mes... de mjll bᵉ cinquoenta e dous anos... (Liv. 19 de perdões e leg. de D. João III, fl. 53).

LXX. — O anno de 1553 estando as naos que hauião de ir para a India carregadas, atcou se por desastre fogo em hũa dellas e sem lhe poderem valer ardeo toda; e el Rey e a Raynha que viuião então

nos paços da ribeira de Lisboa, chegando a hũa varanda e estando a vendo disse hũa Dama da Raynha a el Rey que mandasse S. A. lançar naquelle fogo hũ Agnus Dey, que elle se apagaria logo, e el Rey respondeo lhe: Não he rezão experimentar tamanha e tão Santa Reliquia, em tão pequena cousa; a perda da qual nao foi aualiada por pessoas que o bem entendião, em cem mil cruzados. (*Memoria dos ditos e Sentenças dos Reys, Principes e Senhores Portuguezes e outras pessoas de fama.* Ms. fl. 19).

LXXI. — Dom Johão, etc. saude. Faço saber que Ines Monteiro, morador na villa de Mõte Moor o Velho, que ella foy culpada na deuasa que eu mandey tirar na dita villa pelo Juiz de fora della o ãno de çinquoenta sobre ladrões e barregueiros e alcouiteiros e feiticeiros, de culpa de feiticeira, e que sabia fazer feitiços, pelo qual caso fora condenada finalmente ẽ minha Relação ẽ dous anos de degredo pera o Couto de Crasto Marym... e porque ella he de boa geraçã, e seu pay e avoos e parentes forã Ja Juizes e Vereadores da dita villa, e tambẽ ella criou hũa filha a Dioguo Caldeira, morador da dita villa, cavaleiro de minha casa, e asy tinha ella sopricante hũa filha pera casar horfãa... Dada na minha cidade de Lixboa a xbiij dias do mes dabril e feita ẽ ella a xxj dias delle... do mil b° cinquoẽta e tres anos... (Liv. 20 de perdões e leg. de D. João III, fl. 322 v.)

LXXII. — Dom Joam, etc. saude. Faço saber que Isabel Carnejra, moradora *(sic)* no lugar de Bornes, termo da cidade de Bragãça me ẽviou dizer por sua pytiçã que estamdo presa na cadea da dita cidade por dela queRelarẽ os mejrynhos da dita cidade por dizerem que era alcouvitejra e feyticejra e se lyurara pola Justiça por não ter parte... Dada ẽ a cidade de Lixboa a xj dias do mes de Julho e feyta ẽ ela aos xbj dias do dito mes de Julho... de j b° liiij anos... (Liv. 25 de perdões e leg. de D. João III, fl. 133).

LXXIII. — Dom Joam, etc. saude. Faço saber que Caterina Gonçalvez, molher viuua, moradora *(sic)* ẽ Villa Noua, termo da ujla de Trãcoso me ẽviou dizer por sua pitiçã que semdo ela acusada pela Justiça a falymento de partes fora finallmente cõdenada ẽ huũ ano de degredo pera o couto de Crasto Marym cõ pregã na audiencia por se dizer que conversara *(sic)* a hũa Isabell Gonçaluez, feyticeira e que vzaua de algũs modos de feytiçaria e alcouvitarja e se fizera nela ẽxecuçã do pregã... Dada ẽ a cidade de Lixboa aos xxbiij° dias do mes dagosto e feyta na mesma cidade de Lixboa aos xxix do mesmo mes e ano... de j b° liij°... (Id. fl. 159).

LXXIV. — Dom Joam, etc. saude. Faço saber que Caterina Gomez me ẽviou dizer por sua pitiçã que ela fora presa na cadea da ujla de Barçelos e acusada por a Justiça pelo mejrynho que era parte a nã querer acusar dizemdo que avia muitos anos que estaua por mam-

ceba teuda e mãteuda de huũ clerigo de mysa do quall tinha filhos e filhas e que era feyticeira que fora vista fazer feytiços e que os fizera ao clerigno cõ quē estaua abaregada e a outras pesoas e que Roubara a fazenda do clerigo pelo que fora cõdenada por semtemça da mynha Rolação da casa da sopricaçã que cõ hũu pregam na audiencia fose degradada huũ ano pera o couto de Crasto Marym... Dada na cidade de Lixboa aos xxb dias do mes dagosto e feyta na mesma cidade aos dezoyto dias do mes do setembro... de j bº liiijº anos... (Liv. 25 de perdões e leg. de D. João III, fl. 167 v.)

LXXV. — Dom Joam, etc. saude. Faço saber que Madanela Vaz, molher de Francisco Faya, samgrador, morador ē esta cidade de Lixboa, me ēviou dizer por sua pytiçam, que ela fora presa por ser culpada na devasa que tjrara Manuel dAmdrade, e acusada por a Justiça, por se dizer que era feyticejra, e que leuaua por yso dadiuas e dinheiro, e que por outras semelhamtes culpas fora Ja culpada por a Justiça eclesyastica, por as quaes culpas por sentença finall sayra cõdenada ē cymquo anos de degredo pera o Brasyll cõ baraço e pregan pubrycamente pela cidade, e ē dez cruzados pera as despesas da Relaçam, e por que ela sopricamte era molher omrrada, e de bõs paremtes, e tinha hũu filho moço da camara da Rainha, e outro da primcesa ē Castela, e hũu seu Irmão goarda Reposte da prjncesa, e serja gramde afromta e JnJuria fazer se nela a ēxecução do dito baraço e pregã, e fora culpada por Imygas e pesoas sospeytas... me praz de lhe perdoar e aRelenar da cõdenação de baraço e pregã ē que foy cõdenada pelo caso cõtheudo ē sua pytiçã e Jra serujr majs hũu ano de degredo ao Brasyll além dos cimquo... Dada ē a cidade de Lixboa aos xb dias do mez de Janeiro e feyto na mesma cidade aos xbj do mesmo mes... de j bº lb anos. (Liv. 25 de perdões e leg. de D. João III, fl. 232).

LXXVI. — Dom Joam, etc. saude. Faço saber que Ana Pirez, morador ē Barcelynho, aRaballde da ujla de Barcelos, me ēviou dizer por sua pytiçã, que pelo ouvjdor da dita vjla fora ho ano de j bº liiijº tirada devasa per meu especiall mãdado sobre barigejros, feyticeiras e mãcebas de clerignos, e que ora viera a sua notiçia, que allguas pesoas, por lhe quererē mall, a culparã na dita devasa dizemdo que ela sopricamte estaua por mãceba theuda e mãtheuda fora de casa de huũ Diogo Fernandez, clerjgo de mysa, morador na dita villa, e que hia muitas vezes a sua casa dele Diogo Fernandez e ele a casa dela sopricamte... Dada na mynha cidade de Lixboa ao primeiro dia do mes de fevereiro e feita ē ela a quatro dias dele... de j bº lb anos... (Liv. 25 de perdões e leg. de D. João III, fl. 245).

LXVVII. — Dom Joam, etc. saude. Faço saber que Balltesar Nunez, morador na villa dOurem, me ēviou dizer por sua pytição que ho ouujdor do duque de Bragãça, meu muito amado e prezado sobrynho,

tirou ora devasa gerall na dita vyla per mynha prouysão sobre ladrões e baregejros e feyticeiros na qual devasa lhe ho dito que o culparão dizemdo que semdo casado cõ Isabel dAfonsequa que viuja na dita vyla fazemdo em todo vyda de casado tinha por sua manceba teuda e manteuda a hũa Inês Fornandez, molher solteira, filha de hũu afonso Fernandez da quall tinha hũa filha e que por esa cousa daua ma vida a sua molher.... Dada na mynha cidade de Lixboa e feita ẽ ela a xxix dias do mes dabril... de j bº lb anos... (Id. fl. 301).

LXXVIII. — Dom Joham, etc. saude. Faço uos saber que Francisco Fernandez, torneyro, morador na villa do Crato, me ẽujou dizer per sua piticam, que elle foy preso e acusado pela Justiça por ferir a hũu Bertolameu Cauestro salltamdo cõ elle por lhe pareçer que lhe pecaua na ley do matrjmonyo, e por se dizer que dera a sua molher cõ hũ malho estamdo na cama deyxamdo a por morta, por as quaees cullpas por sentença finall sayo cõdenado em hũ ano de degredo pera Afrjqua, com preguão ẽ audiencia, do qual preguão se fez execução e estamdo preso na cadea do Crato pera ser leuado a serujr seu degredo, em hũ dos dias do mes de mayo ou Junho do ano de liij ou tempo que vjer em verdade, de noyte, estamdo na prjsão hũu Joham Cauestro acusado por hũu Joham Guamito por lhe dar hũa feryda no Rosto e por ho aRepelar e lhe tyrar as barbas, e hũu Alluaro Eanes degradado pera as guales por ladrão, e hũu Fernam Fernandez, Monteyro dallcunha, acusado por morte de hũu homem e degradado pela cullpa da dita morte em oyto annos pera as guales, e hũ Dyogo Symões degradado pera Afrjqua por baregueyro, e hũu negro ou turquo per nome Johane preso por ladrão e feyticeiro, e Guarçia Alomso, castelhano, preso por peguar cõ hũa molher casada, e Amtonjo Diaz, tosador, preso por seda, e hũu Pero de Portalegre por espamcar hũu quadrjlheiro, e hũu Guarcia Samchez, clerigno castelhano, por furtar dous cavalos, os ditos presos ao primeiro sono estamdo o carcereiro dormjndo torcerão e quebrarão hũa Reixa das grades da cadea e fogyrão... Dada em a cidade de Lixboa aos dezoyto dias do mes doutubro... j bₑ lb anos... (Liv. 22 de perdões e leg. de D. João III, fl. 370 v.)

LXXIX. — Dom Joam, etc. saude. ffaço uos saber que Diogo Diaz, morador em a vila do Sabugall me enuiou dizer por sua petição que tiramdo devasa ẽ a dita vila o Corregedor da comarqua sobre barregueiros casados e alcouuiteiras e feitiçeiras forão culpados em a dita devasa huũ Bertolameu Pirez e sua molher por se dizer comsemtirem que huũa sua filha tiuese copulla cõ huũ homem casado elles serem comuemçidos ẽ alcouuiteiros da dita sua filha e asy ella por feytiçeira... Dada nesta çidade de Lixboa ao derradeiro dia do mes de Janeiro e feyta aos b dias do mes de feuereiro... de j bᵉ lbi annos... (Liv. 2 de perdões e legit. de D. João III, fl. 33 v).

LXXX. — Dom Johã, etc. saude. Faço uos saber que Lianor Pi-

mintel, molher viuua, morador na villa dAtalaya, e presa na cadea della me enuyou dizer por sua pitição que ella foy acusada por hũ Francisco da Mouta que seruja de meirinho na dita villa dizendo que tendo hũa filha viuua a consentia vsar mal de seu corpo e a daua por dadiuas que lhe dauão e que ella sopricante outro sy vsaua de feiticaria... Dada em esta minha çidade de Lixboa aos vinte noue dias do mes dabril e feito aos doze de mayo... de mil b^e cinquoenta e seis annos... (Liv. 26 de perdões e leg. de D. João III, fl. 71).

LXXXI.—Dom Joham, etc. saude. Faço uos saber que Margarjda, moça orfaã, naturall da villa de Momte mor o Velho, me enujou dizer per sua pytyção, que ella fora comdenada ho ano pasado de j b^e lb por sentença da Rolação em dous anos de degredo pera Afrjqua, e que fose açoutada cõ baraço e pregão pela dita villa, por se dizer contra ella que emtrara na JgreJa de Samta Marja dAlleacena, que estaua na dita villa, e do alltar da cõfrarja do samto sacramento tomara a pedra dara, e a leuara pera hũa casa, homde lhe fora achada, e ella suplicamte era moça muito decemte e pobre e menor orfã como dizya e nella era feyta execução do acoute, baraço e preguão pela vylla como constaua da sentença e certydam que apresemtaua .. Dada em a mjnha çidade de Lixboa aos b dias do mes de outubro e feyta aos xiiij dias delle... de j b^e lbj anos... (Liv. 5 de perdões e leg. do D. João III, fl. 164 v.)

LXXXII.—Dom Sebastião, etc. faço saber que Caterina Diaz, viuua, molher que foy de João Rodriguez Belliaguo, que deus aja, morador na villa de Torres Nouas, me ẽviou dizer por sua petição, que ella foy presa e acusada pela Justiça, por se contra ella prouar, que disera que com feytiços fizera Ir a hũ dom João de Lixboa a dita villa pera casar com hũa filha do Taborda; e que outrosy disera que fizera feruiduras a hũ Martym Ferreyra com as quaes a molher que cõ o dito Martim Ferreyra não quisera casar, lloguo casara; e pellas ditas cullpas de feytiçarias foy condenada per sentença da Rollação ẽ hũu anno de degredo pera Africa... Dada na minha cidade de Lixboa aos xix dias do mes de Julho e feyta nella a xiiij^o dias do mes daguosto... de j b^e L.^ta e noue anos. (Liv. 36 de Leg. de D Seb. e D. Henrique, fl. 343).

LXXXIII.—Dom Sebastião, etc. façouos saber que Susana Gonçaluez, molher viuua, e morador naldea da Mouta, termo da villa dAtalaya, me ẽuiou dizer por sua petição, que ella fora presa na dita villa, e acusada de feyticeyra e alcouyteyra de molheres casadas e solteyras, e que se guabaua a muytas pesoas que era feyticeyra... Dada nesta cidade de Lixboa aos xxbij dias do mes doutubro e feyta na dita cidade aos xxj dias do mes de nouembro... de j b^e L.^ta e noue... (Liv. 36 de Leg. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 14 a.)

LXXXIV.—Dom Sebastiam, etc. saude. Faço uos saber que Su-

sana Gonçaluez, molher vyuua, morador nalldea da Mouta, termo da villa d'Atalaya, me ẽujou dizer per sua pytyçã que ella foy presa na dita villa e condenada pela Justiça, por se dizer que desde mes de março de L.ta o sete vsaua de feytyçeira e allcovyteyra, pelos quaces culpas sayo condenada per sentença ffinal, [sayo condenada] em dous anos de degredo pera o couto de Crasto Marym cõ preguão na audiencia, do qual se fez execuçam... Dada ɳa mjnha cidade de Lixboa a xbj dias do mes de dezembro e feyta nella a xbiijº dias delle... de j bº lix anos. (Liv. 36 de Leg. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 561 v.)

LXXXV. — Dom Sebastiam, etc. a todolos Corredores... saude. Faço uos saber que Grymaneza da Sylua, morador na Ilha de Sãtyaguo de Cabo Verde me ẽviou dizer per sua pytyçam que ho Corregedor da dita Ilha a premdeo por cullpas de hũa devasa que tyrou por se dizer que hera Imfamada de feytyçeira e que acomselhaua os homes que matasem suas molheres e que era tam cruel que cõ acoutes mataua os spravos (= escrauos) e que com pancadas matara hũa escraua per nome Caterina e que hera muito perJudiçeall pelos quaces casos foy na dita Ilha acusada por parte da Justiça e se dera sentença... e por que ella suplicante he Ja molher de dias e muito hemferma e doemte e Imchada em tall maneyra e por não morer na cadea Imdo o Corregedor emformado per Inquiryçam que se tyrou de sua doemça e o Risquo que corya de morer na cadea a mãdou da cadea que homde estaua pera o sobrado... Dada na mjnha çidade de Lixboa a xbiijº dias do mes dabrill... de j bº lx anos. (Liv. 8 de Leg. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 54).

LXXXVI. — Dom Sebastião, etc. saude. Faço saber que Francisca Pirez, morador na villa dAlvayazere, me ẽniou dizer por sua pitição, que ella fora presa por se dizer que era cullpada na morte de João Lourenço, que fora morto no termo da villa dAbiull, e asy por cullpas de hũa deuaça de feyticeyra, e fora presa na prisão e cadea da dita villa... Dada na cidade de Lixboa aos xb dias do mes de mayo... j bº lxbj... (Liv. 42 de Leg. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 74 v.)

LXXXVII. — Dom Sebastião etc. A todolos Corregedores... saude. Faço saber que Andresa Guedez, viuua, molher que foy de Aleixo Vaz, piloto, presa na cadea da corte me ẽniou dizer por sua petição que ela saira condenada per sentença da Rolação ẽ cinquo annos de degredo pera fora do Reyno e que com baraço e pregão fose pubricamente açoutada por ser acusada pela Justiça a falecimento de parte pela culpa que se disse ter ẽ ser feyticeyra e busquar feytiços a hũ Jurdão Fernãodez pera dar a sua molher e a matar, a qual era hũa mullata e por se dizer que dera peçonha e mandara dar a dita molher de Jurdão Fernãodez, que da dita sentença forão Juizes o Corregedor Manuel dAlmeida e o doutor Gomez Soarez tirara a deuasa do

dito caso e outros desẽbarguadores, a qual sentença ela suplicante viera com ẽbarguos fundados ẽ ser onrrada e ama do voso secretario Pero dAlcaçoua... Lisboa aos xxb dias do mes de feuereiro... de j b^e lxij anos... (Livro 3 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 9).

LXXXVIII. — Dom Sebastião, etc. a todolos Corregedores... saude. Faço saber que Áluaro Monteiro, morador na villa da Reygada, me enviou dizer per sua petição, que, estando presos na cadea da dita villa Francisco Fernãodez, genrro delle suplicante, e Maria Afonso, fogira Manuel Diaz, cacereyro, com hũa Ana Fernãodez, mullata, que outrosy estaua presa por feyticeyra, e fogindo asy o dito cacereyro, por ficar na cadea a dita Maria Afonso e Francisco Fernãodez, gẽrro delle suplicante, e não aver cacereyro, elle suplicante se ẽtregara da dita Maria Afonso e Francisco Fernãodez, presos,... Dada na cidade de Lixboa aos xx dias do mes dabril... de j b^e lxij... (Liv. 3 de Leg. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 44).

LXXXIX. — Dom Sebastyão etc. a todollos Corregedores... saude. Faço saber que Brytyz Fernandez, dona vyuua, morador na cydade de Tauira, me ẽuyou dizer per sua pitição, por lhe ser dito que çertos Imigos seus fforão testemunhar ẽ hũa deuassa que se tyrara na dita cydade das feyticeyras tomara carta de seguro sobre a qual se lyurara da dita cullpa e deuassa na dita cydade sayra sollta e lyure e vindo por apellação a esta corte fora presa e cõdenada ẽ hũu anno de degredo pera afryca... e porque ella soplicante tynha como tẽ tres filhas molheres pera casar e as não deixar desẽparadas se Recolhera cõ ellas e casara duas e hũa tynha por casar... Dada na cidade de Lixboa a xxbj de Janeiro... de mil b^e lxiij... (Liv. 5 de Leg. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 205).

LR. — Dom Sebastyam etc. a todolos ouujdores... saude. Faço saber que Domingos Fernandez do Condado, morador na villa de Canellas, me ẽujou dizer per sua pitição, que estamdo elle preso cõ outro seu vezynho, Rodrigo Andre na cadea da dita villa, em poder de Pedr'anes, cacereiro, per mãdado do vysytador da ordem de são Joham e do Juiz Gaspar Affonso, que ho asy mãda*(ra)* premder por lho dizer o dito vysytador, dizemdo que elle suplicante, e outros, denũciarão malyciosamente de feytyçeira de hũa Joana Gonçaluez, morador na dita villa, e estamdo preso pola dita causa no ano de j b^e lxj, ou no tempo que vyer em verdade, fogyra da dita cadea... Dada na mynha çidade de Lixboa aos xbij dias do mes de nouembro... de mill b^e lxiij anos... (Livro 1 de Legitimações de D. Seb. e D. Henrique, fl. 372).

LRI. — Dom Sebastyam, etc... Faço saber que Elena Lopez, morador na villa de Gouuea, me ẽuyou dizer, per sua petyção, que fora presa he hacusada pela Justiça, por se dizer que furtara hũa pe-

dra de ara na IgreJa da Myscrycordia da dita villa; pela qual cullpa por sentença finall sayra condenada em hũ ano de degredo pera Crasto Marym... Dada nesta cidade de Lixboa aos xix dias de nouembro... de i b^e lxb anos. (Liv. 15 de Leg. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 384).

LRII.—Dom Sebastião, etc. saude. Faço saber que llianor Figueira, escraua, catiua de Simão Fernãodez, morador ẽ Torres Vedras, me ẽuiou dizer por sua pitição, que estando ella presa, como ora ajuda estaua, na cadea e prisão da dita villa, por querellar della hũ Afonso Freyre dizendo que ella ẽfeytiçara a hũ seu filho cõ que andaua, e cõ iso tãobẽ cõ o dito seu filho lhe furtara de hũ selleyro de suas Rendas que tinha aRendado çerto trigno, por bẽ do qual avia tres annos que a tinha presa, por o dito Afonso Freyre ser Riquo e poderoso na dita villa e ella ser muyto pobre e desẽparada o não ter quẽ por ella fizese, por que a tinha auya tanto tempo presa e o mais do tempo ẽ corrente... Dada na cidade de Lixboa aos xxbj dias do mes dagosto... de j b^e lxbj... (Liv. 42 de Leg. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 145).

LRIII.—Dom Sebastyam, etc. Faço uos saber que Caterina Gonçalvez, molher de Symão Gonçaluez, morador em Penamacor, me ẽujou dizer per sua petyção, que ella fora acusada per contemplaçam de seus Imjguos, por elles ha Imfamarem que hera feytyceira e alleoujteyra de molheres casadas, he que as daua em sua casa, semdo cousa muito fallsa ẽ que ella nũqua vsara nem fezera, e por ter Imiguo na terra poderoso e oficiall da Justiça que pera iso Induzira testemunhas contra ella suplicante, e fora condenada a Iustamçya da Justiça na mjnha casa da sopricaçam em dous anos de degredo com preguão na audiencia pera o couto de Crasto Marjm... e hera molher muito pobre, que sostentaua a misericordia, e hera molher moça que corya sua honra muito Risco jndo comprir o dito degredo a Crasto Marjm pera omde seu marjdo a não querya acompanhar, e tão bem corya muito risco a conciencia de seu marydo estamdo sem ella... Dada em a cydade de Lixboa a xxiij de Janeyro e feyta aos xxix... de j b^e lxbiij^o... (Liv. 27 do Leg. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 9 v.)

LRIV.—Dom Sebastyão, etc. a todollos Corregedores... saude. Faço saber que Francisca, solteyra, morador em Seraquym, Concelho de Satão, me enuyou dizer por sua pitição que o Licenciado João Paiz, morador no dito lugar, querellara e denunçiara della as mynhas Justiças, dizendo que ella soplicante estaua amãcebada cõ hũ Domyngos Bugalho, casado, sogro delle denũçiada *(sic)*, e que era publyca feytiçeyra, e fizerão o meirinho da correição que acusase, e fora presa tres annos, e cõdenada, por não ter quẽ por ella fizesse, e ser muito pobre, e a myscricordia a mãter, que cõ baraço e pregão fose pella villa açoutada e hũ anno de degredada pera Crasto Marym... Dada

na çydade de Lysboa aos sete dias de março... de j b^e lxbiij... (Liv. 25 de Leg. de D. Seb. e D. Henrique, fl. ⁻¹ v.)

LRV. — Dom Sebastião etc. ffaço saber que Joam Pirez, morador na Ilha da Pallma das Canareas, me ẽviou dizer, por sua pitição, que, jndo ele Requerer certas partes a São Giam de Penalua por fazenda dele suplicante, que lhe traziã ẽdeuydamẽte. seus Imygos denũciarã dele, dizẽdo que tiuera ajũtamento carnall e cometera adulteryo cõ hũa sua prima segunda e anbos cõ feytiços e pesonhas e pancadas matarã a seu marydo Antonio Nunez. morador no dito lugar, e tiuerã maneira cõ que ho prenderão ẽdeuydamente e o dilatarão na prisão, e por ser estrãgeiro ho auexarão por serẽ as partes que lhe traziã a fazenda poderosas; e vẽdose ele suplicante sẽ Remedio fugira da cadea abrjndo hũ ẽbudo da corrẽte e sẽ quebrar feros nẽ Romper paredes nẽ fazer ofensa a pesoa algũa se sayra da cadea... Dada ẽ a villa de Syntra ao primeiro dia dagosto... de j b^e lxx anos. (Liv. 10 de Leg. do D. Sebastião e D. Henrique, fl. 147).

LRVI. — Dom Sebastiam, etc. faço saber que Maria Fernandez, morador em a uylla de Chauez me ẽviou dizer per sua petição que ella fora presa e acusada por a Justiça por se dizer ser cullpada na deuasa dalcouiteiras e feitiçeyras e pellas ditas cullpas fora cõdenada por sentença da allçada ẽ hũu anno de degredo pera Crasto Mary... e por ser ella hũa molher de lxx annos... e as testemunhas que a condenarão herão sospeitas e jmigas... Dada ẽ Allmeyrim a xij de feuereiro... de j b^e lxxj. (Liv. 9 de Leg. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 369).

LRVII. — Dom Sebastiam, etc. faço saber que Joanna Pirez, morador ẽ a villa de Santarẽ, me emviou dizer per sua petição, que ella fora presa e acusada pella Justiça e comdenada pello corregedor de minha corte em dous annos de degredo pera o couto de Crasto Marim com pregão na audiencia, por se dizer ter cullpa de feyticeyra e de dar hũa sua filha a homes ẽ sua casa; e semdo lhe dado o pregão fora solta pera jr ẽ xxx dias hao dito degredo, e por constar por certidões de fisicos a doença, e não estar pera poder jr. e estar de cada vez pior lhe forão dados mais cinquo meses que se lhe acabarão no mes de nouembro passado de lxxj, no quall tempo não tyuera cõvallecimento algũu mas ẽtreuara, de maneira que não podia jr nẽ ẽ besta nẽ a pee; e semdo ora passados biij^o meses por contemplação de hũa sua jmigua fora tornada a prender e estaua presa por não jr ao degredo o que deixara de fazer por ser de lxxx annos... Dada ẽ Lisboa a xb dagosto... de j b^e lxxij... (Liv. 44 de Leg. de D. Sebastião e D. Henrique, fl. 211).

LRVIII. — Dom Sebastiam, etc. faço saber que Francisca Lopez, molher de Amtonio Luis, ferrador, morador em villa nova de Foscoa,

me ẽujou dizer per sua petyção, que na correyção que fizera o Licenciado Dyogno Diaz Cardoso, per mandado dallçada, e per mandado do quall Licenciado fora presa, por se dizer ser feytyçeira, alcoujteyra e ser molher forte e brauia e desobydyemte ás Justiças asy secullares como eclesyastycas, a qual fora presa no mes de Junho, que ora pasou de j b^c lxxij, e fora emtregue ao caccreiro Francisco Fernandez, o qual lhe lamçara hũ trebelho, que se sahya he metya sem fechar, e estamdo no sobrado de çima se sahira da cadea... e no mesmo dia fogyra da dita cadea hũ Amtonio Diaz, homem solteiro, morador na dita villa, o qual se dezya ser preso por formjgueiro... pedymdo me lhe perdoase por ser molher pobre e ter quatro filhos... Dada na cidade de Lixboa a xij dias do mes de setembro... de j b^c lxxij anos. (Liv. 45 de Leg. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 194 v.)

LRIX. — Dom Sebastião etc. Faço saber que Domingas Fernandez, morador na vylla de Sãtarẽ, me ẽvyou dizer que ela fora presa, acusada pella Justiça, por se dizer ter fama de feyticejra e alcouvyteira, e fazer algũas cousas a modo de feytiçarya, e fora cõdenada ẽ hũ ano de degredo pera o conto de Crasto Marym cõ pregão na audiencia... Dada na cydade de Lixboa ao primeiro de outubro e feita a sejs do dito mes... de j b^c lxxij. (Liv. 20 de Leg. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 173).

C. — Dom Sebastyam, etc. Faço saber que Francisca Manuel, morador na villa do Sabugnall, me ẽujou dizer per sua petyção, que ella fora acusada per hũ Imjguo, dizemdo que ella suplicante hera alleoujteyra, feytyceira, e amãcebada, pelo que sayra comdenada por sentença da allçada, que andaua na Beyra, em hũ ano de degredo pera o couto de Crasto Marym com preguão na audiencia, o que tudo constaua per sentença que offerecia... e por que ella soplicante hera molher muito moça, soo, he pobre, e Francisco dAzevedo, seu Imiguo, hera gemro de hũ scripvão da dita villa, que herão os que mãdavão e pronociarão, pera o que elles queryão testemunhas como comtra ha suplicante fizerão e ella soplicante por sua pobreza em luguar de vyr cõ embarguos a Imizade a fezerão vyr com contraryadade e que sua Justiça pereçera e por que hera molher moça e Imdo ao dito couto serya pera lhe soçeder mayor trabalho e pouquo serviço de noso senhor... Dada na cidade dEvora aos xxx dias de nouembro e feyta aos tres de dezembro... de j b^c lxxij anos. (Liv. 45 de Leg. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 243).

CI. — Dom Sebastião, etc. ffaço saber que Caterina Lopez, naturall da cidade de Beja, me ẽviou dizer, que ella fora presa e acusada pela Justiça, por as partes que acusação pertẽcia a não quererem acusar, dizẽndo, que tẽdo ella conversação carnall cõ ho doutor Lopo Estaço, naturall na dita cidade, tiuera ela suplicante cullpa na morte do dito Lopo Estaço, a que se dizia que dera a comer hũa pera em

conserua e hũ chouRico, que leuauão cousas pera querer bem, e disto morera por ser pesonha; pella cullpa da quall morte fora cõdenada per sentença finall de mynha Rolação em tres anos de degredo pera Afriqua... Dada em Almejrym a dez dias do mes de março .. de j b^c lxxiiij^o... (Liv. 19 de Leg. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 227 v.)

CII. — Dom Sebastião, etc. Faço saber que Breatiz [1] Fernandez, morador na villa de Castello Davyde, me enuyou dizer, por sua petyção, que ella fora presa e acusada pela Justiça, por cullpa dalleoueyteyra e feytiçeira, e pollo caso fora condenada em dous annos de degredo pera Crasto Marim, cõ pregã e baraços pella villa... Dada em Allmeirym a xj dias do março... de j b^c lxxiiij^o... (Liv. 13 de Leg. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 188 v).

CIII. — Dom Sebastiam, etc. faço saber que Amtonio Diaz, caçereiro da cadea da villa dAlmeyda, me enujou dizer per sua petição, que, sendo elle este anno presente caçereiro, lhe fogyrão dous presos, que na dita cadea estauão. *saber*. hũu delles era pedreiro e morador na dita uylla, que per nome não perca, o qual estaua preso por se dizer que hera lladrão formygueiro e feitiçeyro, e hũu moço per nome Francisco o qual estaua por hũa diujda de çerto dinheiro, que lhe seu amo emtreguara, de que lhe não daua comta; da quall cadea elles fogyrão por quebrarem as grades de hũa Janella da dita cadea, segundo constaua da deuasa que ofereçia... Dada em Almeyrim a xxbj de março... do j b^o lxxiiij^o... (Liv. 17 de Leg. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 286 v.)

CIV. — Dom Sebastião, etc. faço saber que Francisco Soares, oficinall de fazer nomynas, morador na cidade de Lixboa, me envyou dizer que ele fora preso por o meyrynho da corte em Almeyrym, por o achar cõ hũ chapeo de tafeta cõ cayrel douro e Retros cõtra forma da ordenação... Dada em Euora a xiij de feuereiro de j b^e lxxiij e feita em Lixboa a biij^o de junho... de j b^o lxxiiij^o. (Liv. 12 de Leg. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 37 v.)

CV. — Dom Sabastyam, etc. faço saber que Luisa de Goez, menor, orfaã de pay e may, e filha que foy de Martym de Goez, meu moço da camara, que seruio nesta cidade dalleayde e faleçeo na Imdia, me enujou dizer, per sua petyção, que ella fora presa, e acusada pela Justyça, pela cullpa de feytyçarja, e fora condenada em dous anos de degredo pera Africa, e fora solta sobre fiamça... e eu ouuera por bem cumutarlhe o dito degredo dAfrjca pera o couto de Maruão... pedym-

[1] *Breatiz, Britiz, Brites* são fórmas populares de *Beatrix*, nome de mulher introduzido em Portugal no sec. XIII. Houve deslocamento no accento, como tambem houve em *Diago (Diaugo), Diego, Diogo* de *Didacus*. De *Didaci* derivou se *Diaz* ou *Dias*.

dome avemdo Respeito ao dito e a não se poder avyar apresadamente por ser orfaã, e não ter quem hajudase, lhe fizese merce lhe dar tempo comvenyente em que se podese negoçiar pera jr comprir ho degredo... Dada na cidade de Lixboa a xiiij dias do mes doutubro e feita a xbiij° do mjll b° lxxiiij°. (Liv. 30 de Leg. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 149).

CVI. — Dõ Sebastyam, etc. faço saber que Isabel Cabral, molher solteira, me ẽujou dizer per sua petiçã, que ella hera morador ẽ a villa de Bretiande, e fora culpada em hũa devasa que tirara o doctor Antonio da Silueira, per mãdado da alçada, por se dizer que hera feityceyra alcoviteira, e daua molheres ẽ sua casa por dinheiro, e hera mãoceba de hũu frade Relegioso; e a suplicante hera muito pobre, orfãa, miserauel, e fora culpada por Imigos e pelos ditos casos fora cõdenada per sentença da alçada ẽ dous annos de degredo pera Crasto Marym cõ preguão na audiencia, de que se fezera execução... Dada ẽ Lixboa a dous de Julho... de j b° lxxbj. (Liv. 21 de Leg. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 124 v.)

CVI. — Dom Sebastyão, etc. faço saber que Maria Dourada, presa me enujou dizer por sua petição que ella fora cõdenada pelo Corregedor Belchior dAmaral ẽ cinquo annos de degredo pera o Brazil com baraço e pregã por esta çidade por ser culpada ẽ hũus feitiços que se acharão ẽ hũa casa ẽ que ella estaua pousada na villa de Setuuel õde vyera da villa dAlcaçere dõde hera moradora e por que hera molher moça de parẽtes hõrrados e tinha Irmãos pera homra e casamento e seria grãde afronta leuarẽna a vergonha cõ baraço e pregão Pedimdome lhe fizese merçe comutarlhe a dita penna baraço e pregão ẽ mais tempo de degredo... ẽ Lixboa a xxij de março... de j b° lxxbiij°. (Liv. 32 de Leg. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 2).

CVIII. — Dom Anrique, etc. faço saber que Cizillya Fernandez, molher parda, que não he casada, morador na vylla de Curuche, me ẽvyou dizer por sua pitiçã, que ella fora acusada pella Justiça, por se dizer que era feytyçeyra e allcouuyteyra, pella qual cullpa por sentença finall sayra cõdenada ẽ dous anos pera Crasto Marym cõ acoutes, baraço e pregã... ẽ Lixboa a xix de dezembro... de j b° lxxbiij°... (Liv. 34 de Leg. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 100 v.)

CIX. — Dom Henrique, etc. faço saber que Juliana Fernandez, morador na villa do Trovõis me enyou dizer por sua pitição que ela fora cõdenada per sentença da Rellação que com baraço e pregão fose publlycamente açoutada pella dita vylla e degradada por dous annos pera Crasto Marim por se dyzer que era allcouuyteira e fejticeira e faz mouer as molheres sendo nella feita execuçã dos açoutes, baraço e pregão fora solta... ẽ Lixboa a xx dias do Junho de b° lxxix. (Id. fl. 197).

Pedro A. d'Azevedo.

ROMANCE DO CEGO

(QUATRO VERSÕES)

Versão da Regua [1]	Versão da Povoa de Lanhoso [2]	Versão de Elvas [3]	Versão do Povo de S. Vicente (Concelho d'Elvas) [4]
—Abram-se essas portas,	—Abre a porta, Anna,	—Abram-se essas portas,	—Abram-se as portas,
Fechem-se os postigos;	Abre de mansinho,	Fechem-se os postigos;	Fechem se os postigos;
Dê-me cá um lenço,	Que venho ferido,	Dê-me cá um lenço,	Amor, dá-me um lenço,
Que venho ferido.	Morto do caminho.	Que venho ferido.	Que eu venho ferido.
—Se vem ferido,	—Se vindes ferido,	—Pois se vem ferido,	—Se você vem frido,
Póde-se ir embora,	Lá muito embora;	Venha muito embora,	Venha muito embora,
Que as minhas portinhas	Porta nem postigo	Que as minhas portinhas	As minhas portinhas
Não se abrem agora.	Não se abre agora.	Não se abrem agora.	Não se abrem agora.
. . . .	. . . .	. . . .	Qual é o vadio
. . . .	. . . .	. . . .	Que a estas horas vem?
. . . .	. . . .	. . . .	Eu estou em anagoas,
. . . .	. . . .	. . . .	Não fallo a ninguem.

1 *Romanceiro português*, por J. Leite de Vasconcellos, pag. 31.
2 *Cancioneiro de musicas populares*, por Cesar das Neves & Gualdino de Campos, tomo 2.º, pag. 97.
3 Recolhida por mim.
4 Recolhida por mim.

. . . .	—Ai, a tua porta,	. . . .	. . . .
. . . .	A mim se ha de abrir;	. . . .	. . . .
. . . .	Sou um pobre cego	. . . .	. . . .
. . . .	Que ando a pedir.	. . . .	. . . .
. . . .	—Minha mãe, acorde	—Quem te falla, ó Anna?	—Acorde, minha mãe,
. . . .	Do dôce dormir,	O que é que succede?	Acorde de dormir,
. . . .	Venha ouvir o cego	—E' um triste cego	Ouvirá o cego
. . . .	Cantar e pedir.	Que canta e pede.	Cantar e pedir.
—Põe-te a pé, ó Anna,	—Se elle canta e pede,	—Pois se canta e pede,	—Se elle canta e pede,
Pega em pão e vinho,	Dá-lhe pão e vinho,	Dá-lhe pão e vinho,	Dá-lhe pão e vinho,
Dá-o ao triste cego	E que o pobre cego	Diz ao triste cego	Vae, ó minha filha,
Que está no caminho.	Siga o seu caminho.	Que siga o caminho.	Ensina-lhe o caminho.
—Não quero o seu pão,	—Não quero o seu pão,	—Não quero o seu pão,	. . . .
Nem quero o seu vinho,	Não quero o seu vinho,	Não quero o seu vinho,	. . . .
Só quero que Anna	Só quero que a Anninhas	Quero que a menina	. . . .
Me ensine o caminho.	Me ensine o caminho.	Me ensine o caminho.	. . . .
. . . .	. . . .	—Vae, ó minha filha,	. . . .
. . . .	. . . .	Sejas bem mandada,	. . . .
. . . .	. . . .	Vae co'o triste cego,	. . . .
. . . .	. . . .	Ensina-lhe a estrada.	. . . .
Põe-te a pé, ó Anna,	—Carrega a roquinha	Pega na roca	—E pega na roca
Pega em roca e linho,	De estopa ou de linho	E tambem no linho	E tambem no linho,
Vae co'o triste cego,	E ao triste cego	Vae co'o triste cego,	E vae, minha filha,
Ensina-lhe o caminho.	Ensina o caminho.	Ensina-lhe o caminho.	Ensina-lhe o caminho.
—Espici minha roca,	—Espiou se a roca,	—Espici minha roca,	—A roca suspira,
Acabei meu linho;	Acabou-se o linho;	Acabei meu linho,	O linho se acaba,
Adeante, cego,	Adeante, cego,	Adeante, cego,	Anda, triste cego,
Ahi vai o caminho.	Lá vai o caminho.	Além vae o caminho.	Que além vae a estrada.

—Anda mais, ó Anna,
Anda mais além;
Sou um pobre cego,
Não vejo ninguem.
—Espiei minha roca,
Acabei minha estopa;
Adeante, cego,
Ahi vai a congosta.
—Anda mais, ó Anna,
Mais um bocadinho;
Sou um triste cego,
Não vejo o caminho.
. . . .
. . . .
. . . .
. . . .
. . . .
. . . .
. . . .
. . . .
—Adeus, minha casa,
Adeus, minha terra,
Adeus, minha mãe,
Que tão falsa me era!
De condes e duques
Já fui pretendida;
Agora de um cego
Me vejo vencida!

. . . .
. . . .
. . . .
. . . .
. . . .
. . . .
. . . .
. . . .
Anda, Anninhas, anda,
Mais um bocadinho;
Sou um pobre cego,
Não vejo o caminho.
—Ai, valha-me Deus,
E a Virgem Maria!
Vejo tanta gente
E cavallaria!
—A cavallaria
E' p'ra te levar
E todo o mais povo
Vai-te acompanhar.
—Adeus, minha casa,
Adeus, minha terra,
Adeus, minha mãe,
Que tão falsa me era!
De condes e duques
Já fui pretendida,
E agora d'um cego
Me vejo vencida!

—Ande, minha filha,
Ande mais além,
Sou curto da vista,
Eu não vejo bem.
—Espiei minha roca,
Acabei meu linho,
Adeante, cego,
Além vae o caminho.
—Ande mais, filha,
Mais um bocadinho,
Sou um triste cego,
Não vejo o caminho.
. . . .
. . . .
. . . .
. . . .
. . . .
. . . .
. . . .
. . . .
—Adeus, minha casa,
Adeus, minha terra,
Adeus, minha mãe,
Que tão falsa me era!
De condes e duques
Já fui pretendida,
E agora d'um cego
Me vejo vencida!

—Ande mais, menina,
Ande mais além,
Que eu não tenho vista,
Não sinto ninguem.
. . . .
. . . .
. . . .
. . . .
. . . .
. . . .
. . . .
. . . .
. . . .
. . . .
. . . .
. . . .
. . . .
. . . .
. . . .
. . . .
—Adeus, minha terra,
Meus amores primeiros,
Que eu cá vou co'o cego
Por esses oiteiros.
. . . .
. . . .
. . . .
. . . .

. . . .
. . . .
. . . .
. . . .
. . . .
. . . .
. . . .
. . . .
. . . .
. . . .
. . . .
. . . .

. . . .
. . . .
. . . .
. . . .
. . . .
. . . .
. . . .
. . . .
. . . .
. . . .
. . . .
. . . .

. . . .
. . . .
. . . .
. . . .
. . . .
. . . .
. . . .
. . . .
—Dou graças a Deus,
A' Virgem Maria,
Já me veio á mão
O que eu lhe pedia.

—Dê-lhe a despedida,
Se lh'a quiser dar,
E á Virgem Maria,
Que está no altar.
—Eu a despedida
Dá-la não posso,
Que o meu coração
'Stá unido ao vosso.
—Dou graças a Deus
E á Virgem Maria,
Que já me trouxe á mão
O que eu lhe pedia.

A. Thomás Pires.

ONOMASTICON LUSITANIEN

1. — Tagus

Le fleuve hispano-portugais qui porte en Espagne le nom de *Tajo* et en Portugal le nom de *Tejo*, a chez les auteurs anciens le nom de Τάγος en grec, *Tagus* en latin. Ces formes se trouvent, par exemple, dans les écrits de Polybe, Strabon, Appien, Mela, Pline, Silius Italicus. Il est facile de trouver les passages en consultant les vocabulaires; je m'abstiens donc de les citer ici.

Pour expliquer la forme *Tagus* ou Τάγος je proposerai la racine ΣΤΑΓ, qui se trouve dans le grec σταγών «goutte» [1], dans le latin *stag-nu-m* «étang» [2] et dans le breton *ster* «rivière», moyen breton *staer*, qui postulent un protoceltique *stag-ra [3].

On sait que *st-* initial peut devenir *t-* dans quelques langues indoeuropéennes:

irl. *tibim* «je ris», à côté du lit. *stebėtis* «s'étonner»;
irl. *tau* «je suis» < *staju;
irl. *tamun* «tronc», «racine», cf. all. *Stamm;*
irl. *tiaguim* «je vais», cf. gr. στείχω, all. *steigen;*
irl. *tech* «maison», lat. *tego,* all. *Dach,* cf. gr. στέγω;
lat. *tundo,* cf. all. *stossen;*
lat. *tonare,* cf. gr. στένω.

Voir sur ce sujet Brugmann, *Grundiss,* I², p. 726 et 770; Windisch, *Irische Gramm.,* § 51.

Donc, il ne me semble pas impossible que Τάγος soit pour **Stagos*=*Stag-o-s. L'idée de «dégoutter», «couler», s'accorde très bien avec le nom d'un fleuve, surtout à sa source.

Je ne pourrai pas dire d'une façon absolue que le mot soit celtique, quoique le fait n'eût rien d'étrange, parce que le mot existe en breton, et il y a en Gaule (C. I. L., XII, 300) un nom *Tagassus,* qui semble dérivé de la même racine par le suffixe celtique *-ass-* (Zeuss, *Gr.*, p. 786 et 787): le nom de *Tagassus* se trouve associé à un nom celtique, *Cassibratius.* Cf. en outre le nom du *Tagonius,* fleuve de

[1] Leo Meyer, *Vergl. Gramm. des griech. u. lat. Spr.*, 2e éd., Berlin, 1884, p. 889.

[2] Cette forme est en désaccord avec l'hypothèse d'une racine stengo admise par M. Prellwitz, *Etym. Wb. der gr. Spr.*, Göttingen, 1892, p. 299.

[3] V. Henry, *Lexique étym. du bret. mod.*, Rennes, 1900, p. 253.

l'Hispanie, affluent du Tage; le suffixe *-onius* peut également être celtique (Zeuss, *Gr.*, p. VII et 772). On affirme quelquefois que les noms des grands fleuves ne sont pas facilement remplacés par d'autres; mais il y a quantité de preuves du contraire: par exemple, à côté d'*Ister* nous avons *Danuvius*, le fleuve ibérien *Baetis* se nomme à présent *Guadalquivir*. Cependant, si le nom *Tagus* n'est pas celtique, il serait au moins indo-européen.

2. — Endovellicus

A l'époque lusitano-romaine, il y avait sur une montagne près du bourg de Terena, dans d'Alemtejo, en Portugal, le très remarquable sanctuaire d'une divinité indigène dont le nom se présente dans les inscriptions latines sous ces formes: *Endovellicus* (la plus fréquente), *Endovelicus*, *Endovollicus*, *Endovolicus*, *Enobolicus* (une fois), *Indovellicus*. Voir Holder, *Altkelt. Spr.*, *s. v.* Ce sanctuaire est connu depuis le XVI[e] siècle. J'y ai fait des fouilles en 1890. J'ai recueilli au Musée Ethnologique de Lisbonne la plupart des monuments qui restent de ce sanctuaire.

Il me semble que le nom du dieu pourrait être d'origine celtique: j'en reconstruirais la forme primitive ainsi: *Andevell-ico-s. L'élément ande- est la forme gauloise de l'anc. irl. *inn, int, ind;* il joue dans les composés le rôle de particule intensive [1]. L'élément complexe -Vell-ico-s est un dérivé, par le suffixe très répandu -ico-s [2], du th. *vello- < *vel-no-, qui se trouve en *Vello-catus*, *Ver-cassi-vellaunus*, *Dumno-vellaunus*, *Vell-ates*, auquel correspond le gall. et bret. *gwell* «meilleur» [3]. Selon cette hypothèse, que je soumets à l'appréciation des celtistes, **Andevellicos* signifierait à peu près «le très bon», «optimus», ce qui convient parfaitement à un dieu: cf. *dii Casses* «les dieux très beaux» [4]. Par son suffixe le nom *Endovellicus* a l'aspect d'un adjectif, comme la plupart des noms des divinités lusitaniennes: proprement *deus Endovellicus*, comme on lit en effet dans plusieurs inscriptions.

*Andevellicos est devenu d'abord **Andovellicos;* la particule *ande-* s'est changée en *ando-*, surtout sous l'influence du son labial qui la suit: cf. *Ando-bales*, *Ando-bru*, *Ando-matunnum* [5]. Finalement **Andovellicos* s'est transformé en *Endovellicos* = *Endovellicus:* nous avons d'autres exemples de correspondance de *an* à *en* dans le domaine celtique, *Avanticum* <> *Aventicum*, *Carbantorate* <> *Car-*

[1] Voir Zeuss, *Gr.*, p. 867 et 877; et Holder, *ob. cit.*, s. v. *ande* et *Andecamulus*.

[2] Holder, s. v.

[3] Glück, *Die kelt. Nam.*, p. 164 et 178 sqq.; Zeuss, *ob. cit.*, p. 277; d'Arbois de Jubainville, *Les Noms gaulois*, p. 29 e 211.

[4] W. Stokes, *Urkelt.*, p. 67; d'Arbois, *ob. cit.*, p. 187; Holder, s. v. *Casses*.

[5] Voir Holder, I, 139, s. v. *ande-*.

pentorate, *Lantennacus* <> **Lentennacus*; cependant cette correspondance pourrait être ici particulière au parler local.

La forme *Endovollicus* pour *Endovellicus* s'explique comme le lat. *volo* à côté de *vel-le*, sous l'influence de l'*l*: cf. Brugmann, *Grundriss*, I², 121.

Le *b* pour *v* dans *Enobolicus* n'est pas un fait étonnant dans les inscriptions romaines. Dans *Enobolicus* on peut avoir ou manque d'un *-d-* pour * *Endobolicus*, ou, ce que je crois plus probable, chute d'un *-n-* après l'assimilation préalable de *n* à *d*: *Enobolicus* < * *Ennobolicus* < * *Endobolicus* (cf. *l* <> *ll*) < * *Endobollicus*; cette assimilation s'opère fréquemment en celtique.

Il reste encore *Indovellicus*, avec *in-* pour *en-*, suivant les habitudes de la prononciation romaine.

Selon cette hypothèse, nous pourrions disposer chronologiquement ainsi les formes précitées du nom du dieu lusitanien:

*Andevellicos > **Andovellicos* > *Endovellicos* = *Endovelicus*:
1) *Endovollicus* = *Endovolicus* > * *Endobolicus* > * *Ennobolicus* > *Enobolicus*;
2) *Indovellicus*.

Nous avons un changement phonétique parallèle dans les formes du nom d'un roi des Ilergétes (Hispanie) [1]: *Andobales*, *Indebilis*, *Indibilis*, — nom qui probablement pourra s'expliquer aussi par la particule *ando-* = *ande-* jointe à l'élément *bilis*, que M. d'Arbois de Jubainville trouve en *Bil-bilis* et qui serait pour *bilo*, qui signifie également «bon» [2]. Les trois formes do nom royal ilergetien seraient pour un primitif *Ande-bilis, qui constituerait ainsi un pendant phonétique et morphologique du nom divin lusitanien *Endovellicus* = *Andevellicos.

*

Parmi les noms des dédicants des autels et des statues qui étaient dans le sanctuaire d'Endovellicus, il y en a qui pourraient être aussi celtiques, ce qui fournira un autre argument en faveur de la celticité du nom du dieu, par ex. *Mogolius* = Mogol-io-s (le th. *mog-* est très répandu en celtique; même en Portugal, dans le Nord, on trouve, sur un monument consacré à un autre dieu celtique, *Ambi-mog-idu-s*; sur

[1] Je pense que quand on veut écrire en français le nom ancien de la péninsule hispanique ou ibérique, on doit écrire *Ibérie* ou *Hispanie*, et non *Espagne*. En effet, l'*Espagne* est uniquement le royaume de S. M. Catholique, tandis que l'*Hispanie* comprend l'*Espagne*, le *Portugal*, *Andorre* et *Gibraltar*. Quelques auteurs français ont déjà employé le mot *Hispanie* dans le sens que j'indique.

[2] *Les noms gaulois chez César*, 130.

-ol cf. *Gr. Celt.*, p. 766); *Conicodius* = Coni-cod-ius [1] (cf. *Coniacus* en Gaule, et *Cod-onius* aussi en Gaule).

Comme base de cette étude purement linguistique, je pourrai présenter un texte de Strabon. Cet auteur, en décrivant la mésopotamie formée par le Tage et l'Anas, ajoute que des *Celtici* en habitaient la plus grande partie: ἣν Κελτικοὶ νέμονται τὸ πλέον [2]. Pline parle aussi du Sud du Portugal, du pays compris entre le Tage et le *Sacrum Promunturium*, et dit que des nations d'origine celtique — *gentes Celticae* — y étaient [3]. Donc, selon les auteurs classiques, il y avait des Celtes entre le Tage et l'Anas, c'est-à-dire dans la région qui renferme la province appelée aujourd'hui Alemtejo, dans laquelle, comme je l'ai dit, se trouvait le sanctuaire d'Endovellicus.

(DA REVUE CRITIQUE, vol. XXII, p. 307-311).

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

TRADIÇÕES E COSTUMES POPULARES

I

AMULETOS

a)

Era tal a preponderancia e o prestigio que el-rei D. João I tinha entre as classes populares, que muitos traziam ao pescoço, como preservativo contra certos males e enfermidades, os reaes de prata que aquelle monarcha mandára cunhar com o mesmo valor nominal dos antigos, mas com menos valor intrinseco, para assim poder acudir aos gastos da guerra.

E. Freire de Oliveira — *Elementos para a Historia do Municipio de Lisboa.* Tom. 1.º, pag. 282.

[1] M. Holder, reproduisant la lecture de M. Hübner (C. I. L., II, 6330), demande si ce nom serait *Concordius*. C'est moi qui ai trouvé l'inscription; on y lit très distinctement *Conicodius*.

[2] *Géogr.*, III, 1, 6.

[3] *N. H.*, IV, 114-116. Cf. III. 13.

b)

«Ontem ao collo da malhada ovelha,
Do rebanho esperança, a *curva ponta*
De hum cervo pendurei, porque *o máo olho*
De invejosa pastora a não offenda».

(ANTONIO DINIS — *Idyllios*).

II

EMOLUMENTOS PAROCHIAES

Na freguesia rural de Santo Antonio da Terrugem do concelho de Elvas, o povo offerta ao Parocho: — por cada baptismo, um alqueire de trigo e 500 réis em dinheiro; por cada casamento, um frasco de vinho e uma gallinha; por cada enterro 400 réis, e 200 réis ao sacristão; e por cada officio de requiem meio almude de vinho e um carneiro. O sacristão recebe, nos casamentos, uma moeda de prata pelos repiques.

A egreja parochial é caiada e lavada pelas raparigas do povo nas antevesperas das festividades religiosas.

Este serviço é gratuito, e sempre prestado com a melhor vontade.

III

FUNERAES NA ALDEIA DE SANTA EULALIA (CONCELHO DE ELVAS)

— «*Já le fezérõ o planto? Déxa-me lá ir*».

Se o morto deixou familia, é esta quem lhe faz o pranto; no caso contrario, as visinhas é que vão fazer o pranto junto do morto.

Os doridos (anojados) estão de capa ou chaile-manta ao receberem os pesames, e as mulheres com o chaile sobre a cabeça (sobrevivencia do antigo manto funebre?)

No enterro dos pobres dobra-se antecedentemente a finados, chamando-se, assim, os homens do povo, para conduzirem, em caixão fechado, o corpo ao cemiterio.

IV

COSTUME ALDEÃO

Na aldeia de Santa Eulalia, do concelho de Elvas, ha um ferragial destinado ao superfluo do estomago das mulheres, e outro ferragial para os homens. As mulheres vão ali de sucia, ás duas e tres.

Quando vão de sucia á fonte, ou a outros serviços, cada uma leva o seu chaile pela cabeça ou nos hombros; mas para aquelle serviço um só chaile cobre as cabeças das duas ou tres mulheres. Se um forasteiro se atreve a ir ao ferragial das mulheres é insultado por ellas. Faz lembrar o que nos relata Alexandre Dumas (senior) nas *Cartas a uma Senhora,* quando diz que em Argel ha um pateo quadrado onde vae derramar-se o superfluo das bexigas turcas ou arabes, e no qual os judeus não são admittidos.

V

A CEGONHA

No Alemtejo a cegonha é ave muito respeitada; ninguem lhe faz mal, e muito menos a matam. (Sobrevivencia de tradição analoga á respeitante á ave *Ibis,* que os egypcios tinham como sagrada, condemnando á morte quem lhe fazia damno?)

VI

MAGIA

Interessantissimo, como subsidio para o estudo das crenças supersticiosas do povo português, o seguinte *Idyllio,* de Belmiro Transtagano, que transcrevo de um livro antigo intitulado *Almanach das Musas,* pag. 66 a 71:

Idylio magico

«N'um bosque tenebroso emaranhado,
O terno moço Elvandro se envolvia,
D'implacaveis ciumes flagelado.

Nas penugentas faces lhe corria,
Pela falça Nicéa, amargo pranto,
Que de ouvillo gemer, vaidosa ria.

Da Noute horrivel o medonho manto
Enchia a terra de temor profundo;
De aves synistras se escutava o canto.

Bramia o rouco vento furibundo,
Do poente o Ceo nubluzo fusilava.
De grossa nevoa se cobria o mundo.

Entaõ medroso o terno Elvandro, entrava
Por huma triste lobrega caverna,
Onde o Mago Fascino se alvergava.

Frouxo claraõ de funebre lucerna,
Globos, ervas, reptiz lhe descobria;
Instrumentos da magica superna.

Banhado em pranto, cheyo de agonia,
Aos pés do Pytoniso macilento,
O triste a causa do seu mal dizia.

Torcendo os olhos o escutava attento
O sombrio agoureiro, e lhe affirmava,
Que fim teria seu cruel tormento.

Do sinuoso alvergue se apartava,
E d'alva Trivia ás luzes duvidosas,
Comsigo altos misterios recordava.

No entanto Espectros, larvas espantosas,
Negros Lemures; fogo respirando.
Surgem das seccas moitas pavorosas.

Vós naõ reçôa, poẽ-se o vento brando;
Vai pouco e pouco á vasta serrania,
Hum profundo silencio adormentando,
E o Mago desta sorte principia.

Com esta vara de cervino trevo,
Cortada à meya noute em minguante,
Trez circulos concentricos descrevo,
Dez tangentes lhes tiro, huma secante:
Onze vezes agora encarar devo,
Da fria Lua o palido semblante,
Com vivas preces, oblações misturo,
Triforme Deosa, attende ao meu conjuro.

De novo ás Féras deste bosque amento,
De venenos lethaes componho hum misto;
A terra firo, cruzo o firmamento,
E d'alva Pomba o coração registo:
Dou vista ao velho lobo turbulento,
Que depois que o ceguei, tem Phebo visto,
Dez vezes hum coluro, e outro coluro:
Triforme Deosa attende ao meu conjuro.

Eu pude, á força das palavras minhas,
Matar a velha feiticeira Ecata,
Que ás gargalhadas entre accezas pinhas,
Cruzava os rios, convertida em Pata;
E a vesga Brucha Gorla, que ás vesinhas
Os tenros Filhos ensarilha, e mata,
De ivida, revoquei do Averno escuro:
Triforme Deosa, attende ao meu conjuro.

Possa tambem meu filtro poderoso,
Roubar hoje a Nicéa, Gil dos braços,
E entre elles pôr Elvandro desditoso,
Que illesos beija seus amantes laços:
A's Deidades do Reyno pantanoso,
Assustem meus encantos, e ameaços;
Trema Thetis no mar, nos Ceos Anxuro:
Triforme Deosa, attende ao meu conjuro.

Depois que abrazo a myrrha em cinco lumes,
Sobre o sino-samaõ descripto ás canhas,
Nesta sitale o ferro de trez gumes,
Trez vezes cravo, e tiro-lhe as entranhas:
Desfeitos sejaõ teus crueis ciumes,
Como no fogo lhe desfaço as banhas;
Ditoso vejas teu amor futuro:
Triforme Deosa, attende ao meu conjuro.

Bem como esta Betilia encantadora
Pula aos ares, e cahe no chaõ tremendo,
Pule, e trema no peito da traidora,
O falço coraçaõ d'ancias morrendo:
O ramo do verbasco accendo agora
Na pedra Apsitos, e igualmente accendo
Entre os dous, mil discordias, odio puro:
Triforme Deosa, attende ao meu conjuro.

Agora envolvo o peçonhento sapo,
Na barba negra do Lidroso Bode;
Tapo-lhe os olhos, e á Tiranna os tapo;
Já Nicéa cruel, ver Gil naõ póde:
Sequei, mohi do branco Mocho o papo,
Eis os póz, tu por cima lhos saccode;
Tal fitro abranda o coraçaõ mais duro:
Triforme Deosa, attende ao meu conjuro.

Assim como dissipa o subtil vento
O fumo do Zacoum. que estou queimando;
Se dissipe á cruel do pensamento
Do teu competidor o aspecto brando:
Retorso (que assim ambos atormento)
De Ursa a cauda, que arranquei fitando
O olho esquerdo no chuvoso Arturo:
Triforme Deosa, attende ao meu conjuro.

Trez folhas de Serpol nas maõos estallo;
Tu estalla outras tantas de Amoreira,
Antes que o negro espantadiço Gallo
Bata as azas, e cante a vez treceira:
Dize agora: De mil saudades rallo,
Nicéa esquiva; e ralla esta Toupeira,
Que pelo esquerdo pé, na maõ seguro;
Triforme Deosa, attende ao meu conjuro.

Do bicudo Toucan, da verde Rella,
Que abrazei com enxofre, as cinzas lanço
Na cabeça da Vibora amarrella,
E em sima aqui lhe esmago este licranço;
Veneficio taõ forte, á Nynfa bella,
Que he taõ falça, e que rouba o teu descanço,
Está de cera o coraçaõ prejuro:
Triforme Deosa, attende ao meu conjuro.

O Phelonio, a Mandragora, o Dictamo,
Queima em sima do feto com sementes;
E em quanto a chamma ondêa, piza o ramo
Co'esquerdo pé descalço da Nepentes:
Por mim, dize. de amor arda quem amo,
Pizar possa afflicções, zellos ardentes;
Em quanto eu certas orações murmuro:
Triforme Deosa, attende ao meu conjuro.

Neste olho meio azul de branco Touro,
Na conjunçaõ de Aldebaran tirado,
C'os dentes crava o páu do funxo louro
N'agua do Merrha, e do Silon banhado:
Se o vires botar lume, he fausto o agouro...
Mas eis s'inflamma; foy propicio o Fado,
Nicéa he só teu bem, fica seguro:
Trina Deosa, attendeste ao meu prejuro.

Callou-se o velho augure, e pressuroso
Na esquerda o lituo vezes trez erguendo,
Mil prestigios explora jubiloso.

Troou terrivel hum Trovaõ tremendo;
E presa d'improviso em doces laços,
Se vê Nicéa votos mil fazendo
Do terno Elvandro aos ditosos braços».

(Elvas).

VII

SUPERSTIÇÕES

«E mil vezes a gralha em rouco accento
Me predisse cruel a desventura,
De cujo triste agouro então zombava;
Mas conheço em meu mal que me enganava».

(Antonio Diniz — *Idyllios*).

«Fogo accende, e queimando puro enxofre
O rebanho perfuma porque fique
De maligno contagio todo izento;
E para que não possa a torpe Inveja
C'os retorcidos olhos fascinallo,
Das viçosas capellas, que tecido
Do nardo agreste tenho, deligente
Lhe cinge as duas pontas, doce Almeno».

(Ibidem).

«Ah! croai-me, pastores companheiros;
Pois estes pinhos com meu canto folgão,
De nardo me croai, porque má lingoa
Ao poeta, que crece, não offenda».

(Ibidem).

«Juraste, e de repente um pé de vento
Da raiz arrancou hum verde louro:
De meu mal foi certo claro agouro,
E então nem tal me veio ao pensamento».

(Ibidem).

VIII

A CATARRHEIRA E A TOSSE

(Anedocta popular alemtejana)

Foi a catarrheira morar para casa do rico, e a tosse para casa do pobre. Passados tempos, encontraram-se.

—Que tal te vae? perguntou a tosse á catarrheira.

—Muito bem? Sou tratada a gemadas, a mel, a dôces. Não largo a casa.

—Pois eu, muito mal! Tratam-me a açorda e a laranjas; estou deitando as vistas para algum rico, a casa do pobre não me serve...

A. Thomaz Pires.

MISCELLANEA ETHNOGRAPHICA

(Continuado do vol. v, pag. 312)

---

18. Taboleta com versos

Eis outro exemplo para juntar ao do § 13.

Em Leiria vi na porta de uma taberna uma taboleta com pinturas allusivas ao vinho e o seguinte annúncio:

«A voz e a fama
«Aqui vos chama».

E' interessante ir notando estes e outros factos, porque elles dão ideia dos costumes do país. Vê-se aqui mais uma vez como a poesia desempenha grande papel na vida do povo. Aquelle annúncio é hyperbolico; todavia nós em hyperboles estamos em geral muito abaixo dos hespanhoes.

19. Figuras feitas de pão

Os padeiros em Lisboa costumão fazer para venda umas pequenas figuras de trigo, que representam mais ou menos toscamente homens, quadrupedes, aves, etc. E' frequente vêr taes figuras nos mostradores das padarias.

Este costume não é só de Portugal, pois o sr. Chantre, dando no seu livro *Age du bronze*, Atlas (Paris 1875), est. LXXI, o desenho de figurinhas de barro prehistoricas da idade do bronze, compara-as, quanto á fórma, com os «bonshommes en pain de safran des boulangers de la Savoie».

20. Cantigas topographicas

a) Cantadas em jogos de roda (Alandroal):

Bonita cidade é Elvas,
Que tem Badajoz defronte:
Mais bonito é Landroal,
Que tem seis bicas na fonte.

ESTRIBILHO

Ai que festa, ai que funcção,
Quando nos formos casar!
Os sinos da nossa aldeia
Tocarão até quebrar.

b) Várias:

Lá vae Serpa, lá vae Moura,
As Pias ficão no meio,
Em passando Aldeia-Nova,
Já não tenho arreceio.

Lá vae Serpa, lá vae Moura,
As Pias ficão no meio:
Não sei como as mulheres podem
Com tanta carne no seio.

Salvaterra, Benavente,
Jericó fica no meio:
Não sei como as mulheres podem
Com tanta carne no seio.

Villa Viçosa me chamo,
Borba me diz:—Não vás lá.
Não sei que faça no juizo,
Que tanta volta me dá.

Nestas cantigas observão-se dois factos curiosos: um (nas tres últimas) é a dichotomia de que fallei na *Revista Lusit.*, I, 152, estando a segunda parte de cada quadra para com a primeira apenas em relação rhythmica, e não em relação ideologica; outro (nas tres primeiras cantigas) é a applicação que o povo faz da mesma fórma, do mesmo molde, a diversos assuntos,—facto aliás frequente na poesia tradicional em geral [1].

[1] Cf. o que escrevi na introducção das *Canções populares da Beira de P. F. Thomás*, p. XXI sqq.

21. Fórmula magica

No *Primeiro de Janeiro* de 20 de Setembro de 1884 lê-se o seguinte: «A bruxa de Olhão que, como hontem noticiamos, foi presa em Lisboa, acaba de ser interrogada no tribunal da Boa-Hora. Após uma longa narrativa do processo, segundo ella innocentissimo, porque conseguia salvar as pobres almas que lhe ião pedir auxilio, a bruxa recitou a oração que costumava dizer quando deitava as cartas em presença de algum cliente piedoso e contricto. Damo-la pela singularidade da fórma e pelo tom sibyllino da expressão. Ei-la:

«Meu S. Cypriano,
Que p'lo mar andaste,
As cartas botaste,
Tudo que pediste
Tudo acabaste.
E com a espadilha
Tu o affirmaste.—»

Esta fórmula nada tem de singular, pois ha muitas portuguesas analogas.—Sobre *S. Cypriano* vid. as minhas *Trad. pop. de Portugal*, § 379, e um artigo do sr. Adolpho Coelho in *Rev. Lusit.*, I, 166 sqq.

22. Fórmula de jogo

Quando os rapazes no Porto jogão o botão [1], emquanto um atira com o botão, o outro diz uma fórmula pouco mais ou menos d'este teor (segundo uma vez ouvi a uns rapazes que estavão jogando):

Em louvor de S. João,
Que não ganhes o botão.

23. Os «pontos» do Douro

O rio Douro tem muitos e perigosissimos escolhos, a que os povos ribeirinhos chamão «pontos». Dois d'esses pontos denominão-se *Toiro* e *Bula*. Em Baião ouvi o seguinte dictado:

Quem em Toiro mal desce
Em Bula padece...

allusivo aos barcos que, não sabendo evitar o Toiro, estão arriscados a naufragar em Bula.

[1] Na Beira-Alta (Mondim) diz-se «jogar a marca», porque *marca* é o nome popular do botão de buracos, e são estes botões os que entrão no jogo.

Eis aqui uma especie de Scylla e Charybdis, que tambem figuravão nas tradições populares da antiguidade: «ambo clara saevitia [1]»; «quanta laborabas Charybdi [2]».

24. S. Gonçalo

S. Gonçalo de Amarante
E' feito de mel e azeite.
Dae-me lá na vossa cama
Um logar d'onde me eu deite. *(Baixo-Doiro).*

25. Pão por Deus

No dia 2 de Novembro («Dia de Todos os Santos») é costume na villa do Cadaval (Extremadura) andarem bandos de rapazes e raparigas pelas portas a pedir, dizendo unicamente:—«Pão por Deus!» em altos gritos. Recebem como esmola dinheiro, generos, etc.

Numa canção popular franceza, recolhida em Preuilly-sur-Cher, diz-se:

Boun' dam', donnez DU PAIN POUR DIEU,
Que nous dis'rons les *Ouvradien,*
Les *Ouvradien* de Jésus-Christ. Etc.

E noutra, de Bengy-sur-Craon:

Donnez nous LE PAIN DU BON DIEU,
Appernez nous les *A-vois-Dieu,*
Les A-vois-Dieu de Nout' Seigneur. Etc. [3]

26 Para os livros não se perderem

E' costume escrever á mão nos livros uns versos no teor dos seguintes, que encontrei em Lisboa numa miscellanea do anno de 1804, e que aqui copio, corrigindo a orthographia:

Se este livro fôr achado,
Quando venha a ser perdido,
Para ser bem conhecido,
Leva seu dono assignado;
E se acaso fôr emprestado,
Por algum conhecimento,
Dei-se-lhe [4] bom tratamento,
Para que não venha a ser
Livro de esquecimento.

[1] Plinio, *Natur. Hist.*, III, VIII, 14.
[2] Horacio, *Odes*, I, XXVII, 19.
[3] In *Mélusine*, II, 143.
[4] Fórma dialectal do Sul por *dê se-lhe*.

Este costume, que nem é só nosso, nem é moderno, está porém hoje em decadencia, e em regra limitado ás crianças e ao povo.

27. **Sator Arepo**

Para afugentar as Bruxas convem dizer, de deante para trás, e vice-versa, tres vezes, o seguinte:

SATOR
AREPO
TENET
OPERA
ROTAS *(Santarem).*

A'cêrca d'esta fórmula magica vid. o que publiquei in *Revista do Minho*, I, 74-75.—Ha tempos comprei uma medalhinha antiga de prata em que ella se lê tambem.

28. **Rimas infantis**

1. S. Bras

S. Bras do Soito
Para acudir a um,
Deixou morrer o oitro.

2. Voz dos sinos

Tão... balalão...
Cabeça de cão,
Orelhas de gato,
Não tem coração! *(Lisboa).*

3. Para vir chuva

a) Chove, chove,
Gallinhàmole,
Nosso Senhor dará pão molle.

b) Nossa Senhora da Conceição,
Faça sol, e chuva não. *(Lisboa).*

4. Exclamação

Ai! [Deus meu?]
Que não sei que me deu! *(Beira-Alta).*

29. **Casamento em Pena-Lobo**

Em Pena-Lobo, concelho do Sabugal (Beira-Baixa), vão os convidados do noivo no dia do casamento a casa dos paes da noiva bus-

car esta; lá encôntrão a casa com a porta fechada, estando porém dentro os convidados da noiva. O padrinho do noivo bate tres vezes á porta. A' ultima pancada perguntão de dentro: «—Quem stá lá, e o quo querem?». E de fóra respondem, em verso, que tem noticia de que ha alli uma roseira com certo numero de rosas (allusão ás filhas da casa), e que querem colhêr uma que tenha «formosura, honra e dinheiro». A madrinha da noiva responde de dentro: «Tudo cá havré [1], menos a última», isto é, menos dinheiro.—Depois ha ainda outras peripecias, de que não pude tomar nota.

Estes usos, que a muita gente poderão parecer risiveis, são um vestigio antiquissimo do quando os casamentos se fazião realmente raptando a mulher. Cf. as minhas *Trad. pop. de Portugal*, p. 223, nota; e Th. Braga, *O povo partuguês*, I, 228 sqq., onde porém nem todos os factos estão bem coordenados [2].

Os casamentos gregos e romanos constavão de tres actos: o primeiro em casa do pae (ἐγγύησις, *traditio)*; o terceiro em casa do noivo (τέλος, *confarreatio)*; o segundo, que é a ida da casa do pae para a do noivo (πομπή, *deductio in domum)* [3]. O citado costume de Pena-Lobo corresponde apenas á primeira parte da cerimonia; mas nas *Tradições populares*, e n-*O povo português*, onde o sr. Th. Braga faz esta distincção, podem vêr-se costumes representantes das outras partes.

Na Grecia, quando a noiva ia de casa do pae para o do noivo, á luz de archotes, ao som da phorminx e da flauta, e no meio de danças graciosas, cantava-se alegremente um *hymeneu* ou canto de noivado [4]. Este canto tinha o estribilho ὦ ὑμήν, ὦ ὑμέναιε. Em Roma, tambem na occasião da *deductio in domum*, se entoava um hymno religioso, com seu estribilho, correspondente ao grego. Este estribilho era *talassie*, cujo sentido já no tempo de Tito Sivio se tinha perdido, pois este auctor explica a palavra por meio de uma lenda, facto aliás vulgarissimo nas tradições populares. Sivio está descrevendo o roubo das Sabinas, e diz: «Unam longe ante alias specie ac pulchristudine insignem a globo Talassii cuiusdam raptam ferunt, multisque sciscitantibus, cuinam eam ferrent, identidem, ne quis violaret, Talassio ferri clamita-

[1] = *haverá*. Cf. *Rev. Lusit.*, IV, 217-218.

[2] O sr. Th. Braga, por exemplo, ao fallar do *matriarchado*, diz: «Na linguagem popular conserva-se na phrase *filho da mãe* um caracter insultuoso, attribuido a esse estado de um hetairismo inicial correspondente a um culto chtoniano ou de prostituição sagrada». (P. 229). O sr. Th. Braga não é bem claro no que quer dizer; todavia a expressão *filho da mãe* nada tem com os costumes primitivos, pois não passa de puro euphemismo para encobrir uma rude phrase popular bem conhecida; analogos euphemismos temos nós em *filho da púcara* (usado no Norte) e *filho da puxa* (muito usado no Cadaval), euphemismos que porém não são tão completos e tão suaves como o primeiro por causa das palavras empregadas serem toantes e allitterantes com a que se quer evitar, a qual occorre pois naturalmente ao espirito. Para que divagar pelo dominio da phantasia, quando a explicação é tão simplez?

[3] Fustel de Coulanges, *La cité antique*, l. II, cap. II.

[4] Otfried Müller, *Hist. de la littérat. grecque*, I (1865), 40-41.

tum; inde nuptialem hanc vocem factam [1]».—Lamento não ter podido colhêr, a proposito do casamento de Pena-Lobo, os versos que se dizem, versos que correspondem, na sua fórma actual, aos velhos hymnos gregos e romanos; póde porém fazer-se ideia d'elles por outros que publiquei nas *Trad. pop. de Portugal*, § 333 e no opusculo *Uma excursão ao Soajo*, p. 10-11, bem como pelos que o sr. Th. Braga transcreve n-*O povo português*, I, 231.

Por eu ter comparado o nosso costume com os gregos e romanos não pertendo estabelecer que elle procedesse d'estes. O casamento com simulação de rapto é muito commum, para que possa facilmente, dado um exemplo, determinar-se-lhe a origem historica. E' provavel porém que, embora o costume de Pena-Lobo e outros nossos semelhantes, sejão de origem pre-romana, os costumes romanos contribuissem para que elles se avigorassem. Que elles sejão pre-romanos nada tem de inverosimil, pois, como vimos, os casamentos portugueses modernos e os romanos erão analogos aos gregos, e com os dos gregos se parecião os dos Lusitanos, pois d'estes diz Estrabão: «cásão como os Gregos [2]».

E aqui está como uma moderna brincadeira d'aldeia nos levou logicamente a um passado tão remoto.

30. Cantiga de Barcellos

Lindos olhos tem Antonio;
Santa Luzia, guardae-lh'os!
Se elles não são para mim,
Santa Luzia, tirae-lh'os!

Como se sabe, Santa Luzia, em virtude certamente da analogia entre *Luzia* e *luz* (cf. supra, § 8), é advogada dos olhos e da vista; a lenda de que ella arrancou os olhos, para os enviar ao que a queria seduzir, tem talvez tambem ligação com o nome, *Lucia-lux*.

31. Culto dos mortos

Em Barqueiros, concelho de Mesãofrio, na noite de Todos-os-Santos, que é, como se sabe, a vespera do dia dos Fieis-defunctos, põe-se uma mesa com castanhas, á meia-noute, á qual se acredita que vão comer os mortos da familia. Depois ninguem toca naquella comida, porque se acredita que «está babada dos defunctos [3]».

A significação d'este costume, hoje obliterado, esclarece-se, se nos

[1] T. Livio, *Ab urbe condita*, I, IX.

[2] *Geographica*, III, III, 7. — O sr. Th. Braga tambem alludc ao passo de Estrabão: vid. *O povo português*, I, 248.

[3] Esta abstenção é analoga a est'outra de que ninguem deve alumiar-se com a luz que alumiou mortos: *Trad. pop. de Portugal*, § 88. — O que tudo se relaciona com o principio geral de que o contacto dos mortos produz impureza.

lembrarmos dos sacrificios offerecidos pelos Romanos aos mortos, *inferiae* ou *parentalia*. Os Romanos antigos, com muitos outros povos, acreditavão que a alma do morto ia ter no tumulo uma segunda vida, para a qual necessitava de alimentos, que os da familia lhe ião pois levar ao tumulo. Já noutros trabalhos meus me referi a estas cerimonias: vid. *Tradições pop. de Portugal*, p. 242, nota. Em virtude da degeneração a que estão sujeitas as tradições populares, quando deixão de corresponder a uma ideia dominante, o primitivo banquete funebre sobre a sepultura, a que as antigas *Constituições* dos bispados ainda alludem, foi substituido pela simples *mesa posta* com castanhas, em que ninguem toca. O rito passou a mera superstição.

Vem a proposito indicar outro costume, que se explica por este.

Na tarde do Dia-de-todos-os-Santos faz-se na Beira-Alta, e noutros pontos do Norte, uma festa chamada *magusto*, que consiste em uma grande fogueira em que se assão castanhas, que depois se comem com vinho, e ás vezes fructa. A fogueira é geralmente no campo, e o combustivel para ellas é feito de silvas sêccas, quasi sempre tiradas dos portaes das fazendas ou das paredes onde ellas são postas para impedirem a entrada dos ladrões. O acto do assamento das castanhas traz comsigo outros, alguns de mera brincadeira, como por exemplo o de umas pessoas *enfarruscarem* outras com o carvão que fica nas mãos ao debulharem-se as castanhas [1]. Assisti a muitos d'estes magustos na Beira. A alegria que reina na funcção é sempre interrompida pelo som lugubre dos sinos, que logo ao fim da tarde começão a dobrar dolorosamente, lembrando á vida a triste realidade da morte, e evocando a saudade dos que se fôrão e que nos são caros.

A coincidencia do magusto com a commemoração dos finados, e o emprêgo das castanhas naquelle e na cerimonia funebre de Barqueiros levão-me a considerar o magusto como um vestigio de um antigo sacrificio em honra dos mortos, esquecido na sua significação primordial, e só conservado a titulo de costumeira.

O que disse no § 23 ácêrca da comparação do casamento português com o casamento romano tem tambem applicação aqui, poisque muito antes dos Romanos, e já dos tempos prehistoricos, temos no nosso país provas da necrolatria ou culto dos mortos. Como porém a dominação do povo-rei foi larga e profunda, a acção d'ella devia ter-se feito sentir nos costumes, assimilando-os e imprimindo-lhes ás vezes feição sua. E' este o motivo porque muitas tradições nossas, sem talvez serem romanas, o parecem.

32. Jogo do pino-osso

Colloca-se um osso (de cão, porco, etc.), em pé, num sitio. São dois os jogadores. Cada um d'elles atira-lhe de certa distancia com

[1] As castanhas, depois de descascadas, chamão-se *bilhóses*. Cf. tambem Viterbo, *Elucidario*, s. v. *beilhoos*.

uma pedra até o deitar a baixo. O que o tombou colloca-o sobre o peito do pé e arremessa-o o mais longe possivel. O antagonista vae então buscá-lo, e em quanto vae, o outro recúa. Depois vem com o osso na mão atrás d'este, tendo de o levar ás costas até o sitio primitivo onde estava o osso. (*Ervedosa*).

33. Dictados

a) Infeliz
Como a agoa do chafariz. (*Beira*, etc.).

b) Mal vae a Portugal,
Quando não ha duas cheias antes do Natal. (*Guimarães*).

c) Duro com duro
Não faz bom muro. (*Passim*).

34. A Lapa do Diabo

E' um penedo num monte ao pé de Valladares, concelho de Baião. Tem por baixo uma furna. Estive nesse sitio em Dezembro de 1890. Andavão lá umas pastorinhas com gado, e uma d'ellas disse-me que na Lapa do Diabo costumava apparecer uma Moira. Eis aqui a narrativa com a propria linguagem (sub-dialecto baixo-duriense): «A Moira aparcíſſe p'los S. Juõis, de ſete im ſete anos. Da ſinta pa riba é jeinte e p'ra baixo é bicho (*ch* = *tx*) [1]. Uma bês foi lá uma rapariga e a Moira diſſe ſe le cataba, que le daba dinheiro, e pedio-le tambem a Moira leite e póum quéinte. Despois a rapariga stebe a catá-la, e deu-le póum e leite, e a Moira deu-le um ſestinho de bogalhos, e despois scangalhou-os todos, ficou ſó c'um. E a Moira de trás a apanhá-los. Despois a rapariga botou o bogalho a um caixote, e apar'ceu um 'rôr d'oiro».

35. Trajos populares

a) Num mercado de Mafra observei o seguinte. Os homens vestem de panno escuro, ás vezes azulado; jaqueta muito curta, com séries de botões escuros, ou de madre-perola, nas mangas; faxa (vulgò *cinta*) vermelha ou preta, pendendo duas franjas atrás; calça estreita de bôca de sino; barrete vermelho, verde ou preto; varapau; cara rapada, ou, o mais geral, suissa.

b) Na Figueira da Foz as peixeiras, etc., andão descalças, saia preta ou azul escura, *chambre* de chita, ás vezes o chale ao tiracollo ou atado em volta da cinta, lenço na cabeça e em cima chapeu preto de panno.

[1] Serpente, segundo uns; cabra, segundo outros. — Acho extraordinario que seja cabra; talvez haja confusão com cobra.

c) Num mercado de Leiria vi mulheres de varias localidades. As de Vieira vestidas de preto ou escuro, de piugas, descalças, de chapeu preto. Este trajo contrastava com o das de Marrases, Gandra, etc., que, embora tambem descalças e de chapeu, trazião saias de côr e com barra encarnada, o que lhes dava curioso aspecto. Algumas d'estas trazião ás costas, á maneira de capa, sáias dobradas, — o que já tenho observado noutras partes. — Todos estes trajos se differençavão dos da Figueira.

d) As mulheres que de manhã vem do campo para a cidade de Coimbra («tricanas») andão descalças, trazendo sobre o *chambre*, ou «roupinha», um lenço de côr cruzado em X sobre o peito, e por cima o chale, ou mantilha, traçado do hombro esquerdo para o sobaco direito; á cabeça, sobre a rodilha, cestos, gigos, etc. Observei muitas, sempre assim invariavelmente vestidas (Abril de 1891). Muitas vezes trajos de côr preta ou azul escuro. Mesmo as môças de Coimbra andão de chale ao tiracollo. — Os homens usão carapuças (no Sul chamados *barretes*) de varias côres, tombadas para o lado ou para trás.

e) Ao pé da estação de Vermoil, abaixo de Coimbra, as mulheres que tem as bandeirinhas para aviso do comboio andão descalças, de sáia escura com uma barra vermelha no fundo, chapeu de panno na cabeça, avental azul meselado de branco. — Mas este trajo não o observei só na estação de Vermoil, observei-o noutros pontos ao longo da linha férrea, tanto ao Norte como ao Sul. — Cf. supra, §-*c*.

f) Em materia de trajos ha em Portugal muitas differenças. Ao passo que por exemplo na Beira e em Entre-Douro-e-Minho as mulheres do povo andão em geral descalças, ou pelo menos sem meias, na Extremadura e no Alemtejo raro se verá, se se vir, uma mulher assim. Os homens naquellas duas provincias andão de tamancos, e só calção çapatos em occasiões solemnes ou em jornadas; nas duas ultimas provincias os tamancos póde dizer-se que são calçado desconhecido. As proprias crianças do sexo masculino na Extremadura e Alemtejo andão em geral calçadas de çapatos ou botas, como os homens; nem homens nem rapazes se vêem em geral descalços. Em Tras-os-Montes, nas regiões da raia, as mulheres andão de çapato e meias; os seus trajos são porém grosseiros. No Norte, quando as mulheres tem de ir de uma terra para outra, vão ás vezes sem meias durante o caminho, calção-nas á entrada da nova terra, e na volta, ao sahirem, tornão a descalça-las; isto é tanto mais notavel quanto é certo que na Beira, etc., as mulheres se occupão muito em fazer meias («fazer na meia»). — De modo geral póde dizer-se que a Extremadura e o Alemtejo são incomparavelmente mais asseadas que as Beiras, Entre-Douro-e-Minho e Tras-os-Montes.

36. O Penedo do Meio-dia

Fica ao pé de Rèsende, por cima do rio Douro. Ha lá, segundo a crença popular, tres minas encantadas, uma de oiro, outra de prata,

outra de peste. Mas ninguem ousa lá ir explorar as duas primeiras com medo de encontrar a peste, que arrasaria tudo.

Na manhã de S. João, quem applicar o ouvido ao penedo ouvirá tocar um sino.

D'aqui a muitos a annos o penedo ha-de cahir pelo monte a baixo, e arruinar as casas todas; nessa occasião as Moiras que estão encantadas lá dentro hão-de ir pelo rio fóra para a Moirama.

(Colhi estas lendas em S. Thomé de Covellas, concelho de Baião, em Outubro de 1891.—São muito vulgares no país).

37. Mão cortada

Era um castigo que, segundo a antiga legislação, se infligia a certos criminosos, por exemplo aos moedeiros falsos.

Apesar de essa legislação estar extincta ha muito tempo, a sua lembrança existe ainda na poesia popular.

Uma cantiga de Gouveia (Beira) diz:

> Esta carta vae sem porte,
> Remettida a quem quer bem:
> Tem crime de *mão cortada*
> Se nella bolir alguem.

E um adagio de Lisboa:

> Bofetada,
> *Mão cortada.*

E' esta uma das razões porque o estudo das tradições populares tem importancia: podemos por meio d'ellas recompôr uma parte da vida d'aquelles que nos precedêrão.

38. Costumes populares de Braga

«E eu ainda vi em Braga nas procissões da Quaresma, e não ha muitos, o *boi bento, o carro das ervas,* os penitentes quasi nus, uns arrastando grossas cadêas, outros levando enormes pesos, e outros caminhando em atitudes difficeis; assim como vi a procissão nocturna, ou antes mascarada, chamada *dos fogaréos,* e na Pascoa da Ressurreição as danças do rei David. *Credite, posteri!*»

(Nota ms. de Antonio Saraiva da Costa Pereira de Refoios, da Guarda, que falleceu por 1870, ás *Reflexões historicas* de J. Pedro Ribeiro, I, 37).

39. Nomes do Diabo

Todos aquelles que estudão as tradições populares sabem a grande importancia que nellas goza o Diabo, entidade mythica que ora é temida, ora cruamente motejada pelo povo. Além de diversos nomes appellativos, ou de differente natureza (vid. as minhas *Trad. pop. de Port.* § 381), que elle recebe entre nós, tem estes dois, que são nomes proprios: *Pedro Malasarles* e *Pero Botelho (Pero,* nome antigo, por *Pedro* [1]; cf. *Peres).* E' curioso notar que na Baixa-Bretanha se attribuem ao Diabo os nomes proprios *vieux Guillaume* e *vieux Pol* (vid. *Revue Celtique,* VI, 84), e na Alta-Bretanha o nome tambem proprio *vieux Jérôme* (vid. *Trad. et superst. de la Haute-Bretagne,* de Paul Sébillot, Paris 1882, t. I, p. 178).

40. Dictados

a) Quem muda do campo para a aldeia
E' signal de má estreia. (*Baião*).

b) Pae, filho e nora,
Olha teu filho que chora. (*Ib.*).

41. Versos dos noivos

1. Já te vejo vir casada,
Lá do arco da igreja:
Quantas a esta hora
Vos 'tarão a ter inveja!

2. Oh que assim vens d'amarello,
Assim traz(e)s a côr perdida!
Isso é de vires casada,
Amiga da minha vida!

3. Olha por dizeres isto,
Não vivas apaixonada:
Quando as pelantas se mudo' [2],
Ou darão fructo, ou nada.

4. Aqui te bóto a trigo,
Escolhidinho na ribeira [3]:
Queira Deus que te não lembre
Da vidinha de solteira!

[1] Como no nome do mosteiro de *Peralonga* (= Pedra longa): *dr* = *d.*
[2] O sentido devia ser: *Olha por eu dizer isto.*
[3] Deve lêr-se *'scolhidinho.*

5. Não te apresses, com ardor,
Não te estejas a apressar.
O arco não se levanta
Sem primeiro se pagar.
(Adegonha — Alfandega da Fé).

N. B. Com quanto me não dessem explicação, pois copiei estes versos de um ms. pop. que me mandaram de Tras-os-Montes, vê-se que se trata de arcos armados aos noivos, do trigo que se deita, do costume de se pagar.—Cf. as *Trad. Pop. de Portugal*, § 338.

42. Fogo de Sant'Elmo

Os marinheiros chamão ao *fogo de Sant'Elmo* «Corpo-Santo», e tem-no por bom agouro.

Esta, como muitas outras superstições, encontra-se já na antiguidade classica. Os Dioscuros, isto é, Castor e Pollux, que se representavão cada um com sua estrella na cabeça, erão para os Romanos o que o Corpo-Santo é para os nossos marinheiros. Lá diz Horacio:

...... quorum simul alba nautis
Stella refulsit,

Defluxit saxis agitatus humor,
Concidunt venti fugiuntque nubes,
Et minax, *quod* sic voluere, ponto
Unda recumbit [1].

43. Cantiga (com allusão)

Que passarinho é aquelle,
Que no ar faz ameaços?
Com o bico pede beijos,
Com as asas pede abraços!

44. Dictados

a) Vá pela sombra,
Não lhe dê o sol na tromba. (*Alandroal*).

b) Então, como passastes ao sol,
Maria do Caracol? (*Ib.*).

[1] *Odes*, I, XII, 28-32. — Significa: «Tantoque a sua serena constellação brilha aos nautas, a agua, que estava agitada, escorre dos rochedos, os ventos acalmão, as nuvens dissipão-se, e, porque assim [os Deuses] o quiserão, a onda ameaçadora desfaz-se á superficie do mar».

c) Arco-da-Velha á tarde
Não vem cá em balde [1]. (*Ib.*).

d) Não ha rainha
Sem sua vizinha.

45. Costumes do S. João no Alandroal

a) As raparigas deitão uma moeda de 5 réis nas fogueiras do S. João; ao outro dia vão-na buscar e dão-na a um pobre, cujo nome é o do futuro esposo.

b) No dia do S. João o sol, quando nasce, dá tres voltas. Antes de elle nascer, vae muita gente á ermida de S. Bento, para d'alli o vêr *balhar;* ás vezes põem para isso uma peneira (vulgò *pinêra*) deante dos olhos.

46. Cantigas graciosas

Indo eu por qui a báxo
Com um podão ás inguias,
Veiu lá meu pai de dentro,
Atirô-me c'uma bota n'alma.

Quando eu chiguei ás Portellas
C'umas fôrmas á cabeça,
Logo o meu coração disse:
—Rosa branca, pé de boi.

Passei pela tua porta,
Pu-la mão na fichadura;
Veiu tau pai lá de dentro,
Atirô-me c'uns alforges.

Quando fôr á minha horta
Te darei um chôriço;
Quando matar o meu porco
Te darei uma selada (sallada).

47. Adivinhas

1. Alto foi meu nascimento (cf. *verde foi* etc.),
Donzella mui recolhida:
Tal foi a quéda que dei
Que a casa não mais voltei.

A castanha (Taboaço).

[1] Isto é, ou chove, ou faz vento.

2. Sou branca, não sou papel,
Sou verde, não sou limão,
Sou vermelha, não sou sangue,
Sou preta, não sou carvão.

A amora (ibidem).

48. Dictados

1. Pouca bulha,
Que está aqui um cego a enfiar uma agulha.

2. E no fim de contas
Um boi tem duas pontas.

3. Nossa Senhora da Conceição
Faça sol e chuva não.

(Lisboa). Para parar a chuva.

49. Cantigas populares

No *Magazin für die Literatur des Auslandes*, Leipzig 1880, n.º 17, p. 240-242, publicou o sr. Alfredo Waedler um pequeno artigo com o titulo de «Volkspoesie in der brasilianischen Provinz Rio Grande do Sul», em que faz algumas considerações geraes sobre essa poesia, tomando por thema as *quadrinhas* inseridas por C. von Koseritz na *Gazeta de Porto Alegre*. O A. traduz algumas *quadrinhas* sem pôr ao lado os originaes portugueses, mas facil é por vezes achá-los: assim ás duas canções que na traducção allemã tem esta fórma:

Wer sagt, dass ess schwer ist, zu lieben,
Der hat noch nimmer geliebt;
Ich liebte und wurde geliebet,
Und das Lieben hat nie mich betrübt.

Der Ring, den du mir gegeben,
Er war von Glas und zerbrach,
So war auch deine Liebe,
Sie war für mich zu schwach.

correspondem no continente português ás seguintes:

Quem diz que o amor que custa,
De certo que nunca amou:
Eu amei e fui amada (ou *amado*),
Nunca o amor me custou!

O anel que tu me deste,
Era de vidro, quebrou:
O amor que tu me tinhas
Era pouco, acabou!

Não são para admirar estas correspondencias, visto que os elementos fundamentaes da poesia popular portuguesa do Brasil foram de Portugal para lá.

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

CANTIGAS DEVOTAS

(Da tradição oral)

I

A Senhora do Couto

1.ª

Senhora do Couto!
O vosso menino
Deixai-m'o beijar,
Que elle é pequenino.

2.ª

Senhora do Couto,
Estrella brilhante!
O vosso menino
E' um diamante.

3.ª

Senhora do Couto!
Sois branca assucena:
Quem vos adorar
Não póde ter pena.

4.ª

Senhora do Couto!
O' rosa encarnada!
Sois a mãe de Deus,
Nossa advogada.

5.ª

Senhora do Couto!
Mais linda que as rosas,
Não vos aparteis
Das religiosas.

6.ª

Senhora do Couto,
Que estaes na tribuna,
Pedi ao menino
Que nos dê ventura.

7.ª

Senhora do Couto,
Estrella maior!
O vosso menino
E' capitão mór.

8.ª

Senhora do Couto,
Que estaes na igreja!
Dae boa ventura
A quem vos festeja.

9.ª

Senhora do Couto,
Que estaes na Capella!
Dae boa ventura
A quem vos venera

10.ª

Senhora do Couto!
Oh! quem me lá dera,
Quarta-feira á noite,
Na vossa Capella.

11.ª

Senhora do Couto!
O que estaes de airosa
Com a mão no peito!
Não vos cáe a rosa!

12.ª

Senhora do Couto,
O' rosa em botão!
Trago-vos, Senhora,
No meu coração.

13.ª

Que rosa é aquella
Que está na roseira?
Senhora do Couto
Vestida de freira.

14.ª

Ora viva, viva,
Nabaes, Nabainhos!
Senhora do Couto
Com seus *colarinhos*.

15.ª

Dia da Ascenção,
Quando estão á hora,
Os anjos a cantam
E Christo a adora.

16.ª

Bemdita da alma
Que morre em tal hora,
Que vae direitinha
Ao reino da gloria [1].

[1] A Senhora do Couto, ou do *Coito*, como todos por lá dizem, sem pensarem no que a palavra significa, venera-se num antigo e desmantelado convento, que fica muito proximo d'uma povoação do concelho de Gouveia, — *Nabainhos* —, ou para melhor dizer, entre Nabaes e Nabainhos, na estrada que de Gouveia vae para Figueiró, chamada estrada do *Alto Concelho*.

A festa á Senhora do Couto é no dia da Ascenção.

Em tempo, havia a seguinte costumeira: — na quarta-feira a noite arranjava-

II

A Senhora da Lomba

1.ª

Nossa Senhora da Lomba
Está voltada p'r'á porta;
Para vêr se vê entrar
Alguma sua devota.

2.ª

Nossa Senhora da Lomba
Tem a bolsinha á janella,
Para pagar ao pintor
Que lhe pintou a capella.

3.ª

Nossa Senhora da Lomba!
A vossa Capella alveja;
Dizem os vossos devotos
Que inda ha de ser igreja.

4.ª

Nossa Senhora da Lomba!
Tendes a carvalha á porta:
Quem me dera um ramo d'ella
Para pôr na minha horta.

5.ª

Nossa Senhora da Lomba,
Que tendes no vosso sino?
—Um gallo preto romano,
Que lembra o Verbo Divino.

6.ª

Nossa Senhora da Lomba,
Quem varre o vosso terreiro?
—As meninas de Pinhanços
Com vassouras de loureiro.

se uma grande mascarada, á semelhança das dos dias d'entrudo; os mascarados tinham, dias antes, deitado em saquinhos quantas formigas puderam conseguir arranjar nos formigueiros.—Entravam os mascarados pela igreja dentro, faziam as suas orações (?) á Senhora, levantavam-se e, por sobre os circumstantes, lançavam as formigas.

Querendo, ha annos, fazer reviver esta esturdia, os mascarados levaram grossa pancadaria.

Não sei se a quadra

Senhora do Couto,
Quem me lá dera
Quarta-feira á noite
Na vossa Capella.

se refere ao desejo d'apanhar formigas, ou ao prazer de estar ao pé das moças, que devotamente pedem á Virgem as case depressa.

7.ª

Nossa Senhora da Lomba,
Quem varre a vossa capella?
— As meninas de Pinhanços
Com ramos de primavera.

8.ª

Nossa Senhora da Lomba,
Quem varre o vosso patim?
— As meninas de Pinhanços
Com raminhos de alecrim.

9.ª

Nossa Senhora da Lomba!
Tem giestas vosso caminho:
Puderas têl-o, Senhora,
De rosas bem cobertinho [1].

III

O Senhor do Calvario

1.ª

O' meu Senhor do Calvario,
Dizei-me: — Aonde moraes?
— Moro ao cimo da Villa
No Caminho de Nabaes.

2.ª

Fui-me ao Senhor do Calvario
De noite, pelo luar:
Na Capella do *Vareiro* [2]
'Stá o Senhor a orar.

3.ª

Fui-me ao Senhor do Calvario
P'lo Caminho do Collegio:
Na Capella do *Rainha* [3]
'Stá Judas a dar um beijo.

4.ª

O' meu Senhor do Calvario,
O caminho pedras tem:
Se não fizesses milagres,
Não vos vinha cá ninguem.

[1] A Senhora da Lomba é festejada em Pinhanços.
Antigamente fazia-se lá uma grande festa.
Matavam-se uns poucos de bois, que eram cozidos, em grandes caldeiras, e a sôpa era levada pelas gentes, que alli concorriam, em attenção a ser ella considerada remedio infallivel em certas doenças.
Hoje ainda se mata um ou dois bois.

[2] O *Vareiro* (ou *José Bernardo Vareiro)* começou por ser sapateiro, e posteriormente foi commerciante, chegando a adquirir tal ou qual fortuna. Elle mandou erigir esta capella. Nella está a imagem de Christo orando no Horto e os Apostolos dormindo.

[3] Esta capella foi construida por disposição testamentaria do importante e conhecido industrial Francisco Rainha, do Gouveia. Nella está a imagem de Judas em attitude de beijar o Mestre.

5.ª

O' meu Senhor do Calvario,
Neste terreiro vos digo:
— Se cá vier para o anno,
Ha de ser com meu marido.

6.ª

O' meu Senhor do Calvario,
Tanto vos tenho rezado!
Que me livreis meu amor,
Que quer ir para Soldado.

7.ª

O' meu Senhor do Calvario,
O' meu Divino Senhor!
Dae-me uma pinguinha d'agua
Da fonte do Confessor.

8.ª

O' meu Senhor do Calvario,
Ao redor de vós andei:
Tantos anjos me acompanhem,
Como de passadas der.

9.ª

O' meu Senhor do Calvario,
Tanto vos tenho pedido
Por um filho de Gouveia,
Que se viu no mar perdido.

10.ª

O' meu Senhor do Calvario,
Vossa Capella é airosa:
O telhado de pau preto,
A madeira côr de rosa.

11.ª

Cheguei á quina da praça,
Deitei os olhos e vi
Nosso Senhor do Calvario
Numa cruz por 'môr de mim.

12.ª

Cheguei á quina da praça,
Cheirou-me a pêra marmella;
Era o Senhor do Calvario
Dentro da sua Capella.

13.ª

Cheguei á quina da praça,
Cheirou-me a maçã madura;
Era o Senhor do Calvario
Lá dentro da sepultura.

14.ª

Fui ao Senhor do Calvario,
Não lhe fui pedir fazenda,
Fui-lhe pedir que me désse
Gente com quem me eu entenda.

(Versão de Gouveia — Beira-Baixa).

IV

A Tia Baptista

1.ª

Altos muros tem Vinhó,
Cercados de murta branca:
Lá dos muros para dentro
Morreu uma freira santa.

2.ª

Baptistinha foi ao ceu,
Sózinha, sem mais ninguem,
Numa mão levava a cruz,
Na outra Jesus, meu bem.

3.ª

Eu hei de cercar Vinhó
C'uma fita de vintem;
Só para vêr os milagres
Que a Tia Baptista tem.

4.ª

O Convento de Vinhó
'Stá feito numa botica:
Cura de todos os males,
O' minha Tia Baptista.

5.ª

Quem vae á Tia Baptista
E não vae ao corredor,
E' como quem vae ao Ceu
E não vê Nosso Senhor.

6.ª

A Tia Baptista é rosa,
Rosa se póde chamar;
Veio licença de Roma
Para se pôr no altar.

7.ª

A Tia Baptista é rosa,
O seu menino é cravo;
San-José é jardineiro
D'aquelle jardim sagrado.

8.ª

A Tia Baptista chora
Lagrimas de prata fina;
Que lhe fugiu o menino
Pelo Convento acima.

9.ª

A Tia Baptista chora,
Se ella chora, tem razão;
Que lhe fugiu o menino,
Quinta-feira da Ascensão.

10.ª

A Tia Baptista disse,
Quando estava p'ra morrer,
Disse para o seu menino,
Que ao Ceu nos iremos vêr.

11.ª

O' minha Tia Baptista,
A rosa dae ao menino;
Que está alta, não lhe chega,
Bem sabeis que é pequenino.

12.ª

O' minha Tia Baptista,
O' minha religiosa,
Quando viestes ao mundo,
Logo foi para ser rosa.

13.ª

O' minha Tia Baptista,
O' minha roseira branca,
Quando viestes ao mundo,
Logo foi para ser santa.

14.ª

O' minha Tia Baptista,
P'ra Gouveia estaes virada;
Inda lá tendes a pia,
Onde foste baptisada.

15.ª

Vamos á Tia Baptista,
Cachopas, andae, andao;
Que lá está uma fontinha,
Bebe nella quem lá vae.

16.ª

O menino da Tia Baptista
'Stá vestido á patuleia,
Foi nascido em Vinhó,
Baptisado em Gouveia.

17.ª

O' Tia Baptista
Do requetété,
O vosso menino,
Já cheira rapé [1].

Porto, 1900.

J. C.

A RESPEITO DA ANTIGA ORTHOGRAPHIA PORTUGUESA

I

Um documento de Monção de 1350

O principal objecto do estudo da dialectologia portuguesa antiga, ainda que sejão pouco sensiveis nos documentos as differenças linguisticas, está na distincção que deve fazer-se entre o gallego e o português. As distincções ou as caracteristicas das duas linguas podem observar-se chronologicamente na orthographia dos diplomas regionaes, pois ao passo que no gallego meridional ou português entravam em campo novas combinações de letras, o gallego do norte con-

[1] A Tia Baptista vem a ser uma freira muito adorada pelo povo de Vinhó, que fica proximo de Gouveia. — Não chegou a ser canonizada; mas é venerada como se o tivesse sido.

Dizem que no convento ainda está o seu corpo por consumir; mas é certo que ha muitos annos se desconfia que no logar reservado haja só pó.

Na segunda-feira do Espirito Santo faz-se a festa da Tia Baptista; pelo menos o povo assim o julga; mas os padres vão fazendo as festas como que se dissesse respeito ao Senhor da Agonia, segundo creio.

servava e conserva ainda o seu aspecto archaico, posto que deixando infiltrar-se pela orthographia castelhana [1].

Portugal, perfeitamente autonomo do resto da peninsula, inventava novos signaes para representar novos sons (ou perfilhava combinações extranhas de letras), em quanto a Galliza, presa a Castella politicamente, perdia de vista o reino lusitano, conservando na orthographia, porém, um reflexo dos tempos antigos.

O contraste entre o norte e o sul era tão forte que, mesmo dado o caso que Castella não absorvesse por meio da força e do tacto politico o reino da Galliza, e que este se tivesse unido a Portugal, o antagonismo dos dois povos não ficaría por notar nas differenças linguisticas e sociaes. O noroeste da peninsula, região extremamente montanhosa, sem deixar de ter bons portos maritimos, não possuia productos naturaes bastante apreciados para attraír a attenção das outras regiões, ao passo que o sudoeste teve sempre activa navegação com o norte da Africa e Mediterraneo, e sobretudo constante communicação terrestre com e através da Hespanha, facilitada a passagem pelas extensas planicies do Alemtejo, que não oppõem á travessia as difficuldades materiaes das montanhas da Beira e Tras-os-Montes. A mobilidade physica e intellectual dos homens do sul era maior que a dos do norte, encerrados entre as suas montanhas, ou entre estas e o mar, porquanto aquelles nas suas excursões maritimas até a Andalusia ou até Marrocos e nas suas faceis excursões terrestres a Hespanha viam e observavam tambem mais que os bisonhos e desageitados de além-Mondego. Se considerarmos o extremo norte ou a Galliza acharemos que a causa da differenciação, ao lado de causas politicas, está no *habitat* e na ethnologia, ou como Duarte Nunes de Leão dizia ao começar o sec. XVII em não possuir um rei e uma côrte, confundindo assim o escriptor este resultado com as causas mencionadas. Hoje ainda são bastante notadas as qualidades do homem do norte e as do sul. Aquelles são mais conservadores e tenazes, estes mais moldaveis. E' bastante caracteristico que o pessoal docente da Universidade de Coimbra nas suas faculdades de theologia e direito (especialmente nesta) seja composto na sua grande maioria de septentrionaes, ao passo que nas outras é menor a proporção.

Quanto ao extremo norte de Portugal, no districto de Vianna de Castello, e região vizinha da Galliza, dava-se o caso que politicamente uma comarca pertencia a Portugal e ecclesiasticamente ao bispado gallego de Tui. Os documentos ou menções portuguesas referentes ao territorio entre os rios Minho e Lima até o anno 1100 são extremamente raros, o que pódo attribuir-se ou ao pouco numero de estabelecimentos religiosos, e esses mesmos pobres, e entre população rara,

[1] Não se póde fazer uma reforma orthographica em Portugal sem se conhecer a historia do desenvolvimento da orthographia portuguesa; em parte para abalar a confiança nas chamadas auctoridades, e em parte para conhecer como o mesmo som tem sido representado em épocas diversas.

ou a não serem bastante conhecidos os cartorios de Braga e Tui. E' possivel que a investigação dos cartorios gallegos dê elementos para o estudo d'esta região, quasi mais dependente da Galliza que de Portugal, pois só em seguida á transformação por que Portugal passou depois da morte de D. Fernando, em 1383, a comarca ecclesiastica de Valença começou a entrar na orbita dos interesses portuguezes, primeiro autonomicamente, e seguidamente incorporada na diocese de Braga. Afastado bastante o territorio de Valença do centro de cultura portuguesa, dos quaes o mais proximo era Braga, e pelo contrario fronteiro á cidade episcopal de Tui, necessariamente, ainda que não houvesse o laço religioso e a communidade de origens, havia de produzir-se a attracção para os usos e costumes d'esta povoação, resistindo assim Valença mais tempo á influencia centralizadora do sul.

O documento que se transcreve no fim, escrito por um tabellião do rei (de Portugal) em Monção, apresenta caracteristicos orthographicos dos documentos portugueses de época mais remota ou de regiões mais afastadas, afóra alguns que são proprios das actas gallegas e mesmo castelhanas. D'este ultimo caso é a falta do *z* e sua substituição pelo *s* que se nota no nosso documento, facto não usual no português. As palavras em que se dá a troca são as seguintes: *des* (dez), *dosentos*, *faser*, *ffes*, *Gonçalves*, *Martins*, *pas* (paz), *Peres*, *tresentos*, *vos* (voz). Nas seguintes palavras encontram-se particularidades raras ou não usadas no português: *Avengelios*, *contento*, *dosentos*, *Joramento*, *Joyso*, *manteemento*, *Meroffe*, *moyto*, *nonca*, *pogy*, *posoe o* (pô-lo), *proucemento*. *Renocion*.

Este documento é do anno de Christo de 1350, tempo em que havia muito nos diplomas reaes tinham sido substituidos pelas combinações *lh* e *nh* as letras *l* e *n*, posto que já se encontrem nelle as fórmas normaes. Não me recordo de encontrar nas actas portuguesas *ll* e *nn* para representar aquelles sons. Ao lado de *guanara*, *sobrino*, *tyna*, *vesyno*, *vyno* encontramos apenas *Senhor*; e ao lado de *fillase*, *mellor*, *vellos* existe *carualhal* e *lhy*.

A origem do *lh* e *nh* não está esclarecida. Como estas formações apparecem no provençal, lingua com documentos litterarios anteriores aos portugueses, suppõe-se ter havido aqui imitação. Se assim foi, póde a introducção ser devida a um grupo de letrados influentes ou a empregados da chancellaria real, conhecedores da lingua d'*oc*, que insensivelmente applicassem a orthographia daquelle idioma ao português. Mais provavel, porém, é que as combinações tivessem sido inventadas em Portugal, pois que o *h* marcava sempre o hiato que tambem era representado por um *i*, de que são exemplos as seguintes palavras: *sabham*, *cambho*, *Pauha*, *limpho*, *legumha*. *ademha*, *mha*, *tehor*, etc. Ora, além das letras indicadas, temos ainda o *l* e o *n* em que se dava o mesmo, mas que só junto destes signaes se tenha fixado o *h* deve-se ao facto das combinações representarem sons que não havia no latim e que era necessario fazer perceber ao leitor português.

Temos por exemplo a palavra *vino* que se orthographava *vĩno, vĩho, vinho* em português.

Outras particularidades mais ou menos geraes encontramos no nosso documento. As combinações *an, en* e *on* são por vezes sobrecarregadas do til: *ãn, ẽn* e *õn*. Como se escrevia indifferentemente *an* ou *ã, en* ou *ẽ, on* ou *õ*, ás vezes o escrivão sem cuidar unia as duas representações.

Neste documento encontramos ainda, os accentos sobrepostos em duas vogaes iguaes: *éé, óó*.

Segue-se o documento:

Sabhã todos como, na Era de Mill e tresẽntos e oitcẽnta e oyto ãnos, des e sete dias de Setembro, ẽn Monçõ, presẽnte min Gonçalo Lourenço, Tabaliõn dElRej na dita vila e as t(estemunha)s adeãnte scritas, entõn Apariço Dẽnys, vesyno e morador ẽ Monçõ, por sy e por toda sa uos pera senpre, deu en doaçõ boa e lijdema, como doaçõ mellor pode e deue de sseer e mays valler, a Steuan Gonçalues, seu sobrino, que pressẽnte estaua, o portador deste stormento, todollos herdamentos e casas o vynas e ssoutos e aruores e rresyos e benffeytorias, que ello ha e per dereito deue dauer na ffregesya de san Pedro de Meroffe, que lhj ficaron de parte de sa madre Tareyia Gonçalues e que elle hj conprara e guanara. E estes ditos herdamentos e béés lhj deu e outorgou, pera senpre, pera proueecmento e mantéémento de sas ordéés, per que o dito Steuan Gonçalues aia en cada hũu ano en pas e en saluo seix Moyos, pella medida dereita que orra *(sic)* corre en Tuy, antre pan e vino. E logo ffes Joramento o dito Apariço Denys aos santos Auengelios, tangendóós corporalmente con suas máos, que nonca ttillaso nen enbargase os ditos herdamentos e béés ao dito Steuã Gonçalues. E o dito Steuan Gonçalues, outro sy ffes Joramento aos santos Auengelios, taniendo os con suas maos, que nonca lhj leyxase os ditos herdamentos e béés e que os ouuese pera sy [e pera sy] e pera proueecmento e manteemento de sas ordees. E dise, pello dito Joramento dos Auengelios, que desto se tyna por contento e obrigouse que nunca demandase outro proueecmento a nosso Senhor o Bispo Dom Gomes de Tuj, nen a sseus vigairos, nen aos outros Bispos que ueerẽn pos elle. E pera faser çerto o dito Apariço Denis que os ditos herdamentos e béés erãn seus, como dito ha e que auera hj os ditos seix Moyos, antre pan e vino, en salluo en cada hũu áno, pella dita medyda de Tuj se fforen lourados *(sic)*, apresentou logo per ante min Tabaliõ sobre dito[s] estas t(estemunha)s que se adeante segen, conuen a ssaber: Domyngos Peres dito Nateyro e Johã Martins dito Quintẽella e Domyngo Anes, moradores en Cernadas, ffregesya do dito Mon., (Monçõ?) os quaes Jorarõ aos santos Auengelios corporalmente, taniendo-os con suas maos, que o dito Apariço Denis ha os ditos herdamentos e béés na dita fregesya de Meroffe e dyserõn pello dito Joramento que auera nos ditos herdamentos e béés os ditos seix Moyos, antre pãn e vyno, ẽn cada hũu ano, pella dita medyda de Tuj, en pas

e en saluo, se lourados *(sic)* fforon e moyto mays. E logo o dito Apariço Denis, por sy e por toda sa uos pera senpre, metu *(sic)* en pose e en corporal posysón o dito Steuan Gonçallues dos ditos herdamentos e béés per esto presente stormento e Renociou todo o dereito e propiadade dos ditos herdamentos e béés; e posoe o no dito Steuan Gonçallues, pera todo senpre, pera proueemento de suas ordees, segundo dito he, e prometeu e outorgou de nunca hir contra esto per sy nen per outren en Joyso, nen ffora dele e se contra esto ffose que de pena lhj peytase ao dito Steuan Gonçallues Dosentos marauedis vellos e esto ffique ffirme pera senpre. ffeito ffoj no sobredito dia e Era. T(estemunha)s Domyngo Anes, carnyçeiro de Monçõ, Johã Lourenço do paaço, Gonçalo Peres de Carualhal e outros e Eu Gonçalo Lourenço, tabaliõn sobredito, que a todo esto presente ffoj e, a rrogo e per outorgamento do dito Apariço Denis, esto stormento scriuy e meu sygnal hj pogj que tal + este ·⁝· [1].

II

A orthographia de documentos de Tui e Valença

Em 5 de Maio de 1890 derão entrada no Archivo Nacional cêrca de 800 livros e maços vindos da Repartição de Fazenda do districto de Vianna do Castello, onde tinhão sido recolhidos por causa de na maioria delles estarem descritos os bens pertencentes ás corporações religiosas extinctas, bens que passaram a ser pertença do estado. São de variada especie dentro do dominio fazendario e penal. Nestas duas direcções o seu valor é grande para o estudo da propriedade local e dos usos e festas populares. Pertenciam esses livros, como é de prevêr, aos estabelecimentos ecclesiasticos collocados no districto de Vianna do Castello, e a sua antiguidade em geral não é muito remota. Nesta collecção encontram-se, pertencentes á antiga collegiada de S. Estevão de Valença, cinco maços, que contém uns 160 pergaminhos. O estado de conservação ao entrarem no Archivo era deploravel: alguns mesmo são hoje illegiveis, devido á acção da humidade a que estiveram largo tempo sujeitos. Entrados no Archivo Nacional até hoje ainda não forão summariados nem sequer numerados, sendo de esperar que assim continuem. Não póde aqui caber censura [2].

Pelo lado linguistico os documentos confundem-se completamente com os gallegos, de que divergem mais radicalmente a partir dos ul-

[1] Collecção Especial, Caixa 115.

[2] A Torre do Tombo até 1834 dependia do Conselho da Fazenda. Extincto este tribunal, continuaram sendo os mesmos os trabalhos feitos no Archivo, denominação que tomou no sec. XVII. Hoje pretendem exigir-lhe trabalhos mais scientificos, que não estão na indole dos seus regulamentos archaicos. Se não é assim, pouco lhe falta.

timos annos do seculo XIV. Mas anteriormente a este tempo já se nota a infiltração da orthographia meridional ou portuguesa nos escritos do sul do rio Minho. O emprego do *h*, tão abundante nos actos do sul, é muito escasso no extremo norte. A palavra *sabham* quasi geral no territorio português é sempre orthographado aqui *sabean* ou *sabian*. Só em resultado das divergencias que se levantaram entre os conegos da sé de Tui, consoante os interesses patrioticos, fizeram que os documentos elaborados no «bispado de Tui da parte de Portugal» apresentassem a partir do reinado de D. João I caracter mais moderno e meridional, não só na orthographia, mas tambem no formulario.

A leitura dos documentos do cartorio de Valença dá-nos a prova que a orthographia na cidade de Tui era legitimamente gallega; nem uma só vez encontrei *lh* ou *nh*, ao passo que em Valença estas duas graphias alternão com a do *n* ou *ñ* e *ll*, e ainda trocão o *z* no *s*, o que não é português. Os documentos isolados de Val de Vez e Melgaço são quasi normaes, pelo menos o ultimo.

Com o anno do documento são indicadas as seguintes palavras:

Tui:

1341 fillo, moller, Rodriges, trese, viñas, visĩo.
1354 consello, fillos, rasõ, scripuães, señor, tenor, tresentos, viña.
1354 affondo *(a fundo)*, consello. juys, sabeam, tresentos, vyña.
1356 et, fesese, señor, tresentos.
1360 desenbro, jaz, mya. señor. viñas, visino.
1361 Dominges, lle, moller, viñas.
1367 viziño.

Valença:

1377 quinse, tresentos.
1388 quinhentos, Senhor, senhos. treze, verdelha, vinhas.
1388 Alvares, enprazar. quinhentos, senhos, voses.
1390 galynha, jaseam *(jazam)*, senhor. vinhas.
1391 disia, dominges, jasem. tallos, vĩnha.
1402 fillos, moller, quinhentos, senhos.
1427 binho, Gonçalluez, Senhor, senhos.

Val do Vez:

1334 conçelho, lhy, penhoras, Val do Vez.

Melgaço:

1395 minha, molher, uinho, visinos.

II

Antiga orthographia gallega

No «Manual de Paleographia Diplomática Española de los siglos XII al XVII», que tem por autor Don Jesús Muñoz y Rivero, obra impressa em 1889, vem pelo menos o *fac-simile* de 14 documentos gal-

legos que, nos mais antigos, quanto á orthographia, em nada se distinguem dos portugueses. O mais remoto delles é do anno de 1228 e o mais moderno do 1485. Acompanham os *fac-similes* as leituras modernas. Quer por a typographia hespanhola não possuir signaes apropriados, quer por nacionalismo, a transcrição não representa a verdadeira orthographia dos documentos. Não devemos, porém, censurar o autor de menos correcto na translação, pois que mesmo entre nós nem sempre é possivel representar a graphia original, que tão sobrecarregada é do *til*, que torna difficil a composição typographica. Comtudo o til sobre as vogaes é hoje especialidade portuguesa. Quando apparece, temos de escolher entre o *n* e o *nh*, mas nem sempre o publicador procede com segurança. O mais prudente será representa-lo sempre que fôr possivel, e não o desprezar systematicamente, pois o til não é signal de abreviatura no português, por mais antigo que seja o monumento, mas sim uma resonancia propria da lingua, resonancia que outros idiomas não tem ou não sabem representar.

Os documentos gallegos do livro citado tem os seguintes numeros: XV, XXI, XXIX, XXXIII, XXXVIII a XLI, XLIII, XLVI, XLVIII, LVI, LXIV, CVII.

Nestes documentos ha leitura de algumas palavras com que não concordo. Uma é *et* no doc. XV, que interpreto Q(ue), não sendo necessario dar a *et* o sentido abstruso que lhe dá o autor; outra é *germão*, no doc. LVI que leio *gião;* neste mesmo documento vem *tiindo* em vez de *tyudo*, etc.

Os documentos mais antigos fazem a distincção entre o *s* e o *z*, o que não succede nos seguintes. O som molhado *lh* é representado sempre por *l* ou *ll: filu, fillu; moler, moller*. Em nenhum sitio apparece o *h* a marcar o hiato de que é tão prodigo o português.

Muñoz y Rivero sem razão justificada representou constantemente o til, quando o não despreza, por *n*, o que o levou a fazer graphias puramente castelhanas daquelle tempo, pois que tal o são por ex. *Vilarinno* que está no original Vilarĩno. A graphia do *nn (nh)* do cancioneiro de Ajuda parece devida a algum escrivão castelhano, pois até agora, que me recorde, ainda a não encontrei em nenhum diploma português.

Nenhum dos documentos apontados tem *lh* ou *nh*. Apenas no n.º LVI, já mencionado, vem na cópia *minha*, quando o original pede *miña*.

Para se vêr o methodo de transcrição adoptado pelo autor, se colloca aqui uma lista de palavras: a primeira columna contém a leitura de Muñoz, a segunda a que está no *fac simile*.

benes	bẽes
boa	bõa
commo	cõmo
connuçuda	conũçuda
donna	doña

huna	hũa
huun	hũu
Martino	Martĩno
minnos	mĩnos
Munnio	Mũnio
pesoneyra	pesũeyra
quinun	quinũ
sotoos	sotõos
veuer	vẽer
Vilarinno	Vilarĩno.

Finalmente vêmos que a orthographia gallega é quasi identica á portuguesa mais apurada ou da chancellaria real contemporanea.

A priori póde affirmar-se ter havido em Portugal alguns centros orthographicos independentes, até que um delles, o que estava ligado ao poder mais forte, absorveu todos os outros. O exame dos cartorios conventuaes mais excentricos parece confirmar a hypothese.

PEDRO A. D'AZEVEDO.

CANTIGAS GEOGRAPHICAS

Os almocreves de Abrantes,
Quando andam no caminho,
Boa carne, bom pão alvo,
Melhor borracha de vinho.

A torre de Alandroal
Outra mais alta não vi:
Inda tu dizes, ingrato,
Que me não morro por ti.

O meu lindo bem
'Stá!... chega, não chega:
Vem desembarcar
A Aldeia Gallêga.

Raparigas do Alegrête,
Não queiraes morrer na serra:
Vinde p'ra a villa de Arronches
Tomar amor's nesta terra.

Alemtejo, gravidade,
Foi minha *devotação:*
Sou filha da Borda d'Agua,
Creada na fresquidão.

Assenta-te aqui, meu bem,
A' sombra do meu chapeu:
Alemtejo não tem sombra,
Senão a que vem do ceu.

Se fôres ao Alemtejo,
Trazei-me uma alemtejana,
Delicadinha, bem feita,
De estatura mediana.

Atirei com balas d'ouro,
Foram ter a Algalé:
O tomar amor's não custa,
Deixal-os... é que ella é.

Adeus, terra do Algarve,
Terra de pouco sustento;
Só comem castanha pôdre
E algum figo bolorento.

Do Algarve vem a palma,
De Portalegre a castanha:
Dizes que tenho outra amada?
Oh! que mentira tamanha!

Alpiarça, gente falsa...
Quem me déra de lá fóra!
De lá é o meu amor,
Quem m'o dera vêr agora!

Ai! quem me dera em Alter,
A' sombra da mangerona,
P'ra contar ao meu amor
O que passei na azeitona.

Se queres que seja teu,
Manda ladrilhar Alter;
Depois de Alter ladrilhado,
Serei teu, se eu bem quiser.

O meu amor é de Alvito,
Criado no areal:
Quem de mim fizer palito
Tem muito que falquejar.

Adeus, villa d'Amarante,
Largo de Santa Luzia,
Onde o meu amor passeia
A toda a hora do dia.

Adeus, villa d'Amarante,
Cercada de lampeões,
Onde o meu amor passeia
Com sapatos á Camões.

Adeus, ponte d'Amarante,
Onde a agua *vangueleia;*
Adeus, ó Meia Laranja,
Onde o meu amor passeia.

Eu já não vou á Amarante,
Nem passo a ponte além,
Que me querem lá prender
Por namorar e querer bem.

Fui tocador de rebeca,
Tres annos 'stive em Angola,
Sem ter c'rôa disse missa,
Já sei fallar á hespanhola.

O' Angra, nobre cidade,
Assim diz quem de lá vem;
Terra que dá tanta rosa,
Só não dá cravos tambem!

Se Armental tivera renda
Como tem de gravidade,
Carregosa fôra villa,
Arrifaninha cidade.

Adeus, que me vou embora
Para a terra do *assucre:*
Já nesta terra não ha
Quem cá commigo se occupe.

Aveiro, com ser Aveiro,
Com ter marinhas de sal,
Não ha terra como a minha
No reino de Portugal.

Aveiro, com ser Aveiro,
Com ter o Senhor que tem,
Não ha terra como a minha
Para amar e querer bem.

Menina, que vem de Aveiro,
Da terra dos pucarinhos,
Vá de vagar com a louça,
Não a faça em bocadinhos.

O' Aveiro, ó Aveiro,
O' Aveiro pequenino!
Trago Aveiro pintado
Nas costas do meu machinho.

Meu amor, não vás á Avintes,
Nem p'ra lá tomes o geito;
Olha que as moças de lá
Trazem semente do *feito*...

As mulatas da Bahia
Já não comem bacalhau:
Comem bello arroz dôce,
Bella farinha de pau.

Quem me déra dar um ai,
Que se ouvisse na Bahia;
Que dissesse o meu amor:
—Aquelle ai... de quem seria?

O' meu amor, vem-me vêr,
Que a jornada é bem pequena:
Eu moro na Casa Pia,
Que se fez em Barbacena.

As moças do Barcellinhos
Todas tem a saia rôta;
Só a moça do vigario
Tem uma nova de estôpa!

Se fôres a Barcellinhos,
Leva contas de rezar;
Que lá estão as feiticeiras,
Que podem te enfeitiçar.

Se fôres a Barcellinhos,
Tira o chapeu a meu pai;
Pede-lhe a filha mais nova,
Que a mais velha já lá vai.

Pede-lhe a filha mais nova,
Já que me chamas teu bem:
Se fôres a Barcellinhos,
Comprimenta a minha mãe.

O' Barcellos, ó Barcellos,
O' Barcellos, ó vadio;
Cahiste da ponte abaixo,
Fôste beber agua ao rio.

O' Barcellos, ó Barcellos,
O' Barcellos, ó tratante,
Cahiste da ponte abaixo,
Morrêste no mesmo instante.

Eu hei de ir casar a Barcos,
Ou á villa de Barqueiros;
Que é um regalo na vida
Vêr remar os marinheiros.

Senhora da Livração,
Que livraes os marinheiros,
Livrae-me tambem a mim,
Que eu tambem sou de Barqueiros.

Tenho corrido mil terras,
A maior parte da Beira;
Nunca achei melhor amigo
Que o dinheiro na algibeira.

Adeus, cidade de Beja,
Adeus, quartel dos soldados,
Onde vão as raparigas
Chorar pelos namorados.

O' Beja, terrivel Beja,
Terra da minha desgraça!
Davam tres horas da tarde,
Quando me assentaram praça.

Eu tenho um amor em Borba,
Outro em Villa Viçosa,
Tenho outro em Portalegre,
Que é como a folha da rosa.

Adeus, cidade de Braga,
Convento das Convertidas;
Adeus, campo de Sant'Anna,
Perdição das raparigas.

Ai! não me falleis em Braga,
Que são penas que me daes,
Onde tenho meus amores...
Para que m'os alembraes?

D'aqui a Braga é tam longe!
Não chegam lá meus suspiros;
Quando um dia lá chegarem,
Já vão mais mortos que vivos.

Já fui soldado em Braga,
Alferes em Penamacôr,
Agora sou general,
Capitão do teu amor.

Já não ha papel em Braga,
Nem tinta no tintureiro,
P'ra escrever ao meu amor
Para o Rio de Janeiro.

Já não ha papel em Braga,
Nem tinta polos conventos,
Nem aves que criem pennas
Para escrever sentimentos.

O meu amor é de Braga,
Elle é meio cidadão;
E' parente dos Farias,
Vinde vêr a geração.

Fica-te embora, Bragança,
Com teus olivaes á roda;
Que eu vou para a minha terra,
Dar allivios a quem chora.

(Continúa).

J. C.

MISCELLANEA

PORT. *cadeiras*, ES[illegible]*ras, cadera, quadril*

Les sens de *fesses* qu'a le port. *cadeiras* et l'esp. *caderas*, *cadera*, se rencontre déjà en latin, comme le montre le vers 91ème de la sixième satire de Juvénal. Car entre autres belles choses le poète dit d'une certaine émancipée de son temps:

> *contempsit pelagus; famam contempserat olim,*
> *cuius apud molles minima est iactura cathedras.*

Le scoliaste qui a glossé *molles cathedras* par *matronas* savait bien ce qu'il disait, et Forcellini a parfaitement paraphrasé le passage en disant: (4) «*Molles cathedrae*» *dicuntur mulieres delicatiores et luxuriosiores*. Le poète a mis grossièrement, mais non sans piquanterie, la partie pour le tout, ce que les commentateurs et les traducteurs modernes ont souvent mal compris, quoique *apud* ne permette guère de s'y tromper.

J. CORNU.

BIBLIOGRAPHIA

A Tradição, vol. II, n.º 7. Continuação do artigo de Trindade Coelho, *O Senhor Sete:* A canção de pag. 97, vol. II, *Meu annel de sete pedras*, vem com fórma igual, e com a mesma nota, nas minhas *Trad. pop. de Portugal*, pag. 215; os versos da gallinha, publicados a pag. 98, foram tambem extrahidos do citado livro, pag. 152, § 286-a; no mesmo caso estão os versos dos alfaiates, a pag. 101, extrahidos das *Trad. pop. de Portugal*, pag. 215. Para facilidade dos estudiosos é sempre conveniente indicar a bibliographia respectiva aos artigos que se publicam. A proposito da orthographia de *alfayate*, com *y*, a que o auctor do artigo se refere em nota de pag. 100, observarei que ella se baseia no antigo habito de notar a semi-vogal dos ditongos decrescentes com essa lettra grega, o que succede tambem em *hay, muyto*, etc. A phrase *sete olhos* corresponde á latina *centum oculi*, onde *centum* está no sentido vago de «muitos». — Os outros artigos contidos neste numero são: *A lenda das armas de Elvas, Modas e estribilhos, A caça em Serpa* (continuação), *Cancioneiro musical, Romance de D. Leonarda, Mandamentos do amor* (continuação), *Cantigas pop.* do Alemtejo e do Algarve, e *Adivinhas*. Como illustrações: *Peixeiro de Estarreja*.

— Publicou-se o fasciculo 2.º da *Portugalia*.

— O Sr. Antonio Thomás Pires está publicando em volume a sua collecção de contos populares alemtejanos.

— Como se annunciou em um dos ultimos fasciculos da *Rev. Lusit.*, realisou-se em Paris em Setembro de 1900 o Congresso das tradições populares. Ao Sr. Paulo Sébillot devo a offerta dos *Procès-verbaux sommaires*, Paris 1901, d'onde consta quaes as materias tratadas. Entre estas chamaram mais a minha attenção as seguintes: *Évolution du costume* por Sébillot e Gelin; *Amulettes populaires* por A. de Martillet; *Loi de la vie des légendes* por Rosières, *Étude comparée des chants populaires* por St. Prato; *Science des illetrés* por Th. Volkov. O Sr. Zmigrodzki expôs ao Congresso a iconographia do suástica; o Sr. A. de Martillet a sua bella collecção de amuletos (que elle teve a bondade de me mostrar, já ha annos, em Paris).

— **Mémoire sur l'étude de la langue portugaise, présenté au Congrés international des sociétés laïqnes d'enseignement populaire** — por Moniz de Béthencourt.

— **Macias, o namorado** — por H. A. Rennert, Philadelphia 1900, com introducção historico-philologica, e o texto do poeta gallego (sec. XV). Espero posteriormente dar mais larga noticia d'este livro.

TRADIÇÕES POPULARES PORTUGUESAS

DO SECULO XVIII

Contidas nas poesias (impressas) de Miguel do Couto Guerreiro

---

As tradições populares portuguesas no seu estado actual, mercê do grande número de investigações publicadas modernamente, são já bastante conhecidas em todos os seus ramos. Para porém se poder fazer um estudo ethnographico do país, é preciso ascender ao passado, tão longe quanto possivel. Esta segunda especie de investigações está ainda atrasada. Qualquer contribuição nesse sentido deve pois ser bem vinda. E' por isso que no presente artigo vou reunir o que sobre o assunto vi nas poesias (impressas) do Couto Guerreiro, auctor que viveu no seculo XVIII († 1793). As obras de que me sirvo são:

Satiras e elegias, Lisboa 1786;

Epigrammas portuguezes, Lisboa 1793.

Do mesmo auctor ha ainda uma obra poetica que não chegou a imprimir-se: *Adagios selectos portuguezes*, onde, além do thema geral da obra, se faz menção de várias tradições populares. Vid. o que sobre ella escrevi nos meus *Ensaios ethnographicos*, I, 159 sqq.

Em Couto Guerreiro a menção das tradições populares tem principalmente intuitos praticos: elle serve-se dos adagios para com elles moralizar o povo; lança mão das superstições para as verberar. E' optimo observador. Muitas das suas descripções sáem-lhe naturaes, como a *Visita de senhoritas* (*Satiras*, pag. 206), *Conversação de chocalheiras* (*Sat.*, p. 215), *Bebado da rua* (*Sat.*, p. 164), *Mau médico* (*Sat.*, p. 188), *Mulher que affecta discrição* (*Sat.* p. 202), *Os paes descuidados no ensino dos filhos* (*Sat.*, p. 183), *Formosura artificial* (*Sat.*, p. 183). Conhecia bem a linguagem familiar, que elle traslada com fidelidade, como nas *Satiras*, p. 204, e 213-218, chegando mesmo por vezes a reproduzir vocabulos populares. Algumas poesias tem bastante sal e graça. Para os *similes* o auctor serve-se frequentemente da historia antiga. No emtanto elle é sobretudo moralista; poeta pouco. O verso corre-lhe facil, embora languido, monotono e mal rimado. Abusa

muito dos trocadilhos e das antitheses. Taes defeitos porém não tem importancia para o meu caso, pois o que desejo é colhêr nas obras de Couto Guerreiro elementos para o maior conhecimento da nossa ethnographia, e d'esses colho alguns, porque elle mesmo disse de si nas *Satiras e elegias*, p. 213:

> Como sou curioso e um tanto dado
> A saber de costumes...

Para commodidade do leitor, divido o meu trabalho em tres capitulos principaes: I) *Costumes populares*. II) *Litteratura popular*, III) *Superstições populares*; e subdivido cada um em §§ correspondentes ás divisões naturaes dos assuntos. Já para justificar as citações que faço, já para mostrar a continuidade da tradição, acompanho sempre de commentario as palavras do Couto Guerreiro.

I. Costumes populares

a) *Cegos ambulantes:*

Quando ainda não havia jornaes diarios, ou quando estes não eram em tão grande número como hoje, constituia a litteratura chamada *de cordel* um dos meios de alimentar a curiosidade pública, sempre ávida de notícias: as guerras, os acontecimentos notaveis, tudo passava ao verso e á prosa. Os cegos ambulantes desempenhavam certo papel na transmissão d'estes versos e prosas, de terra em terra. Interpretando poeticamente taes factos da nossa vida popular, diz Affonso Lopes Vieira no *Náufrago*, Lisboa 1898, p. 17:

> O' cegos que cantaes *o grande e horrivel crime!*
> E por herdades, por aldeias arrastaes
> Vossa lamuria, onde não sei que dôr se exprime
> Na banza que suspira e na voz que dá ais...

Esses costumes agora só se encontram numa ou noutra aldeia, e rarissimamente nas cidades. Couto Guerreiro alludo a elles nos seguintes passos:

> Numero os cegos não tem
> De cegucira semelhante;
> Em tantos cegos porém
> Não ha hum que cante bem,
> Nem que d'elle bem se cante.

> As que o cego anda a vender
> Dizes que são obras más;
> Obras más não podem ser
> As que ajudam a viver
> Auctor e cego e rapaz.

(*Epigrammas*, p. 18 e 215)

Como commentario a estes versos póde servir o artigo que sobre «Os cegos e as noticias» publicou J. Ribeiro Guimarães no *Summario de varia historia*, IV, 57-59, onde relata costumes do sec. XVIII. Havia mesmo em Lisboa uma irmandade de cegos, primeiro na freguesia de S. Jorge, depois na de S. Martinho, á qual pertencia o exclusivo da venda das folhinhas, historias, relações, reportorios, comedias portugüesas e castelhanas, autos, e livros usados: *obra cit.*, p. 57. Vid. tambem Th. Braga «Os livros populares portuguesesۥ» in *Era Nova*, p. 58 sqq.

b) *Jogo da cabra-cega:*

Do jogo da *cabra-cega* me occupei nas *Trad. pop. de Port.*, p. 181. Nas *Satiras* de Couto Guerreiro, p. 291, lê-se o seguinte:

O que em huma doença multiplica
Remedios, não conhece a que os applica,
Anda como quem *joga a cabra-cega,*
Que dá voltas em vão, a vêr se pega.

Sobre o jogo da *cabra-cega*, vid. tambem: Th. Braga, *O Povo Português*, I, p. 299 sqq.; F. Adolpho Coelho, *Jogos e rimas infantis*, n.º 34 (extr. do *Bol. da Soc. de Geogr.*, ser. IV, n.º 12). Este jogo tem em Foz-Coa o nome de *cobra-cega*; e os versos que lá se dizem são:

— D'onde vens, còbrinha-cega?
— De Guiné.
— Que trazes de venda?
— Farinha alveira.
— Busca atrás d'ella! (ou: *Busca, cão!)*

c) *Romarias:*

Os que a romarias vão,
Poderão ir mal, ou bem;
Elles lá o saberão:
Não sei se tem devoção;
Mas gaita de foles tem.

A *gaita de folles* ou de *folle* é effectivamente instrumento favorito em muitas romarias, sobretudo no Norte do reino; mas a sua principal voga é na Galliza. Ha mesmo um curioso livro gallego de versos muito raro, que eu possuo, intitulado *A gaita gallega tocada po lo gaiteiro* (2.ª ed., Pontevedra 1853): ahi se vê a p. 12 uma grosseira estampa que representa o gaiteiro e o seu ajudante, ou tamborileiro. Como espécime dos versos transcrevo alguns:

Vou a tocar co a miña gaitiña,
Vou a tocar un fandango muy bo,
Vou a tocar a muiñeira das festas,
Vou a facer foliada do Dios.

Chii, ii, ii, ii
Oo, òo, òo, òo
Tou porroutou porroutou porroutiña,
Tou porroutou porroutou porroutóo.

Velo ahi tedes tocando o gaiteiro,
Velo ahi tedes c'o tamborileiro,
Velo ahi tedes pesares quitando,
Velo ahi tedes a gente alegrando.

E' o *chii ìi, ìi, ìi — Oo, òo, òo, òo* que constitue o encanto dos povos do Norte. Ditosa gente, que com pouco se contenta! — O gaiteiro constitue o thema de muitos escritos litterarios gallegos.

Tambem em mirandês se trauteam popularmente uns versos a proposito da gaita gallega, que publíco nos meus *Estudos de philologia mirandesa*, vol. II, p. 330-331.

d) *Doces locaes:*

Ninguem ignora como nos conventos de freiras florescia a industria da doçaria, do que ainda hoje muito resta em Portugal. Couto Guerreiro não esquece o assunto nas *Satiras*, p. 160:

Ha sujeito que diz: — Em tal convento
Fazem *bolos reaes* que he hum portento;
Em tal fazem *alperches* primorosos;
Em tal os *fartes* mais deliciosos;
Em tal caixas de *ameixas* celebradas;
Em tal o *manjar branco;* em tal *queijadas.*

Os doces precedentemente indicados existem ainda hoje todos ou quasi todos. No programma da Exposição ethnographica portuguesa do centenario da India, publicado pelo Sr. Adolfo Coelho, Lisboa 1896, acha-se, a pag. 19, tambem uma lista de doces locaes.

e) *Deitar pulhas:*

Não se póde dar honra sem vergonha;
Que honra logo pertendem, que supponha
Em gente que com outra a desafio
Diz pulhas huma legoa, e mais, a fio?
Estes são os malvados arrieiros,
E distam pouco d'elles os barqueiros.

Vae um barco, ou bateira, se outra passa,
Qual se huma fosse campo, e outra praça,
De pulhas se dispara a artelharia,
Ha de huma, e de outra parte gritaria:
Oh! pois diga-lhes lá, que se accommodem,
Em quanto mutuamente ouvir-se podem!
O rancho de quaesquer trabalhadores,
Sejam elles ceifões, ou cavadores,
Cuidam muito, que *vá bem empulhada*
Toda a gente que passa pela estrada,
Bréjeiros, mariolas mal fardados,
Todos são na materia jubilados,
Sem pejo, nem vergonha; d'onde creio
Que isto tudo está de honra muito alheio.

(*Satiras*, p. 130-131).

O costume de *deitar pulhas* é ainda hoje muito vulgar na Extremadura. Para amostra, aqui transcrevo tres quadras que ouvi improvisar no concelho do Cadaval, no Entrudo de 1898. São satiras dirigidas a uma pessoa que, tendo sahido da sua terra, voltára para lá:

Esta pulha vae deitada,
<Ella> vae por cima de um botão [1]:
Tu vieste para cá,
Porque tinhas <muita> precisão!

Esta pulha vae deitada,
<Ella> vae por cima d'uma navalha:
Traz para cá muita besta,
Mas este anno ha pouca palha!

Esta pulha vae deitada,
E já não és o primeiro:
Tu vieste para cá,
Porque <já> não tinhas dinheiro!

Um trabalhador dizia isto no meio de um campo; os companheiros apoiavam-no, aos apupos, em grande algazarra.

A palavra *pulha* existe em hespanhol, na fórma *pulla*, com a mesma significação. Lê-se no *Dicc. de la leng. castellana* da Academia de Hespanha: «PULLA, — dicho obsceno u sucio de que comunmente usan los caminantes, quando se encuentran unos a otros, u a

[1] Colloco entre angulos as palavras que devem supprirmir-se para os versos ficarem mais certos.

los labradores que están cultivando los campos, especialmente en los tiempos de siega y vendimias». Madrid 1737, p. 429.

O costume data já da antiguidade classica. Em mais de um auctor latino se encontra allusão a elle. Aqui cito só Horacio, por o ter mais á mão; diz elle nas *Satiras*, lib. I, sat. VII, vv. 30-31:

> . . . . durus
> Vindemiator et invictus, cui saepe viator
> Cessisset, magna compellans voce cucullum.

Eis ahi sufficientemente explicados os versos de Couto Guerreiro; elle faz ainda uma referencia insignificante ao mesmo assunto nas *Satiras*, p. 186.

f) *Zombarias geographicas:*

> Vem cahir sobre mim uma tormenta
> Mais atroz, mais cruel, e mais violenta,
> Do que se eu perguntasse a sangue frio
> Ou por *Pedro Machado* ao de Palmella,
> Ou por *Manoel de Arês* a toda aquella
> Pessoa que em Alcacer habitasse;
> Ou se lá em Vianna perguntasse
> (A de Alemtejo) *se era ella de Alvito;*
> Ou se assanhasse o povo tão maldito
> De Aguiar, perguntando *que horas eram?*
> Todos estes irados me não deram
> Corrimaça maior. . . . .

(*Satiras*, p. 205-206).

Das zombarias mencionadas não sei se se conserva ainda alguma [1]; mas em todo o país as ha semelhantes. Assim á gente de Vallongo (Douro) não se póde perguntar *pelo Padre Verissimo;* quando lá passa o comboio, se algum viajante se arrisca a fazer a pergunta para a estação, ha sempre insultos e risadas. A's pessoas de Nogueira (c. de Villa Real de Tras-os-Montes) não se póde perguntar *se moe a*

[1] Em Alcacer ha uma marinha chamada de *Manoel d'Arês*, e um moinho com o nome de *Arês*: talvez estas denominações se relacionem com a zombaria de que falla Couto Guerreiro, a qual porém já hoje lá não se conhece. (Informações do meu amigo o sr. Joaquim Correia Baptista).

Vianna do Alemtejo chamou-se outr'ora *Vianna d'Alvito* e *d'apar d'Alvito:* está nisto a origem do ditado, que porém, segundo o que me informa o sr. José Antonio Moniz, já hoje não existe.

O proloquio a respeito de Palmella já não existe tambem. Assim m'o communicou o sr. dr. Gama Barros, e o sr. capitão-Márques da Costa.

azenha; ficam desesperadas, e respondem torto. Isto relaciona-se com outros generos tradicionaes: *Beotiana*, apodos e anedoctas geographicas. Sobre estes assuntos vid. os meus *Dictados topicos de Portugal*, Barcellos 1882; o *Annuario das trad. pop. port.*, 1882, p. 47 sqq. Com relação á França publicaram em 1884 os srs. H. Gaidoz e P. Sébillot um excellente livro intitulado *Blason populaire*, onde se acham compendiados muitos factos e indicações bibliographicas. Sobre os *Beotiana* vid. muitos artigos em varios volumes da *Mélusine*; e cf. tambem *Rev. Lusit.*, II, 69.

II. Litteratura popular

Couto Guerreiro tem nas suas obras allusões tanto á prosa como á poesia popular. Aqui extracto só o que se lê nas *Satiras* e *Epigrammas*. Sobre *Adagios* deixou elle nada menos de dois volumes mss.: vid. os meus *Ensaios ethnogr.*, I, 162-189.

a) *Conto:*

Huma velha, que em casa o sol queria,
E trazê-lo da rua pertendia
Em joeira . . . .

(*Satiras*, p. 21).

Ha aqui um fragmento do conto bem conhecido das *sete parvoices;* as outras seis são (numa versão da Beira-Alta): os gallegos que estavam na cama e não sabiam distinguir as pernas; a terra onde se trabalhava de noite, por se suppôr que não havia dia; a velha que queria quebrar um rochedo, atirando-lhe ovos; o homem que gemia numa toca por vêr uma teia que uma aranha ahi tinha feito durante a noute; a noiva que, entrando a cavallo na igreja, não cabia, pelo que uns diziam que era preciso cortar a cabeça á noiva, outros as pernas á cavalgadura; a rapariga que, indo buscar vinho á adega para dar ao noivo, e vendo pendurados no tecto uma machadinha e outros instrumentos de carpintaria, começou a gritar que, se deitasse na adega o seu futuro menino, aquillo tudo cahiria em cima d'elle e o mataria. A ultima parvoice constitue o nucleo do conto. — D'este conto foi publicada outra versão pelo sr. F. Adolpho Coelho nos *Contos pop. port.*, Lisboa 1879, p. 94 (tem o n.º XLI); e outra, mais ou menos com fórma litteraria, pela sr.ª D. Anna de Castro Osorio na collecção intitulada *Para as crianças*, n.º 33, p. 67 sqq. Conheço varias versões estrangeiras de alguns dos episodios.

b) *Mòdinhas:*

Quem pela rua caminha,
Exercitando a guela
Em cantar [1] sua mòdinha,
Sempre foi suspeita minha
Que lhe falta huma aduella. (*Epigr.*, p, 237).

Nos versos seguintes o auctor especifica varias mòdinhas:

Nas modas de cantar vem *a Amorosa,*
Ossos do canivete, Joanna Roza.
Passarinho trigueiro, Marinheira,
Coranco, Serenim, Luiz Teixeira.
A Viura, Nanita, Ancias, Parado,
A bella Damiana, o Oitavado,
E outras de que se repetem as cantigas,
Que raros tem ouvido por antigas.

(*Satiras*, p. 218).

As mòdinhas tiveram muita voga entre nós no sec. XVIII. Tolentino tambem diz, *Obras*, Lisboa 1861, pag. 251:

Já d'entre as verdes murteiras,
Em suavissimos accentos,
Com segundas e primeiras
Sobem nas azas dos ventos
As *mòdinhas brasileiras.*

E que mal te fez na porta
Pae que ronda de quadrilha,
Cabelleira loura e torta,
Dizer que peçam á filha
Um bocado de *Comporta?*

A' moda da *Comporta* torna elle a alludir a p. 226:

Lhe manda ternos amores
Sobre as asas da *Comporta.*

Outra allusão ás mòdinhas temo-las por exemplo ainda na sua quintilha de pag. 240:

[1] No original está: *Em exercitar sua mòdinha.* Mas, como o verso fica errado, e como o titulo da quintilha é «Dos que *cantão* mòdinhas pelas ruas», creio que o que o auctor escreveu foi *cantar,* e que se imprimiu erradamente *exercitar,* por influencia do *exercitando* do verso precedente.

L'Abbé, que encurta as batinas
Por mostrar bordadas meas,
E, presidindo em matinas,
Vae depois ás assembléas
Cantar modas co'as meninas.

Nos seus livros sobre historia da litteratura portuguesa tem-se o sr. Theophilo Braga occupado das *módinhas*, fundando na compação d'ellas com antigas poesias portuguesas dos Cancioneiros theorias pouco provaveis: vid. por ex.: *Curso de hist. da litt. port.*, 1885, p. 359.

Na secção dos mss. da Bibliotheca Imperial de Vienna vi este anno uma collecção de poesias (com musicas) intitulada *Modinhas portuguesas*, catalogada sob o n.° 19:168. Algumas das módinhas tem os nomes dos auctores, ex.: João Evangelista Pereira da Costa, José Lucas Cordeiro. São do sec. XIX, mas relacionam-se com os costumes do sec. XVIII. Nas rubricas lê-se por exemplo «com acompanhamento de piano forte», «de guitarra». Uma tem o titulo de «canzon brasileira». Nenhuma das que li revela caracter popular. — Tambem na Bibliotheca Nacional de Lisboa (vid. *Inventario*, secção XIII, Collecção Pombalina, Lisboa 1889, p. 96) ha algumas *módinhas* manuscritas do sec. XVIII.

E' possivel que, fazendo-se uma busca, se encontrem ainda algumas das módinhas indicadas por Couto Guerreiro. Do *passarinho trigueiro*, por exemplo, conheço a seguinte quadra popular em Tras-os-Montes:

Passarinho trigueiro,
Põe-te no ramo,
Vem a noite;
Vae-te chegando.

c) *Cantos, danças e entremeses:*

Porém d'alli em fóra muitas vezes
O vi, já repetindo huns *entremeses*,
Já tocando o bordão como viola,
E querendo dançar de cabriola;
Nesta dança alguns tombos padecia,
Mas com os mais que riam tambem ria;
Outras vezes estava horas a fio,
Cantando a desgarrada *a desafio*.

(*Satiras*, p. 165).

Sobre entremeses populares no sec. XVIII vid. Th. Braga, *Hist. do theatro port.*, Porto 1871, p. 82 e 227. — Cantos e danças são bem conhecidos.

d) *Generos varios* (cantigas, pulhas, contos, rimas infantis, romances):

1. De *cantigas* dirá mais de duzentas,
E muita parte d'ellas languinhentas;
Em *pulhas*, não fallemos; se se pica
com outro, nenhum d'elles atrás fica;

5. Gastará quatro noites enfiadas
Em *historias de Mouras encantadas*.

Pois anexins e arengas: o maldito
Enfia a da *Carriça dar um grito,*
E acudirem ladrões; enfia a *Vida*
10. *Da velha,* que não é pouco comprida;
. . . .
E o mais é que alguns sabem arengadas
Que chamam orações, bem dilatadas,
Como he o *Padre nosso pequenino,*
Aquelle celebrado desatino
15. Que começa *Andorinha gloriosa;*

Outra lenda tambem muito famosa
He a *Lá de trás daquella serra*
18. *Lá se faz huma ermida* . . . . .

(*Satiras*, p. 186).

NOTAS A ESTE §

Vv. 1-2.—As *cantigas* são tão conhecidas e abundantes, que não é preciso aqui fallar d'ellas.

Vv. 3-4.—Do uso de deitar *pulhas* fallei supra, i e.

Vv. 5-6.—*Historias de Mouras encantadas* é um termo generico, pareco, para significar *historias da carochinha*, i. é, contos populares. Sobre as Mouras encantadas em particular vid. *Trad. pop. de Portugal*, § 354.

Vv. 7-15.—A expressão *Carriça dar um grito* pertence ao «sermão de S. Coelho», que publiquei nas *Trad. pop. de Portugal*, § 329, embora lá não entre o episodio dos ladrões. Do sermão de S. Coelho ha muitas versões. Aqui copio tres ineditas: na primeira, em vez de S. Coelho, diz-se rei-Coelho; na terceira entra effectivamente o episodio dos ladrões, a que allude Couto Guerreiro:

1) O sermão do rei-Coelho
C'uma barreta vermelha,
Uma espada de cortiça
Para matar a carriça:
A carriça deu um berro,
Toda a gente atormentou,
Só uma velha ficou:

A velha pariu um rato,
Metteu-o num çapato,
Para mandar de presente
Ao sr. Fr. Vicente.

(Villa Real do T. os M.)

2) O sermão do S. Coelho
Tem na barreta vermelha
E a espada de cortiça
Para matá' la carriça;
A carriça deu um berro,
Toda a gente s'espantou:
Só ũa velha ficou
Embrulhada num chichelo («chinelo»)
Para matar o seu velho.

(Alvações do Corgo.—Ouvi-o a uma velha).

3) Stando eu no meu altar,
Começando de prègar,
C'ũa spada de cortiça
Para matá' la carriça.
A carriça deu um berro:
Toda a gente se spantou;
Eu chamei por minha abó,
Minha abó nu' me fallou,
Faláro'-m'aquelles ladrões,
. . . . [1]

(Marco de Canaveses).

Cfr. tambem o sermão popular publicado na *Rev. Lusit.*, VI, 123 (pelo sr. J. M. Adrião), onde igualmente se falla *dos ladrões*.

Da *Vida da velha* ouvi a seguinte versão no concelho do Marco de Canaveses; e parece ser a uma versão semelhante que allude Couto Guerreiro, por elle dizer que esta perlenga «não é pouco comprida»:

Era uma velha que tinha um cão,
E debaixo da cama o tinha;
E o cão làidrava [2].
E a velha toda s'admirava;
Metade do tempo co'isso s'occupava.

[1] O resto da fórmula é, em parte, bastante licencioso.
[2] Nesta região diz-se vulgarmente *làidrar* por «ladrar»; essa fórma explica-se bem por * *ladriar* = * *ladrear*, derivada de *ladrar* ou de *ladro;* quanto á phonetica, cfr. *esfaimado* < *esfameado.*

E era uma velha que tinha um porco,
E debaixo da cama o tinha;
E o cão laidrava,
E o porco roncava.
E a velha toda s'admirava;
Metade do tempo co'isso s'occupava;
Era um passo que muito se contava.

E era uma velha que tinha um gato,
E debaixo da cama o tinha;
E o cão laidrava.
E o porco roncava.
E o gato miava:
Era um passo que muito se contava,
Muita parte do povo co'isto se occupava...

e successivamente se fallava de outros animaes, como o gallo, *que cantava;* mas o meu narrador não me soube dizer o resto: tal extensão justifica em verdade a citada phrase de Couto Guerreiro [1].

O *Padre nosso pequenino* é bastante conhecido; e creio que já publiquei algumas versões. Aqui publico outra:

Padre Nosso pequenino,
Quando Deus era menino,
Tinha as chaves do Paraiso.
Quem lh'as deu, quem lh'as daria?
Foi o filho da Virgem Maria [2].
Cruz no monte, cruz na fonte,
Nunca o Diabo m'encontre,
Nem de noite, nem de dia,
Nem ao pino do meio-dia. (Lamego).

A perlenga da *Andorinha gloriosa* faz parte da *Oração do peregrino*, de que tenho á mão uma versão alemtejana, que consta de 97 versos de redondilhas maior; eis a alludida parte:

Andorinha gloriosa.
Tão purfeita coma a rosa;
Quando Deus aqui naseeu.
Todo o mundo escarleceu («esclareceu»).
Etc.

[1] Parece que tambem se chama a isto *O conto da velha.*
[2] Numa versão de Villa Pouca d'Aguiar este verso e o antecedente são:

Quem lh'as deu, quem lh'as dera?
Santa Maria Madanela.

Em tudo o mais a versão de Villa Pouca é igual á de Lamego.

Tambem no Alemtejo ouvi os mesmos versos avulsamente:

Andorinha gloriosa,
Tão purfeita coma a rosa,
Quando Deus aqui nasceu,
Toda a terra estreleceu,
Quando Deus aqui passou,
Toda a terra alumiou. (Montemór-o-Novo).

Tambem n-*A Tradição*, II, 158, se encontram os versos:

Andorinha gloriosa,
Onde é a tua cidade,

mas pertencem a outro assunto; e certamente o adjectivo *gloriosa* foi aqui applicado pelo povo á andorinha pelo conhecimento da oração precitada.

Vv. 16-18. — Ha aqui allusão a um romance popular, de que publiquei uma versão no meu *Romanceiro português*, Lisboa 1886, n.º XXXIV.

III. Superstições populares

São muitas as superstições que Couto Guerreiro cita nos seus versos. Para mais clareza considerarei aqui os seguintes grupos: crendices em geral; agoiros; mau olhado, lua e quebranto; seres sobrehumanos e pessoas de virtude.

a) *Crendices em geral:*

1. Hum credulo não he mal comparado
Com doente que está amodornado;
. . . . [1]
Dá com hum, que he da sua mesma massa,
Ou com outro que mente em tom de graça;
5. Alli lhe vai pregando cataplamas
De *bruxas, lobishomens* e *fantasmas*
De defuntos que tem apparecido
A gente, que com medo tem morrido.
. . . .
Diz-lhe que em huma noite tormentosa
10. Vio em hum cemiterio numerosa
Procissão dos que alli mortos jaziam,
E muitas candeinhas, que traziam.
. . . .

[1] Suppro por pontos tudo o que não tem relação directa com as tradições ortuguesas.

Crê em *ventre cahido, lua*, e *olhado*,
E outras queixas, que tem elle inventado;
15. Crê em *velhas que benzem* d'estas queixas
Com contas mais churudas do que ameixas.
Imagina que tem grande conforto
No de *carne quebrada e nervo torto*,
No de *fita fitado*, e outras arengas,
20. Que sempre para mim foram flamengas.
Por isso os embusteiros *benzedores*,
Os *homens de virtude*, comedores,
Se dão nelle, e em outros d'esta casta,
Tem para se manterem quanto basta.
25. Porém não pára aqui inda o seu erro.
Pelas superstições: *se passa enterro*
Pela rua, e elle em casa tem doente,
Por fôrça quer que o misero se sente.
Cobra que lhe entra em casa está segura,
30. Porque diz que o matá-la he má ventura:
Tendo uma luz na mão medo concebe
De beber, porque crê que sangue bebe.
Se *uiva cão*, emborcando o seu çapato,
Imagina se calla o som ingrato:
35. Chamo-lhe som ingrato, porque entende
Que he agouro; e assim d'elle se defende.
Além d'este inda tem outros *agouros:*
Anoca-se, *se em casa entram bisouros;*
Se antes da meia noite canta um gallo,
40. He agouro, e está morto por matallo.
Se a coruja grasnou sobre o telhado
Cuida que a morte vem, fica finado;
Se vidro se quebrou em sua casa,
Cuida que esta afunde, que se arrasa;
45. Estrago que succede *em sexta-feira*,
Inda que elle succeda por asneira
Do mesmo que padece aquelle estrago,
Culpa o dia que diz ser aziago.
Mette ás pobres mulheres susto horrendo,
50. *Se vem anno bissexto;* e eu entendo
Que se então tem hum parto risco ou custo,
He a causa talvez aquelle susto.
Leigeirezas de mão cuida que he arte
Do diabo; e, em vendo alguma, logo parto,
55. E diz que, se Christãos ha verdadeiros,
Não devem consentir taes feiticeiros.
Tem medo dos *eclipses* e *cometas*,
Por lhe terem mettido muitas petas
Com elles indicarem mil perigos

60. De peste, fome e guerra e outros castigos
Os *Sarrabaes* tem nelle o seu patrono:
Quantas vezes de noite perde o somno,
Porque o seu *Sarrabal* lhe diz que em Maio
Hão-de (*sic*) haver furacões, e muito raio?
65. Tem que vêr como está imaginario
A lêr a sua sina no *Lunario!*
Se pronostica bem, alegre rosto;
Se mal, ei-lo com cara de desgosto.
Elle credulidades tem tão fortes,
70. Que até crê nesse livro, que ha de sortes.
. . . .
Só nas casas do credulo apparecem
Cousas más; alli *trasgos* anoitecem:
He diabolica a séca, quando investe
A contar o que passa com tal peste.
75. Tem-lhe pregado peças muito duras
Com *rugir de cadeiras* ás escuras;
Com *vozes* muito cheias de agonias
De defuntos, que pedem romarias:
Anda ás vezes com susto e com desvelo
80. Mais do que esses defuntos amarelo.

(*Satiras*, p. 85-89).

NOTAS A ESTE §

Vv. 5-8.—Das *Bruxas* e *Lobishomens* tratei nas *Trad. pop. de Portugal*, §§ 380 e 346. As apparições de defuntos são muito vulgares nas crenças populares; e não constituem só superstição, mas doença verdadeira.

Vv. 9-12.—Sobre a procissão de defuntos vid. Consiglieri Pedroso, *Trad. pop. port.*, n.º XIV, «Almas do outro mundo» [1]. Em Castello de Paiva tambem se diz que na noite dos fieis defuntos andam os mortos de roda da igreja com *luzinhas accesas*. A mesma superstição existe em muitas outras localidades nossas.

[1] O sr. Pedroso cita a p. 31-35 umas superstições que eu lhe tinha indicado; nessa indicação havia uns versos incompletos, que posso agora completar, pois os ouvi em Lisboa uma vez ao passar casualmente por uns aldeãos (ignoro porém a naturalidade d'elles; mas ouvi em criança, na Beira, versos semelhantes). São assim:

O' alma dianteira,
Toca lá nessa caldeira.
Quando eramos vivos,
Andavamos por aqui aos figos;
Agora que somos mortos,
Andamos por estes barrocos.

Vv. 13-14.—Estas creanças encontram-se ainda hoje, e ha fórmulas magicas ou ensalmos para as curar.

a) Para se curar *o ventre cahido* faz-se o seguinte:

Diagnostico.—Aproximam-se um do outro os pés do doente: se os dois dedos grandes ficarem do mesmo tamanho, não ha *ventre cahido;* se ficarem desiguaes, ha.

Therapeutica.—A curandeira toma unto de porco (se fôr velho, melhor), e esfrega-o em duas folhas de couve, batendo-as em seguida na mão; depois de ter com as mãos tocado, e como que contrahido um pouco, as paredes do abdomen da pessoa doente, põe uma das ditas folhas adeante, na bocca do estomago d'elle, e outra nos *rises* («rins»), e cinge a pessoa de uma ligadura. Por fim diz estas palavras por tres vezes:

Assim como as aguas do mar
Saem do mar
E tornam para o mar:
Assim o ventre d'esta criatura
Torne ao seu lugar. (*Mesão-Frio*).

Numa versão de Castello de Paiva diz-se:

Assim como o padre se veste
E reveste
E vae para o altar:
Assim este ventre
Torne ao seu lugar.

Muitas vezes as operações magicas, como estas, baseiam-se numa relação analogica: no caso presente desejou estabelecer-se analogia entre o restabelecimento visceral e a volta das aguas para o mar ou (o que é menos rigoroso) a ida do padre para o altar. Suppõe-se que o primeiro facto é concomitante dos outros. Já alludi a isto na *Era Nova,* 1880-1881, p. 514-515. Os exemplos d'esta natureza abundam, tanto nas superstições portuguesas, como nas estranhas. Não posso, porém, aqui desenvolver mais o assunto.

b) *Lua.* Sobre a doença da *lua* nas crianças vid. as minhas *Religiões da Lusitania,* I, 116, n. 2. Uma fórmula para a curar foi publicada pelo sr. J. Maria Adrião in *Rev. Lusit.*, VI, 106-107. No concelho de Avis tambem ouvi o que aqui publico, e que é ao mesmo tempo contra a *lua* e contra o *quebranto*:

Aqui te benzo, criatura,
Co'a minha mão peccadora,
E a Virgem Nossa Senhora
E o devino Sprito-Santo.

Aqui te benzo de lua e cobranto,
Em nome de Deus padre
E do devino Sprito-Santo.
A Virgem Nossa Senhora co'a sua vertude
Cure e amèzinhe todo o mal
Que tem esta criatura.
A Virgem Nossa Senhora,
Assim [como] curô sê bento filho
Nos alpendres de Belem,
Cure e amèzinhe todo o mal
Que esta criatura tem.

Recita-se nove vezes, fazendo-se cruzes sobre a pessoa doente. Depois ha o seguinte *offerecimento:*

Anecril que foste nado («alecrim»)
Sem ser samiado,
P'la vertude que Dês te deu,
Tira este ôlhado
Ô sêja cobranto ô não,
Tirér mal a este christão (*sic*).

A' doença produzida pela lua ha uma allusão nos seguintes versos de A. Lopes Vieira (*O Náufrago,* Lisboa 1898, p. 30):

Não quero olhar para a tua
Carinha d'oiro, que mente,
Dizem que olhar para a lua
Faz mal aos olhos da gente.

Cf. tambem a expressão popular *aluado,* a que corresponde a litteraria *lunatico.*

3. Ha muitas fórmulas para curar o *mau olhado,* ou para o prevenir. Na *Era Nova,* 1880-1881, p. 546, publiquei uma; com essa cf. a que o sr. J. M. Adrião publicou in *Rev. Lusit.*, VI, p. 105. — Vid. sobre o assunto o art. do sr. F. Adolpho Coelho «O quebranto», publicado na *Rev. de sc. natur. e soc.*, vol. III, p. 117 sqq. — Do mesmo assunto tem tratado amplamente J. Tuchmann no periodico francês *Mélusine,* desde o vol. II até o X (em publicação); o trabalho intitula-se «La Fascination».

Vv. 15-20. — Sobre as benzedeiras vid. este artigo, III-b, 3. As expressões *carne quebrada, nervo torto, fita fitàdo* pertencem aos ensalmos. A ûltima não me recordo de a ter encontrado [1]; as outras

[1] Relaciona-se porém talvez com a expressão *afito,* que vem em Curvo Semedo, e designa uma doença attribuida pelo povo á lua. O sr. Adolfo Coelho, que

encontram-se iguaes ou muito semelhantes: vid. por ex. o meu artigo «Carmina magica» in *Era Nova*, 1880-1881, p. 533 e 526 (ahi se falla em *carne quebrada* e *fio torto*). Eis aqui uma fórmula inedita para curar a torcedura, na qual se falla em *nervo torcido*, expressão que corresponde ao *nervo torto* do texto de Couto Guerreiro:

> Eu te coso.
> Pé aberto (braço etc.),
> *Nervo torcido* [1],
> Ou estremecido:
> Eu louvor da Virgem Maria,
> Que elle sararia. *(Alvações do Corgo).*

As *velhas que benzem*, de que falla o poeta, abundam ainda hoje. Por mim tenho encontrado muitas; foi mesmo uma quem me recitou este ensalmo.

Vv. 21-24.—Dos *benzedores* e *virtuosos* se falla neste estudo, III-*d*-1 e III-*d*-3.

Vv. 25-28.—Cf. *Trad. pop. de Port.*, § 342-u. Uma velha de Alvações do Corgo disse-me: Se estiver um doente a dormir, quando passar um enterro, manda-se assentar, para que não lhe dê algum ar.

Vv. 29-30.—Não conheço precisamente esta superstição em Portugal, mas comprehende-se a sua existencia, porque para os Romanos as cobras representavam muitas vezes os *genii*: diz. por ex., Preller, *Römische Mythologie*, II, 1883, p. 196: «Die gewöhnliche bildliche Darstellung dieser dämonischen Wesen war hier wie überhaupt die Schlange (*serpens. draco*), die man deshalb gerne bei sich in den Häusern und in den Schlafzimmern hielt». A nossa superstição deve ter essa origem.

Vv. 31-32.—Conheço uma variante d'esta superstição: quem bebe agua com uma luz na mão, ou bebe o juizo, ou soffre gotta. *Trad. pop. Port.*, § 89.

Vv. 33-36.—Superstição igual existe ainda hoje: vid. *Trad. pop. de Port.*, § 316-*d*, onde a completo com uma fórmula.

V. 37.—*Agouros.*—Vid. as notas seguintes.

V. 38.—Quando entra um *abesouro* preto em casa, é desgraça (Alvações do Corgo). Outros dizem que é signal de visita importuna, e, para ella se ir embora, volta-se um banco de pernas para o ar (Tras-os-Montes); cf. *Trad. pop. de Port.*, § 274.

Vv. 39-40.—*Gallo.*—A mesma superstição existe ainda: *Trad. pop. de Port.*, § 285-*g*.

transcreve o texto de Semedo, accrescenta: «A palavra *afito* deriva de *afitar* (composto de *fitar*), e mostra por tanto a correlação com o quebranto pelos olhos, ou porque a criança fite a lua, ou seja fitada por alguem que tenha o poder de quebrantar». In *Rev. de sc. natur. e soc.*, III, 123.

[1] Na ling. pop. *nervo* significa «tendão».

Vv. 41-42.—*Coruja.*—O mesmo succede hoje: *Trad. pop. de Port.*. § 292-*b*.

Vv. 43-44.—E' muito vulgar ainda agora a superstição que, se estala um vidro, acontece desgraça.

Vv. 45-49.—Não é só a sexta-feira que é dia aziago; ha ainda outros. Cf. *Revista Lusitana*, v, 310. Um proverbio bem conhecido diz:

A's terças e sextas-feiras
Não cases a filha
Nem urdas a teia.

Vv. 50-52.—A superstição com o anno bissexto é tambem muito vulgar.

Vv. 53-56.—*Ligeireza de mão* é aqui o mesmo que *prestidigitação*, a qual não tem entre nós cunho popular.

Vv. 57-60.—Sobre as superstições dos cometas e eclipses vid. *Trad. pop. de Port.*, §§ 59 e 37, as quaes, como a maior parte das outras, são de todos os tempos e de todos os povos. Ainda por occasião do eclipse de 28 de Maio de 1900, apesar de elle ter sido de ante-mão annunciado por todos os jornaes, de se terem feito em differentes pontos do país varios preparativos para poder ser observado scientificamente, houve pessoas e povos que se encheram de pavor. Convém aqui archivar alguns factos a este proposito, para se vêr a tenacidade da superstição. Extráio-os do *Seculo* de 30 de Maio de 1900. «O eclipse em Oliveira de Frades (diz-se num telegramma) aterrorizou toda a gente. Houve gritos, desmaios e choros». E noutro telegramma da mesma localidade: «(O eclipse) foi total, o que aterrou muita gente no mercado que hontem se realizou. Muitas pessoas gritavam aterradas, de joelhos e mãos postas erguidas, dizendo que era o fim do mundo». Num telegramma de Sabugal: «O panico na villa foi pequeno. Em várias freguesias do concelho julgaram proximo o fim do mundo, fazendo preces nas igrejas, onde permaneceram até ao fim do phenomeno». Num telegramma de Castro-Daire: «A prevenção do phenomeno feita ao povo pelos parochos d'este concelho deu resultado contraproducente, aterrorizando-o bastante, e, sendo o dia 28 aqui dia de feira, poucas transacções se effectuaram, retirando o povo apressadamente, na maior parte julgando ser o fim do mundo, para morrerem nas suas casas.... Em quasi todos os logares do concelho era grande o terror do povo, crescendo logo que se deu a totalidade. Todos oravam e choravam em altos gritos, pedindo a Deus misericordia». Num telegramma de Teixoso: «O povo aterrorizou-se». Um telegramma de Arganil falla tambem do terror do povo. Num de Penamacôr lê-se: «Muitos trabalhadores deixaram de trabalhar. O panico entre a gente menos illustrada foi grande, havendo gritos pedindo misericordia.... um proprietario lançou-se á ribeira, morrendo afogado. Muitos trabalhadores fugiram assustados dos campos, outros lançaram-se por terra, implorando a intervenção divina».—As populações

da Beira, como as de todo o Norte do país, são muito supersticiosas, mais que as do Sul; por isso comprehende-se que o eclipse produzisse nellas grande impressão.

Vv. 61-64.—SARRABAES.—No *Dicc. da ling. port.*, attribuido a Fr. Domingos Vieira (digo *attribuido,* porque nelle collaboraram muitas pessoas que o desfiguraram) lê-se o seguinte: «*sarrabaes,* s. m. plur. = significação incerta». Dos versos de Couto Guerreiro conclue-se que os *Sarrabaes* são livros de pronosticos. Effectivamente na nossa litteratura do sec. XVIII ha varios livros d'esse assunto, com o titulo de *Sarrabal*; aqui menciono alguns:

Prognostico e curioso Sarrabal para o anno de 1729, por Rodrigo de Sousa Acoforado, Lisboa 1729;

Grão pescador Cosme francez, Sarrabal saloio e irmão gemeo de Damião francez.... para o anno de 1735;

O cego astrologo Antonio Pequeno, filho bastardo do Sarrabal Saloyo.... para o anno de 1738;

O astrologo cortezam Porthasio Apiano, Sarrabal ocioso etc.... para o anno de 1738.

O nome *Sarrabal* parece ser o de um auctor italiano que se occupou d'este assunto; pelo menos noutro livro português do mesmo genero leio: *Almanaque lusitano do anno de 1730.... em que se segue a doutrina e o methodo do* SARRAVAL MILANES.... por Innocencio Fernandes de Coura, Lisboa 1729. Mas, apesar das pesquisas que a meu pedido fez o illustre professor italiano o sr. dr. E. Gorra, nada mais pude averiguar sobre este supposto auctor milanês.

Depois, em virtude de uma lei de linguagem que a velha rhetorica chamava *metonymia,* tomou-se o auctor pela obra, e passou a chamar-se familiarmente *sarrabaes* a estes livros de prognosticos.

Vv. 65-68.—*Lunarios* eram livros analogos aos *sarrabaes,* com repertorios e prognosticos. Como amostra, aqui dou os titulos de dous:

O non plus ultra do Lunario e prognostico perpetuo.... por Jeronymo Cortes & Antonio da Silva de Brito, Lisboa 1703;

Prognostico e lunario para o anno de 1731... por Damiam Francez (parece pseudonymo), Lisboa 1730.

Vv. 69-70.—Ha varios *livros de sortes* antigos e modernos. Possuo um, mas não o encontro agora, para o poder aqui citar.

Vv. 71-74.—Sobre *cousas más* e *trasgos* vid. *Trad. pop. de Port.*, §§ 368 e 361. Cf. a nota que se segue.

Vv. 75-76.—Em Foz-Côa diz-se que anda de noite o *Strago* a fazer muito barulho, a mexer em tudo, e que não se vê nada. A fórma *Strago* é variante de *Trasgo,* sob influencia do substantivo *(e)strago* e do verbo *(e)stragar*.

Vv. 77-80.—São muito frequentes os casos d'esta especie, e entram por vezes nos dominios da pathologia mental.

b) *Agoiros:*

Aborreci como peste
Agoiros do tempo antigo:
Tu em agoirento déste,
E agoirento me fizeste,
Pois tenho agoiro comtigo.

(*Epigrammas*, p. 467).

Agora contra mim se volta o touro,
Porfia que *ave* sou *de mau agouro*,
Que tudo quanto he ruim lhe prognostico.

(*Satiras*, p. 110).

Os *agoiros* são ainda agora crença muito vivaz, como é sabido. Cf. supra, III-*a*, nota ao v. 37.

c) *Mau olhado, lua* e *quebranto:*

Este epigramma é dirigido *A huma benzedeira:*

Que eu tinha olhado convinhas;
E se mal ha tão damnado,
Eu creio que tinha *olhado*,
Pois tu olhado me tinhas [1].

(*Epigrammas*, p. 185).

Então tomará raiva a Anna Ribeira,
Que he da *lua* e do *olhado* benzedeira,
Não toma: com aquella uze outro tanto;
Visto que ella curava do *quebranto*.

(*Satiras*, p. 215).

Sobre *mau olhado, lua* e *quebranto* vid. supra, III-*a*, nota aos vv. 13-14.

d) *Sêres sobrenaturaes e pessoas de virtude:*

Para maior commodidade subdivirei este § noutros secundarios:

[1] Ao mesmo tempo o A. equivoc com *olhado*, substantivo = *mau olhado*, e *olhado*, participio.

1. *Pessoas de virtude em geral:*

Alguns mettem-se a *homens de virtude*,
Vêm por dentro; promettem dar saude.

(*Satiras*, p. 176).

E' celebre o *menino virtuoso* de Vendas-Novas, de que tanto fallaram os jornaes aqui ha annos. No Alemtejo são conhecidos ainda outros *virtuosos* (ou *vertuosos*, como lá dizem), por ex. o das Albardas e o da Albardeira, ambos elles gente moça. Mas *mulheres* e *homens de virtude* ha-os, segundo a crença popular, por todo o país.

2. *Ciganos que dizem a «buena-dicha»:*

Hum prodigo perguntou
A huma cigana, que tal
Fim a sorte a elle outorgou:
Ella lhe prognosticou
Que ir morrer num hospital.

Cuidas que he huma cigana,
Quem mais engana?

(*Epigrammas*, p. 15 e 44).

Este costume existe sobretudo no Alemtejo, onde vivem muitos ciganos. Uma vez em Ponte de Sôr tambem uma cigana me disse a mim a *buena-dicha*, pegando-me na mão, e examinando as linhas e prégas da palma. Numas *Constituições episcopaes* portuguesas do sec. XVII lê-se: «E declaramos que os que pedem aos *Egypcios* lhes digam sua boa ou má fortuna, peccam gravemente» (apud F. Adolfo Coelho, *Ethnographia portuguesa*, p. 28), onde *egypcios* significa «ciganos». Sobre estes costumes dos ciganos vid. do citado auctor *Os ciganos de Portugal*, Lisboa 1892, p. 168 sqq. Num ms. do anno de 1823 (proveniente do convento de S. Bento, de Evora), que contém um auto pastoril, em que entra uma cigana a *lêr a sina*, diz-se:

«Aqui está Adruzilina,
egitanata, pelingrina,
Senhor, na vossa presença,

ao Menino Jesus

que humilde pedo licença
para lêr a vossa sina.
—Menino, dae-me essa mão:
que bella, rica mãozinha!

beja a mão

já eu vejo nesta linha,
com mágoa do coração,
que trinta annos só serão
e mais tres da vossa vida,
que nada tem de comprida;
este risco, d'esta sorte,
é sinal certo de morte
na idade mais florida.

chora»

E continúa a cigana indicando toda a vida futura de Christo.— Este ms. vi-o em Evora em 1889, por intermedio do sr. Gabriel Pereira. Já me referi a elle na *Revista Lusitana*, II, 19.

3. *Benzedores:*

1. Não sei com que parecer
Benzedores aturais,
Sendo huns ignorantes tais,
Que não se sabem benzer,
5. E querem benzer os mais [1].

(*Epigrammas*, p. 203).

Confessou-se que benzia
Huma velha: o confessor
Perguntou-lhe o que dizia:
Faço cruzes, respondia,
10. E digo cá no interior:

Mal de tolo se te acabe;
Oh coitadinho de quem
He tolo, e mais não o sabe!
Esta benzedura cabe
15. A muita gente de bem.

(*Epigrammas*, p. 402).

Outros são lá no campo benzedores:
Encaixam na cabeça a lavradores
Que ha-de vir por alli hum cão damnado,
Que lhes ha-de morder todo o seu gado;
20. Supplicam-lhe que benza por cautela;
Benze; e benze-se farto de panella.

(*Satiras*, p. 176).

[1] O A. equivoca entre *benzer-se* e *benzer*.

As bençãos fazem-nas quer os *bentos*, quer mesmo os padres, segundo o que tenho visto. Como santuario em que se benzem os cães damnados tornou-se celebre Santa Quiteria de Méca.—Cf. tambem *Trad. pop. de Port.*, § 375.—Os vv. 11-13 são graciosos; imitam, na fórma, ensalmos verdadeiros.—Sobre as *benzedeiras* vid. este artigo, III-*a*, nota ao v. 15.

4. *Exorcistas:*

Podia-se dar por dito
O que creio não ignora
Hum *exorcista* perito:
E he que não sustente o esprito
De espritos que deita fóra.

(*Epigrammas*, p 199).

Sobre exorcismos e exorcistas vid. o que escrevi nas *Religiões da Lusitania*, I, 174.

5. *Vèdores:*

Lê-se nos *Epigrammas* este com o seguinte titulo: «Ao que diz que vê a agua debaixo da terra»:

Dizes *ver o nascimento*
Da agua, onde não he patente;
Eu faço maior portento,
Que vejo o teu pensamento,
E vejo que elle que mente.

(*Ob. cit.*, p. 146).

D. Rafael Bluteau dá de *vèdor* a seguinte definição no seu *Vocabulario:* «*Vèdor de agoa.* Aquelle que conhece aonde ha agoa, para fazer poços, fontes, & com mais razão lhe chamão os Latinos *indagador*, ou *investigador*, do que nós *Vèdor*, porque d'estes presumidos Vèdores d'agoa mais são os que a buscam que os que a vêm. Dizer que os taes vèdores tem a vista tão penetrante, que traspassão a opacidade da terra, ainda que seja opinião favorecida de Celio Rhodigino, he contrario á razão natural....»

Aos *vèdores* me referi tambem nas *Trad. pop. de Port.*, § 376.—A palavra *vèdor* relaciona-se com *veedor*, derivada do verbo *veer* < l. videre; o *è* corresponde, como se sabe, a *ee*; cf. *prègar* < *preegar* < l. praedicare, *crèdor* < *creedor*, palavra relacionada com a arc. *creer* < l. credere.

6. *Lobishomens:*

> Se os *lobishomens são ditos*
> *Por constar de lobo e homem,*
> Ha muitos d'estes malditos:
> Porque ha homens infinitos,
> Que são lobos no que comem.

(*Epigramma*, p. 218).

Cf. supra, III-*a*, v, 6. — Vid. em especial sobre os *lobishomens*: Consiglieri Pedroso, *Trad. pop. port.*, n.° VII; Adolfo Coelho, in *Rev. de ethnologia*, p. 179; as minhas *Trad. pop. de Port.*, p. 260; Theophilo Braga, *O povo português*, II, 155. Ultimamente publicou-se (Lisboa 1900) uma comedia do Camillo Castelo Branco, que estava inedita, *O lobishomem*, á qual o sr. Alberto Pimentel faz um prologo, onde, a p. VII, se refere tambem á superstição dos lobishomens.

7. *Almas do outro mundo:*

> Se algum vos diz, que *lhe tem*
> *Hum defunto apparecido;*
> Vereis se observareis bem,
> Que esse defunto só vem
> Depois de elle ter bebido.

(*Epigrammas*, p. 251).

Cf. supra, III-*a*, v. 78. — Vid. as minhas *Trad. pop. de Port.*, § 374.

8. *Feiticeiras:*

> Outras em tanto somno tem cahido,
> Que estão sobre o filhinho a noite inteira,
> Que para as acordar, não tem sentido.
> Elle amanhece morto, e a mãe grosseira,
> Que inda crê em apocryphos authores,
> Culpa logo a *visinha feiticeira.*

(*Satiras*, p. 225).

Sobre as feiticeiras vid. *Trad. pop. de Port.*, § 378. — Com quanto sejam sobretudo as Bruxas que fazem mal ás crianças (vid. *Trad. pop. de Port.*, § 380), tambem muitas vezes se incriminam as feiticeiras: é assim que em Fozcôa, quando nasce uma criança, veste-se-lhe uma camisa do avesso, para as feiticeiras a não molestarem; pelo mesmo motivo se tem sempre uma luz accesa, emquanto não chega o

dia do bàtismo. — A última superstição, pelo menos, parece-me dever ser mais particularmente referida ás Bruxas.

*

Foi isso o que se me deparou mais importante na leitura que fiz das duas citadas obras de Couto Guerreiro, *Satiras e elegias*, e *Epigrammas*.

Além d'esses factos, que pertencem ao nosso thesouro tradicional e antigo, e entram propriamente no estudo da ethnographia, encontram-se ainda nas referidas obras muitas observações curiosas, quer sobre a vida geral do povo português, quer sobre o sec. XVIII em particular: o peralta e o taful ahi são photographados; as vicissitudes das modas, os jogadores, os saltimbancos, os bobos, tudo deve ao auctor allusões graciosas ou satiricas; nem os proprios grammaticos e colleccionadores de antigualhas lhe escapam! a vida das crianças, os varios officios e usos, as comidas locaes e funçanatas, merecem-lhe igualmente attenção:

> Não fallemos no chá, e nas fatias,
> Naquellas duvidosas cortesias,
> Se se ha de pôr a chicara emborcada,
> Se a colhér como tranca atravessada,
> Ou dizer-se: Não quero mais!..... [1]

Notavel é tambem na *Visitas das Senhoritas*, a que já me referi acima, a descripção dos dialogos de frioleiras, dos começos das práticas, e das despedidas longas:

> . . . . ellas se abraçam
> E tornam a abraçar; e d'alli passam
> A mil satisfações dos muitos dias
> Que humas de outras andaram arredias.
> . . . .
> Se huma traz um vestido de nova arte,
> Alli se ha de observar parte por parte:
> Fazem que se levante, andam de roda,
> Não escapa um pontinho da tal moda.
> . . . .
> Despedem-se, porém não se despede
> A séca: nova séca lhe succede
> Das que ficam, que em tudo quanto havia
> Nas outras vão fazendo anatomia.

[1] *Satiras*, p. 211.

Para os beatos tem sarcasmos muito fortes, que de certo lhe não acarretariam as boas graças dos conventos:

> Quem hum vir de Terceiro andar vestido,
> Com as contas na mão, rosto cahido,
> As palavras modestas e contadas,
> Para as cousas de Deus encaminhadas;
> Quem vir que o templo tem como assistencia,
> E que alli com profunda reverencia
> De joelhos o mais do tempo esteja,
> Que dos braços faz cruz e as pedras beja;
> . . . .
> Quem o vir, não dirá que elle é hum santo?
> Sim, dirá; e eu tambem digo outro tanto;
> Mas a larga experiencia tem mostrado
> Que alguns d'estes nos tem já enganado.
> . . . .
> O fim d'estes hypocritas fingidos
> He serem estimados e validos,
> Terem certo o vestir, certa a comida,
> E serem huns varões de boa vida! [1]

*

Fica assim bem patente a importancia ethnographica das obras de Couto Guerreiro. Elle era medico; não admira, por conseguinte, que, em virtude dos seus estudos profissionaes, observasse com algum cuidado a alma humana, e, por ter entrada em todas as casas, e lidar com todas as classes sociaes, tanto soubesse da vida alheia.

Lisboa, 23 de Outubro de 1900.

J. Leite de Vasconcellos.

---

1. *Satiras*, p. 69-70.

O GUINÈENSE

(Vid. *Rev. Lusit.*, vol. v, pag. 174 e 281)

CAPITULO II

(Continuação)

§ IV

Themas de syntaxe

Muito embora, grammaticalmente falando, não possa deixar de haver tal ou qual divergencia entre a phraseologia classica de um idioma culto e o seu dialecto — velho e abastardado — com laivos de africanismos nos termos e na fórma, como suppomos existir no guinèense; abalançamo-nos, comtudo, á tarefa para nós nada facil de verter com todo o cuidado para esse dialecto numerosos exemplos tirados intencionalmente da *Grammatica Portugueza* do sr. Epiphanio Dias, para que não se diga que adrede forjamos themas com que viessemos em apoio de alguma opinião ou ideia preconcebida, — que não ha: e se alguma houvera, seria evidentemente sem consequencias na interessantissima questão, ha muito travada, ácerca de materia e fórma dos dialectos creoulos; luta, de que temos conhecimento muito superficial, e quasi que só por informações, e por isso provisoriamente afagamos um modo de vêr particular na these sujeita, e que havemos de expôr, pela simples razão de que quem escreve deve ter uma ideia sobre aquillo que escreve, se quiser ser alguma coisa mais do que simples machina ou relogio de repetição.

Esses novos themas que agora seguem, quasi baldos de analyse e de commentarios, justificam mais uma vez o titulo deste capitulo **Apontoados grammaticaes**: apontoados apenas, por cento; nem agora nos sobejaria tempo e paciencia para aspirar a mais nada senão ao prazer intimo de apresentar materiaes de algum valor — e de primeira mão — ás sabias lucubrações dos especialistas experimentados.

Prevenimos que fechamos com parenthesis as traducções mais ou menos aportuguesadas segundo a fórma e o genio da lingua que não do dialecto, tão bem como as faria o meu primo Luiz, — Souza Monteiro ou Bertrand Bocandé.

Dissemos que a pronuncia do s final é identica ao *s* inicial do português, e podiamos por consequencia representar invariavelmente

essa sibilante com ç; porém, occorre-nos agora (excessos de escrupulo?... será!), que o valor dessa consoante nem sempre é egual em todas as terminações, principalmente quando é precedida de vogaes atenuadas e obscuras. — O *s* de *mós* (moço) e de *dès* (Deus) não é o mesmo que o *s* de *pêç*, de *dôç*, de *arôç* e de *aòç*, cuja pronuncia é egual ao *s* distinctivo dos Madeirenses, ou aproximadamente dos Allemães em *ans* e *Schillers*.

E não será demais repetir que o nosso empenho, um dos que mais temos em vista, é normalizar a orthographia — esse escolho em que esbarramos a cada passo; porém, como os nossos originaes são de tempos a tempos dados á estampa, e a longos intervallos na cidade do Porto, estando nós em Lisboa, póde muito bem acontecer que não tendo os originaes e nem sempre as provas de paginação á vista para nos chamar a attenção sobre o que deixamos preestabelecido, nos desviemos uma vez ou outra das normas que a nós proprios impusemos.

Não obstante, o que seria escusado dizer, as regras ficarão sempre de pé para servirem de correctivo ás nossas variações involuntarias, ou lapsos de memoria.

I. Composição da oração

1. «O leão e o tigre são carnivoros».
   lion co' onça é sedo comedor de carna.
2. «O peixe nada».
   pêç TA *nadà,* isto é: sabe nadar.

N. B. *ta,* póde levar o verbo ao futuro: *e' ta nadà,* elle nadará. Se, porém, quando se diz «o peixe nada» se deve entender que está nadando, no dialecto é:

pêç NA *nadà.*

3. «Foi cognominado o lavrador».
   ê chomado labrador.

N. B. *ê*=*é*=foi: *e'*=elle: *é*=elles: *ès*=elles: *e*=e.

4. «Gerou o homem que...»
   e' padi quel pecador que.
5. «Dar alguma cousa a alguem».
   longà alguen algun cussa.
6. «Batem á porta»:
   (é NA *batè porta*=açoitam a porta: *é* NA *batè na porta*= dão pancadas na porta).
   é NA *pangà na porta.*

N. B. *pangà,* de «pan-pan»; forma onomatopaica?

II. Complementos regidos de preposição

7. «Eu parti de manhã»:
   NH *largà pal-manhà.*

N. B. Partir=*parti,* quebrar, repartir.

8. «Dar uma coisa a alguem».
longà alguen un cussa.

N. B. Quando se dá ou recebe alguma coisa estende-se o braço, «faz-se o braço longo». «alonga-se o braço»: *braçolongar*. Velha fórma, e uma das caracteristicas das linguas sem flexão.

9. «Declarar guerra a alguem»:
biscà (ou *buscà*) *alguen guèra; biscà alguen palabra.*

10. «Obedecer a seus paes»:
badcè par sê papès.

N. B. *badcè sê papès*, cumprir uma ordem de seus paes.

11. «Foi á França»:
e' bá França.

12. «De Valença ao cabo de Santa-Maria»:
de Balença té Ponta de Santa-Maria.

N. B. *cabo* = logar, sitio.

13. «Foi para o Brasil»:
(elle bác pa Brasil).
e' bá Brassil.

14. «Mandar vinho para Inglaterra»:
mandà binho Inglatèra.

15. «Morou á entrada da rua»:
e' morà principe de rua.

16. «A' sua vontade (?)»:
na bo bontade, á tua vontade;
na sê bontade, á vontade d'elle.

17. «Cheiras a aguardente»:
bo XA *cherà agordente.*

18. «Isto aconteceu ao amanhecer».
es cussa sucedè ochà sol XA *mancè.*

19. «Pescar á linha»:
piscà co' linha.

20. «Levar aos hombros»:
lebà na ombra.

21. «A's escondidas»:
sucundido.

22. «ás claras»:
claro; claramente.

23. «A's cegas»:
cegamente; odjo fechado ou *fichado.*

24. «Está em casa»:
e' stá na cassa.

25. «Não lhe toquei»:
(A mim não tocar elle).
MK CA *bulil-l.*

N. B. Tocar — *tocà*, tanger instrumento musico.

26. «Dá volta em torno do sol»:
e' TA *dá bolta roda de sol.*

27. «Converteu-o em pó»:
e' bida-l fórnha.

N. B. *pó*=pau, madeira; arvore.

28. «O rio abunda em peixe»:
ryu ten manga de pêç.
— *quel ryu cheu pêç e' passà.*

N. B. *passà*=demais, muito; muitissimo; demasiadamente.

29. «Taxar um livro em 400 réis»:
marcà un libre près de qŭatro toston.

30. «Prata em barra»:
bara de prata.

31. «Ferro em brasa»:
(fero na brasa. Esta fórma indica que o ferro está nas brasas e não em brasa):
fèro bermedjo ou *burmedjo.*

32. «Laranjal em flor»:
(larandjeras na flor, ou, na fulor. Quer dizer que as laranjeiras é que estão na flor, e não a flor ou flores nas laranjeiras):
larandjèras co' flor.

33. «Chegará por estes dias»:
(elle tá chegár para estes dias=para o que hade acontecer estes dias):
e' TA *chigà es dias.*

34. «Repartiu pelos pobres»:
(Elle repartir par pobres=dividir para que se desse aos pobres):
e' raparti «co'» pobres=distribuiu pelos pobres.

35. «Ensinar por dinheiro»:
ənsinà par dinhèro.

36. «Entrou pela porta»:
e' entrà par porta.
Melhor: *e' entrà par es porta... par quel porta... par un porta...*

37. «Foi levado pela corrente do rio»:
ê lebado na corente de ryu.
— *ê lebado* ou *ê rabatado na corentàs* ou *corentasco de ryu.*

38. «Para reparar»:
par compô.

N. B. Reparar=*raparà* ou *rapadà,* olhar bem, observar.

39. «Levantar com o romper do dia»:
lebantà ou *lantà co' mandurgada.*

40. «Com aquella idade ainda lê sem oculos»:
co' quel idade inda e' TA *lè* ou *lèi sen óclo.*

III. Das particularidades de syntaxe relativas a diversas partes do discurso

41. «Alguns peixes têm formas singulares e extravagantes»:
e' ten pêces que parcè mostra, riba de quel é mal djeitôç.

N. B. Esta oração pódo tambem conservar o sujeito no singular: *e' ten pêç* = ha peixe.

mostra, do «monstra» (?), de «monstro» (?), que no dialecto significa todo o qualquer especimen ou exemplar extraordinario ou pouco vulgar pelos seus defeitos ou singular perfeição: por isso estamos persuadidos de que *mostra* vem, não do «monstro», mas de «amostra», coisa que a natureza ás vezes se compraz em produzir para se vêr.

42. «Torre mais alta que uma casa»:

tore más alto que un cassa.

43. «Torre menos alta que uma casa»:

tore q' o CA *alto sima cassa.*

44. «Torre muito alta; torre altissima»:

tore munto alto: tore alto sima què; más alto q'o quel CA *ten: santa-maria de tore;* CÀNCARA *de tore.*

45. «Maior»; «menor»; «melhor»; «peor»; *más garande; más pôco; más mendjor; más pior.*

46. «A' altura da quéda, ao impeto das aguas ajuntou-se o agudo das rochas»:

(co' altuda de queda co' força de iágo djuntà agudo de rochas):

N. B. Essas aguas são do mar ou das chuvas? ou são umas e outras ao mesmo tempo?

son furia de mar (ou *de chuba co' turbada) que* NA *caê de riba, a más co' rochas gudo que djuntà na quel un cabo.*

47. «Acusar alguem de negligente»:

contà mintida par alguen coma ê pirguiçôç.

N. B. Qualquer denuncia entre elles seja verdadeira ou falsa, é uma «mentira» na accepção do alcoviteiro.

48. «Lutas não raro estereis»:

quel guèras que sedo amonton qüás (sic).

N. B. *amonton* = ao montão. Qualquer pessoa ou cousa condemnada á accumulação de objectos inuteis ou vulgares, é *amonton.*

— *amonton* = debalde, inutilmente.

IV. Pronomes

49. «Espero que V. me tenha sempre na sua amizade»:

(A mim esperá que V. me ter sempre na amizade de bo).

ЯК *pô fé comâ nho* CA TA *dessà de mostra-m' sempre bom roçt* (Bonita locução archaica!)

Outra: — ЯК *ten spèrança comd* ЯК TA *caê sempre na garaça de nho.*

50. «Responder-lhe-ia»:

e' TA *rusponde-l-ba.*

51. «Este é o homem cujo talento...»:

es ê quel óme que sê talente (vulgò) *djis.*

52. «Meu poder, minha gloria é poder»:
nha poder, nha gloria co' poder.

V. Verbos

53. «Elle e ella amam-se um ao outro»:
ès querè ung-otro.
54. «Desarmam-se as tendas»:
tendas NA *dessarmado;*
«Estão-se desarmando as tendas»:
tendas SA *ta* ou *sta ta dessarmado.*
«Desarmar-se-hão»:
tendas TA *dessarmado.*

VI. Adverbios

55. «Direi o meu voto franca e lealmente»:
ЯИК TA *dá nha boto limpamente;*
—ЯИК TA *botà nha padja co' corçon limpo.*

N. B. Uma «palhinha» ou «páozinho» exerce nas votações a mesma funcção que os papelinhos das listas ou dos votos politicos d'agora, e os *óstraca* («cacos») d'outros tempos.

56. «Bem; mais bem; mais melhor; mais peior»:
dirito (ou *dereto*); *màs dirito; màs mendjor; màs piôr.*
57. «Portanto, por conseguinte»:
logo.
58. «Falou a todos menos a mim»:
é papià co'tudo alguen, fora de mi.

VII. Do uso dos Modos e tempos e da ligação das orações

1. Da oração em geral

59. «O nadador e o mentiroso, se abrirem muitas vezes a bocca, ir-se-hão a pique»:
nadador co' montrôç, se ésintà TA *iábre-iábrè boca é* TA *bá un piq'o.*
60. «Não conheço homens que não comam peixe»:
(A mim não conhecer homen que não comer peixo).
ЯМ CA *concè nin un pecador que* CA TA *comè pêç.*
61. «Disse-lhe que viesse vestido á moda»:
ЯМ *fala-l* (ЯМ *lembra-l*) *pa e' ben co' sê bistido de moda.*
62. «Confessou publicamente ser D. Ignês»:
e' confessà (?), *e' contà claramente comâ ê nhara inêç* (ou *djinêç*) *que sedo.*

63. «Não conhecemos a lealdade do amigo, se não o experimentarmos»:

té-mente na CA *spirmentà alguen* (ou *spurmentà aguen*) *na* CA TA *sebè se é nos amigo bardadèro:* ou, *se e' querè-no de bardade.*

N. B. *te-mente* = até entrementes (nota do rev. Henrique).

64. «Obedecei ás leis, para que vos obedeçam a vós»:

N. B. As leis ou os homens que vos hão de obedecer?

badcè par lèy se bo (ou *so bo*) *querè par djente badcê par bo.*

65. «Ainda que o amava por valoroso, lhe era pouco afeiçoado por altivo»:

so bo odjá e' quere-l par bia de sê balentia, (*balentasco machondade*), *quel* CA *todjè pan* CA *e' desgostà d'el par bia de sê soberba.*

N. B. *pan, par, pa* = para: *pan,* por euphonia.

66. «Não pude sahir por não estar concluido o trabalho»:

ƎM CA *podè saê sima* (ou *suma*) *tarbadjo* CA *cabantado.*

N. B. «*sima*» (*assim — comd* = assim como), é para notar nesta oração.

67. «Não podia obstar a que os prezos escrevessem»:

e' CA *podè todjè pan* CA *prissons sq'erbè.*

N. B. *prissons,* de «prisões» — por prisioneiros.

68. «Não sei quem seja este homem»:

(Mim não poder saber quem este homen)

ƎM CA *podè sebè quen q'o podè sedo es óme.*

69. «Acabemos pois»:

(Nós acabar pois)

ampôç ná cabantà.

N. B. *ná cabà comè ná labantà* (ou *lantà*), acabámos de comer, levantámo-nos.

VIII. Do emprego dos Modos e tempos

A) Indicativo

70. «Porque estás tão alegre?»

q' é que mandà bo sábe sin?

N. B. *sábe,* o que é doce, agradavel, saboroso: o que está alegre, contente, satisfeito

doce = insipido: desagradavel.

71. «Volto já»:

(ƎM NA *ribà-dja* = acabo agora mesmo de chegar, isto é: estou de regresso, que no dialecto se traduz por, ƎM *sta de bolta*)

ƎM CA TA *tardà* ƎM TA *ribà.* «té de bolta» (Adolpho E. da Silva).

72. «Se o apanhasse (por: se eu o apanho), esbofeteava-o»:

(Se mim apanhar elle mim dar bofetada).

se ê mi que panha-l-ba (se o apanhasse) EM TA *bafatea-l* — *s'* EM *panha-l* (se o apanho).

73. «A bebida dará cabo de ti»:
bobida TA *dá cabo de bo.*

74. «As leis permittem»:
lèys TA *pirmiti* (ou *pilmiti*).

75. «Tenho dado fim ao meu discurso»:
EM *cabà nha palabra.*

76. «Eu tinha jantado, quando o meu irmão chegou»:
EM *dantjà-ba-dja contrà nha ermon chigà.*

77. «Logo que se retirou o inimigo, mandou D. João Mascarenhas enterrar os mortos»:
nimigos cabà retirà (cabà lóndje-se, cabà bidà costa, cabà bolteà rosto) nho djon mascaranha mandà 'nterà dfuntos.

78. «Os antiquarios dizem (deixaram escripto) que elle vivêra neste reinado»:
quel djentes que TA *sqerbè cussas antigo falà comâ e' bibo-ba nes rènança.*

N. B. *e' bibo-ba*, estava vivo, vivia — é para notar

79. «Honrarás pae e mãe»:
bo debè respetà (ou *ruspetà*) *bo pae co' bo máe.*

80. Haverá paz noutro mundo?»:
pás podè ten notro mundo? — pás iar ten mé notro mundo?

81. «Quando elle chegar, já terei jantado»:
ó que e' chigà e' TA *ochà* EM *djantà-dja.*

N. B. *ó* = ora: *ò* = ou

82. «Avisem-me quando os cavallos tiverem chegado»:
(Avisar mi quando cavallos estar chegados):
bó TA *conta-m'* (ou *bó* TA *lembra-m'*) *ó que cabalos chigà.*

N. B. bó = bo = bô; bós = bos = bôs (accentuação incerta).

O nosso ouvido achou sempre differença entre *bó*, e *bo* nestes e outros exemplos:
bos ou *bó* TA lembra-m' = lembrar-me-hão;
bo, ou *bô* TA *lembra-m'* = lembrar-me-has.

O rev. Henrique discorda de nós neste ponto. A razão deve estar do seu lado. Temos nas suas excellentes communicações algumas provas desta discordancia. Accrescente-se: todos os passos obscuros d'este paragrapho, foram por elle obsequiosamente revistos e augmentados com alguns parallelos, ou melhorados.

B) Condicional

83. «Se não fossemos orgulhosos, não nos queixariamos»:
se nú CA *sedo-ba pobre-soberbo na* CA *ta fassè ba quèça.*

N. B. *pobre-soberbo*, «pobre, mas com dignidade» é como entendem a phrase:

NÁ por *nó* = *nos.*

84. «Teria ido, se tivesse sabido»:
    ENG-*ar* (ou EM *iar*) *bá-ba, s'* EM *sebè-ba.*
    EM TA *bá-ba s'* EM *tardà sebè-ba.*

85. «Seria verdade? — Desejaria saber»:
    ê sedo-ba mé bardade? — EM *mestè sebè.*
    — *ê bardade-ba mé?*
    — *ê tardà sedo-ba mé bardade?*
    — *quel mé ê tardà sedo bardade?*

N. B. Note-se esta forma: *ê bardade ba* = *bardade ê-ba* = *era ba.*

86. «Disse que não viria»:
    e' falà comâ e' CA TA *ben-ba: e' falà comà e'* CA TA *bem* = disse que não virá.

C) Conjunctivo

87. «Não peças a quem pediu, nem sirvas a quem serviu»:
    CA *bo pidi quen q'o bo tardà pidi, nin* CA *bo sirbi quen q'o bo tardà sirbi.*

88. «Talvez elle diga»:
(Talvez elle dizer):
    nó-se e' ar falà.

N. B. *nó-se*, = não sei se

89. «Praza a Deus assim seja»:
    tomára dès e' sedo sin.

90. «Fale elle (se elle falar), tudo se calará»:
(Falar elle tudo sta calar):
    sedja-bos e' papeà, tudo TA *calà.*

N. B. *sedja-bos*, = «seja»: (dê-se) o caso que elle «vos» fale (?).

91. «Quer sahir; pois saia!»:
    e' querè saè; ampôç e' podè saè!

N. B. *ampôç* = *am-pôç.*

92. «Pediu que fossem reparados»:
    e' pidi par compodo.

93. «Creio que o meu irmão esteja doente»:
(Mim cuidar meu irmão estar doente):
    EM *cudà nha ermon ar sta doente.* Ou, melhor:
    EM *cudà nha ermon* CA-*iar sinti corpo.*

94. «Admiro-me que elle venha»:
    e' TA *fasse-m' dmiraçon se e' ben.*

95. «E' possivel que elle venha»:
    nó-se e' TA *iar ben.*
    «talas bes e bem» (rev. Henrique).

96. «Não digo que elle não saiba»:
    EM CA *falà comà e'* CA *iar sebè.*

97. «Ensina quaes sejam as especies»:
    e' TA *mostra-no q'al q'o podè sedo quel q'oldades.*

98. «Não sei se diga»:
ЗМ CA *sebè s'* ЗМ TA *papeà.*

99. Não me queixaria delle, ainda que me maltratasse:
nin-que e' maltarata-m' ЗМ CA TA *contà-ba mintida par el;*
— ЗМ CA *iar fassè quèça d'el nin-que e' maltarata-m'.*

N. B. *mintida,* ou *mintira,* = denuncia, alcovitico, queixa, aleive, intriga.

100. Procedeu assim, não porque gostasse, mas por entender ser o seu dever»:
se bo ou, «so bo» (rev. Henrique) *odjà e' fassè sin, ê* CA *par bia e' sedo de sê gosto* (ou *gusto*), *mas par bia e' sedo de sê obrigaçon.*

101. «Póde ir, contanto que não se demore»:
e' podè bàe co' condiçon CA *e' tardà.* Ou:
e' podè bàe, sedja-bos CA *e' tardà.*

N. B. *sedja-bos* CA *e' tardà* = «seja» com a condição de que não se «vos» demorará (?).

102. «Sairei, quer chova ou não chova»:
ЗМ TA *saê, nin-que e' chobè ò e'* CA *chobè;*
— *e' podè chobè ò e'* CA *chobè,* ЗМ TA *saê;*
— *e' podè chobè ò e'* CA *chobè,* ЗМ CA *'mportà,* ЗМ TA *saê.*

103. «Esteja em casa, até que o seu irmão volte»:
ficà na cassa té óra que bo ermon ribà (ou *chigà*).

N. B. *té óra que* e *torque* (ou *t'orq*) não têm a mesma significação.

e' comè torque, ou *t'orq' e' rebentà* = comeu tanto que arrebentou;
torróq', tanto-tanto, tantissimo: á cunha. — Ouvimos uma vez numa cantilena encomiástica, guindada ao mais sublime dos superlativos — isto:

«quen que sê pae?
nho pádcrrr!»
«quen que sê máe?
nho pádcrrr!»

Como quem diz: Quem é o seu páe? O padrissimo! — Quem é a sua mãe? — O padralhão!

104. «Nuno Gonçalves, como tivesse sido vencido na guerra...»:
Nuno Gonsalo sima ê bencido na guèra.

105. «Ha poucos homens que saibam aproveitar o tempo»:
pecador que sebè porbetà sê tempo quel CA *cheu.*

106. «Se encontrar livro que lhe agrade, compre-o»:
so bo ochà libre q'o bo gostà d'el, compra-l.

107. «Enviei-lhe uma pessoa que lhe avisasse do que havia acontecido»:
ЗМ *manda-l alguen pa conta-l cussa que sucedè* (ou *sucedè q'o sucedido* [?]).

N. B. *sucedè q'o sucedido* (Cacheu) ou *sucidimento q'o sucedè*= acontecimento que aconteceu.

108. «Ha quem assim pense»:
e' ten quen que TA *cudà sin* (ou, *d'és manèra*).

109. «Havia quem assim pensasse»:
e' ten-ba quen que TA *cuidà-ba sin.*

110. «Sejà quem for»:
sedja-bos quen que sedo (ou, *podè sedo*).

111. «Não ha, que eu saiba»:
(Não ter, que eu saber):
q' EM *sebè, e'* CA *ten.*

TERMOS DO CONJUNCTIVO

112. «Não creio que tenha estado doente»:
EM CA TA *q'erditá comd e' sta doente,* ou *comd e'* CA TA *passà sabe,* ou — *comd e'* CA *sinti corpo.*

113. «Ordeno que não saia sem que tenha estudado a lição»:
EM *dá orde pan* CA *e' saê, mente e'* CA *sebè sê liçon,* ou — *e'* CA *ten orde de saê,* ou — *e'* CA *ten licença.*

N. B. *e' saê,* ou *e' sàe.*

114. «Não puzesses a mão em um velho»:
bo CA *iar pô-ba mon na garande.* Melhor:
bo CA *iar sotà-ba garande.*

D) IMPERATIVO

115. «Não bebas coisa que não vejas, nem assignes carta que não leias»:
(Você não beber agua que olho não ver, não assignar carta que olho não ler):
CA *bo bebè iágo q'o bo* CA *reparà, nin* CA *bo sinà carta q'o bo* CA *lèi.*

116. «Não promettas nunca coisa que não possas fazer»:
nunca CA *bo permetè cussa q'o bo* CA *podè fassè.*

N. B. Fostes tu? Não!
ê bo? — *não, ê* CA *mi!*
«Certamente és tu! — Nunca, por Deus!:
ê bo mé! — *nunca de dès!* — *de dès* (em nome?) de Deus.

E) USOS DO INFINITO

a) *Seu uso em geral*

117. «Viver é um beneficio da natureza commum a todos»:
bida ê sumóla que dès fassè tudo se criatuda (ou *criatura*).

118. «Todos devemos obedecer á lei»:
a nos tudo NA *debè badcè par lèy.*

119. «Viu-me entrar»:
e' odja-m' entrà.

120. «Não ha maior erro que não conhecer um homem o seu erro»:
culpa más garande é de quel pecador q'o CA *concè sê culpa.*

121. «Retirei-me da cidade, para não me importunarem»:
(A mim retirar de cidade para gentes não enfadar mi):
ƎM *saê,* ƎM *racuà,* ƎM *lóndje-se de* (cidade) *de tabanca garande pan* CA *ninguen ənfada-m'.* Ou:
pan CA ƎM *odjà roçto de djente.*

122. «Soava um correr de cavallos á redea solta»:
son tormenta de cabalos que NA *corè, rêdea solto, que* NA *obido-ba quel'ora* (!)

b) *Infinito subordinado*

123. «Para o sabio, viver é pensar»:
sáibo TA *passà sê bida* NA *cudà.*

124. «Pode fazer; parece fazer; saber fazer»:
podè fassè; parcè fassè; sebè fassè.

125. «Acabar de; deixar de»:
cabà... dessà de...

N. B. *è cabà cordà, e' cabà comè; e' dessa de çomè, e' dessà de corè.*

126. «Tardar a; continuar a; entrar a»;
e' tardà NA *ben* = tardou em vir; *e' continuà* NA *canta; e' entrà* NA *badjà*: continuou em cantar (?); entrou em balhar (?)

127. «Ando estudando» (?)

N. B. Se isto quer dizer, que estou a estudar, ƎM NA *studà:* e se — estou nos estudos, *em* NA *iandà na studo.*

— Estas amphibologias frequentes no portuguès são raras ou quasi impossiveis no allemão, bem como no mande e no banto e por consequencia no guinèense. — A semelhança das fórmas grammaticaes deve dar em ultima analyse resultados semelhantes.

128. «Julgas que...»:
bo cudà «comâ»: bo cudà comà ƎM-*dôdo?* = pensas como eu doido? (!...)

129. «Affirmou que não havia perigo»:
e' fiança-l comâ p'rigo CA *ten.*

N. B. Se traduzissemos, *comâ e'* CA *ten-ba p'rigo,* conforme o texto, dariamos a entender — que não estava senhor do perigo, isto é: que não estava de posse d'elle.

130. «Jurou exterminar ou de exterminar»:
e' djurà dá cabo. Melhor:
e' djurmentà comâ e' TA *dá cabo.*

131. «Desejo entrar»:
    ЭМ *mestè entrà*.
132. «Desejo que elle entre»:
(Mim querer para elle entrar):
    ЭМ *mestè pa e' entrà*.
133. «Desejo ir, ou de ir»:
    ЭМ *mestè bàe*.
134. «Consegui ser elle premiado»:
    ЭМ CA *sintà mente é* CA *da-l sê pago* ou *sê racompensa*.
135. «Isto deu em resultado serem todos castigados»:
    ê es que mandà é sedo tudo castigado.
136. «Não faz senão brincar»:
    e' CA TA *fassè otro cussa son brincà*.
137. «Prohibiu entrarem os navios de noite»:
    e' todjè nabios entrà de note.
    e' todjè pan CA *nabios entrà co' sucuro*.
138. «Perdoou-lhes o haverem-no offendido»:
    e' perdoà ès quel ofensa que é fasse-l

c) *Infinitivo sem preposição*

139. «Mandaram-me entrar».
«Ouviram-no falar»:
    é manda-m' entrà.
    é obi-l NA *papeà*.
140. «Eu lhes vejo lançar lagrimas tristes»:
    ЭМ NA *odjà làgrema* (*largma* ou *larma*) NA *corè na sês roçtos*.
141. «Fui procura-lo»:
    ЭМ *bá busca-l* (ou *bisca-l*)
142. «Pôz os filhos a estudar»:
    e' mandà sê fidjos studà.
143. «Corri a salvá-lo»:
    ЭМ *corè pa* 'M *bá salba-l*. Melhor:
    pa 'M *bá tira-l d'afronta*
144. «A ser isto verdade, não tornariamos a falar-lhe»:
    se é sedo-ba bardade mé, ná CA *ta tornà papeà q' él*; ou melhor:
    «se quel e bardade mem ná ca ta torná papeàba» (rev. Henrique).
145. «Iamos a correr»:
(*Nós na bàe-ba corè*, o que significa a mesma coisa que, *nós na. bàe-ba par corè:* isto é, não corriamos, mas iamos para correr; fórma que se é conforme á lição da grammatica é contraria a intenção):
    corè que ná NA *corè* = no correr em que iamos correndo; por outra: na corrida ou carreira em que iamos lançados.

145. «Encontrou alguem a chorar»:
e' əncontrà co' alguen NA *chorà.*

147. «Enigmas difficeis de decifrar»:
segrede custós d'entendè
— *cussas q'o* CA *sabe dbinhà*
— *dbinhas q'o* CA *fáç pecador certà q'el.*

148. «Foi acção muito de louvar»:
quel ê açon que debè əngabado;
— *quel ê açon que mercè əngabamente.*

149. «Aconselhei-o a mudar de vida»:
NM *consedja l pa e' mundà* ou *mudà de bida;*
— NM *consedja-l pa e' dessà quel mode* (ou *modo*) *de bida.*
E tambem:
— *pa e' dessà quel caminho.*

150. «Elle entrou sem ninguem o vêr»:
(Elle entrar ninguem não olhar):
e' entrà ninguen CA *odja-l.*

d) *Infinitivo independente*

151. «Companheiros, despedir esta noite da montanha e das tristezas, e apparelhar para amanhã me seguirdes»:
(Companhèros, dispidi es note de monte e de tristessa e preparà par amanhà me acompanhar):
camarás! sima ná ten de rià d'es rócha pan CA *ná tornà massa-l, bó compô roçto, bó prontèà es note parquê amanhà ná* TA *lóndje-se d'es cabo.*

N. B. Naquellas terras baixas e apauladas ou ao nivel do mar, os montes e montanhas são apenas conhecidas por tradição.

Tendo todos de deixar aquelle acantonamento, naturalmente haviam de ir os guerrilheiros para onde fosse o seu commandante, e por isso basta que elle diga *ná* TA *lóndje-se d'es cabo,* para que o sigam á hora aprazada.

152. «Não haver quem me salve»:
(*ca ten quen que ta salba-m',* traduz á letra o português; porém o sentido é differente, e significa por outros termos: «não ha para mim salvação possivel». E' um grito de desespero):
pa CA *podè ten quen que* TA *cudi-m' na nha afronta.*

N. B. Isto dito assim, é uma queixa que envolve uma esperança — a esperança ou possibilidade de salvação. E' uma fórma talvez mais conforme ao texto, que para toda agente não será positivamente definida e clara.

e) *Emprego de fórmas pessoaes e impessoaes do infinitivo*

153. «Ao chegarem os fugitivos á planicie, um dos tres desconhecidos estava diante d'elles»:

(*na chĩgà quels fussilos na campada, um de quels terêç desconcidos staba diante d'els.* — Esta traducção á lettra não vale nada):

quel manga que NA *fussi cabà ialcançà campada, un de quel terêç pecador firmà sê deante!* = parou firme seu (delle) diante (!)

N. B. Ha mais expressão e movimento neste discurso... para quem sabe lêr o dialecto.

154. «Mandei-os entrar»:

ƏM *mandà ès entrà*

155. «Acabar de; andar a; cessar ou deixar de; começar a; continuar a; tratar de...»:

e' calà compô,
e' iandà TA *busca-bo,*
e' dessà de badjà,
e' começà TA *bulançà,*
e' continuà TA *papeà,*
e' taratà de fincà cassa.

N. B. *fincà*, pôr, fixar, espetar: construir.

156. «Ensinou a ser reis os reis do mundo»:

e' ensinà tudo rèys de mundo comà rèy debè sedo. Ou:
e' dá liçon (ou *ensinamente) tudo rèys de mundo.*

157. «Viam-se lampejar as armas e ajuntarem-se ondas de vultos humanos»:

(Olhos vêr brilhar armas e juntar ondas de vultos de ome):

quel ora... son iarmas q'o odjado NA *lamprà! e* CA *tardà, bultos de pecador bidà* TA *djuntà.* — Tableau!

N. B. *bidà*, = virar; começar; vir a; voltar a; tornar-se. — Muito frequente a este verbo.

f) *Participios em* -do *ou gerundios*

158. «Encontrei-o durmindo»:

ƏM *əncontra-l* NA *durmi.* Ou: ƏM *bá dá q'él* NA *durmi.*

159. «Olha os ceos, olha a terra, a luz do dia expirando nas aguas»:

djobè ceu, djobè tèra, djobè sol que NA... *morè na mar.*

N. B. Anthropomorphismo no caso! Digam o que disserem, os indigenas ainda não attingiram o sublime na arte dos tropos para animarem a materia, afim de terem o prazer de attribuirem morte ao sol. Por isso com propriedade deve-se substituir — *sol* NA *morè*, por *sol* NA *cambà;* NA *mergudjà na mar.*

160. «Estando tu na India»:

ochà ou *contrà bo stà-ba na India.*

N. B. *ochà*, achar; achar-se; encontrar-se: succeder.
— *contrà*, do verbo encontrar-se = achar-se.

161. «Tendo cativado»:

depôç que e' catibà.

162. «Havendo elle falado»:
sima e' cabà papeà.
163. Parecendo-lhe opportuna a occasião»:
e' parce-l bon ocassion.
164. «Chovendo, não sahirei»:
se e' chobè EM CA TA *saê.*
165. «Em elle entrando»:
ó que e' entrà.
166. «Esta falta se reparou ajuntando duas telhas com os vazios para dentro»:
es falta remediado co' dôç tedja que mendado co' banda de dentro par bàs. Melhor:
es falta mendado co' dôç tedja qu 'mborcado e djustandado.

g) *Participio passivo simples*

167. «O suor frio manava-lhe da fronte aquecida por febre ardente»:
calor fryu NA *corè-ba-nan na sé roçto que* NA *iardè co' febre.*
N. B. *que na iardè*, e não *que na iardc-ba.*
168. «Acabada a refeição, todos se retiraram»:
djantà (ciâ? almôç?) cabâ-cabà é reterà (ou, *é padjigà).*
N. B. *padjigà*, de *spadjigà, de espalhar.

Additamento

169. «Estás lembrado?»
bo lembrà?
170. «Acharás facilmente soldados com que possas guarnecer teus muros»:
e' CA TA *custa-bo ochà soldades q'o bo* TA *podè iarmà bo mura q'el.*
djente d'arma que ta podè tadjà bo tabanca, quel bo ta ocha-l fâç.
N. B. *tadjà*, = dividir: cortar: riscar: acutilar: cercar: defender: cortar o curso de qualquer coisa que corre ou fogo: obstar: embaraçar. De «talhar»
—*tabanca*, de travanca, antigo systema de defesa que circunda uma povoação com paliçadas ou tranqueiras: povoação.
171. «Aqui estão aquelles livros que elle pensou que se tinham perdido»:
alê quel libres que e' cudà comâ é perdè.
172. «Quando acabado de ler, traga-me o livro»:
ó que libre' leìdo, tissim-m'el.
173. «Reparae no como crescem os lirios»:
reparà comâ... fulores TA *q' ercè* = como crescem.
comà fulores NA *q'ercè* = como estão crescendo.

174. «A necessidade é que leva o homem á guerra»:
ê pecisson que TA *lebà macho cabo de guèra.*
175. «Tu fostes o que me salvaste»:
ê bo mé quel óme que tira-m' de nha afronta.
176. «Os grandes rebanhos é que fazem as boas colheitas»:
ê manga de còrál de baca que TA *tissi fartuda na tempo de quebra.*
N. B. A traducção é forçada, por isso que não usam empregar os adubos, por desnecessarios.
— A epoca da abundancia coincide com a colheita do arroz, principal genero de alimentação: e á colheita chamam elles *quebra.*
177. «Era nas fileiras onde as puas faziam maior estrago»:
ê na mé de mangas q'o pós gudo TA *fassè más strago.*

Conclusão

Com estes numerosos themas deixamos consignado um facto, cuja possibilidade nós mesmos estavamos muito longe de suspeitar, e vem a ser: que não ha na lingua portuguesa phrase, locução ou discurso, por muito simples, arrevesado ou sublime que seja, quer na ideia, quer na fórma, que não possa ser traduzido no nosso dialecto. Facto que evidentemente vae de encontro á opinião — mais que opinião, á affirmação, de Bertrand Bocandé e seus copistas, de que «mesmo pessoas instruidas evitam exprimir ideias abstractas por não terem palavras correspondentes em creoulo» — como se todo o systema de numeração, toda a engrenagem grammatical sobre a qual roda a elaboração da ideia e do pensamento, o mesmo vocabulario em summa, não fossem puras abstrações! — Ou eu ou elles nunca chegamos a comprehender o Genuense.

Como vimos, tudo se póde traduzir para o nosso dialecto, e ás vezes com vantagem para a clareza, e eloquencia natural.—São por isso quasi que inteiramente inadmissiveis no guinèense as inversões artificiosas, as transposições, as locuções arrevesadas, pretenciosas, e quantas vezes inuteis, de syntaxe, chamadas anastrophes, hyperbatos, anacoluthias, tropos. — Das amphibologias defendem-se bem os guinèenses com as fórmas periphrasticas, circumloquios e uso frequente de pronomes, tal e qual como no bantu, no mande e noutras linguas d'Africa.

Na poesia, porém, tudo muda de figura! Nella, são tudo laconismos, reticencias, charadas, saltos de cavallo. Ideias e fórmas grammaticaes são por vezes impossiveis, e surprehendentemente arrojadas. Chegam ao ponto de sacrificar tudo, como na lingua mandinga, á procura de harmonia!... de rhythmo, de elegancia!

Que bello alfobre de Ciceros e Horacios não temos nós a apodrecer ali naquelles sertões africanos!...

Appendice

Corrigenda nos dois primeiros capitulos do GUINÈENSE *publicados no vol. V da* REVISTA LUSITANA

Pag.	Erros	Emendas
175	despedaçadamente	despedaçada
177	impulsivo	implosivo
178	b˜, l˜, t˜,	˜b, ˜l ˜t,
178	ilol	djilol
178	em-te	em-tè
178	manding	mandinga
180	*sarri*	*sorri*
181	ziguichon	ziguichor
172	a conher a	a conhecer e a
172	*djobê*	djobè (Em regra, com accento grave a ultima vogal dos verbos da 1.ª, 2.ª e 3.ª conjugação, que se encontra com o accento circumflexo).
275	*tunguma*	tungumà
276	si	sa
277	companheiro	Companheiro
279	Papeis	Pepeis
282	Bambayâ	bambayà
283	Schnchardt	Schuchardt
284	surzidouros	surgidouros
284	oyába	*oyába*
284	Staria	storia
286	é, é', ó'	e'
285	ribà cassa	ribà cassa, e' ciôç.
286	tuda cussa	tudo cussa
286	trata-m'	tarata-m'
287	e' odjâ	e' odjà comâ tudo quel fundson
287	podê fassâ	podè fassè
	e	ê
288	*pord-m'*	*porda-m'*
291	djuti disdangû	9) djuti; disdangû
296	*el co' doç*	*el c' un*
296	Bissau o	Bissau ou
296	(tuaga-o)	(traze-o)
296	levantâ	lebantà, ou labantà

M. MARQUES DE BARROS.

CANTIGAS GEOGRAPHICAS

(Continuação da pag. 271)

Nunca me lembrou Bragança,
Nem que tal cidade havia;
Agora, já não me esquece,
Nem de noite, nem de dia.

Eu quero ir ao Brasil,
Mas não é p'ra ter dinheiro;
E' só para ter a fama
De me chamar brasileiro.

Marinheiros d'agua dôce,
P'ra que partes navegaes?
—Para as partes do Brasil:
—Boa viagem façaes!

Se eu quisera amores,
Tinha mais de mil,
Rapazinhos ricos
Vindos do Brasil.

O' Buarcos, ó Buarcos,
Senhora da Encarnação:
O retrato da Senhora
Trago-o eu na minha mão.

Raparigas de Buarcos,
Arredae-vos para o lado,
Que lá veem as esgueirôas
C'o ranho dependurado.

Raparigas de Buarcos,
São feias, mas cantam bem;
Quando vão a abrir a bôca,
Cabe-lhe um pão de vintem.

O' memoria do Buçaco,
Adeus, real portaria,
Adeus, caveira mirrada,
Que eras minha companhia!

Olá, Cabeço de Vide,
Toda coberta de neve!
Terra do neto da bruxa,
Sem chocalho ninguem bebe.

O' terra da California,
Terra da minha alegria,
Tu sempre me estás lembrando,
Quer de noite, quer de dia.

Caminha, a primeira terra
Da costa de Portugal,
A contar de norte a sul...
Acaba em Villa Real.

Adeus, ó Campo Maior,
Adeus, ó terra das manas:
Umas d'ellas são ingratas,
E as outras são tyrannas.

Campo Maior é sol posto,
Barbacena... lua cheia,
Elvas é nobre cidade,
Onde o [meu] amor passeia.

Hei-de-me ir para a cidade,
Campo Maior me aborrece;
Pois que n'a cidade eu tenho
Quem penas por mim padece.

O' bello Campo Maior,
Cabeceira da Cidade,
Onde vão os parvos d'Elvas
Aprender civilidade.

Se queres vêr tafularia,
Chega-te a Campo Maior;
Lindas fontes d'agua fria,
Caras lindas como o sol.

Villa de Campo Maior,
Tu és villa amuralhada:
Parece que estou ouvindo
Requebros da minha amada.

Adeus, adeus, ó Canellas,
Aonde se córa o linho,
Onde está Santa Victoria,
Irmã de Sam Victorino.

A Villa do Canno é minha,
Que m'a deu el-rei de tença;
Quem nella tomar amores
Mande-me pedir licença.

Adeus, ó Castello Branco,
Para mim Castello negro:
O meu amor é soldado,
Anda a cumprir seu degredo.

Castello Melhor das malvas,
Almendra dos ortigões,
Muxagata dos tomates,
Villa Nova dos ladrões.

Bello Castello de Vide,
Que não ha outro no mundo;
Tens o Calvario ao principio,
O Esp'rito Santo ao fundo.

Não quero Castello de Vide,
Que é terra de cardadores:
Quero a cidade d'Elvas,
Onde tenho os meus amores.

Menina, se quer saber
Como se ganha o dinheiro,
Venha commigo p'rà China,
Siga, afoita, o marinheiro.

O' sol, que te vae a pôr
Lá para as bandas de Chaves,
Diz ao meu amor que venha,
Que eu que morro com saudades.

Adeus, adeus, ó Coimbra,
Toda alumiada a gaz,
Adeus, quartel da Sophia,
Onde eu tenho o meu rapaz.

Eu venho da *marcellada,*
Venho de apanhar *marcella,*
Lá nos campos de Coimbra,
D'aquella mais amarella.

A aldeia da Casa Branca
No meio tem uma ponte:
Por amor das raparigas
Muito sapato se rompe.

Adeus, ó rio de Ceira,
Vae regar aos Carvalhaes:
O' meu amor da minh'alma,
Inda aqui vós me lembraes.

Do alto da Cumieira
Se avista Penaguião:
Tem cuidado com a abelha,
Que as abelhas tem ferrão.

Já lá vão as tres pombinhas,
Vão beber ao rio Dão;
Levam o pombo no meio
A servir de guardião.

Adeus, ó ricos do Douro,
Não comereis mais vitella;
Deu a molestia nas vinhas,
Não ha dinheiro p'ra ella.

Além-Douro, além-Douro,
Alegre senhor arraes,
Eu sou leve, péso pouco,
Pêso dusentos quintaes.

Além-Douro, além-Douro,
Além-Douro é o Minho:
Eu fui amigo das moças
Logo desde pequenino.

Rio Douro, rio Douro,
Arrumado ao Pinhão,
Deu a molestia nas vinhas...
Senhor, tende compaixão!

Fica-te, pois, lá, ó Douro,
O' uvas do alvaralhão;
Que eu vou para a minha terra,
Ou cá tornarei, ou não.

Eu fui ao Douro á vindima,
Não achei que vindimar;
Vindimaram-me as costellas,
Foi o que lá fui ganhar.

Eu fui ao Douro á vindima,
Pagaram-me a trinta réis;
Fui á Villa da Pesqueira;
Empreguei-os em anneis.

Além-Douro e de cá-Douro
Tudo é Douro além...
Depois que se passa o Douro,
Já não lembra pae nem mãe.

Venho das terras do Douro
E mais não venho dourado:
Venho da terra das moças
E mais não venho casado.

Venho de cima do Douro,
De varejar a azeitona:
Inda me aqui appareces,
Cara de pouca vergonha!

A' entrada d'Elvas
'Stão duas ladeiras,
Uma p'r'as casadas,
Outra p'r'as solteiras.

A' entrada d'Elvas
'Stão duas calçadas,
Uma p'r'as solteiras,
Outra p'r'as casadas.

A' entrada d'Elvas
Achei um dedal,
Logo fui dar parte
Ao meu general.

A' entrada d'Elvas
Achei um annel,
Logo fui dar parte
Ao meu coronel.

A' entrada d'Elvas
Achei um annel;
Com letras que dizem,
Que me és infiel.

A' entrada d'Elvas
'Stá um edital;
Com letras que dizem
—Viva Portugal.

Adeus, ó cidade d'Elvas,
Adeus, rua do Padrão,
Adeus, portas da Esquina,
Virgem Mãe da Conceição.

Adeus, ó cidade d'Elvas,
E banco de ferrador;
Já te tiraram a Sé,
Não perdeste o teu valor.

As meninas d'Elvas
Foram as primeiras,
Que em tempo de guerra
Juraram bandeiras.

Bonita cidade é Elvas,
Que tem Badajoz de fronte;
Mais bonito é Alandroal,
Que tem seis bicas na fonte.

Cada vez que vejo Elvas,
Me lembra o meu batalhão,
Meu cavallo, minha espada,
Meu soldo, meu capitão.

Cada vez que vejo Elvas,
Lembra-me o meu regimento,
Minha espada, meu cavallo,
Meu soldo, meu fardamento.

Eu cuidava que Elvas
Era algum curral;
E' praça fechada
De areia e de cal.

Eu cuidava que Elvas
Era alguma aldeia;
E' praça fechada
De cal e areia.

Já Elvas não é cidade,
Nem villa lhe chamarão;
Já os arcos da Amoreira
Deram comsigo no chão.

Os arcos da Amoreira
Foram feitos á ventura:
Por baixo estrada real,
Caminho da sepultura.

O' Elvas, ó Elvas,
Já lá estive dentro;
Meu amor, cá fóra,
Passando tormento.

O' relogio da Sé d'Elvas,
Das onze p'ra o meio dia,
Vou a vêr o meu amor,
Que, ha muito, que o não via.

Pus o pé na veia d'agua,
Fiz a cama no remanso:
Já não ha parvos em Elvas,
Nem quem ama tem descanso.

Que bellas ruas tem Elvas,
Bellos Cantos da Carreira:
Eu, para espelho, sou turva,
Para palito... grosseira.

Se fôres a Elvas,
Vae devagarinho;
Olha lá, não caias
Nalgum barroquinho.

Se fôres a Elvas,
Vae de teu vagar;
Olha lá, não caias,
Pódes-te *esmoucar*.

Mal o haja Elvas,
Tantas peças tem,
Todas apontadas
Ao meu lindo bem.

Em Elvas quem brilha
São os artilheiros:
Em Villa Boim
São os sapateiros.

Se fôres a Elvas,
Vae á Piedade;
Que é a melhor coisa,
Que tem a cidade.

A' entrada d'Elvas,
Eu achei, achei
Letrinhas que dizem:
Viva o nosso rei.

A' entrada d'Elvas,
Achei um annel,
Com letras que dizem:
—Viva Dom Miguel.

A' entrada d'Elvas,
'Stão duas canastras:
Uma para as sogras,
Outra p'r'as madrastas.

Se fôres a Elvas,
Eu tambem lá vou
Buscar uma rosa,
Que me lá ficou.

Se fôres a Elvas,
Deixa-me ir comtigo;
Tu sabes, amor,
Que eu sou teu amigo.

Se fôres a Elvas,
Segue direitinho;
Olha, não tropeces,
Que é mau o caminho.

Adeus, ó logar de Ervelho,
Pequenino e airoso:
Quem nelle tomar amores
Póde-se dar por ditoso.

Adeus, ó bairro de Espinho,
Arrasado sejas tu
De faneca e carapau...
Permitta Christo Jesu!

Adeus, ó praia de Espinho,
Arrasada sejas tu
De cravos e mais de rosas...
Não te quero mal nenhum.

Adeus, ó praia de Espinho,
Cercadinha ao redor:
Tens rapazes como o ouro,
Raparigas como o sol.

Adeus, ó praia de Espinho,
O' praia de Espinho, adeus:
Deixo cá meu coração,
Levo os olhos que são meus.

Vós chamaes-me vareirinha,
Eu gosto de vareirar;
Eu sou vareira de Espinho,
Vou fóra á sardinha ao mar.

Adeus, terra de Espozende,
As costas te vou virar:
Vou-me ámanhã para o Porto,
Tu não fiques a chorar.

A's meninas de Espozende
Chega-lhe a renda p'ra tudo;
Para saias de fazenda
E casacos de velludo.

Nesta villa de Espozende,
Se isto assim continuar,
São tantas as namoradas,
Que não sei qual hei de amar.

Adeus, villa de Estremoz,
Quem me dera agora lá!
Para vêr o meu amor,
De saude como está.

Villa de Estremoz,
Santo André na praça,
A fonte das bicas
Dá-lhe muita graça.

Villa de Estremoz,
Santo André no centro,
Onde eu vou á missa
E o meu regimento.

A aldeia de Santa Eulalia
Tem uma estação ao pé;
Algum dia era uma aldeia,
Agora nem povo é.

Adeus, ó tanque de Fafe,
Hei-de te mandar fundir;
Que tu és a perdição
Das creadas de servir.

Adeus, ó villa de Fafe,
Onde a terra faz um *S;*
Onde tenho meus amores...
Não queria que se soubesse!

Adeus, ó villa de Fafe,
Hei-de te mandar varrer
C'uma vassoura de prata,
Ou de ouro, podendo ser.

Eu em vêr Fafe me alegro,
Ólho, não vejo ninguem;
Vejo-me perto da noite,
Longe de quem quero bem.

Os janotinhas de Fafe
São fidalgos de nação,
Todos tem fallinhas dôces,
Todos tem bom coração.

O' minha Fajam dos Vimes,
O' minha rica Fajam,
Inda hontem de lá vim,
Para lá torno amanhã.

Fui a Fão p'ra vêr as moças,
Não topei senão ortigas;
Vim p'ra a villa de Espozende,
Topei bellas raparigas.

Quem tem amores em Fão
Precisa o rio passar;
Eu tenho-os em Espozende,
Não tenho que receiar.

Adeus, cidade de Faro,
O' terra das pescarias,
Adeus villa de Loulé,
Adeus moças *algravias.*

Adeus, Ilha do Fayal,
Terra de tanto dinheiro;
Terra que nada valêra,
Se não fôra o estrangeiro.

Quero-me casar por carta,
No Fayal me dão amores:
Fica-te embora, Sam Jorge,
Meu ramalhete de flôres.

Se o Fayal tivera ruas,
Como tem embarcações,
O Brasil não lhe ganhára
Com todos os seus milhões.

Adeus, villa de Felgueiras,
O' villa dos cravos brancos,
Onde o meu amor passeia,
Domingos e dias santos.

As meninas da Figueira...
O seu doto é uma cêsta:
Andam de porta em porta:
—Quem compra sardinha fresca?

Não sei que terra é a Figueira,
Que tam nomeada é:
Figueira que não dá figos...
Oh! quem lhe cortasse o pé!

Tudo o que no mar embarca
A' Figueira chega bem;
Tudo vae e torna a vir,
Só o meu amor não vem!

Fui á França p'ra vêr dansa,
A' Inglaterra vapores,
Ao Porto p'ra vêr ourives,
A Espozende os meus amores.

Sou guarda no Freixial,
Guardo á roda o Guadiana:
Matei um pato real
C'uma espingarda de prata.

Sou filhote de Fronteira,
Baptisado no Pedrão:
Sou como o pau da aroeira,
Torcer... sim; mas quebrar... não.

A lua, emquanto é nova,
Vira as pontas p'ra a Galliza:
Diga-me, ó minha menina,
Se quem ama paga siza.

Mochachitos de Galliza
Fizero' 'ma procissão;
Levaro' um gato por santo,
Uma velha por guião.

Adeus, Caldas do Gerez,
Adeus, ó fonte da bica;
Vim cá buscar a saude,
O meu dinheiro cá fica.

Adeus, Caldas do Gerez,
Adeus, adeus, *Pedra Bella;*
Vim cá buscar a saude,
Volto-me embora sem ella.

Adeus, villa de Gouvêa,
Mal de ti nunca direi;
O mundo dá tanta volta,
Talvez, por cá ficarei.

Adeus, villa de Gouvêa,
Logo alli á entrada,
Onde eu tenho os meus amores
Numa gaveta fechada.

Adeus, villa de Gouvêa,
Ladrilhada, mal segura;
Quando passa o meu amor,
Não ha pedra que não bula.

O' alta Serra da Estrella,
Ao fundo fica Gouvêa,
Adeus, ó largo da Praça,
Onde o meu amor passeia.

O' meu Senhor do Calvario,
Quem vos deu a vossa cruz?
—Um filhoto de Gouvêa,
Que se viu sem sol, nem luz.

O' meu amor pequenino,
Não vades á Graciosa;
Que o canal é mui comprido,
E a barra mui perigosa.

Adeus, hospital da Guarda,
Remedio da minha vida;
Adeus, carneiro assado,
Adeus, cebola cozida!

Fui a Hespanha, vim hespanhol,
Fui a França, vim francês,
Fui á India, indio vim,
Agora... sou português.

Lá de Hespanha vem o trigo,
De Santarem o azeite,
Do Algarve vem o figo,
A castanha de Alegrête.

Adeus, Caldas de S. Jorge,
Adeus, amigo banheiro,
A saude vae na mesma,
A bolsa vae sem dinheiro.

Esta noite, por meu gôsto,
Lamego se ha de arrasar;
Para que saibas, Lamego,
Que chegou Villa-Real.

A minha terra é Leiria,
Onde se faz o papel:
A minha dama é Maria,
Eu chamo-me Manuel.

Promettes-te-me um abraço,
No caminho de Leiria:
O promettido é devido,
Dá-m'o abraço, Maria.

Adeus, logar de Lisboa,
Meu passeio da Trindade:
As penas, que eu por ti tenho,
Deus nosso Senhor as sabe!

Adeus, ó bella Lisboa,
Quem me pudera lá ir;
Para matar as saudades
De quem não póde cá vir.

Adeus, Lisboa cidade,
Manda-me de lá um mimo;
Uma carta de meu mano,
Que é a coisa que eu mais estimo.

Adeus, que me vou embora,
Adeus, que me quero ir,
Numa lancha p'ra Lisboa,
Numa náu para o Brasil.

De Lisboa me mandaram
Um macaco de presente,
C'uma fita atada ao rabo
A fazer caras á gente.

De Lisboa me mandaram
Quatro pêras num ceirão,
Frei azeite, frei vinagre,
Frei alho, frei pimentão.

Eu já vi Lisboa a arder,
As pedras a estalar,
As ondas do mar bater
Fóra do seu natural.

Hei-de cantar, hei-de rir,
Hei-de passear Lisboa:
O meu rir e o meu cantar
Não me tiram de eu ser boa.

Já Lisboa está cercada
De tulipas amarellas:
Já o rei subiu ao throno,
Já se acabaram as guerras.

Lisboa, com ser Lisboa,
Com ter o Senhor que tem,
Não é terra, como a minha,
Para amar e querer bem.

Lisboa, com ser Lisboa,
Tem o seu braço de mar:
Não ha terra como Moura
No reino de Portugal.

Lisboa tem sete esquinas,
Todas viradas ao oeste:
Esta cidade está cheia
Das famas que me puseste.

Na cidade de Lisboa,
Quem é rico passa bem;
Assim é na minha terra,
Ou noutra qualquer tambem.

Não me lembrava Lisboa,
Nem que tal cidade havia;
Agora já não me esquece,
Nem de noite, nem de dia.

Não venhas á minha rua,
Pois, dás passadas em balde:
Não se criam alfacinhas
Para tam fraco vinagre.

O meu amor diz que vae,
Na segunda, p'ra Lisboa;
Se me leva, vou com elle,
Se me deixa, fá-la boa!

O' amor, amor,
Mette algum empenho:
Que eu vou p'ra Lisboa,
Já de lá não venho.

O' Lisboa, ó Lisboa,
Quem te atirara dois tiros;
Fôra a polvora de ais,
A munição de suspiros.

O' Lisboa, ó Lisboa,
O' Lisboa de ganhar,
Tambem aqui ha Lisboa
P'ra quem sabe trabalhar.

O' cantadeira afamada,
Já te vou tirar a prôa:
Diz-me lá, minha menina:
—Quantas ruas tem Lisboa?

—Quantas ruas tem Lisboa?
Digo-t'as, sem as contar;
Tem dezoito ao comprido,
Dezenove a atravessar.

Que longe que está Lisboa!
Essa pena é que é a minha!
Queria saber se morreram
Certos amores que eu lá tinha.

Se Lisboa fôra minha,
Não fôra de meu irmão;
Fizera d'Elvas Lisboa,
De Campo Maior Marvão.

Se Lisboa fôra alli,
E Roma atrás do castello,
Casava comtigo, ó prima,
Só pelo bem que te quero.

Tenho um amor em Lisboa,
Outro da banda d'além;
Inda espero arranjar outro
Quando fôr a Santarem.

Na villa do Alandroal,
Quando chove, nascem flôres;
Não póde ser mais feliz
Quem lá tem os seus amores.

Adeus, terra de Mangualde,
Adeus, casa do meu pae,
Onde me eu *adevertia*...
Esse tempo já lá vae!

Dizeis que a villa da Mêda
Que não prende corações?
Lá me ficou o meu preso,
Atado com dois listrões.

Adeus, villa de Midões,
Rodeada de olivaes,
Tem rapazes bem bonitos,
Raparigas... muito mais.

Adeus, Midões dos pàdeiros,
Adeus, ó casal do pão,
Villa do Mato das moças,
Tam cheias de presumpção.

O' Ilha de Sam Miguel.
A desgraça que lá vae!
Tanta mulher sem marido,
Tanto filhinho sem pae!

O' Ilha de Sam Miguel,
Quem foi que te largou fogo?
Para semear de nabos,
Para o sustento do povo?

Sam Miguel, unha na palma,
Terceira, faca sem ponta,
Pico, Fayal, Graciosa,
Vae tudo na mesma conta.

Milheirós é boa terra,
Dá de beber a quem passa;
Tem a fonte no caminho,
Santa Luzia na praça.

Já hoje fui a Moncorvo,
Já passeei o castello;
Eu vim aqui p'ra te vêr,
O' meu cravo amarello.

Adeus, adeus, ó Mondim,
Sobre ti hei-de dar ais;
Tu recolhes os estranhos,
Botas fóra os naturaes!

Adeus, logar do Monção,
E's um pocinho de bogas;
Quem houver de lograr uma,
Ha de romper solas novas.

Adeus, logar de Monção,
Hei-de te mandar dourar
Com pedras de diamantes,
P'r'o meu amor passear.

Hei-de-me ir para bem longe,
Quanto mais longe melhor!
Hei-de-m ir metter a monge
Nas covas de Montemór.

Abaixa-te, ó serra alta,
Quero descobrir Murtosa:
Que a minha sina me dá
De casar com Anna Rosa.

Mangerona bate á porta,
Alecrim vae vêr quem é:
E' *o rancho da carqueja*
Que vae para a Nazareth.

Olha o Senhor Santo Christo
Onde foi fazer morada?
Para lá do Norte Grande,
A' borda da agua salgada.

Quem me déra um carro novo
Com bois e com campainhas;
Para ir ao Norte Grande
Carregá-lo de meninas.

Norte Pequeno... airoso,
Calhêta... escuridão;
Para lá de ti, Calhêta,
Tenho a minha affeição.

Adeus, ó logar de Oleiros,
Logar da agua salgada;
No meio tem agua fria,
Onde o meu amor se lava.

Dizeis que viva Oleiros?
Viva tambem Remião:
Viva a companha da *Chupa*,
E o arraes e o escrivão.

Quem me déra que viesse
O meu amor de Olivença;
P'ra me ajudar a levar
Esta cruz com paciencia.

Convento da Serra d'Ossa,
Quem me déra agora lá!
P'ra me recordar dos tempos
Que não tornam a vir já!

Eu já fui á Serra d'Ossa
A cavallo num burrinho;
Sabe Deus com que receio
De cahir num barroquinho.

Quem subir á Serra d'Ossa
Tem de ir bem devagarinho;
Tem de apartar as estevas,
Que lá ha pelo caminho.

O' rapaz, tu és de Ovar,
O' rapaz, tu és vareiro;
Tu tens olhos de sardinha,
Rapaz, tu és sardinheiro.

Eu nasci ao sol na areia,
Sempre me banhei no mar:
Não ha terra mais bonita
Do que esta terra de Ovar.

O meu amor embarcou,
Meu amor já vae no mar:
Deus queira que não s'esqueça
De quem deixou em Ovar.

O meu amor nada bem,
Nunca teve medo ao mar;
Ou elle não fôra filho
D'uma vareira de Ovar.

Adeus, ó estrada nova,
Meninas de Parafita,
Antes que me vá embora,
O meu amor cá me fica.

Em Páramos fui nascida,
Em Silvalde bàtizada;
Tomei amores em Páramos,
Em Oleiros 'stou casada.

Páramos... o rei das moças?
Nunca foi, nem ha de ser;
Anda Oleiros em demanda,
Silvalde ha de vencer.

Tenho um amor em Páramos
E outro em Remuão,
Outro na praia de Espinho,
Que esse é do meu coração.

Eu em Pardilhó nasci,
Em Veiros fui bàtizada,
Na Murtosa namorei,
No Vinheiro estou casada.

O' Pardilhó, Pardilhó,
Eu hei de atear-te o fogo,
Para ir salvar a filha
De quem ha de ser meu sogro.

Deus te leve a Pernambuco,
E de lá venhas tam rico,
Que el-rei da *Divina marca* [1]
Não possa egualar comtigo.

Se fôres a Pernambuco,
Leva contas de rezar;
Pernambuco é purgatorio,
Onde as almas vão parar.

O' Pico, Pico das faias,
O' Fayal, Fayal das canas,
O' Pico, tu não me logras,
O' Fayal, tu não me enganas.

Rapariga, não te fies
Em palavra de homem rico;
São como o calhau miudo,
Róla na costa do Pico.

Lá vem um barco do Pico
Com a gente do Fayal;
Por amor d'um cesto d'uvas
Passam as ondas do mar.

Naquella Serra do Pico
Não ha senão feiticeiras;
Encontrei um rancho d'ellas,
Todas meninas solteiras.

O' Pico, rocha tam alta,
Retiro dos passarinhos:
Tam retirado que eu ando,
Menina, dos teus carinhos!

Se fôres á Pocariça,
Não passes por Cantanhede;
Que está lá *um Deus te livre*,
Mettido numa parede.

A minha terra é Poiares,
Por toda a ribeira arriba:
O' minha mãe, quem me déra
De lá uma rapariga!

Adeus, ó Ponte do Lima,
Cercada de carvalheiros:
Vianna, com ser maior,
Não tem lá senão pinheiros.

Ponte do Lima é lima,
Vianna é um limão,
O Porto é um ramalhete,
Braga um mangericão.

Quem perdeu o que eu achei,
Caminho de Ponte Sôr?
Uma coisa de valia,
Os botões de um lavrador.

Cidade de Portalegre,
Duas coisas tens em ti:
Uma é a fabrica de rolhas,
Outra... o Senhor do Bomfim.

[1] = *Dinamarca*. Etymologia popular.

Cidade de Portalegre,
Ai! que me lembraste agora!
Não me lembra a mim a villa,
Mas meu amor que lá mora.

Adeus, cidade do Porto,
Adeus, segunda cidade:
Eu tambem já disse adeus,
Meu amor, á mocidade.

Adeus, cidade do Porto,
Adeus, ó nobre cidade:
São horas de despedir-me
Da bella sociedade.

Adeus, cidade do Porto,
Não sei se cá voltarei:
Toca a caixa, vou p'ra a guerra
Servir as armas do rei.

Adeus, cidade do Porto,
Agora... quem me lá déra!
A culpa tive-a eu,
Se lá estava, não viera!

Adeus, cidade do Porto,
Adeus, rua das Flôres,
Adeus, Postigo do Sol,
Onde tenho os meus amores.

Adeus, cidade do Porto,
Adeus, palacio do rei;
Adeus, amor da minh'alma,
Que eu algum dia logrei.

Adeus, cidade do Porto,
Adeus, ó ponte real;
Eu já me fui despedir
Do Palacio de Crystal.

Adeus, cidade do Porto.
Lá!... vae tudo a vender;
Só amantes firmes não,
Que elles custam a appar'cer.

Adeus, cidade do Porto,
Adeus, do Porto cidade;
Adeus, meninas bonitas,
Quem vos dever que vos pague!

Adeus, cidade do Porto,
Lá me ficou uma libra,
Para comprar uma prenda
Para a minha rapariga.

Adeus, cidade do Porto,
Adeus, do Porto cidade:
E's o inferno dos vivos,
Desterro da mocidade!

Adeus, cidade do Porto,
Toda aluminada a gaz;
Adeus, campo das manobras,
Onde eu trago o meu rapaz.

Eu cheguei ao caes do Porto,
Villa Real me lembrou;
O' Villa Real alegre,
O Porto me enfeitiçou.

Eu lá estranhava a terra,
Sendo eu aqui nascida!
Como queres que vá ao Porto,
Sem lá ter modo de vida?

Eu quero ir para o Porto,
Para vêr se ganho côr;
Que eu sou muito desmaiada,
Engeitou-me o meu amor.

Fui á cidade do Porto,
Fui á cidade maior;
Não achei que te trazer
De presente, ó meu amor.

Lisboa, com ser Lisboa,
O Porto é um pimpão;
Pois. deixou Dom Pedro quarto
Ao Porto o seu coração.

Lisboa, com ser Lisboa,
O Porto ainda lhe ganha;
Pois, lá tem Dom Pedro quinto
Em o largo da Batalha.

Das cidades... é o Porto,
Das villas... Villa Real:
Não ha terra. como a minha,
A aldeia do Freixial.

Não sei que me quer o Porto,
Que tanto chama por mim;
Hei-de ir morar para lá,
Para a rua do Bomfim.

O meu amor é do Porto,
Do Porto... ninguem o sabe;
Anda vestido de preto,
Lá á moda da Cidade.

Quando te disse: — adeus, Porto,
Do alto do Carvalhido,
Já tu podias saber
Que me vinhas no sentido.

Quem me dera ir ao Porto,
Do Porto ir á Cidade;
Quem me dera passeiar
No Campo da Liberdade.

Quem me dera ser do Porto,
Ou no Porto ter alguem;
Quem me dera a liberdade
Que as moças do Porto teem.

Sou do Porto, vou p'r'o Porto,
Tenho tempo de ir e vir,
Se as calças não arrearem,
E os botões me não cairem.

Tenho uma prima no Porto,
Outra no Campo da Feira;
A do Porto é mais bonita,
E' pena ser feiticeira.

Tenho uma prima no Porto,
Outra no Caes do Vianna;
A do Porto é bem linda,
A do Caes inda lhe ganha.

Dizeis que viva Ramalde.
Tambem viva a Ramaldeira:
As saudades, que eu levo,
Não me cabem na algibeira.

Dizeis que viva Ramalde,
Não sei que graça lhe achaes:
Terra de milho miudo,
Alimento dos pardaes.

Bonita seria a Régua,
Se não tivesse dois erros,
A ninhada dos varciros,
Passeiada dos gallegos.

Canta, ó meu canario verde,
Verde é, verde limão:
— Viva o Porto. viva a Régua,
Viva a villa do Pinhão.

O' minha caninha verde,
Verde cana a verdejar:
Viva o Porto, viva a Régua,
Viva toda a praia e mar.

Adeus, ó Peso da Régua.
Onde a agua faz cachão:
Quem anda cego d'amores
Quer escuro, luar não.

Quem me dera ser da Praia,
Ou na Praia ter alguem,
Que tivesse o privilegio
Que a gente da Praia tem.

Eu sou ganhão em Revelhos,
Em Revelhos sou ganhão;
Lavro com dois bois valentes,
Que fazem tremer o chão.

Ai, lé, ai, lé,
Monte de Revelhos:
Dá-me tu dinheiro,
Não me dês conselhos.

Ribeira de Caia,
De Caia, Caiola,
Quem não tem juizo
Padece da bola.

O' Ribeira de Pardaes,
Termo de Villa Viçosa,
Se eu tivera cabedaes,
Casava comtigo, ó Rosa.

O' minha Ribeira Secca,
Minha Ribeira de flores,
Para lá de ti, Ribeira,
E' que eu tenho os meus amores.

Adeus, Ribeira de Varche,
Cercada de cachos d'uvas,
Vão-se os homens para longe,
Ficam as mulheres viuvas.

Aquelle navio novo,
Que se fez no estaleiro,
E que me ha de a mim levar
Para o Rio de Janeiro.

Tu dizes que não ha rosas
Lá no Rio de Janeiro?
Inda hontem tirei uma
Do peito d'um marinheiro.

Tu dizes que não ha flôres
Lá no Rio de Janeiro?
Eu bem vi um cravo branco
Ao peito d'um brazileiro.

Eu sou o que fui a Roma
E ao Padre Santo fallei:
Eu sou o que, por amores,
Pae e mãe abandonei.

Tenho uma prima na terra,
Que por ella morro tanto,
Que hei-de pôr os pés em Roma
A pedil-a ao Padre Santo.

Adeus, ó Foz do Sabor,
Adeus, Senhora da Guia,
Já hoje fui a Moncorvo,
Não fallei com quem eu queria.

Castello de cinco quinas
Não o ha em Portugal,
Senão ao cimo do Côa,
Na villa do Sabugal.

Adeus, logar de Salreu,
Com Sam Martinho defronte:
As saudades, que eu levo,
São da Senhora do Monte.

Salvaterra, Buenavista,
Jericó fica no meio:
As meninas d'esta terra
Bailam com todo o aceio.

A' entrada de Sampaio
Metti um pico n'um pé;
Diga-me, ó minha menina,
Se Sampaio aqui é.

Aqui d'el-rei! quem acode
Ao fogo em Santarem;
Acodem os alfaiates,
Emquanto os homens não vem.

(Continua).

J. C.

DOIS EPISODIOS DA «DEMANDA DO SANTO GRAAL»

Os dois trechos que adeante publicamos são extrahidos da parte inedita da *Historia dos Cavalleiros da Mesa Redonda e da Demanda do Santo Graall*, cujo unico exemplar se acha na Bibliotheca Palatina de Vienna d'Austria [1]. E' um codice muito bem conservado, manuscripto em pergaminho, composto de 199 folhas, e que mede 0m,30 × 0m,22. O texto em cada pagina compõe-se de duas columnas que medem pouco mais ou menos 0m,23 × 0m,08. A lettra é gothica, e ascende ao seculo XV. Ios. Mone no *Anzeiger für Kunde der teutschen Vorzeit*, VII, pag. 551, diz que o codice parece ser escrito por duas mãos. Mas, comparando com maior exactidão as particularidades orthographicas e philologicas das differentes partes da obra, não penso enganar-me, suppondo terem collaborado nella tres copistas diversos.

O codice de Vienna é um dos monumentos mais importantes da litteratura portuguesa antiga, não só sob o aspecto philologico, mas tambem sob o aspecto litterario. Como texto de lingua, é de alto valor, tanto com respeito á phonologia e morphologia, como á syntaxe, sendo a linguagem pura e fluente, e inteiramente livre de latinismos, em que a maior parte dos textos portugueses antigos abundam. Como documento litterario, é mesmo inestimavel, sendo o unico representante da terceira parte do cyclo do S. Graal, cuja primeira e segunda parte ainda existem no original francês. E, sendo o texto português (gallego) traducção fiel do francês, como verificou o snr. E. Wechssler, comparando-o com alguns trechos do original da 3.ª parte que elle descobriu em Paris, compensa-nos ao menos na parte litteraria o original perdido. O conteúdo do cyclo inteiro é o seguinte: I. *Livre del graal*, II. *Merlin*, III. *Queste* (Demanda) e *Mort d'Artur*. A existencia em português d'esta terceira parte leva a crêr que tambem das duas primeiras partes exista, ou melhor existiu, uma redacção portuguêsa.

E effectivamente no Archivo da Torre do Tombo conserva-se um codice do seculo XVI, do qual tratei num pequeno artigo da *Zeitschrift für romanische Philologie* de Gröber, que actualmente está no prelo, e que, segundo todas as apparencias, não é outra cousa senão uma redacção portuguesa mais moderna da primeira parte, que está perdida.

O dito manuscripto (n.º 643) é do seculo XVI [2], intitula-se: *Livro de Josep ab Aramatia intetulado a primeira parte da Demãda do sãto*

[1] Como é sabido, as primeiras 75 fls. do ms. foram já publicadas em Berlim em 1887 pelo Dr. K. Reinhardstœttner, de Munich. — Eu copiei a obra inteira, e tencionava publica-la, quando soube que o Dr. Wechssler, de Halle, havia feito tambem uma cópia com o mesmo fim, independentemente da minha.

[2] E' dedicado a D. João III.

grial; e diz-se na introducção ser «treladado do proprio original», o qual, segundo uma nota marginal no fim da obra, foi «mandado fazer» por Ioão Sanchez mestre-escola d'Astorga «año de 1314 anos». Segundo resulta d'um passo do ultimo codice [1], existiu tambem a segunda parte, «Merlin».

Apesar de ser do sec. xv o manuscripto de Vienna, póde dizer-se com certeza, pelas fórmas arcaicas que nelle se encontram, que é cópia d'outro codice português mais antigo, agora perdido, talvez do principio do sec. xiv, do mesmo tempo que o original d'aquella primeira parte acima mencionada. Se esta supposição fôr justa — e parece-o sem duvida — chegariamos a uma conclusão muitissimo notavel, a saber: que, em vista de serem aquellas redacções portuguesas já de data tão remota, não parece admissivel a theoria d'alguns eruditos que suppõem que o cyclo chegou a Portugal por intermedio d'uma traducção hespanhola, mas sim: QUE EXISTIU EM PORTUGAL NA PRIMEIRA METADE DO SECULO XIV O CYCLO DO GRAAL INTEIRO, TRADUZIDO DIRECTAMENTE DO ORIGINAL FRANCÊS. Para resolver esta questão com segurança era preciso, porém, comparar o proprio manuscripto hespanhol com o português.

1. As tres maravilhas da foresta de Corberic

(Fol. 183 v° a-185 v° b)

Galaaz e Persival andando como vos eu digo cuidavam que iam para o mar, acharomse preto de Corberic a aquela ermida u Rei Peles se metera ermitam. E quando el viu Galaaz foi mui ledo e recebeu el mui bem e os outros. E porque era tarde ficarom [com] ele e pois comerom daquele maniar que o homem bõo tĩia. E Galaaz lhi dise entom: «Senhor, por deus dizedeme hũa cousa que ei gram sabor de saber, e bem cuido que a nom posso saber se por vos nom».—«Mui de grado» diss' el «se a eu souber».—«Senhor» dise Galaaz «eu vi en esta furesta tres maravilhas; hũa foi da besta ladrador e outra da fonte da guariçom e outra d'ũa dona da capela». E devisoulhi como a vira.—«Ai» dise Rei Pelleam» estas son sen falha das aventuras do Reino de Logres e gram tenpo a que estas maravilhas averom. E eu vos direi a verdade asi como a ssei e falarvosei primeiro da besta ladrador, porque a ementastes primeiro.

Hũa sazom foi que ouve em esta terra huũ rei que ouve nome Ipomenes. Aquel Rei avia hũa filha tam fremossa que en todo o Reino de Logres nom avia tam fremosa cousa. A donzela avia hũu irmão de tam bõa vida e de tam gloriosa contra nosso senhor que maravilha [2], e com todo esto era tam fremoso e tam sisudo e de tam

[1] «E agora se cala a estoria de todas estas linngẽs que de Cecidones sairão e torna aos outros Ramos que chama estoria de Merlim que comvem por toda maneira jumtar com a estoria do graal» (fol. 311 v.°).

[2] A omissão do verbo é frequente nesta locução.

bõa graça, que nom a homem que o conocesse que se nom maravilhasse por sa vida e por sa fazenda. E era muito leterado, mais a donzela chus, ca ela avia comsigo os milhores mestres do mundo que lhi ensinavam as VII artes quanto eles mais podiam. Quando ela chegou a idade XX años, foi tam entendida e tam sabedor, que todos se maravilhavam por sa sabedoria, e nom lhi saberiam preguntar Ren de clerizia a que ela nom respondese compridamente. Mas nom estudava en nenhũa arte tam de grado como en nigromancia. A donzela era louçaa e leda e avia maior sabor do mundo ca devia aver, e quando conoceu a amar, amou seu irmão pola beldade e pola bondade que en elle avia. Que vos direi? Tanto o amou que se nom pode sofrer que lho nom dissesse. E aquel que era virgem e que o queria seer en todolos dias da sa vida e que se deitava a sservir nosso senhor de todo seu poder, ouve gram pessar e dise a sa irmãa por espantala: «Vai, cousa mal aventurada, ia mais nom mo digas, ca te farei queimar». E ela ouve gram pavor e vergonha da sa ameaça e calouse toda tolheita e sandia, mas, pero seu irmão a meaçou, no no amav [1] ela meos que ante mas muito mais. Que vos direi? Ela provou todalas maravilhas que pode asi por clerizia como por al se o podiria aver, mas nom pode. E dise entom: «Mais val que me mate ca viver en esta coita».

Entom filhou hũu cuitelo que tĩia en sa arca e partiuse de ssas donas e das sas donzelas e foise a hũa orta de seu padre a hũa fonte que i avia e ali se queria matar por sair da sa coita. E parecèlhi [2] o demo en semelhança domem tam fremosso e tam ben feito que maravilha. E quando viu que se queria matar, diselhi: «Ai donzela, nom vos matedes, mais atendê [3] ata que fale comvosco». E ela foi espantada mais nom muito e deteve seu colpe e diselhi: «Quen sodes?» — «Eu sõo huũ omem» dise ele «que vos amo muito e vos prezo sobre todalas donzelas que eu sei e pesame muito porque nom podedes aver o que deseiades». — E ela foi toda espantada quando esto ouviu e diselhi: «E vos, quen sodes, que sabedes o que eu deseio e nom o posso aver? — «Eu sei bem» dis'el «e diriavolo, se soubese que vos nom pessaria».— «Dizedemo» disse ela «eu volo rogo».— «De grado» dis'el «pois vos apraz. Vos amades vosso irmão tanto, que a pouco que vos nom perdedes por el. E porem vĩi aqui a vos; se quiserdes fazer o que vos eu rogar, eu volo farei aver aa vossa voontade e tosto.» — Quando a donzela esto oviu disc: «Eu sei bem que vos so-

[1] Fórma frequente na *Demanda*. Comp. *morau* na *Cron. dos fraires men.* 53 r°b; *demostraullhes* 186 r°b, e até *afirmã 100 r°b.*

[2] Na 3.ª pessoa do perfeito simples da segunda conj. é muito usada a desinencia — *e* (=ê) em lugar de — *eu* deante do pronome conjunto, não sómente no *Graal*, mas tambem em outros documentos antigos. Comp. *teméos* no *Castello Perigoso,* 10 1°, *apprendéo* Ined. II. 102, *rés pondélhe* 114 etc. Igualmente encontramos — *i* em vez de — *iu* na terceira. Cfr. *fo-sse* por *foi-sse* 195 v.° b., etc.

[3] Encontram-se ambas as formas: — *ee* e — *ê*. E na 2.ª pessoa do plural do ind. pres. — *edes,* — *ees* e — *ês.*

des mais sisudo ca homem podiria coidar, que vos sabedes o que homem nem molher nom podiria saber fora eu e meu irmão e porem vos outorgo a fazer todo que vos quiserdes o que me dizedes.» — E elle lho prometeu. Desi diselhi: «Ora vos peço que me dedes vosso amor en galardom daverdes o que tanto deseiades». — «Ai» dise a donzela» como faria eu esto? Ia vos bem sabedes que amo meu irmão tanto que moiro por el». — «Nom pode al seer» dise o demo; «ou vos faredes o que vos eu digo ou iamais nom no averedes.» E aquela que era chea de pecado e de mal aventura acordouse i, pero mui daenvidos [1] e aiudava i muito, porque lhi parecia o demo mui ben.

Asi outorgou seu amor ao demo e ele iouve com ela asi como o padre de Merlin iouve com sa madre. E quando iove com ela ouve ela tam gram sabor que lhi escaeçou o amor de seu irmão tam mortalmente que nom poderia mais. Hũu dia estava ante hũa fonte com seu amigo, o demo, e começou a pensar muito. E ele lhi dise: «Que pensades? Vos pensades como poderiades matar vosso irmão». — «Pardeus» disc ela «esso. E ora veio bem que vos sodes o homem mais sisudo do mundo e rogovos por aquel amor que me vos avedes que me ensinedes como o possa matar, ca nom a coussa no mundo com que me tanto prouguesse». — «Eu volo ensinarei «disse el.» Enviade por vosso irmão que venha comvosco falar a hũa camara e pois fordes i, çarade a porta e entom lhi demand[ad]e o que quiserdes. E el nom no querra fazer. E vos travade em ele e teedeo bem e ele se asanhara logo, asi que vos fara noio mas nom grande; e vos dade vozes e todolos outros cavaleiros chegars'an i. Entom poderedes dizer que vos aforçou e el Rei o fara prender e fazer dele justiça e asi seeredes vos vingada».

Ben asi como o demo dise asi o fez ela, ca enviou por el e u lhi ela quis falar, naquelo deulhi el hũa palmada tal, que todo o Rosto foi coberto de sangui e o peito. Entom começou ela dar vozes: «Valedeme! Valedeme!» E todolos do paaço correrom ali e el Rei Ipomenes outrosi e britarom a porta da camara. E quando el Rei viu tal sa filha, ouve gram pessar e preguntoulhi, quen li fezera aquelo. «Senhor» dise ela meu irmão que me escarneceu». — «Como?» dis'el «iouve comtigo?» — «Si» disse ela «mao meu grado». E el Rei fez logo prender seu filho e metello en hũa torre. Disi preguntou sa filha:

«Iouve oge comtigo?» — «Nom» dise ela «mas gram tenpo a; mas nom volo ousava a dizer com medo de me matar.» E esto lhi dizia ela porque se sentia prenhe asi que o poderi [2] entender quemsiquer. Asi meteu Rei Ipomedes seu filho en prison pola deslealdade sa filha [3]. E o donzel se salvava o melhor que podia, mas nom lhi valia Ren, ca seu padre e todolos outros (outros) cuidavam que asi era como ela dizia.

[1] Quer dizer: *Contra vontade*. Existe tambem no hespanhol antigo.
[2] Fórma contrahida, em logar de *poderia*.
[3] Traducção literal do caso obliquo francês.

Rei Ipomenes ouve tam gram pessar deste feito que chamou seus ricos homens e fezeos iurar que iulgassem por direito seu filho. E elles iurarom que por direito avia de morrer. El Rei preguntou sa filha de qual morte queria que seu irmão morresse. — «Eu quero» dis'ela «que o deitem aos caães e os caães» disc ela «seiam ieiuus de VII dias quando lho ouverem a deitar». Bem asi como ela mandou assi o fez fazer el Rei. E o donzel que era tam fremosso e tam bõo foi levado aos caães que morriam de fame. Mas quando viu que lhi iulgavam morte e que nom podia escapar, disse aa irmaa ante seu padre e ante quantos ricos omens que i eram: «Irmãa, tu sabes que me fazes morer a torto e que eu nom mereço esta morte de que me fazes morrer; e nom me pessa tanto pola coita como pola vergonhosa morte que me fazes aver. Tu me fazes sofrer vergonha sen merecimento, mas aquele (que) me vingara que prende as grandes vergonças das grandes deslealdades do mundo. E a nacença do que tu trages parecera que nom foi de mim, ca nunca domem nem de molher saiu tam maravilhosa cousa como de ti seira, que diaboo o fez e diaboo trages e diaboo saira en [se]melhança de besta mais desasemelhada que nunca homem viu. E porque a cãas me fazes dar avera en aquela besta dentro en si caãs que senpre ladraram en renembrança e en referimento de cães a que me tu fazes. E aquela besta fara muito dano en homees bõos e ia mais nom quedera de fazer mal, ata que o boo cavaleiro, que avera nome Galaaz como eu, seera en esa caça. Por aquel e por sa viida morrera o door[o]sso fruito que de ti saira». Esto disc o donzel a ssã irmaa e dissi deitaromno aos caãs que o comerom logo.

El Rei fez guardar sa filha ata que foi sazom daver seu filho. E as donas que estavam com ela a seu parto, u cuidarom a achar filho, acharom a mais dessemelhada besta e a mais malaventurada como ia ouvistes, e ouverom pavor tam grande que todas foram mortas fora ela e outra dona. E a besta se foi asi que nom ouve homem no paaço nem no castelo que a podessem tornar e ia poendo os maires ladridos do mundo. Quando el Rei esto soube, logo entendeo que era verdade o que sseu filho dissera aa sa morte e coitou sa filha de guisa que lhi ouve a dizer a verdade toda e sa fazenda en qual guisa fezera matar seu irmão a torto e como o demo iouve com ela nom no conocendo e depois que o ar conoceu. Entom a mandou el Rey filhar e fezea morrer de peor morte ca seu irmão. En tal guisa, dom Galaaz, »diso Rei Peleam« como vós eu digo, foi feita a besta ladrador e porque [era] filha do demo aveeram tantas mãas aventuras por ela em esta terra e foram mortos tantos homens boos e tantos bõos cavaleiros como ia ovistes. Ora vos direi eu da fonte da guariçom como aveo que ouve tam maravilhossa virtude. Verdade foi e os homens boos o testimunham ainda que no tempo de Joseph ab Aramatia vẽo en esta terra Rei Mordain e seu conhado Naciam. Naciam dultava e amava seu senhor Jesu Christo sobre todalas cousas do mundo e quando chegou a Camaalot saio este Rei Camaalis fora a elles aa ba-

talha e desbaratou en canpo os cristaãos e durou o encalço mais dũa iornada, tanto que encalçou Rei Mordain e Naciam ante a torre do iaiam, e ensserouos i en tal guisa que nom poderom ir aca nem ala. Rei Camaalis era boo cavalheiro darmas aa maravilha e bem sabia que Naciam era o mais nomeado cavaleiro do mundo. E envióllhi dizer por hũu seu homem que se combateria com el huũ por outro por tal preito, que se o vencesse a Naciam, que se to[r]nasse seu homem com toda sa companha e se Naciam vencesse Camaalis, qu'er fezesse Camaalis outrosi. E Camaalis demandou esta batalha, ca lhi semelhava que valia mais duũ deles morrer ca se perder tam gram poboo como ali era ajuntado. Naciam a aquela ora que a batalha foi pidida era tam mal chagado que adur pudia cavalgar e por esto nom soube que fezesse, nom ja por pavor de seu corpo mas por pavor da sa gente, ca bem sabia que era Camalis mui boo cavaleiro a maravilha. E os que i estavam diseromlhi: «Naciam, que faredes vos em esto?» — «Certas» dis'el «a batalha filhar nom m'outorgo eu, mais ma el demanda; metereim'ende no poder e na mercee de Jesu Christo por este poboo salvar». Entom dise ao homem: «Ora podedes dizer a vosso senhor que manhãa ora de prima machara guisado da batalha ante esta torre por tal preito qual me vos dissestes». Entom se tornou o homem a seu senhor.

Asi foi a batalha posta antre Camaalis e Naciam ante a torre do iaian. Aquela noite pensou muito Naciam en como era mal chagado e en como se avia conbater com tam boo cavaleiro e pensava que se fosse vençudo seeria o poboo de Jesu Christo todo confundudo e deitado en servidoõe. Aquel pensar o meteu em tam grande espanto que nunca foi en maior. E u iazia en esto pensando diselhi hũa voz: «Nom te espantes, Naciam, ca nosso senhor te acorrera e eu te ensinarei como seeras guarido de tas chagas. Fica aa manhãa ta lança en terra ali u quiseres que seia a batalha e ao sacar da lança nacera hũa fonte e aquela fonte seera de tam gram virtude, que todo homem que for chagado e dela bever logo seera são; e por aquela virtude avera nome fonte da guariçom». Quando el esto (esto) ouviu foi muito ledo e deu graças a nossa senhor. E fez assi como lhi foi mandado e guareceo das chagas e venceu o Rei que nom criia e fez creer ele e toda sa conpanha. Assi como vos eu digo foi feita a fonte da guariçom que ainda dura asi como vos ia sabedes, mas des aqui nom durara que nom quer nosso senhor. Ora vos direi da dona da capela.

Aquela dona foi chamada Rainha Genevra, Rainha de gram terra e de bõa, e vivia tam boa vida e tam gloriosa, que vivendo antre sas gentes amavaa muito noso senhor e bem lho mostrou en muitas cousas. E sabede que foi da linhagem de dom Persival que aqui see. A dona avia IIII filhos e hũa filha mui fremosa. A donzela amava hũu cavaleiro de seu padre tam muito, que nom amava tanto si nem al, e tanto o amou que o nom pode encubrir e diseo a seu padre e rogoulhi que lho desse por marido. E o padre nom lho quis outorgar, ca el nom era tam fidalgo que devesse a cassar com filha de Rei e

diselhi: «Tu es sandia e ia mais nom pensis i. ca te farei morrer de maa morte, ca eu nom quero abaixar por ti minha linhagem.» Ela que timia seu padre calouse e nom amou porende meos o cavaleiro mas muito mais. Hũu dia estavam soos o cavaleiro e a donzela e o cavaleiro lhi dise: «Donzela, que faremos?» — «Certas» dis'ela «nom sei, ca ia por milhor nom speredes mentre meu padre for vivo; mas se el fosse morto bem sei que praziria a mia madre e a meus irmaãos.» — «Como?» dis'el «nom vos poderei eu aver senom por morte de vosso padre?» — «Certas nom» dis'ela. — «Pois eu me trabalharei como moira» dis'el.

Depos esto acabo dũu pouco que el Rei iazia dormindo com sa molher en sa camara, o cavaleiro entrou a el asi como aquel que era o mais privado que el avia e foi a el e meteulhi o coitello polo coraçom asi que foi logo morto que Ren nom falou nem se meceu, nem a Raĩa nom se espertou. El foi tam espantado de seu feito que lhi caeu o cotello sobella Raĩa e saiusse da camara que nengũu nom lhi entendeu fora a donzela. Aquela logo entendeu que era seu padre morto, deu hũa tam gram carpinha que a ovirom quantos iaziam derredor. E os filhos del Rei que i iaziam no paaço chegarom i primeiro e acharom sa madre cabo del Rei dormindo e o coitello sobre ela. Quando isto virom, nom oviu i tal que verdadeira mente nom creesse que ela matara el Rei e porende a filharom e soterraromna viva e posserom sobre ela hũa canpãa tal qual o conto a ia divisado.

Asi cuidarom os filhos matar sa madre. Mas nosso senhor que ela serviu de todo seu coraçom nom lhi escaeceu ali u iouve en prisõo ante começou por ela fazer tam fremosos miragres e tam fremossas virtudes que de todas partes do reino Logres i vinham. E nom vinha i tam febre nem tam enfermo nem tam mal treito ia nom seeria, que nom recebesse saude. E com todo esto mantevea nosso senhor ali u iazia de pam celestial ata que vos chegastes a Corberiqui. Mas se ela e ia ora morta ou viva esto nom sei eu.» — «Como nom?» diserom eles. — «Esto vos direi eu bem» dise el. «Mentre eu foi (eu fui) na camara do Santo graal soube as maires maravilhas do reino de Logres, ca a santa voz mo discubria, mas desque me parti tanto eu sei como outro homem. Agora vos divisei a verdade de tres cousas que me preguntastes.» — «Certas, senhor» diserom elles «si mui bem e muito a nosso prazer».

2. A morte de rei Artur

(Fol. 192 vº b — 196 rº b)

Em esta parte diz o conto que tanto que a avẽeça de Rei Artur e de Lançalot foi posta, que lhi chegarom hũas novas onde ouve gram pessar e mui gram sanha; ca lhi diserom que o enparador de Roma era en Bretanha com mui gram gente e queria filhar Gaula e pois passar ao Reino de Logres e comquerelo. E el Rei avia muitos

cavaleiros chagados e esteve tanto ata que sãarom. Quando el viu que era Galvam ia são e os outros cavaleiros, saiuse com toda sa oste contra o emparador de Roma e lidou com el e venceuo e matouo e pres [1] muitos dos milhores de Roma e fezlhis iurar sobrellos santos evangelhos que o levassem a Roma. E ao partir diselhis: «Vos levaredes aos romaãos da mia parte o enparador e diredeslhis que esta e a renda que lhis eu devo».

Aquel dia que os romãos foram vençudos veerom a Rei Artur hũas mui maas novas, ca huũ escudeiro lhi dise: «Senhor, vos avedes perdudo o Reino de Logres. Mordret, vosso sobrinho, se iurou com todolos homens bõos da terra contra vos e e Rei coroado de toda vossa terra e cercou a Raĩa Genevra no alcaçar de Londres e ameçoua que a mataria porque o nom quiria filhar por marido. E bem asi era todo como lhi dizia o escudeiro e querovos contar como. Digovos que pois que se partiu Rei Artur do Reino de Logres sobre Lançalot, comendou sen falha sa terra e sa molher e sas gentes que ficavam a seu sobrinho Mordaret e fezlhi iurar sobre os santos evangelhos que fezessem por Mordaret tanto como por seu corpo. Quando Mordaret viu que a terra era en seu poder, logo pensou que faria de guisa que seu tiu nom ouvesse a que tornar a ela. E ele amava a Raĩa que nunca a Lançolot amav mais. E fez entom fazer hũas leteras falsas que fez aduzer como de carreira, hu sia ante os homens bõos de Logres, que fezessem Morderet rei e lhi dessem a Raĩa por molher. Os de Logres que verdadeira mente cuidavam que era asi como as leteras diziam, fezerom Morderet Rei. E quando lhi quisserom dar a Raĩa por molher, nom quis ela, ca o desamava muito, e meteuse no alcaçar de Logres com gente de sua linhagem. E Morderet fez combater a torre, mas nom na pode filhar, ca os que dentro iaziam eram mui boos e defenderamna ben.

Esta foi a traiçom que Morderet fez a seu tio, onde aveo que ouve el Rei gram pessar quando ende as novas ouviu e dise: «Ora cavalguemos, ca se deus quiser nom folgarei ata que seia en Logres.» Queiam, o mordomo, o fezera mui bem na batalha, mas saiu achagado a morte e outrosi Galvam e outros muitos bõos cavaleiros. Queiam que bem viu que nom poderia ir na oste fezesse levar a Normanda a cassa dũa donzela que fora sa encendedor. Ali morou Queiam. E fezerom os da linhagem del Rei por amor de Queiam hũa villa que a nome Caiam.

El Rei chegou ao mar e passouo com tanta gente como trazia. Galvam tanto que chegou aa terra morreu logo e levaromno ao castelo de Cros. Mordaret tanto que se alçou fiezse amar tam muito a todos por muito bem que en ele avia de muitas coussas que todos o amavam fera mente, unde aveo que lhi disserom quando souberom que vĩia Rei Artur: «Senhor, nom aias pavor, mas cavalga e defendi o que te nos demos, ca nos avemos sabor de receber morte por de-

[1] Comp. *quis*, *fez*, *pôs*.

fender ta onrra. Mordcret fez entom armar toda sa gente e partiuse de Logres, u tiĩa a Raĩa cercada. E tanto que ss'el partiu, meteusse a Raĩa en hũu mosteiro de donas e pensou, que se Mordaret vencesse que nom seeria tam mão que a dali tirasse, e se Mordaret fosse vençudo, iriasse para seu senhor.

Mordaret cavalgou com toda sa companha tanto que achou Rei Artur com gram gente. Quando as duas ostes sacharom, muito foi dito dũa parte e doutra, se poderiam i meter paz. Mas esto nom pode seer, ca el Rei nom se outorgou i. Todas estas cousas que aqui convem que vos nom diviso compridamente, achaloedes no conto do braado, ca me nom tremeti de divissar compridamente as grandes batalhas que forom antre a linhagem de Rei Bam e de Rei Artur, que o enparador de Roma e Rei Artur posseeriam mais que as III partes do livro.

Quando as ostes forom assũadas no campo de Salaber, ali podiria omem veer de boos cavaleiros dũa parte e doutra, unde aveo que tanto se ferirom nas lanças [que] veeriades tantos iazer en terra de mortos e de chagados que maravilha era. E daquela batalha foram mortos VII Rex da parte de Rei Artur, e o conto do braado diz quaes forom. Ali morreu Juam, filho de rei Huriam; ali morreo Rei Adestrais e Dodinaux o salvagem e Brandeliz e bem XX da tavola redonda, unde o que meos valia era tẽudo por mũi boo cavaleiro e por bõo homem. En aquela batalha fez Mordaret tam bem en armas e tanto se defendeu maravilhosa mente que nom foi tal que o aquel dia visse, que o nom tevesse por mui boo cavaleiro estranha mente. E sabede que a estoria diz que en toda sa vida nom fez tanto en armas como aquel dia soo, ca el por sas mãos matou VI companheiros da tavola redonda de que o conto do braado conta os nomes e os feitos. E rei Artur o er fez tam bem aquel dia, que todolos seus filharom en fazanha, e nunca mais cansava de ferir despada, unde Lucam que estava preto del e que via as maravilhas que fazia, dise a Giflet: «Dom Giflet, seiamos seguros que venceremos esta batalha. Vedes aqui Rei Artur que boo senbrante vos mostra. Bem apres a confonder e a matar seus enmigos; bem deve seer chamado Rei quem assi sabe ajudar sa gente.» Assi dise Lucam de Rei Arthur quando viu que tam bem o ffazia. E rei Artur andou tanto pola batalha que achou Mordaret e deulhi per cima do elmo hũu tam gram colpe que o meteu en terra estorgido e coidou que era morto e diselhi: «Mordaret, muito mal me as feito, mas nom se vos tornou a prol.»

Rei Artur derribou Mordaret asi como vos digo. Mas nom iouve en terra ren, ca seus vasalos o erguerom. Mas quando foi no cavalo ouve gram vergonha de que assi caera vendoo seus homens e leixouse correr a Sagramor e deulhi hũu tam gram colpe que lhi deitou a cabeça alongo e o corpo caeu en terra. E quando el Rei viu este colpe e diso: «Ai deus, camanha ma andança do traedor matar os boos cavaleiros e os leaes.» El Rei cobrara ia sa lança boa e forte e leixouse correr a Mordaret que nom receava nada, tanto era de boo coraçom,

o feriuo tam riiamente que lhi meteu a lança polo peito que o firio e o fuste pareceu da outra parte. E diz a estoria que pois tirou a lança delo que passou por meo da chaga hũu raio do sol tam craramente que ben no viu Giflet, onde os da terra pois ende ouvirom falar e diserom que era miragre de nosso senhor e sinal de pessar. Mordaret sentiu bem que era firido aa morte e firiu el Rei seu padre tam fera mente que elmo nem almofre nom prestou que a espada nom fezesse entrar atee o osso e do osso lhi talhou gram peça. Daquel colpe foi'l Rei a terra e outrosi a terra Mordaret.

En tal guisa como vos eu conto matou Rei Artur Mordaret e Mordaret chagou elo aa morte. E esto foi gram [malaventura] e gram dano, ca nom ouve pois Rei Artur cristaão(s) tam bem andante nem que tam bem fezesse sa fazenda nem que tanto amasse nem onrasse cavalaria. Quando Briobleris que ante el estava viu este colpe, diso com mui gram pessar: «Ai deus, ora veio a proffecia comprida que os homens sisudos desta terra diserom por muitas vezes que Rei Artur morreria por mão de seu filho. Ai deus, que dano e que perda.» Entom deceu e foisse a el Rei e posseo en seu cavalo. E el rei era ainda tam estorgido do colpe que adur se podia teer e pero tanto foi acordado e viu Mordaret iazer en terra dise: «Mordaret, mao ponto teu fiz. Tu confundisti mim e o Reino de Logres e tu es porem morto. Maldita seia a ora em que tu naceste.» E aquela ora que el Rei esto dise era ia a batalha acabada, ca de LX mil que aquel dia foram i assũados nom ficarom i fora LX que nom forom mortos. E Blioblerís que fezera tam bem darmas que nenhũu o nom fezera milhor, pois pos el Rei en seu cavalo, deceu a Mordaret veendoo quantos i estavam e liouo a coa do seu cavalo e começouo arrestar por meo da batalha. Entom o trouxe assi que foi todo espedaçado. Da oste de Mordaret nom ficou homem vivo nem da oste Rei Artur nom ficou fora IIII, o arcebispo de Conturbe e Briobleris e Giflet e Lucam que ainda estavam a cavalo. E el Rei Artur ainda a cavalo estava, mas bem sentia que era chagado aa morte. Quando elles virom que nom ficou i homem com que se combater podessem e virom o campo de Salabor cuberto de todas partes de cavaleiros mortos, diserom antre si chorando: «Ai deus, como aqui a gram dano e gram perda. Ai deus, que nos poderiades chus mal fazer, ca nos veemos aqui todo mundo iazer morto a marteiro e a door.»

Pois fezerom seu doo partiromse do campo dooroso. E el Rei fazia tam gram doo que morria e o arcibispo o confortava quanto podia e disse: «Ai senhor, se vos perdestes vossos amigos, da outra parte graças a deus ouvestes bõa andança e escapastes vivo e vencestes esta mortal batalha e matastes vossos eemigos.» — «Ai» dise el Rei «se eu escapei vivo, que prol me vem? Ca mia vida nom e nada, ca eu bem veio que sõo chegado aa morte. Ai deus, que coita tal, vĩir tam maa andança a hũa gram terra por traiçom duũ mao homem!»

Asi partiu Rei Artur do campo de Salabor e Blioberis tragia

ainda a cabeça depos si de Mordaret, ca sen falha [o] corpo todo era espedaçado. El Rei preguntou Bliobleris: «Ficouvos tanto do treedor que nos confundiu tam mal?» — «Senhor» disse Blioberis «si. Esta e a cabeça do Mordaret.» — «Muito me praz» dise el Rei. «Nos a faremos poer em luguar hu a poderam veer quen quiseer. E vos e o arcibispo ficaredes em este campo e fares hũa gram torre en que deitem as cabeças dos que aqui morreram. E pendurado suso em hũa gram cadea a cabeça do Mordaret e fazedo i escriver leteras como o gram doo em este canpo por ele aveo, assi que os que depois nos veerem, quando souberem polo escrito o mal que por el veo, que maldigam toda sa alma.»

Bem assi como el Rei mandou asi o fez o arcibispo e Bliobleris, ca fezerom no campo hũa torre grande e poseromlhi nome ‚a torre dos mortos'. E posserom i a cabeça de Mordaret e esteve i pendurada ata que Charles Mainete passou a Inglaterra e foi veer a torre. E quando Galaron o traedor que pois fez tanto mal como divisa, porque a cabeça de Mordaret estava ali pendurada, semelhoulhi que fora ali posta por doesto e por referimento dos traedores todos do mundo e pessoulhi ende muito, ca sse tĩia por tal, e foi ala de noite e despenduroua e meteua em logar u nom souberom pois parte dela. A torre ficou sen falha. Ainda ora oge a dos muros dela. Mas ora leixa o conto a falar da torre e torna a Rei Artur.

Ora diz o conto que pois Rei Artur se foi do canpo u a batalha foi tam mortal e tam doorosa e que se foi com Lucam e Giflet, cavalgou tanto que chegou a hũa capela. E aquela capela avia nome a capela veira. Mas onde ouve este nome o Romanço do braado [o devisa], ca mais fez a seu conto ca este. Quando eles chegarom aa capela, el Rei que [se] sentia maltreito deceu e os outros com el e entrarom na capela. E el Rei ficou os geolhos en terra ante o altar. E Lucam que estava a ssas espadoas outrosi en geolhos nem esteve i muito que viu o estrado en deredor del Rei cheo de sangui. Entom entendeo primeira mente que el Rei era chagado a morte e que nom podia ende escapar. E nom se pode tẽer que nom disse chorando: «Ai Rei Artur, como e gram dano da vossa morte, Ja mais tal homem nom morrera.» — E el Rei foi ende espantado desta palavra como homem que sespanta quando ouve falar da sa morte e Respondeu: «O dano nom seera soo meu, mas muitos homens boõs i perderam.» Entom se lleixou caer sobinho e el era grande e pessado e estava armado. E aveo assi quando caeu, que tolheu antre si e a terra Lucam que era ia desarmado e estendêsse sobrel tan di Riio, que o apertou tam muito so si, nom por sanha que lhouvese mas pola gram coita que sentia, que o britou en guisa que logo foi morto.

El Rei pois iouve asi gram peça ergueose mas nom cuidou que matara Lucam. E Giflet [que] viu que era morto disco a el Rei. A el Rei pessou muito e diso como homem que avia gram coita: «Giflet, eu nom soo Rei Artur o que soiam chamar Rei aventuroso polas bõas andanças que avia, mas que[u] magora chamar por meu direito

nome, chamarma malaventurado e mizquinho. Esto me ffez ventura que xi me tornou madrasta e enmiga. E nosso senhor [a] que praz que viva en doo e en tristeza esse pouco que ei de viver o bem mo mostra, que asi como el quis e foi poderoso de me erguer por mui fremossas aventuras e sen meu merecimento, bem assi e poderoso de me dirribar por aventuras feas e mãs por meu merecimento e por meu pecado.» Asi dise Rei Artur quando viu que assi matara Lucam. E iouve ali aquela noite com gram pessar e tanto coitado que bem entendeo que pouco duraria. Quando chegou o dia disi a Giflet: «Cavalguemos e vaamosnos direitamente ao mar, ca tanta maa andança me veo desta vez en Logres, que nom quiria i morrer. E bem asi como minha vida andou sempre en aventura, asi seera da mia morte, ca mia morte seera tam en dulta a todas gentes, que nenguũ nom se podera louvar que sabe certamente a verdade da mia fin». Entom cavalgarom e partiromse da capela e foramse direitamente ao mar...[1]

Quando Rei Artur se partiu da capela veira asi como vos ia dise, foisse com Gilflet contra o mar com mui gram pessar das aventuras que viia e das mãs andanças que lhe viĩam de novo hũas depos outras.

Quando chegou ao mar, esto foi ora de meio dia, deceu e assentousse na Riba do mar e deceu sa espada e tiroua da baĩa e viu a cinta vermelha de sangui daqueles que matara. E pois la catou gram peça dise suspirando: «Ai Esclabor, espada bõa e onrrada, a melhor que nunca entrou no Reino de Logres fora a da estranha cinta, ora perderas tu senhor. Mas u acharas homem iamais, u tam bem empregada seias como eras en mim, sse aas mãos nom vẽes de Lançalot. Ai Lançalot, o melhor omem e o melhor cavaleiro que eu nunca vi, fora Galaaz que foi o milhor dos milhores, ora prouguese a nosso senhor que tu esta espada ouvesses e soubesse eu. Certas a minha alma seeria mais viçossa ende para senpr'.» Entom chamou Giflet e diselhi: «Filhade esta espada e ide ali suso a aquel(a) outeiro e acharedes i hũu lago e deitadea i, ca nom quero que os mãos que depois nos Reinaram aiam tal espada.» — «Senhor» dis'el «eu farei voso mandado, mas ante eu quiria se vos prouguesse que ma desedes.» — «Nom no farei» dis'el «ca nom seera en vos empregada a mia vontade, ca nom avedes muito a viver.» Entom tomou Giflet a espada e foi ao outeiro e achou o lago e tirou a espada da baĩa e catoua e viua tam bõa e tam Rica que lhi semelhou que seeria dano sobeio de a deitar no lago e que melhor era de deitar a ssua e filhar aquela para si e que disse[se] al Rei que a deitara no lago. Entom tomou a sua e deitoua no lago e escondeu a del Rei nas ervas e tornousse a el Rei e dise que a deitara no lago. «Pois que viste entom?» dis'el Rei. — «Senhor, nom vi Ren.» — «Ai» dise el Rei» muita coita me

[1] Omitte-se aqui a narrativa da morte de Artur Pequeno, por não fazer parte integrante do episodio que transcrevo.

das. Torna ala e deitaa i, ca ainda i nom deitaste.» E el tornou ala e filhou a espada e catoua e fez seu doo e dise que seria gram dano, se assi fosse perduda, e pensou que deitaria i a bainha e tẽeria a espada, ca ainda poderia tẽer prol a el ou a outrem. E filhou a baĩa e deitoua no lago. E tornou a el Rei e dise que deitara i a espada. E el Rei lher preguntou que vira. «Senhor» dis'el «nom vi Ren. E que avia a veer?» — «Que avias a veer?» diso el Rei. «Nom a deitaste ainda i. Porque me fazes tanto mal? Vai e deitaa i; entom veeras o que ende averra, ca sem gram maravilha ela nom pode ser perduda.» Quando el viu que de fazer lhera, tornou ao lago e filhou a espada e disse: «Ai espada boa e Rica, como gram dano que algũu homem boo nom te tolhe na mão.» Entom a lançou o mais que pode e quando chegou preto da agua viu hũa mão sair do lago que parecia ates o covodo, mas do corpo nom viu nada. A mão recibeu a espada polo mango e brandiua tres vezes ou quatro e pois a brandiu meteuse com ela na agua. Ele atendeu gram peça por veer, se xi lhi amostraria mais.

Depois partiuse do lago e tornou a el Rei e diselhi como deitara a espada e o que en vira. «Pardeus» diso el Rei «todo esto eu sabia que avẽria eu. Ora sei eu bem que minha morte se chega muito.» Entom veeromlhi as lagrimas aos olhos e pensou gram peça e dise: «Ai Giflet, longo tempo me servi[s]tes e me tevestes companha. Mas ora chegou ia termo en que vos convem ia de mi partir, e bem vos podedes louvar que vos ssodes o companheiro da [ta]vola redonda que mais longamente me teve companha. Ora vos digo que vos vaades, ca des oge a mais nom quero que fiquedes commigo, ca mia fin se achega e nom e cousa posta que nenhũu saiba verdade de mia fin. Ca bem como eu aqui por ventura fui rei, assi passarei deste Reino por ventura, ca nengũu nom se podera louvar des aqui adiante que certamente saiba que seera de mim. E por esto quero que vos vaades e pois fordes de mim partido se vos preguntarem novas de mim Respondèlhis, que Rei Artur veo por ventura e por ventura se partiu, e ele soo foi Rei aventuroso.» — «Ai senhor, merece» diso Giflet «por deus soffredeme que vos faça companha ata que veio a vossa fin.» — «Eu nunca vos amarei» diso el Rei «se vos nom ides, mais façovos certo que vos verra mal, se vos nom ides.» — «Ai senhor» dise Giflet «farei o, pois vos praz, mas sabede que nunca fiz cousa porque tanto me pessase como de me partir de vos, ca eu vos amei senpre sobre todalas coussas. Mas por deus e por vossa bondade tanto me disede se vos prouguer, se cuidades que vos er veia eu depois que mora partir.» — «Certas nom «diss'el Rei» jamais ora nom me veeredes.» — E el Respondeu entom: «Senhor, tanto e mais meu pessar.» Entom foi a seu cavalo e cavalgou e dise chorando aa tam grande afam como aquel que bem semelhava que o coraçom se lhi queria partir: «Senhor, comendovos a deus.» — «Deus seia comvosco» dise el Rei. E partiuse Giflet dele. Entom começou aa chover muito e a fazer mão tempo. E foisse Giflet contra hũu outeiro quanto mais

pode, ca pensou que [se] no outeiro subisse quo veeria para u Rei Artur iria. E o outeiro era do mar mea legoa pequena.

Quando Giflet chegou ao outeiro estevo so hũa arvor ata que se fosse a chuva e começou a chorar e a catar aquela parte hu el Rei leixara. E nom estevo i muito quo viu vĩir por meo do mar (en) hũa barqueta en que vĩiam muitas donas. A barca aportou ante Rei Artur e as donas sairom fora e foram a el Rei; e andava antr'ellas Morgaim a encantador, irmão [1] de Rei Artur, que foi a el Rei com todas aquelas donas que tragia e Rogouo entom muito que por seu rogo ouve el Rei dentrar na barca, e pois foi dentro fez meter seu cavalo e todas sas armas. Disi começousse a barca de ir polo mar com el e com as donas en tal ora quo nom ouve i pois cavaleiro nem outrem no Reino de Logres quo disesse pois certamente que o pois vissem. Quando Giflet que estava no outeiro viu que el Rei entrara na barca com as donas, deceuse ende e ffôsse contra ala quanto o cavalo o pode levar, ca esmou se chegasse com tempo que se meteria i com seu senhor na barca e que se nom partiria del por ren quo aveesse se por morte [nom]. E quando chegou ao mar, a barca era ia alongada da Riba e viu el Rei antre as donas e conoceu bem Morgaim a fada, ca muitas vezes a vira. E a barca estâ [2] da Riba tanto como deitadura de besta [3]. E quando Giflet viu que asi perdera el Rei, começou aa fazer o moor doo do mundo, e ficou ali todo aquele dia e toda aquela noite quo nom comeu nem beveu, nem ia o dia dante nom comera.

En outro dia, quando o sol era ia levado, cavalgou Giflet mui coitado e com gram pessar e partiusse dali e cavalgou tanto que chegou a hũu mato pequeno. E morava i hũu ermitam que era mui seu conoçudo. E foi a el e morou i com el dous dias porque se sentia maltreito e contoulhi entom o que vira de Rei Artur quando o vira entrar no mar com as donas. Ao terceiro dia partiuse e foise aa capela veira por saber, se era ia Lucam soterrado e chegou i a oRa de meo dîa. E deceu e liou seu cavalo a hũa arvor e entrou dentro e achou II moimentos ante o altar mui fremossos e mui Ricos, mas hũu era mui mais rico ca outro. Sobelo que era meos rico avia leteras quo diziam: «Aqui iaz Lucam, o copeiro, quo rei Artur matou so si.» Sobelo outro mais Rico que era maravilha avia leteras que diziam: «Aqui iaz Rei Artur que por sa proeza e por sa bondade conquis XII Reinos.»

Quando ele leo as leteras esmoreceu sobelo moimento e quando acordou beiiouo chorando muito de coraçom. E estevo i atee o sarão que hũu homem chegou quo servia o altar da capela, e tanto quo viu

[1] *irmão* (por *irmãa*), empregado como nome commum, talvez por analogia com *senhor*, usado em ambos os generos no antigo portuguez.

[2] = estava.

[3] Comp. outras locuções semelhantes como: *tiro de besta* (passim), *quanto poderá seer corredura de cavallo* no *conto d'Amaro* (Alcob 266) 112 v.°

Giflet perguntouo: «Senhor, por deus, e verdade que aqui iaz Rei Artur?» — «Certas» dise o homem bõo «eu o creo assi, ca muito a pouco que tragiam aqui donas en ũu leito o corpo dũu cavaleiro e faziam doo mui grande a maravilha. E quando as preguntei. quem era aquel porque tal doo faziam, elas mi diseram que era Rei Artur. E metemolo entom en este moimento. Desi foramsi ellas contra o mar e nom er tornarom.» E Giflet esmou entom que aquelas eram as donas a que vira meter Rei Artur na barca e pero dise en sê coraçom que todavia queria saber verdadeiramente se era aquel Rei Artur que no moimento iazia.

Enton foi Giflet ao moimento estando o homem bõo deante. Entom fez que ergueo a canpãa e quando catou dentro nom viu Ren fora o elmo de Rei Artur aquel meesmo que trouxera na doorosa batalha. Quando el viu que o corpo del Rei nom era ali, mostrou ao homem bõo o moimento vasio e diselhi: «Aqui nom iaz meu senhor. Eu quero que me seiades vos testimunha.» E tornou a campaa sobelo moimento como ante siia. Er preguntou outra vez: «Vistes vos aqui meter bem o corpo de meu senhor?» — «Pardeus» dise o homem bõo «nos metemos i hũu corpo e as donas me fezerom entendente que era Rei Artur. Outra verdade vos nom saberia eu dizer en.» — «Asi» dissi Giflet» envão me trabalharei de preguntar como Rei Artur morreu. Verdadeira mente este e o Rei aventuroso, cuia morte nenhũu homem nom sabera e bem dis'el a verdade, que asi como el veo ao Reino de Logres por ventura asi se foi en por ventura. Mas pois eu veio que me nom e prol de o buscar pois achado nom pode seer, eu soo aquel que ia mais nom vivirei ao segre, ante quero ficar aqui en esta ermida e viver i mentre ia viva.» Entom Rogou ao homem bõo que o recebeu en sa companha. Asi como vos digo ficou Giflet com aquel homem bõo e servi deus na capela veira e fez i mui bõa vida e santa, mas nom longamente, ca nom viveu depois que se partiu de Rei Artur mais de tres meses.

Lisboa, 25 de Dezembro de 1900.

Dr. Otto Klob.

INDICE

Pag.

Artigos desenvolvidos:

Lais de Bretanha — por D. Carolina Michaelis de Vasconcellos . . . 1
Sui Celti della Lusitania — pelo Dr. Francesco P. Garófalo. . . . 43
Nomes de pessoas e nomes de logares — por Pedro A. d'Azevedo. . . 47
Excavações ethnographicas — por Souza Viterbo 52
Gil Vicente — por D. João d'Annunciada 59
Dialecto indo-portuguê de Gôa — por Monsenhor Sebastião Rodolfo Delgado 63
Tradições populares do Cadaval — por J. Maria Adrião 97
Tradições populares do Minho (cartas) — por D. Maria Peregrina de Souza. 129
Subsidio para o romanceiro do Algarve — por J. Joaquim Nunes . . 151
Portugiesische Volksliedchen — por Wilhelm Storck 193
Lexicologia (additamentos e correcções aos diccionarios portuguezes) por Gonçalves Vianna 200
Superstições portuguesas no seculo XVI — por Pedro A. d'Azevedo. . 211
Romance do Cego — por A. Thomás Pires. 226
Onomasticon Lusitanien — por J. Leite de Vasconcellos 230
Tradições e costumes populares — por A. Thomás Pires 233
Miscellanea ethnographica — por J. Leite de Vasconcellos 240
Cantigas devotas — por J. C. 255
A respeito da antiga orthographia portuguesa — por Pedro A. d'Azevedo 261
Cantigas geographicas — por J. C. . . . . 268 e 318
Tradições populares portuguesas do sec. XVIII — por J. L. de V. . . 273
O Guinèense — por M. Marques de Barros 300
Dois episodios da «demanda do Santo Graal» — pelo Dr. Otto Klob . 332

Miscellanea:

Emaspreamento — por J. Cornu 87
Croisade contre les Albigeois — por J. L. de V. 87
Delius e a philologia port. — por J. L. de V. 88
Tradições do Sul — por J. L. de V. 89
Portuguesismos no allemão do Brasil — por J. L. de V. 189
Port. *cadeira* — por J. Cornu 271

Chronica:

Curso de philologia portuguesa em Paris — por J. L. de V. 85
Congresso da historia das religiões — por J. L. de V. 86

Bibliographia:

I. Livros:

Uma obra inedita do condestavel D. Pedro — de D. Carolina Michaelis de Vasconcellos (J. L. de V.) 93
Recuerde el alma dormida — da mesma (J. L. de V.) 94
«Talento» nei suoi vari valori lessicali — de F. d'Ovidio (J. L. de V.). 94

II. Periodicos:

A Tradição (J. L. de V.) . . . . 95 e 191
O Instituto (J. L. de V.) . . . . 95, 191 e 272
Revue Hispanique (J. L. de V.) 191
Revista do Minho (J. L. de V.) 192

III. Varia quaedam:

As Moiras encantadas — de Athaide de Oliveira 96
Vida intima portugueza — de A. Thomás Pires 96
Portugalia . . . . 96 e 272
O Archivo Portuguès 96
A Terra Portugueza 96
Historia ethnographica da ilha de S. Thomé — de Almada Negreiro . 96
Memoria de Allard sobre Garrett. 96
Fidalgo Aprendiz — ed. de Mendes de Remedios 96
Usi nuziali dell Umbria — de Bellucci 96
«Procès verbaux» — do Congresso de trad. pop. 272
Étude de la langue port. — de Monis de Béthencourt 272
Macias — ed. de Rennert 272

ERRATAS MAIS IMPORTANTES

Paginas		Onde se lê	Leia-se
59	nota 1	*dr.*	*sr.*
89	linha 7	*subin á cruz*	*subiu á cruz*
»	nota 2	*este n*	*este u*
90	linha 7 e 9	*Santa*	*Senhora*
91	1	*ampliguri (ampligyro?)*	*amphiguri (amphigyro?)*
»	4	*esa*	*era*
»	12	*encontrei*	*encontri*
»	27	*mamon*	*mamou*
»	§ 5 linha 1	*óvir-mo sente*	*óvir-me scule*
93	linha 24	*fino*	*frio*
94	22	*balanço*	*balança*
»	30	*esta*	*cita*
»	35	*n'um art.*	*num ant.*
»	37	*rec.*	*sec.*
»	39	*J. T. Roquete*	*J. J. Roquete*
»	42	*entrada*	*entrado*
»	46	*Meyer e Lübcke*	*Meyer-Lübke*
»	51	*escrevi, em*	*escrevi in*
»	54	*o mesmo*	*summo*
95	7	*de*	*da*
»	30	*ansa deu aa*	*ansa deu asa*
»	41	*elucidada*	*elucidado*
»	42	*pela via de anjoo*	*palavra de angoo*
»	50	*commetter lapsos*	*commetterem lapsos*
96	6	*Ferreira Cardoso*	*Fonseca Cardoso*
»	8	*lat.*	*cfr.*
»	30	*sgh.*	*sgg.*
»	34	*provincia*	*pronúncia*
»	35	*proposição*	*preposição*
»	36	*trencia*	*treccia.*